

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

CAROLINA FERNANDES CALIXTO

HISTÓRIA E MEMÓRIA DA TRAJETÓRIA POLÍTICO-INTELECTUAL DE JORGE  
AMADO

Niterói

2016

CAROLINA FERNANDES CALIXTO

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA TRAJETÓRIA POLÍTICO-INTELECTUAL DE  
JORGE AMADO**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em História.  
Campo de Confluência: História Social

Orientadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Denise Rollemberg

Niterói, RJ

2016

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

C154 Calixto, Carolina Fernandes.  
História e memória da trajetória político-intelectual de Jorge Amado  
/ Carolina Fernandes Calixto. – 2016.  
408 f.  
Orientadora: Denise Rollemberg.  
Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de  
Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2016.  
Bibliografia: f. 376-408.

1. Amado, Jorge, 1912-2001. 2. História. 3. Memória. 4. Intelectual  
brasileiro. 5. Cultura. 6. Política. I. Rollemberg, Denise.  
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e  
Filosofia. III. Título.

CAROLINA FERNANDES CALIXTO

**HISTÓRIA E MEMÓRIA DA TRAJETÓRIA POLÍTICO-INTELECTUAL DE  
JORGE AMADO**

Tese de Doutorado apresentada ao programa de  
Pós-Graduação em História da Universidade  
Federal Fluminense como requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutora em História.  
Área de concentração: História Social

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Denise Rollemberg – UFF

Orientadora

---

Prof. Dr. Rodrigo Patto Sá Motta

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Giselle Martins Venâncio – UFF

---

Prof. Dr. Igor Pinto Sacramento – FIOCRUZ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marialva Carlos Barbosa – UFRJ

Niterói

2016

## RESUMO

Os muitos estudos acadêmicos sobre Jorge Amado como romancista e também como intelectual politicamente engajado tenderam a priorizar essa dupla atuação nos anos 1930-1955, quando exerceu militância política no PCB e produziu obras identificadas como “literatura proletária”. Considerando essa realidade, interessamo-nos por investigar a sua trajetória político-intelectual, assim como a memória construída acerca desse percurso, inclusive pelo próprio autor, deslocando o foco da atenção para, especialmente, o período entre 1956 e 1985. A atuação político-intelectual de Jorge nesses anos, iniciado por seu desligamento do Partido e concluído pelo fim do regime militar, esteve marcada por comportamentos ambivalentes, muito longe de posicionamentos políticos rígidos, particularmente, no que diz respeito aos anos de regime militar. Os conceitos de cultura política e zona cinzenta foram essenciais na compreensão desses comportamentos. No que diz respeito à memória acerca desses anos, procuramos identificar as construções sacralizadas expressas no mito, nos lugares de memória, enfim, nas disputas de memória sobre o escritor que nos ajudam a compreender o silêncio acerca de sua atuação entre 1956 e 1985.

**Palavras-chave:** Jorge Amado, história e memória, intelectual, cultura política.

## **ABSTRACT**

Many academic studies on Jorge Amado as a novelist and also as politically engaged intellectual tended to prioritize this double performance in the years 1930-1955, when he pursued political activism in the PCB and produced works that are identified as "proletarian literature". Considering this reality, we are interested in investigating his intellectual and political career, as well as the memory built on this route, including by his own, shifting the focus of attention especially to the period between 1956 and 1985. The political and intellectual performance of Jorge over the years, initiated by his party's shutdown and completed by the end of the military regime, was marked by ambivalent behaviour, far from rigid political positions, particularly as regards the years of military rule. The concepts of political culture and grey area were essential to understanding these behaviors. With regard to the memory about those years, we seek to identify the sacralized buildings expressed in the myth, in places of memory, anyway, in the disputes of memory about the writer who helps us understand the silence about his acts between 1956 and 1985.

**Keywords:** Jorge Amado, history and memory, intellectual, political culture.

## **AGRADECIMENTOS**

Neste breve espaço, gostaria de registrar minha profunda gratidão àqueles que tiveram importância imensurável para a realização deste trabalho.

À Comissão de Planejamento Acadêmico e à Comissão de Bolsas do Departamento de História da UFF por me concederem a prorrogação do prazo de defesa.

À CAPES, pelo apoio financeiro através da bolsa de estudo concedida a mim ao longo dos quatro anos de curso e quatro meses de licença maternidade.

À Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA), pela generosidade e presteza concedida a mim, mais uma vez, após pesquisa para o mestrado. Agradeço particularmente Marina Amorim, arquivista da instituição, e Myriam Fraga, diretora da Casa, que me recebeu gentilmente e trocou informações sobre Jorge Amado, além de me presentear com livros que se tornaram importantes fontes deste trabalho.

À Genita e Jennifer que, novamente me acolheram em sua residência em Salvador, no início desta jornada, durante o período de pesquisa no Acervo Jorge Amado da FCJA.

À Isabel Publiese, amiga de todas as horas, que embarcou comigo para Salvador e doou seu tempo, junto a mim, no exaustivo trabalho de seleção e coleta de fontes no arquivo da FCJA, sem receber nada em troca além da minha eterna gratidão.

À Academia Brasileira de Letras (ABL) pelo acesso e colaboração na pesquisa à documentação referente a Jorge Amado presente no Arquivo dos Acadêmicos.

Aos professores Rodrigo Patto Sá Motta e Giselle Martins Venancio por acompanharem este trabalho desde a preparação para o exame de qualificação, dedicando leitura atenta e oferecendo inestimável contribuição para a evolução da pesquisa e escrita da tese.

Aos professores Igor Sacramento e Marialva Barbosa, que aceitaram se unir a esta empreitada, dedicando inestimáveis préstimos a este trabalho na defesa desta tese, juntamente com Rodrigo Patto, Giselle Martins e Denise Rollemberg.

À Denise Rollemberg, orientadora deste estudo, pelo olhar atento, pelas revisões cuidadosas, pelos encontros valiosos, pelas palavras de incentivo, pelas críticas necessárias, pela serenidade, pela confiança, pela amizade e apoio ofertado nos momentos mais difíceis.

A Luciano Fernandes Calixto, meu irmão, pela generosidade, paciência e colaboração na revisão das notas de rodapé, bibliografia, abstract e formatação do texto.

A Luiz Antônio Calixto e Conceição Fernandes Calixto, pais e amigos de toda a vida, pelo colo, pelas palavras de conforto, pela ajuda irrestrita e incondicional.

A Marlon Luiz Fernandes, companheiro de toda a vida, pela paciência, pelos risos, pelos debates, pelo cuidado e pela cumplicidade.

Aos amigos e familiares pelas palavras de carinho e de motivação e por todo tipo de apoio e contribuição ao longo de toda a jornada.

*À minha filha Laura*

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 O ENGAJAMENTO NOS DISCURSOS DE MEMÓRIA SOBRE JORGE AMADO .....	26
1.1 Os relatos <i>post mortem</i> .....	31
1.2 O centenário de nascimento de Jorge Amado.....	47
1.2.1 Jorge Amado Universal.....	56
1.2.2 Prêmio Valdeck Almeida de Jesus .....	62
1.2.3 Sessão solene no Congresso Nacional .....	70
1.3 As batalhas de memória no centenário .....	96
1.3.1 As homenagens e discursos do PCdoB .....	96
1.3.2 Memórias ameaçadas, identidades em disputa.....	100
2 LEMBRANÇAS DE UMA VIDA E DE UMA HISTÓRIA VIVIDA .....	116
2.1 Entrevistas.....	120
2.1.1 Entrevistas veiculadas em periódicos.....	120
2.1.2 Entrevista para o livro Jorge Amado.....	142
2.1.3 Entrevistas para o livro Conversando com Jorge Amado .....	164
2.2 Autobiografia .....	192
2.2.1 Navegação de Cabotagem .....	192
3 DISCURSO E AÇÃO NO CAMPO POLÍTICO .....	214
3.1 A crise no campo comunista: o rearranjo de posições e identidades.....	217
3.2 Independência no campo político: a relação com as esquerdas e com o governo durante o período Jânio Quadros .....	237
3.3 A crise de 1961 e o acirramento dos conflitos com as esquerdas: o caso do periódico Novos Rumos.....	242
3.4 Posicionamento político sob a ditadura de 1964 .....	261
3.4.1 Primeiras formas de engajamento .....	263
3.4.2 Participação em tempos de restrição e em tempos de abertura .....	271
4 DISCURSO E AÇÃO NO CAMPO CULTURAL .....	290
4.1 Os dilemas intelectuais em torno da questão nacional: os anos 1950-1960 .....	294
4.2 O autor e a cultura (os anos 1950 -1960): continuidades e rupturas.....	297
4.3 Engajamento político-cultural no Para Todos.....	302
4.3.1 Censura e liberdade de expressão.....	306
4.3.2 Questão nacional e contexto político imediato .....	310

4.3.3 Indústria cultural: criadores e divulgadores .....	314
4.4 Engajamento individual e participação como embaixador ou diplomata .....	318
4.5 Academia Brasileira de Letras: o autor e a instituição .....	325
4.6 Comando dos Trabalhadores Intelectuais .....	332
4.7 O debate em torno da democracia racial no pós-golpe .....	339
4.8 A luta contra a censura sob o regime militar .....	349
CONCLUSÃO.....	364
BIBLIOGRAFIA .....	377
Matérias de jornais e revistas .....	391
Romances de Jorge Amado.....	407
Legislação .....	407
Acervos e arquivos.....	408

## INTRODUÇÃO

Famoso romancista brasileiro e figura expoente do Partido Comunista, Jorge Amado escreveu obras como *Jubiabá* (1935), *Seara Vermelha* (1946) e *Subterrâneos da Liberdade* (1954), que ficaram marcadas pela veiculação de um discurso político e ideológico explícito. Ele foi pensado, entre os anos 1930 e 1950, como modelo de intelectual engajado por parte das esquerdas. Esta perspectiva certamente explica, em grande medida, a existência de uma longa lista de publicações acadêmicas empenhadas em analisar a trajetória política e intelectual do escritor e em compreender a relação entre sua vida e obra.

Neste sentido, destaca-se a dissertação de mestrado em Antropologia, que se tornou o livro *Jorge Amado: política e literatura*<sup>1</sup>, de Alfredo Wagner Berno de Almeida, um dos primeiros estudos a promover uma investigação sobre o assunto. Foi seguido por muitos outros, igualmente, bem-sucedidos na investigação sobre esta linha temática<sup>2</sup>.

Concordamos com Luiz Gustavo Freitas Rossi ao dizer, na introdução de *As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*<sup>3</sup>, que a bibliografia disponível sobre Jorge Amado é vasta, tendo em vista a quantidade e a qualidade de estudos, teses, biografias, críticas e ensaios já realizados sobre o romancista. Desenvolver uma reflexão original sobre ele

---

<sup>1</sup> ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. *Jorge Amado: Política e Literatura*, um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Campus, v.1, 1979.

<sup>2</sup> Cf. CARVALHO, Luciano Ribeiro de. *Reflexos da Revolução Russa no romance brasileiro dos anos 30: Jorge Amado e Graciliano Ramos*. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000; PALAMARTCHUK, Ana Paula. *Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948)*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003; BARBOSA, Júlia Monnerat. *Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB*. Niterói, 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010; RIDENTI, Marcelo Siqueira. *Jorge Amado e seus camaradas no círculo comunista internacional*. *Sociologia e Antropologia*, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, Rio de Janeiro: v.1, n.2, ISSN 22367527, p.165-194, 2011; TOLLENDAL, José Eduardo. *Arte Revolucionária, Forma Revolucionária: a literatura de Jorge Amado e Alejo Carpentier*. Campinas, 1997. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

<sup>3</sup> ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30*. São Paulo: Annablume, Fapesp, Unicamp, 2009; ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. *A militância política na obra de Jorge Amado*. In: GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *O universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado, v.2, p.22-33, 2009.

constitui, portanto, um esforço complexo. Apesar disto, não compartilhamos da ideia de que a literatura sobre o autor é extensa o suficiente a ponto de não haver períodos e aspectos de sua obra não trabalhados pelos estudiosos e biógrafos, especialmente, no que diz respeito à relação entre Jorge Amado e a política.

Nossa investigação parte da constatação de uma ausência nos estudos sobre este tema no que diz respeito à trajetória do escritor após os anos 1950. Se considerarmos que Jorge Amado desenvolveu sua carreira intelectual entre os anos 1930-1990, é possível verificar sobre o engajamento do escritor que os trabalhos se concentraram em um período específico de seu percurso. Situar suas análises entre os anos 1930-1950, momento em que o autor desenvolveu intensa militância no Partido Comunista, influenciando sua produção literária por forte discurso político-ideológico.

Quanto ao período dos anos 1960-1990, observamos que a atenção dos estudiosos se voltou quase exclusivamente para a produção literária do escritor. Os dilemas e embates vividos pelo intelectual nesta temporalidade foram tratados como elementos de menor importância. O enfoque foi dado a temas recorrentes na literatura *amadiana* como identidade baiana, identidade nacional, mestiçagem, a representação feminina, a representação do negro, o sincretismo e o universo da produção cacaueteira. Estes elementos foram evocados, em muitos casos, em análises globais da trajetória intelectual de Jorge, servindo como aspectos de reforço da unidade de seu percurso para além dos pontos de conflito ou ruptura.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> É o caso de GOLDSTEIN, Ilana Seltzer, *O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional*. São Paulo: SENAC, 2003; SEIXAS, Cid. *Jorge Amado e o jeito de ser mestiço*. Seara, Salvador: [s.n.], ISSN: 1806-7638, v.1, n.2, 2004; YAO, Komoe Gaston. *Brasil e África em textos de Jorge Amado: convergências reais ou simbólicas de valores negro-africanos e afro-brasileiros*. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997; e MOUTINHO, Laura. *Entre o realismo e o ficcional: representações sobre 'raça', sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado*. *PHYSIS*, Rio de Janeiro: [s.n.], n. 2, vol. 14, p.307-327, 2004. (Revista de Saúde Coletiva). Destaca-se também: GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org.). *A literatura de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado) e GOLDSTEIN; SCHWARCZ, 2009. onde os temas citados são recorrentes.

A maior parte dos estudos dedicados a Jorge Amado, englobando sua trajetória após os anos 1950, encontra-se no campo de Antropologia Social, Letras, Literatura e até mesmo Turismo. Algumas raras exceções são a tese de doutorado de Celeste Maria Pacheco de Andrade, *Bahia, cidade - síntese da nação brasileira: uma leitura em Jorge Amado...*<sup>5</sup>, e também nossa dissertação de mestrado, *Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais*<sup>6</sup>, produzidas na área de História.

Diferentemente do trabalho de Celeste Maria Pacheco, uma análise dos elementos que compunham o projeto de brasilidade presente nas obras de Jorge Amado, a partir da *baianidade*, nossa dissertação se dedicou a investigar as raízes históricas que levaram o autor a ser um intérprete e ícone da nação brasileira. Observamos, ao longo da pesquisa, que este processo se tornou evidente especialmente após a publicação do livro *Gabriela cravo e canela* (1958). Naquele contexto, o autor inaugurava um tipo de posicionamento no campo político e intelectual marcado por uma visão otimista e cordial da realidade nacional, calcada na miscigenação étnico-cultural brasileira. Desde então, passou a ser associado ao ideário nacional que defendia em seu discurso literário e extraliterário.

A decepção com o stalinismo, o distanciamento em relação ao Partido Comunista e o abandono do discurso político direto em seus romances foram alguns dos aspectos que ajudaram a balizar o nascimento do mito Jorge Amado, na segunda metade dos anos 1950, e que, ao mesmo tempo, foram compreendidos como um afastamento dele em relação ao campo político.

A pesquisa realizada no mestrado nos mostrou que o autor, mesmo após anos de militância político-partidária, não passou incólume ao conturbado clima político dos anos 1960-1980. Longe de se isolar em uma “torre de marfim”, ele se envolveu e por vezes interveio

---

<sup>5</sup> ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. *Bahia, cidade - síntese da nação brasileira: uma leitura em Jorge Amado...* São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

<sup>6</sup> CALIXTO, Carolina Fernandes. *Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais*. Niterói, 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

diretamente em assuntos que extrapolavam o campo literário e atingiam os homens de letras do seu tempo.

É possível constatar, por exemplo, que Jorge participou dos debates acerca da modernização e da identidade nacional brasileira, exerceu uma expressiva militância contra o autoritarismo do regime ditatorial, participou de campanhas eleitorais nas diferentes esferas de governo, apoiando ou se opondo a candidatos, e tomou parte no processo de redemocratização. Além disto, opinou publicamente a respeito da atuação dos países do bloco socialista, dos processos de independência de países africanos, do fim de ditaduras e surgimento de governos democráticos, dentre outras formas de engajamento.

Desfrutando de uma fama nacional e internacional indubitável, a opinião do escritor parecia ter um peso valioso interna e externamente.<sup>7</sup> Isto pode ser verificado nas diversas ocasiões em que foi solicitado a posicionar-se sobre variados assuntos. A influência de sua opinião na sociedade também pode ser avaliada pelo temor que despertava em alguns setores da sociedade. Em alguns casos, chegou a ser criticado por explicitar publicamente seu posicionamento diante de processos políticos e, supostamente, interferir no resultado dos mesmos, como, por exemplo, no resultado de eleições.<sup>8</sup>

Ciente da sua popularidade e da sua influência na sociedade, o romancista fez farto uso de sua posição para sensibilizar e mobilizar a sociedade em relação aos projetos e discursos que

---

<sup>7</sup> Parte desta influência certamente pode ser creditada à trajetória política e intelectual de Amado, tanto no que se refere a sua representatividade à frente do PCB, no âmbito interno e externo, como pelo exercício de cargos representativos da nação em nível internacional, como o de dirigente do Conselho Mundial da Paz, que representava o movimento brasileiro pela paz pouco antes do fim da Segunda Guerra.

<sup>8</sup> Esta situação ocorreu, por exemplo, quando Amado criticou publicamente a ditadura militar recém-instituída no Brasil e foi recriminado pelo deputado Euclides Triches, um dos vice-líderes do governo na Câmara. Cf. DEPUTADO refuta críticas do escritor Jorge Amado contra política do governo. *Diário de Notícias*, Salvador, p.3, 13 mar. 1964. Em outro momento, o intelectual também foi desaprovado pela Aliança Democrática de Portugal por ter feito campanha eleitoral em prol do general Ramalho Eanes, nas eleições de 1980. A sua atitude fora condenada por ele ter supostamente influenciado a reeleição de Eanes para a presidência de Portugal. Cf. PROTESTO em Lisboa: Jorge Amado pró-Eanes. [S.l.: s.n.] 15 out. 1980. (Recorte encontrado na pasta JA: POLÍTICA referente à produção passiva do Acervo Jorge Amado da Fundação Casa de Jorge Amado).

defendia.<sup>9</sup> Através de seus depoimentos em jornais, artigos e entrevistas, como também através de suas obras, é possível constatar essa pretensão. Podemos dizer que, ao contrário de algumas das críticas aferidas à literatura de Jorge, entre fins dos anos 1950 e início dos anos 1990, os romances do autor produzidos neste contexto apresentam importantes reflexões sobre os eventos, embates e dilemas vivenciados naqueles anos.<sup>10</sup>

Com tantos indícios, como explicar a precariedade de estudos sobre a atuação político-intelectual do escritor em um período de evidente participação sua no processo social mais amplo? Por que no rol tão vasto de estudos sobre Jorge Amado e também sobre o contexto político da Ditadura Militar brasileira esta temática não suscitou maiores reflexões? A busca de respostas a estas indagações e o desejo de compreender o papel desempenhado pelo autor frente à política, após os anos 1950, se tornaram, as principais motivações para este estudo.

No mestrado, também constatamos essa ausência nas narrativas biográficas e autobiográficas. Considerando a memória coletiva como elaboração seletiva, resultado de enquadramentos, silêncios e esquecimentos<sup>11</sup>, tão importante quanto estudar os aspectos “esquecidos” da história do escritor é avaliar a memória criada sobre e por ele.

Buscamos mostrar nesta investigação os elementos sacralizados e os deixados de lado em sua memória, bem como explicar as motivações para estas seleções e enquadramentos. Evidenciar tais processos é também uma forma de destacar e diferenciar o que é a memória

---

<sup>9</sup> Em um destes casos, o autor convocou o povo a participar mais intensamente do processo de sucessão que culminaria com o fim da ditadura militar no Brasil, alertando a população quanto a possíveis tentativas de golpe ou fraude nas eleições de 1984. Cf. JORGE Amado exorta o povo a participar mais da sucessão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 24 out. 1984b, 1º caderno, p.3.

<sup>10</sup> Em AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. São Paulo: Martins, 1969. 374 p. e AMADO, Jorge. *Farda Fardão camisola de dormir*. Rio de Janeiro: Record, 1979. 239 p. por exemplo, há significativas passagens que dão pistas sobre o posicionamento contrário do autor frente à arbitrariedade do regime ditatorial, ainda que esta crítica não apareça de forma direta. Em AMADO, Jorge. *Tieta do Agreste*. Rio de Janeiro: Record, 1977. 590 p., além de *Tenda dos Milagres*, a preocupação de Amado com o rápido processo de urbanização e modernização em voga, pode ser facilmente percebida, figurando inclusive como temática central em *Tieta*.

<sup>11</sup> Michael Pollak e Maurice Halbwachs são alguns dos estudiosos que compartilham deste pensamento. Cf. POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, v.5, n.10, 1992 e HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris: PUF, 1968.

sobre Jorge Amado e o que é a história do escritor, evitando-se a confusão que, muitas vezes, ocorre entre estas duas esferas.

Com base em autores consagrados no âmbito da memória, como Maurice Halbwachs<sup>12</sup>, Pierre Nora<sup>13</sup> e Tzvetan Todorov<sup>14</sup>, partimos do princípio que a recuperação do passado feita pela memória se difere da que é feita pela história. De acordo com Halbwachs, enquanto a história é escrita e pretensamente impessoal, a memória é história viva e vivida e permanece no tempo renovando-se. A memória não se preocupa em fazer uma ruptura entre o passado e o presente, pois ela seleciona do passado aquilo que interessa para o grupo que a mantém viva no presente. Além disto, é múltipla e está ligada ao rearranjo constante de emoções grupais<sup>15</sup>. Entendemos também, tal como sugere P. Nora, que:

[...] longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma a outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confrontam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualista. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às comunidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.<sup>16</sup>

---

<sup>12</sup> Cf. HALBWACHS, op. cit.

<sup>13</sup> Cf. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: nº 10, p.6-28, dez. 1993a. Tradução de: *Les lieux de mémoire*.

<sup>14</sup> Cf. TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Tradução de Miguel Salazar. Barcelona: Editorial Paidós, 2000, p.33.

<sup>15</sup> Cf. HALBWACHS, op. cit.

<sup>16</sup> NORA, op. cit.

Vale ressaltar que “a memória e seu campo afetivo prestam-se, enfim, aos processos de sacralização, ponto de partida de cegueiras, das derivas, das usurpações anacrônicas do presente na compreensão do passado”<sup>17</sup>. Além disto, compartilhamos do pensamento de Todorov, segundo o qual a sacralização da memória é uma forma de torná-la estéril<sup>18</sup>.

Assim, nossa proposta é identificar o mito, a sacralização, as disputas de memória, os lugares de memória que ajudem a explicar o silêncio encontrado em torno de uma parte da trajetória do autor no que diz respeito à participação política, no período. Por outro lado, nosso objetivo é oferecer uma análise científica, crítica, da trajetória do autor, desde o seu afastamento do PCB (1956) e especialmente ao longo do regime militar brasileiro.

Com base na recente historiografia sobre sociedades e regimes autoritários<sup>19</sup>, acreditamos que uma das razões deste “esquecimento” ou “silêncio” esteja relacionada à forma ambivalente pela qual o autor se colocou diante de certos acontecimentos e embates no contexto em questão. Mesmo se assumindo como intelectual de esquerda, identificado com o comunismo, alguns de seus discursos e posicionamentos foram rechaçados por setores expressivos desta corrente ao longo dos anos 1960-1980, gerando polêmicas.

---

<sup>17</sup> LABORIE, Pierre. Memória e opinião. In: AZEVEDO, Cecília et al. (Orgs.) *Cultura política, memória e historiografia*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p.86.

<sup>18</sup> TODOROV, loc. cit.

<sup>19</sup> Destacamos os estudos brasileiros desenvolvidos por Daniel Aarão Reis e Denise Rollemberg no campo da história e memória, e suas reflexões sobre o conceito de resistência, bem como os trabalhos dos autores franceses Pierre Laborie, Jacques Sémelin, Alya Aglan e François Marcot. Cf. AARÃO REIS FILHO, Daniel. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo (Orgs.) *O golpe e a ditadura militar, 40 anos depois (1964-2004)*. Bauru: EDUSC, 2004; ROLLEMBERG, Denise. Definir o conceito de Resistência: dilemas, reflexões, possibilidades. In: QUADRAT, Samantha; ROLLEMBERG, Denise (orgs.). *História e memória de ditaduras. Brasil, América Latina e Europa*. Rio de Janeiro: FGV, 2015; LABORIE, Pierre. L'idée de Résistance, entre définition et sens: retour sur un questionnement. In: LABORIE, Pierre. *Les Français des années troubles. De la guerre d'Espagne à la Liberation*. Paris: Seuil, 2003; MARCOT, François. Résistance et autres comportements des Français sous l'Occupation. In: \_\_\_\_\_ e MUSIEDLAK, Didier (orgs.). *Les Résistances, miroir des regimes d'opression*. Allemagne, France, Italie: Actes du Colloque International de Bensaçon, Univesrité de Franche-Comté e Université de Paris X. Besaçon, Presses Universitaires de Franche-Comté, 2006.

Sendo considerado revisionista<sup>20</sup>, um dos “crimes” de Jorge para certa parcela das esquerdas foi *desejar paz e concórdia à família brasileira em um momento que o país parecia empurrado para o “abismo” da guerra civil*, almejada por setores ortodoxos do campo das esquerdas como etapa necessária da revolução.<sup>21</sup> Deflagrado o Golpe de Estado de 1964, a postura do autor continuou a destoar de algumas correntes das esquerdas. Enquanto houve uma radicalização dos movimentos sociais em direção à clandestinidade como via de enfrentamento ao regime, a atuação do escritor permaneceu dentro da legalidade estabelecida pela nova ordem.

Além disto, a rede de sociabilidade de Jorge Amado, abrangendo figuras tanto do governo como da oposição e de diferentes extratos sociais, era algo que incomodava em um ambiente nacional e internacional que muitos pensavam bipartido. O seu apoio a personagens como Juracy Magalhães e Magalhães Pinto, por exemplo, políticos de direita que participaram do golpe e do regime militar, gerou duras críticas nas esquerdas.<sup>22</sup> Por este motivo, chegou a ser taxado como “louvador de golpista e espancador do povo”.<sup>23</sup>

No campo literário, a sua opção por desenvolver *romance de costume*, desde fins dos anos 1950, foi compreendida por alguns como “abandono da inspiração revolucionária”<sup>24</sup> – inspiração esta que o teria levado a criar uma “obra de ressonância popular legítima e

---

<sup>20</sup> A designação de revisionista foi largamente utilizada em meados dos anos 1950 para designar os adeptos do comunismo que deixaram de acreditar que a revolução realizada através da ditadura do proletariado era a única e a principal etapa para a instauração do comunismo. Os que seguiram em defesa do caminho anterior foram designados por oposição como ortodoxos.

<sup>21</sup> Esta condenação foi explicitada em: JORGE Amado expulso do PC. *Correio da Paraíba*, João Pessoa, 14 out. 1961d.

<sup>22</sup> Juracy Magalhães e Magalhães Pinto foram políticos brasileiros expoentes que tiveram a sua trajetória marcada por embates com movimentos de esquerda no Brasil e particularmente com o PCB, mesmo antes dos anos 1960. Além de conspirarem com Castello Branco para a derrubada de João Goulart, assumiram diversos cargos políticos importantes durante a ditadura, contribuíram para a política externa do governo associada aos Estados Unidos e também para o “endurecimento” do regime. Magalhães Pinto foi, particularmente, um dos subscritores do Ato Institucional nº 5 que restringiu diversas liberdades individuais. Cf. GUEIROS, José Alberto. *O último tenente*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996 e ABREU, Alzira Alves; BELOCH, Israel; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; LAMARÃO, Sérgio Tadeu de Niemeyer (Orgs). *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

<sup>23</sup> O termo foi utilizado por Jacob Gorender no semanário *Novos Rumos*. Cf. GORENDER, Jacob. As novas tendências na obra de Jorge Amado. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, 28 jul. – 3 ago. 1961.

<sup>24</sup> GORENDER, op. cit.

excepcional” – <sup>25</sup> e o apelo sexual presente em sua literatura, por sua vez, reduzido à mera pornografia. <sup>26</sup>

O fato de suas obras terem sido fartamente adaptadas para a TV e para o cinema, especialmente, a partir da década de 1970, e de terem se tornado fonte de inspiração para artistas de diferentes meios culturais foi outro aspecto interpretado como um não comprometimento com os ideais político-partidários das esquerdas. O sucesso entre os populares, neste contexto, era comumente compreendido pelo estigma da alienação e do colaboracionismo frente ao discurso do governo. Desta forma, o grande objetivo da *conscientização política das massas* ficaria preterido pela lógica da comercialização e midiaticização, que teria capturado o intelectual.

No que diz respeito aos debates em torno da questão racial, o discurso de Jorge Amado, em favor da democracia racial, igualmente, parecia estar na contramão do caminho traçado pelo movimento negro, particularmente após os anos 1970, quando se observa uma radicalização do mesmo. Ao se rearticular, já no fim desta década, o movimento passou a atrelar à luta antirracista, a luta revolucionária anticapitalista e, nesta esteira, adotou, na pauta de suas reivindicações, a desmitificação da democracia racial, cujo ideal de igualdade inter-racial era condenado por mascarar a realidade social no país.<sup>27</sup> Jorge, que, além de defender e divulgar a democracia racial em seus discursos literários e extraliterários, parecia ser também a personificação deste ideal, chegou a ser classificado como racista por um dos líderes do movimento negro, Abdias do Nascimento, pela forma como tratava os negros em suas obras.<sup>28</sup>

---

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> Em relação à condenação de pornógrafo, destaca-se aquela dirigida por Francisco Julião, importante personagem das chamadas Ligas Camponesas e noticiada em: BELLUCO, Antônio. Governo de Jânio foi o mais importante da história do Brasil. *Binômio da Semana*. Belo Horizonte, p.8, 9 out. 1961.

<sup>27</sup> Cf. DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói: vol.12, n.23, p.100-122, 2007.

<sup>28</sup> Cf. DEPUTADO volta a criticar Jorge Amado. *Estado de São Paulo*, Salvador, 23 nov. 1983.

No presente trabalho, pretendemos chamar atenção para as ambivalências no pensamento e na ação do intelectual, especialmente, em relação ao regime ditatorial, que, muitas vezes, foram silenciadas ou esquecidas nos discursos biográficos. Não se trata, todavia, de fazer uma espécie de julgamento moral ou criminalizar o escritor pelas suas ambiguidades, mas sim mostrar com o pensamento dúbio esteve intensamente presente na mentalidade da época.

Entender a “zona cinzenta”<sup>29</sup> é um importante exercício neste sentido, pois ela refere-se ao espaço entre o apoio e a oposição em relação ao regime, um lugar comum onde provavelmente esteve a maior parte da sociedade, que ora assumiu uma, ora a outra e ora ambas as atitudes.<sup>30</sup> A análise das “zonas cinzentas” pode então abrir caminho para uma rica aprendizagem tanto sobre o autor como sobre o período vivido por ele. Ao se afastar de mitos como o da resistência e o do intelectual comunista militante, torna-se possível conhecer melhor as culturas políticas existentes no período e o papel desempenhado pelas esquerdas e pelo escritor ao longo da Ditadura.

Objetivamos evidenciar, particularmente, a complexidade das relações entre o intelectual e a política para além de parâmetros rígidos que tendem a classificar e explicar o papel do intelectual de maneira bilateral (esquerda x direita, situação x oposição, adesão x resistência). Partimos da hipótese de que o autor se enquadra como objeto privilegiado para este tipo de análise uma vez que sua rede de sociabilidade abrangia indivíduos de diferentes posicionamentos políticos, dentro e fora do governo, embora tivesse um explícito posicionamento contrário à ditadura.

---

<sup>29</sup> Cf. LABORIE, 2003.

<sup>30</sup> A utilização do conceito de zona cinzenta para o estudo da Ditadura Militar brasileira foi proposta em ROLLEMBERG, Denise. História, Memória e Verdade: em busca do universo dos homens. In: SANTOS, Cecília MacDowell; TELES, Edson Luís de Almeida; TELES, Janaína de Almeida (Orgs.). *Desarquivando a Ditadura: Memória e Justiça no Brasil*. São Paulo: Hucitec, vol.2, 2009.

A análise do comportamento de Jorge Amado pode ajudar a esclarecer como um intelectual crítico ao regime pôde estabelecer um diálogo aberto com personagens e discursos do governo ou identificados com este.

Assim como Todorov, entendemos que a necessidade de recordação, mesmo ou, sobretudo, em casos traumáticos, é um ato de trazer a *lembrança-problema* à tona não para esquecê-la, mas para conviver com ela, aprender a lidar com ela e, sobretudo para torná-la exemplar, ajudando no presente<sup>31</sup>.

Um uso exemplar do passado de Jorge passa, portanto, pelo enfrentamento dos possíveis espantos que envolvem a trajetória do escritor e pela superação de certos constrangimentos de memória, comumente, causados pelo posicionamento ambivalente de um intelectual de esquerda sob um regime autoritário<sup>32</sup>. Parafraseando a historiadora Denise Rollemberg e estendendo a sua análise dedicada aos *resistentes* para outros personagens históricos comumente sacralizados pela memória coletiva, como é o caso dos intelectuais, a tarefa proposta consiste em “compreender as suas imperfeições e não vê-los a imagem e semelhança dos nossos próprios limites e incompreensões.”<sup>33</sup>

Entendendo que as discussões pertinentes à presente investigação se encontram no campo das relações entre a memória e a história, dividimos este estudo em duas partes. A primeira foi dedicada à análise do modo como o engajamento político-intelectual do romancista aparece na memória coletiva através dos discursos de memória presentes nos relatos biográficos e autobiográficos. O objetivo desta etapa foi compreender que eventos, narrativas costumam ser acionados na caracterização do autor como intelectual engajado. Por este motivo, a análise

---

<sup>31</sup> TODOROV, 2000, p. 24 e 25.

<sup>32</sup> A revisão teórica e conceitual dos estudos sobre os fascismos e a França de Vichy serviu de inspiração para se pensar o caso de Jorge Amado sob o regime militar brasileiro.

<sup>33</sup> Cf. ROLLEMBERG, Denise. Ditadura, intelectuais e sociedade: O Bem-amado de Dias Gomes. In: AZEVEDO, 2009, p.381.

não recai sobre período algum específico do percurso do autor, englobando, portanto, toda a sua trajetória intelectual entre os anos 1930-1990.

Nossa intenção foi avaliar os processos de seleção, enquadramento e silenciamento em torno da sua trajetória buscando explicar a falta de interesse na atuação desempenhada por ele desde meados dos anos 1950. Se o período da militância comunista junto ao PC é o período mais lembrado, que elementos são positivados nesta fase? Quais são esquecidos e por quê? Em quais narrativas é possível encontrar alguma alusão ao papel desempenhado pelo autor após distanciamento do Partido, e, especialmente, durante o regime militar? Qual a intencionalidade dos agentes? Quais os pontos polêmicos?

Para responder às perguntas levantadas, o primeiro capítulo foi destinado ao estudo dos discursos de memória produzidos sobre o intelectual em momentos de intenso debate sobre a sua vida e obra: o *post mortem* (2001) e o centenário de nascimento (2012). Nele, avaliamos depoimentos, homenagens e celebrações desenvolvidas em cada período com destaque para aquelas realizadas em virtude do centenário, que resultou em grande oferta cultural em torno do escritor.

Optamos por trabalhar com os relatos encontrados nos recortes de jornais e aqueles desenvolvidos por ocasião de solenidades, homenagens e eventos comemorativos e não abranger os discursos de memória presentes na literatura acadêmica. Tomando como referência o pensamento de Pierre Nora<sup>34</sup> sobre o conceito de memória, escolhemos analisar os relatos mais espontâneos, cuja multiplicidade está ligada ao rearranjo constante das emoções grupais. Depoimentos menos científicos, menos neutros ou menos preocupados com análises profundas e coerência. Discursos nos quais foi possível observar, inclusive, disputas, conflitos em torno do passado do escritor como forma de afirmação de identidades de grupos.

---

<sup>34</sup> NORA, 1993.

Além dos relatos que dão destaque à trajetória de Jorge Amado como romancista, intérprete e símbolo de certa brasilidade, foram selecionados depoimentos nos quais certos aspectos do engajamento do autor eram aludidos, seja confirmando o senso comum, se opondo a ele ou trazendo dados desconhecidos.

No segundo capítulo, analisamos as narrativas de Jorge sobre si produzidas na maturidade do autor (1980-1990). O material selecionado foi aquele em que se observou a fala direta do escritor, em primeira pessoa, evitando-se intermediários. Além de recortes de jornais, as entrevistas oferecidas pelo autor para as biografias *Jorge Amado*<sup>35</sup> e *Conversando com Jorge Amado*<sup>36</sup>, bem como a autobiografia *Navegação de Cabotagem*<sup>37</sup> são objeto de análise.

Através dos relatos selecionados, a intenção foi investigar a versão criada pelo autor para contar a sua trajetória e também os acontecimentos históricos vividos, especialmente no que se refere ao seu papel político-intelectual. Além disto, averiguar qual a importância dada por ele a sua atuação como militante comunista e àquela desenvolvida após se afastar do Partido Comunista Brasileiro. Como o autor via, ao final da vida, o seu papel como escritor engajado? Que ações foram elencadas por ele para se caracterizar desta forma, mesmo após encerrar a sua carreira política e especialmente, durante a ditadura militar?

Pretendemos identificar os discursos narrativos que se aproximam e os que distanciam daqueles presentes na memória coletiva. Avaliar aqueles que Amado compartilhava e dos quais discordava. Além disto, apontar os aspectos de sua trajetória que faziam parte da memória individual do autor, mas que foram silenciados ou esquecidos na memória coletiva e vice-versa.

A segunda parte deste trabalho é dedicada à investigação da ação e do discurso de Jorge Amado no campo político. Para tanto, o terceiro capítulo destina-se à análise da relação entre Jorge Amado e a política no que diz respeito ao seu posicionamento diante dos acontecimentos

---

<sup>35</sup> GOMES, Álvaro Cardoso. *Jorge Amado*. São Paulo: Abril Educação, 1981. (Literatura Comentada).

<sup>36</sup> RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

<sup>37</sup> AMADO, Jorge. *Navegação de cabotagem: anotações para um livro de memória que jamais escreverei*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

vivenciados desde 1956, uma vez que esta data foi marcante nas mudanças operadas pelo autor quanto a sua forma de engajamento. A análise segue, temporalmente, até 1985, englobando o contexto do governo Jânio Quadros, a crise política de 1961, o pré-golpe, a ditadura militar e a redemocratização.

Importa averiguar a rede de sociabilidade construída, as aproximações e os distanciamentos quanto a políticas de governo etc. O objetivo é situar o pensamento e a ação do intelectual em meio aos debates e dilemas próprios de cada contexto. Sem pretender heroicizá-lo ou vitimizá-lo, buscaremos evidenciar que, para além do apoio ou oposição ao regime, houve, ao longo do período, outras formas complexas de comportamento político desenvolvidas pelo escritor.

No quarto e último capítulo, a ação e o discurso de Jorge no campo cultural, igualmente entre os anos 1956-1985, são os principais objetos de estudo. Partimos do princípio que o autor desenvolveu farta atuação no campo das políticas culturais, ora participando ora apoiando projetos para o campo cultural nos limites entre a cultura e a política. Se em parte esta atuação ocorreu para além das esferas políticas, perpassando projetos do governo, da oposição ou de movimentos civis, ela também foi definida, por vezes, pelas opções político-ideológicas do autor.

Na conclusão buscamos evidenciar semelhanças e diferenças no comportamento do escritor ao longo dos dois períodos autoritários que vivenciou no Brasil: O estado Novo e o regime militar. Destacamos que as ambivalências encontradas em seu comportamento podem ser melhor esclarecidas à luz de conceitos como *zona cinzenta* e cultura política.

## 1 O ENGAJAMENTO NOS DISCURSOS DE MEMÓRIA SOBRE JORGE AMADO

Ao longo do tempo, Jorge Amado atribuiu sentidos diversos ao seu engajamento de acordo com os contextos imediatos de experiência vividos e com a reavaliação do seu papel na sociedade como intelectual. A participação do autor também teve seus sentidos reavaliados e resignificados pelos seus contemporâneos em conjunturas diversas, especialmente a partir de finais dos anos 1950.

Neste capítulo, pretendemos mostrar em que sentido a trajetória política e intelectual do escritor foi enquadrada pelos processos de seleção da memória, ajudando a ocultar elementos importantes de seu percurso e sacralizando outros. Observamos o que o fez ser identificado como um intelectual engajado e avaliamos como o engajamento desenvolvido por ele especificamente durante a ditadura militar, foi tratado.

Em segundo lugar, encontrar, nas memórias individuais e nas vozes dissonantes, relatos que nos ajudem a pensar elementos da trajetória do autor que escapam da memória coletiva, que vão para além do mito. Partimos do princípio que alguns destes relatos resgatam algumas *lembranças-problemas*<sup>38</sup> que, ao virem à tona, podem revelar o que se buscou esquecer ou silenciar, evidenciando pontos de conflito, no processo de construção da memória e ajudando em sua dessacralização.

Além disto, se a intenção dos depoentes, ao evocar estas lembranças, obedece a intenções diversas, como, por exemplo, a afirmação de identidades de grupos, buscamos recuperá-las aqui com o objetivo de fazer um “bom uso” delas, tal como sugerido por Todorov<sup>39</sup>. Seu resgate corresponde, portanto, a intenção de se encarar certos constrangimentos

---

<sup>38</sup> Cf. TODOROV, 2000, p.24 e 25.

<sup>39</sup> Ibid., p.24 a 29.

e aprender a administrá-los, tornando estas lembranças exemplares pela sua utilidade no presente.

Para esta investigação, foram analisados depoimentos veiculados em jornais, na internet, expressos em eventos e também discursos presentes em celebrações e homenagens relacionados a dois momentos importantes de (re) avaliação da memória coletiva em torno do intelectual: o momento imediato à sua morte, em 2001, e o centenário de seu nascimento, em 2012.

Optamos por trabalhar com estas efemérides para tratar da memória coletiva em torno de Jorge Amado, pois entendemos que nestas ocasiões houve a proliferação de relatos e projetos voltados para a recuperação do passado do escritor.

Entendemos que as homenagens e celebrações evocadas tanto no seu imediato pós-morte, quanto em seu centenário de nascimento são “rituais de uma sociedade sem ritual”<sup>40</sup>, tal como afirmou Pierre Nora. São lugares de memória, assim como museus, arquivos, cemitérios, coleções, monumentos, associações: “nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea”<sup>41</sup> e de que é necessário uma vigilância comemorativa para manter viva a memória.

Os relatos produzidos naquelas ocasiões foram múltiplos, refletindo leituras diversas sobre o passado do escritor e sobre o seu legado. Trabalhamos com depoimentos de pessoas de diversas ocupações, entre intelectuais, políticos e anônimos. São testemunhos no sentido de serem proferidos por pessoas que partilharam ou foram expectadoras da vida de Jorge Amado, mas também por aqueles que conheceram a sua história através da narrativa do outro. É o caso, por exemplo, de Anita Prestes, filha do líder comunista Luís Carlos Prestes e Paula Sacchetta, filha do militante comunista Hermínio Sacchetta.<sup>42</sup>

---

<sup>40</sup> NORA, 1993, p.13.

<sup>41</sup> Ibid.

<sup>42</sup> Estamos utilizando o conceito ampliado de testemunha evocado por Jeanne Marie Gagnebin segundo o qual testemunha não é somente “aquele que viu com os próprios olhos”, mas também aquele ao qual uma lembrança foi transmitida. Cf. GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: \_\_\_\_\_. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, p.57, 2006.

Os testemunhos, por sua vez, são talvez os principais registros da memória sobre Jorge Amado. Entretanto, observamos também os seus vestígios nas opiniões expressas por ocasião das efemérides, pois memória e opinião são formas de representações coletivas que se relacionam intrinsecamente. De acordo com Pierre Laborie, “a memória intervém na fabricação da opinião pela influência de representações dominantes do passado”<sup>43</sup>. A opinião, por outro lado, “tem papel decisivo na validação social e na legitimação da memória ao dar credibilidade a seu discurso por meio de sua divulgação”.<sup>44</sup>

Em se tratando dos depoimentos de opinião veiculado nas mídias, observamos que, em diversos casos, ocorre uma apropriação da memória, transformando-se opinião em uma verdade sobre o passado, muitas vezes concebida como verdade única e irrefutável. Bem como salientou Pierre Laborie, ao contribuir para uma maior visibilidade do discurso de memória, a opinião aumenta seu poder de recepção e influência, mas também “transforma sua natureza fazendo da verdade sobre o passado uma questão de opinião [...] O que era uma narrativa, uma representação ou um ponto de vista sobre o passado torna-se a história desse passado”<sup>45</sup>.

É de acordo com esta relação com a memória que acreditamos que as opiniões não só carregam discursos presentes na memória coletiva de Jorge Amado como também contribuem por vezes para o seu reforço, para a sua sacralização. Considerando que a fabricação da opinião ocorre através de tensões e contradições, por ambivalências, pelo “pensamento duplo”<sup>46</sup>, ela também pode ajudar a indicar as lacunas produzidas, invariavelmente, pela memória.

Além dos testemunhos, das opiniões, consideramos que a memória coletiva também pode ser verificada através dos discursos e representações da trajetória de Jorge Amado veiculados por linguagens de outra natureza. É o caso dos textos poéticos, reunidos no *Prêmio*

---

<sup>43</sup> LABORIE, 2003, p.81.

<sup>44</sup> Ibid, loc. cit.

<sup>45</sup> Ibid, p.92.

<sup>46</sup> Ibid, p.84.

*Valdeck de Almeida*<sup>47</sup> da música de abertura utilizada na sessão solene no Congresso Nacional dedicada ao escritor e da forma como a exposição *Jorge Amado Universal* foi concebida, por exemplo.

Independentemente da diversidade de manifestações, o imediato pós-morte e o centenário de Jorge Amado estimularam a produção ou a recuperação de narrativas a respeito do passado do escritor em função do presente. Neste sentido, as efemérides acionaram a memória coletiva, recuperando-a e readequando-a em função dos novos tempos.

Esta avaliação se torna possível se pensarmos que toda memória coletiva sobrevive não só por uma leitura do passado que reforça a coesão social pela adesão afetiva ao grupo, mas também por processos de negociação e de disputa. Para existir, a memória coletiva se nutre das memórias individuais e, assim, é preciso que “ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos em contato entre ela e as outras para que as lembranças que os outros nos trazem possam ser reconstruídas sobre uma base comum”.<sup>48</sup>

Estas memórias individuais parecem, por sua vez, entrar em disputa, promovendo uma reavaliação da memória coletiva, em momentos de crise, sobressaltos bruscos<sup>49</sup>. O momento da morte de Jorge, por exemplo, está aí inserido. Mas isto ocorre também nos momentos de celebração, como o centenário de nascimento de Jorge Amado. Em ambos os casos, a memória cumpre um dos seus objetivos fundamentais: manter viva a presença do passado.

Destacamos que, tanto no *post mortem* como no centenário de nascimento do autor, a maioria dos discursos e homenagens esteve voltada para a reflexão da qualidade literária de

---

<sup>47</sup> JESUS, Valdeck Almeida de. (org.). *Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus: homenagem ao centenário de nascimento de Jorge Amado (1912-2012)*. São Paulo: Perse, 2012.

<sup>48</sup> HALBWACHS, 1968, p. 12.

<sup>49</sup> HERBERICH-Marx e RAPHAEL, F. Les incorpores de force alsaciens. Déni, convocation et provocation de la mémoire. *Vingtième Siècle*, 2, p.83, 1985 apud POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro: vol.2, n.3, 1989, p.5.

suas obras da sua posição como romancista e intérprete da *baianidade* e da nacionalidade,<sup>50</sup> abordagem desenvolvida em estudo anterior.<sup>51</sup> As fontes selecionadas para o presente trabalho, de modo diverso ao realizado por nós anteriormente, foram aquelas nas quais se constatou a possibilidade de se avaliar como a memória coletiva apreendeu a trajetória política e intelectual de Amado.

O material trabalhado foi em parte o encontrado no Acervo Jorge Amado disponível na Fundação Casa de Jorge Amado: os recortes de jornais, revistas ou impressões de páginas da internet, veiculados por ocasião da morte de Jorge Amado (2001) e reunidos na pasta “memórias”. Também consideramos a documentação de mesma natureza produzida em 2011 e 2012, no contexto de celebração do seu centenário de nascimento. Os artigos encontrados na internet, os textos reunidos no livro intitulado *Prêmio Valdeck Almeida de Jesus*, os depoimentos proferidos na sessão solene do Congresso Nacional em homenagem a Amado e a obra *Tenda dos Milagres* (1969) também foram incorporados como fontes.

No momento da pesquisa realizada no Acervo Jorge Amado da Fundação Casa de Jorge Amado, o material sobre o imediato pós-morte do escritor já se apresentava tratado e organizado, diferentemente dos recortes reunidos em torno do centenário. Os jornais são recebidos pela Fundação e o trabalho realizado é o de reuni-los em torno de assuntos semelhantes, fazer os recortes, datá-los e condicioná-los em pastas temáticas e cronológicas. Os recortes de jornais já são, portanto, uma escolha, uma seleção realizada pela Fundação no

---

<sup>50</sup> No que se refere ao centenário de nascimento de Jorge Amado, estas reflexões se desenvolveram no campo acadêmico em eventos como o Curso Jorge Amado 2011 – I Colóquio de Literatura Brasileira, realizado na Academia de Letras da Bahia, em Salvador, BA, entre 22 e 26 de agosto de 2011; o Colóquio Internacional 100 anos de Jorge Amado: História Literatura e Cultura, realizado na UESC, Ilhéus, BA e nas cidades de Lisboa, Coimbra e Porto, nos períodos 24 a 26 de setembro e em novembro de 2012, respectivamente; e o XXI Ciclo de Estudos Históricos – História e Diversidade: reflexões sobre a obra de Jorge Amado, organizado pela Área de História do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Santa Cruz, entre 19 e 21 de novembro de 2011, em Ilhéus, BA. É possível ter acesso ao debate desenvolvido nestes eventos através das publicações e anais que deles resultante.

<sup>51</sup> Cf. CALIXTO, 2011.

universo de matérias publicadas na imprensa. Assim, entre este material, encontram-se textos completos, pequenas notícias e cadernos inteiros dedicados ao escritor.

De acordo com a política da casa não há qualquer restrição a estes documentos em termos de origem ou de assunto. Assim, é possível encontrar, inclusive, textos críticos à vida e à obra de Jorge Amado ou que interpretam de uma maneira diferenciada a sua trajetória, abordando assuntos polêmicos ou pouco tratados na grande maioria dos relatos encontrados.

O material sobre o imediato pós-morte e o centenário de nascimento encontrado neste acervo foi fundamental para esta pesquisa, tanto pela quantidade, quanto pela diversidade. Por este motivo e por considerar como critério relevante a seleção em si mesma feita pela Fundação, consideramos suficiente analisar a imprensa circunscrita nesse conjunto, cotejando-a com documentos de natureza diversa.

### **1.1 Os relatos *post mortem***

Tendo sido homem público, que alcançou fama ainda em vida, Jorge Amado testemunhou a produção de biografias e relatos biográficos sobre si. Em muitos casos, se posicionou e dialogou com críticos, participou dos embates de memória em torno da sua trajetória, bem como das celebrações em torno dela – vide datas comemorativas de publicação de obras suas e seus aniversários, por exemplo. A sua morte, no ano de 2001, todavia, foi um momento singular na profusão de narrativas biográficas, que marcaram os processos de memória em torno do intelectual. Compartilhamos da ideia de que a morte promove um “renascimento” do sujeito que deixa de ser corpo presente para ser corpo representado.<sup>52</sup> Habitando, exclusivamente, o plano da memória e do imaginário social, o indivíduo perde o

---

<sup>52</sup> RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico - o sensacionalismo da morte em cena. *Tempo Social*. São Paulo: p.201-218, mai de 2000. (Rev. Sociol. Universidade de São Paulo).

poder de enunciação sobre si. Tornando-se “obra acabada”, a sua vida passa a ser reinterpretada a partir de uma visão, unicamente, retrospectiva.

É neste momento, então, que o *risco da ilusão biográfica*<sup>53</sup>, de que nos fala Pierre Bourdieu, parece se tornar ainda maior. Aí a tentação de se buscar uma lógica, um ordenamento, uma coerência é mais intensa pela tentativa de apreensão da totalidade da trajetória de vida. Não há mais a necessidade de se projetar o futuro e idealizar um fim. As cartas estão lançadas e o jogo está terminado.<sup>54</sup>

No caso de Jorge Amado, soma-se ainda um agravante ao risco biográfico pelo fato de ter sido uma pessoa pública e notória de quem se buscou celebrar a exemplaridade de sua vida, o que ajudou a fixar no imaginário coletivo mitos a seu respeito. Além disto, o resgate da trajetória do autor, especialmente em momentos como a morte e o centenário de nascimento, ocorreu, em diversos casos, de modo a reforçar identidades coletivas (regional, nacional e de correntes políticas, por exemplo), afastando-se assim, os aspectos ambíguos ou contraditórios.

Em se tratando do imediato *post mortem*, o ato biográfico adquire ainda cores específicas com o relato espetacularizado que se divide entre os ritos e cerimônias e acontecimentos em tempo real que circundam o morto e, passagens de sua vida, geralmente, escolhidas de modo a intensificar o clima de pesar.

A morte aciona uma biografia que vai sendo construída em tempo real, diferentemente das biografias publicadas em livros ou cuidadosamente editadas em documentários televisivos ou cinematográficos – ainda que muitos meios de comunicação já tivessem preparado seus

---

<sup>53</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta De Moraes; FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista De. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, p.184, 1998.

<sup>54</sup> Nossa abordagem teve como enfoque a análise da construção de narrativas biográficas a partir do evento da morte, seguindo o estudo citado de Elizabeth Rondelli e Micael Herschmann. Para uma reflexão centrada na construção imaginária do ato de morrer na sociedade contemporânea, via mídia, onde a questão da morte é o elemento central da investigação, ver BARBOSA, Marialva Carlos. A morte imaginada. In: XIII COMPÓS, 2004, São Bernardo do Campo. *Anais...*São Bernardo do Campo: COMPOS - UESP, 2004.

materiais pela eminência do desaparecimento de Jorge. Por conta disto, a narrativa biográfica, que emerge nesta circunstância, é, na maioria das vezes, efêmera e acidentada,<sup>55</sup> de modo diverso daquelas que surgem, por exemplo, no contexto do centenário de nascimento de Jorge.

Este caráter relativamente pouco elaborado dos relatos *post mortem* faz com que muitos estejam repletos dos elementos sobre a vida e obra do autor que mais se fixaram no imaginário coletivo. Isto porque são aqueles passíveis de serem, imediatamente ou espontaneamente, acionados na memória, dada a urgência de se fazer o testemunho, ou de se expressar uma opinião.

A circunstância da morte pode também evocar as já citadas *lembranças-problemas* (Todorov), dada a crise ou sobressalto provocado pela comoção desencadeada pelo desaparecimento de uma pessoa. A ocasião serve assim como pretexto ou momento favorável para disseminação de relatos deste tipo, inclusive porque os depoentes buscam participar dos embates de memória em torno do indivíduo.

Isto ocorre com o intuito de se fazer justiça à memória daquele que não pode mais se pronunciar e se defender, e que, por algum motivo, não o fez em vida. Acontece também como forma de se fazer justiça à memória de outros que se sentiram, em algum momento injustiçados ou subjugados pelo falecido ou pela memória que o envolve e que, dado o seu desaparecimento, qualificam o momento como propício para revelar algo que esteve silenciado.

Os relatos *post mortem* analisados aqui foram aqueles veiculados em jornais muitos dos quais estão reunidos na série de pastas intituladas *memórias: 2001*, da Divisão de Pesquisa do Acervo Jorge Amado, armazenadas na Fundação Casa de Jorge Amado, em Salvador, Bahia. O fato de estarem agrupados segundo a classificação “memórias” não significa que se trata somente de testemunhos. São também opiniões de pessoas diversas acerca da vida e da obra de Jorge Amado, veiculados em revistas, jornais e mídia eletrônicas.

---

<sup>55</sup> Cf. RONDELLI; HERSCHMANN, op. cit., p.205.

A opção em denominar esta série de pastas como “memórias” parece estar estreitamente relacionada ao corrente uso da expressão latina “in memoriam” – ou de sua referente no português, “em memória” – que significa “em lembrança de”, “em recordação de”, empregada quando se pretende fazer uma homenagem póstuma, em que muitas vezes fatos da trajetória do morto são acionados como meio de celebrar a sua vida.

Em cada discurso, observamos a tentativa de se eleger o que foi o legado do escritor como intelectual, político, literato e cidadão. Observamos testemunhos sobre o que era celebrável em Jorge, sobre o que deveria ficar na história: o escritor regional, o nacional ou o universal? O intelectual engajado politicamente ou o romancista do amor, de casos pitorescos?

Consciente deste processo, uma jornalista do *Diário de Notícias*, de Portugal, assim considerou tais esforços de memória, na ocasião: “[...] Testemunhos dados nestes dias contribuem, enquanto trabalhos da memória acordada, para traçar aquela *linha*. Parte da trajetória era já domínio histórico. A sua actualização, de ontem para hoje, respiga-se nos jornais.”<sup>56</sup> Os relatos veiculados nos jornais, produzidos naquele contexto ou resgatados de outras épocas, trataram, portanto de “atualizar” a memória sobre Jorge Amado a partir dos depoimentos de pessoas que privaram ou não de sua presença, mas que, de um modo geral, tenderam a celebrar a vida e obra do romancista. Algumas destas narrativas, certamente serviram como reforço de uma memória “acordada”, isto é, sobre a qual há pouca polémica.

Em estudo anterior<sup>57</sup>, estes elementos do senso comum, que se refletiram nas publicações *post mortem*, serviram para uma análise da memória sobre o autor, no sentido de se pensar sobre aspectos e discursos que tenderam a sacralizar a vida e obra de Jorge Amado como intérprete e ícone de nacionalidade. Uma das conclusões deste trabalho anterior, e que nos ajudaram a pensar o presente estudo foi perceber que os elementos que ligam o autor à

---

<sup>56</sup> FRANÇA, Elisabete. Recepção da Obra em Portugal e no mundo. *Diário de Notícias*. Portugal, 9 de ago. 2001. Coluna Literatura: Morte de Jorge Amado.

<sup>57</sup> CALIXTO, 2011.

identidade nacional brasileira são aqueles que se tornaram mais fortes em sua vida e na obra, após certo distanciamento seu em relação à política.

Observamos que, pelo menos desde *Gabriela cravo e canela* (1958), a memória correspondente a Jorge Amado tendeu, fortemente, a minimizar aspectos da trajetória política e intelectual que o escritor desenvolveu a partir de então. Como se o escritor tivesse encontrado seu rumo como literato e sua importância se limitasse à grandiosidade da sua produção literária. Grandiosa, especialmente, pelo modo particular de representar o povo e a nação brasileira a partir da *baianidade*, da mestiçagem e do otimismo, aspectos que se tornaram fundamentais da concepção de Jorge como intérprete e ícone de brasilidade.

Nas memórias póstumas, foi muito forte, portanto, a presença destes elementos através das vozes uníssonas que tenderam a caracterizar a memória coletiva do autor. Encontramos comumente, nestas narrativas, a caracterização de Jorge como “escritor das prostitutas e dos vagabundos”<sup>58</sup>, ou o que melhor retratou a alma brasileira, como escritor da magia e da sensualidade. Elas trataram também da sua relação estreita com a Bahia, da presença do sincretismo e da mestiçagem como temas constantes na sua vida e obra associando a imagem do autor a um determinado estereótipo de Brasil.

Outros relatos trouxeram informações desconhecidas do grande público. A busca pelo que seria peculiar se revelou no seguinte trecho de artigo argentino sobre a ocasião:

Quando morre um ancião, se trata sempre de uma morte anunciada. Entretanto, apesar desse inevitável cumprimento do rito, que é extraído do arquivo diário, a busca de testemunhos de amigos, as histórias de seus últimos momentos, em cada morte, há sempre espaço para originalidade e surpresa. E é isso que vamos tentar lembrar.[...].  
59

<sup>58</sup> Termo elaborado pelos críticos e incorporado pelo escritor ao longo de sua trajetória e que foi utilizado pelo jornal britânico *The Times*, na secção obituário, em texto publicado por ocasião da morte de Amado. Cf. FRANÇA, op. cit.

<sup>59</sup> “Cuando muere un anciano, se trata siempre de una muerte anunciada. Sin embargo, apesar de este inefable cumplimiento del rito, de lo que se extrae del archivo del diario, la búsqueda de testimonios de amigos, el anecdotario de sus últimos momentos, en toda muerte hay siempre un margen de originalidad y sorpresa. Y es eso lo que vamos a tratar de recordar.” Tradução de Carolina Fernandes Calixto. In: PICCHIO, Luciana Stegagno. La eternidade em Bahía. *Revista Cultura y nacion*. Buenos Aires: p.6, 12 ago. 2001.

Os aspectos de “originalidade e surpresa”, tal como deixou entender a autora do texto acima, foram aspectos procurados por aqueles que buscaram escrever sobre Jorge. Talvez tratando de seus pares jornalistas, a autora afirmou que, tão logo souberam da notícia da morte, estes sujeitos citaram frase do personagem *amadiano* Quincas Berro D`Água que, em um gesto de desapego à formalidade e à obviedade de uma morte anunciada, inventou para si uma morte distinta, pessoal. “Que cada um se ocupe de seu enterro”, teriam dito jornalistas e memorialistas, buscando cada um o traço de distinção em suas linhas em meio ao mar de obituários que se insurgiram no campo das letras.

A busca destes traços de distinção, muitas vezes, significou a procura por curiosidades, fatos que tivessem passado despercebidos na memória e que pudessem revelar, de algum modo, novos dados da personalidade, do pensamento e da trajetória de Jorge. Algumas vezes, se valeram de histórias narradas pelo próprio autor em seu livro de memórias, *Navegação de Cabotagem*. Este é o caso, por exemplo, do artigo de Nelson Varón Cadena, intitulado “Jorge Amado e a propaganda”, que tratou da única vez em que Amado protagonizou um comercial como parte de uma negociação pelo patrocínio do livro de receitas de sua filha Paloma.<sup>60</sup>

Muitos foram os relatos diferenciados daqueles que privaram do contato com o autor e buscaram trazer histórias que dessem conta desta relação pessoal. Histórias que, muitas vezes, buscadas pelos jornalistas na tentativa de se produzir um artigo original sobre o tema. Outros, narraram a maneira pela qual a obra de Jorge influenciou, de algum modo, a sua própria trajetória ou sua forma de pensar o mundo, o seu posicionamento político, ou temas específicos como raça e brasilidade. Este é o caso do texto da professora Clotilde de Lourdes Branco ao

---

<sup>60</sup> O comercial em questão (vídeo), Casa do Rio Vermelho. Gravado na Bahia pela produtora Encol em 1995. Cf. CADENA, Nelson Varón. Jorge Amado e a propaganda. *Correio da Bahia*, Salvador, 10 ago. 2001, Coluna Correio e Negócios.

perceber como o olhar estrangeiro sobre nós estava impregnado por um universo que Jorge ajudou a criar.<sup>61</sup>

Os relatos *post mortem* analisados se caracterizaram, assim, por trazerem tanto discursos prontos, reafirmados ao longo do tempo e que conformaram certa unidade em torno da memória coletiva sobre Jorge Amado, como também vozes que não chegam a ser dissonantes, no sentido de contrariar o senso comum, mas que, através do depoimento despretensioso, objetivaram trazer, de maneira original, curiosidades, informações desconhecidas do público em geral.

Mas que referências foram feitas nos discursos *post mortem* quanto à trajetória política e intelectual de Jorge? O modo como o seu engajamento foi pensado, no momento de sua morte, variou bastante. Identificamos relatos que corroboraram uma memória acordada pela qual Jorge Amado aparece como uma espécie de modelo de intelectual engajado, sinônimo de intelectual comunista. O seu envolvimento com a política estrito senso é tratado de maneira heroicizada, refletindo certa memória dos movimentos de esquerda que tendeu a sobrevalorizar tipos de atuação mais combativos contra ditaduras, especialmente, através do movimento da resistência.

O jornalista e político, Sebastião Nery, por exemplo, destacou em artigo veiculado no jornal *Tribuna da Imprensa* que o envolvimento com o Partido Comunista não atrapalhou a literatura de Jorge. Ele afirmou que o romancista publicou o primeiro de seus grandes livros, *Jubiabá* após a sua entrada no Partido. Isto se confirmaria pela generosidade da imprensa e dos críticos em relação ao autor, diferentemente do que ocorreu com outros, o que era anormal por causa da patrulha, das cobranças, da militância.<sup>62</sup>

Nesta fala é interessante notar o peso dado à trajetória política na sua produção literária. Mesmo de maneira indireta, Nery relacionou um amadurecimento literário do romancista com a sua entrada no PC e a sua militância comunista:

---

<sup>61</sup> GERMINIANI, Clotilde de Lourdes Branco. Jorge Amado e a Academia de Lyon. *Gazeta do Povo*, Curitiba, Paraná, p.12, 10 ago. 2001.

<sup>62</sup> NERY, Sebastião. Histórias da vida de Jorge Amado. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 09 ago. 2001.

[...] Em 35, já no Partido Comunista, saiu o primeiro de seus grandes livros, ‘Jubiabá’. Em 36, preso pela primeira vez por ter apoiado o levante militar da ANL (Aliança Nacional Libertadora), da qual era membro, saiu ‘Mar Morto’. Em 37, de novo preso no golpe do Estado Novo, saiu ‘Capitães da Areia’. Esses três, magistrais, é que plantaram seu nome de grande romancista<sup>63</sup>.

Além destas primeiras obras, Nery continuou a relacionar a produção literária seguinte de Jorge com a trajetória política do autor, exaltando a literatura produzida, com exceção de *O Mundo da Paz* (1951), caracterizado como “um exagerado elogio ao mundo soviético”<sup>64</sup>. Esta relação positiva entre literatura e política foi feita para as obras produzidas até meados dos anos 1950, ou mais especificamente até *Gabriela cravo e canela* (1958), a partir da qual fez o elogio estético e temático sem qualquer outro tipo de associação, concluindo que são “roteiros mais leves, mais roteiros para cinema e televisão”<sup>65</sup>.

Observamos aqui que a forma como a vida e obra do autor foram resgatadas obedeceu quase que, exclusivamente, aos imperativos da memória das esquerdas, até mesmo porque fica claro no texto que o articulista, Sebastião Nery, se colocou como um membro atuante das esquerdas. Ele esteve ligado a partidos como o Movimento Trabalhista Renovador (MTR), o Partido Socialista Brasileiro (PSB), o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o Partido Democrático Trabalhista (PDT) e o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) entre os anos 1950-1980. No pleito de outubro de 1954, Nery disputou cadeira na Câmara Municipal de Belo Horizonte na legenda do Partido Socialista Brasileiro (PSB), mas não chegou a assumi-la: sua candidatura foi impugnada pelo Tribunal Regional Eleitoral de Minas Gerais sob a alegação de que as campanhas haviam sido feitas em nome do Partido Comunista

---

<sup>63</sup> Ibid.

<sup>64</sup> Ibid.

<sup>65</sup> Ibid.

Brasileiro (PCB), então na clandestinidade. Em 1956 trabalhou para o semanário *Jornal do Povo*, publicação vinculada ao PCB.<sup>66</sup>

Apesar de nunca ter se filiado ao Partido, Nery estava ligado a ele, escrevendo em um de seus periódicos, quando se abateu a crise sobre àquela organização com a divulgação do relatório secreto de Krushev. Ao que parece, absorveu o discurso de crítica ao stalinismo. Isto ficou explícito no julgamento dado ao livro *O mundo da paz* que reúne impressões de viagem do autor sobre a União Soviética e outras repúblicas socialistas. A negatividade da fala é condizente com o discurso revisionista das esquerdas, após a descoberta dos crimes do regime soviético. Está em conformidade, inclusive, com a postura de Jorge que chegou a proibir a publicação desta obra, após desencanto com o regime soviético.<sup>67</sup> Se coaduna, portanto, com a nova postura inaugurada pelo autor, como intelectual engajado, deixando de fazer de sua obra panfleto político-partidário e evitando o constrangimento causado pela revelação do documento secreto.

O relato parece sugerir, então, que mesmo as obras mais “leves”, que vieram a partir de *Gabriela*, deveram a sua qualidade criativa, estética e temática, a um Jorge Amado que escreveu literatura proletária e teve intensa participação política junto ao PC. A importância desta etapa da trajetória política e intelectual foi sobreposta a todo o percurso posterior do autor, eleita como a principal. O que veio depois foi visto somente como literatura, criação estética, maturação dada mais pelo tempo do que pela experiência imediata. O “colher dos louros” de um passado de glória.

Sebastião Nery narrou a saída de Jorge do PC como uma “história nunca contada” e, neste sentido, tentou contribuir para a tal “atualização” da memória sobre o autor, oferecendo elementos de uma história supostamente ocultada. Afirmou que, quando o relatório Krushev

---

<sup>66</sup> Cf. LAMARÃO, Sérgio. *Biografia*. Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sebastiao-augusto-de-sousa-neri>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

<sup>67</sup> Cf. ESPINOSA, Antônio Roberto. Entrevista biográfica, In: GOMES, 1981.

veio à tona, Prestes e outros negaram a veracidade dos fatos. O primeiro chegou a proibir a publicação do relatório nos jornais do Partido, porém diversos militantes, decepcionados com os crimes do regime soviético publicaram textos sobre o assunto. Jorge foi um deles com o seu artigo histórico “O nosso mar de lama”. A partir de então, “o cavaleiro da esperança” teria ordenado a invasão e ocupação do jornal e a expulsão dos “renegados”.

Polêmicas como esta, que cercam a história do PCB e sua relação com o romancista, foram mais atentamente analisadas no terceiro capítulo. Ressaltamos, aqui, que, apesar de ser controversa esta expulsão do intelectual dos quadros do Partido, já que o próprio autor nega, há indícios do conflito relatado entre membros do PCB e Jorge, em jornais da época, que o condenaram e exerceram uma espécie de *patrulha ideológica* após a publicação do polêmico artigo. Se esta história, melhor avaliada adiante, nunca é contada, interessa aqui compreender o motivo de trazê-la à tona. Acreditamos, mais uma vez, que o silêncio sobre este acontecimento, muitas vezes amenizado nos relatos biográficos e autobiográficos, se deve, de um modo geral, ao esquecimento de uma parte da história das esquerdas que poderia, ou é considerada uma espécie de mácula, ou mesmo um tabu. Isto em virtude do autoritarismo empregado por parte do PCB que marcou o episódio da suposta expulsão dos “renegados” por Prestes. E ainda também pelo patrulhamento ideológico, pelas críticas dirigidas àqueles que prontamente se posicionaram contra o stalinismo após a divulgação do relatório Krushev, visto que o próprio PCB reviu, pouco tempo depois, esta orientação político-ideológica, aproximando assim seu ponto de vista da posição dos “renegados”.

Neste sentido, o fato de Sebastião Nery recuperar tal relato, em um momento de reavaliação da memória sobre Jorge, talvez tenha como objetivo o resgate de uma moral perdida pelo Partido, especialmente no que ele simboliza para a memória das esquerdas, quando determinou a “expulsão” ou perseguição ao escritor e a outros tantos. Inclui-se, aqui, possivelmente, o próprio autor do texto que, apesar de não ter sido propriamente do PCB,

trabalhava em um jornal relacionado ao mesmo na época do episódio narrado. Através de seu depoimento, Nery parece querer retirar a si e a outros da escuridão, do ostracismo, mostrando que foram vítimas e não traidores tal como possa ter ficado marcado na memória.

Ficou claro que por trás do depoimento despretensioso sob o título “histórias da vida de Amado”, o jornalista destacou a importância de UMA história da vida de Jorge, aquela junto ao PCB. Nessa história, enfatizou o momento da saída do escritor do Partido como algo a ser reavaliado, possivelmente por ter sido mal interpretado na época. Isto por tratar de um episódio polêmico e que acabou sendo silenciado, esquecido na memória e na historiografia, independentemente se a atitude de Prestes narrada realmente aconteceu. Neste sentido, mostrou como foi importante a atuação de Jorge ao escrever “O nosso mar de lama”, denunciando os crimes cometidos ou apoiados em nome do socialismo. Um artigo que, segundo o apelo de Sebastião Nery, precisava ser imediatamente recuperado pelo valor histórico. Assim, pretendeu com seu depoimento, além de homenagear, celebrar a memória de Jorge, chamar atenção para um episódio de sua trajetória e também da história do país, que, para ele, pareceu ainda não ter sido devidamente avaliado.

Ao analisar a obra de Jorge, o colunista do jornal *Gazeta Mercantil*, Luís Antônio Giron também destacou a importância do engajamento político dos primeiros anos de sua carreira para sucesso do escritor. Ele afirmou:

[...] Independentemente do gosto dos teóricos, a parcela mais expressiva da obra de Jorge Amado é vazada nos moldes do realismo socialista. São os casos de ‘Cacau’ (1933), ‘Suor’ (1934), ‘Jubiabá’ (1935) e ‘Capitães da Areia’ (1936), com suas descrições de cortiços, hábitos e vícios do povo e uma insistente encenação da luta de classes, mais tarde repaginada em luta de sexos. Mesmo ‘Gabriela, Cravo e Canela’ funciona como uma painel social-realista da zona cacauzeira, com figuras que remetem aos afrescos socialistas. Seus romances não compreendem teses mas partem de um pressuposto ideológico: ‘desafiar a moral pequeno-burguesa’, como dizia, pelo panfleto ou pelos episódios picantes e obscenos. [...] Amado consolidou o romance engajado e angariou fama por meio dele. No plano extraliterário, não lhe faltou o poderoso lobby do PC, atuante na área cultural até hoje, embora mais ‘chiaroscuro’ [...] É exercício inútil raspar de seus livros o substrato ideológico que os animou. [...]

O aspecto perene em Jorge Amado está na vida que continua a saltar de seus comoventes panfletos.<sup>68</sup>

Diferentemente de Sebastião Nery, Luís Antônio Giron compreendeu que todo o conjunto da obra do autor foi embasado em um substrato ideológico comum, o realismo socialista. Ele percebeu que, apesar das mudanças ocorridas na literatura de Jorge, este traço foi constante, conferindo a unidade e mesmo o sucesso de sua obra. Ficou claro que tanto para um como o outro, o romancista era um exemplo de intelectual engajado, sendo que, para o primeiro, este engajamento se restringiu, ou se fez perceber, através de sua primeira fase de criação artística, e para o outro, no conjunto de sua obra. Observamos que, para Luís Antônio Giron, a fama e o sucesso conquistados pelo escritor teriam a contribuição do poderoso lobby do PC, que ainda seria presente na área cultural, com a diferença de que o Partido, provavelmente, referindo-se ao PCB, seria hoje em dia, segundo ele, mais “chiaroscuro”. Isto é, teria um posicionamento político mais nuançado. Ou seja, de uma ou de outra forma, a relação de Jorge com o PC apareceu como fator fundamental tanto na sua trajetória como na sua produção literária.

De um modo geral, mesmo quando não tratam especificamente da trajetória política do escritor ou da vinculação com o PC, as narrativas falam de um engajamento na vida e na obra dele, que, mais do que político, parece ser um engajamento social, humanitário, como observamos na seguinte declaração: “A escrita amadiana representa para todos um convite ao engajamento rumo a uma sociedade mais justa e solidária, independente da posição que nela ocupamos”<sup>69</sup>

---

<sup>68</sup> GIRON, Luís Antônio. Jorge Amado, o vermelho. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 10 ago. 2001, Coluna Fim de Semana, p.3.

<sup>69</sup> JUNIOR, Enézio. Jorge Amado e a comunidade sul baiana. *Caderno Cultural*. Ilhéus, Bahia, ago. 2001, Coluna Ensaio Pauta, p.6.

Outros artigos que também trataram da trajetória de Jorge à luz dos seus caminhos e posicionamento políticos foram aqueles reunidos sob o título “Histórias portuguesas de Jorge Amado” e “Percurso contraditório”, veiculados em jornal português.<sup>70</sup> No primeiro, observamos que o texto foi desenvolvido com base em testemunhos de escritores e políticos portugueses que pareceram terem sido chamados a dar seu depoimento sobre como a literatura de Jorge pode ter influenciado o posicionamento político deles. Foi o caso do político, português e socialista, Manuel Alegre o qual sugeriu que a literatura proletária do romancista, especialmente a trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954), influenciou a sua formação política. Para ele, a literatura *amadiana* afetou não só a si como também a vida política e intelectual em Portugal, especialmente através de *Gabriela cravo e canela* (1958). No artigo “Histórias Portuguesas de Jorge Amado”, Cristina Margato citou história utilizada por Manuel Alegre para explicar, sob a forma de metáfora, o significado que aquela novela teve na vida política portuguesa:

Em 1977, Mário Soares, então líder do primeiro Governo constitucional, havia marcado reunião com Álvaro Cunhal. Fora do gabinete em São Bento, a equipa do primeiro ministro esperava. Desesperava, seria a melhor palavra, porque a reunião já ia longa demais. Manuel Alegre, que era secretário de Estado da Comunicação Social e ministro-adjunto de Soares, pertencia ao grupo que aguardava o desenlace do encontro. <<A discussão entre os dois só podia ocorrer mal>>, pensava o grupo. <<Afinal, o Verão Quente não estava muito longe>>, salienta Manuel Alegre. Até que o secretário de Estado decide entrar no gabinete do primeiro ministro. Depara-se então com uma dupla silenciosa, que olhava em uma só direção; para a televisão. No ecrã exibia-se << Gabriela>>. A primeira telenovela brasileira a passar em Portugal, cuja história havia sido resgatada ao romance de Jorge Amado.<sup>71</sup> [grifos do original]

A novela inspirada na obra teria sido um elemento de pacificação do quotidiano político português e assim, contribuído para amenizar as “crispações políticas” entre correntes

<sup>70</sup> MARGATO, Cristina; AMARAL Luísa. *Histórias portuguesas de Jorge Amado*. Portugal: [s.n.], 11 ago. 2001. (Recorte encontrado na pasta JA: MEMÓRIAS referente à produção passiva do Acervo Jorge Amado da Fundação Casa de Jorge Amado) e BASTOS, Jorge Henrique. *Percurso contraditório*. Portugal: [s.n.], 11 ago. 2001. (Recorte encontrado na pasta JA: MEMÓRIAS referente à produção passiva do Acervo Jorge Amado da Fundação Casa de Jorge Amado).

<sup>71</sup> MARGATO; AMARAL, op. cit.

adversárias. Cristina Margato disse ainda que a influência de Jorge Amado sobre os políticos e intelectuais portugueses era, porém, bem anterior à televisão. Ela destacou um célebre jantar ocorrido em 1953, no aeroporto de Lisboa. Proibido de desembarcar em solo português, por ser considerado um subversivo pelo governo de Salazar, Jorge foi recebido por diversos intelectuais e amigos portugueses na sala de trânsito do aeroporto, sob a vigilância de agentes do governo.

Esta passagem foi lembrada, em detalhes, pelo romancista em seu livro de memórias *Navegação de Cabotagem*. Ele contou que havia ido a Portugal para consultar Ferreira de Castro sobre a possibilidade de lhe ser conferido o Prêmio Mundial da Paz. Contava com o prestígio do romancista para romper o cordão de isolamento que a polícia política estabelecia ao seu redor, mas não confiava demasiado que isso pudesse acontecer. Ferreira de Castro teria articulado o jantar como uma prova de amizade, de solidariedade, ação de luta contra o salazarismo em seu apogeu. Segundo Jorge, a intenção do escritor pode ser entendida também como uma brincadeira, ou como uma forma de identificar, confirmar, observar inimigos do regime capazes daquela audácia. O acontecimento foi acompanhado pela imprensa e noticiado em jornais. Após o fim do jantar e o embarque de volta do romancista brasileiro, a polícia salazarista teria cercado, detido e interrogado promotores e participantes do jantar.<sup>72</sup>

Outro personagem entrevistado por Cristina Margato, Urbano Tavares Rodrigues, escritor e jornalista português, reafirmou a importância de Jorge Amado na vida política de Portugal : “tal como Érico Veríssimo, Jorge era um pretexto para reunir a oposição ao regime”.<sup>73</sup>

Diferentemente de Manuel Alegre, os intelectuais Alçada Batista, amigo pessoal de Jorge, e o escritor José Saramago afirmaram não terem sofrido grande influência dos livros do romancista na forma de pensar a política. Batista destaca a amizade e a tolerância do romancista a pessoas que tinham posicionamentos políticos distintos. Saramago, assim como Urbano

---

<sup>72</sup> Cf. AMADO, 1992.

<sup>73</sup> RODRIGUES, Urbano Tavares apud MARGATO; AMARAL, op. cit.

Tavares, disseram não terem se decepcionado com o percurso político do escritor. Afirmaram a existência de uma *coerência íntima* na trajetória de Jorge Amado, acima de qualquer contradição aparente. Mas, apesar do tom positivo destes personagens, Manuel Alegre considerou, que, através de seus livros, Jorge arrastou muita gente para a grande ilusão, referindo-se ao stalinismo.

A literatura proletária, a ligação com o Partido Comunista e o seu afastamento da militância partidária foram também os temas centrais do artigo de José Henriques Bastos, em “Percurso contraditório”<sup>74</sup>, ao analisar a trajetória de Jorge Amado. A contradição apontada parece se referir ao afastamento de Amado do PC e também a sua amizade com figuras da direita como Antônio Carlos Magalhães. O autor do texto concluiu que, apesar das críticas sofridas pelo escritor, no fundo sempre assumiu suas contradições. Deste modo, também sugeriu a crença em uma *coerência íntima* do percurso do romancista. Os mesmos dois elementos utilizados por José Henriques para apontar contradições no percurso do escritor foram igualmente indicados por Leonardo Ralha, em artigo para o jornal *Independente* de Portugal.<sup>75</sup>

A lembrança do escritor Luís Fernando Veríssimo sobre Jorge Amado, veiculada após a morte do romancista, também passou pela trajetória política. Veríssimo lembrou de maneira afetuosa a ligação de sua família com Jorge. Ligação que teria origem após seu pai, o também escritor Érico Veríssimo, ter acolhido o fugitivo político Jorge Amado. Outra lembrança remetida a um testemunho de seu pai é uma conversa entre ele e Jorge, no final dos anos 1940 e início dos anos 50, quando a questão do engajamento político dividiu os intelectuais, segundo palavras de Verísssimo. Nesta conversa, o escritor gaúcho teria tentado convencer o outro de que, apesar de sua simpatia pelo socialismo, não podia aceitar o dogmatismo comunista e o totalitarismo. Por seu turno, o romancista baiano teria tentado convencer Érico Veríssimo da

---

<sup>74</sup> BASTOS, op. cit.

<sup>75</sup> RALHA, Leonardo. Movimentos de um sem-Nobel. *Independente*. Portugal, 10 ago. 2001, Coluna Obituário.

justificativa histórica do stalinismo. O escritor Luís Fernando destacou também a participação de Jorge, junto a seu pai, em manifesto que teria contribuído para a inviabilização da censura prévia a livros no Brasil durante o regime militar.<sup>76</sup>

No conjunto destes relatos, concluímos que, em poucos casos, os depoentes se dedicaram a desenvolver maiores reflexões sobre o tema “política”, ao falar sobre aspectos da trajetória de Jorge Amado. Fato que pode ser explicado pela preferência geral em tratar do escritor e do ser humano Jorge Amado e não o do político e do cidadão político. Mas isto se tornou ainda mais compreensível pelas polêmicas que envolveram a relação de Jorge e a política. Polêmicas que parecem terem sido evitadas, naquele momento de pesar pelo falecimento do ilustre escritor, embora esses depoimentos acabem tangenciando-as.

Se, de um modo geral, os depoimentos afirmaram uma unidade no percurso do autor, eles o fizeram muitas vezes se contrapondo a versões sobre a sua vida e sua obra que se baseiam na ruptura. E o marco desta ruptura seria o afastamento de Jorge em relação ao Partido, após descoberta dos crimes do regime soviético, em 1956, e a publicação da obra *Gabriela cravo e canela*, inaugurando uma fase, supostamente, menos politizada do autor.

A experiência do impacto das denúncias de Krushev foi uma marca para todos os comunistas da época em que sobreveio. Além da divulgação do relatório, neste ano também ocorreu a invasão da Hungria pela URSS. Estes acontecimentos motivaram o rompimento de muitos comunistas com a URSS e a Terceira Internacional. Alguns deixaram de ser comunistas e outros tantos se afastaram da vida partidária. O exemplo de Jorge, que continuou comunista, porém afastado da militância partidária, não foi, portanto, um caso isolado.

Ainda assim, diversas narrativas biográficas apontam este contexto como ponto de partida para uma virada radical no percurso do autor. Virada que teria tornado a sua trajetória controversa aos olhos de alguns críticos e biógrafos.

---

<sup>76</sup> Este episódio também é lembrado por Amado em seu livro *Navegação de Cabotagem*. Cf AMADO, 1992: p. 196 e 197.

Nos testemunhos analisados, observamos, assim, que, de um modo geral, os depoentes abordaram positivamente o período da trajetória política do autor, anterior ao afastamento de Jorge do Partido. De outro modo, mesmo negando-se a existência de qualquer ruptura, pouco é dito sobre a sua atuação político-intelectual no período posterior, com exceção de sua participação em manifesto contra censura prévia, durante o regime militar.

Constatamos que, talvez pelo momento delicado do *post mortem*, evitou-se debater os aspectos polêmicos da vida de Jorge, preferindo-se exaltar os aspectos positivos. Nas comemorações do centenário de nascimento do autor, apesar de o clima geral ser de celebração, e, em certo sentido, de sacralização do escritor, ocorreu, em muitos aspectos, tentativas de superação do mito.

## **1.2 O centenário de nascimento de Jorge Amado**

Em nossa sociedade, a celebração de um centenário de nascimento é sempre um momento marcante. Além das homenagens, é muito comum, nestas ocasiões, especialmente em se tratando de pessoas públicas, um grande esforço coletivo de resgate ou rememoração da trajetória de vida desta pessoa. Celebra-se não só para lembrar, mas também para atualizar aquela memória frente aos novos tempos, para buscar novas significações. Após a morte de Jorge, certamente, o segundo grande momento de reavaliação de sua vida e obra foi o seu centenário no ano de 2012, acompanhado pelo centenário de outra grande personalidade brasileira, Luiz Gonzaga, e seguida pelos centenários de Vinicius de Moraes e Tom Jobim, em 2013 e de Dorival Caymmi, em 2014. Todos celebrados nacionalmente, o que se explica pelo fato de terem sido, de certa forma, intérpretes da nacionalidade em diferentes campos de atuação. No caso dos autores do Nordeste, a valorização de uma brasilidade mais voltada para

o mundo rural, mais arcaico enquanto que no caso de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, essa identidade nacional está mais atrelada ao meio urbano.

Ao refletirmos sobre o assunto, inevitavelmente pensamos em uma das obras de Jorge Amado, *Tenda dos Milagres* (1969). Este livro aborda, dentre outros temas, o centenário de nascimento de Pedro Archanjo, um “pobre, pardo e paisano”, segundo definição de Jorge, que foi bedel da faculdade de medicina da Bahia e escreveu importantes obras a respeito da mestiçagem, ajudando romper preconceitos da época. Um personagem que, além de ter sido inspirado em pessoas que realmente existiram, é também, em muitos aspectos, uma espécie de *alter ego* de seu criador.<sup>77</sup> Deste modo, acreditamos que, juntamente à análise do centenário de Jorge, propriamente dito, a reflexão sobre o centenário de Pedro Archanjo enriqueceu o esforço de investigação por trazer indícios sobre o pensamento do autor diante deste tipo de celebração. O texto do escritor ajudou a pensar as homenagens e comemorações em torno de si de modo crítico, isto é, para além das tentativas de sacralização da sua memória.

O evento - o fictício - nos fez pensar como o autor refletia a respeito das práticas sociais entre o esquecimento a lembrança. Um tema sobre o qual o autor fez a seguinte declaração, no ano de 1991, ao tratar do ostracismo a que teria sido relegada a memória do escritor Érico Veríssimo: “Em um país sem memória, quem morre é imediatamente esquecido. Quando eu morrer, vou passar uns vinte anos esquecido”<sup>78</sup>. Na época, o autor gozava dos seus 79 anos de idade e enfrentava problemas de saúde. Podemos imaginar que Jorge cogitava, então, que não viveria por mais muitos anos e que, assim como o escritor gaúcho, ficaria esquecido na memória coletiva por um bom tempo.

---

<sup>77</sup> Cf. RAILLARD, 1992.

<sup>78</sup> Entrevista concedida por Jorge Amado à *Folha de São Paulo* em julho de 1991 citada em AMARAL, Erenilda Custodio dos Santos; FERREIRA, Suzana Ramos. A preservação da memória de Jorge Amado: a experiência da Fundação Casa de Jorge Amado, p.10. In: XI CINFOM, 2013, Salvador. *Anais...* Salvador: CINFOM – UFBA, 2013.

Esta reflexão quanto às dinâmicas da memória não se limitou ao final de sua vida. Ao longo de sua trajetória, testemunhou a morte de muitos intelectuais e vivenciou o esquecimento a que alguns foram relegados, bem como as celebrações pela memória de outros, muitas das quais participou. Certamente que a homenagem aos mortos e a rememoração periódica de suas trajetórias eram práticas sociais valorizadas pelo autor. No livro *Navegação de Cabotagem*, por exemplo, são muitas as passagens nas quais o autor se dedica a esta tarefa. Ao relembrar o momento da morte de algumas pessoas, ele realizou nesta obra breves balanços de suas vidas, prestando a sua homenagem.<sup>79</sup>

Em *Tenda dos Milagres*, Jorge Amado transmitiu esta preocupação através do personagem principal que só foi celebrado e teve sua trajetória recuperada por ocasião de seu centenário de nascimento. Nas homenagens a Pedro Archanjo, Jorge descreveu as disputas que ocorreram em torno do legado do notável baiano expondo a série de manipulações, erros grotescos, que ocorreram na forma como a trajetória do personagem foi resgatada nos processos de seleção da memória. Ele expôs a nu esta dinâmica de uma maneira crítica e bem-humorada, indicando aquelas que seriam as homenagens, realmente, válidas, no sentido social e afetivo, e aquelas que encobriam interesses financeiros, ou mesmo de fundo político-ideológico.

Neste sentido, não podemos ignorar que, diante das milhares manifestações que ocorreram em torno do centenário de Jorge Amado, também possa ter havido casos de usos de sua figura e sua obra para o atendimento de interesses particulares ou mercadológicos. No entanto, podemos afirmar, que, diferentemente de Pedro Archanjo, que só teve seu sucesso

---

<sup>79</sup> A importância dada a estas práticas podem ser aferidas pela quantidade de indivíduos que tiveram suas mortes lembradas pelo escritor em *Navegação de cabotagem*: Giocondo Dias (p.189), Mirabeu Sampaio (p.5), Glória, mulher de Alfredo Machado (p.7), Álvaro Salema (p.39), Mãe Senhora (p.64), Dinah Silveira de Queiroz (p.92), Corisco (p.94). Carlos Marighela (p.118), Graciliano Ramos (p.122), Stálin (p.122), Oswald de Andrade (p.135), Glauber Rocha (p.142, 325), José Guilherme Merquior (p.197), Zitelman Oliva (p.203), Agostinho Neto (p.211), José Lins do Rego (p.265), Iuri Kalugin – jornalista soviético (p.265), Vasco Pratolini (p.280), Yves Montand (p.294), Agnaldo dos Santos (p.296), Graham Greene (p.305), Carlos Lacerda (p.310), Luiz Viana Filho (p.325), Anna Seghers (319, 488), Dalcídio Jurandir (p. 325), Carlos Pena Filho (p.435), Giovanni Guimarães (p.460), Norma-mulher de Mirabeu (p.509), Júlio Cortázar (p.517), Júlio de Mesquita Filho (p. 524), Pablo Neruda (p.538), Matilde- mulher de Neruda (p.538), Ricardo Ramos (p. 610), Odorico Tavares (p.616). Cf. AMADO, 1992.

reconhecido pouco antes de seu centenário, Amado colheu os louros de uma trajetória de glórias ainda em vida.

Além disto, apesar da notória exemplaridade da figura de Archanjo, autor de livros particularmente importantes sobre a mestiçagem, a sua vida e a sua obra só ganharam reconhecimento devido à dedicação de um escritor estrangeiro. Isto é, o seu reconhecimento social só ocorreu, em parte, pela ampla consagração de outro escritor que valorizou os estudos desenvolvidos por Archanjo, o que nos fez pensar se realmente a elite baiana, no universo fictício, reconheceu de fato a importância de sua obra ou só o fez pela consagração inquestionável do intelectual estrangeiro.

No caso de Jorge Amado, além de o autor ter angariado sucesso ao longo de toda a sua trajetória, ele participou ativamente dos processos de seleção da memória sobre si, em parte pelas suas próprias narrativas autobiográficas, concordando ou desmentindo os relatos de seus críticos e memorialistas. Certamente a autoridade do discurso sobre si contribuiu muito na construção da memória coletiva sobre ele até pela figura pública que era. O que ele falava parecia ter um alcance maior, o que não significa de modo algum que tenha conseguido conquistar uma unanimidade sobre sua vida e sua obra mesmo em vida.

Apesar disto, assistimos após a sua morte, a um embate menos fervoroso, especialmente, nestes dois grandes momentos de reflexão da memória sobre o autor (o *post mortem* e o centenário). Isto porque há uma notória percepção de que quem morre tem seus defeitos *perdoados*, ou mesmo vira *herói*.<sup>80</sup> Assim, mesmo não havendo unanimidade sobre sua vida e sua obra, os relatos tanto do *post mortem* e, em grande medida, do centenário se caracterizaram, pela celebração dos aspectos positivos de Jorge. Mesmo aqueles pontos que eram considerados polêmicos passaram a ser reconsiderados, em um grande esforço de compreensão coletiva do

---

<sup>80</sup> Esta tendência pode ser identificada na cobertura midiática da morte de personalidades como Ayrton Senna, Luís Eduardo Magalhães, Mamonas Assassinas, Leandro (da dupla sertaneja Leandro e Leonardo) e Princesa Diana (Lady Di), analisadas em RONDELLI; HERSCHMANN, 2000.

que pudesse ser uma *mácula* ou *contradição* no balanço final de sua vida. Mesmo quando não são *perdoados*, os *erros* ou *defeitos* parecem ser mais bem aceitos. Outra característica semelhante foi a busca pelo ineditismo, a revelação do que estivesse oculto, ou passado à margem dos processos de seleção da memória.

Houve, contudo, diferenças que talvez sejam relevantes nos discursos e homenagens feitos por ocasião do centenário de Jorge em relação àqueles *post mortem*. A primeira delas, certamente, foi a circunstância, visto que os discursos do após morte se fizeram em um clima de pesar, o que esteve presente nestes relatos. Já aqueles que ocorreram no centenário refletiram a atmosfera de celebração e de festa. Celebrações e festas que foram organizadas, muitas delas, com, pelo menos, um ano de antecedência e, foram muitos os depoimentos e homenagens de personalidades, artistas e intelectuais.

Uma grande diferença entre o após morte e o centenário de nascimento de Jorge Amado, certamente, foi a maior quantidade de eventos, produções no campo acadêmico, da cultura, das artes e da mídia no segundo momento. Quantidade e também qualidade no que se refere ao planejamento prévio do que foi chamado “Ano Jorge Amado”. Neste sentido, toda a oferta cultural em torno do centenário de Jorge Amado parece ter significado, talvez mais do que no *post mortem*, uma renovação do interesse sobre ele, no Brasil, tal como afirmou o escritor moçambicano Mia Couto, que se considerou testemunha deste processo em entrevista a um jornal na época.<sup>81</sup>

Os recortes de jornais produzidos na época do centenário nos forneceram evidências da grande oferta cultural em torno de Jorge Amado e se tornaram, assim, uma fonte importante para este estudo no que diz respeito à memória do autor, pois, juntamente com o anúncio de eventos e publicações, foi possível encontrar entrevistas daqueles que idealizaram estas homenagens e delas participaram.

---

<sup>81</sup> Cf. FUCHS, Franco Caldas. Amado na rota da África. *Correio da Bahia*. Salvador, Bahia, 05 ago. 2011, Coluna Vida, p.31.

Encontramos algumas pistas sobre como o acontecimento foi pensado em recorte de jornal veiculado no ano anterior ao centenário.<sup>82</sup> O texto afirmou que uma comissão estava articulada com a finalidade de garantir pré-eventos no ano de 2011, já que ainda não havia uma programação definida. Teriam sido convidadas, pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, instituições e pessoas ligadas ao escritor como a Fundação Casa de Jorge Amado, a Academia de Letras da Bahia, o Ilê Axé Opô Afonjá e universidades federais e estaduais para estabelecer as competências e parcerias. Segundo Monique Badaró, assessora de Relações Internacionais da Secretaria de Cultura da Bahia (Secult), a ideia era “fazer um projeto e homenagem multidisciplinar, com palestras, debates, exibição de filmes e montagens de espetáculos teatrais”<sup>83</sup>. Além disto, afirmou:

Jorge Amado foi alguém que contribuiu para a projeção da imagem da Bahia e até de uma conformação no imaginário nacional. Além disto tem contribuições sobre políticas culturais que são desconhecidas. Estamos nos articulando para que o ano tenha muita visibilidade<sup>84</sup>.

Nesta fala, ficou clara a compreensão da importância de Jorge para além da literatura, tanto no que diz respeito à identidade nacional, temática estudada anteriormente, como no âmbito das políticas culturais. Observamos que houve um entendimento de que muitas ações do autor no campo das políticas culturais são desconhecidas, mas Monique Badaró não chega a dar exemplos, talvez porque esteja considerando os grandes feitos de Jorge Amado, a divulgação da brasilidade no Brasil e no exterior. Houve, portanto, um empenho em celebrar o escritor como ícone e intérprete da identidade nacional brasileira, bem como em investir na divulgação de feitos seus que eram pouco conhecidos do grande público.

---

<sup>82</sup> Cf. BADARÓ, Monique, apud DIAS, Marcos. Quase centenário. *A Tarde*. Salvador, Bahia, 25 mai. 2011, Caderno 2 mais, p.1.

<sup>83</sup> Ibid.

<sup>84</sup> Ibid.

Os preparativos se iniciaram um ano antes do centenário, aproveitando-se também, aquele momento em que se completavam 10 anos da morte de Jorge e 25 da Fundação Casa de Jorge Amado. A Fundação criou um site como forma de reunir e divulgar muitos dos eventos para que as celebrações tivessem *grande visibilidade*. Uma das primeiras iniciativas foi a criação de um selo, um logotipo que marcou a oficialidade do evento, tal como explicou texto retirado do próprio site:

[...] A série de comemorações do centenário de Jorge Amado começou em agosto de 2011 e irá se estender pelo ano de 2012. Para organizar os acontecimentos desse ano tão importante para a literatura brasileira, foi formada uma comissão especial. Todos os projetos aprovados irão receber o selo do centenário criado pelo Máquina Estúdio.<sup>85</sup>

Destacamos que a referida comissão especial foi composta por: Cecília Amado e João Jorge Amado Filho, representantes da família de Jorge Amado, Myriam Fraga, da Fundação Casa de Jorge Amado, Alberto da Costa e Silva, da Academia Brasileira de Letras, Lilia Moritz Schwarcz e Thyago Nogueira, da Companhia das Letras, e Adriana Vendramini, da Grapiúna Produções/Copyrights. Uma comissão formada por especialistas e pessoas próximas a Jorge. Além da participação de pessoas da família, da diretora executiva da FCJA, a presença de representantes das demais instituições se explica pela ligação que o escritor tinha com estas.

No que se refere à Academia Brasileira de Letras, lembramos que ele foi membro desta instituição e Alberto da Costa e Silva, além de representá-la, também ocupava a posição de especialista em Jorge Amado. Já a Companhia das Letras detinha os direitos autorais da obra do escritor desde 2007,<sup>86</sup> além de ser sua atual editora. A Grapiúna Produções Artísticas Ltda., por seu turno, é a agência cessionária dos direitos autorais e de imagem do romancista. A participação de representantes destas empresas na comissão de organização do centenário

---

<sup>85</sup> Conferir o selo do centenário no endereço <<http://www.blogdacompanhia.com.br/2011/08/centenario-de-jorge-amado/>> Acesso em: 6 jul. 2016.

<sup>86</sup> Cf. TARDÁGUILA, Cristina. Salve Jorge. *O GLOBO*. Rio de Janeiro, 06 ago. 2011, Segundo Caderno.

revelou ainda a existência de interesses comerciais sobre aquele evento, isto é, o interesse em tratá-lo, dentre outras formas, como produto.

De maneira semelhante à comissão que organizou as celebrações do centenário de Pedro Archanjo, este grupo tinha, então, a função de selecionar os projetos que administrariam as homenagens e eventos oficiais do centenário de Jorge. Oficialidade esta garantida ao público através do selo criado. Tal formalidade parece ter objetivado o destaque de eventos e produções considerados de maior relevo não só pela proporção e alcance público, qualidade técnica, de pesquisa, como também pelo sentido afetivo. Neste sentido, a organização do centenário através de uma comissão especial, e criação de um “selo de qualidade”, acabou exercendo controle sobre as comemorações, homenagens, e também sobre a memória em torno de Jorge Amado.

Na comissão organizadora das celebrações do centenário de Archanjo, inexistiram pessoas ligadas à família ou ao rol de amigos do mesmo. Aqueles que buscaram trazer à tona fatos relevantes da vida do bedel, como é o caso do jornalista Fausto Pena, foram tão logo suprimidos por aqueles que lideraram os festejos. Certas homenagens que não trariam retorno financeiro ou que não atrairiam a atenção de investidores foram igualmente descartadas. Archanjo foi alçado ao posto de acadêmico e as contradições, ou os eventos que poderiam causar polêmicas, foram silenciados, dando origem a uma farsa sobre a sua vida.

No centenário de Jorge Amado, constatamos a grande pluralidade de homenagens que ocorreram tanto no interior do meio acadêmico como também em meio ao candomblé e festas populares como o Carnaval. Neste caso, o povo foi conclamado a participar das homenagens e celebrações pelo centenário daquele que foi considerado por muitos como o grande intérprete do povo brasileiro, dos pobres e marginalizados. Aquilo que identificava o escritor com o povo não foi suprimido em seu centenário e sim celebrado como característica positiva, diferentemente do que ocorreu com Archanjo.

De acordo com o site do centenário de Jorge, entre as festividades que percorreriam o Brasil, e que certamente receberam o crivo da comissão especial estavam: o filme *Capitães da Areia*, da cineasta e neta do escritor Cecília Amado, que estreou nos cinemas de todo o país; a peça *Dona Flor e seus dois maridos*, que entrou em cartaz no Rio de Janeiro; o lançamento de uma caixa que reúne os quatro romances de Jorge em que mulheres foram protagonistas<sup>87</sup>, pela editora Companhia das Letras, que também preparou uma programação com edições especiais, como o livro inédito de cartas que Jorge trocou com Zélia enquanto ele estava exilado na França, na década de 1940. Em Salvador, Jorge Amado foi tema do carnaval de 2012 no famoso circuito Barra-Ondina e a escola de samba Imperatriz Leopoldinense, do Rio de Janeiro, também homenageou o escritor com um samba-enredo baseado em suas obras.

Além destas homenagens, foram destacadas também a exposição *Jorge Amado é universal*, no Museu da Língua Portuguesa; o remake de *Gabriela*, pela TV Globo, e o lançamento do DVD da novela *Tieta*, de Aguinaldo Silva. A programação também incluiu colóquios de literatura, festival de gastronomia baiana, mostra de cinema, lançamento de catálogos temáticos de fotos de Jorge Amado com a família, amigos e no exílio.

De toda oferta cultural em torno do centenário do escritor, buscamos analisar aquelas que almejavam não só celebrar os aspectos de uma memória acordada e já intensamente presente, no senso comum, mas, sobretudo, resgatar aspectos não tão divulgados da vida e da obra do autor. Observamos em que sentido houve uma preocupação com a preservação e em que medida se investiu na revitalização da memória sobre Jorge. Nos interessou perceber, particularmente, como a trajetória política e intelectual do escritor foi tratada e que espaço ocupou, nestas celebrações.

Sem pretender analisar, no espaço deste estudo, todo o conjunto de homenagens, celebrações e discursos decorrentes do centenário de Jorge Amado, elegemos aqui algumas

---

<sup>87</sup> O box contém os livros *Gabriela cravo e canela*, *Tieta do agreste*, *Tereza Batista Cansada de Guerra* e *Dona flor e seus dois maridos*.

fontes onde encontramos discursos que tenderam a reforçar ou a atualizar a sua memória coletiva.

### *1.2.1 Jorge Amado Universal*

Dentre as diferentes celebrações, talvez a que mais se destacou para os organizadores do Ano Jorge Amado, como também, para os jornais, foi a exposição intitulada *Jorge Amado Universal*, considerada o ponto alto das comemorações, exibida inicialmente no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo. O curador da mostra, William Nacked, assim explicou como a mostra seria realizada:

Dividiremos o espaço em quatro áreas: Jorge por Jorge, Jorge por terceiros, Jorge internacional e a produção de Jorge, onde o visitante poderá ver documentos dele. Mantendo o estilo do Museu da Língua Portuguesa, haverá muita interatividade e uma elevada porcentagem de ineditismo.<sup>88</sup>

A ideia inicial era que a exposição fosse modular e também itinerante e pudesse ser exposta além de São Paulo, nas cidades do Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador e no exterior. A exibição, que tinha o objetivo de atingir grande público ao passar por diferentes cidades no Brasil e exterior, foi pensada, como se vê, de maneira biográfica, ou, como definiu o curador, “uma exposição em primeira pessoa”<sup>89</sup>.

De acordo com os objetivos deste estudo nos interessou pensar que narrativa biográfica foi selecionada para a mostra. Verificamos que, para o curador William Nacked, o ano de 2012 teria uma importância peculiar como ano da revalorização literária de Jorge. Segundo ele, Jorge Amado sofreu preconceito por um tempo por ter ficado associado à novela, ao universo popular ou por ter uma posição política forte. Em termos literários, a tarefa de popularizar as obras do

---

<sup>88</sup> NACKED, William apud TARDÁGUILA, op. cit.

<sup>89</sup> Ibid.

autor se cumpriu, especialmente, através da nova publicação pela Companhia das Letras de diversas obras suas, algumas no formato de bolso, outras com fotografias inéditas, e outras reunidas em caixas especiais como *As mulheres de Jorge Amado*.

A mostra contribuiria, assim, no sentido de revitalizar a importância literária do romancista, além de trazer aspectos considerados desconhecidos do grande público. Aliás, não só a mostra agiria neste sentido como também a publicação de cartas inéditas trocadas por Zélia e Jorge. Para além da literatura, *Jorge Amado é universal* teve como objetivo trazer novos ângulos para apresentar um dos mais populares escritores brasileiros.

Este esforço foi outra forte característica diferenciadora entre o *post mortem* e o centenário. Ao buscar a revitalização e não só o ineditismo, as homenagens e celebrações trataram de temas antigos sobre a vida e a obra de Jorge sob outros pontos de vista, além de investirem no que era considerado desconhecido ou no que não se encontrava no imaginário popular. Deste modo, formaram um conjunto de fontes autênticas, mesmo quando trataram de temas badalados, pois se basearam no signo da originalidade, e, muitas vezes, da criação artística com inspiração na vida e na obra do autor.

No caso específico da exposição, de destaque no conjunto de homenagens, como se disse, houve um claro desafio em apresentar novas facetas de um escritor já muito conhecido. A ideia não era desfazer a imagem que cada um tinha do universo de Jorge Amado e sim agregar outras para que, no fim, o visitante saísse acompanhado de uma “multidão de Jorges”<sup>90</sup>, tal como afirmou, em entrevista, Ana Helena Curti, uma das curadoras da mostra.

Assim, se os mais velhos têm Sônia Braga como referencial de Gabriela, e os mais novos terão Juliana Paes, a ideia foi mostrar ainda outro referencial, como a Gabriela de Di Cavalcanti. As novas informações ou pontos de vista que a exposição trouxe ocorreu, dentre outras maneiras, através, de vídeos com depoimentos do próprio escritor, de estudiosos de sua obra,

---

<sup>90</sup> CURTI, Ana Helena apud ABOS, Márcia. Uma multidão de ‘Jorges’ num único cenário: Amado e Celebrado. *O GLOBO*. Rio de Janeiro, 14 abr. 2012. Caderno Prosa e Verso, p.2.

de amigos e familiares, através de manuscritos, fotos de viagens e de seu dia a dia, cartas recebidas de amigos ilustres, exemplares estrangeiros, livros de sua biblioteca particular e até sua coleção de camisas havaianas.

Se a sensualidade, a cultura negra, o cenário baiano são temas frequentes, no que se refere a Jorge Amado, os organizadores da mostra buscaram representar, além destes, outros temas que, segundo eles, são às vezes pouco citados. Nesta tentativa de surpreender os visitantes com uma imagem mais rica e complexa, a mostra deu destaque à trajetória política do autor. Talvez porque o universo político de Jorge Amado seja mais conhecido no mundo intelectual do que no imaginário popular. Assim a ideia foi trazer esta temática para o grande público.

Neste ponto, buscamos perceber como o tema foi abordado: um dos módulos da exposição trouxe o cartaz da campanha de Jorge para deputado federal de São Paulo pelo Partido Comunista Brasileiro (1945), trechos de jornais sobre a sua atuação parlamentar, rotativas da imprensa alternativa em movimento, fotos de viagens a países comunistas, trechos de obras produzidas, no período, consideradas de maior engajamento. Saindo do ambiente em que o visitante reencontrou personagens, este seria, então, levado a conhecer o lado político com esta instalação composta pela cenografia mais sóbria da exposição. Verificamos que o tom do discurso foi mesmo o de “reencontrar” temas, personagens e o de “conhecer”, por exemplo, o lado político do escritor.<sup>91</sup> Ressaltamos que a atuação política de Jorge contra o regime militar não foi lembrada nesta exposição, somente a sua participação militante ao lado do PCB, no período anterior à ditadura de 1964.

Em um caderno intitulado “Pitadas de Jorge Amado”,<sup>92</sup> referente à exposição, observamos que, após tratar do período de envolvimento de Jorge e o PCB, a atuação política do escritor é vista de uma maneira generalizante: “mesmo bem depois dessa fase político-

---

<sup>91</sup> Estes termos foram utilizados no artigo EXPOSIÇÃO comemora centenário de Jorge Amado no Brasil e no exterior. *A Tarde*. Salvador, p.6, 16 abr. 2012.

<sup>92</sup> MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Pitadas de Jorge Amado*. Disponível em: <[https://issuu.com/museulp/docs/caderno\\_educativo\\_pitadas\\_de\\_jorge\\_](https://issuu.com/museulp/docs/caderno_educativo_pitadas_de_jorge_)> Acesso em 6 jul 2016.

partidária, as histórias contadas por ele continuam despertando a indignação diante das injustiças e mostram a desigualdade social no Brasil”. O caderno ressaltou o discurso do autor contra a opressão, a injustiça, em favor da liberdade, sem se deter em nenhuma atuação específica, nem período determinado. Nem mesmo a participação de Jorge em manifesto contra a censura, ao lado de Érico Veríssimo, durante a ditadura militar, um dos poucos episódios, quando não, o único, citado em discursos biográficos, como exemplo do engajamento político do autor no período, foi lembrado no caderno e na exposição. Ausência que pode sugerir pouco interesse em se lembrar do papel desempenhado por ele no período, no campo político. Neste aspecto, a exposição tendeu a reforçar o esquecimento ou silêncio sobre uma parcela da trajetória do autor, cujas motivações foram investigadas ao longo deste trabalho.

Juntamente com as narrativas em torno da exposição, identificamos discursos que destacaram, em tom de crítica, a existência de práticas que têm desvalorizado o legado de Jorge Amado, em nossa sociedade. Isto pelo preconceito, apontado pelos depoentes, que existiria sobre o autor e suas obras. Avaliando a fala dos críticos de Jorge ao longo dos anos, pudemos supor que as origens deste preconceito estiveram relacionadas em termos de literatura, ao emprego de uma linguagem coloquial, pelo farto uso da sensualidade, pela preferência de anti-heróis (*prostitutas*, bêbados e vagabundos) e de elementos do universo popular. Características utilizadas como forma de celebrar a cultura popular e criticar a cultura erudita, burguesa, da academia.

Por outro lado, a rejeição ao romancista também se relacionou com questões ideológicas. Em um primeiro momento porque era identificado como intelectual comunista e escritor de literatura proletária, em um momento que a literatura proletária era mais vista como um panfleto político ideológico do que literatura em si.

Em um segundo momento em que se dedicou a produzir romance de costume e suas obras foram adaptadas para diversos meios de comunicação de massas, Amado foi rejeitado por

segmentos das esquerdas, que o consideraram um traidor, cooptado pela teia mercadológica dos meios midiáticos. Foi acusado inclusive de ter se utilizado do seu envolvimento partidário e de uma falsa ideologia para chegar ao sucesso.

Um exemplo da desvalorização a que teria sido relegado o escritor, cujas origens podem estar fincadas nos preconceitos citados, fica implícita, por exemplo, na afirmação do jornalista Marcos Dias que considerou que a Secretaria de Cultura da Bahia foi acometida, desde 2007, por uma espécie “vassoura-de-bruxa cultural” em relação a Jorge Amado<sup>93</sup>. De modo semelhante, Armando Avena, escritor e membro da Academia de Letras da Bahia, dedicou um artigo inteiro a criticar a política cultural do então governador da Bahia, Jacques Wagner, por ter, dentre outras coisas, posto fim ao Prêmio Jorge Amado de Literatura e não ter colocado nada no lugar.<sup>94</sup>

Em entrevista concedida ao jornalista Marcos Dias, o diretor da mostra do Museu da Língua Portuguesa, William Naked, mesmo sem falar da gestão política em vigor na Bahia, reconheceu o pouco investimento cultural no que se referia ao legado do escritor e apontou uma motivação para isso: “Há mais faculdades e universidades em outros países com mais cadeiras e professores para estudar Jorge Amado do que no Brasil. Pecamos, de uns 20 anos para cá, alguns por preconceito, sobretudo, por causa dos filmes e séries televisivas com a obra de Jorge Amado, com a nossa grande força literária”<sup>95</sup>.

Outro aspecto identificado como obstáculo enfrentado, naquele contexto, no que diz respeito ao resgate e à valorização de Amado e sua obra, foi certo distanciamento de São Paulo em relação ao romancista. Uma distância que seria de outra natureza que as questões da política cultural baiana e parece ser atribuída a um preconceito. A curadora Ana Curti que, segundo o

---

<sup>93</sup> Cf. NACKED, William apud DIAS, Marcos. Amado embaixador. *A Tarde*. Salvador, p.1, 21 abr. 2012.

<sup>94</sup> AVENA, Armando. Wagner e a cultura na Bahia. *A Tarde*. Salvador, p.3, 16 fev. 2012.

<sup>95</sup> NACKED, loc. cit.

jornalista Marcos Dias, não escamoteou este distanciamento, afirmou o seguinte quanto ao assunto e ao fato de a exposição se iniciar no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo:

O que a gente quer com esta exposição é que essa distância termine e que não haja mais a possibilidade de não encontrar nessa obra e neste homem uma produção literária de altíssimo nível. Se há algum preconceito e mesmo para terminar com ele, nada mais justo do que começar por São Paulo e que a gente combata a partir daqui.<sup>96</sup>

Apesar de concordarmos com a existência de certo preconceito com o autor, acreditamos que ele foi mais celebrado e admirado do que vítima de preconceito. Algo que pôde ser observado, através de toda a oferta cultural em torno do autor, nas celebrações pelo seu centenário de nascimento. Ainda assim, constatamos que a superação de preconceitos ao romancista foi uma preocupação dos envolvidos com a elaboração da exposição *Jorge Amado Universal*. Além de resgatar o valor de Jorge para a Bahia e para o Brasil, a intenção foi sacralizá-lo como grande escritor universal, isto é, à altura de outros escritores do mundo.

Para tanto, havia a intenção de levar a exposição para fora do país. Uma iniciativa que, além de contribuir para celebração da memória do autor, internacionalmente, também teve o objetivo de divulgar o Brasil no exterior. A ideia era que Jorge servisse como uma espécie de embaixador do Brasil e, portanto, a realização da mostra no exterior extrapolaria o Ano Jorge Amado, indo até, pelo menos, a Copa do Mundo e quiçá até as Olimpíadas.<sup>97</sup>

Acreditamos que a ideia da universalidade de Jorge Amado teve origem no início de sua carreira com sua identificação e participação no movimento regionalista dos anos 1930. À frente do regionalismo do Nordeste, Gilberto Freyre divulgou, por exemplo, a ideia de que a essência do nacional estaria contida na autenticidade das manifestações populares que constituiriam as raízes da cultura e da arte regional. Este era também o caminho para se chegar à universalidade,

---

<sup>96</sup> Cf. CURTI, Ana Helena apud DIAS, 2012.

<sup>97</sup> NACKED, loc. cit.

pois a atividade espontânea do povo seria a mais alta expressão dos valores humanos.<sup>98</sup> Somado a isto, a produção literária do autor se desenvolveu envolta pela mentalidade do comunismo, um projeto de sociedade fincado em valores pretensamente universais.

Se há controvérsias a respeito do caráter global da literatura de Jorge, já que foi elaborada a partir de elementos fortemente regionais e por isso não poderia provocar um sentimento de identidade com personagens, histórias, e lugares em indivíduos de outras nacionalidades, não se pode negar, no entanto, o sucesso internacional destas obras e do próprio escritor. Aspecto que o torna universal, isto é, conhecido e reconhecido universalmente.

Devido à forma como foi pensada e aos objetivos que buscou atingir, a exposição sobre o escritor parece ter sido calcada tanto no reforço de uma memória sobre ele como em uma atualização desta. Atualização feita especialmente através do destaque a aspectos desconhecidos do grande público, como por exemplo, a trajetória política do romancista. A presença deste elemento na mostra revelou-se, por si só, como um esforço em enriquecer a memória coletiva que se tinha sobre o escritor. Apesar disto, foi sob uma leitura tradicional, pela qual o engajamento de Jorge está associado ao período de militância partidária, que o seu percurso político foi apresentado ao grande público, do Brasil e exterior.

### *1.2.2 Prêmio Valdeck Almeida de Jesus*

Outra interessante homenagem ao escritor ocorreu através do Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus. Este prêmio foi criado em 2005 por um jornalista, escritor, poeta e ativista cultural baiano, que o denominou com seu próprio nome, Valdeck Almeida de Jesus, e que, desde então, patrocinou a publicação de 5 edições de antologias com autores selecionados através de um edital que ele mesmo abria e divulgava. Sem financiamento e reduzido acesso ao

---

<sup>98</sup> Cf. CANCLINI, Néstor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, p.44, 1984.

produto gerado, pois o número de impressões do livro era baixo, Valdeck Almeida desenvolveu um projeto cultural, que aguarda aprovação do governo, chamado Antologia Poética Baiana. Com isto, ele visa ampliar o referido prêmio e angariar incentivo do Ministério da Cultura e posterior patrocínio cultural.

De acordo com Viviane Vergasta Ramos, que desenvolveu um planejamento para o projeto em questão, o concurso promovido por Valdeck Almeida, exerce influência entre os novos poetas e autores não apenas da Bahia, mas de todo o Brasil e em alguns países de língua portuguesa. Ao longo das cinco edições do Prêmio Literário, foram descobertos e divulgados cerca de 700 poetas. No total foram publicados 1200 exemplares de livros.<sup>99</sup>

A última edição do prêmio, em 2012, foi dedicada ao centenário de Jorge Amado e divulgada em jornais. Foram aceitos textos inéditos e publicados (artigos, crônicas e resenhas) sobre a vida e obra do escritor com até 50 linhas. As inscrições foram gratuitas e realizadas através de e-mail. Um grupo de jurados de diferentes áreas das Letras e das Artes foi chamado para eleger os primeiros colocados e os textos que fariam parte da publicação.

Em *Tenda dos Milagres*, Jorge Amado também parece ter previsto este tipo de homenagem. No romance, a agência de publicidade dedicada à promoção do centenário de Pedro Archanjo, articulou e divulgou o “Prêmio Aguardente Crocodilo”, que sob a aparente intenção filantrópica, promovia o nome da empresa da cachaça, através do uso da imagem de Archanjo. O prêmio previa a doação de cinco bolsas de estudo oferecidas pela Crocodilo para alunos das escolas primárias do ensino público que melhor desenvolvessem uma redação sobre Pedro Archanjo.

Utilizando o humor de maneira crítica, Jorge destacou as distorções que foram ocorrendo a respeito da imagem do homenageado, desde os dados recolhidos pelo historiador

---

<sup>99</sup> Cf. RAMOS, Viviane Vergasta. *Planejamento do Projeto Cultural: Antologia Poética Baiana*. Bahia: Universidade Federal da Bahia. Departamento de Comunicação e Cultura, 2011. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4849085.pdf>> Acesso em: 5 jul. 2016.

Calazans, profissional sério e competente, figura de renome, até o modo como as informações foram apreendidas pelos alunos primários. Além do texto para divulgação ser altamente idealizado pelos funcionários da Doping, a agência de publicidade da ficção, a história de Archanjo, e sua “virtual” vinculação com a marca Crocodilo, sofreu deformações absurdas segundo a apreensão individual de professores e alunos. Ao final, um aluno de nove anos teria composto uma redação dizendo que Pedro Archanjo teria ido para os Estados Unidos com uma “gringa” porque lá tinha muito dinheiro, que só lecionava para médicos e professores e que quando morreu “ganhou prêmio do jornal que era uma bolsa cheia de garrafas de cachaça”.<sup>100</sup>

Diferentemente do prêmio literário idealizado no centenário de Archanjo, o Prêmio Valdeck de Almeida não incluiu compensação financeira para os ganhadores. A premiação foi a publicação dos textos pela editora Perse.

Outra distinção em relação ao que ocorreu no “Prêmio Aguardente Crocodilo”, foi o fato de que não houve, dentre os selecionados para o Prêmio Valdeck Almeida de Jesus, textos que revelassem desconhecimento total sobre a vida ou obra de Jorge Amado. Primeiramente, porque, de fato, o romancista foi, em vida, muito popular, ao contrário de Archanjo. Em segundo, porque aqueles que se dedicaram a escrever os textos parecem ter se empenhado na tarefa de homenagear o romancista. Mesmo que tenham buscado participar do prêmio visando algum tipo de reconhecimento no campo literário, a admiração em relação ao escritor foi também uma forte motivação para os autores.<sup>101</sup>

Apesar de os selecionados para a publicação serem textos, em sua maioria, de pessoas envolvidas com o campo das letras (poetas, professores, escritores, jornalistas), estas desempenhavam, muitas das vezes, funções fora da área (engenheiros, peritos, músicos, físicos, artistas plásticos, advogados etc.). Apesar de a paixão pela literatura estar expressa nas

---

<sup>100</sup> AMADO, Jorge. *Tenda dos Milagres*. 36. ed., Rio de Janeiro: Record, p.193-194, 1987.

<sup>101</sup> Isto ficou explícito, por exemplo em pequena biografia de uma das articulistas que acompanhou o texto escrito por ela. Nesta autobiografia, provavelmente solicitada a todos os candidatos, a autora afirmou que “participa de concursos em prol de seu reconhecimento como escritora”. Cf. JESUS, 2012, p.22.

biografias desses indivíduos, eles não formam um grupo de especialistas na área nem em Jorge Amado, mas sim de admiradores do romancista e de sua obra.

Seguindo a proposta do Prêmio Valdeck, de incentivar novos poetas e autores, o prêmio em homenagem a Jorge Amado não foi proposto a especialistas, estudiosos do escritor. Por este motivo, os textos foram multifacetados em tema e forma e refletiram a maneira diversificada como o autor foi concebido pela memória coletiva, transbordando motes do senso comum.

Os textos variaram entre poesias, crônicas, contos, análises de obras e de personagens. Houve os que se dedicaram a avaliar a vida; outros o conjunto das obras do autor. É certo que alguns elegeram temas a serem desenvolvidos, mas, muitas vezes, o que se percebe é uma mistura entre vida e obra de Jorge, como algo único e quase indissociável. Um modo de perceber a trajetória do romancista que foi comumente encontrada nas suas narrativas biográficas. Esta indissociabilidade entre o real e o imaginário em Jorge Amado, foi tomada muitas vezes na identificação do autor como intérprete e ícone da Bahia e do Brasil.

Os exemplos nesse sentido foram muitos. Alguns deles sugeriram este entendimento logo nos títulos: “Jorge Amado projetou o nome da Bahia para o mundo”, “BAHIA!”, “Jorge Amado, um caso de Amor com a Bahia”, “Amado foi Jorge, que desenhou suas raízes escrevendo!”, “Seu Jorge da Bahia”, “Brasil para mim tem fragrância de Cravo e canela”, “Um país descrito por Jorge”, “Jorge Amado em O Ser Brasileiro”.<sup>102</sup>

Além da questão da identidade, regional e nacional relacionadas ao romancista, já analisadas em estudo anterior<sup>103</sup>, buscamos perceber o modo como a trajetória política e intelectual do romancista foi compreendida nos artigos selecionados para o Prêmio Valdeck. Em um dos textos, escritos sob a forma de poema, o tema apareceu de maneira atrelada à imagem do escritor como símbolo de Brasil e de brasilidade:

---

<sup>102</sup> Todos os textos encontram-se em JESUS, op. cit.

<sup>103</sup> Cf. CALIXTO, 2011.

Com seu ferrenho e ativo patriotismo, entrou para o campo político com a alma sem manchas e sorriso indulgente aos que se postavam em confronto ao seu socialismo, de perfeita adequação ao nosso povo naquela sua “Intentona Comunista”. Mas seu instinto criativo, para nossa satisfação e orgulho que a Nação teria deste filho ilustre, forçou o abandono deste caminho insistente em tirar nosso “Amado Jorge” das letras, e que lhe trouxe consagração eterna.<sup>104</sup>

Abraão Leite Sampaio, autor do texto, relacionou a entrada do escritor na política a uma atitude patriótica. Um patriotismo semelhante ao creditado a muitos daqueles que figuram na História como heróis nacionais e ícones de Brasil. A sua entrada para a política ocorrera, então, em um estado de pureza da alma, tal como um sacrifício para o bem da nação, que parece remontar a D. Pedro II através da sua famosa frase: “Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico”.

O criador do poema afirmou, neste trecho, que para a satisfação da nação, Jorge Amado abandonou o caminho político, que insistia em tirar Jorge do caminho das letras. Aqui ficou claro para nós o entendimento de que o afastamento de Jorge da política estrito senso foi positivado na sua trajetória, apesar de este seu envolvimento ter motivações louváveis. A relação do romancista com a política, no entanto, não foi vista como um fator influente na carreira de Amado como escritor e sim como um possível empecilho superado. Interpretação parecida foi feita por Marina Fernanda Veiga dos Santos de Farias, ao dizer a respeito da trajetória de Amado: “Foi jornalista, e talvez perdido na política, encontrou-se nas letras de todas, nas terras, nas mulheres, no doce encanto de narrar histórias”<sup>105</sup>

Já o texto de Alice Gödke, intitulado “Nosso Amado Jorge”<sup>106</sup>, sugeriu que o envolvimento político-ideológico de Jorge com o socialismo entre os anos 1930-1950 e suas constantes viagens aos países socialistas tiveram consequências positivas na sua trajetória como literato, pois serviram de incentivo para que pudesse viver, mais tarde, de literatura. Ela

<sup>104</sup> SAMPAIO, Abraão Leite. Jorge Amado Leal de Faria, nosso ‘Amado Jorge’ In: JESUS, op. cit., p.19.

<sup>105</sup> FARIAS, Marina Fernanda Veiga dos Santos de. O Mais Amado de Todos. In: JESUS, op. cit., p. 160.

<sup>106</sup> GÖDKE, Alice. Nosso Amado Jorge. In: JESUS, op. cit., p. 25 e 26.

valorizou, então, esta fase do percurso do autor pelo que lhe proporcionou após se desligar da militância partidária.

Outros relatos biográficos também interpretaram este envolvimento político, especialmente as relações do escritor com o PC, como um fator proeminente para o sucesso adquirido por Jorge após o seu desligamento partidário e a possibilidade de o romancista poder “viver de literatura”. Este é o caso do já citado depoimento de Luís Antônio Giron, que sugeriu isto ao dizer que para o romancista “não lhe faltou o poderoso lobby do PC, atuante na área cultural até hoje”<sup>107</sup>. Ressaltamos que, mesmo após o afastamento em relação ao PC, Amado continuou professando a ideologia socialista e cultivando a amizade com a União Soviética. Mesmo tendo sido intensamente atacado pela sua “viragem” literária em direção ao romance de costumes, as obras que escreveu desde então tiveram um enorme alcance nos países do bloco socialista<sup>108</sup>, a começar por *Gabriela cravo e canela*.

De um modo geral, o conjunto dos 68 textos publicados no *Prêmio Valdeck Almeida de Jesus*, quando trataram da trajetória política de Jorge Amado, o fizeram de certa forma como um levantamento de fatos importantes sobre a sua vida. Citaram, por exemplo, o envolvimento com o PCB, o exercício de cargo político, as perseguições e prisões e o desenvolvimento de literatura engajada. Remeteram, portanto, a acontecimentos e vivências correspondentes ao período de atuação que a memória coletiva identifica, mais claramente, a atuação política de Jorge. Apesar disto, estes artigos revelam uma compreensão de que o autor não deixou de ser engajado em nenhum momento. Domingos Ailton, por exemplo, sugeriu que a forma de

---

<sup>107</sup> GIRON, 2001.

<sup>108</sup> Recortes de jornais encontrados no Acervo Jorge Amado da Academia Brasileira de Letras e da Fundação Casa de Jorge Amado dão conta da recepção positiva das obras de Amado nos países do bloco socialista após os anos 1950. Cf. FIGUEIREDO, Guilherme. Um dia depois do outro...Jorge Amado no estrangeiro. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 01 ago. 1961; PEREZ, Renard. ‘Gabriela’ em russo. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 8 ago. 1961, Coluna Literatura; GABRIELA conquista russos. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 10 ago. 1961.

engajamento do escritor na sociedade se deslocou da justiça social para se concentrar na aspiração da liberdade.<sup>109</sup>

Em muitos casos, no entanto, os autores apontaram uma unidade na trajetória de Amado e na sua produção literária embasada, por um posicionamento humanitário do escritor, em favor da justiça social, da liberdade, dos pobres e excluídos, identificado com o povo-nação. Estas características foram explicadas ora como atributos da personalidade, da alma e do espírito do autor, que levaram à adoção do comunismo como ideologia, ora como valores desenvolvidos a partir da sua adesão à ideologia e ao Partido Comunista.

Em “Vozes do Sertão”<sup>110</sup>, Bruno Monteiro Flores, por exemplo, afirmou: “Quando escreveu sua consagrada obra ‘Seara Vermelha’ (1946), Jorge Amado era comunista convicto. Tal posicionamento político se faz presente em sua prosa através de um discurso quase explícito por uma sociedade mais justa e igualitária”.<sup>111</sup> Aqui a presença de discurso em favor da justiça social em uma obra de Jorge parece estar diretamente relacionada à adesão ao comunismo. Identificamos ideia semelhante a esta no texto de Léa Costa Santana Dias:

[...] Amado fala em nome dos excluídos, daqueles que são marginalizados. Falar em nome de outros é sempre um ato político. [...] Sendo Jorge Amado um homem culto, sua voz traz em si mesma um distintivo de autoridade. Mas é pertinente destacar que, quando ele fala, pronuncia-se o intelectual de esquerda e não os capitães da areia ou outro grupo qualquer representado em linguagem. [...] É assim que, comprometido com o propósito de fazer ressoar a voz do escritor em prol da causa comunista, o narrador representa os pobres e humildes como bons e portadores de atitudes nobres; e os ricos e abastados como desumanos, cruéis e perversos.<sup>112</sup>

O trecho acima, além de identificar a valorização que o romancista fazia, em seus romances, aos despossuídos, aos mais pobres, também parece afirmar que ele o fez com uma intenção política quando diz “em prol da causa comunista”.

<sup>109</sup> Cf. AILTON, Domingos. A contribuição de Jorge Amado para a Literatura Brasileira. In: JESUS, op. cit., p. 77 e 78.

<sup>110</sup> FLORES, Bruno Monteiro. Vozes do Sertão. In: JESUS, op. cit.

<sup>111</sup> Ibid, p.43, 44 e 45.

<sup>112</sup> DIAS, Léa Costa Santana. Nem o ódio, nem a bondade: Jorge Amado e a luta proletária no romance Capitães da Areia. In: JESUS, op. cit., p.119 e 120.

Dentre aqueles que ressaltaram a luta pela igualdade, pela justiça social, pelos pobres como atributos da personalidade, da alma de Jorge Amado, que o levaram ao encontro do comunismo, destacamos Lucas Expedito Claro Prado, que afirmou:

[...] Sua posição de autor era pelo povo miserável, explorado, oprimido, e contra quaisquer inimigos desse povo. [...] Quando jornalista, interferiu na política ideológica do comunismo, como outros de sua geração. Suas obras dão destaque às várias questões, como a falta de justiça social, a política, a crença, as tradições e a sensualidade. Pela literatura ele propagou suas ideias sobre esses temas. [...] <sup>113</sup>

O autor do texto parece ter sugerido que tais atributos de Jorge transpareciam no seu posicionamento como escritor. E, com este posicionamento, teria exercido influência, nos círculos comunistas, nos quais adentrou. Sobre o assunto, Marcelo Canto considerou: “Sem dúvida, seu estilo literário ganhou o mundo. Mas Jorge também foi um atuante político. Optou pelo comunismo, talvez pelo desejo de um mundo igualitário”<sup>114</sup>. De maneira semelhante aos casos anteriores, “o desejo de um mundo igualitário” antecede a opção pelo comunismo e a justifica.

Em todos os exemplos citados, e em muitos dos depoimentos observados em que o envolvimento de Jorge com o comunismo – ainda que através do PCB e do exercício de cargo político, por exemplo – foi valorizado de algum modo, o depoente parecia possuir certa empatia em relação ao comunismo. Identificavam nesta corrente, sobretudo, elementos do pensamento relacionados a valores humanos, à solidariedade etc.

Em muitos outros casos, no entanto, as características atribuídas a Jorge não são sequer relacionadas a aspectos de sua trajetória ou pensamento político-ideológico. Isto aparece, por exemplo, na poesia de Dhiogo José Caetano, que expressou: “De forma plena, [Jorge Amado] manifestou solidariedade à humanidade e lutou pelos direitos dos injustiçados”.<sup>115</sup>

<sup>113</sup> PRADO, Lucas Expedito Claro. Leitor brasileiro honrado carrega consigo o Jorge Amado. In: JESUS, op. cit., p.132.

<sup>114</sup> CANTO, Marcelo. Jorge Amado, escritor sem igual. In: JESUS, op. cit., p.135.

<sup>115</sup> JOSÉ CAETANO, Dhiogo. Quero ser um Jorge Amado. In: JESUS, op. cit., p.63.

De um modo geral, acreditamos que os textos analisados, ao valorizarem, sobretudo, o percurso de Jorge como escritor, tenderam a explicar certos tipos de posicionamento político como decorrentes de valores inerentes ao autor. A ausência ou o modo superficial pelo qual o tema política foi tratado pode revelar, assim, que este aspecto foi considerado de menor importância, na trajetória do intelectual. Postura esta que contribui para o esquecimento e para a proliferação de análises simplistas, e, muitas vezes, equivocadas, sobre a trajetória de Jorge Amado.

### 1.2.3 Sessão solene no Congresso Nacional

No dia 6 de agosto de 2012, data em que o desaparecimento do romancista completou onze anos, ocorreu uma sessão solene no Congresso Nacional para celebrar o seu centenário de nascimento. O evento compôs um quadro preñado de sentidos e interpretações quanto à memória de Jorge Amado, sendo transmitidos não só pela fala daqueles que subiram à tribuna, como também pelo rito que envolve este tipo de evento e pelo espaço que ocupa.

Quanto a este último aspecto, avaliamos ser necessário compreender a priori o significado das *sessões especiais* do Senado Federal que são destinadas a celebrações deste porte. De acordo com o Regimento Interno do Senado Federal, “elas ocorrem na ‘Hora do Expediente’ (primeira hora da sessão deliberativa) e destinam-se a comemorações ou homenagens a altas personalidades”.<sup>116</sup>

A investigação sobre as *sessões especiais*, que fazem parte do conjunto de tarefas do plenário, nos revelou, desta forma, que aquele é também um típico *lugar de memória*, tal como expressão concebida por Pierre Nora.<sup>117</sup> Para além da sua funcionalidade específica,

---

<sup>116</sup> BRASIL, *Regimento Interno do Senado Federal* - art. 154 § 5.º e RS 37/95.

<sup>117</sup> Cf. NORA, 1993.

consideramos, portanto, que o plenário do Senado Federal pode ser compreendido como espaço institucionalizado e privilegiado de recuperação, preservação e circulação de saberes, socialmente, relevantes. Um lugar onde a memória é celebrada, mas também, constantemente, reatualizada de acordo com as demandas do presente.

As questões de memória que envolvem solenidades como estas podem ser analisadas ao longo dos trâmites pelos quais a proposta passa, desde o nascimento da ideia até a sua execução, obedecendo ao regimento interno. As sessões especiais são requeridas por senadores em sessões deliberativas no plenário do Senado. É comum a ocorrência de Sessões Especiais conjuntas do Senado Federal e da Câmara dos deputados, possibilitadas pela combinação dos termos de artigos do Regimento Interno do Senado Federal e do Regimento comum.<sup>118</sup> Este foi o caso da Sessão Especial em homenagem ao centenário de nascimento de Jorge Amado, cujo requerimento foi assinado por deputados e senadores.

As motivações para a proposição destas sessões podem ser variadas, mas é possível constatar, em muitos casos, certa identificação dos proponentes com o assunto da comemoração. Identificação que pode ser de cunho profissional, regional, histórico, político, partidário ou mesmo pessoal, cujo ponto de partida, entretanto, envolve datas comemorativas.

Para além da vontade do proponente, a proposta, no entanto, depende de uma deliberação a juízo do Presidente ou por deliberação do Plenário, mediante requerimento de seis senadores, para seguir adiante. Uma vez aprovada, os oradores da sessão são indicados pelo presidente ou por líder de partido ou bloco parlamentar. Todo o trâmite ocorre, assim, através de um grande processo de seleção que diz respeito ao que deve ser digno de ser celebrado. Esta seleção parte, em primeira instância, dos próprios senadores e deputados, que indicam sessões especiais para comemorar certas datas ou fatos específicos e não outros. Em segundo lugar, a

---

<sup>118</sup> Os artigos em questão são o BRASIL, *Regimento Interno do Senado Federal*, art.199 e BRASIL, *Regimento Comum do Senado Federal*, art.153 citados em requerimentos para Sessões Especiais conjuntas.

seleção que acontece pela aprovação ou reprovação do requerimento pelo presidente ou por aqueles presentes no plenário. Por último, pela escolha do orador.

A origem e o prosseguimento de proposições, a escolha de quem terá direito à fala, a preparação daquilo que será dito, e, por fim, o próprio discurso em si, depende, em todo caso, de questões subjetivas e objetivas dos sujeitos que participam do processo. Isto é, de suas trajetórias particulares, de suas vivências, de sentimentos de pertencimento e identidade, da compreensão do papel que ocupam como políticos e cidadãos e, até mesmo, de seus interesses particulares.

Ao lado da relevância atribuída a cada celebração, a aprovação ou não de uma sessão especial é dada também pelo uso da preferência como critério de classificação. Necessário, inclusive para atender ao limite estipulado de no máximo duas sessões especiais por mês.<sup>119</sup> Soma-se a isto a exigência estabelecida de que a primeira comemoração das homenagens somente poderá ocorrer após 25 (vinte e cinco) anos do fato.<sup>120</sup> Estes critérios e exigências funcionam assim como mais uma ferramenta de seleção, que depende, em última instância, das opções feitas por aqueles que participam do processo.

Estas escolhas, por sua vez, são resultado de disputas e negociações, que dizem respeito ao âmbito da memória nacional, tendo em vista o caráter nacional do próprio Senado. Deduzimos que a celebração pelo centenário de nascimento de Jorge foi aprovada por ter sido compreendida como de grande relevância para o país. Relevante por Jorge Amado ser entendido como “alta personalidade”. Por isto, a homenagem a esta personalidade talvez tenha sido preferida a outra ou outras que eventualmente possam ter sido propostas para o mesmo mês.

Além de Jorge Amado, outras personalidades brasileiras já tiveram seus centenários celebrados em sessões solenes no congresso. Os 100 anos de nascimento de Vinícius de Moraes e do músico Luiz Gonzaga, comemorados em 2012, e os 100 anos de morte do escritor Machado

---

<sup>119</sup> Cf. BRASIL, *Regimento Interno do Senado Federal*. Resolução nº 16, de 2011.

<sup>120</sup> *Ibid.*

de Assis, em 2008, por exemplo. Neste sentido, a solenidade dedicada ao romancista seguiu à praxe de se homenagear brasileiros notórios, em sessões especiais do Senado Federal, pela exemplaridade de suas trajetórias ou pelos seus feitos destacados, nas diferentes esferas do conhecimento, da arte ou da política.

Os discursos proferidos, na sessão em comemoração ao centenário de nascimento de Jorge Amado, bem como aqueles elaborados, mas não pronunciados, foram reunidos em livro publicado pelo Senado Federal. A particularidade destes discursos, no conjunto de narrativas biográficas produzidas por ocasião do centenário de Jorge, se destaca duplamente. Primeiro, pelos sentidos que carregam, dadas as questões de memória citadas anteriormente, que envolvem o tipo de solenidade em questão. Em segundo, pela esfera da qual se originam e se destinam: a política.

Por participarem do campo político estrito senso, e também porque Jorge Amado participou dele um dia, os oradores tenderam a perceber o engajamento do autor de uma maneira particular. Tendo em vista as suas próprias trajetórias políticas, acionaram lembranças que fazem parte de uma memória coletiva da política brasileira, também objeto de disputa.

A sessão em homenagem ao escritor, duplamente estimulada – aniversário de morte e de nascimento do escritor – foi requisitada primeiramente pela senadora Lídice da Mata, presidente do Partido Socialista da Bahia (PSB) e representante da bancada da Bahia no Senado. Além dela, foram signatários da requisição o deputado federal pelo Estado de São Paulo, e presidente do Partido Popular Socialista (PPS), Roberto Freire; o senador petista eleito pela Bahia, Walter Pinheiro, a deputada federal pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB) da Bahia, Alice Portugal, o deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT) da Bahia, Amauri Teixeira e o deputado federal pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) da Bahia, Antonio Imbassahy. Além dos requerentes, foram convidados para compor a mesa o Governador da Bahia, Jaques Wagner (PT) e o filho do homenageado, João Jorge Amado.

Chama atenção, inicialmente, a ligação dos participantes da sessão com a Bahia e com o Nordeste, o que pode ser verificado através dos partidos regionais de onde se originam, ou mesmo pela naturalidade de cada um deles. Neste sentido, a identificação destes indivíduos com Jorge Amado pode ser explicada pela própria relação entre o autor e o lugar. Além de nascer na Bahia, ele teve a sua vida e obra plenamente envolvidas com a história e a cultura local, sendo inclusive difícil pensar a identidade local sem pensar no autor e no universo que ajudou a construir.

Certamente que a notoriedade do romancista extrapolou os limites regionais e mesmo nacionais, sendo celebrado em diferentes lugares do mundo. Assim, não seria de se espantar que senadores e deputados de outras regiões do Brasil também tivessem o interesse em propor ou participar de homenagem ao escritor. No entanto, a identificação regional, ajudou a explicar, em parte, porque a iniciativa partiu, principalmente, de políticos baianos e não de outras localidades.

A relação entre Jorge Amado e a Bahia estava presente na própria escolha da música tocada no início da solenidade, logo após a execução do hino nacional brasileiro. Cantada pelo Coral do Senado, a letra da música “Arrastão” fala do universo do pescador, a sua relação com o mar, e com a “rainha do mar”, Iemanjá. Elementos frequentemente tratados nas obras do escritor, sob inspiração de vivências e histórias do povo baiano. Deste modo, a escolha da música por si só, era indicativa de aspectos da memória relacionada a ele, que se buscou acionar e celebrar.

A sua execução no evento fez lembrar a relação do romancista com o candomblé, ao tratar de Iemanjá. Destacou na memória a relação de Jorge, com o mar, com a vida do cais do porto, com a Bahia, com personagens da vida cotidiana, como os pescadores, que podem ser também pensados como pessoas do povo, de vida simples ou pobre. Nos remeteu a histórias de personagens como Guma de *Mar Morto*, das aventuras e desventuras dos capitães da areia,

daquelas contadas pelo capitão Vasco Moscoso de Aragão e tantas outras, familiares do grande público. Exaltou deste modo, o escritor dos costumes, da cultura, da religiosidade e do povo prontamente identificados com a Bahia. Mas esta não foi o a única forma de lembrar Jorge Amado naquela sessão.

Em cada discurso realizado pelos oradores, identificamos elementos e narrativas bastante difundidos no imaginário coletivo, mas também formas particulares de tratar e compreender a trajetória do autor e o seu legado. Tendo em vista os propósitos da presente investigação, analisamos aqui como a questão do engajamento em Jorge Amado foi tratada nos discursos dos oradores.

Do longo e afetuoso testemunho de José Sarney, que privou da convivência de Jorge, tendo sido amigo pessoal do autor e de sua família, alguns pontos podem ser destacados sobre a interpretação que o senador fez da participação do escritor, nos embates políticos e sociais de seu tempo. Tal como muitos o fizeram nas celebrações pelo centenário, Sarney se guiou pelos relatos do próprio romancista, registrados em *Navegação de Cabotagem*, para contar a sua história. O depoimento do político seguiu uma ordem cronológica e lógica que foi mais impressa por ele próprio, visto que os fragmentos de memória reunidos por Jorge não se encontram organizados no livro deste modo.

Dentre as lembranças que selecionou e dos acontecimentos que destacou, Sarney explicitou também a sua interpretação dos fatos, se colocando como alguém que testemunhou grande parte da trajetória do romancista. Lembranças da sua relação pessoal com o escritor permearam, então, toda a narrativa.

O político deixou claro que desejou falar, antes de mais nada do ser humano Jorge Amado. Neste sentido, todas as qualidades expressas, ao longo do percurso do autor, foram identificadas como atributos da alma, da personalidade.

A história de Jorge começou a ser contada, neste discurso, pela sua participação como político, deputado pelo PCB e autor de duas emendas à Constituição de 1946. Para Sarney, a atuação do escritor para conseguir a aprovação da emenda, que instituiu a liberdade religiosa e de culto no país, foi um “trabalho de aglutinação que Jorge fazia dos grandes partidos, naquele momento”<sup>121</sup>. Amenizou assim o vínculo do autor com o Partido Comunista, destacando uma iniciativa de caráter suprapartidário.

Esta tendência apareceu também e, talvez principalmente, no trecho seguinte, que tratou da relação do escritor com o comunismo:

Costumo dizer que o que o fascinou no comunismo é que era uma ideia generosa. Pois essa visão do homem igual, fraternalmente unido ao próximo, foi uma constante na vida de Jorge. Ele acreditou no regime comunista como um sistema que uniria os homens. Quando, antes ainda da revelação por Kruschew dos crimes de Stalin, descobriu que o caminho sacrificava a liberdade – estava em Budapeste em 1951 – sofreu. [...] Jorge pagou um alto preço por sua independência, por – dizia – ‘pensar com a própria cabeça’. O patrulhamento ideológico correu alto e forte a denunciar a sua decadência como autor, sua submissão à literatura de vendas, e a crítica a encontrar defeitos na sua obra. Na verdade Jorge continuou fiel ao povo brasileiro, e este se reconheceu em toda a sua obra<sup>122</sup>.

De acordo com esta visão, o envolvimento do autor com o PC teria a ver, sobretudo, com o posicionamento humanitário e solidário do autor, em defesa da igualdade e menos com questões políticas estrito senso. Esse entendimento justificaria a sua saída do Partido, já que sua postura seria incompatível com a aceitação dos crimes do regime soviético. Um exemplo de tentativa, por parte de Sarney, de minimizar o vínculo do romancista com o Partido.

De outro modo, a unidade e coerência da trajetória de Jorge foram apontadas, também, na posição do autor ao lado do povo brasileiro, dos mais pobres e excluídos. Além disto, foi visto como síntese das suas virtudes e grandezas. Um escritor que incorporou a alma do povo brasileiro.

---

<sup>121</sup> SARNEY, José. Discurso. In: SESSÃO SOLENE DO CONGRESSO NACIONAL PARA CELEBRAR O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JORGE AMADO. Brasília: Senado Federal. 6 ago. 2012.

<sup>122</sup> Ibid.

Celebrado como intérprete e ícone de certa brasilidade, a forma de engajamento desenvolvida por Jorge Amado e exaltada no discurso de Sarney, é a social, desenvolvida não só como cidadão, mas também como escritor e político. Uma participação, cuja motivação partiu de virtudes próprias do escritor, de sua “capacidade de agir para construir o bem, e na visão aberta do mundo, alcançar o coração de cada pessoa, cada leitor ou testemunha de sua vida”.<sup>123</sup>

As lembranças pessoais de Sarney, que foram acionadas em seu discurso, parecem reforçar este entendimento. O senador afirmou que seu primeiro contato com o romancista, foi ainda moço, através da obra *O Cavaleiro da Esperança* passada a ele pelo poeta Bandeira Tribuzzi que queria lhe doutrinar para o marxismo. Apesar de seduzido por aquela história, que o levou, a partir de então, a ser um leitor das obras de Jorge, assegurou que a sua fé o impediu de entrar para o Partido Comunista. Sarney disse que o conheceu quando este já havia se afastado do PC e que o entusiasmo do romancista ao acolher sua primeira obra, *O Norte das Águas*, ultrapassou mesmo o esperado de sua fama de generosidade.

Sentindo-se parte do universo familiar de Jorge, Sarney ofereceu testemunho de sua amizade com o escritor, de momentos e viagens da qual participou com o romancista. Algumas destas vivências indicaram uma participação política do autor junto a Sarney. Em certo trecho, o político relata, por exemplo, episódio ocorrido em Cabo Verde, enquanto ele estava em palanque junto com Jorge e Aristides Pereira. Em outro momento, afirma que o escritor o ajudou a negociar com o embaixador Jorge Bolanõs o restabelecimento das relações com Cuba. Sarney teria chegado a convidar o romancista para ser embaixador do Brasil em Cuba e Zélia, para ministra da cultura, tendo ambos recusado.

Mesmo sem participar da esfera do governo, o senador afirmou que a presença de Jorge engrandeceu duas viagens oficiais que fez, uma a Portugal e Cabo Verde, outra à França e à

---

<sup>123</sup> Ibid.

União Soviética. Bem como se deduz do relato sobre a viagem a Cabo Verde e da negociação pelo restabelecimento das relações com Cuba, o depoimento de Sarney indicou que, tanto nas viagens citadas como possivelmente em episódios ocorridos em território nacional, o escritor buscou dar a sua contribuição para assuntos políticos, mesmo de fora desta esfera. Neste sentido, destacamos que a participação do intelectual junto a Sarney, especialmente quando este ocupava a presidência da república, se refere a um período no qual a atuação de Jorge fora do âmbito literário, é pouco citada.

Em termos de engajamento político, Sarney discorreu, em seu depoimento sobre a fase militante de Jorge junto ao PC. Tratou dos contextos de atuação, das prisões, das intervenções feitas pelo escritor, da literatura de tipo proletária, das redes de relações que marcaram a trajetória do escritor entre os anos 1930-1950. Apesar disto, parece ter considerado que a sua participação política não se limitou a este período. Ele ressaltou que, logo após se afastar do Partido, o autor passou a escrever e dirigir com Oscar Niemeyer o jornal *Para Todos*, que, entre outras coisas, defendia a construção de Brasília.

De fato, Sarney nada tratou da participação de Jorge, ao longo do regime militar, que não como escritor. Resgatou somente a sua atuação, para além da literatura, quando falou da contribuição dele em seu governo. Ainda assim, seu testemunho nos ajudou a compreender uma forma de atuação política do autor mesmo sem estar atrelado a partidos, e mesmo após se afastar do PC. Um tipo de participação diplomática, valendo-se da sua influência como escritor de fama e sucesso, da sua influente rede de relações pessoais no campo político, e do seu histórico como político negociador.

A senadora Lídice da Mata, por outro lado, destacou antes a relação de Jorge Amado com a Bahia do que com o Brasil<sup>124</sup>. Isto ficou explícito em fragmentos como: “Há exatos 11 anos, em 6 de agosto de 2001, quase às vésperas do seu aniversário, a Bahia perdia seu maior

---

<sup>124</sup> DA MATA, Lídice. Dircurso. In: SESSÃO SOLENE DO CONGRESSO NACIONAL PARA CELEBRAR O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JORGE AMADO. op. cit.

escritor, aquele que mais a conhecia e amava”; “e foi esse território, a Bahia, que ajudou a construir no imaginário nacional e internacional”; “é sem dúvida o escritor que melhor percebeu, que melhor captou o coração, a vida, do povo trabalhador do nosso País, em especial da Bahia”.<sup>125</sup>

Lídice da Mata parece também ter entendido que a principal forma de engajamento de Jorge Amado, foi ao lado do povo, mas não um povo que genericamente representaria o Brasil, mas sim os trabalhadores. Ela enfatizou a identidade socialista de Jorge que para ela nunca deixou de existir, mas dividiu a sua trajetória em duas fases, em conformidade com a sua literatura. A primeira fase seria aquela na qual a literatura *amadiana* foi utilizada como ferramenta da militância política. Na segunda, inaugurada com *Gabriela*, o autor teria libertado seus personagens das amarras ideológicas do militante político e deixado para trás a perspectiva única do romance proletário, optando pelo romance de costumes.

Mesmo sem o comprometimento político exigido de um militante ou homem de partido, e sem a produção de literatura proletária, a senadora observou, no entanto, que Jorge Amado continuou a opinar e a intervir na política, de acordo com a sua postura ideológica. Quando da queda do muro de Berlim, resgatou a seguinte declaração do romancista: “O capitalismo conserva-se o mesmo sistema frágil e injusto, produtor de guerras, de miséria, baseado no lucro, na ânsia do dinheiro. São razões muito miseráveis”<sup>126</sup>

A senadora destacou também outro episódio no qual se envolveu:

Jorge Amado permaneceu solidário, ajudando com seu apoio, a esquerda brasileira e baiana. Na Constituinte de 1988, assinou manifesto de apoio – para não entrar na polêmica – às candidaturas ligadas ao PCB, do seu grande amigo Fernando Santana, e de Domingos Leoneli, e a do PCdoB, de Haroldo Lima e a minha própria.<sup>127</sup>

---

<sup>125</sup> Ibid, passim.

<sup>126</sup> AMADO, Jorge apud Ibid.

<sup>127</sup> DA MATA, op.cit.

Lídice da Mata apontou com este relato um tipo de atuação de Jorge, no contexto da redemocratização, que é aquele desenvolvido através de manifesto. Um tipo de recurso utilizado por ele, em muitos outros momentos de sua trajetória, até mesmo como militante político, como forma de opinar, mas, sobretudo, como meio de pressionar as instâncias governamentais para a aceitação, recusa, ou supressão de projetos.

No caso tratado, percebemos que, apesar da sua saída do PCB, das críticas que fez ao partido e das que recebeu de seus membros, Jorge apoiou candidaturas de políticos do PCB em momento que o partido saía da ilegalidade. Mas apoiou também candidatos do PCdoB, partido criado de uma cisão no PCB. Esta postura indica que, para além da legenda, ele não só tinha uma identificação com os partidos de esquerda como também constatava a necessidade de manifestar apoio a candidaturas a eles ligadas. Isto é, buscava contribuir para a aprovação de candidatos por meio da sua influência. Desta forma, se posicionava e atuava no jogo político daquele contexto.

A senadora lembrou também que recebeu manifestação de apoio do escritor em duas campanhas eleitorais: a que encabeçou uma chapa ao Governo do Estado, e logo depois, em campanha vitoriosa para a Prefeitura de Salvador, em 1992. Além disto, destacou a ocorrência de visitas frequentes do escritor a ela, em diversos momentos de seu governo.

Assim como Sarney, Lídice da Mata não ofereceu pistas da atuação política de Jorge, ao longo do regime militar, mas através de seu testemunho pessoal revelou um envolvimento e participação do intelectual em questões políticas, no contexto da redemocratização.

Além disto, a senadora enfatizou também o engajamento do autor no âmbito das políticas públicas para a cultura ao narrar o seguinte episódio, envolvendo manifestação religiosa e cultural da Bahia:

O amor à cultura brasileira tornou-se a luta de Jorge Amado para salvar uma secular festa realizada anualmente, no dia 15 de agosto, pela Irmandade da Nossa Senhora da

Boa Morte, em louvor à Nossa Senhora da Boa Morte na cidade em que nasci, a histórica Cachoeira [...]

Inconformado com o abandono, por parte dos poderes públicos, de uma importante manifestação religiosa e cultural, indignado e impaciente por não vislumbrar uma solução em curto prazo, enviou à *Folha de S. Paulo* uma carta aberta – *Tomo da Guia de Esmoler* –, publicada em 17 de janeiro de 1995. Em 1º de fevereiro, a *Folha* publicava nota intitulada *Pronta resposta*: após ler artigo de Jorge Amado, sexta, na *Folha*, o Presidente da República de então mandou fax ao escritor dizendo ter instruído o Ministério da Cultura a identificar modalidades de apoio à Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, considerada ‘entidade de inestimável importância cultural para a comunidade baiana e para o Brasil’ [...]<sup>128</sup>.

Este relato é indicador de outro campo da ação do romancista, no que se refere à política, aquela destinada à cultura, e também outra forma de atuação: a veiculação de carta aberta em jornal como forma de denúncia e de requisição quanto a projetos político-culturais. Um tipo de engajamento, nos limites entre a política e a cultura, que é pouco tratado nas narrativas biográficas a respeito do autor, com exceção da sua ação como deputado federal na proposição de emenda pela liberdade ao culto religioso e quanto à outra referente aos direitos autorais.

De todos os que discursaram na sessão em homenagem a Jorge Amado, certamente, foi o deputado Roberto Freire quem mais destacou a trajetória política do romancista. Aproveitando que a ocasião coincidia com as celebrações pelos 90 anos da presença comunista no Brasil, o político buscou fazer uma reavaliação não só do percurso como também da imagem de Jorge como ser político. Roberto Freire não pronunciou seu longo discurso na íntegra, pois lhe pareceu desnecessário repetir análises que José Sarney já havia feito. Apesar disto, o discurso foi publicado integralmente nos anais da sessão e se apresentou como um importante objeto de análise para esta pesquisa. Isto tanto pelo tema a que se dedicou como pelas questões relacionadas à memória das esquerdas que o perpassam.

Por estes motivos, optamos por investigar o discurso completo àquele resumido, pronunciado na sessão. Logo de início, o debutado refletiu sobre o objetivo da iniciativa, que deu origem à sessão especial:

---

<sup>128</sup> Ibid.

Sr. Presidente, Sras. E Srs. Deputados, quando tivemos a iniciativa de solicitar a realização desta sessão especial do Congresso, para registrar o centenário de nascimento do escritor Jorge Amado, sem dúvida um dos mais brasileiros e mais universais de nossos romancistas, não pretendíamos apenas homenagear este gigante da literatura, mas também relembrar para os mais antigos e dar conhecimento às novas gerações do dedicado e exemplar militante comunista do PCB, por cuja legenda foi Deputado Federal Constituinte, durante os anos de 1946 a 1948, eleito por São Paulo<sup>129</sup>.

Este trecho do depoimento deixou claro que, juntamente à celebração pelo centenário de nascimento de Jorge Amado, houve a intenção, por parte dos proponentes da sessão, de celebrar a trajetória dele como comunista. Uma intenção compreensível pelo fato de grande parte dos requerentes terem sido de partidos que compartilham de uma identidade comunista. Alguns requerentes, inclusive, desenvolveram trajetórias junto ao antigo PCB, como é o caso do deputado Roberto Freire, filiado ao Partido Popular Socialista (PPS).

A forma como a memória do antigo PCB foi apreendida, em cada partido, variou, pois, de acordo com o modo pelo qual cada um destes organismos administrou a própria história. Variou de acordo com a própria identidade política dos partidos, isto é, daquilo que defendem e daquilo que condenam. Eles celebraram, na memória coletiva, os caminhos realizados nas lutas internas do PCB, que levaram à criação de cada um deles.

A posição de Roberto Freire em meio a estas batalhas de memória, dada a sua vinculação partidária, exerceu, assim, certa influência na forma como a trajetória político-ideológica de Jorge foi apreendida por ele. O deputado não se limitou a tratar do período no qual o escritor foi militante pelo PCB. Ele resgatou histórias conhecidas da infância e juventude do romancista para afirmar que o autor “teve sorte de começar a entender a vida [...] para se tornar um militante político e um criador literário, num período sociopolítico e intelectual de grande agitação e mudanças no País”<sup>130</sup>, referindo-se aos conturbados anos 1920-1930.

---

<sup>129</sup> FREIRE, Roberto. Discurso. In: SESSÃO SOLENE DO CONGRESSO NACIONAL PARA CELEBRAR O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JORGE AMADO. op. cit.

<sup>130</sup> Ibid.

O relato detalhado da atuação de Jorge Amado foi lembrado por Freire em meio a comparações com a sua própria trajetória. O deputado afirmou que, assim como o escritor, também foi apresentado a temas e discussões em torno da realidade mundial e brasileira a partir da sua inserção na Faculdade de Direito. Neste meio, se incorporou a ações e movimentos estudantis e políticos, culminando, assim como Jorge, em sua adesão à Juventude Comunista e, posteriormente, ao PCB.

O percurso do autor foi lembrado, juntamente com a trajetória do movimento comunista no Brasil, destacando-se, por exemplo, que, na conjuntura em que a Aliança Nacional Libertadora foi criada, como tática aplicada pelo PCB diante da ascensão do nazismo ao poder na Alemanha, Jorge Amado se tornou redator do órgão da ANL, no jornal *A Manhã*, em 1935.

Roberto Freire lembrou a atuação de Jorge Amado como escritor e militante comunista: as suas prisões durante o Estado Novo; a publicação do *Cavaleiro da Esperança* (142) como campanha pela anistia de Prestes; os livros queimados; a participação em periódicos como *Dom Casmurro*, *Diretrizes*, *O Imparcial*, *Hoje*; a sua participação como organizador do I Congresso de Escritores Brasileiros; a sua colaboração nos movimentos e ações patrióticas após o rompimento do Brasil com o Eixo na Segunda Guerra Mundial.

Quanto a este último aspecto, o deputado enfatizou que o engajamento de Amado à causa patriótica e ao movimento antifascista, naquele contexto, atraiu simpatizantes do PCB, os meios jornalísticos e intelectuais. Afirmou que “em torno dele gravitava a atividade a um intenso trabalho cultural que se desenvolveu paralelamente ao movimento patriótico que empolgava a Bahia [...]”<sup>131</sup> indicando um engajamento cultural juntamente com o engajamento político.

---

<sup>131</sup> Ibid.

A questão da unidade nacional, no enfrentamento a regimes autoritários, foi acionada por Roberto Freire ao destacar a atuação do PCB, ao longo de sua trajetória. Além da mobilização patriótica contra o Eixo, o deputado ressaltou que, nos dois períodos de ditadura no Brasil, o Estado Novo e o regime militar, o PCB foi o único partido que buscou estimular a participação crescente de pessoas e correntes de opinião em todas as ações que criassem condições para a derrocada do autoritarismo e a retomada do processo democrático.

A estratégia da frente ampla apareceu, neste relato, como tática principal do PCB no combate ao autoritarismo do governo. No que se refere ao período da ditadura militar, foi categórico ao afirmar que:

No seio das forças de esquerda, a divisão se limitou muito nítida: entre os que defendiam a reconquista da democracia, pela via aberta da política de massas, e os que optavam pelo combate estreito da luta armada, via guerrilha urbana e rural, de *minúsculos* grupos tidos como revolucionários para assaltar o poder e nele implantar a ditadura do proletariado<sup>132</sup>.

Como forma de “angariar corações e mentes”, o deputado afirmou que o PCB decidiu em 1945 adotar uma iniciativa inovadora em termos de disputa eleitoral. Tendo clareza do papel importante da comunicação para a conquista deste seu objetivo, o Partido passou a implantar gráficas e editoras em importantes capitais do país. Apoiado nelas, lançaram jornais, revistas e livros difundindo informações, análises e propostas que iam ampliando seu raio de ação e sua força política.

Jorge Amado teria participado ativamente destas editoras e publicações, escrevendo e sendo chefe delas, em vários momentos, além de criar e coordenar o trabalho de divulgação visual do PCB em 1945. Ele seria responsável por várias campanhas publicitárias do Partido, idealizador de importantes comícios, além de secretário do Instituto Cultural Brasil-URSS. Por

---

<sup>132</sup> Ibid.

toda esta importância dentro da organização, somada a sua visibilidade natural por ser um escritor famoso, a candidatura do romancista foi pensada e executada.

De acordo com o depoimento, a atuação de Jorge como parlamentar foi intensa não só pelas emendas que conseguiu aprovar, dentre as 15 emendas que sugeriu ao Projeto de Constituição, mas também pelo seu papel ativo em Plenário e nas Comissões. Ele denunciava a patrulha por parte do governo, lutava pela ampliação das liberdades individuais e políticas nas propostas do PCB, e, além disto, era encarregado de saudar em nome da bancada comunista, várias personalidades de destaque em visita ao Parlamento.

Como membro da Comissão de Estudo das Indicações, o escritor formulou diversas indicações e pareceres sugeridos por outros Constituintes, mesmo em um clima anticomunista crescente vivenciado no início da Guerra Fria. Roberto Freire ressaltou assim a contribuição do autor como parlamentar que seguiu no cargo, mesmo contra o seu desejo, até seu mandato ser cassado junto com o Partido, em 1947.

O autor teria desenvolvido também intensa atividade após a cassação de seu mandato e de seu exílio voluntário. Além dos contatos com intelectuais comunistas e outros democratas, colaborou para a realização de vários Congressos de Escritores e outros eventos elaborados por comunistas. Essa sua atuação dentro e fora do país teria contribuído para que recebesse os maiores prêmios que um intelectual e político mereceria, com a exceção do Nobel de Literatura.

Quanto à literatura *amadiana*, Roberto Freire não considerou qualquer tipo de ruptura. Destacou o teor político-ideológico do livro que o romancista não conseguiu terminar por conta de seus problemas de saúde. *Bóris, o Vermelho*, seria uma sátira não só ao anticomunismo brasileiro, mas a todo tipo de tirania. O deputado corroborou uma narrativa frequente nos discursos de memória sobre o autor de que a produção intelectual de Jorge Amado sempre esteve pautada no posicionamento “pela liberdade contra o despotismo e a prepotência; pelo explorado contra o explorador; pelo oprimido contra o opressor; pelo fraco contra o forte; pela

alegria contra a dor, pela esperança contra o desespero”.<sup>133</sup> Afirmou que o caminho escolhido por ele foi a de constante fidelidade aos ideais democráticos. Destacou a tomada de posição de Amado frente aos embates e dilemas de seu tempo, afirmando que este jamais foi imparcial.

Roberto Freire não se furtou a falar do rompimento do escritor com o stalinismo e o abandono da militância partidária, pelo contrário. Buscou trazer dados que ajudam a “desmontar, neste seu primeiro centenário de nascimento, a lenda de que ele tenha abandonado de vez os seus princípios, que haja se omitido ante o advento do golpe de 1964”.<sup>134</sup>

O deputado apontou que, de certo modo, o abandono da militância partidária significou fidelidade a seus princípios ideológicos. Afirmou que além de recusar inúmeros convites para se integrar a partidos que também se diziam de esquerda, o escritor ainda criticou, abertamente, o surgimento de partidos com a palavra comunista em suas siglas respectivas, considerando-os mero oportunistas. Postura adotada por outros comunistas da época como Astrojildo Pereira, Ênio Silveira, Nelson Werneck Sodré, Oscar Niemeyer e outros.

Ressaltou que, mesmo magoado, o autor jamais renegou seu passado de militância partidária nem as lãureas do tipo Prêmio Stálin da Paz. A União Soviética e o restante do então bloco socialista jamais vetaram o seu nome para presidir ou participar de encontros internacionais pela cultura e/ou pela paz, depois que se afastou do PCB.

No que se refere ao posicionamento de Jorge Amado perante o regime militar, Roberto Freire foi categórico ao afirmar que o romancista não se manteve neutro, conforme versões desonestas que teriam circulado, na época. Um dos argumentos utilizados para comprovar esta afirmação seria o fato do escritor só se referir aos golpistas como gorilas.

Além disto, Freire assinalou que o escritor assinou manifesto do Comando Geral dos Trabalhadores Intelectuais, segundo ele, criado pelo PCB, em plena clandestinidade. Mesmo sem oferecer maiores detalhes, afirmou que Jorge ajudou dezenas de perseguidos políticos, de

---

<sup>133</sup> Ibid.

<sup>134</sup> Ibid.

todos os partidos, a deixarem o país e também auxiliou seus respectivos familiares, enquanto lutou contra as prisões e, sobretudo, contra as torturas.

Outro dado considerado foi a afirmação de que o romancista era tão odiado pelos “protofascistas militares” como qualquer outro militante de esquerda. A diferença que o político considerou foi que o escritor desenvolveu uma “militância do dia-a-dia”, usando seu prestígio de romancista para, além do que já foi dito, enviar notícias ao exterior, pedindo liberdade e também esclarecimentos sobre a participação oficial brasileira na chamada Operação Condor. Para o deputado, o auge da irritação do intelectual naquele período se deu com o assassinato de Carlos Marighella. Apesar de discordar da sua forma de luta contra o regime militar, Marighella foi seu amigo de adolescência baiana, camarada de PCB e depois colega de constituinte.

No contexto da redemocratização, Jorge Amado teria apoiado a candidatura de Roberto Freire à Presidência da República, pelo PCB, na primeira eleição direta após 25 anos de ausência de disputa democrática em 1989. O seu apoio foi manifestado através de declarações públicas e até de gravação de imagem, nas quais o escritor afirmaria abertamente que Roberto Freire seria o portador das melhores ideias e propostas na luta para fazer reformas estruturantes, sem as quais o Brasil continuaria sendo um gigante de pés de barro. Em entrevista à revista *Isto é*, o apoio a Freire foi lembrado por Jorge em certo tom de lamento que contrasta com a seguinte lembrança positiva de Freire: “você tem esse Partido Comunista [*atual PPS – Partido Popular Socialista*], coitado... Acho que o melhor discurso da campanha eleitoral foi o do Roberto Freire. Não levava a nada porque não tinha nenhuma personalidade, mas foi um discurso honrado”.<sup>135</sup> O escritor afirmou ainda nesta declaração que, naquela eleição, torcia pelo Mário Covas, mas votou, no primeiro escrutínio, em Roberto Freire e no segundo, em Lula.

É certo que o testemunho de Roberto Freire, assim como os demais, heroifica a trajetória de Jorge Amado, exaltando-o como intelectual e militante político. Uma tendência esperada em

---

<sup>135</sup> AMADO, Jorge apud CARTA, Gianni. Jorge, o amado do Brasil. *Isto é*. São Paulo: p.71, 29 jul. 1992.

ocasiões de celebrações da memória tal como foi aquela sessão solene. Além disto, a sacralização do indivíduo e de seu percurso também ocorreu, possivelmente, pela identificação do depoente em relação ao mesmo. Uma identificação político-ideológica e também pessoal, em que pese igualmente o sentimento de gratidão, já que Roberto Freire recebeu, de certo modo, apoio do escritor em sua candidatura, nas eleições de 1989.

O deputado não tratou das relações pessoais, do posicionamento ambíguo de Jorge em relação a personagens e discursos identificados com o regime, ainda que cite amizade do autor com Antônio Carlos Magalhães, por exemplo. Não se aprofundou também nas críticas realizadas pelo escritor em relação ao PCB nem nas que sofreu após sair do Partido. Mesmo apontando somente os aspectos considerados positivos na trajetória dele, consideramos importante o relato trazer elementos sobre o papel desenvolvido pelo romancista após abandonar a militância político-partidária, e, especialmente, durante o regime militar que são desconhecidos por muitos.

Destacamos, no depoimento, a relevância dada à “militância do dia-a-dia” exercida pelo escritor como cidadão político que, na memória coletiva elaborada sobre o autor e sobre o período, parece não ter recebido ainda muita importância. No relato, Roberto Freire pareceu, então, tentar restaurar certa imagem de Jorge Amado como intelectual não só comunista, mas de esquerda, de um modo geral, marcando o seu posicionamento contrário ao regime.

Diferentemente de Roberto Freire, o governador da Bahia, Jacques Wagner (PT), não abordou em seu discurso a trajetória política de Jorge, mas ressaltou a sua contribuição para a democracia ao criar a lei que assegura o direito à liberdade de culto religioso. Em termos de engajamento, Jacques Wagner também destacou o feminismo na literatura do romancista, mas não foi além. A contribuição de Jorge Amado para a cultura foi tratada por intermédio do universo criado pelo escritor, isto é, da simbiose existente na relação deste com a Bahia. A identidade baiana de Jorge foi o principal elemento destacado no relato. O político tomou esta

relação como ponto de partida para a exaltação da cultura do Estado que governa, bem como meio para tratar das realizações de seu governo em benefício da “Bahia de Jorge”.

O Senador Walter Pinheiro (PT), por seu turno, exaltou o comprometimento político-social de Jorge Amado como escritor e cidadão. Acima de tudo, o engajamento em favor da democracia social e racial como lutas nas quais sempre esteve empenhado. A sua argumentação se baseou numa análise do pensamento e do discurso do escritor, sem contextualizá-lo em períodos ou em ações específicas. Assim, acionou uma narrativa comum tendo como efeito seu reforço.

O deputado Antonio Imbassahy (PSDB) também não calcou seu discurso na trajetória do autor. Preferiu lembrar alguns trechos ditos e escritos pelo homenageado e por outras personalidades a seu respeito, em momentos significativos de sua vida. Selecionou trechos que tenderam a corroborar o talento nato do escritor, a grandeza de sua criação e a relação estreita entre o imaginário criado por ele e a realidade.

A homenagem da senadora Ana Amélia em seu discurso se fez através da narração da história de uma gaúcha que se encantou pela Bahia ao ler romance de Jorge e aos 19 anos decidiu morar em Salvador. Ela afirmou que o escritor era “um cidadão político, envolvido com seu tempo, com a ideia de justiça, com a ideia de igualdade, liberdade e transparência”.<sup>136</sup>

O testemunho do deputado Emiliano José, partiu do entendimento de que o escritor foi “inventor do Brasil moderno”<sup>137</sup> para afirmar a influência que este exerceu sobre a geração da qual o político fez parte: “Uma geração nascida nos meados da década de 40, especialmente de uma parte dela que se desenvolveu nas lutas do pré-64 e, de modo especial, na luta para derrotar

---

<sup>136</sup> LEMOS, Ana Amélia. Discurso. In: SESSÃO SOLENE DO CONGRESSO NACIONAL PARA CELEBRAR O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JORGE AMADO, op. cit.

<sup>137</sup> SILVA FILHO, Emiliano José da. Discurso. In SESSÃO SOLENE DO CONGRESSO NACIONAL PARA CELEBRAR O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JORGE AMADO, op. cit.

a ditadura [a militar]”.<sup>138</sup> Segundo o deputado, essa geração foi de ávidos leitores da primeira fase de Jorge Amado, que se revelou para eles extraordinária naquele momento.

Afirmou que a leitura daquelas obras era um alento para eles que talvez admirassem mais o lado engajado da obra do que a sofisticação da criação dos personagens. A preferência pela literatura da chamada 1ª fase ocorria em virtude de certa identificação constatada entre aqueles jovens e o período em que Jorge escreveu aquelas obras. A militância expressa na sua literatura na luta contra o Estado Novo, os ajudava a se fortalecerem na luta contra a ditadura militar, sendo um alento. Neste sentido, Emiliano José considerou que Jorge Amado, com a sua literatura, formou e estimulou, politicamente, muitos de sua geração.

Apesar disto, o político observou de maneira positiva o afastamento do autor em relação à militância político-partidária e o abandono do romance proletário. Ele compreendeu que, após o baque da descoberta dos crimes do regime soviético, Jorge submergiu escrevendo e nunca se desvinculou dos ideais do socialismo e da liberdade. A sua literatura teria evoluído ao tratar de um Brasil bem menos esquemático, mas revelador da complexidade e da beleza do povo baiano e brasileiro. Deste modo, também teria contribuído para que a geração do deputado, de militantes de esquerda, passasse a compreender a realidade de maneira menos maniqueísta.

A “nova fase” do romancista, marcada por obras como *Dona Flor*, teria revelado a eles, dentre outras coisas, que a felicidade não é um estado contínuo, mas que poderia ser vivida, buscada, em meio a cenários de dificuldade. Quanto a isto, esclareceu exemplificando:

[...] A vida não caminha em linha reta. Não cabia torcer contra a Seleção Brasileira porque a ditadura aproveitava-se eventualmente das vitórias dela. Os militantes dos ásperos tempos passavam a acreditar que tinham direito à felicidade, ao prazer. E o nosso Jorge, o nosso amado doutor em romance, firma suas convicções libertárias, despe-se de maniqueísmos, abre-se amplamente para o mundo, apaixona-se mais e mais pela religião negra, pelo candomblé. [...] <sup>139</sup>

---

<sup>138</sup> Ibid.

<sup>139</sup> Ibid.

A principal contribuição de Jorge Amado, ao longo do regime militar, foi visto, portanto, através de seu papel como escritor, cuja literatura de duas fases de sua trajetória teria influenciado de maneira distinta aqueles que vivenciaram o período. Se seus romances proletários ajudavam a dar força ou inspiravam aqueles que lutavam contra o regime militar, suas crônicas de costumes ofereciam uma forma mais complexa de perceber e de vivenciar a realidade. Por este motivo, o deputado ponderou que as duas fases de Jorge são complementares e o tornam um escritor singular como artista da alma e das lutas do povo brasileiro.

Convidado de honra e único orador a discursar na sessão sem exercer cargo político, João Jorge fez um breve, mas revelador testemunho sobre seu pai, Jorge Amado. Dos poucos pontos que João Jorge destacou sobre o pensamento e trajetória de seu pai, o primeiro foi sobre a questão racial. Afirmou que seu pai era um seguidor de Gilberto Freyre e que o considerava atual mesmo tendo suas ideias criticadas como defasadas. Reafirmou a ideia de que o Brasil é um país mestiço, não só racialmente, mas culturalmente, e que a miscigenação é a única solução existente para o problema racial, “se é que alguém acredite que há raças além da humana”.<sup>140</sup>

Além de lastimar a perda do intelectual pelo seu talento como escritor e pela sua posição como filho, João Jorge tratou, por último, da posição política do escritor, resgatando certo episódio com o objetivo de mostrar um aspecto desconhecido por muitos quanto ao pensamento do autor. Relembrou que estava em Paris com ele por ocasião do esfacelamento da União Soviética e haviam assistido à queda do muro de Berlim, alguns anos antes. Em resposta a sua perplexidade e inquietação frente àqueles acontecimentos, Jorge teria realizado certa análise sobre as duas revoluções que, para ele, teriam marcado o destino da humanidade: a Revolução Francesa, entendida como revolução democrática e burguesa, e a Revolução de Outubro, socialista. A reflexão teria sido a seguinte:

---

<sup>140</sup> FARIAS, João Jorge Amado. Discurso. In: SESSÃO SOLENE DO CONGRESSO NACIONAL PARA CELEBRAR O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JORGE AMADO, op. cit.

Na Revolução Francesa houve os maiores absurdos, os maiores crimes: Robespierre, guilhotina e tudo mais. Nada disso impediu que ela fosse de uma importância imensa para que a humanidade fosse à frente. Depois da Revolução Francesa, com Napoleão, voltou-se à monarquia. E depois de Napoleão voltaram os Luíses. Foi um pequeno retrocesso, mas não impediu que a humanidade desse um passo à frente e seguisse com os ideais da Revolução Francesa.

E viu-se o mesmo acontecer com a Revolução de Outubro, com a revolução socialista. Houve crimes, não só de Stálin, como também alguns crimes que permaneceram e o desvio da democracia. Passou-se a ter um socialismo sem democracia. Mas isso não impede que a humanidade continue andando e um dia vai chegar a um socialismo, que é o destino da humanidade. Essa visão deu certo alento. Disse: *“Olha, a coisa não é tão ruim quanto se pinta, não é tão feia”*<sup>141</sup>[grifo do original]

Com este relato, João Jorge reafirmou o posicionamento político do pai como intelectual comunista que acreditava na inevitabilidade do socialismo. Demonstrou como ele manteve uma visão evolutiva e pré-determinada da história e que apesar de avaliar o stalinismo como um retrocesso, naquele contexto, o escritor acreditava que, assim como outras revoluções importantes da história, a Revolução de Outubro e a experiência concreta da União Soviética foram válidas. Isto é, mesmo tendo chegado ao fim, a experiência da URSS, seria uma contribuição para o avanço e aplicabilidade do socialismo no mundo.

De um modo geral, o que percebemos, nestes discursos referentes à solenidade em homenagem a Jorge Amado, foi uma tentativa de reparação de certa imagem do autor e de valorização do seu papel como intelectual engajado. Cada orador representou, naquela sessão, a bancada de seu partido, e cada partido tende a tratar a memória política do país de acordo com os preceitos político-ideológicos que compartilham. Se a maior parte dos oradores representou partidos identificados historicamente com ideologias de esquerda, acreditamos, então, que seus discursos sintetizam, de certa forma, o modo como a imagem de Jorge foi apreendida por parte das esquerdas em seu centenário de nascimento. O que não significa dizer que representam visões únicas dos membros do partido, mas tendências possíveis no interior do grupo de acordo com a cultura política que compartilham.

---

<sup>141</sup> Ibid.

Neste sentido, traços positivos, porém desconhecidos, da trajetória do escritor, foram resgatados. Em contrapartida, aqueles que deram margem à polêmica e ao silêncio sobre a participação de Jorge Amado nos embates e dilemas do seu tempo não foram abordados. Ainda assim, estes testemunhos representaram um avanço da memória em conciliação com a história, ao realizarem certo revisionismo da trajetória de Jorge e das esquerdas. Neste esforço, permitiram considerar e valorizar o papel dele como intelectual engajado e de esquerda, considerando, inclusive, atuações suas após seu afastamento da militância político-partidária.

Destacamos o realce dado a estas narrativas de memória, em virtude do tipo de solenidade em que foram realizadas, o lugar em que foram proferidas, e os sujeitos que partilharam daquelas ideias. Além de deputados e senadores, personalidades e indivíduos que ocupavam cargos político-culturais de destaque no Brasil estavam presentes ou sendo representados por outros.<sup>142</sup> O caráter oficial do evento, por sua vez, reforçou certa autoridade da memória que era celebrada. Mesmo naquele momento de celebração pelo nascimento de Jorge Amado, entretanto, existiram vozes dissonantes, isto é, que tenderam a avaliar de maneira crítica o percurso do autor.

Estas vozes se insurgiram em muitos casos como forma de tomar posição na disputa pela memória não só do autor, como do período em que este viveu. A participação, neste embate, por sua vez, ajudou a reforçar certa identidade de grupo em oposição a outras. Isto fica claro se percebemos certa instrumentalização política da memória sobre o autor. No discurso do deputado Roberto Freire, do PPS, por exemplo, vimos que a ruptura com o stalinismo, a defesa da democracia, a crítica à luta armada, a defesa de uma frente ampla contra a ditadura militar, e seu apoio a membros do PCB e a projetos defendidos por este foram alguns dos traços

---

<sup>142</sup> Em sua fala de abertura, o presidente do senado, José Sarney registrou a presença naquela sessão do Assessor Especial do Ministério da Cultura, José Ivo Vannuchi, representando a Ministra da Cultura, Ana de Hollanda; do Chefe de Gabinete da Secretaria da Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária do Estado da Bahia, Jairo Alfredo Oliveira Carneiro, representando o Secretário Eduardo Seixas de Salles.

celebrados pelo orador na trajetória de Jorge. Fato este que se explicou, de algum modo, por serem algumas das posturas políticas valorizadas na memória do PPS sobre o período. Isto por que o PPS identifica a sua própria trajetória com a do PCB, assim como outro, o PCdoB.

Lembramos que, após o impacto e os desdobramentos do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), em 1956, no qual foram divulgados os crimes do regime soviético, o PCB passou por uma autocrítica que levou à busca de uma linha política que correspondesse à nova realidade do país e do mundo, considerando a importância da questão democrática, no seio do Partido e na sociedade que atravessava um período autoritário. Dentro dessa visão autocrítica, o Comitê Central aprovou no ano de 1958, a Declaração de Março, na qual salientou que o processo histórico de desenvolvimento do capitalismo no Brasil favorecia a luta pela democracia e se impunha formar uma frente única ao mesmo tempo nacionalista e democrática. O documento defendia assim a legalidade e o caminho pacífico para a democracia, rejeitando a insurreição armada.

Como consequência desta postura adotada e como forma de se adequar à legislação partidária, o então Partido Comunista do Brasil se tornou Partido Comunista Brasileiro em uma Conferência Nacional, em 1961, retirando-se também de seu estatuto as referências à ditadura do proletariado. Estas mudanças levaram então a divergências internas, pois muitos discordaram do processo de “desestalinização” ocorrido na União Soviética e consideraram a postura do PCB como “oportunismo de direita” ou “guinada à direita”. As alterações propostas na Declaração de Março e no V Congresso equivaleriam, para eles, ao abandono do marxismo.

Um grupo formado por dirigente e militantes comunistas, rompendo com a linha de Krushev, deixou, então, o PCB e criou um partido em 1962, restaurando o Partido Comunista do Brasil, sob a sigla PCdoB. Eles adotaram um programa revolucionário, cujo objetivo era a

implantação de um "governo popular", por meio da "luta armada", tendo como orientação, mais tarde, o maoísmo.<sup>143</sup>

A trajetória do PCB que foi incorporada pela memória do PCdoB foi basicamente aquela que corresponde ao período em que a sigla PCB obedeceu ao nome Partido Comunista do Brasil. Isto é, período em que predominou no Partido o programa revolucionário sob orientação stalinista. Na memória do PCdoB, parece que, apesar da trajetória comum, há um entendimento de que este partido foi criado para se diferenciar do PCB que havia “guinado à direita” pela vitória de uma ala “oportunista” do Comitê Central. O PCdoB se compreende como herdeiro do antigo PCB.

O mesmo parece não ocorrer com o PPS que considera este partido uma extensão do PCB que teria mudado de nome em 1992 em decorrência de profundas mudanças internas.<sup>144</sup> Esta compreensão não é aceita na memória do PCB que considera a votação pela mudança do nome uma fraude, afirmando que a continuidade do Partido com sua sigla foi decidida por aclamação em Conferência Extraordinária pela Reorganização do PCB.<sup>145</sup>

Nos três casos, tanto na memória do PCdoB como na do PPS e na do atual PCB, a trajetória do antigo PCB é apreendida como parte da história de cada um destes partidos. Há então uma disputa de memória, envolvendo posições políticas, que afetam o modo como a imagem e a trajetória de Jorge são rememoradas no campo político.

Certamente que aspectos como a crítica ao stalinismo, a divergência em relação à luta armada, que marcaram o posicionamento do escritor, desde fins dos anos 1950, não são aspectos que pareçam passíveis de celebração na memória do PCdoB, por exemplo. Apesar, disto o

---

<sup>143</sup> PCdoB. Cf. HISTÓRIA do PCdoB. Disponível em: <<http://www.pcdob.org.br/interna.php?pagina=1960.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2016; LINHA DO TEMPO POR DÉCADA Disponível em: <<http://www.pcdob.org.br/interna.php?pagina=1950.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2016; HISTÓRIA do PCB-PPS. Disponível em: <<http://portal.pps.org.br/helper/show/164906#>> Acesso em: 5 jul. 2016; BREVE HISTÓRICO DO PCB: Partido Comunista Brasileiro. Disponível em: <<http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

<sup>144</sup> Cf. A HISTÓRIA do PCB-PPS, op. cit.

<sup>145</sup> Cf. BREVE HISTÓRICO do PCB, op. cit.

Partido não deixou de homenagear o escritor por ocasião do seu centenário de nascimento. Esteve representado na sessão solene no Congresso Nacional, mas também realizou solenidade específica em homenagem ao romancista por iniciativa de organização vinculada ao PCdoB.

### **1.3 As batalhas de memória no centenário**

#### *1.3.1 As homenagens e discursos do PCdoB*

Para celebrar o centenário de nascimento de Jorge Amado, o Centro de Documentação e Memória da Fundação Maurício Grabois lançou em dezembro de 2012, um suplemento comemorativo da *Revista Princípios*. O lançamento da publicação foi acompanhado de solenidade realizada no dia 6 de dezembro de 2012, na sede nacional do PCdoB, em São Paulo. O significado desta celebração passou, primeiramente, pelo próprio sentido da instituição.

A Fundação Maurício Grabois, que leva o nome de um fundador histórico do PCdoB, foi instituída por decisão do Comitê Central do PCdoB e atribui a si três finalidades gerais: promover estudos, pesquisas e análises, nas áreas política, econômica, social e cultural, sobre a realidade brasileira e mundial; realizar trabalho de educação política e formação militante; e pesquisar; organizar acervo sobre a história e memória do Partido Comunista do Brasil e do movimento operário e popular.

Ela foi concebida como um espaço de confluência, um local para o encontro entre o labor intelectual desenvolvido pelo PCdoB e o trabalho de semelhante natureza realizado por intelectuais e outras organizações do campo marxista e progressista do Brasil e de outros países. Sendo assim, a diretoria e as demais instâncias da organização são constituídas por militantes do PCdoB com perfis consoantes a sua natureza, mas a instituição agrega também a participação de intelectuais, pesquisadores e personalidades do mundo da cultura, com ou sem filiação a

outras legendas, que tenham afinidade com seus propósitos e se disponham a colaborar com o êxito de seu trabalho.<sup>146</sup>

O evento teve assim a participação de intelectuais de diferentes universidades brasileiras, e de segmentos da música e das artes. O caráter amplo da homenagem foi, no entanto, perpassado pelo sentido político da própria fundação e da sua origem. Um resumo do evento e dos principais pontos levantados nele foi publicado, sob a forma de artigo, no Portal de Notícias da Fundação.<sup>147</sup>

A relação daquela celebração com a causa comunista é lembrada não só nas narrativas realizadas como também na identidade comunista de alguns dos participantes. No artigo sobre o evento, Joanne Mota ressaltou o posicionamento comunista do intérprete Thobias; destacou a presença de jornalista de periódico ligado ao PCdoB e também o status de um dos oradores, Adalberto Monteiro como secretário de formação do Partido.<sup>148</sup>

A justificativa da fundação para a homenagem a Jorge Amado também se sustentou na identidade comunista assumida pelo escritor, mas não parece ser só isso, tal como foi possível deduzir de trecho do discurso de abertura do evento, realizado por Alberto Monteiro, que, além de secretário de formação do Partido, ocupa o cargo de presidente da Fundação:

Queremos, na passagem do centenário de Jorge Amado, destacar a importância do acervo literário desse notável escritor baiano para a língua portuguesa. Jorge foi um brasileiro que, ao longo de sua vida, soube se vincular às boas causas. Foi eleito deputado constituinte em 1945, pelo Partido Comunista do Brasil (PCB, sigla usada na época), e realizou um trabalho que influenciou e influenciará gerações.<sup>149</sup>

---

<sup>146</sup> Cf. HISTÓRICO E OBJETIVO DA FUNDAÇÃO MAURICIO GRABOIS. Disponível em: <[http://grabois.org.br/portal/institucional/institucional.php?id\\_sessao=20&id\\_texto=23](http://grabois.org.br/portal/institucional/institucional.php?id_sessao=20&id_texto=23)>. Acesso em: 28 abr. 2012.

<sup>147</sup> Cf. MOTA, Joanne. Jorge Amado: cidadão do Brasil e do mundo. *Notícias*. Dez. 2012. Disponível em: <[http://grabois.org.br/portal/noticia.php?id\\_sessao=7&id\\_noticia=10212](http://grabois.org.br/portal/noticia.php?id_sessao=7&id_noticia=10212)>. Acesso em: 28 abr. 2014.

<sup>148</sup> Cf. *Ibid.*

<sup>149</sup> MONTEIRO, Adalberto apud *Ibid.*

Além das “boas causas” que possivelmente estão relacionadas àquelas abraçadas pelos comunistas, Adalberto Monteiro acionou o vínculo do escritor com o PCdoB, pela sua história junto ao antigo Partido Comunista do Brasil (PCB) do qual o PCdoB se identifica como herdeiro. Assim, além da trajetória notável como escritor e de sua identidade comunista, a homenagem teria se justificado ainda por esse laço de Jorge com o Partido.

A importância da homenagem ficou indicada também na fala de encerramento da solenidade, realizada por Alberto Monteiro:

Fazer esse trabalho, resgatar essa história é a razão de ser da Fundação Maurício Grabois. Ou seja, estamos cumprindo o papel de disseminar e agregar. E, entre essa produção e elaboração, está esse universo da memória e da história do movimento operário, do movimento comunista. A Fundação publicou as biografias de João Amazonas e de Maurício Grabois. Também publicamos um livro – Vidas Veredas Paixão – que retrata a vida e a luta das gerações dos comunistas, dos anos 1960 para cá. Então é muito importante que o povo brasileiro saiba que esse Brasil, que olha com esperança para o futuro agora, para chegar até aqui, precisou da luta de várias gerações. E os comunistas participaram da construção desse Brasil.<sup>150</sup>

De acordo com o trecho, concluímos que a solenidade pela celebração do centenário de nascimento do romancista fez parte de uma das funções da fundação, a de resgatar e disseminar a história do movimento comunista através de personagens como Jorge Amado.

A sua condição como comunista parece ter sido a chave da interpretação realizada na solenidade, ao se observar a trajetória do romancista e da sua produção literária. Um exemplo foi o relato de José Carlos Ruy, segundo o qual a identidade comunista do escritor se manteve, mesmo depois de este ter deixado o Partido. Isto em virtude de Jorge sempre ter “cantado o povo brasileiro”<sup>151</sup> e lutado pela liberdade.

De acordo com este ponto de vista, o papel de comunista desempenhado, ao longo de toda a vida do escritor, foi, principalmente, como escritor que retratava em suas obras o povo brasileiro e pregava a luta pela liberdade. Visão parecida foi expressa por Jeosafá Fernandes,

---

<sup>150</sup> Ibid.

<sup>151</sup> RUY, José Carlos apud MOTA, op. cit.

segundo o qual, o escritor soube, como ninguém, associar sua posição política e pessoal de comunista à sua arte:

Houve um momento em que ele se afastou dessa posição, mas em sua obra literária ele continuou mantendo a espinha dorsal desse projeto, sempre buscou destacar o protagonismo do povo, com a representação das classes pobres. E ele fez tudo isso por uma linguagem inteligível a todos, especialmente para os trabalhadores.<sup>152</sup>

Neste trecho, Jeosafá Fernandes deixou evidente o conceito de povo brasileiro que estava em jogo: as classes pobres, identificadas, em última instância com os trabalhadores. Isto é, um grupo social com o qual os comunistas são historicamente identificados e quem consideram personagens principais na luta por uma sociedade igualitária. A representação do povo, de suas lutas, de sua cultura, ao longo de toda a literatura *amadiana*, conferiria, assim, a perenidade do projeto literário do autor e também confirmaria seu posicionamento comunista no decorrer de sua trajetória.

De um modo geral, os depoimentos foram unânimes ao considerar que não houve ruptura nem no projeto literário nem no posicionamento político de Jorge Amado. Consideraram que o autor continuou engajado politicamente, mesmo após se distanciar do Partido e operar transformações em sua literatura, tal como se percebe na seguinte fala de Jeosafá Fernandes:

Jorge foi um autor que teve liberdade suficiente para assumir posições políticas até quando ele quis se afastar um pouco disso também quando achou que era o momento. Então, Jorge Amado, mesmo na chamada segunda fase, na qual a política aparece de uma maneira mais subliminar, sempre deixou bem claro qual projeto defendia, e isso faz com que sua obra sempre apresente algo.<sup>153</sup>

Apesar de destacarem o engajamento político do escritor, ao longo de todo seu percurso, estes relatos tenderam a considerar que o papel executado pelo escritor passou a ser realizado,

---

<sup>152</sup> FERNANDES, Jeosafá apud MOTA op. cit.

<sup>153</sup> Ibid.

a partir de certo momento, exclusivamente através da prática da escrita. Se a sua atuação extraliterária, desenvolvida nos tempos de militância partidária, foi lembrada com certo detalhamento, o mesmo não aconteceu para o período posterior.

Assim, como outros que vieram à tona por ocasião do centenário de nascimento de Jorge Amado, estes relatos de memória tenderam a focar, nos aspectos considerados positivos da trajetória do autor, evitando os aspectos polêmicos ou ambíguos. Esta positividade, por sua vez, se explica em parte pelas associações que foram feitas entre o homenageado, o movimento comunista e o PCdoB. A maneira como a memória de Jorge foi acionada levou ao reforço das identidades de grupos aí envolvidas, sendo, portanto, instrumentalizada.

### *1.3.2 Memórias ameaçadas, identidades em disputa*

Em momentos comemorativos, como centenários, os conflitos, as tensões da memória também se fazem presentes no confronto entre discursos. Vozes se insurgem muitas vezes como forma de denúncia de versões consideradas falsas de uma história, se autoproclamando portadoras da verdade. De um modo geral, são motivadas pela ameaça que certos discursos representam para memórias e identidades coletivas e individuais.

Neste aspecto, lembremos com Todorov que o mundo contemporâneo evolui em direção a uma maior homogeneidade e uniformidade.<sup>154</sup> Esta evolução, por sua vez, prejudica identidades e pertencimentos tradicionais em benefício de uma identidade maior pretensamente coletiva. A volta ao passado seria um meio de reivindicar, afirmar ou reafirmar certa identidade ameaçada. É possível dizer, assim, que as reivindicações são mais veementes quanto mais vão contra a corrente, isto é, especialmente quando se trata de vozes dissonantes.

---

<sup>154</sup> Cf. TODOROV, 2000, p.51 e 52.

Isto foi observado na reação do jornalista Reinaldo Azevedo, em outubro de 2011, às vésperas do centenário do escritor, pela suposta ligação de Jorge ao PCdoB, sugerida em uma propaganda do partido. Em seu *blog*, ele afirmou que Jorge Amado, Drummond, Pagu, Portinari, Olga Benário e Niemeyer nunca pertenceram ao PCdoB, tal como estaria sendo veiculado levianamente. Uma mentira que, segundo o jornalista, já gerou justo protesto da historiadora Anita Leocádia Prestes, filha de Olga Benário e Luís Carlos Prestes.<sup>155</sup>

O escritor foi um militante atuante do PCB quando este ainda era Partido Comunista do Brasil (PCB), tendo se desligado do partido antes mesmo da crise que levou a cisões e ao aparecimento do PCdoB, em 1962. Acontece que o novo partido reivindicou para si não só a antiga legenda do antigo partido, como também a sua memória, se colocando como seu herdeiro.

Após relembrar a crise entre os comunistas que levou ao surgimento do PCdoB, Reinaldo Azevedo foi categórico ao afirmar que o herdeiro do partido, fundado em 1922, era e sempre foi o PCB e não o PCdoB. Por isto, considerou uma fraude dizer que os nomes citados pertenceram ao segundo. O protesto citado de Anita Prestes pode ser compreendido em parte pelo fato de Prestes ter se mantido no PCB mesmo após a mudança do nome do partido. Este argumento foi acionado pelo jornalista para justificar que o PCB é o herdeiro do antigo Partido Comunista do Brasil, já que Prestes era a figura maior da organização.

No caso de Anita Prestes, o vínculo com Luís Carlos Prestes e a sua memória pessoal e familiar ajudam a explicar o seu posicionamento neste episódio. Já Reinaldo Azevedo, jamais militou pelo PCB. Ele pertenceu a uma organização trotskista, a Organização Socialista

---

<sup>155</sup> Cf. AZEVEDO, Reinaldo. PCdoB mente na TV: Jorge Amado, Pagu, Portinari, Olga Benário e Niemeyer nunca pertenceram ao partido! É mais uma fraude! *Blog Reinaldo Azevedo*. 26 out. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/pcdob-mente-na-tv-jorge-amado-drummond-pagu-portinari-olga-benario-e-niemeyer-nunca-pertenceram-ao-partido-e-mais-uma-fraude/>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

Internacionalista, que tinha na “Liberdade e Luta” (Libelú) o seu braço estudantil. A OSI/Libelú foram sempre críticas ao PCB e a Prestes por considerá-los stalinistas.

Apesar disto, a tomada de posição de Reinaldo Azevedo neste debate também pareceu relacionada à memória pessoal de quem, quando jovem, partilhou da identidade comunista e atuou como militante<sup>156</sup>. Mesmo tendo se tornado um crítico do comunismo e das ideias socialistas quando adulto, a autoridade de sua fala se sustenta na sua atuação como militante comunista.

O que está em jogo, nestes casos, é menos a memória de Jorge e dos outros artistas e intelectuais citados e sim a memória dos partidos. A polêmica em torno dos referidos personagens serviu então de estopim para a discussão a respeito não só da identidade formadora de cada partido, mas também da história que os envolve.

Outro depoimento que buscou marcar posição nas batalhas de memória, na esteira das celebrações do centenário de nascimento de Jorge Amado, foi a de Paula Sacchetta, jornalista e neta de Hermínio Sacchetta, comunista retratado no primeiro romance da trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade*, intitulado *Os Ásperos Tempos*. Sob o título “Jorge Amado e o retrato falso de um comunista”<sup>157</sup>, Paula Sacchetta publicou, no portal *Vermelho*, ligado ao PCdoB, artigo sobre o modo como a imagem e a trajetória do avô foram tratadas, no livro do romancista. A atitude de Paula Sacchetta foi uma espécie de reação ao relançamento de *Os Ásperos Tempos*, uma iniciativa da Companhia das Letras que fez parte do projeto de relançamento da obra completa do escritor no quadro das ações idealizadas para celebrar o seu centenário de nascimento.

Tal como Hermínio Sacchetta, o personagem de Jorge, Abelardo Saquila foi descrito como jornalista, militante do Comitê Regional de São Paulo do Partido e viveu a luta interna,

---

<sup>156</sup> Cf. BLOGUE OS ATLÂNTICOS. *Pedido de várias famílias*. S.l.: 18 jan. 2008. Disponível em: <<http://atlantico.blogs.sapo.pt/949534.html>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

<sup>157</sup> SACCHETTA, Paula. Jorge Amado e o retrato falso de um comunista. *Vermelho*. S.l.: 8 nov. 2012. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_secao=11&id\\_noticia=168211](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=11&id_noticia=168211)>. Acesso em: 2 mai. 2014.

acabando expulso acusado de fracionista trotskistas. O que parece ter incomodado Paula Sacchetta, na caracterização do avô através do personagem, é o tratamento dado a ele como vilão, em contraposição a outro personagem Carlos. “Este, pintado com todas as cores do herói clássico, e baseado em Marighella, vai tecendo teorias e desenvolvendo ações que se opõem fortemente às posições de Saquilla.”<sup>158</sup>

Como forma de neutralizar esta imagem, Paula Sacchetta resgatou elementos da história, relembando a trajetória de Hermínio Sacchetta e as disputas internas no PCB que levaram à saída de seu avô do Partido por assumir um posicionamento diferenciado da linha adotada pela organização, sob orientação da Internacional Comunista. Destacou que o posicionamento de Jorge quanto àquelas disputas político-ideológicas era a de total identificação com o stalinismo, sob orientação de Moscou, assim como o PCB. O fato de a linha trotskista ter sido renegada pelo Partido, e, portanto, por Jorge Amado, justificaria, assim, a forma negativa como a figura de Sacchetta foi representada na obra do escritor.

Paula Sacchetta considerou, então, que o romancista pintou um falso retrato do avô comunista, contrastando com a sua trajetória de intensa militância junto ao movimento comunista. Falso também, porque o próprio Jorge Amado teria considerado, mais tarde, que na época, que produziu a trilogia *Os Subterrâneos da Liberdade* possuía uma visão muito maniqueísta dos fatos, influenciada pelo seu posicionamento stalinista. Apesar disto, o escritor nunca teria se retratado quanto ao modo como a imagem de Hermínio Sacchetta foi veiculada no romance. Mesmo na autobiografia, *Navegação de Cabotagem*, o autor passaria ao largo da questão.

Outro agravante apontado por Paula Sacchetta foi a veiculação, na edição do livro em questão, de fotos de Hermínio Sacchetta e Carlos Marighella ao fim do livro. Estas fotos apareceram acompanhadas das legendas: “Carlos Marighella, ‘incorrupível brasileiro, um

---

<sup>158</sup> Ibid.

moço baiano de riso jovial e coração ardente’, nas palavras de Jorge Amado, é homenageado no personagem Carlos”. E “Hermínio Sacchetta, fotografado no Deops. Um dos principais editores de *A Classe Operária*, ele aparece no romance como o jornalista Abelardo Saquila”<sup>159</sup>.

As fotos, acompanhadas das respectivas legendas, reforçariam o modo maniqueísta como a trajetória destes personagens reais foram tratadas no romance. Por conta deste retrato do avô, que considera falsificado, Paula Sacchetta fez certo apelo para que isto fosse amenizado. Destacou que, na folha de rosto da edição de *Os Ásperos Tempos*, há uma promessa de vincular, no terceiro volume da trilogia, um posfácio de Daniel Aarão Reis, onde a neta de Hermínio Sacchetta esperava “uma nota explicativa contextualizando o leitor e informando-o sobre bastidores da máquina partidária cruel, a serviço da qual Jorge Amado trabalhava”.<sup>160</sup> Ela acredita que “assim, o livro ganharia maior legitimidade como um retrato de época e gerações de leitores não seriam privadas de outra visão sobre a história do país”<sup>161</sup>.

O posfácio aludido por Paula Sacchetta de fato foi feito, porém uma nota explicativa mais próxima ao desejado por ela pode ser encontrada no “Histórico” que acompanha os posfácios dos livros da trilogia, no endereço eletrônico da Companhia das Letras.<sup>162</sup>

Diferentemente de outros relatos anteriormente citados, a jornalista ressaltou, negativamente, aspectos da trajetória de Jorge, como escritor e militante pelo PCB, ao tomar posicionamento no campo de batalhas em favor de certa memória de Hermínio Sacchetta. Quanto a isto, vale a pena considerarmos matéria veiculada pela revista *Época* sob o título “Segredos de Jorge Amado”.<sup>163</sup> Apesar de publicada no ano seguinte ao centenário de

---

<sup>159</sup> Ibid.

<sup>160</sup> Ibid.

<sup>161</sup> Ibid.

<sup>162</sup> Cf. COMPANHIA DAS LETRAS. *Histórico*. Página online sobre Jorge Amado pertencente a Editora. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12627>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

<sup>163</sup> BORTOLOTTI, Marcelo. Segredos de Jorge Amado. *Época*. São Paulo: 6 dez. 2013. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/12/segredos-de-bjorge-amadob.html>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

nascimento de Jorge Amado, fez parte de um esforço desencadeado naquele momento de revisitação da obra e trajetória do autor.

O artigo se baseou em acervos inéditos que só, então, foram encontrados, ou divulgados. Um deles foi uma mala de documentos deixada por Jorge, na Argentina, quando ele fugia da ditadura de Getúlio Vargas, entre 1940 e 1941, período em que escreveu a biografia do líder comunista Luís Carlos Prestes, *O cavaleiro da esperança*.<sup>164</sup> O outro é o arquivo particular de Jorge, apreendido pela polícia política, na casa dele, em 1948, ano em que seu mandato de deputado federal foi cassado. De acordo com o artigo, o material ajuda a entender “o período mais obscuro” da biografia de Jorge, referindo-se aos tempos de militância, a respeito do qual o autor sempre teria feito mistério. Dentre poemas, cartas, peça e rascunhos de livros e livros incompletos, a matéria destacou o sectarismo de Jorge Amado, a sua fidelidade incondicional e disciplina com que seguia as diretrizes do Partido Comunista, aspectos que teriam marcado de maneira negativa esta fase de sua trajetória.

Quanto à disciplina em relação ao Partido, revelou, por exemplo, ocasião em que Jorge, à época, deputado federal chegou a andar armado com um revólver, por determinação do Comitê Central, devido ao clima de tensão que se vivia na Câmara. Ressaltou também a sua adoração a Stálin e a influência de sua orientação político-ideológica na sua produção intelectual, o que não é novidade. A nova documentação, no entanto, parece ser utilizada de modo a reiterar uma antiga interpretação da vida e obra do escritor. Assim, o livro de poemas, que não foi publicado, cujo título seria *Poemas do Povo*, por exemplo, teria alto teor ideológico, pregando a revolução e o engajamento dos escritores na causa comunista. De acordo com o

---

<sup>164</sup> Uma pesquisa em torno da documentação reunida nesta mala encontra-se em andamento no Rio Grande do Sul, sob a coordenação de Tânia Regina Oliveira Ramos. De acordo com texto publicado no currículo lattes da estudiosa da área de letras, o projeto surgiu como decorrência de um acervo doado a ela no segundo semestre de 2011 com mais de 1400 páginas de documentos de, sobre ou contextualizando Jorge Amado no (auto) exílio em 1941, Buenos Aires e Montevideú (1942). Tânia Regina é atualmente coordenadora do nuLIME, núcleo Literatura e Memória, da Universidade Federal de Santa Catarina, que tem como um dos objetivos a leitura, a recuperação, a catalogação de acervos e a revisão da história de autores, obras, vida literária a partir das possibilidades e da atualização das leituras que estes acervos oferecem.

artigo, neste projeto, Jorge Amado, alfinetou um dos principais expoentes da poesia brasileira, Carlos Drummond de Andrade, além de comprar briga com todos os colegas alheios à causa da revolução.

Outro dado utilizado para demonstrar a disciplina do escritor em relação ao PC foi o abandono do romance *Agonia da Noite*, cujo título foi reaproveitado na trilogia de *Os Subterrâneos da Liberdade*. O romance seria “militante demais”<sup>165</sup> para um momento em que os comunistas se aproximaram do governo apoiando-o com a entrada do Brasil na Segunda Guerra, contra os países do Eixo. Teria se tornado indesejável também porque os militantes eram orientados a esquecer diferenças anteriores, para se concentrar na luta contra a Alemanha, seguindo assim, a orientação da internacional Comunista.

De acordo com o artigo, a militância política de Jorge Amado contribuiu de duas formas para a leitura de sua obra. Primeiramente, favorecendo a sua difusão internacional. Em segundo, levantando sérias ressalvas quanto a sua independência como escritor devido à contaminação ideológica de algumas de suas obras. Para exemplificar, citou a biografia de Prestes, *O Cavaleiro da Esperança*, que continha “inúmeras passagens que fariam qualquer biógrafo envergonhar-se”.<sup>166</sup> Arrematou o argumento citando o professor de literatura José Maurício de Almeida, da Universidade Federal do Rio de Janeiro segundo o qual: “Sempre que predominou o desejo de se ajustar à linha ideológica do Partido, ele [Amado] fez obras menores. Do ponto de vista da criação literária, de meados dos anos 1940 até 1956 foram anos praticamente perdidos”.<sup>167</sup> A matéria afirmou ainda que, após se afastar do Brasil, Jorge “iniciou a fase de suas obras-primas, como *Gabriela, Os velhos marinheiros* e *Tenda dos milagres*”<sup>168</sup>, indicando, claramente, que a qualidade de suas obras estava relacionada ao abandono do engajamento político junto ao PCB.

---

<sup>165</sup> BORTOLOTTI, op. cit.

<sup>166</sup> Ibid.

<sup>167</sup> ALMEIDA, Maurício apud Ibid.

<sup>168</sup> BORTOLOTTI, op. cit.

Mais um dado elencado para apontar o profundo envolvimento de Jorge com o Partido foi um relatório da polícia política, encontrado no Rio, que mostra que os espiões do governo acreditavam que as viagens do escritor para a Europa tinha fins militares. Ele foi tratado, neste relatório, como um emissário de Luís Carlos Prestes e do Partido Comunista para uma série de entendimentos com os dirigentes do Kominform<sup>169</sup>, na Bulgária, na Polônia e em Moscou. De acordo com trecho citado do relatório, acreditava-se que Jorge Amado iria se articular com elementos que, sob os auspícios diretos do Kremlin, supervisionariam a ofensiva soviética na América do Sul.

Outro material analisado foi a peça de teatro inédita, chamada *Bahia de Todos os Santos*, cuja existência foi negada ou esquecida pelo escritor ao afirmar que sua única experiência com teatro foi a peça *O amor do soldado*. A peça inédita teria como tema a história de amor entre dois escravos e seria bastante marcada pelo viés ideológico. Nela, Jorge tentaria associar a abolição da escravatura no Brasil a uma possível revolução comunista que libertaria todos os povos.

Sem oferecer maiores informações sobre este trabalho, o artigo veiculado em *Época* concluiu que ele serviria bem ao projeto político do Partido Comunista, já que desde a década de 1930 os comunistas tentavam se aproximar do movimento negro no Brasil. Esta tarefa foi abraçada pelo autor não somente na sua atuação como escritor, como também como parlamentar, tendo conseguido aprovar lei que legalizou os cultos religiosos de matriz africana no Brasil.

Se, no caso de Renato Azevedo, seu relato se explicou por certo envolvimento com a história do comunismo no Brasil, e nos casos de Olga Benário, cujo protesto foi citado por Azevedo, e Paula Sacchetta o posicionamento demonstrado envolveu memória familiar e

---

<sup>169</sup> O Kominfor era uma organização internacional liderada pelo Partido Comunista da União Soviética com o objetivo de promover o intercâmbio de informações e coordenar as ações dos vários partidos comunistas da Europa. Criado em meio à Guerra Fria, servia na prática como um instrumento da política externa da URSS.

testemunho pessoal, o mesmo não podemos dizer quanto às motivações e objetivos da matéria da revista *Época*. Apesar de citar alguns intelectuais como forma de legitimar os argumentos apresentados, observamos uma clara tendência em desqualificar as obras produzidas por Jorge Amado, no período de militância junto ao PCB. Além disto, reduziu a participação política do autor à mera subserviência deste em relação ao Partido, cuja política parece ser “demonizada”. Operou assim, com certo grau de maniqueísmo que, no campo jornalístico ajuda no sensacionalismo, utilizado para atrair o público leitor seduzido, primeiramente, pelo título da matéria: “Segredos de Jorge Amado”.

De todos os relatos encontrados, que buscaram marcar um posicionamento nas batalhas de memória acirradas com o centenário de nascimento do romancista, certamente, o mais expressivo, ou simbólico foi aquele veiculado no blog da Liga Bolchevique Internacionalista (LBI). O grupo buscou fazer uma análise detalhada de toda a trajetória de Jorge Amado, não só na tentativa de revelar “Os subterrâneos de um renegado”<sup>170</sup>, como também marcar a visão do grupo quanto a acontecimentos históricos e políticos, reafirmando assim a sua identidade.

A LBI se afirma como uma corrente em defesa do trotskismo, da luta pelo internacionalismo proletário, pela revolução socialista, sob a base da ditadura do proletariado de acordo com os princípios estabelecidos na IV Internacional. De acordo com o grupo, a dissolução da ex-URSS, assim como a anexação capitalista da ex-Alemanha Oriental, não foi produto da ação revolucionária das massas, e sim da contrarrevolução burguesa mundial. Por conta disto caberia a todos aqueles que reivindicam o legado de Lenin e Trotsky, a luta pelas conquistas históricas da revolução.<sup>171</sup>

---

<sup>170</sup> Cf. LIGA BOLCHEVIQUE INTERNACIONALISTA. *100 anos do nascimento de Jorge Amado: Os “Subterrâneos” de um renegado*. S.l.: 10 ago. 2012. Disponível em: <<http://lbi-qi.blogspot.com.br/2012/08/100-anos-do-nascimento-de-jorge-amado.html>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

<sup>171</sup> Cf. LIGA BOLCHEVIQUE INTERNACIONALISTA. *Quem somos*. Disponível em: <http://lbi-qi.blogspot.com.br>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

Esta orientação perpassou a memória acionada sobre Jorge Amado e o período em que viveu, a começar sobre a questão de Hermínio Sacchetta, anteriormente tratada. De acordo com o texto veiculado no blog da LBI, Hermínio Sacchetta também foi visto como vítima da intolerância do Partido por romper com as diretrizes centrais do PCUS e apresentar simpatias em relação ao “trotskyismo”. Quanto a isto, o grupo considerou que Jorge, sendo um fiel seguidor das orientações do Partido, fazia aberta campanha em defesa dos expurgos stalinistas, atacando política, e moralmente, vários dirigentes que rompiam com as diretrizes centrais do PCUS. A campanha contra Hermínio Sacchetta seria, então, o caso mais célebre que acabaria com sua expulsão do PCB com a ajuda da pena servil, eficiente e respeitada pelo escritor baiano.

Para o grupo, Jorge possuía inegáveis qualidades literárias, que parecem ser identificadas, especialmente, no tratamento das desigualdades sociais e na edificação de heróis revolucionários como Luís Carlos Prestes. Apesar disto, afirmou que ele foi elevado pela mídia capitalista ao panteão de um dos mais importantes escritores brasileiros, não somente por suas qualidades literárias. Ele teria conquistado esse status por romper com o comunismo ainda em vida, usando todo seu prestígio para atacá-lo, violentamente, do ponto de vista político e ideológico.

Se a fase de militância do escritor no PCB foi vista de maneira crítica pela subserviência, ela foi também creditada como positiva. No que se refere ao início dos anos 1930, até meados dos anos 1950, o período foi considerado de longa e tenaz produção literária, em que o escritor abordou os dramas do Brasil e tramas políticas dos coronéis do Nordeste, jogando luz nos preconceitos sociais contra mulatos, negros, mestiços, na força religiosa dos cultos afro-brasileiros e nas gritantes diferenças de classe nos seus romances. Além disto, outro elemento positivo foi o aprofundamento do realismo socialista em suas obras.

Apesar do servilismo de Jorge ser visto de maneira negativa, por outro lado, teria ajudado o escritor a conquistar prestígio político e cultural no Partido. Este prestígio levou a

sua candidatura e, posteriormente, eleição ao cargo de deputado federal na bancada constituinte do PCB, em 1945, ao lado de quadros como Marighella, Amazonas e Prestes, o que é percebido como aspecto louvável de seu percurso.

A principal divergência até aí recaiu na renegação do trotskismo por Jorge Amado e o PCB bem como o tratamento dado aos simpatizantes desta corrente. De todo modo o stalinismo seguido pelo PCB, sob orientação do PCUS, foi visto como um avanço em direção à ditadura do proletariado, pelos redatores do *blog*.

Por este motivo, atitude mais grave parece ter sido a saída de membros do Partido, no contexto de divulgação dos crimes do regime soviético, em 1956. No caso do escritor, a “ruptura” com o Partido foi classificada como “clara diabrite pequeno-burguesa anticomunista, própria dos intelectuais que se acham acima da luta de classes”.<sup>172</sup>

De acordo com o artigo da LBI, o que estava acontecendo com o romancista, naquele momento, era um processo de profunda ruptura política e ideológica com o comunismo, ao mesmo tempo em que se adaptava à democracia burguesa. Para confirmar este argumento, citou frases que teriam sido ditas por Jorge Amado, em que ele ataca as ditaduras de esquerda e defende a democracia como valor universal.

A crítica ao stalinismo foi vista ainda de maneira mais negativa por não ter sido acompanhada, segundo o texto, por uma autocrítica do autor, por exemplo no que se refere aos ataques deferidos a Hermínio Sacchetta. Se agravaria ainda, pelo fato de Jorge não ter se dedicado a colocar seu prestígio à serviço de uma construção partidária alternativa e à esquerda do PCB, como teria feito Sacchetta, um dos fundadores do Partido Socialista Revolucionário (PSR), ligado a Quarta Internacional, nos anos 1940.

Os argumentos utilizados pelo romancista para criticar o regime stalinista foram vistos como desculpa de “um Jorge Amado completamente quebrado e corrompido ao capital [que]

---

<sup>172</sup> LIGA BOLCHEVIQUE INTERNACIONALISTA, 2012.

estava se protegendo das críticas futuras quando iria se aproximar de políticos ligados à ditadura militar como Sarney e ACM<sup>173,174</sup>. De acordo com o texto,

[Jorge Amado] chegou a ser um dos maiores “apoiadores culturais” do coronel baiano ACM, homem forte da ditadura militar no estado, que consolidou ainda mais seu poder em plena “Nova República” de Sarney, figura asquerosa que parece mais uma cópia dos arquirreacionários políticos tradicionais tão denunciados nas magistrais obras do próprio Amado.<sup>175</sup>

Assim, se, no campo da literatura, o escritor ainda difundia, claramente, o esquema herdado do stalinismo, da ascensão da burguesia liberal contra os oligarcas mais retrógrados, na *vida real* isto seria diferente. Além de estabelecer relações próximas com alguns destes “coronéis”, era também celebrado pela chamada “burguesia progressista”, em plena ascensão do *janguismo*.

No que se refere ao período da ditadura militar, a postura de Jorge foi vista entre o desinteresse, a alienação, a cooptação pelos meios midiáticos, e a colaboração com o regime. Colaboração devido ao apoio a figuras como ACM e por ter estabelecido uma política de relativa boas relações com o governo, que, por isso, não o “incomodou”. O único posicionamento identificado de oposição ao regime foi a participação do escritor, em alguns movimentos contra a censura prévia de livros. Mas além de este aspecto ser visto como causa menor, a atuação de Jorge foi ainda posta em dúvida por ter sido desenvolvida ao lado de Érico Veríssimo, considerado um liberal, e, neste sentido, estaria do lado oposto ao dos comunistas no campo de batalhas.

A relação destacada entre Jorge Amado e o regime não foi a do confronto e sim a do diálogo, do bom convívio, que teria possibilitado ao escritor transitar livremente entre o Brasil, a Argentina e a Europa, ao contrário do que ocorreu com muitos comunistas que estiveram fora

---

<sup>173</sup> Abreviação popularmente utilizada do nome do político baiano Antônio Carlos Magalhães.

<sup>174</sup> LIGA BOLCHEVIQUE INTERNACIONALISTA, 2012.

<sup>175</sup> Ibid.

do Brasil exilados. Para o grupo, o escritor se silenciou, enquanto militantes de esquerda eram mortos, torturados e perseguidos. Neste sentido, o silêncio por si só parece ser interpretado como uma espécie de aceitação do escritor em relação ao regime e uma adequação àquela realidade.

Esta adequação teria se revelado, por exemplo, na cooptação pela TV Globo para seu núcleo cultural de Jorge Amado e outros “quadros quebrados ideologicamente ligados à esquerda domesticada como o Partidão (Mário Lago, Dias Gomes...)”<sup>176</sup>. O que poderia explicar, de acordo com esta lógica, que, em 1975, estrearia o maior sucesso do escritor na TV: a adaptação de Walter George Durst do romance *Gabriela, cravo e canela*.

Quanto ao período da redemocratização, iniciado em 1974, a LBI considerou que Jorge “serviu figurativamente às oligarquias mais reacionárias e à transição conservadora que manteve a classe dominante [...] à frente da gerência do ‘novo governo civil’”<sup>177</sup>. Esta forma de participação teria sido desempenhada por ele até a sua morte, em 2001, apesar de sempre proclamar que se mantinha, totalmente, afastado da política.

Observamos aqui a identificação, por parte do depoente, de um engajamento político do escritor ao lado das direitas, ou dos conservadores, no campo extraliterário. A produção literária desenvolvida pelo autor, neste período, por seu turno, refletiria “um processo de alienação voltada para temas religiosos desvinculados de lutas sociais”.<sup>178</sup>

Ao final do artigo, fica explícito o embate direto de memória sobre o qual aquele texto buscava marcar posicionamento:

Neste exato momento, o presidente do Congresso Nacional, seu “amigo” José Sarney comanda no arquiocorrupto e reacionário parlamento burguês as homenagens pelos 100 anos do nascimento de Jorge Amado e proclamou essas palavras lapidares “Jorge Amado é a mais forte presença de escritor na vida brasileira, não só por sua obra literária inigualável, mas por sua capacidade de agir para construir o bem”. A burguesia sabe homenagear aqueles que atacaram genuínos comunistas, serviram à

---

<sup>176</sup> Ibid.

<sup>177</sup> Ibid.

<sup>178</sup> Ibid.

política de colaboração de classes e colocaram sua genial capacidade artística e cultural a serviço de um “mundo de paz” para a classe dominante, enquanto o povo pobre e os trabalhadores, assim como os marginalizados em geral, tão bem descritos nas obras de Jorge Amado povoam essas “terras do sem fim” vivendo miseravelmente em verdadeiros subterrâneos da barbárie capitalista!<sup>179</sup>

Além de se contrapor aos discursos celebrados, na sessão solene no Congresso Nacional em homenagem ao centenário de nascimento do romancista, o relato da LBI fez uso do debate em torno da memória do escritor para afirmar certo posicionamento no campo político. Posicionamento de combate ao capitalismo, ao Estado burguês, e de defesa da luta de classes como meio de se chegar ao comunismo.

Como vimos, o engajamento intelectual e político, nos discursos de memória sobre Jorge Amado, foi percebido de maneira diversa, gerando certa polêmica em torno de seu legado. Se há quem acredite que ainda pouco se sabe sobre os tempos de militância partidária do autor, é certo afirmar que este é o período sobre o qual a participação político-intelectual do escritor é mais lembrada e debatida. Sobre esta “fase”, se defende ou se critica, por exemplo, a fidelidade partidária do escritor, a adoção do stalinismo, o exercício do cargo de deputado federal, o comprometimento político-ideológico de suas obras.

Por outro lado, grande parte das narrativas existentes sobre o autor desconsidera ou diminui a importância dos embates e dilemas vivenciados por ele, particularmente, a partir do final dos anos 1950, que, certamente, o influenciaram. É como se, a relação do intelectual com a política inaugurada, neste período, não fosse importante de ser refletida, com raras exceções.

Ainda assim percebemos que alguns discursos tenderam a ressaltar os aspectos de continuidade, no percurso do autor, a despeito de qualquer contradição aparente. Este foi o caso de muitos relatos que defenderam a existência de uma coerência própria do escritor, ao longo de toda a sua trajetória. Uma coerência dada pelo posicionamento comunista de Jorge, que, por

---

<sup>179</sup> Ibid.

vezes, foi identificada, simplesmente, na sua atitude sempre ao lado do povo, dos mais miseráveis e oprimidos.

Por outro lado, observamos a existência de discursos que se basearam nos aspectos de mudança, de descontinuidade. Dentre estes, existiram aqueles que interpretaram, positivamente, o percurso do escritor de acordo com fases ou etapas necessárias de um processo de maturação intelectual, donde se inclui o seu distanciamento com o campo político. Outros perceberam negativamente, as transformações na literatura, nas atitudes e no comportamento político de Jorge Amado, condenando-o como oportunista, colaboracionista ou mesmo traidor.

Seja com a intenção de evidenciar a unidade ou com o intuito de destacar os aspectos contraditórios do percurso do autor, estas análises têm em comum o efeito negativo que causam ao gerarem compreensões superficiais ou simplistas da experiência política e intelectual do escritor.

A pouca importância dada à atuação política de Jorge a partir dos anos 1960, possivelmente, se relaciona a uma determinada compreensão de política. Em diversos trabalhos, o que ocorreu foi que este tipo de atuação foi percebido, exclusivamente, pelo viés da vinculação do autor com Partido e instituições políticas, do exercício de cargo político e da produção de literatura proletária. Tendo esta perspectiva como referência, certamente, torna-se difícil pensar que ele possa ter desenvolvido participação política após se distanciar de tais paradigmas em fins dos anos 1950.

De maneira diversa e com base nas reflexões de Norberto Bobbio, a abordagem proposta por nós considera como política não só aquela ordinária dos políticos, mas também o “lugar para os grandes debates de ideias”, para a “reflexão sobre os problemas de convivência não imediatamente práticos, embora praticáveis [...], que todavia contribui para mudar o mundo (e não só para compreendê-lo e interpretá-lo).”<sup>180</sup>

---

<sup>180</sup> BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 2.ed. São Paulo: Unesp, p.105, 1997.

Talvez seja por não concordar com a existência desta dimensão chamada por Bobbio de “política da cultura”, pela qual os homens de cultura têm maior chance de exercerem seu poder na sociedade – que as narrativas que abordaram a atuação política de Jorge Amado se concentraram em um período da trajetória do autor, no qual esta participação pareceu mais evidente. Dentre os relatos deste tipo, foram expressivos, em números, aqueles que se voltaram para os anos 1930-1950, período em que o intelectual exerceu militância no PCB e se dedicou a produzir literatura proletária.<sup>181</sup>

Outra explicação plausível para este fenômeno talvez seja a ocorrência de uma forte tendência da historiografia de se pensar as motivações para o comportamento político dos sujeitos históricos pelo viés do colaboracionismo e da resistência. No caso específico da historiografia relativa à Ditadura Militar brasileira, a celebração do mito da resistência, bem como salientou Daniel Aarão Reis, levou ao esquecimento diversas culturas políticas que existiram neste contexto.<sup>182</sup> Desta forma, contribuiu, em certo sentido, para o desconhecimento deste passado recente, pelo abismo que estabeleceu entre a Memória e a História, ou, por outro ângulo, pela sobreposição da primeira em relação à segunda.

As ambiguidades e contradições no pensamento e ação de Jorge podem, então, terem sido “apagadas” de acordo com este processo de enquadramento da memória social mais ampla sobre a ditadura. Seja pelo emprego de uma acepção estreita de política ou pelos desdobramentos do mito da resistência, o que prevaleceu, na memória coletiva, como a única ou soberana forma de se pensar a participação política do autor foi aquela correspondente aos anos 1930-1950. Talvez seja por este motivo que, em alguns esforços de memória, a atuação

---

<sup>181</sup> Alguns destes trabalhos são: TÓRRES, Raquel Mundim. Relatos de viagem de comunistas à URSS: a confirmação de uma utopia. In: XX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E LIBERDADE. *Anais...* São Paulo: ANPUH/SP – UNESP-Franca, 2010; BARBOSA, 2010; TOLLENDAL, Jaqueline Peixoto Vieira da Silva Eduardo. A literatura e o comunismo na América Latina: Alejo Carpentier e Jorge Amado. *Horizonte Científico*. São Paulo: [s.n.] vol. 2, nº 1, 2008; PALAMARTCHUK, 2003; ALMEIDA, 1979.

<sup>182</sup> Cf. REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS; RIDENTI; MOTTA, 2004.

de Jorge, ao longo da ditadura militar foi confundida com a forma pela qual o autor se mobilizou durante o Estado Novo, quando ainda era um militante comunista do PCB.<sup>183</sup>

Parece ter sido preferível manter esta imagem, tal como se vê na maioria dos discursos biográficos do que pensar os pontos dúbios que levariam a alguma aproximação do escritor com personagens, discursos e projetos identificados com o regime, como sugere por exemplo, o relato da Liga Bolchevique Internacionalista (LBI).

## 2 LEMBRANÇAS DE UMA VIDA E DE UMA HISTÓRIA VIVIDA

Ao longo de sua vida Jorge Amado foi constantemente estimulado a refletir sobre os caminhos seguidos em sua trajetória. Os depoimentos concedidos por ele são reveladores dos discursos que foram sacralizados e fixaram certo imaginário sobre si e sobre a história que viveu. As narrativas biográficas e autobiográficas produzidas ao final da vida do autor guardam, neste sentido, uma especificidade ao buscarem dar sentido para a totalidade da trajetória.

Das declarações do escritor realizadas quando o autor já se encontrava em idade avançada, optamos por trabalhar com aquelas inseridas nas décadas de 1980 e 1990, por ser este um período que envolveu o cinquentenário do primeiro romance de Jorge, *O País do Carnaval*, e a chegada dos 80 anos de idade do romancista. Naquele momento, observamos que o autor se sentiu impelido a refletir sobre o sentido de sua vida e obra talvez com maior empenho do que ao completar outras décadas de vida. Hipótese que pode ser explicada por um sentimento de proximidade da morte. Esse aspecto é perceptível em sua decisão de começar, naquele período, a escrever sua autobiografia e de contribuir, através de entrevistas, com outras biografias a seu respeito.

---

<sup>183</sup> Em redes sociais onde é possível constatar os embates de memória de maneira bastante aberta, percebemos que há uma pronta recusa diante da acusação de alguns quanto a um suposto apoio de Amado em relação à ditadura. Esta recusa é respalda, todavia, na atuação política de Amado entre os anos 1930-1950.

Os depoimentos biográficos desta temporalidade se configuraram de fato como dos mais antigos produzidos enquanto o autor estava vivo. Isto porque sua saúde foi piorando progressivamente entre 1990 e 2001. Ele foi deixando de escrever e se tornando recluso até falecer antes de completar o seu octogésimo nono aniversário, em 2001.<sup>184</sup>

Além de conter a avaliação do escritor sobre o seu percurso, seus caminhos escolhidos, os relatos analisados trazem também o posicionamento dele diante de questões que estavam sendo debatidas na realidade imediata. Deste modo, apesar de estes depoimentos poderem ser tratados, de um modo geral como testemunhos da época em que foram produzidos (anos 1980-1990), nos interessa aqui refletir sobre seu aspecto memorialístico. Isto é, o que eles oferecem como visão do passado, em especial do passado do romancista.

Prosseguindo a investigação referente à memória em torno da vida e obra de Jorge, buscaremos analisar neste capítulo, como os relatos em questão podem contribuir na investigação das narrativas dele sobre si. Nos interessa investigar, particularmente, que elementos são acionados pelo autor para se caracterizar como intelectual engajado e, por sua vez, quais são esquecidos ou silenciados por ele neste processo.

Partimos da hipótese de que a narrativa memorialística valorizada por Jorge Amado quanto a sua trajetória como escritor engajado, tendeu a sobrevalorizar os aspectos de continuidade sobre os aspectos de ruptura. Acreditamos que o autor sustentou uma memória sobre si que ora se aproxima ora se distancia dos discursos analisados no seu após morte e centenário de nascimento.

De todo o material biográfico e autobiográfico levantado, trabalhamos com aqueles em que foi possível identificar a fala, o posicionamento do autor, de maneira direta. Por este motivo, as biografias *Jorge Amado: vida e obra*,<sup>185</sup> *Jorge Amado: 80 anos de vida e obra*<sup>186</sup> e

---

<sup>184</sup> Cf. GATTAI, Zélia. *Vacina de sapo e outras lembranças*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

<sup>185</sup> TÁTI, Miécio. *Jorge Amado: vida e obra*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

<sup>186</sup> RUBIM, Roseane; CARNEIRO, Maried (Org.). *Jorge Amado, 80 anos de vida e obra: Subsídios para pesquisa*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1992. (Bibliografia)

os diversos livros memorialísticos de Zélia Gattai, em que a autora dá testemunho à trajetória de si e de seu companheiro Jorge Amado, não foram utilizados como fontes prioritárias para este capítulo. Apesar de abarcarem importantes depoimentos e informações sobre a trajetória do autor, não são constituídas essencialmente por relatos do próprio escritor.

Ainda que por vezes cite a fala do intelectual, ou que tenham sido projetadas a partir de entrevistas concedidas por ele, ou produzidas com a sua colaboração e aval, estas produções foram constituídas textos que não foram elaborados pelo escritor. Deste modo são leituras ou versões de seus autores e organizadores sobre a vida e obra de Jorge.

Já a autobiografia intitulada *O Menino Grapiúna*<sup>187</sup> é composta pelas lembranças do romancista especificamente sobre a sua infância. Concluimos que uma investigação sobre esta obra não traria maiores contribuições para uma reflexão mais específica sobre a memória do escritor a respeito de sua trajetória intelectual e política.

Sendo assim, o material selecionado para esta análise foi: entrevistas concedidas por Jorge e veiculadas em jornais; a entrevista anexada no livro *Jorge Amado*<sup>188</sup>, e aquelas realizadas na composição da biografia *Conversando com Jorge Amado*<sup>189</sup>. Além destas fontes, investigamos também os apontamentos de memória reunidos por Jorge Amado em seu livro autobiográfico *Navegação de Cabotagem*.<sup>190</sup>

Interessamos em destacar em cada um desses materiais o modo como Jorge Amado considerou na velhice a sua participação, o seu engajamento nos embates e dilemas da sociedade. Neste sentido, buscamos também avaliar as versões apresentadas para os acontecimentos vividos. Estas leituras puderam explicar a valorização de certo tipo de atuação em detrimento de outros, sempre em função do momento de produção da narrativa.

---

<sup>187</sup> AMADO, Jorge. *O menino grapiúna*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

<sup>188</sup> GOMES, 1981.

<sup>189</sup> RAILLARD, 1992.

<sup>190</sup> AMADO, 1992.

Apesar de se almejar trabalhar com memórias do final da vida do autor, nas quais se constata a recorrência de certos discursos, atentamos também para as especificidades dos relatos. Particularidades constatadas em parte pelo caráter circunstancial de todo e qualquer testemunho, pelo contexto específico em que são produzidos e também pela tipologia de cada relato. Assim, certos elementos apareceram em um e não em outro; certo tema foi apresentado de maneira mais positiva em um do que em relação ao outro etc. Por este motivo, algumas repetições temáticas tornaram-se inevitáveis, porém buscamos ressaltar as especificidades encontradas na abordagem a cada assunto em cada conjunto de fontes.

Devido a estas especificidades e à importância do entrevistador na condução de um relato biográfico, dividimos a análise do material citado em entrevistas e autobiografia. Na autobiografia, o autor selecionou o que quis falar e organizou a narrativa da forma como bem entendeu, sendo por isto um depoimento biográfico diferenciado em relação às entrevistas que concedeu. A separação das entrevistas em 3 níveis se explica pelo veículo através do qual foram publicadas (periódico e livro), mas também pela maior ou menor elaboração e extensão da entrevista.

Na biografia *Jorge Amado*, a entrevista com o autor foi só mais um elemento do livro em homenagem ao escritor. A obra foi composta também por secções como cronologia biográfica, obras do autor, textos selecionados, panorama da época, cronologia histórico-literária e características do autor. Além destas, encontramos ainda outras partes de natureza estritamente pedagógica como verificação dos conteúdos, exercícios de fixação, atividades de criação e exercícios para consulta. Já no livro *Conversando com Jorge Amado* foi a reprodução das entrevistas feitas por Alice Raillard ao longo de quinze encontros com Jorge que formaram o todo do livro.

## 2.1 Entrevistas

### 2.1.1 Entrevistas veiculadas em periódicos

Os relatos analisados nesta secção foram aqueles encontrados em recortes de jornais em pesquisa ao Acervo Jorge Amado, localizado na Fundação Casa de Jorge Amado, na Bahia. Localizamos o material utilizado na série de pastas intituladas *entrevistas, discursos, política e análises* referentes ao período 1980-1990. Elas reúnem documentos pela instituição como de produção passiva, isto é que não foram produzidas e publicadas pelo autor. Nelas encontramos a reprodução de entrevistas completas realizadas com o escritor.

Assim como o material investigado no imediato pós morte e no centenário de nascimento de Jorge Amado, as fontes encontradas nas pastas em questão foram suficientes para atender às necessidades levantadas para este capítulo. Trata-se de recortes de periódicos diversos das entrevistas com o autor coletados pela instituição de maneira diversa. São documentos doados à Fundação, por familiares, amigos, admiradores do escritor. Alguns, enviados à instituição por pessoas ligadas a esses jornais, de maneira voluntária ou por iniciativa da Casa, que busca adquirir tais exemplares sempre que toma conhecimento de que uma matéria sobre Jorge Amado será publicada.

Pela grande oferta e diversidade deste material da FCJA, optamos por não realizar uma pesquisa nos acervos dos jornais onde se encontram muitos dos textos analisados. Destacamos, neste ínterim, que os relatos difundidos em jornais não apresentam em sua maioria reflexões retrospectivas pela própria natureza deste meio de comunicação que prioriza a veiculação de notícias sobre o momento vivido. Assim, verificamos nos periódicos certa preferência na abordagem a acontecimentos recentes, que encontram uma maior probabilidade de virar notícia. Foram, portanto, voltados a informações e reflexões que diziam respeito à realidade imediata.

Dos diversos tipos de entrevistas listados pelo pesquisador e professor de jornalismo Jorge Pedro Sousa em seu livro *Elementos de Jornalismo Impresso*<sup>191</sup>, concluímos que a maioria daquelas concedidas por pelo romancista nos referidos recortes, são do tipo *entrevistas mistas*, isto é, que misturam aspectos de outros dois tipos de entrevistas. Na *entrevista mista*, que é o tipo mais comum de acordo com o jornalista, além de se procurar revelar o modo de ser, o pensamento e a vida de uma pessoa, geralmente de uma pessoa pública – aspectos da *entrevista de personalidade* – se busca obter informações do entrevistado sobre um ou vários temas – característica da *entrevista de declaração*. Acreditamos que podem ser classificadas também como *entrevistas de atualidade*, um subtipo das *entrevistas de declarações*, que se caracterizam pela busca de informações junto a fontes autorizadas sobre temas de interesse público no momento.<sup>192</sup>

Concordamos com Jorge Pedro Sousa que a principal função do jornalismo nos estados democráticos de direito é a de manter um sistema de vigilância e de controle dos poderes (o governo, o parlamento, os partidos políticos, os agentes econômicos etc.). Uma vigilância exercida através da difusão pública de informações. Para ele, informar significa nesta asserção lata, publicitar os atos dos agentes de poder. Significa ainda analisar estes atos, expor o contexto em que se praticam, explicar suas consequências possíveis, revelar suas condicionantes.<sup>193</sup>

O interesse jornalístico nos intelectuais e particularmente na opinião destes indivíduos sobre temas políticos, explica-se pelo interesse social que seus relatos despertam. Uma matéria com um intelectual que é ao mesmo tempo uma personalidade, sobre algum assunto em debate na sociedade, mesmo que não corresponda ao seu âmbito de atuação, desperta a curiosidade do grande público e aumenta a circulação do jornal.

---

<sup>191</sup> SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de jornalismo impresso*. Porto: Letras Contemporâneas, 2005.

<sup>192</sup> Ibid, p.237.

<sup>193</sup> Ibid, p.13.

Esse interesse social quanto à opinião dos intelectuais para assuntos públicos, bem como o engajamento assumido por eles, como parte da natureza de seu trabalho intelectual, se relaciona, em última instância, com o famoso caso Dreyfus, ocorrido em 1894 na França.<sup>194</sup>

Desde então, a categoria de intelectual foi considerada como:

[...] um conjunto relativamente heterogêneo de atores sociais (cientistas, universitários, escritores...) que têm em comum, além de serem profissionais que trabalham no campo das ideias e dos saberes, de terem chegado, nos seus setores respectivos de atividades, a um grau suficiente de autonomia e de prestígio para reivindicar um direito de intervir nos negócios públicos. Em outros termos, o intelectual é aquele que, invocando a competência que lhe reconhecem na sua disciplina, deseja “abusar” dela para a boa causa, quer dizer, para tomar posição no debate público em nome dos valores desinteressados que orientam o seu trabalho de escritor, cientista ou professor. O intelectual tem, portanto, a posição do árbitro e do franco-atirador, e usa da sua posição de exterioridade com relação à esfera política para proferir uma palavra ao mesmo tempo autorizada e carismática.<sup>195</sup>

Devemos ponderar que esta categoria sofreu uma espécie de crise ou mutação no final do século XX com o colapso das grandes ideias globalizantes. Este acontecimento provocou uma crise política dos intelectuais e a erosão de sua imagem e influência na sociedade, tal como já analisou Jean-François Sirinelli.<sup>196</sup> O resultado deste processo foi a valorização de personagens da esfera da imagem e do som como formadores de opinião. A figura do intelectual engajado passou, então, a ter contornos mais vagos e repercussão indistinta.

---

<sup>194</sup> O Caso Dreyfus foi um escândalo político que dividiu a França por muitos anos, durante o final do século XIX. Centrava-se na condenação por alta traição de Alfred Dreyfus em 1894, um oficial de artilharia do exército francês, de origem judaica. O acusado sofreu um processo fraudulento conduzido a portas fechadas. Dreyfus era, em verdade, inocente: a condenação baseava-se em documentos falsos. Quando os oficiais de alta-patente franceses se aperceberam disto, tentaram ocultar o erro judicial. Mais tarde, as evidências da inocência de Dreyfus possibilitaram um segundo julgamento que não reverteu a sentença anterior. Isto provocou a indignação do escritor Émile Zola que expôs o escândalo ao público geral no jornal literário *L'Aurore* numa famosa carta aberta ao Presidente da República intitulada *J'accuse!* (Eu acuso!). O caso Dreyfus dividiu a França entre os *dreyfusards* (os apoiantes de Alfred Dreyfus) e os *anti-dreyfusards* (contra ele). A disputa foi particularmente violenta, uma vez que envolvia vários assuntos no clima controverso e agitado de então. Vários intelectuais - professores, estudantes, artistas, escritores - aliaram-se aos *dreyfusards* e assinaram pedidos intercedendo por Dreyfus.

<sup>195</sup> BENOÎT, Denis. *Literatura e engajamento*. Bauru: Edusc, 2002, p.210 apud FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.36, 2004.

<sup>196</sup> Cf. SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais do final do século XX: abordagens históricas e configurações históricas. In: AZEVEDO, 2009.

Foi um período em que a imagem do intelectual passou a ser dessacralizada e estes atores despertaram a atenção dos historiadores, ávidos por compreender o poder que exerciam na sociedade. Sirinelli lembra que às agitações e questionamentos internos no próprio meio intelectual, do qual os historiadores fazem parte, acrescentou-se logo a curiosidade do “grande público”.<sup>197</sup>

No caso de Jorge Amado, além de se enquadrar na categoria de intelectual engajado, também era um personagem que esteve envolvido cada vez mais com o no universo da imagem e do som, especialmente a partir dos anos 1970-1980. Neste período, muitas de suas obras foram adaptadas para a TV e o cinema, o que o tornou presente nos meios midiáticos, e deste modo, ainda mais popular. Assim, ele foi constantemente solicitado a explicitar em entrevistas a periódicos, seu posicionamento em diferentes contextos políticos e sociais ao longo de sua vida, mas especialmente no final do século XX, dada valorização da história dos intelectuais dentro e fora do meio acadêmico.

Os seus depoimentos que se encontram nos jornais impressos muitas vezes dizem respeito à realidade imediata e frequentemente abordam temas que envolvem a esfera do político. Da grande variedade de conferências concedidas por ele e veiculadas em jornais no período citado, selecionamos aquelas que trazem uma leitura do autor sobre seu passado. Neste sentido, nossa opção metodológica no tratamento da relação entre história e comunicação foi a de considerar que “o que chega do passado são vestígios memoráveis, permanentemente reatualizados pelas perguntas que do presente são lançadas ao pretérito”<sup>198</sup>. Assim, nosso enfoque foi dado aqui à “capacidade de invenção da narrativa”<sup>199</sup> do escritor sobre si e sobre a história vivida.

---

<sup>197</sup> Cf. SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, p.241, 2003.

<sup>198</sup> BARBOSA, Marialva. Meios de Comunicação e História: elos visíveis e invisíveis. In: V CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. *Anais...* São Paulo: Facasper e Ciee, p.3, 2007.

<sup>199</sup> Ibid.

É possível verificar que muitas entrevistas de Jorge para jornais foram feitas em ocasiões diversas. Elas foram motivadas pelo lançamento ou aniversário de publicação de romances do autor no Brasil e no exterior, pela comemoração de datas especiais em sua vida, como a dos 35 anos ao lado de Zélia e a de sua condecoração com a Ordem de Santiago da Espada<sup>200</sup> pelo presidente de Portugal, por exemplo. Algumas delas, feitas em virtude da passagem dele por alguma cidade do Brasil, ou a algum outro país.

Elas se caracterizam predominantemente como *entrevistas de personalidades*, referentes a pessoas notáveis na sociedade, mas agregam também elementos de *entrevistas de atualidade* uma vez que o entrevistado fala sobre temas da atualidade em certos momentos. Quanto à origem, são entrevistas do tipo *caracterizadas*, isto é, de grande importância e destaque no jornal, diferenciando-se das *entrevistas de rotina*, do dia-a-dia. Em relação ao estilo, são do tipo *pergunta-resposta*, ou seja, a uma pergunta do jornalista sucede a resposta do entrevistado, e assim sucessivamente. Raramente acontece de as respostas do entrevistado serem incorporadas em texto que integra outras informações, isto é, através de um discurso indireto. São *entrevistas individuais*, dedicadas a um único entrevistado, e *exclusivas*, conduzidas por um único entrevistador. Quanto ao tamanho, são *grandes*, possuindo ampla dimensão, o que geralmente ocorre em entrevistas feitas com figuras públicas.<sup>201</sup>

Possivelmente, em virtude das reflexões apontadas a respeito da natureza do meio de comunicação pelo qual foram publicadas, observamos que nas entrevistas selecionadas, o autor foi frequentemente estimulado a avaliar a sua produção literária a partir das suas relações com

---

<sup>200</sup>A Ordem Militar de Santiago da Espada, de nome completo Antiga, Nobilíssima e Esclarecida Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, do Mérito Científico, Literário e Artístico, é uma Ordem honorífica portuguesa que herdou o nome da Ordem de Santiago, extinta em 1834, e que é concedida por mérito literário, científico e artístico e, da qual o chefe do Estado português se constitui o Grão-Mestre. Em harmonia com os usos internacionais, as Ordens Honoríficas Portuguesas podem ser atribuídas a cidadãos estrangeiros, como membros honorários de qualquer grau, não se lhes aplicando as condições da sua concessão a cidadãos nacionais. Cf. BRASIL, *Decreto do Presidente da República n.º 20/2011*, 2 mar. 2011 publicado no Diário da República, 1.ª série, n.º 43, 2 mar. 2011 e PÁGINA OFICIAL DO GRÃO MESTRE DAS ORDENS HONORÍFICAS PORTUGUESAS. *Ordens honoríficas portuguesas*. Disponível em: <<http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=175>>. Acesso em: 15 out. 2014.

<sup>201</sup> Cf. SOUSA, 2005, p. 236 e 237.

a sociedade e a política, critério pelo qual era levado a refletir sobre os aspectos de unidade/continuidade e de ruptura/ mudança na sua trajetória. Neste sentido, o discurso que destaca a unidade aparece frequentemente na fala do escritor em contraposição àquele que ressalta as mudanças, rupturas e etapas proposto pelos entrevistadores, como vemos no seguinte trecho de entrevista:

- Dentro de sua vasta obra literária, entendemos que a trilogia “Os Ásperos Tempos”, “Agonia da Noite” e “A Luz do Túnel”, que forma “Os Subterrâneos da Liberdade”, além de “Seara Vermelha” e o “Cavaleiro da Esperança”, eram obras de engajamento político. De uns quinze anos pra cá, ao que parece, a sua estrutura de romancear a nossa vida dançou um pouco pelos varais da vida. O que foi que aconteceu: desengajou-se do partido que militava, ou decepcionou-se da ideologia do PC?

Minha obra literária é toda ela baseada na realidade da vida do povo brasileiro, realidade cruel devido à pobreza, ao subdesenvolvimento, ao latifúndio, às multinacionais, enfim a uma sociedade arcaica e injusta. [...] **O fato de eu retratar a vida do povo, torna a minha literatura extremamente política por ser social e nascer da realidade.** No conjunto dessa obra alguns livros como a trilogia “Os Subterrâneos da Liberdade”, “Farda Fardão Camisola de dormir”, “ABC de Castro Alves” e “O Cavaleiro da Esperança”, têm uma temática diretamente política e não apenas social. É isso apenas o que se passa. Os “varais da vida” são seus, uma repetição de um lugar comum de críticos que com certeza não leram os livros de que falam. Se lessem, teriam visto que em minha obra o livro mais revolucionário se chama “Tenda dos Milagres” um dos mais recentes e que o último tem um tema eminentemente político, a luta contra o fascismo, a ditadura, a opressão, o militarismo. E fim de papo.<sup>202</sup> [grifo nosso]

É interessante perceber nesta entrevista que, apesar do questionamento girar em torno da obra de Jorge Amado, ela não se limita a aspectos propriamente do campo das letras. O debate se instaura a partir da relação entre o desenvolvimento da obra do escritor e o desenvolvimento da história e da política. Ao conceber a sua produção literária de maneira seccionada, o entrevistador utiliza uma determinada forma de compreender a obra de Jorge que tem como marco a publicação de *Gabriela cravo e canela*, em fins dos anos 1950.

Em meio à crítica literária, *Gabriela cravo e canela* foi sentida já na época de sua publicação como um divisor de águas na produção do romancista,<sup>203</sup> Diferenciando-se dos

<sup>202</sup> AMADO, Jorge apud JORGE Amado. *Diário do Povo*, Campinas, 02 ago. 1980. Suplemento Dominical, p. 8.

<sup>203</sup> Para maiores informações sobre o assunto conferir análise feita na seção “Gabriela cravo e canela e o surgimento de dois mitos” do Capítulo 3 da dissertação CALIXTO, 2011.

chamados “romances proletários” aos quais o escritor havia se dedicado anteriormente. Gênero definido pelo próprio, quando da publicação de *Cacau*, como “literatura de luta e revolta, mais crônica e panfleto do que romance no sentido burguês”.<sup>204</sup>

Autor e crítica identificaram em *Gabriela* uma atenuação do discurso político-ideológico inflamado que marcou muitos de seus livros anteriores como *Cacau*, *Suor*, *Seara Vermelha* e *Os Subterrâneos da Liberdade*, por exemplo. Além disto, o humor, a alegria e o otimismo foram introduzidos como elementos fundamentais da narrativa.

Muito se debateu sobre as motivações destas transformações e em muitos casos elas foram atribuídas a mudanças históricas e políticas. Ou melhor, ao modo como Jorge Amado reagiu a certos acontecimentos em meados dos anos 1950, especialmente no que se refere à divulgação dos crimes do regime soviético. O desencanto com o stalinismo, o afastamento de do escritor em relação ao Partido Comunista foram interpretados como os principais motivadores para as mudanças identificadas na obra do escritor.

Se em parte estas mudanças foram bem recebidas por parte da crítica, foram também alvo de condenações por aqueles que preferiam um Jorge mais combativo politicamente dentro e fora do campo literário. Apesar de o stalinismo ser posto em xeque com a divulgação dos crimes cometidos em nome do socialismo, o realismo socialista, política de Estado para a estética adotada por Stálin, continuou a ser seguida ainda durante anos pelos comunistas. Assim, ao se distanciar e mesmo criticar o realismo socialista, bem como outros o fizeram na mesma época, Jorge Amado foi execrado por muitos comunistas que continuaram a seguir as orientações de Moscou de maneira ortodoxa. Foi acusado, dentre outras coisas, de oportunista e traidor, escritor desinteressado.

A resposta do intelectual a estes julgamentos foi frequentemente a afirmação de seu engajamento como elemento de unidade em sua trajetória. Engajamento no sentido de retratar

---

<sup>204</sup> Cf. AMADO, Jorge. P.S. In: *Boletim de Ariel*. [S.l.: s.n.], (II, 11), p.292, ago. 1933, apud BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. Campinas: Editora da Unicamp, p.216, 2006.

os problemas sociais antes mesmo do que os problemas políticos. De certo modo parece ter considerado que as questões sociais a que se referia encontravam-se na média ou longa duração, envolvendo também questões políticas. Já os acontecimentos pontuais da esfera política estrito-senso estariam na curta duração. Neste sentido, a unidade de sua obra seria reiterada pela longevidade de tais questões sociais ao longo da história. O autor afastava assim a possibilidade de suas obras serem afetadas por questões mais imediatas, inseridas na curta duração.

Como vimos no trecho de entrevista citado, Jorge foi estimulado a refletir sobre a sua vida e obra, sobretudo a partir dos elementos de mudança identificada pelo entrevistador como sendo resultado de eventos histórico-políticos precisos. Notadamente, divulgação do relatório Krushev e o afastamento do escritor em relação ao Partido Comunista. O entrevistador não considerou a possibilidade de que as transformações na literatura de Jorge fossem resultado de outras motivações alheias aos acontecimentos políticos.

Além disto, o entrevistador partiu do princípio de que as obras do autor eram engajadas politicamente e deixaram de ser. Esta parece ter sido a principal mudança observada. A explicação para tal ruptura se limitaria, portanto a duas motivações, concatenadas entre si e com os acontecimentos citados. Ocorreram pelo escritor ter se desengajado do partido que militava e/ou por ter se decepcionado com a ideologia do PC.

A resposta de Jorge começou pela reafirmação de seu posicionamento “ao lado do povo” como algo que prevaleceu em suas obras acima de qualquer particularidade de um ou outro romance. Foi como particularidade que ele tratou o fato de alguns de seus livros terem uma temática diretamente política e não apenas social. Além disto, buscou mostrar que a temática política apareceu em obras suas mesmo após o momento creditado por muitos como de alienação em sua trajetória, com sua saída do PC em meados dos anos 1950. Foi contundente ao afirmar que *Tenda dos Milagres*, de 1969, era o mais revolucionário de seus livros e que seu último livro, referindo-se a *Farda Fardão*, de 1979, possuía um tema eminentemente político.

Intentou mostrar desta forma que este tipo de temática não desapareceu de sua produção, ou seja, não era uma característica própria de uma fase de sua literatura. Além disto, ressaltou que a sua preocupação sempre foi antes de tudo com as questões sociais, atenuando assim, certa divisão *etapista* de sua literatura em que pese uma preocupação político-ideológica maior em livros de determinado período do que em outros, onde voltaria sua atenção para as questões sociais.

Ignorou, e neste sentido rejeitou uma divisão de sua obra em termos de gênero literário: romance proletário x romance de costumes, por exemplo. Pela visão de alguns críticos, essa divisão estabelecia os limites entre a arte engajada e a alienada de Jorge Amado. Ele não considerou assim a possibilidade de ter focado em cada um destes estilos em períodos distintos de sua trajetória. Silenciou nesta entrevista sobre questões estético-literárias, de forma, conteúdo, de criação artística e também de objetivo que diferenciam estes dois gêneros que marcaram diversas de suas obras. A classificação que fez foi puramente temática: livros em que desenvolveu uma temática mais diretamente política e outros em que tratou de política indiretamente, ao abordar temas sociais.

Ressaltamos, no entanto que, além de retratar os dramas coletivos, para se fazer literatura proletária era necessário também, inserir o engajamento direto no próprio enredo, isto é, sugerir pela ação das massas a rebeldia, o “ar de revolta” necessário para a revolução.<sup>205</sup> Elemento que Jorge se propôs a inserir em seus romances proletários desde *Cacau*, onde explicou no “P.S.” que “a literatura proletária é uma literatura de luta e revolta. E de movimento de massa. Sem herói nem heróis de primeiro plano. Sem enredo e sem senso de imoralidade. Fixando vidas miseráveis sem piedade mas com revolta”<sup>206</sup>. O abandono deste engajamento direto no enredo de seus romances, do ar de revolta e rebeldia, não foram vistos, portanto, pelo

---

<sup>205</sup> Ibid.

<sup>206</sup> Ibid.

escritor, nas entrevistas analisadas, como sintomas de uma falta de comprometimento político seu.

A virada literária, evidente quando associada à ruptura com uma determinada filiação partidária, foi negada pelo autor. Ele buscou, antes, realçar a continuidade, o sentido social (e político-social) da sua obra e esmaecer o sentido da ruptura partidária. Foi pela sua preocupação quanto às questões sociais que Jorge acreditou ter sido sempre um autor politicamente engajado bem como esclareceu na frase grifada por nós no trecho citado anteriormente: “O fato de eu retratar a vida do povo, torna a minha literatura extremamente política por ser social e nascer da realidade”<sup>207</sup>.

Foi neste aspecto que o escritor insistiu ao afirmar no trecho acima que sempre tratou em suas obras da realidade cruel do povo brasileiro devido à “pobreza, ao subdesenvolvimento, ao latifúndio, às multinacionais, enfim a uma sociedade arcaica e injusta”<sup>208</sup>. Por este motivo afirmou que sua obra sempre foi política por ser social, por retratar a realidade do povo e não pela eventual veiculação de temática diretamente política ou mesmo pela inserção de algum engajamento político-ideológico no próprio enredo. Deste modo pareceu querer tornar a filiação stalinista que teve, menos determinante na sua obra do que realmente foi.

Em outro trecho de entrevista foi possível perceber em que sentido a narrativa que ele fazia de si no início dos anos 1980 correspondia também a um posicionamento nos debates da época:

P[pergunta] - O que chamamos “etapas” de tua obra existem em função de modificações histórico-políticas ou são o efeito do peso de tua obra sobre ela mesma?  
R [resposta] – Escrevo segundo os problemas que se colocam a mim, reajo a estes problemas, antes de tudo. E penso que há uma linha de unidade em toda esta obra, uma obra que terá bem cedo cinquenta anos: é o escritor diante do povo, contra os inimigos do povo. Esta foi minha posição do primeiro ao meu último livro, apenas a forma varia, do começo até agora. Tenho sido sempre, antes de tudo, um romancista que antes de tratar dos problemas políticos imediatos, tratou dos problemas sociais, dos problemas das massas. Meus heróis são trabalhadores, vagabundos, gentes do

---

<sup>207</sup>JORGE, 1980.

<sup>208</sup> Ibid.

povo, não uma classe. Mais que a fatos imediatos, que restringem, o importante é ligar-se a realidade, e recriá-la. Isso dá força. Alguns grandes livros que foram escritos entre nós nestes últimos anos, por romancistas tão diferentes como sejam João Ubaldo Ribeiro ou Osman Lins, por exemplo. E aí, penso, que reside o mais importante: tomar a vida do povo, a realidade e recriá-la. Isso dá força. Porque eu acredito no povo, sabe.<sup>209</sup>

Neste depoimento Jorge ressaltou que seus heróis eram trabalhadores, vagabundos, gentes do povo e não uma classe, distanciando-se neste ponto do discurso classista próprio do pensamento marxista ortodoxo. Apesar de ele ter evitado fazer qualquer tipo de relação entre suas obras e os contextos de produção imediato esta associação acabou acontecendo em parte pelo posicionamento do autor diante dos embates da época. Devemos considerar também que muitas histórias narradas em seus romances foram inspiradas em histórias que ele ouviu ou vivenciou, incorporadas nos livros de acordo com as demandas do presente.

Este foi o caso por exemplo do enredo de *Tieta do Agreste* (1977). De acordo com entrevista de Jorge Amado, a polêmica história da indústria poluente que seria implantada em Santana do Agreste foi baseada em histórias verídicas de indústrias poluentes no Brasil e no mundo que estavam causando prejuízos ao ambiente e à população local. Ele citou em entrevista um caso na Bahia, outro em Estância, no Sergipe e outro de repercussão mundial. Assim afirmou que em *Tieta* quis “colocar um problema muito imediato, grave em todos os lugares, hoje em dia, mas singularmente no Brasil: a industrialização de que tanto se fala entre nós é uma coisa feita sem qualquer cuidado com o interesse do povo”<sup>210</sup>.

Se em *Tieta* ele abordou a questão dos impactos socioambientais das grandes indústrias, um debate em voga na época, em *Farda Fardão Camisola de Dormir* (1979) afirmou que teve como motivação o contexto da ditadura militar. Disse que devia, a partir de um fato político, que foi seu ponto de partida, fazer uma coisa humana, dar-lhe amplitude. E apesar de a ação do

---

<sup>209</sup> AMADO, Jorge apud MEU GRANDE herói é o povo. *Correio do Povo*. Lisboa, p.18, 13 jan. 1980.

<sup>210</sup> Ibid.

romance estar situada na década de 1940, deixou claro a relação entre o romance e o contexto histórico-político vivido:

[...] É um livro de resistência contra a ditadura, contra o militarismo. Sou muito herético do ponto de vista do pensamento ideológico e tenho horror de duas coisas, a polícia e os militares. Eles são sempre “maus” em todos os regimes. É também um apelo à identidade em um momento em que se rompe com quinze anos de ditadura militar e em que se retorna a uma “convivência” brasileira. Isto é, ao nosso caráter brasileiro, a nossa personalidade que tudo se fez para matar durante estes quinze anos. O subtítulo do livro bem o esclarece: é uma “fábula para acordar uma esperança”.<sup>211</sup>

Nos dois casos citados, *Tieta* e *Farda Fardão* o autor assumiu em seu depoimento a relação das obras com a realidade no momento das suas produções. Apesar disto, não são fruto da reflexão sobre eventos, acontecimentos isolados e sim de processos ou mesmo de temas amplos que perpassaram questões em voga no contexto vivido mas que foram além: os impactos da industrialização, em *Tieta* e regimes ditatoriais em *Farda fardão*.

Observamos então que, apesar de não se ater a questões contextuais, Jorge Amado buscava refletir sobre a realidade da época em suas obras, dirigindo seu engajamento político a questões sociais de acordo com um pensamento comunista, como vemos no seguinte trecho:

**[...]P- Assim, fiel à linha geral de tua obra, contra o progresso industrial, você faz um chamamento a uma repartição mais justa dos bens materiais?**

Sim, na situação atual, porque aquilo que se chama de progresso no Brasil significa o enriquecimento de uma minoria, enquanto que a grande massa empobrece – e o país torna-se mais poluído, acabado. Nada está sendo feito para responder aos interesses do povo brasileiro, tudo é feito para servir aos interesses de uma casta rica [...] apodrecida moralmente, cada vez mais distanciada de qualquer interesse nacional. É esta mesma situação que tenho visto ao longo dos anos e que eu queria mostrar em meu livro.<sup>212</sup> [grifo do original]

Ele pareceu concordar que se manteve fiel em *Tieta* a uma linha geral de sua obra relacionada a um engajamento ideológico, por uma sociedade mais igualitária economicamente,

---

<sup>211</sup> Ibid.

<sup>212</sup> Ibid.

de acordo com a ideologia socialista. Mas mostrou como este engajamento apareceu de maneira atualizada na abordagem sobre o progresso industrial que o romance trouxe.

Além dos aspectos de continuidade, buscamos avaliar em que sentido Jorge Amado identificou, se não mudanças significativas, ao menos particularidades de sua obra e forma de pensar em diferentes contextos. A este respeito, em entrevista realizada em novembro de 1983, declarou:

[...] durante uma boa parte do tempo eu fui um tempo que não teve um pensamento livre. Eu, como muitos outros intelectuais brasileiros, pensávamos de uma forma dogmática e bitolada.[...] Quando escrevi os meus primeiros livros, eu juntava o que se poderia chamar de o cerne da criação romanesca, a ação, eu ajuntava um discurso de ordem política, como se não tivesse confiança na compreensão do leitor e dizia, olha, isto é assim e assim, esses meninos ‘Capitães da Areia’, esses pescadores estão sofrendo terrível exploração. Ora, esse discurso é extra-literário. Mas eu não tinha nem a necessária experiência humana, nem literária nem política para entender isso.<sup>213</sup>

Observamos que o autor considerou que durante certo tempo, ele e outros intelectuais não tiveram um pensamento livre, certamente se referindo ao período em que esteve engajado na militância político-partidária pelo PC, entre os anos 1930-1950. Um discurso presente nas narrativas autobiográficas de Jorge desde a publicação de *Gabriela* (1958), quando considerou, dentre outras coisas, que nesta obra, teve uma maior liberdade de criação.

Acreditou que esta limitação em sua maneira de pensar estava associada a uma compreensão maniqueísta da realidade, atribuída a uma falta de experiência humana e política. Tal forma de pensar teria, então, afetado a sua maneira de escrever seus primeiros livros também devido a certa inexperiência literária. Esta influência teria ocorrido para Jorge, sobretudo, ao juntar ao “cerne da criação romanesca” um discurso de ordem política extraliterário, aspecto próprio do gênero “romance proletário”. Ao que parece, o “problema”

---

<sup>213</sup> AMADO, Jorge apud GABRIELA, sozinha, é muito mais político que toda minha obra anterior. *Folhetim*. São Paulo: p.06, 13 nov. 1983.

aqui não era a veiculação de um discurso político em seus romances, mas o fato de ser guiado por um pensamento maniqueísta e incorporado de maneira equivocada em sua narrativa.

Em outro depoimento, o escritor reafirmou o discurso de que não tinha um pensamento livre e passou a ter em certo momento, transformação que coincidiu com mudanças em sua trajetória, ou na escolha do caminho seguido:

Fui deputado, fui diretor de um jornal, fui deputado à Assembleia Constituinte, fui expulso da Câmara, estive exilado. Aí foi-se a ilusão de continuar qualquer trabalho literário, pois o trabalho profissional do partido me tomava todo o tempo. Me pareceu então que o meu era um trabalho que podia ser feito por muita gente, enquanto o trabalho literário pouca gente o podia fazer pois não são muitos os que nascem para isso. E depois, também me pareceu que os livros que eu tinha escrito antes continuavam a ser mais úteis a causa do povo brasileiro do que o trabalho diário que eu fazia, de militante profissional do partido. De forma que, em determinado momento, no fim de 1955, eu fiquei diante deste impasse, ou fazer uma coisa ou outra, e decidi, que era mais importante, para mim e para tudo o que eu desejava para o povo brasileiro, no sentido de uma vida melhor, trabalhar como escritor. O que aconteceu, porém, é que logo depois, no começo de 56, houve o XX Congresso do PC soviético. E, em geral, as pessoas pensam que eu deixei de militar como profissional do partido devido a essa crise. Não. Eu deixei de ser funcionário do Partido Comunista Brasileiro – e a única diferença entre mim e os funcionários era que eu não recebia nem um centavo – porque decidi continuar o meu trabalho literário. Mas pouco depois veio a crise, e muita gente ainda hoje imagina outra coisa, e também nunca tive interesse em tornar publica as verdadeiras razões. Muitos pensam que houve uma ruptura quando não houve. O que houve é que eu, realmente, voltei a ser exclusivamente escritor. Ao mesmo tempo, é claro, voltei a pensar pela minha cabeça, porque quando se está dentro de um corpo partidário, sobretudo extremamente disciplinado, como o partido comunista, a gente pensa muitas vezes pela cabeça dos outros e não pela sua própria. Por isso, daí em diante, eu passei também a pensar pela minha cabeça, sem que isso tenha me afastado das posições fundamentais de meu pensamento.<sup>214</sup>

Neste depoimento, o autor ressaltou que a sua saída do PC como “funcionário” do Partido se deveu a sua vontade de voltar a ser somente escritor, já que as tarefas como militante e político do Partido dificultavam a sua produção literária. Em outro momento desta mesma entrevista afirmou que somente no início de sua carreira trabalhou, além de escritor, também como jornalista e editor, e que portanto, sempre viveu da renda de seus direitos autorais. Lamentou o fato de escritores profissionais terem outro ofício e deixarem o trabalho literário

---

<sup>214</sup>AMADO, Jorge apud VENTURA, Mário. Muitas vezes numa organização como o PC pensa-se pela cabeça dos outros. *Diário de Notícias*. Lisboa, 23 mar. 1980. Entrevista/ Reportagem, p.7

em segundo plano. Ao que parece, portanto, dava extrema importância ao fato de ter conquistado esta condição e tendeu a lamentar não a ter aproveitado em certo momento já que disse não ter escrito nada durante dez anos devido à intensa atividade política.

De acordo com esta narrativa, a solução encontrada foi deixar de ser, tal como se intitula, ironicamente, “funcionário” do Partido (a única diferença entre ele e os funcionários é que estes recebiam salário e ele não). A sua saída dos quadros burocráticos do Partido ocorreu então, cronologicamente, próxima à crise que se abateu sobre o PC com a divulgação do relatório Krushev, mas teria sido anterior a ela.

Seu discurso se contrapunha, como vemos, àqueles que identificaram nesta decisão de Jorge Amado não uma simples coincidência, mas o resultado da configuração política que vivenciava. De certo modo, a afirmação do autor era contraditória, ou no mínimo ambígua uma vez que reafirmou ter passado a pensar pela própria cabeça ao sair do quadro profissional do Partido. Um discurso recorrente nos relatos autobiográficos do autor pelo menos desde o lançamento de *Gabriela* e que apontava clara crítica ao dirigismo literário do Partido Comunista com base no realismo socialista, apesar de não o atacar frontalmente. Na época da publicação do livro declarou: “Creio que o realismo socialista é tão válido como qualquer outra corrente literária, apesar do seu grande futuro juntamente com a realidade que é o socialismo hoje em dia. Considero, entretanto que o escritor não deve se limitar a qualquer tendência”.<sup>215</sup> Foi significativo ter ressaltado também, em diversas entrevistas da época, que *Gabriela* era um livro de experiências como os outros, mas que neste teve “enorme liberdade de experiência”.<sup>216</sup>

Podemos concluir que a reflexão a respeito da ausência de liberdade ligada ao realismo socialista e ao PC, foi uma avaliação que Jorge passou a fazer tardiamente, após analisar os

---

<sup>215</sup> AMADO, Jorge apud DE ‘GABRIELA’ saem as preocupações de minha obra. *O Estado da Bahia*. Salvador, 11 mai. 1961.

<sup>216</sup>AMADO, Jorge apud DA VIDA vivida nascem meus livros. *Última Hora*. São Paulo, 26 jun. 1958. Citações semelhantes aparecem em: OS MEUS anos de adolescência livre nas ruas da Bahia marcaram-me para sempre. *Sete Dias*. Bahia, 11 ago. 1958; JORGE Amado considera-se cordial (aos 45 anos) ao ver coisas e gentes do Brasil. *O Imparcial*, São Luiz, 16 set. 1958; ESCREVEREI romances até morrer. *O Povo*, Fortaleza, 17 out. 1958.

acontecimentos que se seguiram a sua saída do Partido. Por este depoimento, poderíamos supor que pensava ter perdido esta liberdade sem perceber, com o passar do tempo, ao dizer que isto acontece “quando se está dentro de um corpo partidário, sobretudo, extremamente disciplinado, como o partido comunista”<sup>217</sup>.

Assinalamos que, a princípio, não houve uma crise ou uma polêmica devido à atitude de Jorge Amado em relação ao PC, nem pelo abandono do gênero “romance proletário”. O escritor continuou a se afirmar como intelectual socialista ainda que tenha se desligado do realismo socialista. Apesar do distanciamento em relação ao PCB em meados dos anos 1950, Jorge manteve por algum tempo boas relações com o Partido, o que pode ser atribuído também a certa disposição de sua parte em se manter discreto.

Entretanto, observamos que no início dos anos 1960 ele pareceu ter abandonado a discrição ao denunciar os crimes cometidos pelo PC, a começar por uma carta do escritor denunciando o Partido Comunista como um “mar de lama e sangue”<sup>218</sup> que foi publicada na segunda edição do livro *A Grande Muralha*<sup>219</sup>, de Aylton Quintiliano<sup>220</sup>. A atitude revelou ao público o descontentamento de Jorge em relação aos crimes cometidos pelo Partido em nome do stalinismo. E neste ponto é possível supor que esta postura foi a erupção de um sentimento de decepção em relação ao Partido, reprimido desde que soube dos crimes do regime soviético. Ou mesmo, se revelou o resultado de um processo de conscientização por parte do escritor de que ele próprio foi capaz de se omitir em relação a abusos e atrocidades cometidos pelo Partido por “não pensar pela própria cabeça”, ao estar inserido no quadro disciplinar desta entidade.

De todo modo, a relação com o PC foi constantemente amenizada nos depoimentos do romancista, já que Jorge buscou acentuar os aspectos de continuidade nesta relação. Essa

---

<sup>217</sup> AMADO, Jorge apud VENTURA, 1980.

<sup>218</sup> Cf. MAR DE LAMA do PC figura na 2ª ed. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 31 mai. 1960.

<sup>219</sup> QUINTILIANO, Aylton. *A Grande Muralha*. 2ª ed., Editora: Bruno Buccitini, 1960.

<sup>220</sup> Uma análise mais detalhada sobre o contexto de publicação desta carta de Jorge Amado foi feita no terceiro capítulo do presente trabalho, onde refletimos a inserção do escritor no debate desencadeado no campo comunista após a divulgação do relatório secreto de Krushev.

postura passou também pela reafirmação de seu posicionamento em favor do socialismo, tal como podemos verificar na seguinte entrevista:

*E hoje? As suas posições políticas de hoje ainda tem algo a ver com as desse tempo?*  
 Eu hoje continuo a ser um homem que luta pelo socialismo, contra o capitalismo. Mas também acho que o socialismo não significa opressão nem ditadura. Quer dizer: eu não poderia dizer que o meu pensamento é coincidente com o pensamento do... aliás, com que partido comunista? ...porque hoje é difícil você dizer isso. Você tem que perguntar como é. E aí eu já não entro na discussão. Posso dizer qual é o meu pensamento, posso lhe dizer da minha estima pessoal pelas conquistas no sentido da luta que eles, de uma ou de outra maneira, fazem em benefício das suas pátrias, dos seus povos, etc. e da minha estima muito grande, de admiração pessoal, por muitos daqueles homens a começar por Prestes, de quem sou amigo e admirador há muitos anos, tanto que o meu livro sobre ele circula, não só aqui, como voltou a publicar-se no Brasil o ano passado, depois de quinze anos de proibição. Eu sempre digo que as melhores pessoas que conheci na minha vida eu as conheci no Partido Comunista. Algumas das piores também, mas isto acontece em todos os lados. [...] <sup>221</sup>

Nesta fala, o autor relativizou também uma identidade em relação ao PCB já que o partido passou por cisões que deram origem àquela altura a outro partido, o PCdoB. Essas cisões tiveram raízes na crise enfrentada pelo PCB com o XX Congresso do PCUS em 1956. Pareceu sugerir que o seu pensamento não coincidia com o do Partido por não acreditar em socialismo com ditadura, com opressão. Em relação particularmente ao PCB, ou aos partidos comunistas do Brasil, este relato de Jorge Amado revelou certa desconfiança, calcada no passado, de que o projeto de sociedade defendido por estes organismos continuava assentado em regimes ditatoriais semelhantes ao stalinismo.

Quanto a isto, ressaltamos que, apesar de não apoiar a luta armada e desacreditar em transformações sociais lideradas por vanguardas, e sim com a participação das massas, o PCB só consolidou, formalmente a “via democrática” em 1982, dois anos após esta entrevista de Jorge. Naquele ano o Partido realizou o seu VII Congresso, no qual formulou uma linha política para as novas condições da sociedade, sob o título "Uma alternativa democrática para a crise brasileira". O PCB atualizou o seu projeto de tornar-se um partido nacional de massas

---

<sup>221</sup> AMADO, Jorge apud VENTURA, 1980.

vinculando organicamente o objetivo socialista a uma democracia de massas, a ser construída no respeito ao pluralismo e nos valores fundamentais da liberdade.<sup>222</sup>

Por outro lado, o PCdoB apostou na radicalização do enfrentamento com o regime, apoiando a luta armada e o movimento de vanguarda e se mantendo fiel ao programa revolucionário.<sup>223</sup> No que se refere aos partidos comunistas dos países da União Soviética, apesar do processo de desestalinização iniciado com Krushev em 1956, o autoritarismo era ainda muito forte. Se fez sentir, por exemplo, na invasão dos países do Pacto de Varsóvia à Tchecoslováquia em 1968, a fim de deter a Primavera de Praga, as reformas de liberalização política de Alexander Dubcek.<sup>224</sup>

A postura do escritor em relação à atuação dos partidos comunistas parecia então oscilar entre a admiração e a desconfiança. A identificação ressaltada foi sobretudo na defesa do socialismo, contra o capitalismo. Isto é, mais na ideologia do que em um projeto específico de sociedade, em um caminho determinado para se chegar ao socialismo.

Ele destacou também em sua fala o sucesso de seu livro sobre Prestes e sobre como esteve proibido ao longo do regime militar, isto é, durante os 15 anos anteriores à entrevista. A sua liberação para a circulação em 1979, teria ocorrido, por sua vez, em meio ao período de abertura política iniciado no governo Geisel.

Esta referência a censura a uma obra sua parece, todavia, ter sido exagerada, pois, em diversos de outros relatos seus, o autor afirma não ter sofrido com a censura, com exceção de capítulos de obras suas publicadas em jornais e revistas. Com este exagero ele aparenta querer evidenciar o seu posicionamento ao lado de Prestes e dos comunistas. Tratou, portanto, de um

---

<sup>222</sup> Cf. BREVE histórico do PCB.

<sup>223</sup> Cf. HISTÓRIA DO PC DO B, 2014.

<sup>224</sup> A ação inaugurou a política externa da União Soviética conhecida como Doutrina Brejnev que foi considerada *neostalinista*, por ser expansionista, agressiva, defender o culto da personalidade e a burocracia no Estado. A doutrina defendia acima de tudo a união entre os países e partidos socialistas, com alinhamento a Moscou, com licença para intervir política e militarmente em qualquer país que, supostamente, ameaçasse a paz mundial ou as vitórias do ideal comunista. Na prática, a doutrina limitou a independência de partidos comunistas em todo o mundo, não permitiu a saída de qualquer Estado do Pacto de Varsóvia e estabeleceu o monopólio político do Partido Comunista, se estendendo até fins da década de 1980.

livro que foi lido, assim como outros seus, conhecidos como literatura proletária, por comunistas e por aqueles contrários ao regime tanto no Estado Novo como no Regime Militar.

O escritor parecia se orgulhar deste livro assim como dos outros de sua chamada “fase proletária”, como é o caso de *Os Subterrâneos da Liberdade*. Quanto a isto, Jorge Amado teceu a seguinte consideração, afirmando seu posicionamento em relação a mais um evento polêmico em sua trajetória:

*Chegou a dizer-se que você repudiara Os Subterrâneos da Liberdade...*

Não houve qualquer repúdio, o livro não foi proibido no Brasil, nunca deixou de circular em nenhum momento. “Os Subterrâneos da Liberdade é um livro que deve ter umas trinta e tal edições. Saiu em 1954, nunca deixou de circular no Brasil. É um livro sobre a luta comandada pelo Partido Comunista contra o Estado Novo, e para mim foi muito importante tê-lo escrito, por que é um romance enorme, que exigiu muito ofício. Quanto ao mais, nada. Todos os livros que escrevi, eu sinto a satisfação de tê-los feito, melhores literalmente ou menos bons, mas eles representam sempre alguma coisa vital para mim. O único livro que retirei de circulação, o que fiz em 1954 foi “O Mundo da Paz”. Foi escrito em 1949, quando ainda era um militante e profissional do partido, e era um livro de reportagens que descrevia a minha viagem para a União Soviética e aos países da Democracia Popular. Retirei-o apenas porque envelheceu. E envelheceu de duas maneiras: porque, sendo um livro sobre a vida desses países nos anos em que os visitei pela primeira vez, essa realidade modificou-se enormemente; e porque era um livro limitado no sentido da minha própria maneira de ver. Era um livro jornalístico, e o jornalismo para mim foi sempre uma atividade secundária, uma forma de ganhar a vida. Nem considero que fosse um bom livro de reportagens, era um livro de propaganda. Aliás esse livro me valeu um processo no Brasil, e o juiz mandou arquivá-lo com a seguinte sentença que me parece admirável...” Não se trata de um livro subversivo, e sim um livro sectário”. E foi um pouco essa sentença que me levou a não publicá-lo de novo.<sup>225</sup>

Ele deixou expresso, neste depoimento, que não se arrependeu de qualquer livro seu, mas deixou claro a revisão crítica que fez em relação ao *O Mundo da Paz* e que o levou a retirá-lo de circulação. O autor particularizou este livro no conjunto de suas obras, primeiramente ao classificá-lo como um livro de reportagens. Reportagens que expressavam de maneira direta a visão positiva do escritor sobre a vida dos países da União Soviética e da Democracia Popular. Seria também um livro de propaganda, outra particularidade da obra. Propaganda não só do estilo de vida dos povos destes países, mas de sua organização política com base na orientação

<sup>225</sup> AMADO, Jorge apud VENTURA, 1980.

stalinista. Assim, se os críticos classificaram os livros da “fase proletária” de Jorge como livros de propaganda, nesta entrevista ele utilizou este mesmo discurso biográfico para classificar sua obra, porém o limitou a este único livro.

Em outras entrevistas, como vimos, ele chegou a negar a veiculação de propaganda político ideológica em seus livros. O fato de considerá-la aqui para o caso de *O Mundo da Paz*, não chega a ser algo contraditório. O escritor considerou este livro destoante dos demais não só pela propaganda e por classificá-lo como reportagens, mas também por ser sectário. Esta percepção do livro foi a utilizada pelo juiz que julgou o processo sofrido por Jorge.

O motivo da proibição do livro, para o autor, passava então pelo entendimento de que era um livro de propaganda, e assim um livro de reportagens ruim, considerando-se que o texto jornalístico pressupõe certa imparcialidade do repórter, o que não teria acontecido com aquela publicação. Além disto, ela seria sectária no sentido de fazer uma interpretação da realidade calcada em uma visão maniqueísta, intolerante e intransigente em relação a pessoas, grupos, e formas de agir e pensar. Por este motivo, o considerou limitado em relação a sua maneira de ver a realidade em 1954, o que nos levou a crer que a sua compreensão de fatos e da maneira como compreendia a realidade pode ter mudado exponencialmente no período. Somado a isto, haveria ainda o agravante de a obra “ter envelhecido”, isto é, de não corresponder mais à realidade daqueles países, segundo sua fala. Se analisarmos com atenção o período entre 1949 e 1954, talvez o fato mais marcante na história dos países do Pacto de Varsóvia foi a morte de Stálin em 1953 e a ascensão de Nikita Krushev que deu início a reformas na União Soviética e à desestalinização, condenando o culto à personalidade de Stálin, e em 1956 expondo ao mundo os crimes cometidos em nome do socialismo, ao longo do governo de Stálin.

Neste ínterim, dois aspectos chamam atenção. Primeiramente, o fato de dizer que o livro “envelheceu” e este ser um dos motivos que levou o autor a retirá-lo de circulação. De fato, o texto jornalístico, como foi dito no início desta secção, é construído na maioria dos casos com

base no contexto imediato e voltado para atender a demandas do presente, sendo neste aspecto transitório. Mas o fato de o escritor ter feito de sua literatura de viagem um livro não parece que esperasse que o conteúdo correspondesse a uma realidade transitória. Quanto a isto, é possível afirmar, portanto, que o fato de o fazer e sob um olhar positivo, revela a crença do autor na longevidade daquela realidade que admirava.

E se admirava, por que retirou o livro de circulação? Aqui mais uma vez a simples ideia de que “envelheceu” não parece se justificar. De fato, como vimos, o autor buscou ressaltar, nas entrevistas aqui analisadas, o caráter de continuidade de sua obra ao tratar de questões que tenderam a se desdobrar se remodelar, na longa duração. Neste aspecto, *O Mundo da Paz* abordaria uma realidade que teria se modificado. Apesar disto, o autor era ciente do caráter atual de suas obras. Ele não tirou de circulação *O País do Carnaval* (1931), por exemplo, mesmo que este romance tenha sido o retrato de uma geração, da realidade brasileira, aos seus olhos, no momento da produção do livro, bem como deixou expresso logo na sua primeira edição.<sup>226</sup>

Além disto, *O País do Carnaval* também destoou em muitos aspectos da produção literária de Jorge Amado e da maneira de pensar do autor que marcou muitos de seus livros de sucesso. Era um livro pessimista e vinculava em certo sentido uma visão negativa do negro e da mestiçagem, características diametralmente opostas àquelas veiculadas em seus livros, especialmente após *Gabriela cravo e canela*.

Se *O Mundo da Paz* envelheceu, também envelheceu *O País do Carnaval*, a título de exemplo. Se ele considerava que neste livro teve uma visão sectária da realidade, afirmou em outras declarações, observadas aqui, que, durante um tempo, teve uma visão sectária que influenciou a sua produção literária. Acreditamos que o motivo mais forte tenha sido, portanto, o tema escolhido e o modo abordado (como reportagem).

---

<sup>226</sup> Explicação. In: AMADO, Jorge. *País do carnaval*. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931.

Em *O Mundo da Paz*, o autor tratou, diretamente, dos países socialistas europeus, exaltou a sua forma de organização político-social, e em grande medida o stalinismo como modelo de sociedade. Falou em primeira pessoa e deste modo se expôs como seguidor desta orientação político-social. Proibir a circulação da obra parece então uma forma de marcar um posicionamento contrário a esta orientação. Assim, acreditamos que não foi porque a realidade retratada na obra envelheceu ou por ser sectária que Jorge a rejeitou, e sim porque ela simbolizava ou se relacionava a uma *lembrança-problema*, constrangedora, no que diz respeito à relação entre o escritor e o stalinismo.

Neste sentido, se o livro cristalizava, no imaginário coletivo, certo posicionamento direto de seu criador, era necessário tirá-lo de circulação pois, aí sim, envelheceu quanto ao pensamento mais atual do escritor, já que representava em parte aquilo que ele passou a criticar: o sectarismo, o autoritarismo, a ditadura do proletariado. Ele não queria manter em circulação um livro que o identificava com o stalinismo, com um momento em que fora tão claramente acrítico em relação ao stalinismo e ao socialismo soviético. E esta modificação na forma de pensar, possivelmente, esteve relacionada à crise que envolveu o Partido Comunista em meados dos anos 1950.

Mais do que uma reflexão sobre elementos de sua literatura, observamos, portanto, em muitas destas entrevistas, uma tentativa do escritor de marcar seu posicionamento contrário a discursos utilizados para negativar a sua forma de engajamento dentro e fora do campo literário. Para tanto, o reforço da unidade de seu percurso parece ponto fundamental no argumento do autor.

O que destacamos nestas entrevistas é, portanto, uma avaliação do engajamento político-literário de Jorge por intermédio de sua produção literária, meio pelo qual o romancista identificou a constância de sua atuação política. Ele não chegou a falar de outras formas de participação política sua após se afastar da militância no PCB que não aquela desenvolvida

através da escrita. Neste sentido, parece ter analisado o todo de sua trajetória de acordo com um entendimento adquirido tardiamente, de que a sua principal forma de engajamento foi através da escrita e da abordagem de questões sociais que seriam também políticas.

Este foi um dos aspectos que chamou atenção nas cerca de 10 entrevistas publicadas nos periódicos selecionados e que pode ser explicado em parte por certa *ilusão biográfica*. Isto especialmente por se tratarem de entrevistas da velhice, em que se observa uma forte tendência em se buscar uma coerência, uma lógica e uma constância na narrativa biográfica, em momento em que se vislumbra certa totalidade da trajetória, com seu início, meio e fim.<sup>227</sup>

### 2.1.2 Entrevista para o livro *Jorge Amado*

Em 1981, o escritor concedeu uma longa entrevista biográfica em sua casa no bairro do Rio Vermelho em Salvador, a Antônio Roberto Espinosa, liderança da luta armada nos anos da ditadura e editor da coleção “Literatura Comentada” da Editora Abril. Foi uma coleção dedicada a diversas personalidades, de músicos a escritores como Guimarães Rosa, Gonçalves Dias, Noel Rosa, Lima Barreto, Gilberto Gil, Fernando Sabino em diversos livros lançados em série. Esta publicação teve então uma edição, organizada por Álvaro Cardoso Gomes, sobre o romancista em comemoração pelo cinquentenário do seu primeiro livro de sucesso, *O País do Carnaval*.

Para uma melhor compreensão dos sentidos daquela edição no cenário de sua publicação, ressaltamos que, de acordo com o estudo do historiador Mateus H. F. Pereira sobre a trajetória da Editora Abril<sup>228</sup>, de 1930 até 1980, em especial de 1950 a 1980 – período de consolidação do grupo editorial–, o Brasil tinha construído uma economia nos moldes dos países ricos. O rápido crescimento da industrialização e da urbanização, o aumento da taxa

---

<sup>227</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA; FIGUEIREDO, 1998, p. 184.

<sup>228</sup> Cf. PEREIRA, Mateus H.F. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). *Em Questão*. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p239-258, jul./dez. 2005.

média de escolarização, criou oportunidades de vida e de trabalho para grande parcela da população, proporcionando certa mobilidade social e a perda da homogeneidade da classe média.

Em que pese a posição de relativa independência da Abril em relação ao Regime Militar (1964-1985), destacamos que a grande expansão da editora ocorreu nos primeiros dez anos da ditadura. Ela foi uma das empresas de comunicação mais beneficiadas pelas políticas econômicas dos militares e pela expansão do mercado editorial. Entre 1969 e 1973 a produção de livros no Brasil triplicou dado o crescimento da indústria editorial no período, momento em que o país entrou no *ranking* dos dez maiores produtores de livros. Para Fernando Paixão, “vivíamos um paradoxo: nunca se proibiu e nunca se produziu tanta cultura como nos anos do regime militar”.<sup>229</sup>

Além de buscar formar e cativar um público para conseguir grandes lucros, uma estratégia própria da indústria cultural, as iniciativas da Abril Cultural estavam próximas, de acordo com Mateus Pereira, daquilo que Bourdieu e Passeron chamaram de *pedagogia racional*, isto é, um programa para que os jovens das classes dominadas tivessem uma educação semelhante à dos jovens das classes dominantes. Assim, no campo da cultura tinham como objetivo, dentre outras coisas, levar a cultura dominante para as casas dos dominados e emergentes.<sup>230</sup> Tratava-se, numa perspectiva Iluminista, de divulgar e vender a cultura como um patrimônio<sup>231</sup>

No âmbito da música, a editora publicou a série “História da Música Popular Brasileira”, já analisada pela historiadora Luisa Quarti Lamarão.<sup>232</sup> Seus fascículos, publicados entre os

---

<sup>229</sup> PAIXÃO, Fernando (Ed.); MIRA, Maria Celeste (Coord.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998, p. 143.

<sup>230</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975 e BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. São Paulo: Bertrand, 1999.

<sup>231</sup> CHARTIER, Anne-Marie. L'école éclatée. *Le Bloc-notes de Psychanalyse*, Paris, v.7, set. 1987, p.249-268. In: PEREIRA, op. cit., p. 244.

<sup>232</sup> Cf. LAMARÃO, Luisa Quarti. *A crista é a parte mais superficial da onda: mediações culturais na MPB(1968-1982)*. Teses (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

anos de 1970 e 1982, apresentavam um encarte com a biografia e análises da obra do artista e um LP com suas principais músicas. Quanto ao âmbito literário, o projeto se expressou através da série “Literatura Comentada”.

Talvez por este objetivo, que perpassa um projeto de democratização da leitura, o livro é composto por uma seleção de textos e por uma organização bem didática e objetiva. Além da entrevista, o livro traz ainda *cronologia biográfica*, *lista de obras do autor*, *textos selecionados*, *panorama da época*, *cronologia-histórico-literária* e *características do autor*. Outras partes da publicação se assemelham àquelas encontradas em livros e materiais didáticos tais como: *verificação dos conteúdos*, *exercícios de fixação*, *atividades de criação* e *livros para consulta*. O que indica certo direcionamento da leitura não só para um público leigo, mas, especialmente, para um público de estudantes do ensino básico. Um material a ser utilizado por professores de diversas disciplinas como Literatura, Português e História nas escolas de ensino fundamental e médio.

Tendo em vista esta intencionalidade mais ampla da publicação, Antônio Espinosa assim demonstrou os objetivos e justificativas para a entrevista com Jorge Amado:

Embora você [Jorge Amado] se atribua tão pouca importância, você é homem que mais foi e é lido no Brasil, e é o brasileiro mais lido no exterior. Afinal estima-se que quase 20 milhões de pessoas já o leram; existem traduções de suas obras para 42 idiomas. Além disso você testemunhou e viveu praticamente todos os acontecimentos importantes do Brasil e muitos fatos fundamentais do mundo neste século. Viveu e testemunhou não só os fatos literários, mas também os políticos. [...] Portanto é normal que o público tenha uma grande curiosidade sobre o homem Jorge Amado. Em grande parte, os leitores de *Literatura Comentada* são jovens que não viveram tudo isso e querem saber suas opiniões, suas versões. Insistindo: essa entrevista tem um objetivo basicamente biográfico.<sup>233</sup>

Neste depoimento, fica claro que, além de tratar da vida do escritor Jorge Amado, o objetivo da conferência foi também abordar a vida do sujeito histórico Jorge Amado, e interpelá-lo sobre as suas versões dos acontecimentos vividos. Além da notória curiosidade

---

<sup>233</sup> ESPINOSA, Antônio Roberto. Entrevista biográfica, In: GOMES, 1981, p.3 e 4.

citada a respeito da celebridade do romancista, ao se chamar atenção para as relações entre o autor e sociedade, autor e contexto através da entrevista, estimula-se o olhar para questões que estão nos limites entre a História e a Literatura. Incentiva-se, assim, a construção de um conhecimento interdisciplinar e também se alargam as fronteiras do saber inerentes a cada disciplina.

A transcrição da entrevista intitulada “É preciso viver ardentemente”, fazendo referência a uma fala de Jorge, seguiu preferencialmente a uma ordem cronológica. Mas houve também certa divisão dada a partir do que foi conversado. Funcionou de maneira parecida com aquela utilizada no meio jornalístico, destacando-se certo elemento do depoimento que possa instigar a leitura, tal como se percebe pelos subtítulos: *Esse vai ser escritor*<sup>234</sup>, *Meu materialismo não me limita*<sup>235</sup>, *Problema social é racial*<sup>236</sup>. Por vezes, também se destacou o assunto, o tema tratado em cada secção através de subtítulos idealizados pelo editor a partir do que foi abordado, tal como: *Um grapiúna na região do cacau*<sup>237</sup>, *A saga de Terras do Sem Fim*<sup>238</sup>, *O lazareto e os tamancos....*<sup>239</sup>

A entrevista transcorreu, deste modo, sendo em parte orientada pelo entrevistador, mas também com certa liberdade ao entrevistado. Em muitos casos as perguntas foram abrangentes e o escritor desenvolveu longas reflexões sobre o que desejou contar sobre o tema proposto, como sugere a seguinte passagem que inicia a conversa:

LC[Literatura Comentada] – Para começar, você poderia falar um pouco sobre seu pai, João Amado de Faria, e sobre dona Eulália Leal, a dona Lalu, sua mãe.  
JA [Jorge Amado] – Eu quero falar um pouco também sobre o meu nascimento porque há uma coisa controvertida. [...] <sup>240</sup>

---

<sup>234</sup> GOMES, op. cit., p. 7.

<sup>235</sup> Ibid, p.11.

<sup>236</sup> Ibid, p.10.

<sup>237</sup> Ibid, p.4.

<sup>238</sup> Ibid.

<sup>239</sup> Ibid, p.6.

<sup>240</sup> Ibid, p. 4.

Como vemos, diante da sugestão de Antônio Espinosa, o autor preferiu tratar antes de outro assunto correlacionado a seus pais: o seu nascimento. Mas dissertou adiante sobre seus progenitores, estimulado pelo entrevistador. As reflexões foram então, por vezes, além do assunto sugerido, desviando-se inclusive da ordem cronológica pensada pelo entrevistador. Este, por sua vez atuou nestas ocasiões, estimulando o autor a voltar a falar sobre acontecimentos pertinentes à época em pauta na conversa. Em certo momento, Antônio Espinosa chegou a intervir de maneira mais direta dizendo por exemplo: “Nós fomos conversando e avançando no tempo. Vamos voltar pro final da década de 20?”<sup>241</sup>. E então pediu para que o romancista falasse mais sobre certo assunto daquela temporalidade.

A narrativa biográfica se desenvolve aqui, portanto, de maneira mais aberta, pelas perguntas abrangentes, e mais densa, pelas longas e detalhadas reflexões por parte do autor, se comparadas aos relatos veiculados em periódicos. Além disso, se diferencia também pelo fato de o entrevistador selecionar temas e elaborar perguntas que vão desde a infância à maturidade do autor, buscando certa totalidade da vida e obra do romancista.

Se, em certo sentido, parte da narrativa corresponde a “curiosidades” sobre o autor, que atenderia a uma expectativa do público, tal como se revela no trecho citado anteriormente, elas também cumprem seu papel: ajudam a confirmar os rumos seguidos por Jorge como naturais à identidade do autor. Este é o caso, por exemplo, quando trata da vocação para a escrita, que teria sido descoberta pelo Padre Cabral, do Colégio Antônio Vieira. Estes elementos ajudam, assim, a dar coerência, lógica e constância ao todo do percurso, construindo certa *ilusão biográfica*.<sup>242</sup>

Além de curiosidades, as perguntas selecionadas dizem respeito ao contexto vivido e às relações entre a literatura de Jorge Amado e à sociedade da época. Desta relação entre o autor e a realidade vivida, observamos neste relato, especialmente, o modo como ele compreendeu a

---

<sup>241</sup> ESPINOSA, Antônio Roberto apud GOMES, op. cit., p.12.

<sup>242</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA; FIGUEIREDO, 1998, p. 184

sua participação, o seu engajamento na sociedade de seu tempo. Para tanto, buscamos seguir a ordem cronológica tal como o texto está organizado, objetivando analisar o modo como a narrativa autobiográfica foi construída.

Na relação com a sociedade, o primeiro aspecto destacado pelo autor foi a sua preocupação com os problemas sociais que teria origem na juventude. Primeiramente, vivendo no campo e posteriormente, na zona urbana da Bahia, tal como explicou no seguinte trecho:

LC- Em Jorge Amado, a consciência do social nasceu antes da consciência do racial, vivendo as lutas do pai?

JA- Talvez sim, no sentido de que o social me atingiu imediatamente, vindo as condições de vida dos trabalhadores das fazendas. A consciência do problema racial veio depois que eu vim para a capital, quando, com quatorze anos, comecei a trabalhar em jornal e a viver misturado com o povo da Bahia.<sup>243</sup>

Quanto ao contato com a vida política, Jorge ressaltou que só se iniciou no comunismo no Rio de Janeiro depois de 1930, quando começou a ler autores comunistas. Segundo ele, havia uma editora especializada em livros ditos proletários em São Paulo, que talvez fosse ligada a algum grupo político, que publicava romances da primeira fase da literatura soviética. Esta fase foi, então, considerada pelo autor, como “a grande fase da literatura soviética, quando ela era realmente revolucionária e não uma literatura burocrática”.<sup>244</sup> Isto é, romances da época romântica da revolução, da época de Vladimir Maiakowski<sup>245</sup>, tais como *Torrente de Ferro*<sup>246</sup>,

---

<sup>243</sup> GOMES, op. cit., p.6

<sup>244</sup> AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p. 13.

<sup>245</sup> Vladimir Mayakovsky, também chamado de “o poeta da Revolução”, foi um poeta, dramaturgo e teórico russo.

<sup>246</sup> SERAFIMOVITCH, Alexandr. *A Torrente De Ferro*. Editora: Vitória, 1956. (Coleção Romances do Povo, sob direção de Jorge Amado)

de Alexandr Serafimovitch, *A Derrota*<sup>247</sup>, de Alexandre Fadeiev, *Cavalaria Vermelha*<sup>248</sup>, de Isaac Babel e *As aventuras de Júlio Jurenito*<sup>249</sup>, de Ilya Ehrenburg.

O romancista deixou expresso com esta declaração a sua preferência pela literatura soviética anterior ao governo de Stálin, diferentemente daquela incentivada em seu governo e classificada pelo romancista como “literatura burocrática”. A atitude comunista para as artes e artistas, nos anos 1918-1929, foi de relativa liberdade e experimentação significativa com vários estilos diferentes, em um esforço para encontrar um estilo distinto soviético de arte. Com a ascensão de Stálin, houve, então, uma imposição do regime sobre as artes através do realismo socialista, o estilo escolhido a ser seguido, com todas as outras tendências sendo duramente reprimidas.

Outro fator que apareceu na narrativa de Amado como indicações para seu envolvimento em causas políticas foi o círculo de amizades e a rede de contatos nas quais se inseriu nos anos 1930. Ele lembrou que, no Rio de Janeiro, conheceu Rachel de Queiroz, que naquela época era comunista. Com ela, participou de comícios, alguns dos quais terminaram de maneira violenta. Na faculdade de Direito, se tornou amigo de alguns professores de esquerda, mas também ficou amigo de alguns indivíduos que formavam um grupo intelectual de direita como seu primo Gilson Amado, Otávio de Farias, Santiago Dantas, Américo Jacobina e Vinicius de Moraes. Esta inserção lhe facilitou o contato com o editor Schmidt e a publicação de seu primeiro livro, *O País do Carnaval* (1931).

---

<sup>247</sup> FADEIEV, Aleksandr. *A derrota*. Trad. Helio de Andrade (pseud. de Leôncio Basbaum). São Paulo: Urania, 1931.

<sup>248</sup> BABEL, Isaac. *Cavalaria vermelha*. Tradução de Jorge Amado. São Paulo: Brasiliense, vol.16, 1945. (Coleção Ontem e Hoje). De acordo com Denise Bottmann, embora Jorge Amado conste como tradutor desta e de outras sete obras presentes em levantamento da bibliografia russa traduzida no Brasil entre 1900-1950, realizado por ela, o autor apenas emprestou seu nome aos créditos de tradução na Coleção Ontem e Hoje, pela Brasiliense, como uma espécie de chancela de esquerda e chamariz para os leitores. Cf. BOTTMANN, Denise. *Bibliografia Russa Traduzida no Brasil (1900-1950)*. Disponível em: <[http://www.usp.br/rus/images/edicoes/Rus\\_n04/05%20bibliografia%20rusa%20traduzida%201900-1950.pdf](http://www.usp.br/rus/images/edicoes/Rus_n04/05%20bibliografia%20rusa%20traduzida%201900-1950.pdf)>. Acesso em: 3 jul. 2016. (nota de rodapé 3 da p. 61)

<sup>249</sup> EHRENBURG, Ilya. *As aventuras de Julio Jurenito*. Trad. Mauro Rosalvo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

Além da literatura soviética, dos contatos com indivíduos e grupos de esquerda, o envolvimento do escritor com a política no início dos anos 1930 foi sinalizado, primeiramente, pela militância junto à Juventude Comunista. A participação mais antiga ou a primeira mais marcante junto à entidade parece ter sido a convocação para o Congresso Juvenil Proletário de 1934, já que foi a mais tardia lembrada por ele. Não chegou a explicitar quando exatamente entrou para o Partido Comunista. O seu primeiro contato com a organização é lembrado, primeiramente, pela sua atuação na Juventude Comunista. Assim, ao contrário do que teria sido veiculado em outros relatos biográficos, a sua entrada no Partido teria sido anterior a 1945. Neste ano, segundo o autor, ela só teria se tornado pública.

Ao falar de seus primeiros livros, ele não citou qualquer tipo de influência que o envolvimento com a política poderia ter sobre eles. A respeito de *Cacau*, seu primeiro “romance proletário”, diz que foi produzido em virtude das férias que passou em Ilhéus em 1932, quando, a vida dos trabalhadores teria voltado a impressioná-lo. Neste sentido, não fez maior diferenciação, a não ser temática, de *Cacau* em relação a *O País do Carnaval*, pelo contrário. Disse que estes e mais *Suor*, o seu terceiro livro, eram “cadernos de um aprendiz de um romancista”<sup>250</sup>, destacando a sua inexperiência de vida e literária no início de sua carreira.

Outro evento importante ressaltado pelo entrevistador foram as publicações de *Jubiabá*, *Mar Morto* e *Capitães da Areia* nos anos seguintes, 1935, 1936 e 1937. Período em que o país vivenciou a atuação dos comunistas, que desencadearam o levante de 1935, e também a crescente repressão aos mesmos pelo governo Vargas culminando em 1937 com a instauração do Estado Novo. Em meio a este contexto, Amado teve exemplares de seus livros apreendidos pela polícia do Rio, queimados em praça pública, e sua prisão efetuada duas vezes em 1936.

Quanto a isto, foi interessante perceber que, como resposta ao questionamento de Antônio Espinosa, se atribuiria a sua prisão a seus livros, a explicação do escritor partiu do seu

---

<sup>250</sup> GOMES, op. cit., p.16 e 17.

envolvimento e militância com a Juventude e com o Partido Comunista. Partiu também da sua militância expressiva na Aliança Nacional Libertadora.<sup>251</sup> Mas não chegou a esclarecer, por exemplo, as motivações para a apreensão, proibição e por vezes queima de livros seus, que se seguiram ao longo do Estado Novo.

Durante a ditadura Vargas, talvez o único livro que ele tenha atribuído uma relação mais direta com o contexto vivido é *A Vida de Luiz Carlos Prestes, o Cavaleiro da Esperança*. Quanto a esta obra, afirmou: “em 1941, conversando com pessoas, gente do Partido, decidi escrever um livro sobre Prestes, já pensando em uma campanha pela anistia”.<sup>252</sup> Por isso, partiu para a Argentina em busca do material necessário e lá publicou a obra que entrava clandestinamente no Brasil. Negou, que tivesse se exilado na Argentina, mas após a publicação do livro, afirmou que sua volta para o Brasil foi dificultada.

A participação de Jorge Amado como militante do Partido chamou atenção de duas formas na sua narrativa. Primeiramente, pela sua condição de escritor. Isto pode ser percebido pela produção da biografia de Prestes, pela publicação de *O Mundo da Paz*, uma literatura de viagem sobre os países da União Soviética, e por ter feito parte de órgãos literários de esquerda como *Dom Casmurro* e *Diretrizes*. Além disto, foi presidente do *Primeiro Congresso de Escritores*, considerado por ele como a primeira demonstração pública contra o Estado Novo.

Talvez pela fama alcançada como escritor – e escritor cuja literatura era identificada ao comunismo – que a sua participação no Partido tenha se destacado pela sua posição como articulador ou mediador. Desenvolveu esta posição no nível das relações interpessoais, mas também através de sua literatura já que, como vimos, *A vida de Luís Carlos Prestes* foi escrita com a intenção de iniciar uma campanha pela anistia. Para além da literatura, a função de mediador foi indicada em diferentes passagens da entrevista tal como verificado, por exemplo,

---

<sup>251</sup> Cf. Ibid, p.17.

<sup>252</sup> AMADO, Jorge apud Ibid, p. 19.

na seguinte passagem sobre sua volta ao Brasil em 1937, pouco antes do golpe, após viagem pela América Latina: “eu cheguei a Belém em outubro. O Dalcídio Jurandir<sup>253</sup> foi me ver às escondidas e disse para eu sair imediatamente do Brasil que ia haver um golpe. Ele acha que eu seria mais útil no exterior, pra gritar contra o golpe lá fora”.<sup>254</sup>

Em 1942, após o Brasil declarar guerra ao Eixo e os comunistas decidirem voltar do exílio, o escritor afirmou que retornou de Buenos Aires e Montevideú. O seu relato sobre este evento foi também bastante esclarecedor quanto ao papel como articulador do Partido:

JA [Jorge Amado]- [...] Aí voltamos. Eu não entrei junto com os demais, vim por Porto Alegre, sozinho, porque queria conversar com o Cordeiro de Faria, que era interventor no Rio Grande do Sul. Ele era uma figura liberal dentro do Estado Novo, era amigo de Prestes, e o foi até morrer, ex-membro da Coluna Prestes etc. Ia conversar para engajá-lo um pouco mais na campanha pela anistia que nós pretendíamos lançar.

LC [Literatura Comentada] – Conversou com ele?

JA- À meia-noite. Ele me disse mais ou menos isso: “Você fica aí, mas se mandarem lhe prender, se mandarem do Rio, não tenho jeito a dar” [...]”<sup>255</sup>

Ao que parece, a sua posição de escritor, que possuía certa influência na opinião pública, era utilizada por ele e pelo PC para estabelecer contatos e diálogos importantes para o movimento comunista, além de chamar a atenção para as causas em que se engajavam. É notório que em muitos casos relatados, o escritor se valeu de sua rede de relações pessoais, da proximidade com pessoas que ocupavam diferentes posições na sociedade - englobando indivíduos que lutavam contra o regime e outros que participavam dele ou mesmo o apoiavam – para conseguir certos benefícios.

No caso de Cordeiro de Faria, apesar de Jorge não ter contato próximo com o militar, ele foi retratado em *O Cavaleiro da esperança*. Tendo sido um dos comandantes da coluna Prestes, o autor ressaltou, no livro, a coragem e a capacidade militar do general. Somando-se,

<sup>253</sup> Romancista brasileiro e militante comunista.

<sup>254</sup> AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p. 17.

<sup>255</sup> GOMES, op. cit., p.19.

então, este aspecto com o fato dele ser um reconhecido escritor, e não apenas um militante político, o diálogo deste e não de outro, com o interventor parecia, então, se justificar por ser uma boa estratégia para se fazer chegar às reivindicações dos comunistas a Cordeiro de Farias e angariar seu apoio na campanha pela anistia.

Ressaltamos, neste relato, que Jorge Amado entendia este personagem, naquele momento, como uma figura liberal dentro do Estado Novo, e amigo de Prestes. Além disto, foi importante membro da Coluna Prestes, como se disse acima. Estas suas características o faziam então ser identificado como alguém solidário ou sensível às demandas de Prestes e de seu Partido e que ocupava alto cargo no governo. Segundo a declaração do autor, além de conseguir conversar com o interventor, mesmo estando no Brasil de maneira clandestina, teve a sua concessão para permanecer em Porto Alegre, ainda que nestas condições.

O testemunho de Jorge ajudou, assim, a pensar na existência de margens de negociação com o governo mesmo sob a ditadura. Ajudou a pensar em relações complexas entre governo e sociedade, e mesmo entre governo e oposição. Cordeiro de Farias não foi visto como um inimigo por ocupar cargo dentro do regime e o diálogo com ele, a respeito de questões políticas, foi entendido como possível. Chegou a acobertar a presença clandestina do romancista, favorecendo sua permanência em Porto Alegre.

Além deste personagem, o escritor falou também de outras pessoas identificadas com o regime de Vargas cujo contato o favoreceu. Este foi o caso, por exemplo do coronel Franklin Lins, pai de Wilson Lins, amigo de Jorge. Ele teria entregue a direção de seu jornal, o *Imparcial*, que em certa época havia sido integralista, para o escritor, no início dos anos 1940. O coronel teria depositado esta responsabilidade a ele porque seu filho estava no Rio, e considerava o autor uma pessoa de confiança. Assinalamos que, de acordo com o relato, a estima de Franklin

Lins a Amado o fez considerá-lo um *russista* e não um comunista, já que o coronel era avesso ao comunismo.<sup>256</sup>

Amado deixou a entender que a oportunidade de dirigir este jornal foi abraçada como forma de engajamento nas causas pelas quais lutava, tal como expressou no seguinte trecho:

JA [Jorge Amado] - [...] E o *Imparcial* foi um grande jornal progressista daquele momento. Wilson voltou do Rio e, juntos fizemos o diabo. Lançamos a campanha pela anistia, defendemos o reconhecimento diplomático da União Soviética ... o jornal quase foi fechado uma ocasião por que eu fiz um editorial pelo reconhecimento da União Soviética.

LC [Literatura Comentada]- Você passou os anos de 1943 e 1944 na Bahia, não?

JA [Jorge Amado]- Sim, tive uma ampla militância jornalística e política. [...]<sup>257</sup>

Pelas suas importantes redes de sociabilidade dentro e fora do círculo das esquerdas, e pela sua maior facilidade de construir e mediar diálogos e negociações pela sua condição de escritor de fama reconhecida se torna fácil compreender por que o escritor era uma figura importante no Partido. Além disto, tinha certa popularidade, critérios que certamente pesaram na sua escolha como candidato a deputado federal pelo PC na Constituinte de 1946.

Quanto a isto Jorge disse que a sua candidatura foi uma estratégia do Partido para conseguir vaga na constituinte. Afirmou não querer ser candidato, mas aceitou por causa do partido e acabou eleito. Eleito por ser muito popular, a ponto de o partido considerar de antemão que ele já estaria eleito no estado de São Paulo e por isso ter proibido que cédulas suas fossem para Santos, como forma de garantir a eleição de outro candidato do PC, o Osvaldo Pacheco. A ideia, segundo ele era que renunciasse logo que fosse eleito. Não chegaria a assumir o cargo. Por este motivo teria deixado uma carta de renúncia com o Partido antes de viajar ao Uruguai a passeio, com Zélia.

Mas o Partido teria entrado em contato com ele no Uruguai, insistindo que assumisse. Com a grande votação obtida, a renúncia naquele momento poderia soar mal junto àqueles que

<sup>256</sup> AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p. 22.

<sup>257</sup> GOMES, op. cit., p. 22.

tinham votado nele. O novo combinado seria, então, permanecer no cargo por três meses. Isto só não aconteceu, segundo o autor, porque começaram as perseguições e o PC foi posto na ilegalidade. Naquele momento, Jorge teria, então, decidido ficar até seu mandato ser cassado em 1948.<sup>258</sup>

O escritor ressaltou que não queria ser parlamentar e que, devido ao encargo, não estava escrevendo, atividade que ele desejava fazer. Ainda assim, acatou as ordens do Partido assumindo o cargo político e cumpriu seu mandato, considerando ter sido um bom deputado, tendo conseguido a aprovação de várias emendas suas que foram incorporadas à Constituição, como a da liberdade religiosa.

Este relato, bem como aqueles em que demonstrou ter acatado a outras ordens do Partido, revelaram que o escritor compreendia ter sido um fiel seguidor das orientações do PC, mesmo quando divergia destas, como é o caso de sua candidatura. Demonstraram, portanto, acordo do escritor com a prática dos partidos comunistas.

Em diversos momentos de sua fala, ele deixou expresso que mesmo como membro atuante do PC, não deixou de travar contatos com pessoas fora do círculo das esquerdas, como vimos no caso do coronel Franklin Lins e do interventor de Porto Alegre, Cordeiro de Farias, o que de certo modo era um aspecto positivo no seu papel de articulador. Afirmou também que, apesar de ter sido deputado comunista, trabalhou com outros deputados, como é o caso de Luiz Viana Filho, deputado pela União Democrática nacional (UDN) e amigo seu desde o tempo da conspiração contra o Estado Novo, junto com o qual assinou uma emenda na Constituinte. Uma atuação como político que também era favorável aos interesses do Partido.

Por outro lado, destacamos em sua narrativa que, apesar de se ver como um militante disciplinado, manteve contato com comunistas que haviam caído em desgraça, e foram

---

<sup>258</sup> Cf. Ibid.

perseguidos pelo PC. Isto ficou explícito no seguinte trecho a respeito do período em que morou em Paris e na Tchecoslováquia em fins dos anos 1940 e início dos anos 1950:

LC[Literatura Comentada]- O stalinismo ainda estava com tudo, não?

JA [Jorge Amado]- Era um período de terror, de medo tremendo! Tanto que você podia tocar o medo, como uma coisa concreta. Não era brincadeira...

LC [Literatura Comentada]- Você era militante do PCB. Havia condições de dizer isso dentro do Partido?

JA [Jorge Amado]- Você não podia dizer nada! Mas havia condições de fazer alguma coisa. Para mim pelo menos existia, pois eu representava o Partido brasileiro, tinha muito prestígio, era dirigente do movimento internacional pela paz. Por exemplo, quando o London [escritor e político tchecoslovaco Artur London] foi preso, foi aquele vácuo em torno de Lise, a mulher dele, filha de espanhóis e nossa amiga...todo mundo desapareceu e isso era normal! Aí nós a convidamos para comer conosco, em Dobris, o pessoal quase morreu de medo quando a viu no Castelo dos Escritores...

Lise foi mandada trabalhar numa fábrica como operária. Outra vez nós a levamos a um concerto. Todo mundo arregalou os olhos quando ela entrou na sala conosco. Era o tempo do medo e do opróbrio. Quando fui a Budapeste, nesta ocasião, visitei Lukács, que tinha caído em desgraça.<sup>259</sup>

Neste relato Jorge insinuou ter consciência de algumas das arbitrariedades que eram cometidas pelo PC em nome do stalinismo, pelo menos no que diz respeito às perseguições àqueles que explicitavam divergências em relação às ordens de Moscou. Diferentemente de outros, preferiu se manter em silêncio por causa do medo, o que fica sugerido ao dizer que o tempo em que esteve exilado na França, entre 1948 e 1950, foi “um período de terror, de medo tremendo”<sup>260</sup> e que “você não podia dizer nada”<sup>261</sup>. Ainda assim, o fato de travar contato com pessoas que eram vistas como traidoras pelo Partido pareceu indicar que, apesar de sua obediência, também divergia, em certa medida, de algumas das ações do PC. E que tomava atitudes próprias, diversa da maioria dos comunistas, e à revelia das orientações do Partido, sendo neste sentido transgressor. O relato indicou, por fim, que a relação entre o escritor, o Partido e o stalinismo era complexa variando entre o medo e a admiração, entre a subserviência e a transgressão.

<sup>259</sup> AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p. 26 e 27.

<sup>260</sup> Ibid.

<sup>261</sup> Ibid.

Apesar disto, a leitura geral que o escritor fez sobre o período em que esteve engajado na militância pelo PC sugeriu não ter usufruído de qualquer tipo de autonomia. Repetiu nesta entrevista o discurso que veiculou em diversas de suas entrevistas biográficas, de que passou a “pensar pela própria cabeça”<sup>262</sup> ao se desligar do Partido. Ele relacionou esta falta de liberdade de pensar com o stalinismo, com o fato não só de ter vivido, mas também de ter “sofrido” o stalinismo, como algo pesaroso, negativo.

Quanto à sua saída do PC, datada por ele nesta entrevista, em dezembro de 1956, reiterou o discurso veiculado em outros relatos, que o fez para poder escrever, à semelhança do que fizeram Maiakowski e Gorki.<sup>263</sup> Disse ter tomado conhecimento do que se convencionou chamar “crimes de Stálin” em 1954, logo após a morte do líder soviético, em uma de suas viagens à URSS, mas não fez qualquer tipo de vinculação entre este episódio e sua saída do Partido.

Diferentemente de outras de suas entrevistas, nesta o autor pareceu ser mais crítico em relação a obras suas produzidas durante a militância partidária como verificamos no seguinte trecho:

LC [Literatura Comentada] – Seja como for, você havia escrito três obras, *O Cavaleiro da Esperança*, *Os Subterrâneos da Liberdade*, e *O Mundo da Paz*, que são típicas de um homem de partido.

JA [Jorge Amado]- É, é verdade, mais que isso, são obras típicas de um stalinista...E não era só eu. É nessa época que Aragon escreveu os seis volumes de *Les Communistes*...depois ele reescreveu tudo, inclusive botando às vezes, onde era não, sim, e, onde era sim, não.

Eu nunca reescrevi nada. *Os Subterrâneos* representa um determinado momento da minha vida e aí está publicado como foi feito. [...] <sup>264</sup>

Ao confirmar que três de suas obras eram não só “típicas de um homem de partido”, mas típicas de um “stalinista”, pareceu concordar com a ideia de que estes livros sofreram

<sup>262</sup> Ibid, p. 28.

<sup>263</sup> Máximo Gorki, pseudônimo de Aleksei Maksimovich Peshkov, foi um escritor, romancista, dramaturgo, contista e ativista político russo.

<sup>264</sup> GOMES, op. cit., p. 28.

influência da ideologia e da doutrina stalinista. Isto é, representam a visão da realidade de alguém que seguia esta orientação político-ideológica. Uma visão que mudou ao sair do Partido, já que considerou ter passado a “pensar com a própria cabeça”. Mas, mesmo tendo mudado, afirmou não ter reescrito qualquer de suas obras, como fizeram outros que se desencantaram com o stalinismo. Reafirmou mais uma vez ter proibido a republicação de *O Mundo da Paz*, o que teria acontecido em 1953, divergindo aqui da data a qual atribui este evento em outra entrevista analisada, citando o ano de 1954.

Se considerarmos o ano de 1953 como o correto, é possível compreendermos que o evento está relacionado ao fim da era stalinista com a morte de Stálin naquele ano, o que não necessariamente deve significar decepção do autor com o stalinismo naquele momento. Mas, se, de outro modo, isto ocorreu no ano de 1954, e se de fato foi neste ano que o escritor ficou sabendo dos crimes do regime stalinista, é possível acreditarmos que a proibição da publicação tivesse relações com certo desencanto com o stalinismo por parte do autor naquele momento.

Jorge Amado mais uma vez reiterou que a proibição se deveu à percepção da obra como um livro de reportagens que “envelheceu” e que transmitia uma visão sectária da realidade daqueles países. Se na época da proibição ele de fato considerou que *O Mundo da Paz* veiculava uma visão sectária, visão que comumente relacionava ao pensamento stalinista, então é possível supormos que a proibição do livro tenha ocorrido só no ano de 1954.

O emprego dos termos *sectário*, *sectarismo*, para designar a forma de pensar a realidade enquanto exerceu militância pelo PCB, se tornou comumente utilizada por ele após a sua saída do Partido. Mas, se proibiu a circulação de *O Mundo da Paz* em 1954, e se foi neste ano que soube dos crimes do regime soviético, então acreditamos que esta data era marcante no que se refere ao desencanto do escritor em relação ao stalinismo e à mudança na sua forma de pensar a realidade, mesmo que só tenha saído do Partido dois anos depois, em 1956. Ao que parece, em 1956, ele pode ter se sentido livre para expressar sua nova forma de pensar.

A respeito da ideia de que *Gabriela cravo e canela* teria sido um divisor de águas, uma ruptura em sua obra, o posicionamento do autor foi mais uma vez o de reafirmar a unidade de sua obra dada pela sua posição ao lado do povo. Considerou que, diferentemente de uma ruptura, o que houve foi uma evolução de suas obras conforme foi ganhando experiência literária e humana. A única mudança séria que identificou em sua literatura foi o abandono de heróis, líderes e dirigentes políticos como protagonistas de seus livros.

Afirmou: “cada vez eu acredito menos nessa gente, cada vez eu estou mais perto do povo, do povo mais pobre, do povo explorado, miserável, oprimido”.<sup>265</sup> Falou como se esta mudança em sua mentalidade tivesse ocorrido de maneira progressiva e neste sentido, também tivesse afetado a sua literatura progressivamente.

Jorge sugeriu em seu depoimento que este abandono também estava relacionado a mudanças na sua compreensão sobre o proletariado no Brasil. Vale a pena reprodução do trecho seguinte:

[...] Eu sou, no fundo e sobretudo, um romancista de vagabundos e putas...e trabalhadores. Quando escrevi meus primeiros livros, no Brasil não havia proletariado, não havia classe operária propriamente dita. Havia trabalhadores. A classe operária aparece no Brasil, o proletariado, em São Paulo, com a grande indústria. Hoje os romancistas paulistas devem fazer o romance da classe operária que surgiu e está lutando bravamente.

Na Bahia só agora começa a surgir um proletariado, com o pólo petroquímico e a industrialização. Daqui a dez anos, nós teremos uma classe operária. Hoje aqui temos trabalhadores...e prostitutas e vagabundos, meus personagens.<sup>266</sup>

Em sua fala o autor deixou claro que, ao tratar de proletariado, estava se referindo à classe operária. Isto é, se antes associava a classe proletária no Brasil aos trabalhadores rurais, personagens principais de suas obras, no momento da entrevista parecia não crer mais nisso. De acordo com esta lógica, pareceu indicar que foi equivocado classificar seus primeiros livros

---

<sup>265</sup> AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p. 29.

<sup>266</sup> GOMES, op. cit., p.29.

como *Cacau* e *Suor* como literatura proletária, já que tratavam do universo do homem do campo.

Na época de produção daquelas obras, considerava que fazer literatura proletária era retratar, com o máximo de realismo, a vida dos trabalhadores mais miseráveis. No caso brasileiro, isto significava destacar, em última instância, o drama dos trabalhadores do campo, aqueles que estariam mais próximos de uma classe revolucionária. No momento da entrevista, acreditava que era o operariado paulista a categoria mais próxima dessa classe revolucionária, tal como sugeriu em sua fala.

Para além da sua confusa ou estreita concepção de proletariado, a sua intenção foi dizer que, na verdade, nunca fez de fato “literatura proletária”, como ele próprio chegou a afirmar no início de sua carreira. Avaliou, assim, que, “no fundo e sobretudo”<sup>267</sup> sempre foi um romancista dos trabalhadores, das prostitutas e bêbados, isto é, gente do povo e não de um proletariado consciente de seu potencial revolucionário.

Além da mudança de foco em relação aos personagens retratados em suas obras, outra mudança que considerou importante neste romance foi a introdução do humor como arma política, que ele afirmou ser “mais destrutível, muito mais terrível do que qualquer panfleto político.”<sup>268</sup> Neste depoimento, o autor deixou explícito, portanto, o seu posicionamento como escritor engajado, mesmo após a publicação de *Gabriela* e de seu polêmico afastamento em relação ao PC. Citou mais uma vez *Farda Fardão* como livro desta suposta “segunda fase” em que abordou um tema político, evidenciando que esta continuou a ser uma preocupação sua. Mas foi *Tenda dos Milagres* o livro que Amado mais uma vez selecionou como prova de seu engajamento tal como expressou no seguinte trecho:

LC [Literatura Comentada]- Muitos de seus antigos correligionários cobram-lhe uma obra mais engajada, mais de combate.

---

<sup>267</sup> Ibid, p.29

<sup>268</sup> Ibid, p.30.

JÁ [Jorge Amado]- Querem é me colocar dentro de limites ideológicos e sectários. Não falo de qualidade literária, mas de conteúdo. Não creio que tenha sido escrito no Brasil um livro de conteúdo mais revolucionário nos últimos tempos do que *Tenda dos Milagres*, livro realmente de luta contra o racismo.<sup>269</sup>

Jorge demonstrou aqui um entendimento de que a luta pelo racismo era uma forma de engajamento não menos importante do que as lutas políticas estrito senso. Uma análise que parece se diferenciar da de seus críticos que tenderam a considerar que o autor deixou de se preocupar com as questões político-sociais de seu tempo. O escritor demonstrou também que esta sua preocupação extrapolou os limites literários, e que estava de acordo com a interpretação que fazia do seu papel como intelectual e como personalidade pública: “Eu sou um homem bem visto pelo meu povo. E isso me dá uma responsabilidade grande, a que eu tenho procurado corresponder. Quando abro a boca, sei que minha voz tem peso [...]”<sup>270</sup>

No que se refere particularmente à atuação que desenvolveu no período do regime militar, ressaltamos as seguintes passagens:

LC[Literatura Comentada]- Em 1964, você já morando na Bahia, houve o movimento de 1964. Você foi incomodado?

JA[Jorge Amado]- Muitos amigos meus foram. James, meu irmão, perdeu o emprego na Petrobrás, mas não me tocaram.

Creio que o preço para eles fosse caro demais, pela repercussão, sei lá... não me tocaram. Mas o Giovanni Guimarães me contou que 90 por cento do interrogatório dele foi sobre mim.

LC [Literatura Comentada] – Em 1968 veio o Ato Institucional número 5, a censura e outras medidas. Qual foi sua relação com o regime nesse tempo todo?

JA [Jorge Amado]- Meus livros não foram censurados, mas tive problemas em jornais e revistas. Na *Status*, por exemplo. Ela comprou o capítulo de um livro e o capítulo saiu todo cortado, com espaços em branco.

LC [Literatura Comentada] – Você estava falando da luta contra a censura...

JA [Jorge Amado]- Olha, eu sou contra a ditadura, seja ela qual for...as ditaduras terminam sempre sendo ditaduras pessoais ou de grupos. Sou contra a censura, em qualquer lugar do mundo [...]

Agora [...], eu acho que a censura não impede que você escreva e faça seus livros. [...]

LC [Literatura Comentada] – Você ia falar de você e do Érico Veríssimo na questão da censura.

JA [Jorge Amado]- Participamos muito ativamente da luta sim. Quando quiseram colocar a censura prévia para livros, eu e o Érico lançamos um manifesto ameaçando

---

<sup>269</sup> Ibid.

<sup>270</sup> Ibid.

até não publicarmos mais no Brasil. Acredito que não houve censura prévia naquele momento por causa deste manifesto.<sup>271</sup>

Neste relato, é possível observar que Jorge Amado se colocou em oposição à ditadura militar no Brasil, igualando-a a qualquer outro tipo de ditadura, inclusive àquelas instauradas em nome do socialismo. A principal forma de engajamento citada foi a luta contra a censura prévia, tanto através do manifesto lançado junto com Érico Veríssimo, como também em outros casos. Ele destacou entrevista na qual protestou contra a censura do livro *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca e também “contra a proibição de mais de quatrocentos livros pelos quais ninguém protestava”.<sup>272</sup> Referiu-se a livros de escritores menos conhecidos como o de Cassandra Rios<sup>273</sup>, por exemplo, e da necessidade de se protestar contra todo tipo de censura e não somente àquela dirigida às publicações marxistas, dada a *patrulha ideológica*, e aos autores mais conhecidos. Isto é, contra a censura a qualquer escritor, e não apenas àqueles considerados bons, e a qualquer livro, independentemente da temática abordada - pois “temática não se deve criticar”<sup>274</sup>.

Neste sentido, a sua atitude seria um protesto não só contra a censura, mas também contra a luta parcial dirigida à censura, já que, segundo ele, nem todos lutavam contra todas as formas de censura, referindo-se a livros e escritores menos conhecidos. Esta prioridade que deu à luta contra a censura, durante o regime, de acordo com seu depoimento, parece se explicar também pela prioridade que o seu papel de escritor passou a ter em sua vida. Nesta entrevista a Antônio Espinosa, chegou a dizer: “Hoje sou político somente como escritor. Não abandonei a trincheira, faço política escrevendo, opinando cada vez que isso me parece necessário e útil”.<sup>275</sup>

---

<sup>271</sup> Ibid, p.32 e 33.

<sup>272</sup> Ibid, p.33.

<sup>273</sup> Cassandra Rios, pseudônimo de Odete Rios, foi uma escritora paulista de ficção, mistério e principalmente homossexualidade feminina e erotismo, sendo uma das primeiras escritoras a tratar do tema.

<sup>274</sup> Ibid, p.32 e 33.

<sup>275</sup> Ibid, p.29.

Assim, a sua principal forma de participação na luta contra o regime parece ter sido através da sua condição de escritor. Priorizou, então, o engajamento em uma luta que envolveu o seu ofício, a sua classe. Uma luta que foi política, mas apartidária, carregando em seu cerne como ideologia, o antigo princípio iluminista de liberdade de expressão.

Um tipo de participação que se diferenciou daquela desenvolvida pelo escritor ao longo do Estado Novo, mas cuja importância foi valorizada por ele, o que fica sugerido na afirmação, em certo sentido orgulhosa por ter tomado esta postura: “Eu protestei contra tudo. E continuo a protestar. Contra a censura e os patrulhamentos de todo tipo”.<sup>276</sup> Esta consciência de que lutou contra arbitrariedades do regime fez com que se identificasse, neste sentido como um opositor. Alguém que se expôs para denunciar arbitrariedades do governo e que por isso talvez esperasse sofrer algum tipo de punição, o que demonstrou ao dizer não saber ao certo porque não foi incomodado pelo regime. Sugeriu que o natural era que o tivesse sido. Até porque pareceu crer que os militares o tivessem, de algum modo sondando-o, ou vigiando-o, já que 90% do interrogatório do amigo Giovanni Guimarães<sup>277</sup> teria sido sobre ele.

A sua hipótese para não ter sido atingido pelos arbítrios do regime, com exceção da censura passada em jornais e revistas, pareceu ser a de que, qualquer ato do governo contra ele poderia repercutir de maneira negativa para a imagem do regime. Sendo um escritor de fama internacional, *imortal* da Academia Brasileira de Letras, qualquer sansão sobre si poderia chamar a atenção da mídia internacional para ações arbitrárias do governo brasileiro.

As lembranças resgatadas por Amado através da entrevista a Antônio Espinosa foram assim reveladoras da visão retrospectiva que o autor tinha em 1981 quanto a sua trajetória e

---

<sup>276</sup> Ibid, p.33.

<sup>277</sup> Jorge Amado assim descreveu Giovanni Guimarães e sua amizade com ele em seu livro *Navegação de Cabotagem*: “amigos de infância, nos conhecêramos no colégio Antônio Vieira dos padres jesuítas, nos começos dos anos vinte, juntos havíamos convivido e militado: nas redações, na Aliança Nacional Libertadora, no Partido”. Em outra passagem também caracteriza o amigo como “fazendeiro e maoísta”. Cf. AMADO, 1992, p.460 e 186.

engajamento na sociedade. Diferentemente de entrevistas concedidas a jornais diários, o autor deu maiores detalhes nesta conversa, sobre eventos e sobre a sua forma de pensá-los.

De um modo geral, é possível concluirmos que o escritor considerou que o seu papel na sociedade foi sempre ativo, preocupado e participante nas lutas de seu tempo. Aspecto que poderia ser observado, segundo ele, no seu posicionamento sempre ao lado do povo, dos mais pobres e excluídos.

Ainda assim indicou ter consciência de mudanças na sua forma de atuação, especialmente após deixar de exercer militância político-partidária. Como se passasse a compreender que poderia ser um escritor engajado mesmo sem retratar heróis, dirigentes políticos, sem introduzir em sua literatura um ar de revolta, e sem uma visão sectária da realidade.

Destacamos que, apesar de a entrevista ter sido realizada e publicada em 1981, ainda sob o regime militar, a conversa se desenrolou sem maiores constrangimentos quanto à exposição de certos assuntos. Isto talvez porque, apesar de ainda se vivenciar a ditadura, ela parecia já ser sentida naquele momento como uma experiência do passado, ainda que recente. O que pode ser explicado em parte pelo fato de que já se vivenciava naquele ano a abertura iniciada com Geisel, em 1974, que extinguiu o AI-5, que havia cerceado as liberdades individuais.

Em *Conversando com Jorge Amado*<sup>278</sup> e *Navegação de Cabotagem*<sup>279</sup>, pudemos observarmos como o escritor construiu a narrativa de si, de maneira ainda mais autônoma do que em *Jorge Amado*, oferecendo estas e outras reflexões sobre o seu passado que ajudaram a esclarecer, sob outros vieses a memória sobre si em sua maturidade.

---

<sup>278</sup> RAILLARD, 1992.

<sup>279</sup> AMADO, 1992.

### 2.1.3 Entrevistas para o livro *Conversando com Jorge Amado*

Neste livro o escritor realizou um retrospecto detalhado de sua obra e de si mesmo através da condução de Alice Raillard. Amiga de longa data de Jorge e Zélia, Alice foi com frequência a tradutora para o francês das obras de Jorge Amado, atuando como conselheira literária da editora Gallimard. Longa citação sobre a escritora encontra-se em *Navegação de Cabotagem*, onde o autor definiu o livro *Conversando com Jorge Amado* como “meu retrato de corpo inteiro na moldura da amizade”<sup>280</sup>. Esta afirmação indica que a obra não foi só uma biografia autorizada, mas também uma produção intimista e afetiva. Profunda conhecedora da literatura *amadiana*, a tradutora instigou Jorge em suas conversas a lembrar de seu passado tendo como ponto de partida a sua literatura. O livro foi apresentado ao leitor da seguinte maneira:

*Conversando com Jorge Amado* é um painel da vida política e cultural do Brasil desde os anos 30, com os romances de Jorge Amado sendo analisados pelo próprio escritor ao longo da narrativa bem-humorada, onde desfilam homens de Estado, intelectuais, atores, músicos, políticos, pessoas famosas do mundo todo e o povo da Bahia – matéria viva de seus romances.<sup>281</sup>

Através deste trecho, observamos o destaque dado para os elementos que apareceram no livro, para além da literatura do escritor, referência inicial das perguntas da entrevistadora. Os relatos do romancista foram compreendidos como testemunhos de uma época vivida. A participação do autor como agente da história, envolvido nos embates e dilemas de seu tempo apareceu, então, como aspecto fundamental da narrativa que compõe o livro. Este caráter da biografia do autor foi ressaltado também em trecho do Prefácio escrito pela autora:

Contemporâneo de toda a história moderna brasileira, que realmente tem início com a revolução populista de 1930, Jorge Amado acompanhou-a até os dias de hoje. Participando de todas as lutas em que a liberdade lhe parecia estar em jogo, nos anos

---

<sup>280</sup> AMADO, 1992, p.227.

<sup>281</sup> Cf. Introdução. In: RAILLARD, op. cit.

em que posturas ideológicas dividiam o mundo. Militante comunista, deputado por algum tempo, exilado por muitos anos, participou de muito perto daquelas que foram as grandes aventuras políticas desses tempos, no Brasil e fora dele.

A lembrança desses anos atormentados vara estas páginas. Ela também faz ressurgirem rostos, encontros, amizades – os nomes acotovelam-se, assim como nos seus romances. Os tempos se misturam: os mergulhos por vezes dolorosos, no passado despertam um comentário preciso e apaixonado sobre a realidade imediata. Sobre o Brasil – um engajamento que os anos não embotaram, e que se complementa em seu trabalho de escritor: as narrativas de Jorge Amado são reveladoras da realidade. [...] <sup>282</sup>

Tal como indicou a tradutora nesta passagem, as lembranças do romancista não foram estimuladas segundo uma ordem cronológica tal como ocorreu na entrevista concedida por ele para o livro *Jorge Amado*. A narrativa se desenvolveu através de temas geradores a partir dos quais o diálogo se construiu pelo incentivo dado por Alice Raillard, mas também de maneira espontânea pelo escritor. Os capítulos que compõem a biografia parecem ordenados de acordo com a própria sequência pela qual ocorreram as conversas, de modo que nas entrevistas de um capítulo encontramos resquícios da conversa realizada no anterior. Além disto, a divisão destes não corresponde ao número total de encontros. Ela foi estabelecida pelos temas predominantes ao longo de algumas conversas.

Há capítulos que se desenvolveram a partir do diálogo sobre livros de Amado, como *O País do Carnaval*, *Tenda dos Milagres*, *Jubiabá*, *Os Subterrâneos da Liberdade*, *Terras do Sem Fim*, e *Gabriela cravo e canela*. Outros, tratam de temas diversos como “A Casa”, a respeito da residência de Jorge Amado no bairro do Rio Vermelho em Salvador; “A Academia dos Rebeldes”, sobre o grupo literário do qual o escritor participou em sua juventude; “O Milagre Brasileiro”, a respeito da originalidade brasileira, da identidade nacional; “Do Brasil e de Outras partes”, quanto a viagens, relações de amizade e posicionamento do autor sobre questões literárias, históricas e políticas envolvendo o Brasil e outros países; e “O mundo em forma de romance”, sobre o modo como o autor trabalhava, como transformava a sua visão do mundo em romance.

---

<sup>282</sup> Prefácio. In: RAILLARD, op. cit., p. 14.

Esta divisão temática parece ainda ter sido fruto de um recorte posterior elaborado na edição do livro, mas obedeceu a ordem cronológica das entrevistas. Apesar de existir certo enfoque temático, observamos que a conversa se desenvolveu em cada capítulo para além do assunto apontado no título. Literatura, história e trajetória foram assim elementos constantes de toda a narrativa biográfica.

A autora destacou que assim como os livros de Amado, *Conversando com Jorge Amado* também era um livro datado. Com isto pretendeu marcar a inserção do autor num tempo determinado: “um tempo pessoal inserido num tempo histórico, sobre os quais é construída a ‘visão’ do escritor”.<sup>283</sup> Por este motivo, aqueles *encontros* seriam compostos por uma leitura “circunstancial” da obra do romancista.

De acordo com a autora, sem se dar conta, Jorge Amado se deixou levar “por esta viagem no tempo”<sup>284</sup> e afirmou que, ao final das *conversas*, ele lhe disse que os encontros o fizeram repensar e dizer as coisas. Por isto, considerou que Alice Raillard atuou como “um agente provocador, no bom sentido da palavra”<sup>285</sup>.

Este destaque dado pela autora quanto ao caráter circunstancial do testemunho tende a alertar o leitor sobre a particularidade de todo relato, o seu caráter único, evitando generalizá-lo, fixá-lo no tempo.

Quanto a isto, ressaltamos que a série de entrevistas foram realizadas entre os meses de novembro e dezembro de 1985 em Salvador, na Bahia, quando o escritor gozava dos seus 73 anos de idade. Neste emblemático ano, a ditadura militar instaurada no Brasil desde 1964 teve fim, de acordo com muitos historiadores. Em 8 de maio de 1985, o congresso nacional aprovou emenda constitucional que acabou com alguns vestígios da ditadura. Além disto, a emenda

---

<sup>283</sup> RAILLARD, op. cit., p.13.

<sup>284</sup> RAILLARD, op. cit., p.15

<sup>285</sup> AMADO, Jorge apud. Prefácio. In: Ibid.

constitucional que convocaria a Assembleia Nacional constituinte foi aprovada em novembro daquele ano e teve fim o governo de Figueiredo.

O contexto vivido, na época, apareceu em diversos momentos ao longo da narrativa. Mas, além disto, foi interessante notar, como o autor avaliou a sua trajetória naquele momento que marcou o fim de um longo período de ditadura; como refletiu, retrospectivamente, sobre o seu papel na sociedade ao chegar ao fim deste processo histórico.

*Conversando com Jorge Amado* se diferencia de *Navegação de cabotagem* primeiramente por ser um livro de entrevistas transcritas. Neste sentido a narrativa apresentada foi aquela desenvolvida no momento da entrevista, um momento singular, apesar da possibilidade de cortes e edições. Além disto, as conversas ocorreram ao longo de curtos quinze dias se comparadas ao longo período de produção da autobiografia do escritor.

Como orientação para a organização desta sessão, desenvolvemos a análise de acordo com uma ordem cronológica no que diz respeito aos acontecimentos tratados. Avaliamos a visão do autor sobre fatos e temas mais tardios e seguimos em direção àqueles mais recentes, com foco no engajamento de Jorge Amado na sociedade de seu tempo.

Nesta narrativa biográfica, o autor sugeriu que seu engajamento político-social aconteceu mesmo antes de ir para o Rio de Janeiro em 1930. A inserção na vida política e social ocorreu, segundo ele, ainda na Bahia. Este envolvimento sucedeu primeiramente através de sua atuação no grupo *Academia dos Rebeldes*, que mais do que um grupo literário, foi tratado como “um reflexo dos movimentos que surgiam na Europa depois da Primeira Guerra e que, no Brasil, repercutiram primeiramente em São Paulo.”<sup>286</sup>

Ao dizer isto, Jorge se referiu especialmente aos movimentos que surgiram no Brasil no início dos anos 1920 e que se desdobraram na Semana de Arte Moderna. O autor pontuou que

---

<sup>286</sup> AMADO, Jorge apud RAILLARD, op. cit., p. 34.

a inserção na *Academia* não envolvia estritamente um interesse estético-literário, como se vê no seguinte trecho:

Não nos pretendíamos modernistas mas sim modernos: lutávamos por uma literatura brasileira que, sendo brasileira, tivesse um caráter universal; uma literatura que tivesse inserida no momento histórico em que vivíamos e que se inspirava em nossa realidade a fim de transformá-la.<sup>287</sup>

Indicou, deste modo, que a sua prerrogativa de fazer literatura engajada, isto é, preocupada em transformar a realidade, veio desde o início de sua carreira. Além da atuação na Academia dos Rebeldes, destacou a vivência em meio ao povo da Bahia. Não sendo um membro da classe pobre, já que era filho de fazendeiro, tendo cursado bons colégios, Jorge Amado afirmou ter tido um aprendizado ao ter “intimidade com a vida do povo”<sup>288</sup>, assim como outros intelectuais baianos: “A Academia dos Rebeldes que marcou esta época como a marcaram os garotos do grupo Arco & Flecha e do Samba, juntava escritores preocupados com a realidade popular: uma realidade brasileira da qual eles tinham um conhecimento vivenciado”.<sup>289</sup>

Aprendizado e também participação já que afirmou, por exemplo, ter se empenhado na luta contra as perseguições aos cultos afro-brasileiros, desde aqueles tempos. Além do engajamento nas questões sociais da vida baiana, ele ressaltou que nos anos de 1928 e 1929 participou da Aliança Liberal, fez campanha de Getúlio Vargas, que preparava a Revolução de 1930, e trabalhou em um jornal fundado para sustentar a Aliança, *O Jornal*.<sup>290</sup>

Apesar desta participação política anterior ao ano de 1930, o escritor marcou nesta narrativa, assim como o fez em outras, os anos 1930 como o início dessa sua atuação, quando passou a desenvolver atividade política de esquerda. Atribuiu este envolvimento à escritora

---

<sup>287</sup> Ibid, p.36.

<sup>288</sup> Ibid, p.39.

<sup>289</sup> Ibid, p.36.

<sup>290</sup> Ibid, p.33 e 34.

Raquel de Queiroz, que após ler *O País do Carnaval* teria entrado em contato com o escritor e o conduzido a este universo:

[...] Então escrevi este segundo livro [*Rui Barbosa n° 2*], mas tive o bom senso de não publicá-lo. Pois foi justamente no momento em que as influências de esquerda foram fortes para mim, em que me aproximei da juventude comunista e comecei a militar.[...]

Coisa curiosa é que Rachel de Queiroz foi a principal responsável, [...] Foi em grande parte sob sua influência que eu efetivamente me engajei no movimento comunista. Entrei na Juventude Comunista e desempenhei um papel ativo dentro da universidade – Na Faculdade de Direito, onde eu estudava com Carlos Lacerda, Ivan Pedro, Martins e dois ou três outros, éramos os principais líderes da esquerda.<sup>291</sup>

Além das relações pessoais, Jorge também citou as leituras de romances russos como um estímulo para o envolvimento com as esquerdas em um momento em que também tinha contato e influência com pessoas da linha católica, identificada com a direita. Estas influências teriam aparecido no primeiro livro, *O País do Carnaval*.

Neste sentido, foi interessante perceber que além de destacar mais uma vez suas amizades e contatos com pessoas de campos político-ideológicos diversos, o autor fez uma reflexão sobre o modo como construiu sua rede de sociabilidades:

[...] Na faculdade, conheci Otávio de Faria, eu frequentava gente de todos os lados. Acho que nunca em minha vida consegui de fato ser totalmente sectário. É um sentimento que não faz parte do meu...caráter. Fui muito sectário, evidentemente, em determinados momentos, endossando as decisões do Partido, posições com as quais, às vezes, eu não estava de acordo, mas que endosse e apoiou publicamente. No entanto, por natureza não sou sectário, tanto que jamais fiz depender minhas relações pessoais das posições políticas ou literárias das pessoas. Sempre me relacionei com pessoas de todas as tendências, alguns de meus melhores amigos são pessoas que pensam completamente diferente de mim. Assim na faculdade, ao mesmo tempo em que estava muito ligado ao grupo da esquerda comunista – Carlos Lacerda, então o líder principal da Juventude Comunista, era um amigo íntimo, estávamos constantemente juntos -, eu também frequentava os “tomistas”, gente de orientação espiritualista e, digamos, para empregar uma expressão que não me agrada, “de direita”. [...] nunca submeti minhas relações pessoais a critérios políticos ... nem literários, felizmente. E quando eu era estudante, frequentei muito certas pessoas das quais eu inclusive discordava – entre eles Vinicius de Moraes, que era então um dos chefes da chamada direita...<sup>292</sup>

---

<sup>291</sup> Ibid, p.49.

<sup>292</sup> Ibid, p.51 e 52.

Este discurso da tolerância a formas de pensar e a posições políticas opostas aparece, sobretudo, em meados dos anos 1950 nas narrativas biográficas de Jorge assinalando a filosofia de vida antisectária adotada e incorporada pelo autor, até mesmo como bandeira de luta. Para além do discurso, é indiscutível que o escritor teve de fato uma rede de sociabilidades bastante plural que em diversos momentos o favoreceu.

Se foi relativamente fácil manter a amizade com Vinicius de Moraes, por exemplo, quem conheceu na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro e que ao longo do tempo deixou de se caracterizar como indivíduo de direita, o mesmo não parece ter ocorrido com Carlos Lacerda que, segundo o escritor, passou da esquerda para a centro-direita nos anos 1940 e 1950. Apesar de terem sido amigos íntimos na juventude, se tornaram adversários políticos e deixaram de manter relações pessoais durante muitos anos, desde 1955, segundo o escritor. Só reataram as relações pessoais pouco antes da morte de Lacerda, que não queria morrer inimigo de Jorge, tal como ele relata.<sup>293</sup> Este exemplo que sugere que, apesar do discurso antisectarista, na prática, manter contatos pessoais com pessoas de posicionamentos políticos e pensamentos distintos nem sempre foi simples.

Ainda assim, o escritor afirmou que mesmo nos “momentos mais sectários”<sup>294</sup>, em que o posicionamento ideológico era fortemente marcado entre posições de “direita” e “esquerda”, como na ditadura militar, isto não se refletia de maneira tão radical nas relações pessoais. Para ele as relações pessoais no Brasil transcendiam as posições ideológicas no seu sentido estrito. Assim, não comprometeram, a longo prazo, o tipo de relação que existia entre políticos ou entre intelectuais.<sup>295</sup>

---

<sup>293</sup> Ibid, p.61.

<sup>294</sup> Ibid, p.75.

<sup>295</sup> Ibid, p.75.

No que se refere à literatura, o escritor foi categórico ao afirmar que houve influência das ideias de esquerda na literatura produzida nos anos 1930, diferentemente do discurso empenhado em outras de suas entrevistas:

A.R. [Alice Raillard] – [...] é sobre o início dos anos 1930 que falávamos ... E, me parece, as posições, inclusive as suas, eram bastante diferentes...

J.A [Jorge Amado] (*quase violentamente*) – Claro, todas elas! De todos nós! Naquele tempo, a divisão do Brasil em esquerda e direita era o pivô de tudo. Aquilo a que hoje chegamos estava então começando. Só dava isso, direita-esquerda [...]

“Será que vai ser um romance proletário?” Tudo estava nisso. Todas as coisas que estavam lá eram corretas para a época, nada tenho a abolir ou a mudar. O que é feito, feito está. Em 1930, estávamos sob uma influência ideológica imediata – eu nunca lera Marx, não sei se muitos entre nós o leram, Prestes talvez; mas a maioria dos líderes do PC sem dúvida jamais o leu. Nós nos dizíamos marxistas, e quando escrevi *Cacau* declarei que queria fazer um romance “proletário”, eram todas estas influências das quais falei, assim como a onda da época, de um determinado tipo de literatura.<sup>296</sup>

O escritor reconheceu a existência de uma “influência ideológica imediata” à qual os intelectuais da época estavam sujeitos e a qual teria impregnado, ao menos seus romances do início da década de 1930. Mesmo sendo possível ponderar que os livros do romancista tenham tido esta forte influência até meados dos anos 1950, devemos considerar que houve um declínio do gênero “romance proletário” desde pelo menos 1935, e visivelmente perceptível a partir de 1937, tal como aponta o estudioso Luís Bueno.<sup>297</sup>

Dentre as razões para esta crise, está a decadência das próprias editoras que mais haviam lançado novos autores na primeira década. A Editora Andersen, por exemplo, fechou as portas em 1935 e a Ariel e a Schimdt, que desde 1937 lançavam cada vez menos livros, tiveram fim em 1939.<sup>298</sup>

Mesmo que outras editoras tivessem assumido este papel, como a Pongeti, os novos romances lançados também não conseguiram se renovar, pois quase nenhum deles ultrapassava

<sup>296</sup> Ibid, p.74.

<sup>297</sup> Cf. A inquietação: 30 antes da polarização (1930-1932). In: BUENO, 2006, p.573 e 574.

<sup>298</sup> Cf. BUENO, 2006, p.573 e 574.

a crônica simples de algum lugar do Brasil, fórmula que então começara a se esgotar. Somado a isto, o conteúdo político de esquerda parecia cada vez mais raro.

Para Luís Bueno, isto tem a ver com o contexto de perseguições aos comunistas desde o movimento de 1935, sobretudo, com a instauração do Estado Novo e o início do “tempo da nova dúvida (1937-1939)”. A influência dos acontecimentos políticos para a “decadência” do romance proletário não ocorreu, entretanto, exclusivamente pelos efeitos da repressão, mas também, e principalmente, pela “nova dúvida”. Gerada a partir da participação de um grande número de intelectuais de oposição no corpo burocrático do governo, esta dúvida, segundo Bueno afetou a autonomia intelectual desses homens.<sup>299</sup>

Para além da adesão ou não ao projeto político do governo, o envolvimento de intelectuais de oposição no aparato estatal pode ser compreendido a partir da ambiguidade própria do governo Vargas, que, com o Estado Novo, passou a permear e a tornar mais complexas as relações entre os intelectuais e o regime. Assim, mesmo em campos políticos opostos, seja dentro ou fora do aparato de Estado, os intelectuais de esquerda se aproximaram do discurso varguista em diferentes pontos e especialmente no que compete ao sentido do “nacional”, do “popular” e do “moderno”. Essa realidade vai ao encontro da visão de Jorge ao afirmar que as relações pessoais transcendiam as posições ideológicas, talvez por haver margens de negociação e interesses comuns entre pessoas de posições ideológicas e políticas diferentes.

Em termos de participação política, o autor reafirmou ter participado da Aliança Nacional Libertadora (ANL) quando ainda era estudante de Direito ligado à Juventude Comunista, em 1935. A sua participação ocorreu, segundo ele, nas manifestações, reuniões, e

---

<sup>299</sup> Cf. *Ibid*, p.529.

de “tudo o que era da Aliança”, juntamente com outros intelectuais que tiveram uma atuação intensa no movimento como Álvaro Moreyra<sup>300</sup>, Rubem Braga<sup>301</sup> e Carlos Lacerda.

A sua avaliação desta iniciativa, no entanto, foi negativa, classificando-a como “um desastre, uma loucura, um erro”.<sup>302</sup> Erro semelhante ao do pré-golpe militar, pelas articulações feitas pelos comunistas naquele momento para que tomassem o poder. Em um e outro caso, Jorge Amado afirmou que o erro ocorreu pela “ausência de qualquer tipo de estudo sério da realidade brasileira, o seu total desconhecimento”, o que se perpetuou nos movimentos de esquerda no país. Apesar desta interpretação, podemos dizer que em ambos os casos existiram estudos dedicados à análise da realidade brasileira, porém pecavam ao submeter a história à teoria.

A respeito do cenário pré-golpe, destacamos que parte dos comunistas do PCB fizeram uma autocrítica procurando explicar suas “debilidades” no movimento revolucionário que articulava um golpe das esquerdas, cujo fracasso teria suscitado o golpe da direita, contrarrevolucionário. Dentre os pontos fracos, ressaltaram as “ilusões de classe” e “falsas concepções de fundo pequeno-burguês”, presentes em seus “quadros de direção”, que acabaram por determinar um posicionamento político considerado posteriormente como equivocado.<sup>303</sup> No que se refere à *Intentona Comunista* de 1935, o escritor afirmou que até o momento da entrevista, os comunistas não haviam feito uma autocrítica a respeito deste evento malgrado, que por sua vez teria estimulado a centralização do poder e mais tarde a instauração da ditadura de Vargas.

A visão do autor apresentada nesta narrativa biográfica foi, então, negativa para ambos os eventos em que houve uma tentativa no Brasil de os comunistas chegarem ao poder. Isto

---

<sup>300</sup> Poeta, cronista e jornalista carioca.

<sup>301</sup> Jornalista e cronista capixaba.

<sup>302</sup> Amado, Jorge apud RAILLARD, op. cit., p. 101.

<sup>303</sup> Cf. RAMOS, Alcides Freire. A luta contra a ditadura militar e o papel dos intelectuais de esquerda. *Fênix*. [S.l.: s.n.] Vol. 3, Ano 3, nº 1, jan., fev. e mar de 2006. (Revista de História e Estudos Culturais).

porque, nos dois casos, se ignorou a realidade brasileira, os interesses do povo brasileiro e houve a liderança de uma elite pequeno-burguesa, sem o apoio imprescindível das massas. Esta avaliação parece corresponder a uma interpretação da realidade desenvolvida por Amado especialmente em meados dos anos 1950, momento em que passou a valorizar o povo como sujeito histórico, capaz de fazer suas próprias escolhas de acordo com seus interesses, sem a intervenção da elite pequeno-burguesa.

Neste sentido, criticou o movimento comunista que não reconheceu os erros de 1935, repetindo-os no contexto que antecedeu a ditadura militar, mas fez também uma autocrítica, já que participou da Aliança Nacional Libertadora (ANL). O mesmo não podemos dizer no que se refere ao contexto pré-golpe de 1964, já que o autor, naquele tempo, não era mais favorável à instauração do socialismo pela tomada de assalto do poder, isto é, através de um golpe das esquerdas. Ainda assim, ao falar destas articulações que antecederam à instauração do regime militar, o autor se incluiu de certa maneira ao falar na 1ª pessoa do plural.<sup>304</sup>

Trinta e cinco foi uma prova espetacular, como o foi 64. Em 64, final de 63, início de 64, os dirigentes da esquerda no Brasil afirmavam incessantemente que íamos tomar o poder. Parece que Fidel Castro caiu das nuvens em Cuba quando soube do Golpe de Estado, tão convencido estava de que tomaríamos o poder na semana seguinte. Nós, isto é, a esquerda. Não sei quem o havia convencido. Era tão evidente que não estávamos em condições de fazê-lo, que não tínhamos a menor possibilidade que eu me pergunto como foi que os responsáveis pela direção do Partido puderam chegar a tal conclusão... Creio que tínhamos persuadido até o presidente Goulart. Sessenta e quatro foi um golpe de Estado tipicamente contra-revolucionário.<sup>305</sup>

Mesmo se colocando adverso na época à ideia de tomada do poder articulada por agentes das esquerdas, foi como um destes membros que o autor se identificou. Foi como identificou o seu posicionamento político-ideológico naquele contexto, e ao se incluir no grupo, parece ter assumido em parte a responsabilidade por mais este fracasso do movimento comunista. Como se tivesse participado da articulação comunista, assim como o fez em 1935, na ANL.

---

<sup>304</sup> AMADO, Jorge apud RAILLARD, op. cit., p.102.

<sup>305</sup> Ibid.

Demonstrou, deste modo, que, apesar de suas revisões críticas e divergências com os movimentos de esquerda pelo menos desde meados dos anos 1950, interpretou a sua participação no contexto pré-golpe como a de um indivíduo de esquerda.

Se opôs, assim, a discursos que tenderam a enquadrá-lo como traidor, como alguém que incorporou valores da direita, que mudou de lado no campo de batalhas. Apesar disto, a posição de Jorge sobre o golpismo de esquerda não foi unânime na memória das esquerdas sobre a ditadura militar. Em seu “Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória”<sup>306</sup>, Daniel Aarão Reis demonstrou como as esquerdas, vencedoras nas batalhas da memória sobre o período, tenderam a minimizar a radicalização ocorrida no contexto pré-golpe. De uma posição defensiva e de defesa da legalidade, elas haviam migrado para uma atitude ofensiva e até mesmo à margem da lei entre 1961 e 1964. A ameaça revolucionária foi então silenciada ou esquecida neste processo de memória em que se enalteceu a culpabilidade dos militares.

Quanto à forma de engajamento exercido ainda nos anos 1930, através de sua literatura, Jorge Amado tratou, além da biografia de Prestes, do livro *ABC de Castro Alves* (1941). Além de dizer que este, como o livro sobre Prestes, era diretamente político, afirmou que “foi escrito durante a ditadura do Estado Novo, querendo justamente indicar qual deveria ser a posição dos intelectuais na luta contra o fascismo, as forças reacionárias e retrógradas, e na luta a favor de todas as forças progressistas; pela liberdade”.<sup>307</sup>

Sobre a sua participação como militante do Partido, o escritor afirmou mais uma vez que participou de articulações do PC, como aquela em favor da anistia de Prestes e dos presos políticos. Ressaltou ainda o contato que tinha com pessoas de posicionamentos políticos opostos, como era o caso do grupo de exilados liberais ligado a Armando Salles<sup>308</sup>. Deste grupo

---

<sup>306</sup> REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS; RIDENTI; MOTTA, 2004.

<sup>307</sup> AMADO, Jorge apud RAILLARD, op. cit., p. 118.

<sup>308</sup> Engenheiro e político brasileiro, Armando Sales foi interventor federal e posteriormente, governador, de São Paulo entre 1933 e 1936. Apoiou a Revolução de 1930 juntamente com o jornal *O Estado de São Paulo*, do qual era sócio. Em 1937, deixou o governo de São Paulo para ser candidato ao cargo de Presidente da República, nas

teria feito parte Júlio de Mesquita, pai de Júlio de Mesquita Filho - diretor e proprietário do *Estado de São Paulo*, jornal que havia sido apreendido por Vargas. Amado teria se tornado, então, amigo da família Mesquita até o fim da vida.<sup>309</sup>

A aproximação com este grupo de liberais pareceu ter ocorrido devido à militância, já que o escritor disse que ele, “um membro do Partido, frequentava o grupo de Armando Salles”<sup>310</sup> e seguiu afirmando que era o contato entre eles e o Partido durante a Guerra Fria. Neste sentido, apesar de serem adversários em termos político-ideológicos, comunistas e liberais combatiam a ditadura de Vargas.

Embora tenha indicado um diálogo entre comunistas e outras correntes políticas contrárias à ditadura *varguista*, o romancista concordou que havia muitas divisões entre os comunistas: havia aqueles próximos aos liberais, aqueles que queriam aproveitar o enfraquecimento do nazismo para derrubar Vargas e aqueles que identificavam a necessidade em apoiá-lo, uma vez tendo entrado na guerra em favor dos aliados. De acordo com o autor, ele teria se posicionado em favor do apoio a Vargas na luta ao lado dos Aliados, antes mesmo de esta ter se tornado a orientação do Partido. Sugeriu assim que este seu comportamento não foi apenas por obediência às ordens do PC, como talvez tenham sido outras ações suas.

De um modo geral, Jorge narrou diversos contatos entre comunistas e intelectuais com o governo de Getúlio, seja durante a ditadura Vargas ou depois dela. Citou, por exemplo, o caso de Graciliano Ramos, escritor comunista que, apesar de ter sido preso durante o Estado Novo, acabou trabalhando para o governo sob convite direto do presidente.

Apesar de indicar a inexistência de um contato contínuo com Getúlio, o autor citou ter se aproximado dele em duas ou três ocasiões oficiais. Quando ele era deputado e Vargas

---

eleições marcadas para janeiro de 1938, eleições que não ocorreram porque Getúlio Vargas deu um golpe de estado que implantou no Brasil o Estado Novo.

<sup>309</sup> Cf. AMADO, Jorge apud RAILLARD, op. cit., p. 126.

<sup>310</sup> Ibid.

senador, este poucas vezes teria comparecido à Assembleia Constituinte.<sup>311</sup> Eles teriam conversado longamente somente em uma ocasião, numa viagem de trem entre São Paulo e Rio. Ambos haviam estado em São Paulo para uma campanha eleitoral e tomaram, por acaso, o mesmo trem. Esta viagem, possivelmente, ocorreu entre 1946, quando ambos assumiram cargos na Assembleia Constituinte, e 1948, ano em que o mandato de Jorge foi cassado. Vargas então solicitou que fossem chamar o escritor para uma conversa sem pretensões. Ele fez diversas perguntas ao presidente, sobre as coisas que se diziam a seu respeito, sobre suas relações com escritores e outras histórias que envolviam fatos políticos e históricos. Inclusive sobre a queima de seus livros, evento a respeito do qual o presidente teria tratado de culpar a polícia, versão que o escritor demonstrou duvidar.<sup>312</sup>

De certo modo, este relato de Jorge Amado contribui para que pensemos a sua trajetória e a história do movimento das esquerdas durante a Era Vargas de uma maneira menos esquemática, percebendo as nuances, os contatos e relações estabelecidas entre personagens do governo e oposição, incluindo o romancista, mesmo sob o período da *ditadura varguista*. O seu depoimento vai de encontro a discursos que se baseiam exclusivamente no binômio oposição x governo, pois sugere um quadro político muito complexo.

Interessante percebermos que, apesar de ter vivenciado estas relações, a visão sobre o Estado Novo foi retratada em sua literatura de maneira distinta em dois momentos de sua vida, assim como o próprio autor demonstrou nesta conversa com Alice Raillard. O próprio escritor disse que, apesar de, em *Os Subterrâneos da Liberdade* (1954) ter passado a impressão de que somente os comunistas ou as pessoas próximas ao comunismo lutaram contra o Estado Novo,

---

<sup>311</sup> Deve-se ressaltar que nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte de 1946, Vargas foi eleito senador por dois estados: Rio Grande do Sul, na legenda do Partido Social Democrático (PSD), e São Paulo, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Por esta legenda, foi também eleito representante na Câmara dos Deputados por sete estados: Rio Grande do Sul, São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Paraná. Assumindo seu mandato no Senado como representante gaúcho, Getúlio Vargas exerceu a legislatura que se seguiu entre 1946-1949. Cf. ABREU, 2001.

<sup>312</sup> Cf. AMADO, Jorge apud RAILLARD, op. cit., p. 134 e 135.

muitos outros participaram. Por isto que em *Farda Fardão* (1979) quis retratar outros personagens que participaram desta luta. Os protagonistas deste livro são intelectuais e não são de esquerda. São liberais, antifascistas, contrários à agressão nazista e fascista.<sup>313</sup>

Este olhar diferenciado pareceu ser atribuído mais uma vez ao abandono do stalinismo, que havia afetado a sua produção literária de um modo ou de outro. Nesta relação entre literatura e política, além dos já citados *Cacau* e *Suor*, terem, segundo ele, sofrido influência político-ideológica imediata e de a biografia de Prestes e *O ABC de Castro Alves* terem servido a interesses políticos,<sup>314</sup> o autor também confirmou uma associação estreita entre o âmbito político-ideológico e o literário em *Os Subterrâneos da Liberdade*. O livro foi caracterizado como típico de um escritor stalinista, isto é, “correspondia ao momento stalinista dos escritores de esquerda e dos comunistas da época”<sup>315</sup>. Concordou com a entrevistadora ao dizer que ele foi marcado por toda uma moral comunista, ou melhor, uma “pseudomoral proletária”<sup>316</sup>. Talvez por este motivo, a forma como o escreveu, mais preocupado com o conteúdo do que com o estilo, não o agradasse mais.

Apesar de considerar *Seara Vermelha* um livro produzido em momento de maior experiência humana e em que “a visão das coisas é muito menos em preto e branco”<sup>317</sup> do que nos livros anteriores, observou que este também possuiu uma parte diretamente política. A explicação para isto é tê-lo escrito num momento em que militava de uma maneira muito ativa no interior do Partido Comunista, engajamento que o livro refletiu.<sup>318</sup>

Além de avaliar sua literatura de maneira mais crítica nesta narrativa biográfica, aproximando-se de discursos que identificam relações diretas entre obras suas e elementos

---

<sup>313</sup> Cf. *Ibid.*, p. 137 e 138.

<sup>314</sup> Sobre estas duas obras Amado ressaltou ainda que, para ele, não possuíam um valor especial já que teriam uma importância política e não literária. Além disto, não considerou exatamente biografias, ainda que utilize este termo em vários relatos. Isto porque não foram fundamentadas em pesquisas e tão pouco são romances. Foram, de acordo com seu depoimento, “elogios” a duas pessoas. Cf. RAILLARD, op. cit., p. 136.

<sup>315</sup> AMADO, Jorge apud RAILLARD, op. cit., p. 136.

<sup>316</sup> *Ibid.*, p. 139.

<sup>317</sup> *Ibid.*, p. 157.

<sup>318</sup> *Ibid.*, p. 161.

político-ideológicos, Jorge também considerou a existência de etapas da sua produção literária. Não pela referência política, mas pela forma, talvez pelo tipo. Assim, fez alusão às suas três primeiras obras como cadernos de um “aprendiz de romancista”, em seguida tratou das biografias de Prestes e Castro Alves, e colocou *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus* como obras “de outra amplitude”. Não esclareceu como era, a seu ver, esta divisão, nem seus critérios. Certamente porque se preocupou mais uma vez em afirmar a unidade de sua obra, dada pela consciência social do romancista.

Neste sentido, foi importante observar como ele desenvolveu aqui a reflexão sobre o que considerava social e o que considerava político:

J.A. [Jorge Amado]- [...] Eu gostaria de dizer duas coisas: acho que sou um romancista em quem a conscientização do social está muito...muito presente. É, ela está muito presente em meus livros.

A.R. [Alice Raillard] – Eu diria do popular...

J.A. [Jorge Amado]- Do popular sim, mas também do social, no sentido da realidade das condições de vida no Brasil e da luta contra estas condições de vida.

Quanto ao que se denomina “romance político”, acho que só dois dos meus romances podem ser qualificados assim; os outros são políticos na medida em que são populares e sociais, e não porque tenham uma intenção política direta, imediata e clara.

A.R. [Alice Raillard] – Quando você diz “político” você quer dizer “partidário”, romance de um escritor ligado a um partido?

J.A. [Jorge Amado]- Não, eu quero dizer “que tem uma temática política”. Em meus livros esta temática só existe em dois romances, *Subterrâneos da Liberdade* e *Farda Fardão Camisola de dormir*, um romance relativamente recente cuja temática é a mesma, absolutamente a mesma que a de *Subterrâneos*, a não ser de que ele não tem a conotação stalinista. Nele o pensamento é livre. [...] <sup>319</sup>

O autor sugeriu, então, que o seu engajamento sempre foi político ao ser antes de tudo social. Isto é, sobrepôs o engajamento social a qualquer tipo de engajamento político-ideológico que pudesse existir em suas obras. Esta questão da veiculação de um discurso político e ideológico não foi sequer considerada em termos de classificação das obras, já que o escritor considerou como “romance político” somente aqueles cuja temática era expressamente política, ou talvez histórico-política.

---

<sup>319</sup> RAILLARD, op. cit., p.137 e 138.

O afastamento em relação ao PCB, a divulgação do relatório Krushev, não foram citados como marcos na sua trajetória a influenciar a sua literatura. Ainda assim, ressaltamos que o autor fez um relato denso sobre como descobriu os crimes do regime soviético e em que isso o influenciou.

Ele afirmou que a exposição destes crimes no XX Congresso não o afetou tanto quanto a outros por já saber, então, sobre os fatos que denunciados por Krushev. De acordo com o escritor, antes do congresso, ocorreu um conjunto de coisas que o fez descobrir os crimes do regime stalinista e se convencer deles. Mas esse processo ocorreu muito lentamente, pois, para ele, até então, o regime soviético “era absolutamente sem nódoas, tinha apenas virtudes; os defeitos que havia eram de pouca importância”<sup>320</sup>. Explicou, por exemplo, ter constatado que o roubo existia na URSS, mas que atribuía este fato à guerra, às dificuldades. De um modo geral, afirmou ter buscado sempre explicações para os erros cometidos em nome do stalinismo. Esta postura mudou após tomar conhecimento da prática de torturas, na Hungria, em meio ao processo Rajk.<sup>321</sup>

Após isto, já não acreditou nas acusações dirigidas a Artur London<sup>322</sup>, o que certamente pesou no acolhimento oferecido à esposa de London, Lise, em momento que este se encontrava preso, mesmo sendo aconselhado a se manter distante de Lise, pois poderia se tornar suspeito, ser julgado e até mesmo condenado à morte pela aproximação com “inimigos do Estado e do Partido”. Afirmou, ainda, que no congresso de escritores, em 1954, isto é, dois anos antes do XX Congresso do PCUS, “tudo estava claro, todos sabiam, e em surdina comentavam-se os

---

<sup>320</sup> AMADO, Jorge apud RAILLARD, op. cit., p. 139.

<sup>321</sup> Por ocasião da guerra fria e do fortalecimento dos aparelhos estatais dos países socialistas, Rajk ex-secretário-geral do KPU, sob a acusação de “titoísmo”, foi condenado à morte em 1949. Por “titoísmo” entende-se uma forma muito mais “branda” de regime socialista, combinando a economia estatizada com diversas liberdades civis e que foi aplicada por Josip Broz Tito na Jugoslávia durante seu regime, entre 1945 e 1980.

<sup>322</sup> Político comunista checoslovaco preso em 1951 e co-réu no julgamento Slansky ao lado de Rudolf Slansky. London foi acusado de ser um sionista, trotskista e titoísta e condenado à prisão perpétua, mas foi libertado em 1955 e reabilitado em 1963.

crimes de Stálin”<sup>323</sup>. Todos ou quase todos, já que segundo o autor, Carlos Marighella, que se tornaria expoente da luta armada no Brasil, por exemplo, parece ter tomado conhecimento dos crimes na reunião do Comitê Central em que se discutiu o XX Congresso, já que “chorava como uma criança”.<sup>324</sup>

Pelo testemunho de Jorge Amado, observamos que ele manteve a fórmula “crimes de Stálin” e não “crimes do sistema, ou do regime soviético”. Pareceu atribuir os erros cometidos a um homem e não a um sistema com o qual todos eles, os comunistas ligados à III Internacional, se identificavam. Assinalamos que, na época, muitos dos tais crimes eram sabidos e justificados em nome do socialismo. O depoimento do escritor, no entanto, tende a se opor a esta leitura ao empregar a ideia da descoberta, da decepção, e ao atribuir a responsabilidade dos crimes exclusivamente a Stalin.

Apesar de relatar que esta tomada de conhecimento foi lenta, Jorge narrou o quanto a descoberta das atrocidades cometidas foi dolorosa para si. Neste sentido, acreditou não ser possível transmitir tais experiências vividas, apesar de alguns terem tentado. Por isto afirmou que nunca teve vontade de escrever as suas memórias, para transmitir e repartir tais coisas. Algo que acabou realizando, de certa forma, pouco tempo depois, porém, de um modo muito particular, sem maiores reflexões sobre esta vivência.

Por este motivo talvez seja nesta entrevista dada a Alice Raillard onde melhor se encontram relatos do autor sobre tais experiências suas. Uma delas, que dá mostras do engajamento do autor, após o afastamento do Partido e a descoberta dos crimes do regime soviético, é a sua atuação frente ao patrulhamento ideológico sofrido pelo comunista, poeta e romancista russo, Boris Parternak.

Segundo ele, o caso se iniciou quando, em, 1957, Pasternak publicou seu mais conhecido trabalho no mundo ocidental, o romance *Doutor Jivago*. O livro não pôde ser

---

<sup>323</sup> AMADO, Jorge apud RAILLARD, op. cit., p.141.

<sup>324</sup> Ibid., p. 142.

publicado na então União Soviética, devido às críticas feitas ao regime comunista na obra. Os originais do livro foram contrabandeados para fora da “Cortina de Ferro”<sup>325</sup> e editados na Itália, tornando-se rapidamente um verdadeiro best-seller, fazendo de Pasternak ganhador do Nobel de Literatura. Entretanto, pelo fato de ser um livro proibido pelo governo de Moscou, Pasternak foi impedido de receber o Nobel e acabou sendo obrigado a devolver a honraria.

Pelos ataques dirigidos a Pasternak nos jornais, Jorge Amado teria feito uma declaração no jornal *Última Hora*, condenando violentamente o que denominou de vilania contra o escritor. Dois anos meses depois, teria recebido congratulações de escritores amigos seus por ter tomado esta postura, na União Soviética, quando convocado pelo Movimento da Paz. Mas também teria recebido críticas, como se vê no trecho abaixo:

[...] Houve um almoço na União dos escritores. O Secretário Geral da União fez um discurso, saudou os escritores estrangeiros que estavam presentes – éramos vários – e, abertamente, fez alusão à minha declaração mostrando-se surpreso de que pessoas que se diziam amigas da União Soviética divulgassem opiniões como a minha sem conhecer as coisas. Respondi-lhe que na minha volta da China, depois do XX Congresso, numa reunião da própria União dos Escritores, vários dos mais importantes autores soviéticos nos declararam responsáveis, ao menos implicitamente, pelos atentados à liberdade criação durante o regime stalinista; citaram vários exemplos de obras às quais déramos apoio por pura questão de disciplina do Partido. Eu mesmo falara bem de um romance que não valia nada, sobre a vida em um *kolkhoz*<sup>326</sup> – este fora um dos exemplos. Naquele momento compreendi que era verdade, tínhamos parte da responsabilidade, e decidi que dali para frente eu diria apenas aquilo que eu realmente pensava. Concluí reafirmando que era monstruoso o que acontecera com Pasternak, que ninguém, em lugar algum do mundo, tinha o direito de agir assim. Anos mais tarde, em 67, Voltei à União Soviética e fui recebido na União dos Escritores pelo mesmo poeta, Alex Surkhov, que me repreendera na época. Recebeu-me declarando um poema de Pasternak... Nesse meio tempo o escritor fora reabilitado...<sup>327</sup>

<sup>325</sup> Cortina de Ferro foi uma expressão frequentemente usada para designar a divisão da Europa em duas partes, a Europa Oriental e a Europa Ocidental como áreas de influência político-econômica distintas no período da chamada Guerra Fria.

<sup>326</sup> De acordo com o Breve Dicionário Político do Editorial Progresso, os *kolkhoz* eram “fazendas coletivas na URSS organizadas sob a forma de cooperativas de camponeses, reunidos com base no voluntariado para administrar uma grande propriedade agrícola com base na socialização dos meios de produção e no trabalho coletivo. Os *kolkhozes* desenvolviam sua produção em terras de propriedade estatal cedidas para usufruto perpétuo e gratuito. Organizavam-se segundo um estatuto aprovado pela assembleia geral dos seus membros e com base no planejamento e nos princípios de autogestão financeira. Foram grandes produtores de bens agrícolas na URSS.” Cf. MARXIST INTERNET ARCHIVE. *Kolkhoz*. Verbetes retirado de ONÍKOV, I. A. Y SHISHLIN N. B.: Breve Dicionario Político. Editorial Progreso, Moscú, (URSS) Unión Soviética, 1983. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/k/kolkhoz.htm>>. Acesso em 29.06.2014.

<sup>327</sup> AMADO, Jorge apud RAILLARD, op. cit., p. 208 e 209.

Desta declaração, alguns aspectos se destacaram no que se refere à participação política do autor no período e sobre as transformações na forma de pensar as suas relações com o Partido e com a União Soviética. O autor indicou ter continuado a fazer parte do Movimento pela Paz no fim dos anos 1950, o que revelaria sua disponibilidade em continuar participando de questões que envolviam problemáticas políticas e sociais de âmbito internacional. Isto é, este seu engajamento se perpetuou mesmo após ter abandonado a militância política e ter se dedicado, exclusivamente, à carreira de escritor.

Outro aspecto trazido por esta passagem foi o comportamento do autor diante do patrulhamento ideológico a Pasternak. Se antes, com Georg Lukács<sup>328</sup> e Artur London, Jorge sugeriu que não teve coragem de se colocar contra as perseguições sofridas por estes escritores, já no caso de Pasternak indicou que isto ocorreu. A mudança parece ter relação com o próprio contexto vivido, de crise do stalinismo e de certo desencanto do autor em relação a esta orientação. Este quadro possivelmente estimulou uma tomada de consciência por parte do escritor quanto a equívocos em sua postura como intelectual durante o período em que exerceu militância partidária. Um destes equívocos apareceu exemplificado em uma louvação feita pelo autor a um romance. O livro tratado exercia uma espécie de propaganda político-ideológica em favor da União Soviética, ao abordar os *kolkhoz*, e isto por si só teria sido motivo para a louvação de Jorge, ou seja, por pura disciplina em relação ao Partido.

O escritor concordou com uma crítica que lhe foi dirigida. Se apoiava um tipo de arte condicionada, então contribuía para a falta de liberdade da produção artística. Outro agravante era o fato de que estas restrições tinham ainda como consequência as perseguições àqueles que

---

<sup>328</sup> Filósofo e membro do Partido Comunista Húngaro que, entre 1948 e 1949 foi expulso do partido devido a sua posição pela tolerância intelectual dentro da entidade.

não se enquadravam nas orientações do Partido para as artes e a literatura, como no caso de Pasternak.

Neste sentido observamos que o afastamento de Jorge Amado em relação ao Partido e ao stalinismo parece ter sido reflexo não só de uma mudança no pensamento do autor quanto a questões político ideológicas, mas também quanto ao seu próprio papel como escritor. Se antes parecia não se importar com certo atrelamento da criação literária a limites ditados pelas orientações do PC, em certo momento passou a defender a necessidade de total liberdade de criação para o escritor e para o artista de um modo geral. Essa liberdade foi cada vez mais almejada entre artistas e intelectuais desde a morte de Stálin em 1953. Neste mesmo ano, o jornal literário soviético *Novy Mir* (“Novo Mundo”), abriu suas páginas para um surpreendente artigo crítico. Assinado por Vladimir Pomerantsev e intitulado *Da sinceridade na Literatura* e foi considerado uma “bomba”: atacava a doutrina soviética oficial aplicada às artes: o chamado realismo socialista.<sup>329</sup>

A transformação na postura do escritor em relação à criação literária e ao papel do escritor na sociedade se inseria, portanto, nas transformações anunciadas e iniciadas no próprio contexto. Até mesmo pelo seu contato com o mundo soviético que perdurou mesmo após o desencanto stalinista. E se, no contexto citado, era repreendido por denunciar o cerceamento à liberdade criativa de artistas e intelectuais, isto se deveu a certa resistência às mudanças anunciadas, resistência que aos poucos foi sendo minimizada, juntamente, com o stalinismo.

Em se tratando da sua relação com regimes autoritários no mundo, podemos dizer que Jorge Amado, inicialmente, se mostrou em plena oposição, com exceção daqueles instaurados sob o signo do socialismo, o que podemos compreender pela sua disciplina em relação ao Partido. Além de sua atuação, junto ao PC, na luta contra o nazismo e o fascismo, expressada

---

<sup>329</sup> Cf. EHRENBURG, Ilya. *O degelo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.

na coluna “A Hora da guerra”, que assinou no jornal *O Imparcial*,<sup>330</sup> também relatou participação contrária ao peronismo.

O evento narrado ocorreu quando se encontrava exilado na Tchecoslováquia, no Castelo dos escritores de Dobris. O escritor Pablo Neruda, que, então, se encontrava em Praga, lhe contou que os argentinos o informaram de que Perón havia mandado matar um estudante. Estes argentinos pediram, então, aos dois escritores que denunciassem publicamente o crime. De acordo com Jorge, ele e Neruda organizaram “uma reunião de imprensa, incluindo todos os jornais dos países socialistas e agências estrangeiras”. Além disto, redigiram e assinaram uma declaração denunciando o regime de Perón. O tal estudante, todavia, não havia morrido e Perón desmentiu as acusações dos escritores.<sup>331</sup>

De modo semelhante o escritor contou que certa vez se mobilizou junto a outros intelectuais para protestar contra as perseguições das quais Pablo Neruda estava sendo vítima durante o governo do presidente do Chile, Gonzales Videla.<sup>332</sup>

O que destacamos nestes episódios é a disposição do autor em denunciar arbitrariedades cometidas pelo governo argentino e chileno. Isto é, sua participação em questões políticas supranacionais, buscando intervir na política de países que viviam regimes autoritários. Um tipo de participação que parece ter se mantido, de certa forma, ao longo de sua trajetória.

Em meados dos anos 1950, após se afastar do Partido, o escritor relatou ainda que atuou no jornal *Para todos*. Jornal criado por ele, Oscar Niemeyer, Moacir Werneck de Castro e James Amado. Ele afirmou que o quinzenário estava em franca oposição em relação “às posições sectárias e estreitas do Partido”<sup>333</sup>. Deu o exemplo da Revolução Húngara, um levantamento popular espontâneo contra o governo stalinista na Hungria e contra a política imposta pela

---

<sup>330</sup> Cf. AMADO, Jorge apud RAILLARD, op. cit., p.174.

<sup>331</sup> Ibid, p.209 e 210.

<sup>332</sup> Ibid, p.236.

<sup>333</sup> Ibid, p.214.

União Soviética, iniciado em 23 de Outubro de 1956. O jornal teria tomado uma posição a respeito do movimento diferente da oficial do Partido.<sup>334</sup>

Mas apesar deste âmbito político, Jorge destacou o trabalho do periódico no que se refere ao âmbito cultural. Ao longo dos seus três anos de existência, a publicação foi importante especialmente por permitir uma “convivência” entre escritores e artistas, dificultada pelo sectarismo dos anos 1946 e 1947. Sectarismo que criou uma completa ruptura entre artistas e intelectuais, arruinando a Associação dos Escritores Brasileiros, o que sugere que o campo cultural foi afetado pelas questões político ideológicas da época.

Esta relação entre o campo político e o cultural também apareceu em sua fala sobre as edições do Congresso dos Escritores, organizado pelas esquerdas, comunistas e não comunistas. Se em 1945 houve certa unidade entre os escritores em torno do antifascismo, a favor da redemocratização, contra o Estado Novo, o mesmo não ocorreu na edição de 1947. Neste evento, segundo o autor, houve uma confrontação entre comunistas e não comunistas que ocasionou a saída dos escritores não comunistas da Associação dos Escritores Brasileiros. As edições do congresso, em 1950 e 1951, da qual Jorge Amado não participou por estar na Europa, foram dominadas pelo Partido Comunista, não tendo para ele uma importância real em virtude de terem sido manifestações exclusivamente comunistas.

O Congresso de 1985, por sua vez, foi idealizado como forma de celebrar o de 1945 e teve como temática o combate em favor da democracia em um momento em que o regime militar chegava ao fim. O autor não participou de todas as sessões deste congresso porque, segundo ele, estava de partida para a Europa, mas interpretou o evento de uma maneira positiva, tendo participado escritores de posicionamentos políticos variados.<sup>335</sup>

---

<sup>334</sup> Ibid, p.214.

<sup>335</sup> Ibid, p.218 a 220.

O autor detalhou ainda a sua trajetória ao longo do tempo em que esteve atrelado ao partido. Ele marcou o período entre 1945 e 1955, tempo em que vivia e trabalhava como funcionário do Partido, do “quadro do Partido”, sem sê-lo. Assim descreveu a sua função na organização:

Eu não era um dirigente do Partido, eu exercia funções de direção, mas não detinha funções para as quais tivesse sido eleito. Não era membro de comitê nenhum. Era um membro da base. A única diferença é que eu não pertencia a nenhuma célula, trabalhava diretamente ligado à alta direção do Partido [...] Eu não tinha um minuto, era reunião atrás de reunião, eu viajava, trabalhava na comissão cultural, em estreita ligação com a direção do Partido, tudo isso durante dez anos.<sup>336</sup>

Jorge estava, então, diretamente envolvido com a cúpula do Partido, e com responsabilidades e tarefas como um funcionário da organização, mas não recebia por isto. Tinha que viver do seu trabalho como escritor. E como, durante este tempo, parou com o seu trabalho literário, acabou se endividando. Afirmou que foi o único momento em sua vida que esteve nesta situação de endividamento. Isto o motivou a deixar de assumir responsabilidades dentro na organização, sem, no entanto, deixar, oficialmente, o Partido nem dele ser excluído. O fato de sua decisão não ter sido sequer motivo de discussão no PC, em dezembro de 1955, comprovaria, segundo sua narrativa, a motivação alegada. Pouco tempo depois, em fevereiro de 1956 os mais importantes dirigentes foram a Moscou para o XX Congresso, ocasião em que Krushev leu seu famoso relatório.

De acordo com o autor, estes dirigentes se mantiveram discretos por um tempo, após a sua volta. Foi somente quando o *Estado de São Paulo* publicou um relatório sobre o Congresso e “o stalinismo foi publicamente desmascarado”<sup>337</sup>, que eles convocaram o Comitê Central, em abril ou maio de 1956, um comitê ampliado do qual o romancista participou.

---

<sup>336</sup> Ibid, p. 264.

<sup>337</sup> Ibid.

Divisões, dissensões, o abandono da militância por parte de alguns intelectuais e o abandono do Partido por outros seguiram-se ao fato. O reato de Jorge Amado sugere, portanto que ele já tinha se posicionado frente aos acontecimentos que se tornaram públicos naquele momento. Além de abandonar as tarefas do Partido, já havia lançado as bases de uma publicação, o *Para todos*, onde aparecia uma divergência de linhas, por exemplo quanto aos acontecimentos da Hungria.

Mas o autor destacou só ter sofrido ataque mais intenso, em decorrência da mudança de posicionamento, não mais atrelada ao Partido e ao stalinismo, após a publicação de *Gabriela cravo e canela*, em 1958. No seguinte trecho, deixou claro como ocorreram as críticas e o patrulhamento ideológico sofrido:

Escrevi, pois, *Gabriela*. Aí, vários responsáveis do PC, alguns que até eram meus amigos, claro que sob instruções da direção, que permaneceu stalinista, aferrada ao poder que possuía no Partido, atacaram-me violentamente. Trataram meu livro de lixo, inclusive amigos meus. Gente muito próxima a mim atacou-me de uma maneira.... Isto me afetou. Fizeram comigo como se fazia na URSS, no *Pravda*, com todos os escritores que não seguiam exatamente a linha oficial. Fui terrivelmente atacado, e até consegui entender os amigos que lançaram contra mim, contra a minha pessoa, golpes tão baixos, tão miseráveis e lamentáveis, até entendi porque... já falei do livro de Howard Fast, *O Deus Nu*, onde, relatando os ataques mentirosos lançados contra este ou aquele, diz que ele mesmo talvez pudesse ter mentido assim, na época.... Eu também, quem sabe? Talvez eu até fosse capaz, por questão de disciplina partidária.... Não acho, não sei.... Atacar daquela maneira.... Enfim!...eu o fui, e violentamente.<sup>338</sup>

O escritor atribuiu, assim, o ataque sofrido a uma disciplina partidária dos companheiros e críticos. A mesma disciplina que o fez celebrar um romance sem qualidade literária sobre o *kolkhoz*. Neste sentido, apesar de lamentar esta postura crítica, a compreendeu, de certo modo, ao se ver no outro, posição que o fez ter clareza dos equívocos cometidos, no passado, por obediência ao Partido.

A rejeição à *Gabriela* parece ter sido sentida também pelo desprezo de alguns países socialistas em relação a escritores estrangeiros, perpetuado ao menos até os anos 1990. Referiu-

---

<sup>338</sup> Ibid, p. 265.

se, neste ínterim, ao fato de publicarem obras destes autores sem lhes comunicar e muito menos lhes direcionar os direitos autorais devidos, como aconteceu, por exemplo, com *Gabriela*, publicada em Cuba. Se houve elogios a *Gabriela* por parte das esquerdas, o escritor afirmou que isto só ocorreu do ponto de vista de uma parcela destas. Ao que parece, de uma parte das esquerdas brasileiras pois muitos jornais dão conta da recepção positiva de *Gabriela* em países soviéticos. O próprio autor destacou a edição cubana, por exemplo, prefaciada por um crítico literário marxista que ironizava certas críticas brasileiras, de esquerda, comunista e afirmava que o romance era marxista, e apresentava uma sociedade analisada com rigor e lucidez perfeitos.<sup>339</sup>

Jorge afirmou ainda que as críticas se tornaram mais violentas em relação aos livros que se seguiram: *Quincas Berro D'Água* (1960) e *Os Velhos Marinheiros* (1961). Uma das consequências disto foi, então, a construção de uma leitura segundo a qual a obra do escritor estava dividida em duas partes: uma anterior a *Gabriela* e outra posterior. Neste ponto, mais uma vez o autor reiterou a unidade de sua obra, ressaltando que só podia concordar com o fato de que, no início de sua trajetória literária, houve uma profusão do discurso político, correspondendo ao que ele era então. Fora isto, destacou que os elementos folclóricos já estavam presentes no início de sua produção, e que, apesar desta separação, o discurso político está ausente em *Terras do Sem Fim*, aparece pouco em *São Jorge dos Ilhéus* e somente no epílogo de *Seara Vermelha*.<sup>340</sup>

O autor concordou que *Gabriela* marcou, claramente, o início de outra etapa em sua obra. Não no que se refere ao abandono do discurso político, mas por expressar um conhecimento mais profundo da realidade e, também, pela introdução do humor. Elemento que,

---

<sup>339</sup> Ibid, p. 265 e 266.

<sup>340</sup> Ibid, p. 267.

para ele, passou a ser utilizado como uma arma ainda mais eficaz para denunciar as mazelas do presente e defender os interesses do povo.<sup>341</sup>

No que se refere à sua participação na oposição ao regime militar, o autor destacou mais uma vez o episódio em que encabeçou manifesto junto com o escritor Érico Veríssimo contra a censura prévia em meio ao governo Médici. Guiando-se por este evento, afirmou que “sempre se pode lutar e despertar a esperança. Lutar com as armas que se tem”.<sup>342</sup>

Quanto à forma de engajamento através da literatura em meio ao regime militar, citou o caso de *Tieta do Agreste*, já tratado anteriormente na análise das entrevistas do escritor. Em *Conversando com Jorge Amado* ele relatou com mais detalhes a relação da obra com o contexto vivido, exaltando seu engajamento através do romance. A publicação, inspirada em dois acontecimentos vivenciados pelo autor, tratou, segundo ele, de uma luta da cidade de Estância, em Sergipe, contra a implantação de uma indústria na região que causaria sérios impactos ambientais e sociais. De modo semelhante à ficção criada, Jorge e outros intelectuais da Bahia se articularam, naquele contexto, contra o estabelecimento de uma indústria de bióxido de titânio em Arembepe. Estavam, então, em plena luta quando ele decidiu escrever *Tieta* com base nestes episódios.<sup>343</sup>

O romance foi resultado de uma reação muito imediata a estes acontecimentos. E neste sentido o livro foi de denúncia, agressivo, pois teve como um de seus objetivos atacar as multinacionais, acusar a complacência do governo militar que permitiu aquele tipo de ação.<sup>344</sup>

A relação entre o contexto da ditadura e a literatura produzida pelo autor também foi indicada no caso de *Tereza Batista*. Ele afirmou que a violência, o sadismo e amargura presentes no livro foram influência do clima gerado pela ditadura:

---

<sup>341</sup> Ibid, p.268.

<sup>342</sup> Ibid, p.226 e 227.

<sup>343</sup> Ibid, p.290 e 291.

<sup>344</sup> Ibid, p.311.

A.R [Alice Raillard] – O que eu queria dizer é que *Tereza Batista* é um livro ao qual se pode reagir violentamente, num sentido ou no outro... Porque é um texto que agride, atinge profundamente, quase que fisicamente...Porque é um livro sobre a violentação. Em seu prefácio na edição francesa, Georges falava do corpo de Tereza e do corpo do Brasil. Há uma mulher violentada, e também um país violentado?

J.A. [Jorge Amado] – Sim, isto é *Tereza*. Um livro no qual se projeta toda a violência da época, naquele momento de ditadura. O que você dizia de *Gabriela* no governo Kubitschek é verdade também em *Tereza* mas num contexto totalmente diferente. De certa forma, é um livro amargo, um livro de violência, de furor. A violência cresce.

A.R [Alice Raillard] – É até um pouco sádico... Eu o senti assim quando o traduzi.

J.A. [Jorge Amado] – É um pouco sádico sim. Era a época em que vivíamos [...] <sup>345</sup>

O romancista revelou, deste modo, certa interação entre a obra e o contexto em que foi produzida, assim como em *Tieta*, destacando os sentimentos negativos que povovam o clima da época. Trata-se de uma perspectiva bastante diferente de certos discursos biográficos que identificaram as obras deste período como sendo marcadas pela visão otimista do escritor, pela alegria, pela paz, pelo humor, pela festa.

*Os Pastores da Noite* foi outro livro produzido, segundo ele, como reflexão sobre a sociedade da época e sobre o futuro. Lançando mão de certa melancolia, Jorge buscou abordar, nesta obra, a falta de lugar na sociedade para os *vagabundos*. Tais personagens foram concebidos como seres livres em termos de pensamento e ação e fadados ao desaparecimento em tempos futuros.

Neste livro o escritor considerava como certo o fim do capitalismo e o estabelecimento do socialismo como regime político-social do futuro. E mesmo neste socialismo, não acreditava que houvesse plena liberdade, já que nos tipos de socialismo que existiram até ali não houve. Para ele, não basta que o sujeito não morresse de fome, mas que ele também tivesse liberdade para pensar como quisesse. A obra carregava, assim, uma preocupação do autor quanto ao futuro, um futuro indubitavelmente socialista já que afirmou não ser possível que “persista o capitalismo com esta violência, esta agressividade e a miséria e as desgraças que ele traz consigo”. <sup>346</sup>

---

<sup>345</sup> Ibid, p.309.

<sup>346</sup> Ibid, p.310.

Convicções estas que parecem ter sido afetadas quando lemos seu livro de memórias, *Navegação de Cabotagem*, onde encontramos certa tristeza e melancolia. Um apego ao passado, resgatado de maneira afetuosa na lembrança de acontecimentos, mas, sobretudo, de relações de amizade e contatos que marcaram a trajetória e a memória de Jorge Amado.

## 2.2 Autobiografia

### 2.2.1 *Navegação de Cabotagem*

Sem contar com qualquer interlocutor, em *Navegação de cabotagem* foi o próprio autor que evocou as suas lembranças do passado e selecionou o que narrou.

De acordo com dicionários da língua portuguesa, navegação de cabotagem é um tipo de navegação de curto curso, ao longo do litoral, entre portos de um mesmo país. Foi esta a expressão escolhida por Jorge Amado para intitular seu livro de apontamentos de memória. Ele pretendeu contar em *Navegação de cabotagem*<sup>347</sup> aquilo que foi importante em sua trajetória pessoal. No entanto, não teve a intenção de trazer o relato de grandes feitos, narrativas heroicas. Preferiu contar “o saldo de miudezas de uma vida bem vivida”<sup>348</sup>. Recusou-se em relatar o grandioso, o decisivo, o tremendo, a dor mais profunda, a alegria infinita, aspectos esperados nas memórias daqueles que são considerados ilustres, importantes. Por este motivo, a obra, além do sugestivo título, teve como subtítulo a seguinte inscrição: *apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. Escrever um livro de memórias parecia, então, tarefa para “escritor importante, ilustre, fátuo e presunçoso”<sup>349</sup>, figura com a qual ele não se identificava.

---

<sup>347</sup> AMADO, 1992.

<sup>348</sup> Ibid., p.4.

<sup>349</sup> Ibid. loc. cit.

Através do prólogo, é possível compreender outros aspectos importantes que foram decisivos para a elaboração do livro. No espaço em questão, sugeriu que a necessidade de reunir fragmentos de memórias se deveu a uma espécie de responsabilidade, de missão intelectual. Ele se mostrou consciente do seu papel como escritor e da sua fama diante da sociedade, tendo se envolvido nos embates de seu tempo, travado contato com figuras importantes e decisivas, além de sua fala e seu posicionamento terem grande peso sobre a opinião pública. Compreendeu, assim, o seu papel singular como sujeito histórico, e seu livro de memórias como uma espécie de fonte de pesquisa, um registro escrito necessário. Ainda que tenha afirmado a inexatidão de datas e locais, considerou importante situar os acontecimentos no tempo e espaço, o que facilitou uma análise histórica dos fatos.

Apesar dele ter buscado evidenciar o modo como refletia, como pensava na época sobre a qual se reporta, destacamos que os depoimentos presentes no livro refletiram em grande medida uma “leitura circunstancial” dos acontecimentos, assim como os relatos vistos anteriormente. Uma compreensão do passado que foi influenciada pela realidade imediata. Neste sentido, ressaltamos que Jorge levou seis anos para escrever a obra, iniciada em 1986 e finalizada em 1992, dado que pode ser depreendido do próprio livro. E ele incluiu em seus fragmentos de memória testemunhos da história vivenciada naqueles anos.

O autor iniciou a escrita de *Navegação de Cabotagem* no mês seguinte ao fim das *conversas* com Alice Raillard, em janeiro de 1986. Vale dizer que, ao mesmo tempo em que escrevia a sua autobiografia, também estava sendo produzida uma biografia a seu respeito. Apesar de não se ter encontrado registro sobre a existência desta publicação, o escritor falou sobre ela em entrevista à revista *Exame Brasil* em agosto de 1991.<sup>350</sup>

---

<sup>350</sup> Cf. GANDRA, José Ruy. O navegador que escreve. *Revista Exame Brasil*. Editora: Abril. 21 ago. 1991.

Ele afirmou que não pretendia escrever algo mais longo do que as memórias esparsas de *Navegação de Cabotagem* porque uma biografia sua já estava sendo escrita por Thomas Colt.<sup>351</sup> O autor explicou em seu depoimento que Colt era um professor e escritor americano especializado em Literatura Latino-Americana e profundo conhecedor de sua obra. Naquela ocasião, já havia sido feita uma série de entrevistas para o referido livro. Aqueles encontros, no entanto, estavam tomando o tempo do escritor, o que o fez interromper as conversas com Colt.

A necessidade de se fazer biografias sobre Jorge Amado e até mesmo a sua decisão de escrever sua autobiografia naquele contexto, certamente tinha a ver com a chegada de seus 80 anos de idade e a proximidade de sua morte. Na já citada entrevista à *Exame Brasil*, esta relação ficou explícita na seguinte passagem:

*O senhor completa no ano que vem 80 anos. A morte é uma possibilidade que o assusta?*

Jorge Amado – Não tenho medo da morte, mas temo muito o sofrimento físico. A morte para mim é isso: acabou; acabou mesmo. Isso não quer dizer que eu alimente alguma simpatia pela ideia. Pelo contrário, quando penso no quanto gosto da vida e de seus prazeres, essa ideia de morte me é extremamente desagradável e penosa. Só que, à proporção que se envelhece, vê-se que se caminha mesmo para lá – e que a coisa é inexorável. Mas não tenho o menor medo do que possa vir depois, céu, inferno ou seja lá o que for.<sup>352</sup> [grifo do original]

A filha de Jorge, Paloma, que participou do processo de produção da obra, exercendo, dentre outras funções, o papel de datilógrafa, também sugeriu que a chegada dos 80 anos tenha motivado o escritor a “decidir-se por, finalmente, colocar no papel algumas lembranças e alguns pensamentos, frutos de uma vida intensamente vivida”.<sup>353</sup>

<sup>351</sup> Utilizando a grafia “Thomas Colchie” é possível encontrar indicações da existência desta biografia na internet, intitulada *Jorge Amado: Biography*. De acordo com os dados encontrados pela arquivista da Divisão de Pesquisa da Fundação Casa de Jorge Amado, Marina Amorim, ela foi publicada pela Northwestern University Press em 1999, mas a arquivista afirma não a conhecer.

<sup>352</sup> Cf. GANDRA, 1991.

<sup>353</sup> AMADO, Paloma. O making-off da Navegação. *Digestivo Cultural*. 27 nov. 2006. Disponível em: <[http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=183&titulo=O\\_making-off\\_da\\_Navegacao](http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=183&titulo=O_making-off_da_Navegacao)>. Acesso em: 20 out. 2014.

Em *Navegação de Cabotagem* o autor deixou igualmente expresso, em diferentes momentos ao longo da narrativa, o sentimento que o envolvia pela iminência do seu octogésimo aniversário, apesar de completá-los somente em 1993, ano seguinte ao do término e publicação do livro de memórias. A proximidade em relação à data já era sentida ao final da escrita da obra devido à preparação dos festejos e homenagens que seriam dedicados a ele. Preparativos que o atingiam não só pela generosidade dos amigos e pelo carinho dos leitores, que o comoviam.

Para ele, todo aquele cerimonial parecia conter “laivo de despedida”, “ar de adeus em necrológico: aqui repousa em paz, epígrafe em mausoléu, letras de ouro em campo santo”<sup>354</sup>. Despedida a qual o autor se recusou a dar ao final da obra, pois “ainda não chegou a hora de fazer sob as flores e o discurso”<sup>355</sup>.

De acordo com Paloma Amado, a ideia do livro o tentava havia muito tempo, porém um pacto feito com Ilya Eremburg e Pablo Neruda, de nunca publicarem livro de memórias, o retinha.<sup>356</sup> Foi justamente a lembrança deste acordo que Jorge escolheu para começar o livro.<sup>357</sup> Segundo Paloma, o pacto parece ter sido superado após a publicação póstuma das memórias de Ilya e Neruda, o que também estimulou seu pai a escrever e publicar suas memórias.<sup>358</sup>

As notas começaram a ser postas no papel, tal como conta o autor no prefácio do livro, em Nova York, durante os dias de palestras do Congresso Internacional do Pen Club. Impossibilitado de participar do evento devido a um quadro de pneumonia, o autor dedicou seus dias de estadia na cidade a escrever suas lembranças. Podemos dizer assim, que, ao iniciar a escrita deste livro, a visão de Jorge sobre o passado estava impregnada pelo mesmo contexto no qual se desenvolveram as conversas com Alice Raillard, bem como pelas lembranças que as entrevistas concedidas, certamente, suscitaram. Apesar disto, fatos históricos marcantes

---

<sup>354</sup> AMADO, 1992, p.636.

<sup>355</sup> Ibid, p.638.

<sup>356</sup> Cf. AMADO, 2006.

<sup>357</sup> Cf. AMADO, 1992, p.1-2.

<sup>358</sup> Cf. AMADO, 2006.

ocorreram ao longo da produção de *Navegação* como, por exemplo, a queda do muro de Berlim (1989) e o esfacelamento da União Soviética (1991).

O peso daqueles acontecimentos para a reflexão de vida e de história que o autor estava realizando pode ser medida em diversas passagens, tal como a seguir, datada de 1989:

Sentado na velhíssima (e arruinada) cadeira-do-papai, tão feia quanto cômoda, acompanho na televisão o desenrolar da campanha eleitoral, ouço os diversos candidatos à Presidência da república e seus sequazes. Espio com um olho só, o direito, estou caolho: a pálpebra esquerda tombou a duas semanas em Moscou, tanto o meu coração se confrangeu com a situação do Império e dos povos soviéticos – não havia pão nas padarias e meus amigos, importantes dignitários ou gente simples, previam hipóteses sinistras, guerra civil ou golpe de estado com a volta da repressão – sucedera na China -, o retorno ao obscurantismo. Conversas inimagináveis ainda há um ano, quando eu ali estivera na comitiva de Sarney e encontrara ainda uns restos de esperança e de entusiasmo, apesar das dificuldades econômicas.<sup>359</sup>

Também no prólogo ficou evidente o choque e a melancolia em relação a tudo o que estava vivenciando. Uma observação um tanto atônita daqueles fatos apareceu nas considerações que o autor fez sobre a ascensão e queda do socialismo soviético, recortando um período de quase toda a sua vida (dos 6 aos 80 anos). O fim de um modelo, de um ciclo no qual viveu e se envolveu pareceu coincidir, então, com aquele momento em que o escritor já se sentia preparado para avaliar o saldo de sua vida.

Os relatos do romancista contidos em *Navegação de Cabotagem* são, portanto, a expressão de um Jorge Amado afetado por todos estes acontecimentos que abarcaram o momento da escrita. Contextos que, certamente, influenciaram de alguma forma a visão do autor sobre o seu passado. Neste sentido, acreditamos que a redação dos textos que o compõe pode ter sido modificada de acordo com as questões colocadas na realidade imediata vivenciada, especialmente ao final da escrita, quando a revisão de todo o trabalho é uma tarefa comum para os escritores antes da publicação de um livro.

---

<sup>359</sup> AMADO, 1992, p.9.

Assim, apesar de o autor ter buscado evidenciar o modo como refletia, como pensava na época, destacamos a influência de sua visão, *a posteriori*, principalmente no que se refere a toda carga emocional que o envolvia no momento da escrita. Em se tratando de memórias de toda uma vida, com maior ênfase na juventude e na maturidade, já que as memórias de sua infância ele as reuniu em *O menino Grapiúna*<sup>360</sup>, os relatos abarcaram diferentes períodos da história do Brasil e do mundo.

Durante sua trajetória, Jorge afirmou ter o conhecimento de fatos, causas e consequências, sobre as quais prometeu guardar segredo. Conhecimentos muitos dos quais foram adquiridos devido à circunstância de militar em partido político, do qual muitas vezes atuou na clandestinidade. Quanto à possibilidade de revelar estes segredos em suas *Memórias*, aproveitando-se do momento de desagregação da URSS e crise do socialismo, ele foi categórico:

Tantos anos depois de ter deixado de ser militante do Partido Comunista, ainda hoje quando a ideologia marxista-leninista que determinava a atividade do partido se esvazia e fenece, quando o universo do socialismo real chega a seu triste fim, ainda hoje não me sinto desligado do compromisso assumido de não revelar informações a que tive acesso por ser militante comunista. Mesmo que a inconfidência não mais possua qualquer importância e não traga consequência alguma, mesmo assim não me sinto no direito de alardear o que me foi revelado em confiança. Se por vezes as recordo, sobre tais lembranças não fiz anotações, morrem comigo.<sup>361</sup>

Se não fez grandes revelações sobre acontecimentos políticos e históricos, Jorge expôs a público, em muitos trechos, os bastidores de eventos importantes da história. Revelou o conteúdo de conversas íntimas, relatou articulações entre políticos e intelectuais, citou nomes, falou sobre expectativas e frustrações dos envolvidos, sobre o posicionamento tomado pelas partes, o modo de pensar. Fez uso de uma visão crítica, própria daqueles que não vivenciam mais a história como um devir. Isto é, daqueles que já sabem o fim de processos históricos.

---

<sup>360</sup> AMADO, 1981.

<sup>361</sup> AMADO, 1992, p.2.

Lançou mão, em muitos casos, do humor, do deboche, para tratar de si ou de personagens, amigos seus ou não, marcando a ingenuidade dos sujeitos diante dos acontecimentos. A narrativa foi construída também através de recursos literários, em que pese a poesia. Pelo modo como escreveu, pelos recursos utilizados, pelas histórias privadas, engraçadas ou tristes, que foram contadas, as memórias do escritor foram descritas assim de uma maneira romanceada, em que personagens reais, incluindo-se o próprio autor, mais parecem personagens da ficção.

No que se refere à participação, o engajamento de Jorge em sua “1ª fase”, dos anos 1930 até 1955, observamos o emprego de certo olhar melancólico. Ele narrou de maneira um tanto orgulhosa a sua atuação em um tempo em que não havia o peso da "dúvida" sobre as convicções político-ideológicas que atingiram os comunistas com a divulgação do relatório Krushev. Pareceu ver este período como o tempo da utopia, apreciação que só pode ser compreendida pela sua análise *a posteriori* dos acontecimentos.

Assim como nas outras narrativas biográficas analisadas, indicou que ao longo de todo o período havia um quadro complexo das relações entre intelectuais, sociedade e governo que ia além do binômio oposição x colaboração. Ele próprio foi mostrado como alguém que, apesar de obediente em relação às determinações do Partido, possuía contatos e amizades com pessoas de posicionamentos políticos diversos. Este comportamento foi tratado como natural, inclusive, ao longo do Estado Novo. Isto pode ser observado na relação que Jorge Amado, membro do Partido Comunista, possuía com a família Lins de Albuquerque e a família Mesquita, cujos laços, já observados anteriormente nas entrevistas do escritor, foram explicados de maneira mais detalhada nesta obra. Ambas as famílias, especialmente se tratando de pais e filhos, foram caracterizadas por ele pelo seu posicionamento liberal e anticomunista.

No caso da família Lins,<sup>362</sup> o contato parece ter se iniciado através do filho, Wilson Lins, amizade que, possivelmente, se iniciou na Bahia, onde a família Lins atuava através de *O*

---

<sup>362</sup> Ibid, p.502 a 508.

*Imparcial*. Este jornal havia sido comprado pelo coronel Franklin Lins, pai de Wilson, que inicialmente teria chamado o escritor para dirigi-lo, tal como constou na entrevista com Alice Raillard, pela amizade que o coronel lhe tinha. O curioso aqui foi fato de Franklin Lins, industrial e fazendeiro, ser um anticomunista declarado. “Coronel” que se empenhou à frente da tropa de cangaceiros que combateram a Coluna Prestes até o fim, e que, mesmo assim, entregou a direção de seu jornal a um comunista. Pela estima que tinha pelo romancista, conta Jorge, o coronel não o considerava um comunista, mas sim um *russista*, termo que parecia ser menos ultrajante a Franklin Lins.

Nas mãos de Jorge Amado, e posteriormente de Wilson Lins, que juntos escreviam as matérias políticas, o periódico se tornou um órgão de combate ao Eixo. Chegaram até a escrever editorial defendendo o reestabelecimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a URSS, o que teria quase provocado o fechamento do periódico, caso no qual o coronel Franklin Lins, assumiu a responsabilidade pelo editorial.

Outro ponto interessante a considerar foi que o coronel não admitia que se falasse mal de Prestes em sua frente, pois, apesar de combater-lhe as teorias marxistas, admirava-o como chefe militar.

Caso semelhante se verificou na relação entre o escritor e Júlio de Mesquita Filho, igualmente um anticomunista. Jorge datou o início de seu contato com o dono do *Estado de São Paulo* em 1941, quando este liderava o grupo de exilados que na Argentina combatiam o Estado Novo sob a orientação de Armando Sales, o ex-candidato à Presidência da República, que se encontrava nos Estados Unidos. Nesta época, o *Estado de São Paulo*, havia sido desapropriado pelo governo e de trincheira da liberdade havia se tornado porta-voz da ditadura, segundo Jorge. Este fato teria ofendido e provocado a ira de seu dono.

A aproximação do romancista com este personagem ocorreu inicialmente como tarefa do Partido já que se vislumbrava a necessidade de alianças na luta contra o fascismo, de

convivência com políticos que os comunistas rotulavam de liberais com menosprezo e desconfiança. Vencida a desconfiança, a amizade entre Amado e Júlio de Mesquita foi sendo construída com base no diálogo e respeito mútuo. “Julinho”, como se referia ao empresário, acompanhou com interesse a sua pesquisa sobre Prestes para a escrita de *O Cavaleiro da Esperança*. Recomendou-lhe livros e recebeu do autor um dos primeiros exemplares da biografia de Prestes, de quem, segundo o escritor, guardava admiração e afeto.<sup>363</sup> Este sentimento foi expresso na oferta de Júlio de Mesquita a Prestes, por intermédio de Jorge, em momento no qual o Partido Comunista estava sendo ameaçado de fechamento e os políticos do Partido ameaçados de cassação. Ele ofereceu a sua fazenda como espécie de esconderijo à qual o líder do Partido poderia recorrer uma vez que estivesse cassado.

O contato entre comunistas e figuras do governo pôde ser observado na narrativa sobre um almoço, acontecido após a saída de Jorge da prisão, na casa de Graciliano Ramos, que comemorava cinquenta anos de idade. O autor afirmou que na ocasião estiveram presentes artistas e intelectuais de diversas posições políticas, inclusive, o ministro da educação de Vargas, Gustavo Capanema, com o qual conversou a respeito do apoio dos comunistas ao governo Vargas.<sup>364</sup> O encontro ocorreu no contexto da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados, momento em que cresceu a vertente que defendia o estabelecimento de amplas alianças na luta contra o Eixo e o total apoio a Vargas. Esta foi a posição oficial do Partido em 1943 com a Conferência da Mantiqueira.

Os relatos de Amado sobre amizade com estes liberais e anticomunistas retratam a participação de diferentes setores da sociedade, em frentes comuns de luta durante o Estado Novo. Em certo sentido, era pensada pelos próprios comunistas, tal como no contexto de solidariedade ao governo no combate contra o Eixo.

---

<sup>363</sup> Ibid, p.51 e 52.

<sup>364</sup> Ibid, p.43.

As narrativas contadas também deram mostras de como diversos atores sociais se posicionaram diante de certos eventos. Alguns apontamentos de memória indicaram, por exemplo, circunstâncias em que as escritoras comunistas Anna Seghers, da Alemanha, e Ting Ling, da China, se revelaram fiéis ao stalinismo até suas mortes, e em que outros mudaram de posição como Carlos Lacerda, que foi em direção à direita. O autor relatou a manutenção dos laços de amizade para além das mudanças no posicionamento político, na maioria dos casos. Entretanto, em diversas passagens demonstrou como certas amizades foram desfeitas e como alguns indivíduos tornaram-se desafetos seus devido a sua atuação atrelada ao PC. Este é o caso do poeta brasileiro Oswald de Andrade, do pintor brasileiro José Pancetti e do poeta sueco Nils Arthur Lundqvist. Neste último caso, desafeto que pode ter lhe custado o Prêmio Nobel de Literatura.

Segundo Jorge, a origem da desavença entre ele e Oswald estava relacionada às eleições de 1946. Oswald de Andrade teria acreditado que o romancista foi o responsável pela sua não candidatura pelo Partido às eleições daquele ano como forma de evitar concorrência, já que Jorge teve sua candidatura aprovada. O poeta o acusou, então, de “manda-chuva” do Partido. Quanto a este episódio, o romancista afirmou que fez de tudo para que o nome de Oswald figurasse na chapa do Partido. Teria inclusive ido ao Rio de Janeiro conversar com Prestes, que argumentou não considerar o poeta confiável. Além disto, outro dirigente teria justificado o veto por não acreditar que a candidatura de Oswald pudesse trazer muitos votos para o Partido.<sup>365</sup> O escritor parece ter indicado estes fatores como razões para o veto a Oswald.

Fora do âmbito estritamente partidário, a desavença relacionada ao pintor José Pancetti também teria se originado no fato de este acreditar em certa sabotagem por parte de Jorge no ano de 1953. O autor assim iniciou a sua narrativa sobre o episódio:

---

<sup>365</sup> Ibid, p.135 e 136.

Pancetti zanga-se comigo, ameaça romper relações, fazer escândalo, considera-me um ingrato, não mereço a fama de bom amigo, não adianta dar-lhe explicações, não as aceita. Exige que eu intervenha junto ao pecê e junto às autoridades soviéticas para que seja realizada em Moscou uma exposição de suas obras – considera minha intervenção decisiva, ai de mim!<sup>366</sup>

Apesar de se mostrar favorável à exposição, o escritor explicou por que ela não aconteceu, evidenciando a ausência de culpa sua no episódio. Destacou a influência das teses de Andrei Alexandrovitch Zdanov, o teórico de Stálin para a literatura e as artes, na URSS. Teses que, segundo o escritor, consideravam “arte degenerada”<sup>367</sup> – mesma perspectiva dos nazistas a respeito da arte moderna – tudo quanto fugisse aos limites da academia. Assim, mesmo os trabalhos de grandes pintores modernos como Picasso, Chagall e Matisse não eram expostos ao público na União Soviética, ao menos não antes da abertura política iniciada com Krushev.

O autor sabia, então, que a exposição não seria aprovada mesmo que interviesse junto a Ilya Ereburg<sup>368</sup>, como haveria sugerido Pancetti, por não se enquadrar na “ditadura ideológica de Zdanov”<sup>369</sup> – “se não exibem Picasso por que irão exhibir Pancetti?”<sup>370</sup>. Relatou uma situação demonstrando como era difícil convencer Ereburg de agir favoravelmente a trabalhos nas artes e literatura, que não seguiam as orientações ideológicas do Partido, o que só pôde ser observado no período Krushev.

Ao que parece, Jorge não levou a proposta de Pancetti à Ilya nem às autoridades soviéticas juntos às quais o pintor valorizava a influência do romancista. Ao mesmo tempo, o autor acreditava que não poderia lhe dizer a verdade sem lhe ferir a vaidade, já que duvidava que as autoridades do PC apreciassem a sua pintura. Isto provocou, então, a revolta do pintor contra o romancista, levando Pancetti a culpabilizá-lo como sabotador do seu projeto de

---

<sup>366</sup> Ibid, p. 224.

<sup>367</sup> Ibid, p. 224.

<sup>368</sup> Jornalista e escritor russo que era uma espécie de “porta-voz” do governo soviético, quanto à política externa, ao escrever matérias encomendadas pelo governo para o jornal *Pravda*.

<sup>369</sup> AMADO, 1992, p. 226.

<sup>370</sup> Ibid, p. 225.

exposição em Moscou. Por outro lado, o escritor também teria ficado ofendido, pois o pintor não teria o direito de duvidar de amizade tantas vezes comprovada. O resultado foi então o rompimento dos laços de amizade entre os dois.

Já a origem do desafeto envolvendo Lundqvist teria a ver com a participação de Amado como membro do júri e secretário do Prêmio Mundial da Paz em 1951, vinculado ao Conselho Mundial da Paz.<sup>371</sup> Na qualidade de secretário, cabia ao escritor coordenar as candidaturas à láurea, levar os dossiês aos demais membros do júri e também a líderes soviéticos que manejavam as “rédeas”<sup>372</sup> do Conselho. Entre os membros do júri estava o acadêmico sueco Arthur Lundqvist, representante dos partidários da paz escandinavos, que sugeriu a candidatura do compositor finlandês de música erudita, Jean Sibelius, que se encontrava no “index” da URSS.

Antes mesmo que a relação dos candidatos se tornasse oficial, Jorge Amado afirmou ter sido chamado por Alexandre Korneichuk, membro do Comitê Central do PC da URSS, para que vetasse a candidatura do compositor. Apesar dos argumentos de Jorge e de Pierre Cot, presidente do júri, o veto ocorreu provocando a ira de Lundqvist que abandonou o júri e o movimento da paz.

O escritor afirmou que, devido ao cargo, tinha certo poder de manobra e de decisão, respeitados os limites políticos. Porém, neste caso afirmou não ter sido “autor do crime”, e sim “mero cúmplice”. Se culpa a tinha, no entanto, não era só sua e sim também de Pierre Cot e Korneichuk. Mas o sueco teria depositado toda a culpa pelo veto no escritor.<sup>373</sup> Tornando-se, mais tarde, um dos cinco membros da Academia que escolhia a todo ano o Nobel de Literatura, acreditou-se que Lundqvist vetou permanentemente o nome do escritor brasileiro para a láurea devido a este episódio. Esta hipótese foi veiculada, segundo Jorge, no periódico italiano *La*

---

<sup>371</sup> O episódio foi narrado pelo escritor em *Navegação de Cabotagem*, no apontamento intitulado “Praga, 1951 – Sibelius”. Cf. *Ibid*, p.105-107.

<sup>372</sup> *Ibid*, p.106.

<sup>373</sup> *Ibid*, p.105 a 107.

*Republica* por ocasião da morte do escritor e jornalista italiano, Alberto Moravia, que também teria sido “vítima” do poeta sueco. Em todo o caso, o romancista não tirou a razão de Lundqvist ao se opor a sua candidatura ao Nobel. O autor aceitou a oposição de Lundqvist contra si tanto pelo episódio envolvendo a candidatura de Sibelius tanto pela possibilidade de o poeta considerar seus romances ruins, já que afirmou não escrever com o objetivo de ganhar prêmios.

O que observamos no relato de todos estes casos foi, primeiramente, que o autor tinha a possibilidade de exercer certa influência junto à alta cúpula do Partido, representada pelo seu papel como mediador. Mas seu poder era limitado quando seus argumentos esbarravam em certos interesses político-ideológicos da organização.

Em segundo lugar, seus relatos demonstraram como diversos organismos internacionais apartidários foram afetados ou mesmo vinculados à autoridade do PC soviético, ao menos em alguns contextos particulares. Este foi o caso do já tratado Congresso de Escritores Brasileiros, do Conselho Mundial pela Paz e do seu referido prêmio, e do Comitê de Ajuda às Nações Unidas, cujo objetivo era ajudar especificamente a União Soviética. Teria sido, então, a presença constante no referido comitê que facilitou a prisão de Jorge Amado e a de outros comunistas em 1945 na sede do organismo.<sup>374</sup> A participação nestes movimentos e organismos apartidários, comprometidos em maior ou menor grau com o PC, demonstrou o quanto o papel desempenhado pelo escritor como intelectual também acabava sendo afetado pela sua função como militante político, pela sua disciplina partidária.

Assim como em *Conversando com Jorge Amado*, o autor narrou em seu livro de memórias diversos casos em que a obediência partidária e sua visão utópica da URSS se mostraram duvidosas. Pudemos verificar isto quando ele falou das vezes em que manteve contato ou mesmo acolheu perseguidos políticos em plena era Stálin, como é o caso dos já citados Georg Lukács e Lise, esposa do escritor checoslovaco Arthur London. Em *Navegação*

---

<sup>374</sup> Cf. *Ibid*, p.155.

*de Cabotagem* relatou que além de Lise, ele e Zélia também acolheram o escritor comunista haitiano René Deprestre, e sua mulher, no Castelo de Dobris em Praga, no ano de 1950. Neste caso era a mulher do escritor que estava sob suspeita, por ser judia. Segundo Jorge, aquela suspeita se inseria em um contexto no qual o simples fato ser judeu era motivo para que o governo soviético considerasse um indivíduo suspeito de espionagem e traição.<sup>375</sup>

Nos episódios em que o escritor insinuou certa dúvida ou oposição em relação à doutrina e ao modelo soviético, ele demonstrou descrédito em formas de pensar sectárias. Esta visão estaria impregnada entre comunistas ao longo do stalinismo. Uma das formas que o sectarismo pareceu se apresentar negativamente nos relatos do autor foi na visão idealizada da URSS, tanto no sentido das conquistas político-sociais como de certa “moral puritana” que envolveria o socialismo real. Isto ficou perceptível em conversa datada de 1948, com indivíduo que trabalhava na Rádio de Moscou, caracterizado como membro exemplar do partido português, cujo sectarismo não teria limites. Nesta conversa, o radialista teria afirmado a ausência de ladrões e da prática do adultério na pátria do socialismo. A esta colocação extremada o autor prontamente teria se oposto.<sup>376</sup>

Outro caso pôde ser observado pela antipatia do escritor em relação ao romancista russo Mikhail Cholokhov, dentre outras coisas, por este apresentar um comportamento sectário, dogmático que o levou inclusive a acusar confrades no II Congresso dos escritores soviéticos, em 1954, como inimigos do socialismo.<sup>377</sup> Pôde ser verificado também no relato sobre o modo como “manipulou” a aprovação da liberdade religiosa. Algo que, a princípio, não interessaria ao que via de maneira negativa a atuação das religiões na sociedade.<sup>378</sup>

---

<sup>375</sup> Ibid, p.120.

<sup>376</sup> Ibid, p.466 a 468.

<sup>377</sup> Ibid, p.101 e 102.

<sup>378</sup> Ibid, p.70.

No que se refere à dúvida ou mesmo ao desencanto em relação ao stalinismo, Jorge Amado narrou episódio ocorrido em 1953 quando participava de um “Curso Stálin”, ocorrido na clandestinidade.<sup>379</sup>

Afirmando já estar tomado pela dúvida, assim como René Deprestes e a escritora sergipana, Alina Paim, disse que certas proposições dos professores os deixavam “arrepiados”. Destacou aula em que o conferencista fez referência a documento do PC de Mao Tse Tung recomendando que os filhos vencessem os sentimentos burgueses de família e denunciassem os pais, como um dever revolucionário. O escritor e seus companheiros teriam se negado a aprender e a aceitar tal *orientação*.<sup>380</sup>

Em *Navegação de Cabotagem*, o autor datou de 1951 a sua *descoberta* dos crimes do regime soviético em Budapeste,<sup>381</sup> momento a partir do qual iniciou a sua “travessia do deserto” e a sua crença nos preceitos ideológicos do stalinismo, parece ter sido testada.

Foi um momento em que as perseguições e condenações se alastravam no mundo socialista. Diversas das histórias contadas se passam em meio a processos conhecidos que foram citados por Jorge, como os casos Rajk<sup>382</sup>, Slansky<sup>383</sup> e Beria<sup>384</sup>. Ao menos no início dos anos

---

<sup>379</sup> O referido curso também foi abordado pelo historiador Jacob Gorenader em entrevista à revista Teoria e Debate em 1 de julho de 1990. De acordo com Gorenader, aquele curso se inseriu num esforço mundial do movimento comunista em transmitir um cânone doutrinário que vinha de Moscou e do Cominform. Gorenader, que chegou a dar aulas no curso, afirma que “tratava-se de inculcar uma fórmula do que eu hoje chamaria marxismo bastardo na cabeça de centenas de milhares de militantes do mundo inteiro, os quais, com isso, passavam a pensar de maneira padronizada”. GORENDER, Jacob apud FREIRE, Alipio; VENCESLAU, Paulo de Tarso. Jacob Gorenader. *Teoria e Debate*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, edição 11, 1 jul. 1990. Abramo. Disponível em <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/jacob-gorenader?page=0,3>>. Acesso em 29.04.2016.

<sup>380</sup> Cf. AMADO, 1992, p.407 a 409.

<sup>381</sup> Ibid, p. 29.

<sup>382</sup> Processo político que condenou à morte o dirigente comunista húngaro Lázlo Rajk. Entre 1946 e 1948, Rajk era Ministro do Interior do Governo comunista húngaro e, durante este período, e distinguiu-se sobretudo como um dos executores mais brutais no serviço do stalinismo, que mais tarde foi a vítima. Preso em 1949, ele foi condenado à morte por alta traição, junto com outros líderes comunistas, e enforcado. Segundo a acusação, Rajk conspirara com o Vaticano, com Tito e com os Estados Unidos para derrubar o governo comunista da Hungria.

<sup>383</sup> Processo político que condenou à morte um grupo de comunistas tchecos, dentre eles Rudolf Slansky, político comunista que foi um dos principais criadores e organizadores do regime comunista na Tchecoslováquia. O processo ocorreu dentro da onda de “expurgos” promovida por Stálin, em caráter exemplar, como forma de evitar mais deserções de “países satélites” da União Soviética após o líder da Iugoslávia, Josip Broz Tito, romper com o domínio soviético. Slansky foi executado em 1952.

<sup>384</sup> Processo político que condenou à morte o dirigente soviético Lavrentiy Beria após a morte de Stálin. Chefe da NKVD, a polícia política soviética, na Geórgia e homem de confiança de Stálin, Beria foi processado por “atividades criminosas contra o partido e o Estado”, condenado e executado em 1953.

1950, o escritor sabia, portanto das perseguições, punições e até mesmo de condenações à morte perpetradas ao longo do stalinismo. Algo do qual parecia ter o conhecimento pela sua atuação junto à alta cúpula do Partido, como por exemplo, ao lado de Ilya Eremburgh. Seu posicionamento, neste período, foi então narrado entre a fidelidade ideológica e a dúvida, o temor. Dúvida que se mostrava para ele, sobretudo, nos casos envolvendo amigos seus, perseguidos e condenados, dos quais tinha certeza de que não eram *traidores*, buscando, portanto, apoiá-los.

No que se refere a sua participação no Partido, o autor narrou uma ativa participação como dirigente, apesar de ter sido da base. Sua importância para o organismo pode ser observada de diversas maneiras como, por exemplo, na sua convocação para compor a comitiva que foi ao enterro de Stálin, da qual acabou não participando por razões circunstanciais.<sup>385</sup> Ou mesmo pela sua presença em eventos estritos aos altos líderes do Partido de todo o mundo, como no que esteve presente o ilustre líder chinês Kuo-Mo-Jo<sup>386</sup>.

Mas talvez sua posição dentro do PC foi melhor observada na participação em importantes articulações políticas. Este foi o caso das vezes em que atuou junto a outros intelectuais comunistas em favor de Pablo Neruda, perseguido político do regime chileno, nos anos de 1948 e 1949.<sup>387</sup> Mas especialmente na campanha pela anistia de Prestes e pela volta dos exilados em 1942, já que foi o escolhido para negociar com o general Cordeiro de Farias.<sup>388</sup>

O escritor narrou ainda outros eventos dos quais participou de articulações com fins políticos, após a saída do PC, como foi o caso das eleições de 1960, na qual apoiou Miguel

---

<sup>385</sup> Cf. AMADO, 1992, p.122.

<sup>386</sup> Kuo-Mo-Jo é assim descrito por Amado: “[...] sábio chinês de fama mundial, na Ásia seu nome é uma legenda, trata-se do único linguista que conhece cinquenta mil ideogramas [...]. Duas vezes ministro de Chang Kai-Check, representando os comunistas nas alianças com o líder nacionalista, membro do Bureau Político do Partido Comunista que quatro anos antes, em 1949, assumira o poder e proclamara a República Popular da China, da qual é vice-presidente, vice-presidente também do Conselho Mundial da Paz e do Júri do Prêmio Internacional Stálin [...]”. AMADO, 1992, p.60. O episódio envolvido Kuo-Mo-Jo é narrado entre as páginas 60 e 62 do mesmo livro.

<sup>387</sup> Cf. AMADO, 1992, p.159 e 208.

<sup>388</sup> Ibid, p.51 e 356.

Arraes, candidato de esquerda ao governo do estado de Pernambuco.<sup>389</sup> No mesmo ano, foi convocado juntamente com outros escritores para articular manifesto pela reeleição de Juscelino Kubitschek. Para tal, reivindicaram compromissos do presidente, com o qual não entraram em acordo pois JK se negou a adotar uma posição antisalazarista.<sup>390</sup> Afirmou ter participado também de movimento que buscou garantir a posse de João Goulart para a presidência da República após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, a Campanha da legalidade, liderada por Leonel Brizola, então, governador do Rio Grande do Sul. Deste modo, descreveu certa continuidade no seu engajamento político de esquerda, mesmo fora do Partido.

Quanto ao período específico da ditadura civil-militar no Brasil, o livro demonstrou uma farta atuação do escritor no campo cultural e político, sobretudo, no que se refere à interpenetração entre os dois âmbitos. O autor se valeu, inúmeras vezes das suas redes de sociabilidade para conquistar o almejado, seja para benefício próprio, como para o de outros.

Ao longo da ditadura, observamos certo distanciamento dele do campo político estrito-senso, optando por uma forma de engajamento no nível das políticas culturais e, sobretudo no nível das relações políticas que afetam direta ou indiretamente o âmbito cultural. Ela se caracterizou pela iniciativa particular de Jorge Amado que diversas vezes contou com seu rol de amigos para a realização de projetos dentro no campo artístico e cultural. Outras tantas vezes, se fez valer de seus contatos interpessoais para a execução de projetos de seus amigos ou para seus amigos, ou mesmo de projetos daqueles que não conhecia, mas que apostava no sucesso do empreendimento. Além disto, indicou pessoas e entidades a prêmios e títulos, organizou homenagens e participou de eventos no âmbito cultural.

Talvez o melhor exemplo do envolvimento do autor no rol das políticas públicas culturais no período tenha sido a sua participação no projeto de revitalização do Pelourinho no

---

<sup>389</sup> Ibid, p.41.

<sup>390</sup> Ibid, p.342.

início dos anos 1970.<sup>391</sup> Convidado por seu amigo e então governador da Bahia Antônio Carlos Magalhães, Jorge afirmou que acompanhou as obras e participou diretamente de projeto para a instalação de painéis de artistas baianos em diversos lugares da cidade de Salvador. A encomenda, vinda do governador tinha como objetivo marcar aquela administração governamental pelo signo da arte.

Juntamente com o pintor sergipano Jenner Augusto, o romancista aceitou a proposta pelo valor artístico do empreendimento, mas também pela verba que seria destinada aos artistas para a realização do projeto, um estímulo à cultura na Bahia. Ele destacou duas situações na qual interveio em favor dos artistas através de negociações políticas. A primeira se refere ao pintor baiano Carlos Bastos, artista proposto por Jorge para pintar painel que seria alocado no plenário da Assembleia Legislativa do Estado. De acordo com o romancista, o tema da obra, a procissão do Bom Jesus dos Navegantes, gerou conflito uma vez que Antônio Carlos Magalhães decidiu que nas embarcações que comporiam a obra deveriam constar as personalidades intelectuais de mais evidência na vida baiana entre as quais, ele próprio. Coube ao romancista organizar a relação daqueles que seriam selecionados para serem retratados. Dentre eles, Jorge propôs a figura de Zilteman Oliva, presença marcante na vida cultural baiana e adversário político de ACM.

A proposta foi mal recebida e o governador quis vetar o nome de Zilteman, mas o escritor conseguiu convencê-lo do contrário alegando que a não referência a tal figura importante poderia ser prejudicial à imagem do governador, a ser visto pelos seus críticos e pela opinião pública como mesquinho, autoritário etc. Em outra circunstância, colocou na relação dos artistas que realizariam os painéis o nome de Juarez Paraíso que havia acabado de sair da prisão, acusado de subversão. Na impossibilidade de ocultar a condição de militante do artista, Jorge pôs em evidência em seus argumentos o talento do pintor e conseguiu o aval de ACM.

---

<sup>391</sup> Ibid, p.453-460.

Juarez faria painel para a Secretaria da Agricultura, porém seu projeto foi engavetado em virtude de sua condição de militante e ex-presos político por burocratas do governo, sem o consentimento do governador. De acordo com o autor, foi a sua intervenção junto a Antônio Carlos que, agindo energicamente, garantiu a realização do projeto de Juarez.

A amizade com ACM também contribuiu para que Jorge conseguisse verbas públicas para o financiamento de edição de livro de aquarelas de Carybé<sup>392</sup> e para a festa em comemoração aos setenta anos do artista.<sup>393</sup> De modo semelhante, conseguiu junto ao político ajuda para organizar os festejos em torno do cinquentenário de Mãe Menininha<sup>394</sup> e para facilitar viagem e estadia do escritor peruano Mário Vargas Llosa na Caatinga durante pesquisa para produção de livro sobre Canudos.<sup>395</sup> Neste sentido, podemos dizer que Jorge participou ativamente das políticas do governo para o campo cultural imprimindo o seu posicionamento em favor da arte e cultura popular da Bahia.

No que se refere ao âmbito cultural institucionalizado, também foi atuante na Academia Brasileira de Letras. Diferentemente da autonomia da instituição neste contexto, apontada pelo escritor em *Conversando com Jorge Amado*, na autobiografia, Jorge indicou que a dinâmica da ABL foi sim afetada. Ele chegou a dizer que “no voto em eleição para a Academia Brasileira de Letras prevaleceu sempre a circunstância, independentemente da condição literária dos candidatos, inclusive dos laços de afeição”<sup>396</sup>. Foi com esta afirmação que iniciou relato sobre a candidatura de Juscelino Kubitschek à ABL.

O autor, que teria votado em Juscelino devido à conjuntura política, foi acusado por Ney Braga, Ministro da Educação do governo Geisel, de ter sido o inventor da candidatura do

---

<sup>392</sup>Carybé, nome artístico de Hector Julio Páride Bernabó, foi um pintor, gravador, desenhista, ilustrador, ceramista, escultor, muralista, pesquisador, historiador e jornalista argentino, naturalizado brasileiro, que exerceu grande influência na vida cultural baiana.

<sup>393</sup> Cf. AMADO, 1992, p.591-593.

<sup>394</sup> Ibid, p.394.

<sup>395</sup> Ibid, p.392 e 393.

<sup>396</sup> Ibid, p.282.

político, apesar de negar tal envolvimento. Juscelino era visto como uma figura perigosa pelos militares devido a sua popularidade e a sua identificação com o populismo, considerado pelos golpistas como uma ameaça à democracia. Jorge destacou, ou denunciou, que membros da Academia deixaram de votar em Kubitschek por pressão dos militares para quem a derrota do ex-presidente civil e democrata era ponto de honra. Aproveitou neste íterim para afirmar que eleição mais vergonhosa que esta na ABL só a que derrotou o jornalista e político carioca Santiago Dantas, aliado de João Goulart, logo após o Golpe de 1964. O romancista atribuiu tal impostura ao “medo e às gorjetas”<sup>397</sup>, sugerindo, possivelmente, o temor de imortais frente ao autoritarismo do regime e também a prática de corrupção envolvendo membros da Casa de Machado de Assis.

Para o escritor as instituições políticas e práticas culturais não estavam, portanto, à margem dos embates políticos e o posicionamento dos indivíduos no campo cultural também implicava uma determinada postura política, ainda que isto não ocorresse de modo direto. Neste sentido, não era por que tinha relações de amizade com Antônio Carlos Magalhães, por exemplo, considerado pelas esquerdas como político conservador, de direita, que isto significasse apoio ao regime. Ele conseguia dentro nas margens de negociação, intervir em favor de valores e projetos que conformavam a sua visão de intelectual de esquerda, superando preconceitos, como foi o caso da contratação de ex-preso político pelo governo da Bahia e da representação de adversário político de ACM em painel oficial.

De modo semelhante, a forma como descreveu a sua atuação na Academia Brasileira de Letras demonstrou certa postura de contestação em relação a influências do regime militar na instituição. Esta situação o levou a fazer, em certas ocasiões, escolhas políticas, e não intelectuais, em eleições de novos membros da ABL. A Academia era vista como uma trincheira

---

<sup>397</sup> Ibid, p.282.

de batalha não só entre projetos intelectuais, mas também políticos, onde o romancista fez questão de se posicionar e lutar em favor daquilo que representava a democracia.

Em termos mais amplos, que chegam aos limites de uma atuação política estritamente no campo cultural, destacamos a participação do autor em ação contrária a projeto de lei que instituiria a censura prévia para a publicação de livros em meio ao governo Médici. O autor elaborou, juntamente com o escritor Érico Veríssimo, uma declaração dizendo que jamais enviariam originais à censura prévia, mesmo que aquilo significasse renúncia à publicação de seus livros no Brasil. A eles, se juntaram assinaturas de outros intelectuais de todo o Brasil e a consequência disto teria sido o engavetamento do projeto de lei.<sup>398</sup>

Se o empreendimento foi abandonado pelo Ministro da Justiça do governo Médici, Alfredo Buzaid, pelo manifesto encabeçado por Jorge, não podemos afirmar, porém destacamos a consciência que o autor revelou de seu *poder de escritor*, expressão usada pelo próprio. Ele afirmou ter ligado para Érico Veríssimo para propor a declaração porque ele e Érico eram os dois escritores mais lido do país e estava na hora de exercerem seu poder. O grande público e o respeito de seus leitores era o que determinaria este poder. Tê-lo, significava, por consequência, o dever de assumir responsabilidades.

Somado à questão da fama e do respeito, no entanto, não se pode ignorar a rede de sociabilidade de Jorge Amado que era um importante componente da sua influência na sociedade e que foi usada na sua atuação política dentro do âmbito cultural, como se buscou evidenciar. Mas estas relações também garantiram, por vezes, a conquista de privilégios no campo político estrito senso. O autor citou, por exemplo, a amizade com Wilson Lins, figura do regime, que se pôs à disposição do escritor logo após o golpe de 1964, caso este precisasse de sua intervenção.<sup>399</sup>

---

<sup>398</sup> Ibid, p.196 e 197.

<sup>399</sup> Ibid, p.23

Quanto a isto, ressaltamos que o romancista não parecia se sentir completamente protegido dos arbítrios do Estado. O autor sabia que, apesar de sua literatura não incomodar o regime, já que esta não incluía o “ar de revolta” e sim de pacificidade, ele próprio possuía um discurso político-ideológico muito afinado com a esquerda comunista, o que era explícito nos meios midiáticos. Por este motivo, desde o momento do golpe, parecia esperar que algo pudesse acontecer contra ele e Zélia, especialmente, por ter sido uma figura cuja imagem sempre esteve identificada ao PCB. Neste sentido o relato autobiográfico sobre o momento em que os militares tomaram o poder é bastante simbólico:

Desperto com a notícia, nem por esperada menos infeliz: os gorilas tomaram das armas, depuseram o governo João Goulart [...] Os telefonemas se sucedem, sabemos de prisões, casas invadidas, estamos preparados, Zélia e eu, para o que der e vier, quem veio foi Wilson Lins, ideólogo dos milicos. Ao ouvir o anúncio do nome do visitante, Zélia se arma em guerra, comento para arrefecer-lhe o ânimo: Wilson vem nos ver porque é nosso amigo. Poderia acrescentar: o amigo que jamais me faltou, nos momentos mais difíceis sempre solidário. Conversamos literatura e outras baboseiras, como se os acontecimentos não tivessem acontecido. Ao despedir-se, Wilson recomenda: qualquer coisa me telefonem em seguida, seu eu não estiver Anita saberá onde me encontrar. Wilson Lins: nunca falhou.<sup>400</sup>

Nesta fala, Jorge deixou muito claro a sua apreensão diante da situação instaurada pelo golpe, sentimento evidente ao dizer que ele e sua mulher estavam preparados “para o que desse e viesse”. Ao mesmo tempo, deixou a entender que sua amizade com figuras do governo, como é o caso do escritor e político citado, Wilson Lins, de fato o favoreceu ao longo do regime. De acordo com o próprio autor, foi Wilson Lins quem conseguiu soltar o filho do escritor, João Jorge, preso durante vigília universitária contra o governo, juntamente, com centenas de outros estudantes.<sup>401</sup> Podemos compreender este tipo de favorecimento não só por suas obras não terem sido censuradas durante a ditadura, mas também por ter conseguido expor a sua visão de

---

<sup>400</sup> Ibid, p.23.

<sup>401</sup> Ibid, p.115.

crítica ao regime na imprensa em um momento em que isto parecia ser altamente perigoso, ainda que afirmasse: “muita coisa que falo não é publicada”<sup>402</sup>.

O romancista também conquistou, através de pedido junto ao amigo e adido cultural na embaixada do Brasil na França, Guilherme Figueiredo, o visto de entrada e permanência irrestrita no país não só para ele e sua família, mas também para, pelo menos, vinte outros que haviam sido proibidos de entrar na França por questões políticas.<sup>403</sup> De modo semelhante, Jorge afirmou em suas memórias ter contribuído para o retorno de Glauber Rocha ao Brasil, após exílio de 5 anos. Ele teria contatado seu amigo Luiz Viana Filho, escritor ligado ao governo, que por sua vez conseguiu de Golbery e Geisel a permissão para a volta do cineasta.<sup>404</sup>

Concluimos que as narrativas de Jorge Amado sobre seu papel como escritor engajado apontam formas diversas de atuação no âmbito político e intelectual. O seu engajamento não se limitou a uma atuação política em um período em que exerceu intensa militância e cargo político, tal como alguns discursos memorialísticos sugerem.

A leitura de sua trajetória, já ao final da vida, tendeu, no entanto, a valorizar certos aspectos de unidade em seu percurso de modo a formar certa “ilusão biográfica”<sup>405</sup>. Destacou o seu engajamento como literato, como escritor e militante do dia a dia e em defesa de demandas dos mais pobres e miseráveis. De acordo com esta lógica, a sua forma de participação não mudou nos dois períodos ditatoriais em que vivenciou: o Estado Novo e o regime militar.

Observamos, no entanto, que, sob a ditadura varguista, ele chegou a ir para um exílio voluntário e agir na clandestinidade, o que não ocorreu durante o regime iniciado em 1964. Neste, o autor desenvolveu sua participação contra o Estado nos dos limites da ordem recém instituída. Isto, não significou, todavia, que seu discurso e ação não se aproximaram em certos pontos, daqueles identificados com o governo, tanto no plano político como no âmbito cultural.

---

<sup>402</sup> JORGE Amado defende luta dos estudantes e anistia geral. *O Estado do Pará*. Belém, p. 02, 07 jun. 1977.

<sup>403</sup> Cf. AMADO, 1992, p.226 e 231.

<sup>404</sup> Ibid, p.329.

<sup>405</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA; FIGUEIREDO, 1998.

Nos capítulos seguintes, investigaremos as formas de engajamento político-culturais desenvolvidas pelo escritor desde seu afastamento do PC e, especialmente durante a ditadura militar, entendendo os embates próprios do contexto.

### **3 DISCURSO E AÇÃO NO CAMPO POLÍTICO**

Tendo vivido entre os anos 1912 e 2001, Jorge Amado conheceu regimes autoritários dentro e fora do Brasil, como vimos. O papel assumido por ele como intelectual engajado, preocupado em refletir sobre a sociedade de seu tempo e de participar dos seus embates, fez com que não fosse um mero expectador, especialmente nas conjunturas em que se estabeleceram e se perpetuaram diversas ditaduras. Ele desenvolveu, portanto, significativa atuação dentro e fora do seu ofício de romancista, tanto no campo político como no campo intelectual. Internamente, Jorge vivenciou o Estado Novo (1937-45) e a Ditadura Militar (1964-85). No que se refere ao âmbito externo, se envolveu diretamente com a ditadura soviética, assim como se posicionou a respeito dos regimes autoritários de Cuba e de Portugal salazarista.

O modo como o romancista pensou estes regimes e se relacionou com eles, no entanto, se modificou consideravelmente ao longo de sua trajetória e das experiências vividas. Uma transformação que pode levar a crer, que o autor foi de uma posição de resistência para outra de colaboração. A situação, no entanto, se revela muito mais complexa quando analisamos o seu caso à luz dos estudos sobre sociedades e regimes autoritários no Brasil e no mundo.

Inspirados na recente historiografia que vem analisando os comportamentos políticos sob regimes de exceção, avaliamos a atuação de Amado especialmente sob o período da ditadura militar brasileira, momento em que o posicionamento do autor se tornou mais difícil

de ser compreendido e sobre o qual existem poucos estudos, se comparado com sua trajetória ao longo do Estado Novo<sup>406</sup>.

Partimos do princípio de que a investigação sobre a participação do intelectual neste período pode ajudar a lançar luz sobre culturas políticas e formas de comportamento que começaram a ser recentemente estudadas por estudiosos como Carlos Fico, Daniel Aarão, Denise Rollemberg, Rodrigo Patto, Janaína Martins Cordeiro, Diogo Cunha e Aline Presot<sup>407</sup>. Com seus trabalhos sobre comportamento social, movimentos e instituições civis sob a ditadura, esses historiadores vêm mostrando que o regime estabelecido em 1964 não se concretizou e teve sua longevidade conquistada exclusivamente por um grupo de militares. Além de indicarem setores da sociedade civil que apoiaram o golpe, mostram como diferentes grupos e indivíduos, desenvolveram algum nível de negociação com o regime.

Apesar de esses estudos revelarem um tipo de comportamento desenvolvido por parcelas da sociedade, durante certos períodos das duas décadas da ditadura, elas destoam do binômio resistência x colaboração sacralizado pela memória do período.

Para compreendermos o comportamento desenvolvido por Jorge Amado ao longo do regime militar remontamos a alguns anos antes do Golpe de 1964, quando mudanças

---

<sup>406</sup> Neste esforço de pensar o papel desenvolvido por Amado ao longo da ditadura militar, destaca-se o artigo: CALIXTO, Carolina Fernandes. Jorge Amado e a esquerda: Entre a memória e a história (1964-1985). In: DOSSIÊ: Verdade e memória na história da esquerda. *Perseu: história, memória e política*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, n. 8, 2012. (Centro Sérgio Buarque de Holanda.)

<sup>407</sup> São alguns dos importantes trabalhos desses autores sobre o tema: FICO, Carlos. 'Prezada Censura': Cartas ao regime militar. *Topoi-Revista de História*. Rio de Janeiro: Programa de pós graduação em História Social da UFRJ. Vol. 3, n.5, p. 251-86, 2002; REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS; RIDENTI; MOTTA, 2004; ROLLEMBERG, Denise. Ditadura, intelectuais e sociedade: O Bem-amado de Dias Gomes. In: AZEVEDO, 2009; ROLLEMBERG, Denise. História, Memória e Verdade: em busca do universo dos homens. In: SANTOS; TELES; TELES, 2009; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Universidades, ditadura e cultura política. *Interseções*. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. v.16, n.1, p.69-89, jun. 2014; CORDEIRO, Janaína Martins. *Lembrar o passado, festejar o presente*: as comemorações do Sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972). Niterói, 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. e CUNHA, Diogo. *Intelectuais, cultura e política*: Os imortais e a ditadura civil-militar no Brasil. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH). *Anais...* São Paulo, jul. 2011; PRESOT, Aline. Celebrando a 'revolução': as Marchas da Família com Deus pela Liberdade e o Golpe de 1964. In: QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. *A construção social dos regimes autoritários*: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

significativas na trajetória do autor ocorreram. Concordamos com alguns intérpretes da vida e obra do autor quando afirmam que a segunda metade dos anos 1950 foi marcante em sua trajetória pelas consequências resultantes de certa decepção sofrida pelo escritor, em relação ao stalinismo. Por este motivo, retrocedendo cronologicamente a análise, objetivamos uma melhor compreensão do posicionamento político-intelectual adotado pelo autor a partir daquele momento e especialmente sob a ditadura.

Esta reflexão nos levou a pensar nas motivações sobre o tipo de comportamento político desempenhado por ele ao longo de sua trajetória, considerando-o de acordo com os dilemas e embates próprios do período, buscando perceber que o personagem vivencia a história como um eterno devir e não com os olhos de quem conhece o final do processo.

### **3.1 A crise no campo comunista: o rearranjo de posições e identidades**

Avaliamos, em capítulo anterior, como o afastamento de Jorge em relação ao PCB foi interpretado por ele e por outros em relatos biográficos tardios. Vejamos aqui como estes relatos dialogam com outras fontes, especialmente com aquelas produzidas à época dos eventos observados, no que se refere ao papel desenvolvido pelos sujeitos históricos diante dos dilemas próprios da conjuntura.

Como vimos em diversos depoimentos autobiográficos, o autor afirmou ter tomado conhecimento dos chamados crimes do regime stalinista antes mesmo do XX Congresso do PCUS, realizado em fevereiro de 1956. Mesmo não havendo clareza sobre a data em que esta conscientização ocorreu (1951, de acordo com *Navegação de Cabotagem*,<sup>408</sup> e 1954, segundo a entrevista para o livro *Jorge Amado*<sup>409</sup>), o escritor permaneceu no Partido, seguindo às suas

---

<sup>408</sup> AMADO, 1992, p.29.

<sup>409</sup> GOMES, 1981, p.28.

orientações, sendo um militante disciplinado, ainda que já estivesse envolvido pela dúvida. De acordo com o livro *Jorge Amado: 80 anos de vida e obra*, ele só saiu do Partido, de fato em 1956, junto com tantos outros, como Osvaldo Peralva e Ailton Quintiliano, por exemplo, mas o mês exato não foi explicitado.<sup>410</sup>

O ano de sua saída foi, portanto, o mesmo da realização do XX Congresso. Aquele também foi o ano em que a URSS invadiu a Hungria, quando muitos intelectuais comunistas romperam com o comunismo da Internacional Comunista. Assim, apesar de constantemente ter negado, acreditamos que estes acontecimentos foram decisivos para o seu desligamento com a organização, especialmente a publicação do relatório secreto por Krushev. Em depoimento produzido em homenagem aos 25 anos da morte de Carlos Marighella, Jorge Amado se colocou no centro da crise que abalou o PCB naquele momento, tal como verificamos no seguinte trecho:

Eu e Zélia atravessamos um duro caminho. Mas para os companheiros nossos, aquilo caiu repentinamente sobre suas cabeças. Eu assisti às suas reações porque **eu trouxe um relatório**, naquela época, do PCUS para o PCB. E, enquanto eu falava, contando as coisas que me tinham sido ditas para serem ditas, uns reagiam de uma forma violenta, uns camaradas até me agrediam, achando que eu era um mentiroso, um traidor, que eu era isso ou aquilo. E outros estavam tensos. E então eu vejo Marighella, que estava sentado ao meu lado – ele era suplente, diretor político do Partido, da Comissão executiva -, com as lágrimas correndo sobre seus olhos. Eu vi essas mesmas lágrimas quase um ano depois, no momento da reunião – já após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética -, em que o PCB discutiu o famoso relatório Krushev. A delegação brasileira havia chegado do Congresso e o *Estado de São Paulo* havia publicado o relatório. E se discutiu isso no Comitê Central. Todos nós fomos à tribuna. Eu não era membro do Comitê Central, estava como convidado. E Marighella começou a falar e, de repente, os soluços se irromperam e ele não pôde sequer concluir seu discurso.<sup>411</sup>[grifo nosso]

Nikita Krushev, então secretário geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), aproveitou o congresso para apresentar, ao seu final e somente aos delegados soviéticos e a uns poucos representantes dos partidos dirigentes das “democracias populares”,

<sup>410</sup> RUBIM; CARNEIRO, 1992.

<sup>411</sup> AMADO, Jorge. O homem que ria e que chorava. In: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge. *Carlos Marighella: o homem por trás do mito*. São Paulo: Editora UNESP, p.389, 1999.

um relatório sobre a Era Stálin. Os líderes partidários, no Brasil, esperariam o retorno da sua delegação, enviada ao XX Congresso, para um pronunciamento sobre os acontecimentos. No Brasil, o Partido Comunista do Brasil (PCB), tradicionalmente ligado ao PCUS, acompanharia o Congresso através de informes oficiais da URSS.<sup>412</sup>

Talvez tenham sido esses informes que Jorge Amado levou para o PCB, sob a forma de relatório, trazendo as primeiras notícias aos dirigentes brasileiros. Ele pode ter feito parte da delegação brasileira, ou simplesmente ter servido de mensageiro, tendo em vista que suas viagens à Europa eram constantes, mas não pudemos confirmar estas hipóteses.

Como o relatório era secreto, poucos sabiam de sua existência e mesmo da veracidade dos fatos denunciados no documento. Por este motivo a Executiva e a maior parte do Comitê Central do PCB se recusou a tocar no assunto antes da chegada de Diógenes Arruda, enviado oficial do Partido a Moscou e líder da delegação brasileira presente no congresso. No entanto, Arruda demorou para voltar ao Brasil e o relatório foi publicado no *Estado de São Paulo* instaurando a confusão no Partido.

Parte dos militantes e alguns dirigentes exigiram que, conjunta e democraticamente, se pudesse discutir os pontos-chave do Relatório e decidir os rumos que o Partido tomaria dali em diante. Foram, por isso, considerados *abridistas*, ou *renovadores*, em contraposição aos *fechadistas*, ou *conservadores*, que não queriam a abertura da discussão. Enquanto a primeira tendência era seguida por dirigentes como Osvaldo Peralva e Agildo Barata, os *fechadistas* se encontravam representados pela Executiva e a maior parte do Comitê Central.<sup>413</sup>

---

<sup>412</sup> Cf. FALCÃO, Frederico José. *O 'relatório secreto' de kruschev e o partido comunista do brasil (pcb): desestalinização e crise*. In: XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH) – USOS DO PASSADO. Rio de Janeiro, 2006.

<sup>413</sup> Cf. NOVA; NÓVOA, 1999, p. 79 e QUINTILIANO, 1960, p.277.

O debate envolvendo as duas correntes se desenvolveu naquele momento, particularmente, através dos jornais *Voz operária* e *Imprensa Popular*.<sup>414</sup> A *Voz operária* tinha o papel de porta-voz do Partido desde 1949, quando foi fundada, abordando suas principais teses para discussão da militância, notícias sobre o movimento comunista e as mobilizações operárias. Naquela conjuntura, porém, o Comitê Central do Partido acusou os jornalistas de adotarem a linha “reformista”. Desconhecendo a autoridade do Comitê Central, os jornalistas abriram as páginas de *Voz Operária* e *Imprensa Popular* para debater as graves denúncias contidas no relatório. Eles tentaram abrir o debate sem o consenso do Comitê Central, em outubro de 1956, por meio da publicação do artigo “Não se poderia adiar uma discussão que já se iniciou em todas as cabeças”<sup>415</sup>, de João Batista de Lima e Silva, redator do jornal *Voz Operária*.

Impaciente com a demora do Partido em se posicionar perante os fatos denunciados no relatório secreto, Jorge Amado entrou no debate dirigindo uma carta a João Batista, em resposta ao seu artigo publicado na *Voz Operária*, tal como citado na análise das narrativas autobiográficas. Apesar de sua extensão, vale a pena reproduzi-la na íntegra, não só pela contribuição que trouxe a esta análise. Trata-se também de um resgate de um documento de valor histórico que esteve esquecido, bem como apontou o jornalista Sebastião Nery em depoimento anteriormente analisado.<sup>416</sup> A epístola, escrita em 6.10.1956 e publicada na *Imprensa Popular* em 11.10.1956, diz o seguinte:

---

<sup>414</sup> Sobre os debates acerca das denúncias contidas no relatório Krushev e o debate na imprensa comunista, tomamos como referência os acervos digitais dos jornais *Voz Operária* e *Imprensa Popular* localizados na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, o livro QUINTILIANO, 1960 e também os seguintes trabalhos: FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói: Eduff-Editora Mauad, 2002 e SANTOS, Raimundo. *A primeira renovação pecebista: Reflexos do XX Congresso do PCUS no PCB (1956-1957)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988 e OLIVEIRA, Lorrnan Santos de. *Debates e cisões no jornal Voz Operária: o PCB e o relatório Krushev*. Brasília, dez. 2013. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília, dez. 2013.

<sup>415</sup> LIMA E SILVA. João Batista. Não se poderia adiar uma discussão que já se iniciou em todas as cabeças. *Voz Operária*. Rio de Janeiro: n.386, p.3, 06 out. 1956.

<sup>416</sup> Cf. NERY, 2001.

Meu querido Batista: Venho de ler teu artigo na “Voz (Não se pode adiar uma discussão que já se iniciou em todas as cabeças) e apresso-me em trazer-te meu abraço e minhas felicitações. Artigo pioneiro, artigo necessário, abrindo um debate que está “em todas as cabeças” e que, como ainda não saiu das cabeças, sufoca todos os peitos, impede toda a ação, todo o trabalho, pois ninguém pode ter entusiasmo (falo, é claro, de gente honesta e sã e não de oportunistas e carreiristas) quando se sente cercado de sangue e lama e quando as consciências exigem que uma profunda, clara, completa e absolutamente livre análise dos erros seja feita, e de público, da qual todos participemos, desde o mais alto dirigente até a grande massa, que é a nossa própria razão de existir. Aproxima-nos, meu caro, dos nove meses de distância do XX Congresso do PCUS, o tempo de uma gestação. Demasiado larga essa gravidez de silêncio e todos perguntam o que ela pode encobrir, se por acaso a montanha não vai parir um rato.

Creio que devemos discutir, profunda e livremente, tudo o que comove e agita o movimento democrático e comunista internacional, mas que devemos, sobretudo, discutir os tremendos reflexos do culto à personalidade entre nós, nossos erros enormes, os absurdos de todos os tamanhos, a desumanização que, como a mais daninha e venenosa das ervas, floresceu no estrume do culto aqui levado às formas mais baixas e grosseiras, e está asfixiando nosso pensamento e ação. Nisso todos temos responsabilidades, uns mais, outros menos, e é com a consciência dessa responsabilidade, humildemente, que devemos vir, como homens honrados que somos, perante o povo brasileiro, com ele discutir e dele – finalmente! – algo aprender.

Sou dos que tem confiança, meu caro Batista. Sinto a lama e o sangue em torno de mim, mas por cima deles enxergo a luz do novo humanismo que desejamos acesa e que foi quase submergida pela onda dos crimes e erros. Confio em que não exista homem honrado entre nós que deseje ou tente impedir essa discussão indispensável e que tanto tarda; nem que deseje, sob qualquer pretexto, limitá-la ou bitolá-la, dirigi-la a seu bel prazer. Isso pertence a outro tempo, ao do mandonismo, do espírito de seita, da humilhação do ser humano, da negação do homem. Porque se assim sucedesse, as consequências seriam terríveis para todos nós e para aquilo que é a nossa própria razão de ser. Creio que muito se errou, mas ainda creio na forma honrada como se errou. Eis porque espero que essa discussão continue aberta, sem limitações de qualquer espécie. Porque qualquer razão que fosse apresentada visando a impedi-la ou limitá-la significaria apenas o desejo de esconder a verdade e de entrar o irresistível avanço da democracia em nossa pátria, a marcha do nosso povo para o futuro.<sup>417</sup>

Com esta carta, tornou-se público o posicionamento do escritor diante da crise que se abateu sobre o movimento comunista. Ele explicitou, em seu discurso, a defesa de um amplo debate sobre os fatos levantados no relatório secreto. Foi, assim, ao encontro dos *abridistas* ou *renovadores*, acreditando que a discussão não deveria ser restringida nem guiada pela direção do Partido.

Apesar disto, ao expressar impaciência em relação à tomada de posição do Comitê Central, demonstrou ainda a sua ligação com o Partido. Isto é, parecia ainda ter esperança na

---

<sup>417</sup> UMA DISCUSSÃO que está em todas as cabeças: Carta de Jorge Amado a J.B. de Lima e Silva. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, p.3, 11 out. 1956. (edição 1936).

renovação, na superação daquela crise. Parecia ainda acreditar na importância do Partido como organização fundamental do movimento comunista, por isto ansiar pelo seu posicionamento. Se não tivesse mais um vínculo com o PCB, talvez não se preocupasse com a postura que seria adotada pela instituição. O autor não estaria tão preocupado com este pronunciamento. O posicionamento do Partido não seria considerado uma prerrogativa para o início do debate. Além disto, talvez o escritor não apelasse para que o debate fosse amplo e que pudesse renovar, recuperar, o Partido. Afinal, Jorge foi um dos que aguardou, em torno de nove meses, o “silêncio” da direção. Ele não esperava que a postura adotada pelos dirigentes fosse outra que não aquela que ele próprio defendia.

A carta do escritor, assim como a do próprio João Batista, tinha o claro objetivo de pressionar a abertura da discussão, indicando as condições pelas quais esta deveria ocorrer, isto é, livremente. O escritor destacou o culto à personalidade como ponto chave para se compreender os erros cometidos. Comparando este relato a outros, podemos identificar a frequência do discurso que culpabiliza Stálin.<sup>418</sup> Assim como muitos outros, Jorge, tendeu a chamar de “crimes de Stálin” os crimes cometidos em nome do socialismo, dos quais muitos tinham o conhecimento em maior ou menor grau. Como já foi dito em capítulo anterior, o escritor vivenciou muitos dos processos que levaram à condenação e à morte de indivíduos que ousaram se opor aos ditames do PC.

Talvez ele identificasse que o principal erro cometido foi a sobreposição das vontades das lideranças a princípios morais e éticos. Uma postura marcada pelo “espírito de seita” que

---

<sup>418</sup> Um relato em que este discurso aparece de maneira explícita é aquele concedido por ocasião das comemorações em torno dos 25 anos de morte de Carlos Marighela, bem como se verifica no seguinte trecho: “Eu me recordo de quando caiu sobre nós a verdade sobre Stalin- que era nosso “pai”, “o pai dos povos”, aquele que tinha nos salvo do milênio hitlerista que rira dominar o mundo. Nós olhávamos para Stalin como os crentes, os cristãos olham para a figura de Deus. Só que, para nós, tratava-se de um Deus muito mais concreto [...]. E, de repente, não era bem assim. Vieram os dirigentes do Partido Comunista da União Soviética e disseram que esse homem tinha cometido tais crimes, tinha feito tais monstruosidades, tinha feito correr o sangue de seus concidadãos; que, pela luta do poder, ele tinha sacrificado ideias, ideais, a generosidade com que se tinha vivido a luta. Cada um de nós reagiu de uma forma diferente. Meu caminho, minha *via crucis*, foi longo. Começou muito antes da dos outros; quando comecei a saber das coisas na Europa, onde eu vivi cinco anos”. AMADO, 1999.

dominou o movimento comunista sob inspiração e controle soviético. A partir do momento em que os seguidores ratificavam o poder dos líderes, ratificavam também os seus atos. Deste modo, tão culpados quanto os líderes eram aqueles que os seguiam, que seguiam as suas orientações, concordando ou não com discursos e ações antiéticas, imorais e mesmo criminosas. Se Stálin era então visto como vilão principal, o escritor não descartou, a culpa de todos aqueles que participaram do movimento comunista sob influência de Moscou. Afirmou: “todos temos responsabilidade, uns mais, outros menos”<sup>419</sup>.

A epístola realizou uma forte crítica aos rumos que o movimento tomou. O autor utilizou figuras de linguagem de grande impacto quando disse, por exemplo, que se sentia cercado de “sangue e lama”<sup>420</sup> ou quando questionou se “a montanha não vai parir um rato”<sup>421</sup>. Mas, assim como muitos que realizaram a autocrítica, o escritor tendeu a amenizar os erros cometidos pelos objetivos pelos quais o movimento buscava alcançar: “creio que muito se errou, mas ainda creio na forma honrada como se errou”<sup>422</sup>. Um discurso que seria adotado pelo Partido.

O texto marcou também a expectativa do escritor com os caminhos que deveriam ser seguidos pelo movimento comunista. Demonstrou ter perdido a fé em lideranças, colocando os interesses do povo em primeiro lugar. Isto é, o ensinamento deveria partir do povo e não de uma vanguarda, o que ajustaria o caminho em direção à democracia e traria também uma maior humanização para o movimento. Um posicionamento que se tornaria frequente em seus relatos autobiográficos, e que influenciaria a concepção que o autor fazia do seu papel como intelectual e até mesmo como pensava a sua literatura. Foi o que sugeriu no seguinte trecho de entrevista à biografia *Jorge Amado*: “Antes eu buscava o herói, o líder, o dirigente político. Cada vez mais

---

<sup>419</sup> UMA DISCUSSÃO, 1956.

<sup>420</sup> Ibid.

<sup>421</sup> Ibid.

<sup>422</sup> Ibid.

eu acredito menos nessa gente, cada vez eu estou mais perto do povo miserável, explorado e oprimido. Cada vez eu procuro mais o anti-herói...os vagabundos, as prostitutas, os bêbados”.<sup>423</sup>

Os acontecimentos que se sucederam à publicação da carta de Jorge revelaram, no entanto, que o Partido não estava disposto a seguir naquele momento as expectativas do escritor. Apesar de *A Voz Operária* parecer querer iniciar a discussão, com a carta de João Batista, que seguiu a do escritor e a de muitos outros, o jornal publicou uma pequena nota na edição seguinte, dois dias após a carta do escritor. Nela afirmou que “por motivos subservientes, suspendemos o debate, iniciado em nosso último número, sobre os problemas suscitados em nosso país pelo XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética”.<sup>424</sup> Acontecimento que, possivelmente, foi uma consequência, uma punição a João Batista, bem como aludido por Aylton Quintiliano.<sup>425</sup>

A tentativa de controle do debate por parte do Partido, naquele momento, não coibiu, no entanto, o aparecimento de diversos artigos que deram prosseguimento ao polêmico debate, especialmente na *Imprensa Popular*.<sup>426</sup> Muitos deles, partiram das declarações de João Batista, Jorge Amado, e outros que defenderam o debate livre, para estabelecer a crítica a este tipo de posicionamento.

---

<sup>423</sup> AMADO, Jorge apud GOMES, 1981, p.29.

<sup>424</sup> UM DEBATE que reflita as necessidades atuais. *Voz Operária*. Rio de Janeiro: n.387, p.3, 13 out. 1956.

<sup>425</sup> O autor afirma que “João Batista entendera, também, de entrar nos debates. Foi punido.” Mas não esclarece qual a natureza desta punição. Cf. QUINTILIANO, 1960, p. 278.

<sup>426</sup> No artigo intitulado “Debate na ‘Voz Operária’ e ‘Imprensa Popular’”, veiculado na *Voz Operária*, foi realizada uma resenha comentada dos artigos que se seguiram ao de João Batista. Destaca que os jornais *Imprensa popular* e *Notícias de Hoje*, “por motivos óbvios, podem dar maior vazão ao que lhes enviam os seus leitores ou correspondentes”. Cf. DEBATE na ‘Voz Operária’ e ‘Imprensa Popular’. *Voz Operária*. Rio de Janeiro, p.5, 3 nov. 1956. São alguns dos artigos citados: JURANDIR, Dalcídio. Carta a João Batista de Lima e Silva. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 9 out. 1956; AKECELROD, Isaac. Pela discussão, contra o ‘prato feito’. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 10 out. 1956; AMADO, Jorge, Carta a J.B. de Lima e Silva. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro: 11 out. 1956; LIMA, Pedro Motta. Para começo de conversa num debate apaixonante. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 11 out. 1956; ARAÚJO, Carlos. Debater sim, mas dentro dos princípios. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 12 out. 1956; CASTRO, Moacir Werneck de. Sem distinguir o dogmatismo não conseguiremos avançar. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 12 out. 1956; MORAIS, Santos. Não pode e não deve ser atingida a unidade de nosso movimento. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 13 out. 1956; BULHÕES, Antônio. Discussão ampla, completa e livre. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 14 out. 1956; SOARES, Elias. Um debate que não estava em nenhuma cabeça. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 14 out. 1956.

Para N.A. Santos, “quem afirmou, até o momento, que há lodo e estamos num pântano, só o fez por paixão e não como comunista ‘de cabeça fria’”<sup>427</sup>. Anita Moreira foi ainda mais crítica, especialmente a Dalcídio Jurandir e Jorge Amado. Ela afirmou que, apesar da declaração de João Batista ter sido salutar, em princípio, resultou em “pronunciamentos caracteristicamente individuais, como os de Dalcídio Jurandir e Jorge Amado, que não contribuíram (pelo contrário) para ajudar no processo de modificação desses métodos internos e na aplicação prática da tática que devemos adotar.”<sup>428</sup> Tratando especificamente da carta de Jorge, disse:

Referiu-se Jorge Amado a um << mar de lama >>. A terminologia não faz honra a escritor de pouca linguística, é verdade, mas de grandes e belos recursos poéticos. A generalização envolve pessoas que deram vida, sonhos, conforto, inteligência, tudo sacrificando pela classe operária e pelo povo, enquanto o companheiro se locupletava em dezenas de viagens, tanto que é o único escritor brasileiro que vive do produto de suas obras, vendidas no campo do socialismo.

Por que o companheiro tão limpo e tão independente, usando linguagem impropriamente acusatória, contra o todo do Partido, escreveu o Mundo da Paz? Quem o obrigou a isso? Stálin? O CC do PCB? Quem impediu que o companheiro divulgasse a literatura brasileira nos países por onde andou? Por que preferiu divulgar, apenas, a sua literatura?

Ninguém nega os erros cometidos, mas não se queira criar em nosso Partido, artificialmente, << um mar de lama >>, por que essa lama irá salpicar a consciência dos que o fizeram, por exotismo, vaidade e auto-suficiência, ou para imitar os soviéticos que têm problemas e erros muito diversos dos nossos.<sup>429</sup>

Em outro artigo, Manoel Soares da Silva igualmente negou haver um “mar de lama” no Partido e também atribuiu as declarações do romancista à sua vaidade:

Qualquer militante que ama seu Partido fica revoltado e não é só com o que escreveu o camarada [Otávio] Brandão [...]. Mas fica revoltado com o sr. Jorge Amado que também sempre foi conhecido como vaidoso e que sempre procurou parecer original, mas nem assim, teve escrúpulos em copiar as palavras com que o sr. Carlos Lacerda caracterizava os <<gregórios>> para lançar contra seu próprio Partido e contra a União Soviética que o lançou internacionalmente. Não vivemos em mar de lama e sangue. Os milhões de seres humanos que tem sido sacrificados no mundo para manter

<sup>427</sup> SANTOS, N.A. Considerações sobre o debate. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro: edição nº 1955, p. 3, 2 nov.1956.

<sup>428</sup> MOREIRA, Anita. Encontrar o caminho brasileiro. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro: edição n.01956, p.4, 4 nov. 1956.

<sup>429</sup> Ibid.

um regime atrasado e de exploração do homem pelo homem não foram cometidos pelos explorados de hoje e de 39 anos atrás. Se muitos erros foram cometidos, uma coisa bela e pura ninguém nega – a construção do socialismo – um passo que o homem deu mais a frente, um regime mais avançado.<sup>430</sup>

O tom das críticas recaiu na ingratidão, injustiça e vaidade do escritor. Elas descaracterizaram os seus argumentos ao atribuírem a eles exacerbada passionalidade e pouca racionalidade. Estas talvez tenham sido as primeiras críticas dirigidas ao romancista por “companheiros” seus e que o afetaram pessoalmente. Mas a crítica não prevaleceu entre aqueles que se dedicaram ao assunto. A maioria se manifestou em favor do roancista e do debate livre.

Esta pressão foi possivelmente o que levou o Partido a se reunir no Pleno Ampliado do Comitê Central (C.C.) do PCB, ocorrido em outubro de 1956, do qual Jorge participou, segundo depoimento anteriormente citado.<sup>431</sup> Neste encontro, foi confirmado o conteúdo do Relatório Krushev. Além disto, na resolução do Comitê, de 20.10.1956, admitiu-se que: “a revelação dos graves erros cometidos na URSS, em consequência do culto à personalidade de Stálin, despertou-nos para a necessidade de democratizar a vida do nosso partido”.<sup>432</sup> Assim, o C.C. aceitou abrir o debate sobre os problemas do Partido, declarando-se que seriam publicados na imprensa partidária “os trabalhos dos membros do Partido, inclusive, daqueles que tenham divergências a apresentar”<sup>433</sup>.

De acordo com Anita Prestes, a luta interna na direção do PCB começava a assumir, naquele momento, sérias proporções, exteriorizadas tanto na imprensa partidária como nos graves conflitos que viriam a abalar toda a estrutura partidária. A historiadora afirmou que muitos dos artigos publicados tinham como tônica principal os ataques à URSS, ao PCUS e ao socialismo real. Defendia-se o afastamento do PCB de qualquer influência soviética ou ligação

---

<sup>430</sup> SILVA, Manoela Soares da. Injustiça também dói. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro: edição n.01962, p.5, 11 nov. 1956.

<sup>431</sup> Cf. AMADO, 1999, p. 389.

<sup>432</sup> RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os Dirigentes e a Organização. In: FAUSTO, Boris (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, t.3, v.10, p.105, 2007.

<sup>433</sup> Ibid.

com o campo socialista ou o PCUS. O internacionalismo proletário era abandonado, dando lugar a posições nacionalistas exacerbadas.<sup>434</sup>

Refletindo a preocupação da maioria do Comitê Central com a defesa da URSS, considerada a pátria do socialismo, e a unidade do Partido, Prestes publicou em novembro de 1956, carta sobre o debate político que foi veiculada pela *Voz Operária*.<sup>435</sup> Nela, o líder comunista, embora se declarasse entusiasta da discussão, dizia serem inadmissíveis quaisquer ataques à União Soviética ou ao PCUS. O posicionamento de Prestes marcou a postura adotada pelo Partido e foi defendido por alguns militantes e líderes como, Marighella<sup>436</sup>, mas contestado por aqueles que queriam a continuidade das discussões abertas, sem quaisquer limitações.

Ao que parece, estas contestações levaram a direção do Partido a atitudes autoritárias. De acordo com Aylton Quintiliano, uma comissão de censura, controlada por Diógenes Arruda, foi nomeada.<sup>437</sup> A partir de então diversos artigos, cartas, e opiniões publicadas foram vetadas ou alteradas, sem o consentimento dos autores.

Apesar da nota divulgada, a direção da *Voz Operária* insistiu no debate, bem como se percebe pela publicação de uma resenha comentada do debate<sup>438</sup>. Devido a isso, Quintiliano afirmou que a direção foi demitida.<sup>439</sup> Mas ela relutou em obedecer às ordens do comando partidário, o que provocou a ordem, vinda de Arruda, de se fechar as oficinas do jornal até a direção deixar o posto. A direção reagiu ao ato arbitrário enviando uma nota a Reinaldo Rocha, secretário da redação, dizendo que o jornal voltaria a circular na semana seguinte. Mediante a publicação da nota, Reinaldo foi demitido, fato que levou a intensos protestos de seus companheiros.

---

<sup>434</sup> PRESTES, Anita Leocadia. Sobre os 50 anos da ‘ Declaração de Março de 1958’ do PCB. *Novos Temas – Revista do Instituto Caio Prado Jr.*, s.n.t., v1, n1.

<sup>435</sup> IMPORTANTE Carta de Luiz Carlos Prestes ao C.C. do P.C.B. sobre o debate político. *Voz Operária*. Rio de Janeiro: edição 393, p.3, 26 nov. 1956.

<sup>436</sup> MARIGHELLA, Carlos. Carta de Prestes e o Internacionalismo Proletário. *Voz Operária*, Rio de Janeiro: edição n.399, p.3, 05 jan. 1957.

<sup>437</sup> Cf. QUINTILIANO, 1960 p. 279.

<sup>438</sup> DEBATE, 1956.

<sup>439</sup> Cf. QUINTILIANO, loc. cit.

Este foi então o cenário que motivou a invasão do jornal, determinada por Diógenes Arruda e Maurício Grabois, que, segundo Quintiliano, arregimentaram militantes das células do Cais do Portos para a invasão. Para Sebastião Nery, a ordem partiu do próprio Prestes, que “pegou dezenas de estivadores do Rio, membros do PC, e mandou invadirem o jornal, ocuparem a redação e expulsarem os ‘renegados’”.<sup>440</sup> Nery sugeriu que estes episódios, desde a publicação da carta de Jorge Amado - considerada um “artigo histórico que deve ser logo recuperado” - até a expulsão dos “renegados” foram decisivos na saída de Amado do PC, sendo uma “história nunca contada”.<sup>441</sup>

Neste aspecto, destacamos a nota de Aylton Quintiliano a respeito da carta de Jorge em que afirma que “quando veio a ordem de Prestes para encerrar os debates e foi vibrado o golpe de força nas redações dos jornais, com a consequente saída em massa dos redatores, Jorge Amado silenciou. E manteve-se, sobre o assunto em silêncio até hoje”.<sup>442</sup> Ainda assim, Quintiliano não tirou o mérito da carta do romancista, admitindo a importância do artigo pelas denúncias que fez, pela bandeira que levantou na luta contra o autoritarismo comunista, e pela exigência de abertura imediata da discussão livre.

Alfredo Wagner Berno de Almeida defendeu que o escritor não se silenciou<sup>443</sup>. Com o transcorrer da luta interna, ele antes, se definiu, mas não pelas facções dissidentes. Para o antropólogo, o romancista se tornou mais retraído em suas declarações, mas não deixou de fazê-las. O estudioso destacou como exemplo a participação do escritor nas comemorações referentes ao quadragésimo aniversário da revolução russa de outubro de 1917. O artigo intitulado “Saudação”, escrito por Jorge em meio a essas comemorações, foi publicado na *Voz Operária*, ao lado de textos escritos por Marighella e Luís Carlos Prestes. Em um período em que a luta interna ainda estava intensa, o escrito do romancista apareceu ao lado daqueles

---

<sup>440</sup> NERY, 2001.

<sup>441</sup> Ibid.

<sup>442</sup> QUINTILIANO, op. cit., p.280.

<sup>443</sup> Cf. ALMEIDA, 1979, p.240.

produzidos por membros da direção, o que deixou patente, segundo Berno de Almeida, o seu posicionamento de estabelecer com eles um acordo.

Além disto, podemos crer que o relativo silêncio de Jorge Amado quanto ao debate que se seguiu à divulgação do relatório Krushev, antes de ser uma subordinação às decisões do Partido, tenha significado o desligamento do autor em relação àquela organização. Um desligamento, sobretudo, relacionado à descrença, naquele momento, na possibilidade de renovação da instituição. Diferentemente de Marighella, que buscou “salvar o Partido”<sup>444</sup>, lutar pelas mudanças, do seu interior, Jorge se distanciou do PCB. Ao deixar de se envolver com a discussão travada naquele momento, mostrou também não querer mais participar do Partido. Nem daquele nem de nenhuma outra organização partidária, bem como ficaria claro em seu discurso e ação dali por diante.

O debate prosseguiu em meio a demissões, expulsões e censura até o final de abril de 1957, quando o Comitê Central estabeleceu o encerramento das discussões em uma resolução denominada “Sobre a unidade do Partido”, optando pelo encerramento dos debates no mês de maio. Naquele documento, o Comitê convocou a unidade do Partido, declarando ser inaceitável qualquer crítica aos princípios marxistas-leninistas, e proclamando o Partido como vanguarda do povo e defensor dos princípios do centralismo democrático e da liderança coletiva. Além disto, marcou mais uma vez a subordinação do Partido às teses do PCUS, defendendo a “coexistência pacífica” com o imperialismo capitalista e a ideia de “transição pacífica”, como caminho para a chegada ao socialismo.<sup>445</sup>

A resolução assinalou também a vitória dos stalinistas ou “conservadores”, contra o grupo que se denominava “renovador”, liderado por Agildo Barata. Agildo divulgou então o documento intitulado “Pela renovação e o fortalecimento do PCB”, que levou ao seu rompimento com a linha política e com práticas de organização interna do Partido. Ele e os

---

<sup>444</sup> NOVA; NÓVOA, 1999, p.84.

<sup>445</sup> Cf. Ibid, p. 81.

renovadores defendiam a democratização interna do Partido, a independência em relação ao PCUS e a procura de um “caminho brasileiro para o socialismo”, através de uma linha de massas capaz de instituir um “governo nacionalista, democrático e progressista”.<sup>446</sup>

Apesar da vitória dos “conservadores”, na Resolução de 1957, o Partido buscou se adequar aos novos tempos e às reivindicações daqueles que clamavam por mudanças. Esforço que se revelou na chamada Declaração de Março de 1958, sobre a política do PCB. Esta declaração oficializou uma mudança na orientação partidária e na interpretação da situação brasileira, se diferenciando radicalmente dos projetos revolucionários dos manifestos de 1948 e 1950, e do programa aprovado no IV Congresso de 1954.

De acordo com a nova orientação, a revolução brasileira seria anti-imperialista e anti-feudal, nacional e democrática. O objetivo era promover uma ampla frente única que envolvesse forças sociais de diversos setores como o proletariado, os camponeses, a pequena burguesia urbana, a burguesia e a até mesmo os latifundiários insatisfeitos com o imperialismo norte-americano e os grupos da burguesia vinculados a monopólios imperialistas rivais.<sup>447</sup>

Foi em meio a este cenário que Jorge Amado publicou *Gabriela cravo e canela* que contribuiu na divisão de opiniões a respeito do seu posicionamento político-ideológico. Ao lado da carta que destinou a João Batista, e da sua saída do Partido, *Gabriela* foi mais um elemento interpretado por alguns como ruptura na trajetória política e intelectual do escritor. A partir daquele momento passou a ser celebrado como intérprete do Brasil. Uma concepção que só parece ter sido possível porque em *Gabriela* ele despojou a narrativa do discurso político-ideológico inflamado, do ar de revolta que marcaram muitas das suas obras anteriores.<sup>448</sup>

Além disto, com a publicação desta obra, o romancista ofereceu diversas entrevistas nas quais mostrou oposição a qualquer tipo de limitação impostas à criação do escritor. Isto ficou

---

<sup>446</sup> Cf. RODRIGUES, 2007, p.507 e 508.

<sup>447</sup> Cf. OLIVEIRA, 2013, p.17.

<sup>448</sup> Uma análise detalhada da recepção crítica e do posicionamento do autor com a publicação de *Gabriela* encontra-se em CALIXTO, 2011.

sugerido, primeiramente, nas seguidas reiteraões de Jorge quando do lançamento de *Gabriela* de que “o escritor não pode estar preso a fórmulas, a estreitos limites de escolas, ainda mais perigosas quando se tornam oficiais ou oficiosas”.<sup>449</sup>

Deste modo, ele apontava clara crítica ao dirigismo literário do Partido Comunista com base no realismo socialista, apesar de não o atacar frontalmente: “creio que o realismo socialista é tão válido como qualquer outra corrente literária, apesar do seu grande futuro juntamente com a realidade que é o socialismo hoje em dia. Considero, entretanto que o escritor não deve se limitar a qualquer tendência”.<sup>450</sup>

Em diversas entrevistas, o autor afirmou também que *Gabriela* era um livro de experiências como os outros, mas que neste teve “enorme liberdade de experiência”,<sup>451</sup> o que pode ser interpretado como maior liberdade de criação em relação às orientações do Partido. Mais tarde, o romancista diria, reforçando esta hipótese, que desde o seu afastamento do PCB, teria passado a pensar com a “própria cabeça”,<sup>452</sup> ou seja, teria experimentado maior liberdade intelectual.

Desde então o autor passou a apoiar publicações que ousavam diferir das orientações partidárias ou mesmo criticar paradigmas como o stalinismo. Por causa disto, em dezembro de 1958, uma nota do jornal *Diário Carioca* constatou o rompimento de Jorge em relação à URSS em virtude de suas declarações positivas ao livro *Dr. Jivago* do romancista russo Boris Pasternak.<sup>453</sup> Isto porque Pasternak foi expulso da União dos Escritores da União Soviética pela publicação do referido livro. Assim, o posicionamento do escritor a seu favor desagradou

---

<sup>449</sup> AMADO, Jorge apud DA VIDA, 1958.

<sup>450</sup> AMADO, Jorge apud DE 'GABRIELA', 1961.

<sup>451</sup> AMADO, Jorge apud DA VIDA, 1958. Citações semelhantes aparecem em: OS MEUS, 1958; JORGE, 1958; ESCREVEREI, 1958.

<sup>452</sup> AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p. 28.

<sup>453</sup> Cf. DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro. 23.12.1958. (Pasta JA: política. Acervo Jorge Amado. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, Bahia).

lideranças do Partido, como foi o caso de Astrojildo Pereira,<sup>454</sup> soando para alguns como uma ruptura com os países do Pacto de Varsóvia, algo que ele sempre tratou de negar.

Ressaltamos que após a morte de Stálin e sobretudo após a divulgação do relatório Krushev, foi uma postura comum a muitos intelectuais que se desligaram ou permaneceram atrelados ao Partido, a denúncia de restrição da liberdade de criação como uma das críticas ao stalinismo. Além de Jorge, outros intelectuais também o fizeram e foram criticados e/ou perseguidos como alguns escritores de vulto da literatura mundial como Howard Fast, Sartre, Camus, Pasternack e Djilias, por exemplo.<sup>455</sup> Alguns expressaram essa crítica na forma de romance ou livro de memórias como o já citado Boris Pasternak, através de *Dr. Jivago* (1958), Ilya Eremburg, com *O Degelo* (1954), Ailton Quintiliano, *A Grande Muralha* (1959) e Osvaldo Peralva, *O retrato* (1960), por exemplo.

A consequência da adoção desta postura foi a interpretação por parte de alguns, de uma ruptura de Jorge com o Partido, com a URSS, com o socialismo e com certo tipo de comprometimento literário. Segundo o escritor, ele sofreu ataques de pessoas ligadas ao PC, inclusive de amigos seus. Talvez o exemplo mais simbólico de que eles de fato ocorreram tenha sido o artigo publicado por Jacob Gorender em 1961 no jornal *Novos Rumos*. Sob o título “As novas tendências na obra de Jorge Amado”, afirmou que, após *Gabriela*, a publicação da obra *Os Velhos Marinheiros*, que reunia os romances *Capitão de Longo Curso* e *Quincas Berro D'Água*, de Jorge Amado, vinha confirmar as novas tendências na literatura do autor.

Dentre as inúmeras críticas realizadas neste texto, destacou “o abandono da inspiração revolucionária, que levou o romancista a criar uma obra de ressonância popular, legítima e excepcional”.<sup>456</sup> Gorender sugeriu que a superação dos esquematismos que Jorge demonstrava

---

<sup>454</sup> PEREIRA, Astrojildo. Notas sobre livros. *Voz Operária*. Rio de Janeiro, 10 jan. 1959.

<sup>455</sup> Cf. BELLUCO, 1961.

<sup>456</sup> GORENDER, 1961, p.5.

em *Gabriela* seriam louváveis “se se efetivassem sem mudança de direção ideológica”.<sup>457</sup> Afirmou ainda que “a orientação ideológica revolucionária”, que estaria presente nas obras anteriores do autor, seria a “razão maior de sua glória”.<sup>458</sup> Para Gorender, *Os Velhos Marinheiros* confirmaria a “nova fase da atividade literária de Jorge Amado”<sup>459</sup> e também a impressão de um “naufrágio artístico”<sup>460</sup> na carreira do escritor.

*O Jornal*, do Rio de Janeiro, veiculou, em virtude deste artigo, uma nota afirmando que Jorge “caiu no ‘Index’ do Partido Comunista”<sup>461</sup>, denunciando a perseguição que o autor estava sofrendo por não seguir mais as orientações do Partido para a literatura.

Foi possivelmente em relação a Gorender e ao artigo citado que o romancista fez referência em suas “conversas” com Alice Raillard. Quanto ao assunto, disse o seguinte:

[...] Foi então que um amigo, cujo nome não quero citar, e que conhecia a realidade das coisas, escreveu um artigo sobre *Quincas Berro D'Água* e *Capitão de Longo Curso*, para afirmar que eu abandonara todo interesse pelo povo, pela vida, e que meus heróis eram podres – um artigo ridículo, um tecido de asneiras ... A crítica em si era tão boba que não consegui me abalar, mas eu estava magoado pelo fato de amigos conseguirem escrever tais coisas, cumprindo ordens, submetendo-se a elas. Eu sei... Conheço bem o mecanismo... Compreendo como ele e outros chegaram a tomar estas posições. Falo nisso sem rancor. Explico o que houve, em que condições isso se criou, acreditando na ideia de que até certo momento eu teria feito uma obra revolucionária, de denúncia social, para um amanhã melhor, uma nova era, uma obra ao lado do povo, e que de repente eu teria modificado minhas posições, abandonado minha atividade militante do Partido!... Eles não diziam explicitamente que era por isso. Diziam que a obra se tornara folclórica, que era a negação da obra passada, não sei mais o quê, como se os elementos da vida, do folclore, não estivessem presentes em livros como *Jubiabá*, [...] Tudo isto é uma tolice incomensurável.[...]<sup>462</sup>

Na mesma entrevista, o autor concordou, no entanto, com a entrevistadora, que *Gabriela* e os livros que o seguiram, foram cobertos de elogio e que os ataques explicitados foram somente do ponto de vista de certa crítica de esquerda, do PC. Isto é, muitos de seus

---

<sup>457</sup> GORENDER, 1961, p. 5.

<sup>458</sup> Ibid.

<sup>459</sup> Ibid.

<sup>460</sup> Ibid.

<sup>461</sup> JORGE Amado caiu no ‘Index’ do Partido Comunista: “abandonou a inspiração revolucionária”. *O Jornal*. Rio de Janeiro, 28 jul. 1961b, Coluna Nomes e Fatos.

<sup>462</sup> AMADO, Jorge *apud* RAILLARD, 1992, p.267 e 268.

companheiros de Partido, elogiaram não só *Gabriela* como também os romances produzidos posteriormente, como é o caso de Astrojildo Pereira<sup>463</sup>, Dalcídio Jurandir,<sup>464</sup> e Eneida Moraes.<sup>465</sup> Os jornais também dão provas de que o autor e sua obra continuaram a ter grande prestígio nos países soviéticos.<sup>466</sup>

Apesar de algumas críticas terem sugerido o abandono da ideologia comunista por parte do escritor, ele continuou a se afirmar e a ser identificado como intelectual comunista influente, mesmo após sair do PCB e realizar críticas a práticas do Partido. Em outubro de 1958, por exemplo, o *Diário trabalhista* do Rio de Janeiro divulgou uma nota intitulada “Insulto à inteligência”<sup>467</sup> em que criticou ações arbitrárias da polícia federal sobre jornalistas, artistas e escritores identificados com o comunismo. Denunciou, mais especificamente, as ações do coronel Danilo Nunes, diretor da Divisão de Ordem Política e Social (DOPS) que vinha realizando incursões nos círculos intelectuais, de acordo com plano já anunciado em entrevista à imprensa, e executando prisões ilegais.

A nota afirmou que “passando mais uma vez por cima da Constituição, ignorando códigos, tribunais, magistraturas, o ‘sherif’ atreveu-se a mandar prender por sua conta em risco um escritor do prestígio nacional e mundial de Jorge Amado”. O diretor do DOPS teria ainda informado à imprensa que “não agarrou Jorge Amado”<sup>468</sup> por ele ter subido ao seu apartamento de onde telefonou a advogados que impediram a consumação imediata da violência.

O jornal a *Voz Operária*, que também noticiou o episódio no artigo intitulado “As proezas do cel. Danilo”, sugeriu que a motivação para as “novas e ridículas provocações

---

<sup>463</sup> PEREIRA, 1959.

<sup>464</sup> JURANDIR, Dalcídio. Três livros. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 23 jun. 1961 a 29 jun. 1961.

<sup>465</sup> MORAES, Eneida. Jorge em Salvador. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 mai. 1961. Coluna: Encontro Matinal.

<sup>466</sup> Cf. JOVENS SOVIÉTICOS trazem Mensagem: Precisamos conhecer-nos. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 26 mai. 1961 a 1 jun. 1961 e FIGUEIREDO, 1961; RUSSOS não ligam para comunistinha brasileiros. *Correio do Ceará*. Fortaleza, 31 jul. 1962.

<sup>467</sup> Cf. INSULTO à inteligência. *Diário Trabalhista*. Rio de Janeiro, 10 out. 1958, Coluna: Nossa opinião.

<sup>468</sup> *Ibid.*

anticomunistas” do chefe do DOPS tinha relação com a discussão que estava ocorrendo a respeito do Orçamento da República. Naquela ocasião o Parlamento decidia o volume da verba para as diferentes repartições do Estado. Por este motivo, seria uma conjuntura favorável para que o coronel se mostrasse mais ativo, “à altura de fazer jus a uma generosidade maior dos elaboradores do Orçamento”.<sup>469</sup>

O episódio demonstrou como, mesmo fora do Partido, Jorge, assim como outros artistas e intelectuais, eram vistos como “perigosos agentes comunistas”. Esta imagem era inclusive destacada em reportagens que visavam a denunciar a aproximação de certas personalidades com o comunismo utilizando a relação, a amizade ou a confraternização com Jorge Amado como um indício desta proximidade. Este foi o caso do pintor baiano Jenner Augusto e até mesmo do presidente João Goulart.

Em recorte do jornal *Novos Rumos*, de julho de 1959, encontramos uma nota denunciando que Jenner Augusto havia sido impedido de passar pelos Estados Unidos. O motivo foi o fato de que, frente a uma exigência do consulado americano, a polícia federal do Brasil se recusou a anotar no passaporte do pintor uma declaração de que ele não era comunista ou exerceu “atividades subversivas”. A polícia alegou que em 1949, Jenner “prestou declarações à imprensa favoráveis a Luís Carlos Prestes e que, posteriormente, quando do regresso do escritor Jorge Amado ao Brasil, participou em Salvador, de banquete ao conhecido romancista”.<sup>470</sup>

Outro episódio exemplar ocorreu em 1962, quando a casa do advogado das Ligas Camponesas, Clodomir Santos de Moraes, em Belo Horizonte foi cercada pela polícia. De acordo com artigo do *Última Hora*, a polícia preparava uma farsa para dizer que na casa de Clodomir existiam armas de todos os tipos. Ao que parece, os livros do advogado também seriam arrolados como provas de seu caráter subversivo. Dentre os autores cujas obras

---

<sup>469</sup> PROEZAS do cel. Danilo. *Voz Operária*. Rio de Janeiro: n.491, 01 nov. 1958.

<sup>470</sup> PINTOR Jenner Augusto impedido de passar pelos Estados Unidos. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 24 jul. 1959.

figuravam na biblioteca do advogado foram destacadas obras completas de Monteiro Lobato e também de Jorge Amado.<sup>471</sup>

Em entrevista ao *Jornal do Comércio* de março de 1963 o Almirante reformado Penna Botto, presidente da Cruzada Brasileira Anticomunista, elencou em uma longa lista de atitudes, a seu ver, comunistas, do presidente João Goulart, a participação do mesmo em “banquete ao comunista Jorge Amado”.<sup>472</sup>

A identificação do autor com o comunismo continuou assim marcando a sua imagem de maneira negativa para segmentos conservadores da sociedade que o viam como uma ameaça. Uma suposta hipótese de nomeação dele como embaixador brasileiro no Cairo, por exemplo, levantou vivos protestos do jornal *O Globo*, justificados da seguinte forma:

Jorge Amado, escreve o editorialista de <<O Globo>>, é de fato um grande escritor, mas é também comunista e não o esconde. Nestas condições, não podemos admitir que um indivíduo como Jorge Amado, na sua qualidade de diplomata, tenha acesso aos segredos do Estado.<sup>473</sup>

Foi como comunista que o autor foi visto pelo editorialista de *O Globo*, aspecto este que tornaria perigosa a sua indicação a diplomata. De maneira semelhante, o deputado Euclides Triches, um dos vice-líderes do governo na Câmara, buscou desvalidar o discurso de Jorge pela aproximação do mesmo com ideologias de extrema esquerda, como se vê na seguinte fala do deputado: “todos conhecem os ideais e simpatias do escritor Jorge Amado por regimes de extrema esquerda. Assim sendo, não tem força moral para vir a público criticar o governo com ataques e chamar de ditadura o regime”<sup>474</sup>.

<sup>471</sup> Cf. POLÍCIA carioca cerca em BH casa do advogado preso. *Última Hora*. Belo Horizonte, 21 dez. 1962.

<sup>472</sup> ALMIRANTE P. Botto: nunca o Brasil esteve tão mal. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1963.

<sup>473</sup> DIÁRIO DE COIMBRA. Coimbra, 21 abr. 1961. (Pasta JA: política (1960-1968). Acervo Jorge Amado. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, Bahia).

<sup>474</sup> DEPUTADO, 1964.

Foi também como um comunista perigoso que o artista cubano Roberto Estopiñan identificou Jorge Amado no início dos anos 1960. A diferença neste caso foi que o acusador se inclinava ideologicamente com as esquerdas, tendo visto inicialmente com simpatia o movimento revolucionário em Cuba. Segundo Estopiñan, Jorge e outros intelectuais como Pablo Neruda tentavam fazer da América Latina uma nova China.<sup>475</sup>

Mas esta não era mais a única imagem do autor. Concordamos com Berno de Almeida quando o antropólogo afirma que aquele era um tempo em que “os escaninhos usuais em que Amado é classificado são postos em xeque”<sup>476</sup>. Concebido sob múltiplos aspectos, o autor parecia “em suspenso, como se lhe fosse imposto um afastamento, ou melhor, uma retirada de uma pauta de classificações de que já usufruía”.<sup>477</sup>

Desde que começou a divergir das orientações do Partido, o retrato do intelectual comunista, cujo modelo era encarnado pelo autor, passou a conviver com outras facetas suas, reveladas em cada discurso e ação que não se enquadrava no estereótipo pelo qual foi identificado por anos. De acordo com o historiador Muniz Ferreira, integrante do Comitê Central do PCB, “as interações entre Jorge Amado e o Partido Comunista Brasileiro no período posterior à saída deste escritor do Partido foram marcadas por aproximações e afastamentos, convergências e desencontros”.<sup>478</sup>

---

<sup>475</sup> ESTOPINAN acusa. *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 02 mai. 1961.

<sup>476</sup> ALMEIDA, 1979, p.241.

<sup>477</sup> Ibid.

<sup>478</sup> FERREIRA, Muniz. *As interações entre Jorge Amado e o PCB pós 1956*. 26 abr. 2014. Disponível em: <<http://pcb.org.br/fdr/index.php?view=article&catid=1%3Ahistoria-do-pcb&id=283%3Aas-interacoes-entre-jorge-amado-e-o-pcb-pos-1956&tmpl=component%E2%80%A6>>. Acesso em: 14 dez. 2014.

### 3.2 Independência no campo político: a relação com as esquerdas e com o governo durante o período Jânio Quadros

Além das divergências já apontadas, a relação do intelectual com segmentos das esquerdas se modificou significativamente nos anos seguintes ao seu afastamento em relação ao PCB. O posicionamento público deixou de estar relacionado, ou em última instância, dependente, da postura ou orientação do Partido. Mesmo se valendo de uma identidade comunista, o escritor passou a participar dos embates políticos de acordo com o que chamou de “anti-sectarismo”. Neste sentido, passou a explicitar apoio ou repúdio a discursos e práticas políticas, independentemente se estavam ou não associadas a partidos de cunho comunista, como o próprio PCB, ou mesmo se estavam sendo apoiadas pelo Partido.

Isto ficou claro nas eleições de 1960, quando o PCB apoiou o General Henrique Teixeira Lott, do PTB. O candidato da oposição era Jânio Quadros, pela UDN, que saiu vitorioso. Mesmo se pautando em um projeto político que refletia os interesses da classe dominante brasileira, subordinado ao imperialismo americano, o presidente, tendia por vezes a realizar atos políticos vistos como “esquerdizantes” pelos mais conservadores. Isto se refletia especialmente na sua política externa, como, por exemplo, no anúncio de realização de acordos com Cuba e na condecoração do líder revolucionário Che Guevara.

Ao contrário dos comunistas do PCB que se colocaram na oposição do governo de Jânio, Jorge Amado se aproximou do presidente e de seu governo. Destacamos uma possível indicação dele à embaixada brasileira no Cairo, durante o governo Jânio, que possivelmente não se concretizou em virtude do descontentamento que a notícia provocou. Isto tanto entre os diplomatas de carreira quanto por aqueles que temiam que cargo de tamanha importância política pudesse ser concedido a um notório comunista.<sup>479</sup>

---

<sup>479</sup> Os seguintes jornais noticiaram a possível indicação de Amado à embaixada do Cairo: DESCONTENTAMENTO no Itamaraty (de um observador diplomático). *Correio Braziliense*. Brasília, 06 mai.

A maioria na Câmara decidiu então recusar nomes que o presidente indicou para as embaixadas,<sup>480</sup> episódio que demonstrou a dificuldade que Quadros tinha em aprovar seus projetos no legislativo. Mas outro cargo ainda foi destinado a Jorge no governo de Jânio. Ao lado de Austregésilo de Athayde, Carlos Drummond de Andrade, Antonio Candido Melo e Souza e Alceu Amoroso Lima, ele foi nomeado em maio de 1961 para a presidência da Comissão Nacional de Literatura, que fazia parte do recém-instituído Conselho Nacional de Cultura.<sup>481</sup>

Além disto, o *Correio da Manhã* noticiou, pouco tempo depois, que o chefe do executivo, “pondo de lado os conhecedores do assunto”<sup>482</sup>, estava resolvido a nomear para dirigir o Instituto Afro-Asiático, o crítico literário Eduardo Portela, indicado por Jorge Amado. O jornal ressaltou que a criação do referido instituto era uma das “pontas-de-lança” da política-externa de Jânio, e que, com a nomeação de Portela, “o instituto agiria fora da órbita de nossa diplomacia”.<sup>483</sup>

O prestígio alcançado por Jorge no governo de Jânio pode ser atribuído em parte ao prestígio alcançado pelo escritor no campo intelectual naqueles anos. Após *Gabriela*, o escritor alcançou incomparável fama nacional e internacional. Seus livros foram traduzidos para diversas línguas e o seu sucesso como escritor lhe rendeu em 1958 o Prêmio Jabuti, destinado àqueles que se destacaram no meio literário ao longo do ano. Rendeu-lhe também candidatura e eleição para a Academia Brasileira de Letras em 1961. Quanto a este último acontecimento, além de Jânio ter enviado telegrama para saudar eleição de Amado na ABL,<sup>484</sup> recebeu convite

---

1961; JORGE Amado espera ser embaixador. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 10 mai. 1961c; TRINTA mil exemplares foram vendidos até agora. *Jornal da Bahia*, Salvador, 11 mai. 1961; DE 'GABRIELA', 1961; DIÁRIO DE COIMBRA, 1961.

<sup>480</sup> Cf. MAIORIA decide na Câmara recusar nomes que Quadros indicou para as novas embaixadas. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 mai. 1961.

<sup>481</sup> Cf. FERRAZ, Geraldo. Brasília e o Conselho Nacional de Cultura. *A Tribuna*. Santos, 24 mai. 1961.

<sup>482</sup> INSTITUTO Afro-Asiático. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 17 jun. 1961.

<sup>483</sup> *Ibid.*

<sup>484</sup> JQ, 1961a.

do presidente da Academia para presidir a sessão em que Jorge Amado tomaria posse<sup>485</sup> mas, impossibilitado de comparecer pessoalmente, o chefe do executivo solicitou ao ministro das Relações Exteriores representá-lo na solenidade.<sup>486</sup>

A afinidade do escritor com o governo de Jânio ficou particularmente expressa, logo após a saída deste do poder, em entrevista ao jornal *Binômio da Semana*:

Falando sobre o governo de Jânio Quadros, o escritor baiano que fazia parte do Conselho Nacional de Cultura, nomeado pelo ex-presidente, afirmou que <<os 7 meses de governo de JQ foram absolutamente excepcionais.>>

<<Tenho para mim, que estes meses foram mais importantes para o Brasil e para a Democracia, que todo o resto do regime republicano>>.

Entusiasmado, ele diz:

<< Pela primeira vez tivemos um presidente disposto a cumprir a plataforma com que se apresentou ao povo para pedir votos.>><sup>487</sup>

O jornal destacou ainda que o romancista teceu elogios à política externa de Jânio, aspecto no qual Jorge por pouco não se envolveu diretamente. O status que o romancista conquistou naquele momento pode ter estimulado o interesse do presidente em incorporá-lo ao governo, dado seu prestígio e notoriedade. Aspecto que ajuda a explicar em parte o envolvimento do escritor com as políticas do governo.

Além de Jânio, Jorge manteve contatos e diálogos com indivíduos das diferentes esferas políticas. Um posicionamento que manteve desde o tempo que exercia militância pelo PC. A diferença aqui foi que as aproximações e distanciamentos com figuras do governo passaram a ocorrer de maneira independente das orientações do Partido. O apoio ou crítica a projetos, discursos, ou pessoas deixou de estar atrelada aos interesses do PC, tornando-se uma expressão do posicionamento individual do escritor.

---

<sup>485</sup> Cf. POSSE de Jorge Amado. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 jul. 1961; JQ convidado para a posse de Jorge Amado. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 jul. 1961b; JORGE Amado. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 13 jul. 1961g.

<sup>486</sup> Cf. PRESIDÊNCIA da República. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 16 jul. 1961.

<sup>487</sup> BELLUCO, 1961, p.8.

Por este motivo, o intelectual teve o seu posicionamento político apreendido de múltiplas maneiras, tanto pelas esquerdas como pelas direitas. Foi certamente por identificarem em Jorge discursos que poderiam ser associados a diferentes orientações políticas que lideranças de partidos tão diversos como a UDN, o PTB e o PSD, disputaram uma possível candidatura do intelectual à Câmara Federal nas eleições de 1962, o que acabou não ocorrendo.<sup>488</sup>

Além da afinidade com o governo de Jânio, identificamos em recortes de jornais, elogios do autor ao governo JK por ocasião da construção de Brasília e também a sua interação com chefes de governo. Observamos isto especialmente na conjuntura da eleição do romancista à ABL quando recebeu saudações e homenagens de figuras como JK (ex-presidente), Jânio Quadros (presidente), Juracy Magalhães (governador da Bahia) e Heitor Dias (prefeito de Salvador).<sup>489</sup>

A sua proximidade com discursos e figuras de governo não impedia, no entanto, que o autor desenvolvesse discursos e práticas identificados com as esquerdas. Além de saudar o aniversário da Revolução de Outubro e de ter permanecido no Conselho Mundial da Paz,<sup>490</sup> dirigido pela URSS, participou da Comissão Coordenadora do Movimento Pró-Anistia aos Presos e Exilados Políticos da Espanha e de Portugal, inaugurado em 1960.<sup>491</sup>

O movimento representou uma ação contra regimes de exceção na Península Ibérica, com o objetivo de pressionar os governantes de Espanha e Portugal a anistiar aqueles que foram presos por lutar contra ditaduras. De acordo com o jornal *Novos Rumos*, a I Conferência Latino-Americana de Solidariedade aos Presos e Exilados Políticos da Espanha e Portugal ocorreu em

---

<sup>488</sup> Cf. VOLTARIA à Câmara. *A Tarde*. Salvador, 10 mai. 1961.

<sup>489</sup> Cf. JK e JM a JA. *Última Hora*. Rio de Janeiro. 10 abr. 1961; CONGRATULAÇÕES. *Diário de Notícias*. Salvador, 13 abr. 1961; JQ a Jorge Amado. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 17 abr. 1961a; JM oferece almoço a Jorge Amado: homenagem. *Diário de Notícias*. Salvador. 14 mai. 1961; O ESTADO DA BAHIA. Salvador, 15 mai. 1961 (Pasta JA: política. Acervo Jorge Amado. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, Bahia); JORGE Amado homenageado na Bahia. *A Gazeta*. São Paulo, 5 jun. 1961e.

<sup>490</sup> Cf. PARTIDÁRIOS da Paz em Moscou. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 13 mar. 1959.

<sup>491</sup> Cf. SARTRE contra o fascismo: Anistia na Península Ibérica. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro. 16 set. 1960.

São Paulo, no início dos anos 1960, “depois de uma vitória contra as medidas pró-fascistas do governo brasileiro, e se constituiu num grande sucesso dentro da luta de nossos povos contra os regimes reacionários da Península Ibérica.”<sup>492</sup> Jorge Amado ainda participou de manifesto em apoio à Revolução Cubana, principalmente à revolução cultural realizada na ilha.<sup>493</sup> Todas estas atuações foram noticiadas no jornal pecebista *Novos Rumos*, de maneira entusiasta. Mas o periódico também veiculou artigos críticos ao posicionamento do escritor no contexto da crise instaurada com a renúncia de Jânio, em agosto de 1961.

Avaliamos que o embate de *Novos Rumos* com Jorge naquele contexto foi representativo do acirramento das relações entre o autor e setores das esquerdas, tendo em vista que aquela publicação representava os interesses do PCB. Por este motivo, vejamos em seguida como a crise política de 1961 foi entendida pelos redatores e colaboradores do jornal e por que Jorge Amado passou a ser a ser atacado nas páginas daquele periódico pelo seu posicionamento político.

### **3.3 A crise de 1961 e o acirramento dos conflitos com as esquerdas: o caso do periódico *Novos Rumos***

*Novos Rumos* foi fundado em 1959, no lugar de *Voz Operária* e se tornou órgão de comunicação semi-oficial do PCB, tendo sido extinto em 1964 com o Golpe<sup>494</sup>. Diversos nomes bastante conhecidos entre os comunistas brasileiros escreviam naquele jornal. Dentre os colaboradores mais conhecidos da militância estavam Astrojildo Pereira, Carlos Marighella,

---

<sup>492</sup> II CONFERÊNCIA Pró-Anistia aos Presos Políticos Ibéricos. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 13 jan. 1961.

<sup>493</sup> SOLIDARIEDADE dos Intelectuais. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 18 nov. 1960.

<sup>494</sup> Cf. FERREIRA, Jorge. *Novos Rumos: jornal do Partido Comunista Brasileiro. Locus, revista de História*. S.l.: v.19, n.2, p.4, 2013.

Giocondo Dias, J. Câmara Ferreira, João Massena Melo, Leandro Konder, Hércules Correa e Sinval Palmeira.

Assim como sugerido em seu título, o jornal expressava a nova orientação do Partido adotada com a Declaração de Março de 1958.<sup>495</sup> Apesar disso, Jorge Ferreira não encontrou moderação política em suas páginas, após analisar todo o período em que a publicação circulou: “não há, em *Novos Rumos*, a imagem que ficou, para as gerações posteriores, de um Partido Comunista que abandonou a luta revolucionária, optando pela via institucional dentro das regras da democracia-liberal”<sup>496</sup>.

Devemos lembrar, mais uma vez que, as esquerdas foram de uma postura de defensiva e de defesa da legalidade, para uma atitude ofensiva e até mesmo à margem da lei entre 1961 e 1964.<sup>497</sup> Em 1961, o jornal *Novos Rumos* foi um dos organismos que encabeçou a Campanha da Legalidade. O movimento liderado pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, tinha o objetivo de frear a tentativa de golpe em curso após a renúncia do presidente Jânio Quadros.

A legalidade significava, naquele momento, a posse do vice-presidente João Goulart (Jango). O político Carlos Lacerda, um dos principais articuladores do golpe que visava a evitar a posse de Jango, era o alvo central do periódico. O redator-chefe de *Novos Rumos*, Luis Mário Gazzano, chegou a ser preso na onda de violência policial-militar provocada pelos golpistas incentivados por Lacerda,<sup>498</sup> provocando ainda mais a ira dos redatores do jornal.

Diante daquela pressão exercida pelo movimento em favor da legalidade, e vislumbrando o fracasso do golpe, seus articuladores fizeram tramitar no Congresso uma

---

<sup>495</sup> Cf. *Ibid.* p.3 e 4.

<sup>496</sup> Cf. *Ibid.*, p.10.

<sup>497</sup> Cf. REIS, Daniel Aarão. Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória. In: REIS; RIDENTI; MOTTA, 2004.

<sup>498</sup> Cf. AINDA está preso o redator-chefe de NR. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro: n.13, p.1, 31 set. 1961.

solução conciliatória. Tratava-se de um projeto de Emenda à Constituição que estabeleceria o regime parlamentarista, limitando o poder do presidente, dando mais poderes ao legislativo.

Na edição de 1º de setembro daquele ano, *Novos Rumos* incitou o povo a resistir a qualquer tentativa de conciliação com os golpistas. Noticiou o posicionamento de trabalhadores, políticos, partidos, estudantes, personalidades artísticas e intelectuais que se posicionaram a favor deste manifesto. Citou, dentre eles, o apoio público de Jorge Amado, no artigo “Brasil inteiro contra o conchavo e a capitulação: posse de Jango já e de acordo com a Constituição”<sup>499</sup>.

Após a aprovação da emenda, o jornal repudiou em sua edição do dia 6.09.1961, a solução conciliatória.<sup>500</sup> Festejou a posse de Jango, porém, sugeriu “redobrar a vigilância e a luta contra o golpe e a conciliação”<sup>501</sup>. A campanha legalista continuou. Na mesma edição, veiculou um artigo denominado “Intelectuais na primeira fila na luta pela legalidade”<sup>502</sup>, em que citava Jorge como um dos intelectuais que se mantinham em defesa do movimento.

A postura do jornal quanto ao escritor baiano começou a mudar, no entanto, diante do posicionamento deste nos eventos seguintes, especialmente relacionados ao governador da Bahia, Juracy Magalhães. Este político, já havia sido apontado pelo periódico como um dos governadores que, apesar de se pronunciarem favoravelmente à posse de João Goulart, apoiaram a conciliação parlamentarista.<sup>503</sup>

Uma vez aprovado o parlamentarismo, Juracy Magalhães foi cotado como um dos ministros do novo governo. Havia uma preocupação em torno disto já que no regime parlamentarista os ministros ocupam posição de destaque.

---

<sup>499</sup> BRASIL inteiro contra o conchavo e a capitulação: posse de Jango já e de acordo com a Constituição. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro: ed.133, p.101, set. 1961.

<sup>500</sup> SEVERINO, Pedro. Redobrar a vigilância e a Luta contra o Golpe e a Conciliação. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro: ed.135, p.10, 6 set. 1961.

<sup>501</sup> Ibid, p.1.

<sup>502</sup> Ibid, loc. cit.

<sup>503</sup> GOVERNADORES da Legalidade. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro: ed.133, p.1, 01 set. 1961.

O jornal, além de persistir na campanha da legalidade, na luta pela punição aos golpistas, também defendeu a instauração de um governo nacionalista e democrático. Para isso, além da posse de Jango, era necessário, naquele momento em que a emenda limitava os poderes do presidente, a formação de um conselho de ministros que atendessem às expectativas.

Brizola, Sérgio Magalhães, Auro Moura Andrade, Machado Lopes, Teixeira Lott, Almino Afonso, Mauro Borges eram apontados como “alguns dos líderes civis e militares que galvanizaram a opinião nacional e se impuseram ao seu respeito e a sua admiração”<sup>504</sup>, merecendo por isso, compor o conselho. Por outro lado, *Novos Rumos* defendia que os ministérios não podiam ser entregues a homens como Clemente Mariani e Juraci Magalhães. Este, por ser “o executor das ordens do FMI”<sup>505</sup> e aquele porque “no auge da crise teve o desprazer de saudar no Marechal Denys um porta-voz reconhecido das Forças Armadas”<sup>506</sup>.

Além do fato de ter saudado o Marechal Denys, governador da Bahia, Juraci Magalhães, foi ainda atacado nas edições seguintes do jornal pela virulência empregada contra legalistas em manifestações de rua, se tornando um de seus principais adversários, ao lado de Lacerda:

Enquanto fazia alguns pronunciamentos em favor da legalidade e outros conciliando com o golpe, o governador da Bahia, sr. Juraci Magalhães, durante os dias em que o país esteve ameaçado de mergulhar na ditadura fascista que lhe queria impor o grupelho militar direitista, desenvolveu a mais brutal repressão às manifestações em defesa da Constituição levadas a efeito pelo povo baiano. [...] O lançamento da malta de cães policiais contra o povo que protestava sua fidelidade à democracia causou profunda indignação e desmascarou de uma vez por todas o caráter de inimigo das liberdades democráticas do sr. Juraci Magalhães.<sup>507</sup>

Além da utilização de cães, a polícia de Juraci também lançou mão de gás lacrimogêneo e rajada de metralhadoras para dispersar manifestações populares em Salvador em defesa da

<sup>504</sup> Cf. POSSE de Jango é vitória do povo! *Novos Rumos*. Rio de Janeiro: ed.134, p.1, 4 set. 1961.

<sup>505</sup> Ibid.

<sup>506</sup> Ibid.

<sup>507</sup> JURACI lançou cães policiais sobre o povo em praça pública. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro: ed.136, p.6, 15 set. 1961.

Constituição. Naquele episódio, estudantes foram sitiados dentro de suas escolas, um médico foi preso, órgãos do poder legislativo da Câmara Municipal da Feira de Santana tiveram reuniões impedidas pelo batalhão local da polícia militar. Por tudo isso, o jornal afirmou que “a polícia baiana logrou ser a mais eficiente no cerceamento às manifestações do povo”<sup>508</sup> e que o governador da Bahia, levou “seu barbarismo policial a requintes que nem o paranoico governador da Guanabara ousou praticar”.<sup>509</sup>

Outros aspectos também foram lançados como forma de caracterizar o posicionamento de Juraci em favor dos golpistas. O Departamento de Correios e Telégrafos na Bahia, por exemplo, se negou a transmitir mensagens telegráficas de cunho legalista desde a chegada de Jango a Brasília.

Mas o episódio que talvez seja arrolado para sugerir quase formalmente, o posicionamento de Juraci em favor dos golpistas foi a citada saudação a Odílio Denis. Em trechos desta mensagem, Juraci confessou acompanhar emocionado os esforços do marechal pela preservação da ordem e das instituições. Afirmou ainda: “Esteja certo de que esta mesma nação saberá levantar-se contra qualquer dirigente que ouse tentar levar nosso país democrata e cristão para o odioso campo comunista”<sup>510</sup> No comunicado, o político reiterou ainda que qualquer tentativa do povo de se manifestar favoravelmente à legalidade seria violentamente reprimida pela polícia.

Deste modo, ele se integrou, para *Novos Rumos*, no rol daqueles que haviam violado dispositivos constitucionais e cometido crimes pelos quais deveria responder e ser punido. Se tornou, neste entendimento, cúmplice dos golpistas.<sup>511</sup> Mas, ainda assim, acreditamos que não é possível dizer que ele fosse a favor do golpe militar. A própria matéria em questão afirma que, ao mesmo tempo em que o governador tomava estas atitudes arbitrárias, também fazia

---

<sup>508</sup> Ibid.

<sup>509</sup> Ibid.

<sup>510</sup> MAGALHÃES, Juraci *apud* Ibid.

<sup>511</sup> Cf. CHOCANTE atitude de Jorge Amado. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro: ed.136, p.1, 15 set. 1961.

pronunciamentos em favor da legalidade e da conciliação. O posicionamento de Juraci se aproximaria dos golpistas no que se refere a uma suposta defesa da democracia que estaria ameaçada pela tomada do poder irrestrito de Jango, identificado pelos conservadores como próximo aos comunistas.

Em sua dissertação de mestrado, Aruã Silva de Lima apontou que Juraci Magalhães teve uma relação ambígua em relação ao movimento comunista em sua trajetória, tendo chegado a proteger certos comunistas na Bahia durante o Estado Novo.<sup>512</sup> O estudioso demonstrou, que a sua condescendência com comunistas estava relacionada a certos laços de amizade e parentesco. Além disto, esteve relacionada a acomodações realizadas na política da Bahia nos anos 1930.

Juraci Magalhães se fez conhecido, no entanto, pelo seu virulento anticomunismo, especialmente, pela sua atuação no Estado Novo. Quando deputado federal, votou a favor da cassação dos mandatos dos parlamentares do PCB. Algo que de fato ocorreu, com a cassação inclusive, de Jorge Amado, na época, deputado federal, e por isto era visto pelos comunistas como inimigo.<sup>513</sup>

Na mesma conjuntura que Juraci chegou ao auge da repressão contra os legalistas, jornais da Bahia publicaram telegrama de Jorge Amado ao governador, seu amigo, insistindo para que este aceitasse, caso fosse convidado, o cargo de primeiro ministro.<sup>514</sup> De acordo com o escritor, no telegrama, a presença de Juraci Magalhães à frente do conselho de ministros “seria a garantia do regime democrático e da paz interna”.<sup>515</sup>

---

<sup>512</sup> Cf. LIMA, Aruã Silva de. *Uma democracia contra o povo: Juraci Magalhães, Otávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1927 – 1946)*. Feira de Santana, 2009. Dissertação (Mestrado em história) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2009.

<sup>513</sup> Cf. JORGE Amado atacado pelos comunistas. *Folha do Norte*. Belém, 15 out. 1961a.

<sup>514</sup> Cf. TELEGRAMA de Jorge Amado a JM. *Jornal da Bahia*. Salvador, 06 set. 1961.

<sup>515</sup> AMADO, Jorge apud CHOCANTE, 1961.

A reação imediata de *Novos Rumos*, na mesma edição em que denunciava as arbitrariedades cometidas pelo governo de Juraci Magalhães, foi veicular artigo crítico ao posicionamento do romancista. Dizendo ser aquela uma “Chocante atitude de Jorge Amado”<sup>516</sup>, pois durante muito tempo identificou-se com as lutas do povo brasileiro e em defesa da democracia, o texto sugeriu que a exaltação de Juraci Magalhães por Jorge Amado teria motivações pessoais. Ao tomar tal postura em favor do governador da Bahia, o escritor teria passado, no entanto, de defensor da liberdade à condição de sombrio de louvador de um golpista e espancador do povo.<sup>517</sup>

O jornal informou ainda que somente o marechal Denys e “o espancador” Carvalho Pinto, aos quais se associou “a voz solitária do acadêmico Jorge Amado”, pediram a indicação de Juraci para primeiro-ministro, algo que não aconteceu, já que a chefia do Conselho foi assumida por Tancredo Neves.<sup>518</sup> Ao citar este aspecto, o artigo tendeu, então, a ratificar o posicionamento do escritor nesta crise ao lado dos golpistas, já que nenhum outro indivíduo identificado com a defesa da democracia haveria apoiado Juraci. Como consequência, vários jornais noticiaram o ataque sofrido por Jorge no semanário *Novos Rumos*, além de afirmarem que o episódio resultou na expulsão do escritor do Partido.<sup>519</sup>

Se, por um lado, o apoio de Jorge a Juraci foi criticado, ao se coadunar com a violência e a arbitrariedade, por outro, foi compreendido de maneira positiva justamente por se mostrar ao lado da paz e da concórdia:

O novo rumor dá conta de que Jorge Amado desviou-se da política ideológica do Partido. O crime de Jorge Amado foi ter desejado, segundo a imprensa vermelha, paz e concórdia à família brasileira, num momento em que o país estava sendo empurrado

---

<sup>516</sup> Cf. Ibid.

<sup>517</sup> Cf. Ibid.

<sup>518</sup> Cf. Ibid.

<sup>519</sup> Dentre os jornais que dão por “praticamente consumada” esta expulsão estão: JORGE, 1961a e JORGE, 1961d. Estes e outros dizem que o autor caiu no “index” do PC, ou que “caiu em desgraça”, ou que “comunistas ‘queimam’ Jorge Amado”, expressões que podem ainda ser encontradas em: COMUNISTAS ‘queimam’ Jorge Amado. *Tribuna do Ceará*. Fortaleza. 05 set. 1961; JORGE, 1961b.

para um abismo da guerra civil que, se deflagrada, só poderia trazer proveito aos comunistas.<sup>520</sup>

O trecho acima, extraído do jornal *Correio da Paraíba*, revelou como a polêmica instaurada em torno do escritor foi utilizada como forma de defesa ou de crítica às manifestações populares e à ação dos governantes naquele contexto. Para setores mais conservadores, bem como aqueles representados pelo *Correio da Paraíba*, o acirramento das manifestações populares era favorável aos comunistas que almejavam o agravamento do conflito de classes como forma de desencadear a revolução. Compreensão esta que se manteve no imaginário a respeito do movimento das esquerdas, mesmo que, naquele momento, o Partido Comunista houvesse abandonado a “via insurrecional” como o único caminho para se chegar ao socialismo.

Outra matéria que tratou da perseguição sofrida pelo escritor foi aquela sob o título “PC perde o Amado”<sup>521</sup>, da revista *Fatos e Fotos*. A revista destacou que além de *Novos Rumos*, o autor também sofreu críticas de outro órgão comunista, a *Revista Brasiliense*, não só pelo seu apoio a Juraci como também pelo seu afastamento das posições partidárias.

Além do episódio envolvendo Juraci, o artigo apontou outros aspectos da trajetória de Jorge Amado, desde seu afastamento do PCB, para demonstrar como foi ocorrendo o seu desligamento em relação ao Partido. Elencou, dentre outros aspectos, a entrada do autor na ABL, tendo sido apadrinhado por João Neves da Fontoura, que, anos antes, como Ministro do Exterior, comandou uma campanha contra sua volta ao Brasil. Outro ponto destacado foi o apoio de Jorge, durante a crise política instaurada com a renúncia de Jânio, à atuação do jornalista Ascendino Leite à frente do Serviço de Censura da Guanabara, confortando-o através de telefonemas diários.

---

<sup>520</sup> Cf. JORGE, 1961d.

<sup>521</sup> PC perde o Amado. *Fatos e Fotos*. Brasília, 28 abr. 1962.

O texto pretendeu demonstrar assim que o escritor havia rompido definitivamente “com todos os antigos vínculos para incorporar-se à democracia ocidental”<sup>522</sup>, o que significava “uma guinada de 180 graus em suas convicções com seu brado de guerra contra o comunismo, a literatura dirigida e sua adesão às hostes janistas”.<sup>523</sup>

Em termos literários, a revista apontou que este “rompimento” acabaria por reduzir consideravelmente as possibilidades de que as obras do escritor fossem reeditadas nos países comunistas. Apesar de afirmar que Jorge ainda não teria seu talento negado pelos comunistas, assim como ocorreu com outros escritores, o seu novo posicionamento, os teria estimulado a acusarem-no de ter liquidado dois órgãos do PC: o periódico *Paratodos* e a Associação Brasileira de Escritores (ABDE), que teriam decaído até se extinguirem sob sua direção.

A matéria foi repudiada pelo romancista, bem como noticiou o *Diário de notícias* que em nota afirmou que, em conversa com o repórter do jornal, Jorge se mostrou revoltado com a reportagem publicada pela *Fatos e Fotos* a seu respeito. Ele a teria classificado como “revoltante, irresponsável, mentirosa e sem sentido”<sup>524</sup> e dito que a revista deturpou deliberadamente os fatos, pois “todo o país sabe que a sua posição política é a mesma, embora desde 1955 esteja desligado do Partido Comunista”.<sup>525</sup>

Quanto ao episódio envolvendo o governador da Bahia, Jorge Amado afirmou em entrevista ao jornal *Binômio da Semana*, que apenas enviou um telegrama ao governador Juraci e que “entre mandar um telegrama e apoiar um esquema golpista vai uma distância muito grande”.<sup>526</sup> O telegrama, ao contrário do que teriam sugerido os redatores de *Novos Rumos*, confirmaria, segundo Jorge, a sua posição ao lado da paz e da concórdia, preferindo a via da

---

<sup>522</sup> Ibid.

<sup>523</sup> Ibid.

<sup>524</sup> AMADO, Jorge apud FERNANDES, Hélio. Em primeira mão. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 24 abr. 1962. Coluna: Fatos e Rumores, p.5.

<sup>525</sup> Ibid.

<sup>526</sup> AMADO, Jorge apud BELLUCO, 1961.

legalidade a da guerra.<sup>527</sup> Disse ainda não ser “culpado pela burrice dos redatores de *Novos Rumos*”<sup>528</sup> e ainda que “se o artigo foi feito com seriedade, mesmo assim o autor partiu de posições estreitas e dogmáticas”.<sup>529</sup>

A entrevista do escritor alimentou outros ataques de *Novos Rumos* que em resposta publicou nota afirmando:

[...] Jorge Amado faz questão, entretanto, de esclarecer, que não se tratava de um simples episódio, mas que a democracia pela qual ele hoje se bate é mesmo a do sr. Juraci Magalhães, com seu terror e os seus cães amestrados. E isso já não é triste, é desprezível.<sup>530</sup>

O apoio de Jorge Amado a Juraci Magalhães pareceu ter motivações de fundo pessoal, personalista e também ligada à identidade baiana. Afinal, Juraci, governador da Bahia, era amigo pessoal dele. Poucos meses antes da crise política, por ocasião da eleição do escritor para a ABL, Juraci havia saudado o romancista e organizado grande homenagem para o ilustre baiano. Vários jornais noticiaram o almoço dedicado a Jorge no Palácio da Aclamação, evento no qual estiveram presentes diversas personalidades do mundo intelectual baiano além de várias autoridades políticas.<sup>531</sup>

Acreditamos, tal como argumentou o escritor, que entre mandar o telegrama e apoiar o esquema golpista havia uma grande distância, mas está claro que a postura tomada pelo escritor foi independente, autônoma daquela valorizada entre os comunistas. O autor parecia se conformar naquele momento com a ideia do parlamentarismo, que já era uma realidade. A pessoa, para ele, que deveria assumir na prática, a chefia da nação através do cargo de primeiro ministro, certamente seria aquela em que depositava a maior confiança, figura da qual estava

---

<sup>527</sup> Ibid.

<sup>528</sup> Ibid.

<sup>529</sup> Ibid.

<sup>530</sup> JORGE Amado, os ‘burros’ de NR e os cães de Juraci. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 13 out. 1961f.

<sup>531</sup>Cf. JM oferece almoço a Jorge hoje: homenagem. *Diário de Notícias*. Salvador, 14 mai. 1961; ENEIDA Jorge Amado em Salvador. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 17 mai. 1961. Coluna: Encontro Matinal; JORGE Amado homenageado na Bahia. *A Gazeta*. São Paulo: 05 jun. 1961.

próximo, compartilhando certa identidade. Podemos cogitar que as relações interpessoais entre Jorge e Juraci favoreceram então a atitude do escritor, mas não esclarecem a intencionalidade política por trás do gesto.

Não é possível afirmar que o escritor concordasse com a repressão empreendida pelo governo de Juraci. O artigo crítico à postura de Jorge Amado foi escrito ao mesmo tempo em que chegavam notícias à redação de *Novos Rumos* quanto às arbitrariedades cometidas pelo governador da Bahia.<sup>532</sup> O autor também não comentou o triste episódio em sua entrevista ao jornal *Binômio* limitando-se a defender a si mesmo e não a Juraci e seu governo. Atitude diferente do que fez, na mesma entrevista, em relação ao governo de Jânio Quadros, classificado pelo autor como “o mais importante da história do Brasil”.<sup>533</sup>

Ao que nos parece o autor realmente acreditava, pelo menos até certo momento, que, ao assumir a chefia do Conselho de Ministros, o governador garantiria a ordem democrática, a paz e a conciliação entre as forças em conflito, e que esta era a melhor solução naquele momento. Isto não significa que ele apoiava as forças golpistas, a violência e as arbitrariedades que foram cometidas contra os “legalistas”. Paira ainda a dúvida se o escritor teria esta mesma atitude se ela não tivesse sido tomada antes e sim após a violenta repressão empreendida pelo governador da Bahia.

O modo como o romancista interpretava aquele novo contexto não era, entretanto, tão distinto da visão dos comunistas. Para ele a crise político-militar havia terminado em um empate, o que poderia significar que não terminou já que os problemas continuavam. Questionado a respeito da capacidade do atual governo, resultante de um acordo entre forças que até se opunham, em resolver aqueles problemas, Jorge Amado afirmou: “Tenho as minhas dúvidas. Penso que as próximas eleições parlamentares adquirem uma importância imensa. É

---

<sup>532</sup> JORGE, 1961f.

<sup>533</sup> AMADO, apud BELLUCO, 1961.

necessário que o povo eleja um parlamento realmente nacionalista, capaz de formar um governo disposto a resolver os nossos problemas básicos”.<sup>534</sup>

Esta declaração sugeriu que, apesar de firmar seu posicionamento ao lado da paz e da concórdia, Jorge não acreditava firmemente que a conciliação fosse a solução para os problemas político-sociais enfrentados naquela conjuntura. Talvez acreditasse que fosse um paliativo. Ele revelou antes, a sua crença nas eleições parlamentares e o seu desejo em ver eleitos políticos comprometidos com o nacionalismo.

Em outra entrevista, o autor esclareceu quais os principais problemas identificados por ele naquele contexto e em que soluções políticas acreditava. Dizendo quebrar o silêncio de Jorge Amado, o jornal *Diário de Minas* veiculou uma matéria que trazia em destaque a frase do escritor “crise não acabou: o que existe no Brasil é a luta contra o subdesenvolvimento”.<sup>535</sup>

Nesta matéria, o autor deixou explícito que continuava acreditando no socialismo como caminho a ser seguido, porém fez importantes ressalvas:

- “A situação do País, no momento, é de dúvida entre definir-se para o socialismo, que mais cedo ou mais tarde, como determinismo histórico mesmo virá ou para um desenvolvimento industrial, em bases capitalistas, preconizado pela parte mais evoluída da burguesia”.

“Não creio – declarou o autor de “Gabriela” – possa o Brasil encaminhar-se, atualmente, para o socialismo, mesmo porque há, no momento, uma identidade entre a burguesia progressista e os operários, visando unicamente o desenvolvimento do País, a sua fuga da miséria, sem uma definição ideológica.”<sup>536</sup>

Mais do que uma avaliação da conjuntura, Jorge revelou nesta entrevista que se punha ao lado da perspectiva *etapista* que fora assumida pelos PCs de diferentes países e, no caso do PCB, especialmente através da Declaração de Março de 1958. De acordo com esta tendência, a revolução proletária se mantinha no horizonte, mas a etapa da revolução burguesa deveria ser

---

<sup>534</sup> Ibid.

<sup>535</sup> CRISE não acabou: o que existe no Brasil é a luta contra o subdesenvolvimento. *Diário de Minas*. Belo Horizonte, 30 set. 1961.

<sup>536</sup> Ibid.

ultrapassada primeiro. Neste sentido, defendia a aliança com a burguesia progressista como caminho, primeiramente, para o desenvolvimento. Para Jorge, Jânio Quadros havia representado este setor da burguesia que desejava ver a ascensão do país, livre do domínio de qualquer outro.

Segundo o autor, apesar de as forças reacionárias, que dominavam o poder, terem impedido o ex-presidente de continuar o seu programa, era possível que, mais tarde, a definição viesse de qualquer modo, “quer pela força, quer pela compreensão das classes dirigentes, pois a crise gerada por esse desejo de definição não cessou e não é possível enganar-se o tempo todo”.<sup>537</sup> Com isto, Jorge parecia querer dizer que o novo governo, formado por correntes até mesmo antagônicas, não solucionaria a crise e também não poderia evitar que o movimento pela solução acontecesse, quer por vias legais ou não, pacíficas ou violentas.

Ele entendia que o que estava acontecendo era um equilíbrio de forças “entre os que querem o desenvolvimento representados pelos socialistas, burgueses esclarecidos e alguns industriais da média burguesia e os reacionários estratificados no poder”.<sup>538</sup> Por este motivo, afirmou não conseguir prever qual seria a definição encontrada em breve pelos brasileiros: o socialismo, assim como Cuba, ou o desenvolvimento industrial em bases capitalistas. Para ele, Cuba se definiu pelo comunismo unicamente pela incompreensão do Ocidente de seu problema. Assim, mesmo crendo na ideia *etapista* da revolução, pareceu não descartar que uma revolução socialista pudesse ser gerada a partir do contexto de insatisfação e busca por uma definição.

Jorge Amado foi ainda estimulado a falar nesta conversa sobre outro grande assunto em destaque no momento, a reforma agrária. No campo o campesinato vinha se organizando enquanto movimento social em torno das Ligas Camponesas, que tiveram como uma de suas principais lideranças, o advogado Francisco Julião. Um importante marco na trajetória das

---

<sup>537</sup> AMADO apud CRISE, 1961.

<sup>538</sup> AMADO apud CRISE, 1961.

Ligas havia sido a conquista no âmbito judicial da desapropriação do Engenho da Galileia, no município de Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, em 1959.<sup>539</sup>

Apesar desta e de algumas outras vitórias, a via jurídica se mostrou pouco eficaz. Por este motivo, um projeto de reforma agrária aliado à revolução camponesa, passou a ser defendido pela corrente encabeçada por Francisco Julião, sob influência da Revolução Cubana. Isto provocou uma cisão no seio das Ligas entre as linhas de atuação “julianistas” e aquelas traçadas pelos comunistas. De modo geral, os primeiros defendiam as teses de Reforma Agrária radical, “na Lei ou na marra”, enquanto os últimos seguiam a orientação sindical do PCB.

A estratégia do Partido era defender uma reforma agrária que deveria ser limitada a terras dos estados e de grandes propriedades incultas. Além disto, o PCB dava ênfase na construção de associações rurais sob o seu controle, na defesa, primordialmente, da sindicalização e de melhores condições de trabalho.

Já no início dos anos 1960, delineava-se, a luta armada como caminho principal a ser seguido pelas Ligas Camponesas enquanto o Partido atuava especialmente através da ULTAB (União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil) cujo objetivo era organizar trabalhadores rurais em vários estados do país com vistas a expandir organizações e sindicatos rurais sob controle direto dos comunistas.

Apesar desta divergência, a reforma agrária foi constantemente associada ao ideário socialista, especialmente pelos latifundiários que buscavam barrar o projeto. A respeito do assunto, Jorge afirmou que:

[...] a reforma agrária [...] não é de modo algum, socialismo, principalmente do modo como vem sendo feita. Quanto às ‘Ligas Camponesas’ são um protesto contra a miséria a que estão submetidos os trabalhadores do campo, embora sejam algo de

---

<sup>539</sup> Sobre a trajetória das Ligas Camponesas conferir MOTTA, Márcia; ESTEVES, Carlos Leandro. Ligas camponesas: história de uma luta desconhecida. In: MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo (Org.). *História Social do Camponato. Formas de Resistência Camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história*. São Paulo: editora UNESP, tomo II, v.2, p.243-257, 2009.

regional, mesmo porque o ´posseiro de Pernambuco não é absolutamente igual ao do Paraná.<sup>540</sup>

O autor se colocou então em defesa das Ligas Camponesas, como movimento social legítimo, e até mesmo de Francisco Julião, expressando em mais de uma ocasião, a sua admiração pela ação política de Julião. O considerava “homem honesto e de grande capacidade de luta”<sup>541</sup> e “um dos homens que tem feito algo de extremamente positivo pelo País, embora politicamente, tenha, no momento, muito menos possibilidades que Brizola por exemplo”.<sup>542</sup> Julião, no entanto, era uma das lideranças das esquerdas que chegou a recriminar Jorge pelo seu posicionamento político, reduzindo-o a “um autêntico burguês”<sup>543</sup> e escritor de pornografia.<sup>544</sup>

Além de Francisco Julião e Jacob Gorender, o autor e sua obra também sofreram restrições de críticos como Assis Brasil, do *Jornal do Brasil* e de Arnaldo Pedroso Horta, do *Estado de São Paulo*.<sup>545</sup> O posicionamento do escritor foi o de rejeitar as críticas que ele identificava como sendo pautadas por uma visão sectária. Ele também se colocou contra aquelas feitas por motivos que, para ele, nada tinham a ver com a literatura.

Não é demais reafirmarmos que a trajetória e a obra de Jorge Amado, desde o seu afastamento do Partido, não foram, no entanto, somente objeto de críticas. Para além dos prognósticos de *Fatos e Fotos* e dos ataques dirigidos por Gorender e Francisco Julião, por exemplo, o autor manteve boas relações com setores das esquerdas e também com os países socialistas. Por ocasião do seu quinquagésimo aniversário, Jorge recebeu a visita do adido cultural da embaixada soviética, Victor Sforlparov, em sua residência. Este acontecimento

---

<sup>540</sup> CRISE, op. cit.

<sup>541</sup> AMADO apud BELLUCO, 1961, p.8.

<sup>542</sup> AMADO apud CRISE, op. cit.

<sup>543</sup> CRISE, op. cit.

<sup>544</sup> Cf. BELLUCO, op. cit., p.8.

<sup>545</sup> Ibid.

gerou certa repercussão em virtude da polêmica gerada em torno do suposto rompimento do escritor em relação ao PCB, bem como destacou nota do *Correio do Ceará*.<sup>546</sup>

Como já foi dito, entre o final dos anos 1950 e início dos anos 1960, pudemos observar nos jornais que diversos artigos noticiaram, o sucesso das obras de Jorge no estrangeiro, especialmente na URSS.<sup>547</sup> Além disso, diversos intelectuais de esquerda, brasileiros e estrangeiros, expressaram a sua visão positiva em relação às recentes obras do escritor, concordando ou não com sua postura política.

Mesmo após os episódios em que se envolveu por ocasião da crise política insaturada pela renúncia de Jânio, no qual muitos criticaram seu posicionamento, o autor continuou a se envolver nos embates políticos se afirmando como escritor de esquerda, mas sem se alinhar necessariamente a projetos e partidos desta corrente. Por ocasião das eleições de 1962, por exemplo, ele explicitou seu apoio a candidatos de partidos diversos, como Fernando Santana (PSD) e Aristeu Nogueira (PSB) que concorriam na Bahia aos cargos de deputado federal e deputado estadual.<sup>548</sup> Na mesma eleição apoiou ainda para o Senado Federal o nome de Jarbas Maranhão (PSD).<sup>549</sup>

Participou de manifesto em repúdio à ameaça de agressão ao regime de Fidel Castro na chamada crise dos mísseis de 1962<sup>550</sup> e de diversos manifestos como em solidariedade à Revolução Cubana. Foi um dos organizadores do Congresso Continental de Solidariedade a Cuba, realizado no Estado da Guanabara em março de 1963. Por esta atuação, seu nome apareceu listado em artigo de jornal de título “Cuidado com eles”, que demonstrou como sua atuação permaneceu identificada como a de um perigoso comunista.<sup>551</sup>

---

<sup>546</sup> RUSSOS, 1962.

<sup>547</sup> Cf. FIGUEIREDO, 1961; JOVENS, 1961; AUTORES brasileiros na URSS: editados 1.672.000 exemplares. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 20 set. 1962.

<sup>548</sup> Cf. JORGE Amado apoia candidatos populares: Bahia. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 27 set. 1962.

<sup>549</sup> Cf. ESCRITOR Jorge Amado apoia Jarbas Maranhão. *Jornal do Comércio*. Recife, 30 set. 1962.

<sup>550</sup> INTELECTUAIS Brasileiros Repudiam a Agressão à Cuba. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro. 28 abr. 1961.

<sup>551</sup> Cf. COBERT, Leopoldo J. Cuidado com eles. *A Noite*. Rio de Janeiro, 16 fev. 1963. Coluna: Política e Economia.

Teve também uma intensa participação nos eventos políticos que independiam estritamente da sua identificação com as esquerdas, mas que envolviam por vezes sociabilidades deste rol de afinidade. Permaneceu apoiando o Congresso Mundial da Paz, que acreditava ser uma importante contribuição para a *coexistência pacífica*<sup>552</sup> dos povos em meio ao contexto de Guerra Fria<sup>553</sup>. Assinou moção de protesto contra calúnia direcionada ao editor Ênio Silveira pelo chefe da polícia militar da Guanabara, Segadas Viana. Em programa de televisão, Viana teria afirmado que a livraria Civilização Brasileira, de Ênio Silveira, fornecia passaportes falsos para enviar indivíduos a Cuba.<sup>554</sup>

Assinou manifesto em solidariedade ao governador de Pernambuco, Miguel Arraes, pela sua atuação “em defesa dos interesses do povo e da independência econômica e política da nossa pátria”.<sup>555</sup> Em outro manifesto do qual participou e que foi entregue ao presidente João Goulart, solicitou apoio do governo ao Encontro Nacional de representantes da Cultura Brasileira, cujo objetivo principal era estudar em profundidade os principais problemas da nação, debater soluções práticas para ele e dar conhecimento de suas resoluções aos dirigentes da nação.<sup>556</sup>

O escritor também se posicionou publicamente quando o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, deu uma polêmica entrevista ao jornal *Los Angeles Time*. Segundo nota dos ministros militares, Lacerda apresentou o Brasil nesta entrevista “como qualquer republiqueta subcolonial, mendigando esmolas, o nosso povo, um povo desfibrado, incapaz de orientar-se

---

<sup>552</sup> A *coexistência pacífica* foi um termo utilizado para definir a política soviética, no contexto da Guerra Fria, entre 1955 e 1984. De acordo com esta orientação os países socialistas ou de influência soviética poderiam coexistir pacificamente com os países capitalistas. Esta teoria foi contrária ao princípio de que o comunismo e o capitalismo eram antagônicos e não poderiam existir em paz.

<sup>553</sup> Cf. DE JORGE Amado ao Congresso da Paz. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 10 – 16 ago. 1962.

<sup>554</sup> Cf. REPULSA dos intelectuais à calúnia de Segadas (o do <<bicho>>). *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 25 set. 1962.

<sup>555</sup> NUMEROSOS. *Última Hora*. São Paulo, 30 mai. 1963.

<sup>556</sup> INTELECTUAIS brasileiros. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 11 jun. 1963.

sem tutelas estrangeiras, entregue a um bando de saqueadores comunistas”.<sup>557</sup> Jorge se mostrou de acordo com o posicionamento dos ministros:

[...] No presente momento, todos os atos e declarações que possam instigar intranquilidade devem ser considerados um mal ao povo brasileiro. Acho a nota dos três ministros muito boa, porque concita todos a se unirem. Só desta forma conseguiremos superar a crise atual e contribuir para o progresso do país.<sup>558</sup>

Como vemos, o autor não se privou de participar dos embates político-sociais, mesmo afastado de organizações partidárias. Buscou atuar exclusivamente como cidadão e escritor considerando a política como campo intrínseco ao seu ramo de atividade profissional:

Muitas vezes fui acusado de interessado e parcial, de escritor comprometido e limitado por esses compromissos, de escritor político e participante. Jamais tal acusação me doeu ou pesou, jamais me senti por ela ofendido. Qual escritor não é político? De mim não sei de nenhum. A própria condição de escritor é uma condição política, tão politicamente poderosa que ultrapassa a própria atuação imediata do escritor e, por vezes, a ela se opõe [...] Políticos somos todos nós, escritores, a começar por aqueles que exibem o seu horror à política, o seu nojo à participação. Ao agir assim, que estão fazendo senão assumir uma posição política, sem dúvida a mais desalentadora e triste, a de fuga da vida?<sup>559</sup>

Assim, para além do engajamento na escrita, o romancista desenvolveu um intenso papel como intelectual preocupado em refletir sobre a sociedade e os problemas de seu tempo, opinando, se opondo a discursos e práticas e buscando contribuir na elaboração de soluções. Através de sua posição como escritor, procurou refletir e influir não só nas questões próprias ao campo cultural ou nas grandes reflexões sobre a sociedade de seu tempo. Ao se comprometer com o povo do país, com a liberdade, contra o *opressor*, defendia discursos e projetos que na prática atingiam diretamente o campo político.

Quanto aos anos que antecederam ao Golpe de 1964 percebemos pelo posicionamento de Jorge Amado, pelas suas entrevistas da época e realizadas anos após aqueles acontecimentos,

<sup>557</sup> A NOTA dos ministros. *Última Hora*. Niterói, p.1, 01 out. 1963.

<sup>558</sup> AMADO apud ENTREVISTA de Lacerda causa revolta. *Última Hora*. Rio de Janeiro. 02 out. 1963.

<sup>559</sup> AMADO apud DEPOIMENTO de Jorge Amado. *Jornal da Heila*. Sá do Bandeira-Portugal, 28 dez. 1962.

que ele não era favorável à radicalização do processo. Apesar disto, entendia que mais cedo ou mais tarde poderia haver uma movimentação mais radical de setores da população para que soluções concretas fossem tomadas para se resolver a crise econômica e social que vinha se agravando, pelo menos desde o governo JK. Isto parece ter ficado sugerido na entrevista anteriormente citada, em que o autor afirmou que a definição, a solução para a crise viria “quer pela força, quer pela compreensão das classes dirigentes”<sup>560</sup>, pois a crise gerada pelo desejo de definição não havia cessado e não seria possível enganar-se o tempo todo.<sup>561</sup>

Na entrevista a Alice Raillard, feita anos após os acontecimentos observados, Jorge Amado demonstrou acreditar que juntamente com o golpe das direitas, estava sendo também planejado um golpe das esquerdas. Considerou que, se o golpe das esquerdas tivesse vingado, teria havido uma desgraça ainda maior, pois “teria sido esmagado imediatamente, e haveria uma torrente de sangue no Brasil, como houve na Indonésia”.<sup>562</sup>

O autor afirmou que o movimento comunista e das esquerdas de um modo geral, não havia feito, como não o fizeram em outros momentos da história, um estudo sério da realidade brasileira, que pudesse embasar a sua tomada do poder. Isto justificaria então os constantes fracassos do movimento. Mas não podemos dizer que, no imediato pré-golpe, o autor fizesse uma avaliação tão crítica.

Na mesma entrevista, ele se colocou como um membro das esquerdas, e indiretamente, como um culpado do fracasso de 1964. Disse que era evidente que não estavam em condições de tomar o poder, mas a direção do PCB teria chegado a essa conclusão, e eles teriam persuadido até mesmo o presidente João Goulart.<sup>563</sup> Mesmo fora do Partido, o autor revelou, assim, nesta entrevista, ainda um forte vínculo com a organização.

---

<sup>560</sup> AMADO apud CRISE, 1961.

<sup>561</sup> Ibid.

<sup>562</sup> AMADO apud RAILLARD, 1992, p.102.

<sup>563</sup> Ibid.

Sobre a relação do autor com o presidente que viria a ser deposto podemos afirmar que Jorge mantinha boas relações com os colaboradores de Jango, podendo, ele mesmo, ser um dos artistas e intelectuais que apoiavam o então presidente. Um episódio revelador, neste sentido, foi narrado por Moacir Werneck de Castro. De acordo com o intelectual, em 6 de março de 1964, uma semana antes do Comício da Central do Brasil, e 25 dias antes do golpe militar, houve uma festa em homenagem a Di Cavalcanti no apartamento do pintor. Jango era a figura central. Ele havia nomeado o artista a adido cultural em Paris. Dentre os convidados estavam Jorge Amado e Zélia Gattai. Segundo Werneck de Castro:

Jango a princípio retraído, logo se descontraíu, a conversa fluiu solta com muita animação. Mais tarde alguns de nós diria que aquele foi o baile da Ilha Fiscal do regime constitucional democrático. O êxito do golpe que se sabia estar em preparo parecia uma hipótese remota: ainda era grande a confiança no célebre “dispositivo militar” legalista. Falou-se muito em reformas de base, e lembro que Mário Pedrosa foi veemente na defesa do voto do analfabeto. Jorge Amado, Samuel e Di eram os maiores contadores de casos, que faziam Jango rir às gargalhadas.[...] <sup>564</sup>

A sua inserção em um círculo de amizade que envolvia o presidente da República, certamente era mais um aspecto que o identificava como um janguista, apesar de não termos encontrado qualquer declaração sua propriamente em favor do presidente e das reformas de base. Estes aspectos deixaram a entender que, no momento do golpe, Jorge Amado era antes considerado pelas forças reacionárias como um comunista perigoso do que um golpista de direita, como chegou a ser taxado por Jacob Gorender.

### **3.4 Posicionamento político sob a ditadura de 1964**

Para além das divergências em torno do autor e sua trajetória, pelo menos desde 1956, o fato é que o escritor, em hipótese alguma, estava prontamente a salvo dos arbítrios do regime

---

<sup>564</sup> CASTRO, Moacir Werneck de. Jango ao vivo. *Jornal do País*. Rio de Janeiro, p.8, 22-29 abr. 1984.

militar que se instaurou em 1964. Além de ter desenvolvido uma atuação político-intelectual, na maioria das vezes, identificada com os movimentos de esquerda, de se afirmar como comunista, de manter uma rede de sociabilidade que englobava comunistas e pessoas do governo, a sua obra também era vigiada pelos golpistas.

Além de o romancista ter sido censurado pela sua trajetória, pelas posições político-ideológicas que o identificavam como comunista, suas obras também foram alvo de uma censura moral, pouco tempo após o golpe de 1964.

Uma nota do jornal *Última Hora* de 1965, por exemplo, afirmou que Jorge Amado e Graciliano Ramos haviam caído no “index” do novo governo.<sup>565</sup> O professor de português da Sessão Sul do Colégio Pedro II havia comunicado aos alunos que estes escritores não figuravam entre os autores recomendados pela escola sob a alegação de que o primeiro era comunista e o segundo, comunista e imoral. A medida teria sido tomada por uma comissão de professores que, atendendo às conclusões de um IPM (Inquérito Policial Militar) elaborou uma lista de autores que seriam “permitidos”.

Mas apesar de ter desenvolvido intensa militância comunista e de ter suas obras ora identificadas com o comunismo ora classificadas como imorais, Jorge Amado não foi preso nem sequer interrogado ao longo de toda a ditadura militar. O modo como seu posicionamento se desenvolveu na prática, ao longo do regime militar, pode ser melhor compreendido se analisarmos o comportamento que desenvolveu no desenrolar dos acontecimentos que se seguiram ao golpe de 1964. Além dos recortes de jornais encontrados na Fundação Casa de Jorge Amado, utilizamos também como fonte para esta investigação os acervos de alguns jornais da época.

Fizemos um levantamento de alguns títulos disponibilizados na hemeroteca digital da Biblioteca nacional, que se encontravam em circulação entre os anos de 1964 e 1985, isto é, ao

---

<sup>565</sup> Cf. INDEX. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 25 mar. 1965.

longo de todo o período do regime militar. Em cada acervo, e de acordo com esta periodicidade, realizamos uma busca a partir da palavra-chave “Jorge Amado”. Dentre os periódicos em que foram encontradas alguma participação política do escritor, estão, Correio da Manhã, Luta Democrática, Última Hora e Jornal do Brasil.

Além da investigação sobre o próprio autor, buscamos averiguar nestes jornais, as ações e discursos que foram valorizados por aqueles que apoiavam o golpe e os que a ele se opunham. Evidenciar também em que medida havia uma zona cinzenta, o espaço entre a oposição e a colaboração. Os limites entre uma e outra forma de comportamento nem sempre estão bem definidos, especialmente quando observamos o desenrolar do processo.

Ao contrário do que se poderia supor pela ausência de estudos sobre a atuação de Jorge no período, o autor não “saiu de cena”. Continuou a intervir nos dilemas e embates políticos, apesar de ter desenvolvido, preferencialmente, um papel de destaque no campo cultural, analisado no capítulo seguinte.

Tal como veio atuando desde a sua saída do PCB, o escritor buscou opinar, defender ou criticar, a respeito de discursos, projeto e práticas políticas tanto através de ações organizadas como individuais.

#### *3.4.1 Primeiras formas de engajamento*

Uma das primeiras formas de protesto, envolvendo o escritor, contra uma postura tomada pelo novo regime foi em relação à atitude do governo brasileiro em apoiar uma intervenção armada dos EUA na República Dominicana.

A medida ia ao encontro de uma política externa, que marcou o governo Castello Branco, de alinhamento com os EUA e de colaboração com o programa da Aliança para o Progresso. Além de explicitar apoio às intervenções militares dos EUA na República

Dominicana, o governo brasileiro também cogitava a hipótese de enviar tropas para fortalecer o contingente norte-americano.

Setores progressistas da sociedade brasileira já haviam repudiado ações dos EUA contra o governo revolucionário instaurado em Cuba, destacando o direito de autodeterminação dos povos. Diante do apoio e possível envio de tropas brasileiras à República Dominicana, a reação destes grupos, dentre eles, os intelectuais, foi semelhante. Assinando nota dirigida à imprensa, Jorge Amado e diversos outros intelectuais condenaram a postura dos EUA e do governo brasileiro em relação à República Dominicana dizendo ferir fundamentos da política de cooperação continental<sup>566</sup>

Naquela conjuntura, crescia a insatisfação contra o governo recém-instaurado no Brasil. Apesar do alinhamento com os EUA e com instituições internacionais, o fluxo de capitais internacionais esperado pelo governo brasileiro não ocorreu. Assim, a política econômica não apresentou bons resultados já que não conseguiu solucionar o problema da inflação e crédito escasso, o que estimulou críticas de comerciantes e industriais que passaram a se organizar, especialmente em “frentes únicas”, para pressionar o governo.<sup>567</sup> Além disso, a intensa repressão que se instalava punha em xeque os valores liberais e democráticos com os quais o governo se dizia comprometido. A partir daí, se formou uma atmosfera de descontentamento generalizada englobando, inclusive, muitos dos que haviam apoiado o golpe.

Uma nota do jornal *Última Hora*, de fevereiro de 1965, por exemplo, noticiava um baile promovido pelo grupo teatral “Orla”.<sup>568</sup> O baile, intitulado “I Gemido dos Intelectuais” era apresentado como uma “frente única” entre a “esquerda festiva” e a “direita arrependida” tendo

---

<sup>566</sup> Cf. INTELECTUAIS são contra intervenção dos EUA no Caribe. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro. 06 mai. 1965. 1º Caderno; e DEBATE político em torno do envio de tropas a São Domingo. *Luta Democrática*. Rio de Janeiro: p.1 e 3, 06 mai. 1965.

<sup>567</sup> Quanto à frente única dos industriais e operários de São Paulo, verificar a nota FRENTE Única. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 11 mar. 1965. Sobre o manifesto dos trabalhadores do mar, subscrito pela Confederação dos Trabalhadores em Transportes Marítimos, conferir FRENTE Única Contra Preço. *Última Hora*. Rio de Janeiro: p.2, 14 abr. 1965. Coluna UH informa.

<sup>568</sup> Cf. BASTIDORES. *Última Hora*. Rio de Janeiro, p.9, 23 fev. 1965.

sido uma das muitas manifestações de descontentamento em relação ao regime que se pautaram na unidade na luta contra a ditadura.

Os intelectuais que estavam sendo perseguidos não só pelo posicionamento e atuação política contrária à ditadura, mas também pelo teor potencialmente “subversivo” de seus escritos (livros, artigos etc.), realizaram um grande manifesto. Centenas deles subscreveram uma carta dirigida ao presidente da República como forma de repúdio aos atos do governo coibindo a liberdade de expressão e de pensamento que vinham prejudicando a atividade cultural no país.<sup>569</sup> Além disto, manifestaram temor de que aquelas práticas viessem a ser institucionalizadas, tendência em relação a qual, setores oficiais já haviam se mostrado favoráveis.

O final do texto foi marcado pelo firme posicionamento do grupo quanto ao seu papel na sociedade e pela não aceitação dos arbítrios do regime, ao mesmo tempo em que exercem uma pressão sobre o mesmo:

Estamos conscientes do papel que nos cabe na sociedade brasileira e da responsabilidade que temos na representação dos sentimentos mais autênticos de nosso povo. Como desempenhar esse papel e exercer essa responsabilidade, se o direito de opinião e a divergência democrática passam a ser encarados como delito, e a criação artística como ameaça ao regime? A liberdade de expressão, o amplo debate das ideias, a crítica dos costumes sociais estão na base mesma da atividade criadora e são inalienáveis em uma sociedade de homens livres.

Sr. Presidente: Nós continuaremos a fazer a nossa parte. Continuaremos a pensar e a dizer, a criar e a mostrar, a escrever e a falar. Resta agora a sua parte de Chefe da Nação. E sua parte é precisamente garantir a nossa liberdade. Mais do que qualquer outro brasileiro, tem V. Exa. O dever de resguardar e defender a Constituição, a qual reza em seu artigo 141: “É livre a manifestação do pensamento”.<sup>570</sup>

Além de assinar o documento, Jorge Amado já havia se manifestado contrariamente às arbitrariedades que vinham sendo cometidas contra os intelectuais pelo regime. Este foi o caso, por exemplo, quando ocorreu a prisão do seu amigo e editor Ênio Silveira. Ênio havia ficado

---

<sup>569</sup> Cf. CARTA aberta ao presidente da república: intelectuais e artistas pela liberdade. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 10 ago. 1965.

<sup>570</sup> Ibid.

preso durante nove dias para depor no Inquérito Policial Militar (IPM) do Partido Comunista. Naquela ocasião, o romancista enviou carta aos organizadores de um manifesto em favor da libertação do editor pedindo que chegasse a ele a expressão de sua solidariedade naquele momento em que era “vítima de tal violência”. Na carta o autor também solicitava a inclusão de seu nome no manifesto.<sup>571</sup>

Além da organização de manifestos e frentes únicas setoriais, merece destaque a mobilização popular em torno das eleições de 1965. As eleições estaduais para aquele ano e as eleições presidenciais de 1966 haviam sido mantidas pelo regime como forma de demonstrar certo respeito aos ritos democráticos e conquistar certa legitimidade necessária ao já desgastado governo.

Naquele contexto, setores mais radicalizados da sociedade acreditavam que as incongruências do regime o levariam a uma espécie de “beco-sem-saída” e assim, o desgaste levaria o governo à única alternativa possível, as reformas da estrutura. Compartilhando daquilo que ficou conhecido como “utopia do impasse”, estes grupos organizaram a autointitulada “esquerda revolucionária” ou “nova esquerda” que vislumbrava na “tragédia da ditadura” a hipótese de se desenvolver uma autêntica revolução.<sup>572</sup>

Apesar disto, grande parcela da população depositava ainda esperanças de que as eleições pudessem representar um passo importante para o restabelecimento da democracia. Para o PCB, era importante a participação das massas no processo eleitoral para assegurar a realização de eleições livres, a posse dos eleitos e para criar condições políticas para que pudessem governar. A campanha eleitoral seria um modo de “aglutinar forças contra a ditadura,

---

<sup>571</sup> ÊNIO em liberdade processa militares. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 05 jun. 1965. 1º Caderno, p.8.

<sup>572</sup> Cf. AARÃO REIS FILHO, Daniel. *Ditadura Militar, esquerdas e sociedade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. v. 1. 84p.

desmascará-la diante das massas, conquistar postos”<sup>573</sup> que servissem para combatê-la e, afinal, derrotá-la.

Desde 1947 o PCB se mantinha na ilegalidade, apesar de nos anos 1960 ter desenvolvido uma forte campanha em torno de sua legalização envolvendo, inclusive, a mudança do nome do partido. Sendo assim, os comunistas apoiaram, nas eleições de 1965, os candidatos que representavam a oposição ao governo.

Na Guanabara, onde havia o temor da continuidade do governo de Carlos Lacerda (UDN) através de seu candidato, Carlos Otávio Flexa Ribeiro, se formou uma frente única em apoio à candidatura de Negrão de Lima (PSD), formada pelo PTB, PSD, PDC, MTR e PST,<sup>574</sup> e também com apoio dos comunistas do PCB.

Naquele contexto formou-se uma Frente Única de Intelectuais e Empresários, cujo manifesto, assinado por dezenas de intelectuais, incitou à união das massas em torno da candidatura de Negrão de Lima. O documento, divulgado em jornais, trazia a certeza de que a vitória das forças oposicionistas do Estado da GB dependia diretamente da união da população.

O manifesto explicitou ainda os motivos pelos quais a população da Guanabara deveria confiar o seu voto ao candidato da oposição:

Os pronunciamentos recentes e nítidos de Negrão de Lima comprometendo-se com a redemocratização do País através do pleno restabelecimento das liberdades, de eleições presidenciais diretas, e livres em 1966 e do cancelamento das injustiças praticadas contra inúmeros brasileiros, com a retomada do desenvolvimento econômico em termos nacionais e com a afirmação r5e o efetivo da soberania nacional, ao lado de sua reconhecida e criadora experiência com problemas administrativos da GB o recomendam ao sufrágio do povo desta cidade.<sup>575</sup>

---

<sup>573</sup> Resolução Política do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro. Mai. 1965. In: CARONE, Edgar. *O PCB (1964-1982)*. São Paulo: Difel, vol.2, p.21, 1982.

<sup>574</sup> Cf. SEIS partidos unidos no apoio a Lott. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 18 ago. 1965.

<sup>575</sup> MANIFESTO concita à união na CB. *Última Hora*. Rio de Janeiro, p.2, 23 set. 1965.

Os adeptos do manifesto acreditavam que a vitória de Negrão de Lima seria uma vitória contra a ditadura e a favor da continuação das mudanças rumo ao desenvolvimento econômico e social do país as quais estariam em curso antes do golpe.

Em declaração após tomar ciência do manifesto em seu apoio, o candidato da oposição destacou a memorável participação dos intelectuais e profissionais liberais em outro movimento, ocorrido no início daquele ano, que havia contribuído de modo decisivo para conscientizar a nação para a realização das eleições nos estados. Além disto, se mostrou favorável às principais bandeiras que vinham sendo levantadas pelos intelectuais como a defesa da legalidade, contra as perseguições policiais e o terror cultural implantados no país.

Negrão de Lima também se manifestou contrário à política econômica e à política externa do atual governo, considerando um “imperativo do desenvolvimento econômico e da soberania nacional a sustentação de uma política externa de independência que, [...] defenda intransigentemente, os princípios de autodeterminação e de não intervenção”<sup>576</sup>. Posição que também ia ao encontro de reivindicações manifestadas pelos intelectuais.

Mesmo vencedor, o governo de Negrão de Lima, que durou até 1971, não significou, naquelas condições, a vitória que se esperava em direção ao retorno à democracia. Perseguições, prisões e censuras continuaram a ser realizadas na Guanabara. Em novembro de 1965, por exemplo, ocorreu a prisão de oito intelectuais que se manifestaram contra o regime quando da instalação da Conferência da Organização dos Estados Americanos (OEA) no Hotel Glória, dentre eles Carlos Heitor Cony, Márcio Moreira Alves e Glauber Rocha.

Em junho de 1966, uma peça que estava sendo encenada pelo Teatro Experimental da Universidade Estadual de Goiás (UEG), no Rio de Janeiro, foi suspensa pelo DOPS, e a polícia apreendeu quadros de uma exposição promovida pelos alunos da UEG, considerados subversivos. Isto gerou um manifesto de intelectuais e artistas, dentre eles, Jorge Amado,

---

<sup>576</sup> LIMA, Negrão de apud NOVA Política externa é objetivo de Negrão. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 23 ago. 1965.

endereçado ao governador, no qual registraram a sua *estranheza* diante dos atos que caracterizavam “a continuação do terrorismo cultural”.<sup>577</sup>

Nos artigos de jornais da época, pudemos observar que à medida que se aproximaram as eleições presidenciais de 1966, marcadas para 3 de outubro, conforme o calendário eleitoral, houve grande pressão em torno de Castello Branco para que este revogasse o AI-2. De acordo com Daniel Aarão Reis, o presidente ainda tentou articular uma nova Constituição, uma nova Lei de Imprensa e uma nova Lei de Segurança Nacional como uma defesa jurídico-constitucional ao país. A aprovação às pressas por um Congresso limitado não conseguiu, no entanto, legitimar seus propósitos.<sup>578</sup>

Nas ruas, estudantes se mobilizavam realizando greves e protestos contra a repressão e contra o pagamento de anuidades que o governo federal objetivava implantar no ensino público universitário. Nas diversas manifestações estudantis que ocorreram no mês de setembro, o saldo da violenta ação policial contra os secundaristas e universitários foi de inúmeros presos, espancados e até mesmo baleados. Isto especialmente após grande mobilização pelo “Dia Nacional do protesto Contra Pagamento de Anuidades e Repressão”, em 21 de setembro de 1966.

Os jornais noticiaram que ao ser ampliado, o movimento estudantil tivera seu primeiro saldo trágico. Em Goiás, um cabo da PM foi morto a tiros enquanto, ao lado de seus companheiros, espancava ginásianos no bairro de Campinas, na capital do Estado, confusão que resultou ainda em dois estudantes feridos e 600 sitiados pela polícia em um colégio estadual. Na Bahia, a polícia metralhou um estudante e dissolveu duas passeatas a cassetetes.<sup>579</sup> Naquela ocasião, Jorge Amado, que estava em Salvador, divulgou nota à imprensa expressando

---

<sup>577</sup> POLÍCIA apreende quadros. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 24 jun. 1966.

<sup>578</sup> Cf. AARÃO REIS FILHO, 2000.

<sup>579</sup> Cf. ESTUDANTES vão à greve até 5ª. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: p.1,2,3,5; 20 set. 1966; ESTUDANTES ampliam protesto. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: p.1, 23 set. 1966.

a sua “solidariedade aos estudantes, vítimas da violência policial ao mesmo tempo em que havia greve geral nas universidades baianas”<sup>580</sup>.

Meses mais tarde, já no contexto do governo Costa e Silva, o escritor, mais uma vez, expressou o seu apoio ao movimento estudantil, por ocasião da morte do secundarista Edson Luís de Lima Souto, no restaurante universitário “Calabouço” em março de 1968. O episódio, que comoveu todo o país, dentre outros aspectos, por ser o primeiro assassinato político claro, serviu para acirrar os ânimos. Artistas e intelectuais manifestaram seu repúdio. Em nota divulgada no *Correio da Manhã*, Jorge Amado disse naquela ocasião:

É um ato bárbaro, absolutamente revoltante. É intolerável que continuemos a viver num clima político que possibilita o assassinato dos jovens brasileiros. Protesto contra esse crime com todas as minhas forças e a maior das indignações.<sup>581</sup>

Este evento, que provocou grande manifestação contra a repressão violenta promovida pelo regime, teve como ápice a Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro, que unificou as lutas estudantis com os protestos dos intelectuais, tendo apoio de outros setores insatisfeitos da população. A resposta do governo, no entanto, foi uma repressão desproporcional que levou os estudantes, já no segundo semestre de 1968 a certo recuo, tendo permanecido no embate contra a repressão somente os setores mais radicais.<sup>582</sup> Neste momento o regime intensificou a ofensiva em direção ao “endurecimento do regime”, cujo expoente maior na lei foi a o Ato Constitucional nº 5, de dezembro de 1968.

---

<sup>580</sup> AMADO, Jorge apud JORGE Amado solidário com baianos. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 20 set. 1966. 1º Caderno, p.2.

<sup>581</sup> AMADO, Jorge apud INTELECTUAIS e artistas solidários. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 mar. 1968.

<sup>582</sup> Cf. AARÃO REIS FILHO, 2000.

### 3.4.2 Participação em tempos de restrição e em tempos de abertura

Limitadas as formas de manifestação e enfrentamento em relação ao regime, os intelectuais não deixaram, todavia, de protestar em favor da liberdade. No âmbito internacional, ressaltamos o papel empreendido por eles na luta em defesa do princípio de autodeterminação dos povos, especialmente naquele contexto de Guerra Fria em que a disputa por áreas de influência ameaçava a soberania de muitos povos.

Além dos casos já citados, de Cuba e República Dominicana, no final dos anos 1960, alguns intelectuais também expressaram repúdio à invasão da Tchecoslováquia pelos países do Pacto de Varsóvia. Jorge Amado e o filósofo francês Jean Paul Sartre, foram dois dos intelectuais que condenaram a URSS. Para o romancista baiano, não condenar erros como aquele, cometidos em nome do socialismo, não contribuía para o desenvolvimento do próprio socialismo.<sup>583</sup> Assinalou também o direito de autodeterminação dos povos, considerado por ele o mais sagrado dos princípios.<sup>584</sup>

Fazendo uso do mesmo argumento, Jorge e outros intelectuais brasileiros buscaram se envolver no processo de descolonização da África e apoiar a soberania das nações que se tornavam independentes. Um exemplo disto foi a proposta de criação de uma comunidade afro-luso-brasileira que seria integrada pelo Brasil e pelas repúblicas recém-independentes de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Uma mensagem subscrita, dentre outros, por Jorge Amado, Glauber Rocha e Oscar Niemeyer, foi encaminhada e lida no Simpósio Cultural de Argel. Além de lembrar os laços históricos que uniam o Brasil aos povos africanos, o texto destacou:

---

<sup>583</sup> Cf. JORGE e Sartre condenam a URSS: É um crime de guerra. *Última Hora*. São Paulo: p.7, 26 ago. 1968 e BREVE diálogo com o escritor brasileiro Jorge Amado! *A União*. Lisboa: p.2 e 3; 01 abr. 1969.

<sup>584</sup> Cf. JORGE, 1968.

De agora em diante, devemos seguir livre e voluntariamente os interesses comuns do que chamamos Terceiro Mundo e avançar para a união de nossos países sobre a base da liberdade e soberania de cada um deles [...]. Os intelectuais brasileiros representam a imensa maioria de seu povo, irmão pelo sangue e pela história dos povos de Angola, Guiné e Moçambique, quando denunciam o colonialismo português.<sup>585</sup>

Este repúdio ao colonialismo português na África e a defesa da independência dos países africanos também pode ser percebida por ocasião dos acontecimentos que acabaram com meio século de ditadura em Portugal, em 1974. Além de celebrarem o fim da ditadura em si, e o fim de um período de repressão em Portugal, alguns intelectuais ressaltaram a relação daquele evento com o processo de independência das colônias africanas, bem como evidenciado pelos depoimentos dos escritores Jorge Amado, Adalberto Ortiz e Cardoso Pena.

A chamada Revolução dos Cravos, de 25 de abril de 1974, favoreceu a independência dos povos que seguiam sendo colonizados por Portugal – São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e Angola – e que conquistaram a sua independência no ano seguinte. Após estes acontecimentos, Jorge continuou envolvido com o processo de reestruturação dos países africanos. Em viagem a Angola em 1979, o autor, que havia se recusado a visitar o país enquanto este se mantivesse dominado pela ditadura salazarista, estabeleceu encontros com personalidades da cultura local, com a opinião pública angolana e homens de letras na União dos Escritores Angolanos.<sup>586</sup>

No ano seguinte, numa conferência de imprensa concedida a jornalistas senegaleses, em visita ao Senegal, ele reclamou solidariedade a Angola, em contexto em que este país sofria agressões da África do Sul.<sup>587</sup> Isto porque a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), grupo político-partidário que disputava o poder em Angola e recebia o apoio das forças armadas do regime de *apartheid*, então reinante na África do Sul, não se conformava nem com a sua derrota militar nem com a sua exclusão do sistema político. O grupo vencedor,

---

<sup>585</sup> INTELECTUAIS em Argel por união contra colônias. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 jul. 1969.

<sup>586</sup> Cf. JORGE Amado reclama solidariedade com Angola. *Jornal de Angola*. Angola, 09 nov. 1980.

<sup>587</sup> Ibid.

o Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA), que havia chegado ao poder desde a declaração de independência de Angola, adotou, em 1977, o marxismo-leninismo como doutrina. Ele estabeleceu um regime político e económico inspirado no modelo em vigor nos países do bloco socialista, isto é, um regime monopartidário e baseado numa economia estatal, de planificação central.

Naquele mesmo período, vivia-se o governo Geisel, que, segundo Daniel Aarão, não foi somente o início de um período de transição à democracia. Nele, importantes medidas foram tomadas que, em muitos aspectos, iam ao encontro de interesses sociais. No plano económico, o governo lançou o II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) com o objetivo de dar continuidade a uma autonomia semiconstruída no processo do *milagre*.

A política externa foi marcada por um “alinhamento não automático”<sup>588</sup>, isto é, com traços autonomistas. Houve o reconhecimento imediato da independência de Angola, a abertura de relações comerciais com a China, aproximação com a Comunidade Europeia, que resultou em acordo nuclear com a Alemanha, e denúncia do acordo militar com os EUA, iniciativas que explicitaram uma postura política independente por parte do governo.

No campo intelectual e artístico, se investiu em uma política de incentivo aos cursos de pós-graduação, visando ao desenvolvimento científico-tecnológico. Também surgiram agências estatais de incentivo e apoio ao desenvolvimento cultural como a Embrafilme, a Funarte e o Serviço Nacional de Teatro (SNT), e estabeleceram-se parcerias com a rede Globo. Com isto, surgiram conexões que atraíram inúmeros intelectuais em padrões semelhantes ao Estado Novo.<sup>589</sup>

Apesar desta aproximação entre intelectuais e o regime, a crítica dirigida por esse setor ao Estado não se tornou mais amena. Além dos protestos dirigidos à censura aos livros e publicações, cada vez mais os intelectuais se sentiram encorajados a denunciar os diversos tipos

---

<sup>588</sup> Cf. AARÃO REIS FILHO, 2000, s.p.

<sup>589</sup> Ibid.

de arbitrariedade cometidos pelo governo. Nas entrevistas de Jorge Amado observamos como o autor incorporou progressivamente outros tipos de denúncia à ditadura, especialmente a partir de finais dos anos 1970.

Se em entrevista de 1971 o autor se mostrou favorável ao que chamou de luta dos jovens “que conduz à libertação dos povos e do homem, que conduz a um futuro melhor”,<sup>590</sup> em 1977, explicitou ao jornal *O Estado do Pará* razões políticas para seu apoio não à luta dos jovens, de maneira genérica, mas sim ao movimento estudantil. Na ocasião, afirmou: “Sempre apoiei o movimento estudantil, pois ele luta pela redemocratização, anistia política, melhoria do nível universitário, ou seja, por coisas nobres e dignas, motivos pelos quais merece todo o meu apoio”.<sup>591</sup> Frisou ainda que sempre apoiou os estudantes e que “quem não sabe disso é um imbecil ou salafário”.<sup>592</sup>

A matéria sugeriu ainda que, apesar do escritor não medir palavras para demonstrar a sua solidariedade ao movimento estudantil, não se sentia livre para dizer aquilo. O texto demonstrou a tensão que envolveu a conversa em diferentes passagens como, por exemplo, na seguinte:

A certa altura, quando lhe foi perguntado sobre um personagem retratado em “Seara Vermelha” que teria ideias de esquerda e que este comportamento não mais se revelava em livros mais recentes, Amado vociferou: “essa afirmação é idiota e tola porque você não leu o livro”. E foi mais além levantando a suspeita de que aquela pergunta “teria sido formulada por um policial”.<sup>593</sup>

O texto destacou também certa pressa do autor que, a todo o momento, dizia estar esperando um carro que iria levá-lo para jantar e não poderia perder muito tempo. Um

---

<sup>590</sup> AMADO, Jorge apud TOMÁS, Vitor. Jorge Amado entrevistado na Baía para o Diário Popular. *Diário Popular*, 03 jun. 1971. (Pasta JA: entrevista (1970/1974). Acervo Jorge Amado. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, Bahia).

<sup>591</sup> AMADO, Jorge apud JORGE Amado apoia estudantes e anistia a presos políticos. *O Estado do Pará*. Belém: p.2, 07 jun. 1977.

<sup>592</sup> Ibid.

<sup>593</sup> Ibid.

comportamento que sugeria receio do romancista em estar sendo vigiado, o que ficou ainda mais claro quando foi indagado sobre a situação política do país. A sua reação, de acordo com a matéria, foi a de se levantar subitamente e dizer que era inteiramente a favor da anistia aos presos políticos e sair apressadamente.<sup>594</sup>

Além disso, o jornal afirmou que Jorge revelou também que suas declarações estavam sendo censuradas. Além disto, que muita coisa do que ele dizia não era publicada pela imprensa. O autor chegou a duvidar, inclusive, que o mesmo não fosse acontecer com aquela entrevista: “quero ver se você tem coragem de publicar isso”.<sup>595</sup>

A maior exposição do romancista parecia coincidir com um aceno do governo em direção à restauração da democracia, mas o aceno não era visto como uma garantia concreta, o que explica a permanência de um clima de tensão entre aqueles que se insurgiam contra o regime.

Em depoimento de Jorge ao jornal *Zero Hora* afirmou que “tudo o que signifique democracia é bom, mas precisamos das provas. Falar só não adianta”. E ainda: “mostrar que, quando se quer o diálogo, se faz coisas concretas. O presidente do Egito foi a Israel.<sup>596</sup> Se houvesse anistia aos presos políticos, seria uma coisa concreta”.<sup>597</sup> Na mesma entrevista, apontou como uma das saídas para a difícil situação em que a sociedade brasileira se encontrava, a formação de uma Constituinte.

Naquela conjuntura, encontramos, portanto, relatos do autor com avaliações mais amplas e concretas da situação política do país, seja por certa abertura à imprensa ou por um maior encorajamento do escritor. Este cenário foi considerado pelo próprio romancista em

---

<sup>594</sup> Ibid.

<sup>595</sup> Ibid.

<sup>596</sup> Após a criação do Estado de Israel no Oriente Médio em 1948, que não foi bem aceito pelos países árabes, a visita do presidente do Egito, Anwar Sadat, significou um primeiro esforço de um país árabe em reconhecer oficialmente o Estado de Israel. A iniciativa levou Anwar Sadat a receber o Nobel da Paz em 1978.

<sup>597</sup> AMADO, Jorge apud JORGE Amado chega falando em democracia e constituinte. *Zero Hora*. Porto Alegre: p.7, 22 nov. 1977.

entrevista na qual tratou da liberdade de imprensa. Na ocasião, afirmou que os brasileiros viviam em melhores condições do que em anos anteriores. Aquela seria então a razão pela qual deviam concorrer para a mudança, fazer tudo o que fosse possível: “um galho que possa ser utilizado como fator de transformação”.<sup>598</sup> Este “galho” deveria ser utilizado por todos os brasileiros “sem qualquer forma de recusa, uma vez que, através dele, poderemos conseguir os objetivos de que necessitamos para as aberturas políticas e culturais que precisamos ter”.<sup>599</sup>

Diante deste quadro de maior abertura da imprensa, o autor buscou explicitar o seu posicionamento em relação a medidas que já vinham afetando a sociedade havia alguns anos, como por exemplo o AI-5. Para ele, o ato adicional tinha características de um estado antidemocrático que reduzia consideravelmente o exercício do direito do cidadão brasileiro.<sup>600</sup> Buscou também se posicionar a respeito de embates e dilemas políticos imediatos como por exemplo a sucessão presidencial de 1978.

Naquela ocasião, uma matéria do *Correio do Ceará* veiculou trechos de uma entrevista com Jorge Amado em que o intelectual revelou a sua simpatia pela candidatura do senador José de Magalhães Pinto.<sup>601</sup> Fundador da UDN, Magalhães Pinto foi um político de posição conservadora, cuja base eleitoral se situava em MG. Ele participou ativamente da conspiração golpista que se seguiu à renúncia de Jânio Quadros em 1961 e também do golpe de 1964. Foi governador de MG entre 1960 e 1966, quando ingressou no partido da situação, o Aliança Renovadora Nacional (ARENA), deputado federal, ministro das relações exteriores, senador, presidente do Senado e ainda um dos subscritores do AI-5.<sup>602</sup>

Entender o posicionamento de Jorge tendo em vista somente estes aspectos da trajetória de Magalhães Pinto, no entanto, seria cair no risco de reduzir a complexidade em torno das

---

<sup>598</sup> AMADO, Jorge apud JORGE Amado pede abertura política e cultural no país. *Correio Braziliense*. Brasília: p.2, 10 jan. 1978.

<sup>599</sup> Ibid.

<sup>600</sup> Ibid.

<sup>601</sup> PENA Magalhães ser um candidato sem apoio. *Correio do Ceará*. Fortaleza, 14 jan. 1978.

<sup>602</sup> Cf. Biografia de Magalhães Pinto In: ABREU, 2001.

eleições de 1978 e tender a uma associação equivocada ou ao menos simplista, entre o escritor, o político e as ideias e práticas políticas que compartilhavam.

Aquela sucessão eleitoral, diferentemente das anteriores, ocorreu envolvida pelo ambiente de maior liberdade de imprensa e aceno a reformas políticas que levassem à redemocratização. O debate em torno de temas como a anistia aos presos políticos e o voto direto, por exemplo, que vieram à tona naquele momento se associaram à disputa presidencial, bem como se observou em pesquisa ao *Jornal do Brasil* entre 1977 e 1978.

Magalhães Pinto que, naquela conjuntura, ocupava o cargo de senador pela ARENA, demonstrou interesse em concorrer à presidência como candidato pelo partido governista, desejo revelado ainda no ano de 1977. Acontece que, já era sabido por todos, a existência de uma clara preferência do governo em indicar ao cargo mais um candidato militar.

O chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), João Baptista Figueiredo, aparecia como o nome mais cotado para ser indicado pelo presidente Geisel, mas isto não foi logo confirmado. Enquanto isto, a candidatura de Magalhães cresceu, recebendo apoio de setores mais liberais da ARENA que chegaram a identificá-lo como “última trincheira pela democracia”.<sup>603</sup> O significado daquela candidatura para os que a apoiaram pode ser melhor compreendido através de artigo do escritor e jornalista Carlos Castello Branco. No texto, Castello afirma:

[...] O que se passa hoje no Brasil é um esforço para voltar às origens do Movimento de 1964. O Presidente Ernesto Geisel, que representa a ortodoxia do processo, assumiu espontaneamente o compromisso de promover a distensão e não se lhe pode negar êxito parcial, que se reflete principalmente na devolução relativa da liberdade de imprensa. Em função dela é que estamos tendo a primeira sucessão presidencial debatida pelos jornais e pelos políticos e contraditoriamente decidida pela mais severa e irretocável imposição do arbítrio. A candidatura do Senador Magalhães Pinto contesta essa imposição e procura tornar-se uma trincheira de democratização. O Senador, como se sabe, é o deflagrador do Movimento de 1964 e rendeu-se ao processo dito revolucionário até a assinatura do AI-5. Sob o atual governo, assumiu a

---

<sup>603</sup> A expressão foi utilizada pelo ex-ministro Severo Gomes e repetida pelo ex-presidente Castello Branco. Cf. SEVERO vê em Magalhães a trincheira democrática. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: p.1, 13 jan. 1978 e NO REINO das contradições. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 13 jan. 1978. Coluna do Castello, p.2.

Presidência do Congresso, do alto da qual iniciou sua ação, a princípio discreta, depois ostensiva, pela aceleração da normalidade democrática.

Sua candidatura agrava as contradições do sistema, mas na verdade se tornou, senão a última trincheira, [...], pelo menos uma trincheira para fustigar o Governo e cobrar dele um comportamento condizente com os compromissos de 64 e com os compromissos do próprio Presidente.[...]

O Sr. Magalhães Pinto, que também vem das origens de 1964, quer combater esse regime aceleradamente, por identificar com mais nitidez um grau maior de insatisfação da opinião pública, do empresariado, do operariado, dos intelectuais e dos políticos.<sup>604</sup>

Além de ser um candidato civil e representar a aceleração do processo de redemocratização, Magalhães buscou o apoio popular, defendendo a realização de reformas imediatas e a participação da população nas eleições presidenciais. A sua persistência em levar a própria candidatura à Convenção Nacional da ARENA, que iria definir oficialmente o candidato do partido, foi algo que gerou grande debate, especialmente no interior do Partido. Apesar de ser compreendida pela maioria como uma atitude “quixotesca”<sup>605</sup>, havia aqueles que viam, de fato, Magalhães como o melhor candidato e aqueles que, apesar de não o apoiarem, achavam importante que ele pudesse levar a sua candidatura à convenção como sinal de uma abertura democrática do governo.

A ideia era que a sua provável derrota, e não uma traumática retirada de sua candidatura, legitimasse a vitória e o poder do candidato militar. Outros, no entanto, compreendiam que se Magalhães levasse o projeto até o fim, poderia dar margem ao aparecimento de uma crise política no Partido, uma cisão interna jamais vivenciada pelo ARENA. Para estes, seria melhor a desistência do candidato.

Por este motivo, a sua candidatura passou a ser vista por alguns arenistas como um perigo, talvez menos porque pudesse sair vencedor, e mais pelos prejuízos políticos que poderia causar ao seu partido. Diversas manobras foram então especuladas por setores da ARENA para

---

<sup>604</sup> NO REINO, 1978.

<sup>605</sup> Cf. IMPRENSA dos EUA vê indicação. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 07 jan. 1978.

inviabilizar a candidatura, que foi, dentre outros aspectos, ameaçada de ser ilegal por supostamente ter se iniciado antes do prazo previsto.<sup>606</sup>

Sem, inicialmente opinar a respeito da disputa no interior da ARENA, lideranças do partido da oposição, o MDB, destacaram, no entanto, a sua posição negativa em relação à candidatura do general Figueiredo. O senador Roberto Saturnino (MDB-RJ), por exemplo, salientou que a sua escolha poderia “perturbar o entendimento com a oposição, prejudicando, necessariamente, o projeto de distensão política preconizado pelo governo”.<sup>607</sup> De um modo geral, a oposição já considerava não só a candidatura como a eleição de Figueiredo como certa, se conformando em esperar que ele pudesse conduzir o país à normalidade democrática.<sup>608</sup>

Apesar disto, houve ainda aqueles, como é o caso do Senador Leite Chaves (MDB-PR), que defenderam a possibilidade de a oposição dar apoio ostensivo ao senador Magalhães Pinto pelo que sua candidatura representaria em termos de abertura do processo institucional, bem como uma “bandeira da democracia”.<sup>609</sup> Meses mais tarde, perdendo a indicação de Geisel e a da Convenção Nacional do ARENA a sua candidatura, Magalhães Pinto buscou se lançar pelo partido da oposição e teve significativo apoio. Mas retirou a sua candidatura antes mesmo da Convenção Nacional do MDB que indicou o nome do General Euler Bentes em agosto de 1978.<sup>610</sup> Indicação que ocorreu apesar de a maioria oposicionista ser inicialmente contra a participação do partido nas eleições indiretas à presidência da República.<sup>611</sup>

---

<sup>606</sup> Cf. GOVERNO examina se deixa ou não Magalhães ir à convenção. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: p.3, 08 jan. 1978 e INFORME JB. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: p.6, 08 jan. 1978.

<sup>607</sup> SATURNINO, Roberto apud SATURNINO acredita que Figueiredo prejudica. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 dez.1977.

<sup>608</sup> Cf. SATURNINO, op. cit. e OPOSICIONISTA considera que sucessão está consumada e espera por redemocratização. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 04 jan. 1978. 1º Caderno, p.3.

<sup>609</sup> Cf. CHAVES, Leite apud LEITE Chaves quer impedir eleição. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: p.3, 04 jan. 1978.

<sup>610</sup> Cf. MDB concorre à Presidência com Euler e Brossard. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro: p.1, 24 ago. 1978.

<sup>611</sup> Cf. MAIORIA oposicionista não quer concorrer. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 02 ago. 1978. 1º Caderno, p.3.

No início de 1978, a postura de Jorge Amado se assemelhava, portanto, à maioria da oposição. Se na prática, a candidatura de Figueiredo já era uma realidade, lamentou, somente, que ao invés de Figueiredo, Magalhães não fosse o candidato com mais apoio e que não pudesse concorrer em eleições diretas. Para ele o importante era que qualquer que fosse o presidente da República, trabalhasse no sentido de responder aos anseios da nação em relação a um sistema de governo democrático.<sup>612</sup>

Está claro que, apesar da censura, da restrição às liberdades civis, o autor buscou desenvolver sua oposição à ditadura dentro das brechas que foram sendo abertas, como por exemplo, a maior liberdade de imprensa, como meio de fortalecer as instituições democráticas. Além das críticas às arbitrariedades do regime, buscou fazer parte do jogo político, como forma de enfrentamento. Acreditava na necessidade de lutar para a obtenção de conquistas contra a ditadura, pois estas não seriam “dadas”.<sup>613</sup> Dava como exemplo a luta contra a censura prévia, encabeçada por ele e Érico Veríssimo que tinha contribuído para exercer certa pressão ao governo.

O escritor defendeu a importância das eleições de 1978 para diferentes cargos legislativos. Assim como em 1974, o processo sucessório de 1978 foi realizado pelo governo de Ernesto Geisel sob a égide de uma abertura “lenta, gradual e segura” e em nome desse objetivo o chefe da nação impôs um conjunto de regras para assegurar a maioria no pleito de 15 de novembro reunidas no chamado “Pacote de Abril”, baixado em 1977. O pacote manteve as eleições indiretas para governador de estado. Para assegurar maioria à ARENA no Congresso Nacional, criou o senador biônico e ampliou a bancada dos estados menos populosos na Câmara dos Deputados.

---

<sup>612</sup> Cf. PENA, 1978 e JORGE Amado espera o retorno da democracia com Figueiredo. *Jornal do Comércio*. Recife, 23 abr. 1978. 2º Caderno, p.4.

<sup>613</sup> Cf. JORGE Amado homenageado no Rio. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 dez. 1974.

Os governadores e senadores biônicos foram anunciados entre maio e junho de 1978 e homologados em 1º de setembro por colégios eleitorais nos estados cabendo ao eleitor escolher um terço dos senadores, os deputados federais e os deputados estaduais. Perguntado sobre aquelas eleições e sobre quais candidatos votaria, Jorge Amado explicitou a seguinte posição:

Eleições terrivelmente limitadas pelo pacote de abril, ainda assim não deixam de ser uma arma de luta contra o regime de exceção que aí está. Para que fossem realmente democráticas, as eleições deveriam ter sido precedidas da ampla anistia política que todo o país reclama, indispensável como primeiro passo para a volta do Estado de Direito, e da liberdade de organização para os partidos políticos, todos eles representativos das mais diversas correntes de opinião, medidas capazes de legitimar a eleição não de um Senado manco, com um terço de biônicos, e de Câmaras limitadas em seu poder legislativo mas a eleição de uma Assembleia Constituinte.<sup>614</sup>

Apesar de todas as limitações, defendeu, portanto, a importância daquelas eleições e apresentou os seus candidatos, justificando cada uma de suas escolhas. O autor apontou o nome de Newton Macedo Campos (MDB-BA) ao Senado, Manoel Ribeiro (MDB-BA) para deputado federal, e Domingos Leonelli (MDB-BA) para deputado estadual. A vontade de votar no primeiro o teria motivado a transferir seu título para a Bahia. Todos os candidatos selecionados, parecem que tinham em comum não só a filiação partidária como também o fato de despertarem uma admiração pessoal do escritor, pela trajetória que desenvolveram dentro ou fora da política. De um modo geral, eram pessoas engajadas no movimento estudantil, na luta contra a ditadura, contra a censura, a opressão, o “totalitarismo”.<sup>615</sup>

O autor não concordava com a lentidão do processo de transição democrática, mas entendia que cada medida tomada nesta direção era uma vitória, como por exemplo a anistia parcial que começou a ser implantada no governo Figueiredo. Para ele, a democracia no Brasil, só começaria de fato a ser instaurada mediante quatro medidas: anistia total e irrestrita,

---

<sup>614</sup> AMADO, Jorge apud JORGE Amado. *Tribuna da Bahia*. Salvador. 07 nov. 1978.

<sup>615</sup> Ibid.

liberdade de expressão, liberdade de organização para todos os partidos políticos e uma assembleia constituinte livremente eleita pelo povo.<sup>616</sup>

As diversas ações adotadas pelo governo como o “Pacote de Abril” e a Lei Falcão, que na prática acabava com a propaganda eleitoral gratuita pela TV, instrumento de divulgação de ideias e candidatos da oposição, estabilizaram o poder e permitiram a liberalização gradativa dos controles sobre a mídia, chegando ao ponto de se suspender a censura sobre a mídia em 1978.<sup>617</sup>

Naquele ambiente, houve espaço para manifestações públicas contrárias à ditadura, que não ocorriam, pelo menos desde 1968. Ainda em 1977, o movimento estudantil e a luta pela anistia reapareceram e em 1978, surgiu o movimento operário com a greve de São Bernardo, em São Paulo. Ao final de 1978, a ditadura pôs fim ao AI-5 e em agosto de 1979, a Lei da Anistia foi aprovada. Apesar disto, não havia certeza de que a ditadura caminhava para o seu fim. Os aparelhos da polícia política continuavam intactos e diversas leis e decretos criados ao longo da ditadura permaneceram em vigor até a promulgação da nova Constituição, que só ocorreu em 1988. Ainda assim, iniciava-se, especialmente com a Lei da Anistia, um período de reconciliação nacional.

Verificamos que Jorge Amado deixou de lado a sua desconfiança em relação à abertura iniciada pelo governo a partir da assinatura da Lei da Anistia. Esta atitude foi reconhecida pelo escritor como mérito de Figueiredo, tal como sugeriu ao afirmar que “a mão que assinou a anistia merece ser apertada no momento que for estendida”.<sup>618</sup> A rejeição seria sectarismo e para ele, sectarismo era tolice. De modo semelhante, considerou que Geisel foi um “homem de coragem e autoridade que acabou com a tortura a presos políticos”.<sup>619</sup>

---

<sup>616</sup> Cf. JORGE Amado em Paris, fala de cinema e política. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 26 jul. 1979.

<sup>617</sup> Cf. AARÃO REIS FILHO, 2000, s.p.

<sup>618</sup> AMADO, Jorge apud MARCHI, Carlos; NOBLAT, Ricardo. Jorge Amado: ‘Sou adversário do regime mas adversários apertam-se as mãos’. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 21 jul. 1982. Caderno B.

<sup>619</sup> Ibid.

A declaração polêmica, veiculada no *Jornal do Brasil* em julho de 1982, se coadunava com a postura assumida pelo escritor ao longo de toda a sua trajetória política, mas especialmente desde meados dos anos 1950. Durante o regime militar este posicionamento talvez tenha se tornado, para alguns, ainda mais chocante em virtude da bipolarização política que caracterizou o período. Além de admitir que poderia apertar a mão do general Figueiredo, o escritor manteve contato com pessoas ligadas ao regime, bem como apontou em *Navegação de Cabotagem*. Indivíduos como Wilson Lins e Adonias Filho por exemplo, que, além de políticos, eram também intelectuais.

Assim como foi dito no capítulo anterior, Wilson Lins, amigo de longa data do escritor, se pôs a sua disposição logo após o golpe de 1964, caso este precisasse de sua intervenção.<sup>620</sup> Em *Navegação de Cabotagem*, o autor afirmou que Wilson, de fato, nunca falhou, como, por exemplo, na ocasião em que o filho do escritor, João Jorge, foi preso durante vigília universitária contra o regime militar, juntamente, com centenas de outros estudantes.<sup>621</sup>

Em entrevista a João Ubaldo Ribeiro, o autor citou a amizade com Wilson Lins e Adonias Filho para exemplificar a sua rede de amizades com pessoas que apoiaram o regime:

O Adonias Filho, por exemplo: nós somos amigos desde o tempo de colégio interno. Sempre discordamos politicamente e sempre fomos amigos. Fui recebê-lo na Academia...aliás, o que mostra, da parte dele, uma certa grandeza. Ele foi eleito pra Academia (Brasileira de Letras), já depois do golpe de 64, o golpe militar. Ele é um homem de grande influência e importância dentro desse golpe, e ele escolheu a mim para recebê-lo. Fui eu quem o recebeu na Academia...

JOÃO [Ubaldo] – Ele anistiu você... antecipando a anistia.

JORGE – Antecipando a anistia (rindo), foi o primeiro gesto de anistia. Aliás, o Adonias lutou pra tirar gente da cadeia ai, né? Tirou um bocado de gente...Tem um pessoal muito direito neste particular: o Adonias, o Wilson Lins, aqui na Bahia. Um bocado de gente que eu não me recordo. Ariovaldo, por exemplo: eu tava por acaso em casa de Wilson quando chegou a notícia que Ariovaldo tinha sido preso pelos milicos aí. E o Wilson saiu feito doido, desembestado para chegar no quartel antes deles chegarem com Ariovaldo, com medo que..Ariovaldo era um bocado mal visto, não é? E ele (Wilson Lins) chegou lá. Quando Ariovaldo chegou, ele já tava lá, e amansou a barra, né?<sup>622</sup>

<sup>620</sup> Cf. AMADO, 1992, p.23.

<sup>621</sup> Ibid, p.115.

<sup>622</sup> AMADO, Jorge apud PODEROSO é o povo. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 04 fev. 1979.

Além de estas amizades serem anteriores ao próprio regime, o autor parece justificar a manutenção dos laços com estes personagens, pela participação deles, e de outros ligados ao governo, em episódios nos quais agiram contra arbitrariedades do regime, ao menos no que diz respeito à rede de amizades à qual pertenciam. Muitas vezes, esta rede estava relacionada a uma identidade baiana, que também engloba o caso da amizade de Jorge Amado com Antônio Carlos Magalhães (ACM), deputado federal, prefeito de Salvador e governador da Bahia por duas vezes durante a ditadura.

O romancista chegou a contribuir no projeto de revitalização do Pelourinho no primeiro mandato de ACM no governo da Bahia, no início dos anos 1970<sup>623</sup>, sendo entusiasta da política cultural do governador. A participação destas pessoas no governo não era, portanto, motivo de desavença. Jorge explicava da seguinte forma:

[...]Para mim, o homem que pensa diferentemente de mim, política ou literariamente, ou o que seja, é meu adversário naquele campo, mas não meu inimigo né? Também se você tem o mesmo pensamento político, você é meu correligionário, poderá ser meu amigo ou não. É uma outra coisa né? Não é problema da relação pessoal comigo, ela é sempre independente...Eu sempre tive muitos amigos que pensam diametralmente opostas ao meu pensamento. [...]<sup>624</sup>

Este posicionamento parece ter ainda se fortalecido após a saída do escritor do PCB quando ele abraçou a bandeira do anti-sectarismo, isto é, contra a intolerância e intransigência entre diferentes formas de agir e pensar. Além de respeito, defendia também a possibilidade de troca de saberes e experiências entre vertentes políticas adversárias.

Isto marcou também sua postura política ao final do regime militar. Para Jorge Amado, o processo de abertura teria unido diferentes correntes políticas em torno de um objetivo maior que era o fim da ditadura com a instauração da democracia, e assim o sectarismo teria sido

---

<sup>623</sup> Cf. AMADO, 1992, p.453-460.

<sup>624</sup> AMADO, Jorge apud PODEROSO, 1979.

amenizado. A divisão entre esquerda e direita, opositoristas e governistas era então errada. A divisão correta, para ele, era entre aqueles que queriam a democracia e aqueles que queriam a continuidade do sistema ditatorial, posições presentes tanto no governo como na oposição.<sup>625</sup>

Apesar de suas ambiguidades, lutando contra a ditadura e, ao mesmo tempo, contribuindo para o governo de um defensor dela, por exemplo, a avaliação do escritor quanto ao cenário político e seu modo de se relacionar naquele âmbito foram vistos de maneira positiva por alguns de seus contemporâneos. Este foi o caso do escritor e presidente da ABL, Austregésilo de Athayde<sup>626</sup>, e do escritor Antônio Alçada Baptista<sup>627</sup>, que, após a polêmica afirmação do romancista sobre o aperto de mão a Figueiredo, declararam ser sábia a experiência política de Jorge Amado.

Guiando-se por uma sensibilidade própria, mas tendo em vista, sempre, valores e concepções comunistas, o autor dava mais valor às características dos políticos, individualmente, do que à legenda partidária à qual estavam filiados. Este aspecto ficou ainda mais claro após a instituição do pluripartidarismo, ao final de 1979 e a proximidade com as eleições de 1982. Naquela conjuntura em que se definiram os eleitos para os cargos de governador, prefeito, senador (um por estado, exceto Rondônia), deputados federais e estaduais e vereador, o escritor manifestou o seu desapego em relação a partidos na seguinte declaração: “Eu fui violentado, porque não queria votar em partidos e sim em candidatos – queria fazer uma chapa eclética”.<sup>628</sup> Referia-se ao fato de que, naquele pleito valeu o “voto vinculado”: o eleitor teve que escolher candidatos de um mesmo partido para todos os cargos em disputa, sob pena de anular seu voto. O governo foi representado pelo PDS e a oposição pelo PMDB, PDT, PTB e PT. Mais tarde o escritor confirmou, em seus apontamentos de memórias, o seu voto no PT,

---

<sup>625</sup> AMADO, Jorge apud MARCHI; NOBLAT, 1982.

<sup>626</sup> A SÁBIA experiência política de Jorge Amado. *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 22 jul. 1982.

<sup>627</sup> JORGE Amado e a verdade na política. *A Tarde*. Lisboa, 13 set. 1982.

<sup>628</sup> AMADO, Jorge apud JORGE Amado: Só o PT é novidade. *Correio Brasiliense*. Brasília: p.1, 20 jul. 1982.

que viu inicialmente com certo entusiasmo, mas depois considerou se tratar de mais um partido sectário:

Ah! O bode perde o pelo mas não perde o ranço, ao saber da fundação do PT bati palmas, veemente, tomado de entusiasmo, rasguei elogios nas colunas dos jornais, congratulei-me com Eduardo Suplici. A ilusão durou pouco, logo o PT virou frente de grupelhos e de siglas radicais, os mesmos subintelectuais do pecê (acrescidos dos padres corajosos e sectários da teologia da libertação, sob o comando de ex-dirigentes stalinistas e maoístas que perderam toda e qualquer perspectiva política, já não acreditam em nada: são apenas aproveitadores. O PT ficou igual a qualquer dos antigos partidos operários, a qualquer dos partidos brasileiros, um saco de gatos.<sup>629</sup>

Apesar da restrição estabelecida pelo “voto vinculado”, o escritor buscou explicitar, naquelas eleições, o apoio a candidatos de partidos distintos, nem sempre da oposição. Apoiou, por exemplo, a candidatura de Clériston Andrade, do PSD, antigo ARENA, para o governo da Bahia<sup>630</sup> e a Raymundo Sá Barreto, do PMDB, originário do MDB, para a prefeitura de Ilhéus.<sup>631</sup>

Para o pleito à presidência, que ocorreu em 1985, Jorge Amado foi um grande incentivador das eleições diretas.<sup>632</sup> Inicialmente, declarou, ainda no ano de 1983, que o seu candidato à presidência seria o escritor Carlos Drummond de Andrade, buscando, talvez lançar uma campanha pela sua candidatura. Alegou que “todo escritor é um ser político”<sup>633</sup>, mas a campanha não vingou. Saudou, entretanto, a candidatura do então governador de MG, Tancredo Neves, à presidência<sup>634</sup> por achá-lo um “liberal” e o único que poderia garantir a nova Constituição brasileira.<sup>635</sup>

---

<sup>629</sup> AMADO, 1992, p.32.

<sup>630</sup> Cf. CLÉRISTON diz-se honrado com apoio de Amado. *A Tarde*, Salvador, 01 out. 1982.

<sup>631</sup> Cf. JORGE Amado apoia Raymundo Sá Barreto na sucessão em Ilhéus. *Tribuna da Bahia*. Salvador: p.3, 2 out. 1982.

<sup>632</sup> Cf. SE NÃO FOR DIRETA, fica esquisito. *Jornal de Brasília*. Brasília, 18 nov. 1983.

<sup>633</sup> AMADO, Jorge apud OS ARTISTAS e as diretas. *Jornal de Brasília*. Brasília, 19 nov. 1983.

<sup>634</sup> Cf. TELEGRAMA. *O Globo*. Rio de Janeiro, 02 ago. 1984.

<sup>635</sup> Cf. JORGE Amado define seu apoio a Tancredo. *A Tarde*. Salvador: p.7, 28 set. 1984.

Foi entusiasta da Aliança Liberal, uma coligação entre o PMDB e dissidentes do PDS em torno da candidatura de Tancredo, tendo congratulado Antônio Carlos Magalhães quando este se uniu à Aliança.<sup>636</sup> Por outro lado, foi um ferrenho crítico do candidato do governo, Paulo Maluf, chegando a ameaçar deixar definitivamente o Brasil caso Maluf saísse vitorioso.<sup>637</sup> Segundo ele:

O candidato do PDS, deputado Paulo Maluf, representa todos os valores contrários aos valores de Tancredo Neves. Enquanto Tancredo representa a esperança de um Brasil democrático, onde todos terão liberdade de ação para defenderem suas ideias políticas, Maluf representa o continuísmo do autoritarismo que está no poder há 20 anos.<sup>638</sup>

Uma vez estabelecido o caráter indireto daquelas eleições, o escritor atentou para o risco da corrupção e convocou o povo a participar mais da sucessão.<sup>639</sup> Tancredo saiu vitorioso, mas, como sabemos, não chegou a assumir o poder, tendo falecido antes. O seu vice-presidente, José Sarney, presidente do antigo ARENA e presidente do recém-criado PDS, se tornou o primeiro presidente civil após a ditadura.

Jorge Amado participou ativamente junto ao governo de Sarney, de quem era amigo pessoal, tanto no âmbito cultural como na esfera diplomática. Assim como relatou em *Navegação de Cabotagem* e como os depoimentos de memória analisados no primeiro capítulo revelaram, o intelectual estabeleceu e estimulou contatos político-culturais entre o Brasil e outras nações durante o governo de Sarney. Além disto, continuou a opinar e a intervir nos embates e dilemas políticos sempre que julgou necessário. Ele permaneceu seguindo um posicionamento político independente, afirmando-se como comunista, mas sem se orientar por escolas ou partidos.

---

<sup>636</sup> Cf. BEM-VINDO. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 18 ago. 1984.

<sup>637</sup> Cf. ÊXODO. *O Globo*. Rio de Janeiro, 28 ago. 1984.

<sup>638</sup> JORGE Amado pede uma nova Constituição. *Jornal de Brasília*. Brasília, 21 nov. 1984. Caderno: política, p.5.

<sup>639</sup> Cf. JORGE, 1984b.

As múltiplas facetas atribuídas ao escritor desde meados dos anos 1950 revelaram uma identidade complexa que foi sendo construída pelo autor e que se relacionava com um novo tipo de relação por ele estabelecida com a esfera política.

Buscamos mostrar neste capítulo que a sua saída do PCB não significou um isolamento seu em relação ao campo político, tal como indicaram alguns relatos, ou como sugere a ausência deles. O escritor participou dos principais embates políticos de seu tempo atuando simplesmente como cidadão. Apesar disto, fez farto uso de sua posição de fora do campo político, da sua fama e da sua credibilidade, para proferir discursos que fossem ao mesmo tempo autorizados e carismáticos, ampliando o alcance de suas ideias, críticas e projetos.

Ao longo do regime militar, Jorge Amado não defendeu ações nem proferiu discursos que pregassem a tomada do poder pelos comunistas, tanto interna como externamente, apesar de ver com simpatia a escalada do socialismo em Angola, por exemplo. Acreditava que cada nação deveria construir o seu próprio caminho, mas este caminho deveria partir necessariamente da vontade das massas e não de grupos ou partidos. Isto não significava que não acreditasse mais no socialismo. Para ele, o socialismo viria para todos, mais dia menos dia:

Sou pelo socialismo e contra o capitalismo. O socialismo significa a evolução do homem, a marcha do homem para adiante e é inevitável. Não depende de você, nem de mim, nem de Prestes, nem do general do SNI. É inevitável para a melhoria de vida do homem. Mas sou pelo socialismo com liberdade.<sup>640</sup>

Parecia acreditar que todas as experiências socialistas no mundo tiveram o seu papel no avanço do socialismo, mas achava indispensável a revisão dos erros para que o projeto político-ideológico avançasse. Certamente por identificar vícios nos governos socialistas que existiram, não conseguia eleger um modelo de socialismo. Para ele o socialismo ainda era uma utopia pensada da seguinte maneira:

---

<sup>640</sup> AMADO, Jorge apud MARCHI; NOBLAT, 1982.

[...] Eu desejo uma coisa um pouco, talvez, de sonho: eu desejaria um socialismo onde o homem tivesse liberdade, onde o escritor não fosse obrigado a escrever aquilo que o dirigente ou o chefe de estado quer que escreva. Onde você seja livre de dirigir, de escolher seu trabalho. Eu desejo um socialismo que talvez seja impossível neste momento. Quando eu digo há erros e vícios e até, pior do que isto, crimes nos regimes socialistas não quer dizer que seja porque eles querem. Às vezes a situação, a própria realidade faz com que seja assim, exige. Agora, nada me impede de sonhar, nada pode impedir o meu direito a sonhar, desejar um socialismo que não seja feio, nem triste, nem mau, onde não haja crueldade, nem medo, onde haja alegria, fartura e onde todos realmente têm o direito à felicidade e que não sejam punidos pelas suas ideias.<sup>641</sup>

De acordo com outra declaração de Amado, datada de 1980, ele não achava que a sua forma de pensar o socialismo coincidissem com qualquer dos partidos comunistas que existiam, apesar de sua estima e admiração por muitas das lutas e pessoas destas organizações. Ainda assim, parecia acreditar que o melhor caminho para o socialismo era o fortalecimento das estruturas democráticas, posicionamento que se assemelhou ao do próprio PCB ao longo da ditadura. Deste modo, acreditamos que, mesmo sem adotar discursos e práticas estritamente identificadas com o comunismo, o autor buscou atuar no fortalecimento da democracia como um meio de se chegar ao socialismo, num futuro que poderia ser ainda muito distante.

Seja exercendo oposição ao governo ou atuando nas nuances de uma *zona cinzenta* a sua forma de comportamento, em muitos casos, não foi isolada, tendo sido partilhada por setores expressivos da sociedade, não podendo ser ignorada. Além disto, o seu comportamento ambivalente sob a ditadura pode ser explicado pela própria relação que muitos intelectuais desenvolveram com o regime tendo em vista prioritariamente, o campo cultural.

---

<sup>641</sup> AMADO, Jorge apud FRÓES, Neusa Galli. Jorge Amado: 'O herói sempre é o povo'. *Zero Hora*. Porto Alegre: p.4,5; 24 dez. 1979.

## 4 DISCURSO E AÇÃO NO CAMPO CULTURAL

Como vimos nos capítulos anteriores, após se distanciar do PCB, Jorge Amado passou a exercer seu engajamento fora do campo político estrito senso. Ao dizer que havia se tornado político somente como escritor, entendia que o seu ofício estava intrinsecamente relacionado às disputas políticas próprias de seu tempo.<sup>642</sup> Para ele estas disputas envolviam também questões sociais, econômicas e culturais que se perpetuavam na média e longa duração e sobre as quais o autor passou a dedicar maior atenção.

Compartilhando deste ponto de vista, a abordagem proposta buscou evidenciar a participação de Jorge Amado no campo cultural considerando as interlocuções existentes entre a cultura, a política e a economia. Seguimos uma tendência nos estudos culturais que considera que a cultura não é uma dimensão inteiramente independente, apesar de ter a sua autonomia.

No debate acerca do tema, entendemos que a definição de cultura que mais nos ajuda a compreender a atuação de Jorge Amado, a partir de fins dos anos 1950, é aquela desenvolvida pelo antropólogo Marshall Sahlins<sup>643</sup>. Segundo ele a cultura abarca todas as demais dimensões sociais. Neste sentido, ela só existe como mudança (história) na relação entre estrutura e ação de maneira dialética; como dinâmica do mundo, espaço de interação e de entrecruzamento do simbólico, do econômico e do político, abrangendo, portanto, todas as tensões sociais.

Partindo do pressuposto de que a cultura é a dimensão principal de atuação dos intelectuais, desenvolveremos esta reflexão com base na noção de *campo intelectual*, elaborada por Pierre Bourdieu<sup>644</sup>. Apesar de destacar a autonomia do campo intelectual, ou a pretensão à autonomia, pois regido por leis próprias, Bourdieu não descarta o fato de que, “como produto

---

<sup>642</sup> Cf. GOMES, 1981, p.29.

<sup>643</sup> Cf. SAHLINS, Marshall. *Islands of History*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

<sup>644</sup> BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. Tradução de Rosa Maria Ribeiro da Silva. In: POUILLON, Jean (Org.). *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

de um sistema não pode se dissociar das condições históricas e sociais de sua interação”<sup>645</sup>. Uma vez conhecidas tais condições, o estudo adquire todo seu sentido porque pode captar a totalidade concreta das relações que integram o campo intelectual como sistema.

Consideramos assim que o autor não se conecta de modo direto à sociedade, nem sequer a sua classe social de origem, senão através da estrutura de um campo intelectual que funciona como mediador entre o autor e a sociedade. Por este motivo foi extremamente relevante analisar de que forma Jorge Amado tecia as suas redes de sociabilidade e de que forma se posicionava no campo intelectual. Assim, buscamos esclarecer também a influência do autor e de suas ideias na sociedade, considerando a existência de instâncias específicas de seleção e de consagração propriamente intelectuais no interior deste campo, que ajudam a formar o senso comum.

Neste sentido, privilegamos a análise de alguns dos grupos e instituições intelectuais nos quais Jorge Amado participou na conjuntura do pré-golpe e ao longo do regime militar. Este foi o caso do periódico cultural *Para Todos* (1956-1959), que circulou no Rio de Janeiro e em São Paulo, do Comando dos Trabalhadores Intelectuais (CTI), organizado em 1963, e da Academia Brasileira de Letras (ABL).

De modo semelhante, avaliamos a atuação do escritor no movimento contra a censura prévia instaurada pelo regime ditatorial. Entendendo que os intelectuais se manifestaram de maneira diferenciada sobre o assunto, destacamos algumas atuações coletivas, com destaque para aquela referente ao grupo participante do Conselho Federal de Cultura (CFC), que fazia parte da burocracia estatal.

Em um período em que Jorge Amado passou rapidamente a ser identificado como ícone e intérprete da brasilidade, foi notória a sua atuação como uma espécie de embaixador da cultura brasileira e até mesmo como diplomata. Internamente, também se envolveu com a aprovação e

---

<sup>645</sup> Ibid, p.17.

a desaprovação de projetos político-culturais. Se em 1956, estava clara a sua posição em favor do projeto de lei que retirava da polícia e entregaria ao Ministério da Educação a censura teatral e cinematográfica, em 1970 militou contra a censura prévia exercida por qualquer nível da burocracia estatal.

Partimos do princípio de que literatos e artistas em geral, ao utilizarem a sua posição de exterioridade em relação à esfera do político, podem contribuir na legitimação ou não-legitimação de certos discursos de governo, mesmo que este processo não proceda de forma direta e sempre consciente<sup>646</sup>.

Avaliamos, portanto, de que modo o projeto de identidade nacional defendido por Amado se relacionava com a política do “Brasil, cadinho de raças” do governo militar, com o movimento negro e com os movimentos culturais promovidos pelas esquerdas durante o regime.

Quanto a isto, compartilhamos da ideia defendida por Angela de Castro Gomes segundo a qual a relação dos intelectuais com regimes políticos é complexa, porque de mão dupla, cheia de possibilidades diferenciadas. Assim, é necessário considerar: 1) o “lugar” do aparelho de Estado que demanda a colaboração dos intelectuais; 2) a política implementada; 3) o tipo de participação solicitada<sup>647</sup>. Desta forma é possível estabelecer uma variada gama de aproximações, distanciamentos e negociações das partes envolvidas.

Além do caso tratado por Angela de Castro Gomes, em que os intelectuais participam da elaboração de políticas públicas, acrescentaria ainda o caso de intelectuais que, mesmo não se comprometendo com esta tarefa, exercem influência neste processo. Isto se deve ao

---

<sup>646</sup> GOMES, Angela de Castro. *Cultura política e cultura histórica no Estado Novo*. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Org). *Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.47, 2007.

<sup>647</sup> Ibid.

posicionamento destes indivíduos no interior do campo intelectual e à sua atuação no âmbito cultural, numa relação dialética deste campo com o político.

Tomando como referência o debate presente no livro *The destruction of Art: Iconoclasm and Vandalism since the French Revolution*<sup>648</sup>, sobre as noções de “iconoclastia” e “iconofilia”, podemos refletir também sobre o movimento inverso. Isto é, quando certas “imagens” produzidas ou recriadas no campo cultural são usadas politicamente ao serem associadas a formas de propaganda política, até mesmo pela relação de intelectuais com os aparelhos da burocracia do Estado ou com a política cultural do governo.<sup>649</sup>

Entretanto, devemos considerar que os movimentos artísticos, ainda que tenham sofrido influência dos regimes autoritários, tiveram vida própria. Assim, é possível observar uma grande efervescência cultural em períodos autoritários, com destaque para os anos da ditadura militar, estimulada pelo próprio regime por meio de órgãos criados no aparelho de Estado. Neste sentido, o importante é perceber que a força dos regimes autoritários, no Brasil e no mundo, não residiu somente na violência e na censura, mas também na busca de adesão por meio da arte e da propaganda, por exemplo. Isto ajuda a perceber a relação entre intelectuais e Estado, e a ação dos governos autoritários, se não de maneira mais flexível, pelo menos mais complexa.

De acordo com esta lógica, foi possível compreender como e por que Jorge Amado se beneficiou do quadro institucional montado pelo governo para o campo cultural, se

---

<sup>648</sup> GAMBONI, Dario. *The destruction of Art: Iconoclasm and Vandalism since the French Revolution*. New Haven: Yale U.P., 1997.

<sup>649</sup> O debate sobre a noção de “propaganda” que é levantado no livro de D’ALMEIDA, Fabrice. *Images et Propagande*, Paris: Casterman, 1995 é bastante enriquecedor. Isto porque torna-se possível problematizar o uso do conceito para além do que se conhece do senso comum. Esta discussão mais aprofundada revelou ser necessária como forma de compreender que existem tipos de propaganda distintos em cada contexto político, já que as formas propagandísticas irão variar de acordo com os diferentes espaços públicos, ou seja, de contextos de circulação, produção, institucionalização, etc. Assim, expressões como “propaganda oficial” e “contrapropaganda”, melhor se adequariam a regimes autoritários, uma vez que em contextos democráticos, essa aplicabilidade se dilui devido à dificuldade em se determinar o que é um discurso oficial e um, não-oficial. Sendo assim, em regimes democráticos, seria melhor falar em “comunicação política” ou “informação política”. Além disso, o conceito de propaganda seria mais apropriado a contextos de cultura de massa, onde sua eficácia estaria garantida pela diversificação coerente e sistemática da combinação de diferentes expressões artísticas.

enquadrando, de certa forma, na sua “missão cultural”, ao mesmo tempo em que se posicionou criticamente ao autoritarismo do Estado.

A partir desta reflexão, pudemos extrair mais do que um modelo, uma forma alternativa de pensar a relação entre arte e política e entre intelectuais e regimes autoritários, sem negligenciar os pontos de aparente contradição, entendendo-os na dinâmica própria do contexto.

Assim como no capítulo anterior, a investigação foi concentrada no período entre 1956 (distanciamento de Jorge Amado em relação ao PCB) e 1985 (fim da ditadura militar) evidenciando-se a sua participação nas lutas e nos embates de seu tempo que se relacionavam com o campo cultural.

Optamos por um recorte cronológico e temático cujas fontes foram, principalmente, materiais da grande imprensa encontrados na Fundação Casa de Jorge Amado, na Academia Brasileira de Letras e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

#### **4.1 Os dilemas intelectuais em torno da questão nacional: os anos 1950-1960**

Em grande medida a atuação dos intelectuais entre fins dos anos 1950 e início dos anos 1960 foi marcada por um contexto de florescimento da perspectiva de brasilidade ao mesmo tempo romântica e revolucionária. Vivia-se um período de mudanças estruturais nas sociedades latino-americanas, em decorrência de um processo de urbanização acelerado, com a emergência de novas classes médias. A indústria cultural estava sendo consolidada bem como campos específicos de atuação intelectuais e artísticos, em meio a um ambiente político e cultural conturbado em escala nacional e internacional.

De acordo com Marcelo Ridenti:

Era um tempo de valorização da política, especialmente dos intelectuais e artistas como agentes transformadores, politizando a estética e estetizando a política: fundiam-se arte e vida - pública e privada-, apostava-se no potencial criativo e revolucionário da ação para mudar o mundo e a vida em todos os seus aspectos, vislumbrando-se a possibilidade de alcançar modernidades alternativas àquela do capitalismo norte-americano e também ao modelo soviético.<sup>650</sup>

Nesse contexto ganhava espaço nos debates sobre a sociedade brasileira a tese do “dualismo”, pela qual se acreditava haver a superposição de um Brasil atrasado a um moderno. Esta crença na existência de “dois brasis” era difundida pela Comissão Econômica para a América Latina (Cepal), organismo das Nações Unidas, por intelectuais do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e ainda pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB).<sup>651</sup>

Cada um a seu modo, os intelectuais que compartilhavam desta tese apontaram ora a via democrática ora a via revolucionária como possibilidade de se chegar à modernização da sociedade brasileira. A via revolucionária era uma tese que tinha origem direta no Programa da Internacional Comunista, adotado no VI Congresso, ocorrido em Moscou, em 1928. Ela reiterava a formulação esquemática e simplista das resoluções da Internacional Comunista para os países ditos dependentes e afirmava que somente a revolução socialista daria fim a esse binômio limitador do desenvolvimento do país.<sup>652</sup>

Apesar de alguns dos intelectuais vinculados ao PCB ou dele simpatizantes não terem aderido a esta corrente, como é o caso de Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda e Nelson Werneck Sodré<sup>653</sup>, que optaram pela via democrática, ela foi amplamente aceita nas fileiras do Partido, como por exemplo, por Jorge Amado.

Como vimos no capítulo anterior, ao final dos anos 1950 e início dos anos 1960, mesmo se pondo ao lado do socialismo, Jorge passou a discordar da vertente tradicional do marxismo

---

<sup>650</sup>RIDENTI, Marcelo; Canetas e fuzis: intelectuais e artistas brasileiros nos anos 1960/70. In: AARÃO REIS FILHO, Daniel; ROLLAND, Denis. *Modernidades alternativas*. Rio de Janeiro: FGV, p.26, 2008. 336p.

<sup>651</sup> Ibid, p.27.

<sup>652</sup> Cf. RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. Nelson Werneck Sodré. In: AXT, Gunter; SCHÜLLER, Fernando (Org.). *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, p.326, 2004.

<sup>653</sup> Cf. AXT, Gunter e SCHÜLLER, Fernando (Org.). *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

que considerava a revolução proletária como única via de se chegar à democracia e ao progresso.

Além desta compreensão da realidade brasileira, que se tornou corrente no discurso de Amado, outra mudança perceptível na sua fala literária e extraliterária foi a incorporação de uma interpretação nacional calcada no otimismo e na cordialidade. O otimismo era uma notável faceta do tipo de nacionalismo brasileiro dos anos 1950 e 1960 que se relacionava com o advento do povo como sujeito político, com a sua mobilização a serviço da soberania nacional. Estava também ligado ao ideário do desenvolvimentismo pelo qual “a cidadania política deveria ampliar-se à medida que a modernização econômica promovesse a independência nacional”.<sup>654</sup>

No terceiro capítulo da dissertação de mestrado *Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais*<sup>655</sup>, fizemos uma análise detalhada sobre como certas transformações operadas na produção literária de Jorge Amado estiveram intimamente ligadas ao clima de otimismo e cordialidade típicos do nacionalismo da época.

Apesar de constantemente negar qualquer tipo de ruptura em sua produção literária, o romancista sempre concordou com seus críticos ao dizer que, em *Gabriela cravo e canela* (1958), “a mensagem transmitida é de alegria de viver”, pois “viu as coisas com mais ternura”,<sup>656</sup> de maneira “mais cordial para com os defeitos dos homens”,<sup>657</sup> mais otimista.

O abandono do discurso político inflamado, a utilização de heróis de primeiro plano em favor do humor como arma política e da preferência pela caracterização das prostitutas, bêbados e vagabundos foram alguns dos aspectos observados nos livros do autor a partir de *Gabriela cravo e canela*.

---

<sup>654</sup> PÉCAULT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. Tradução: Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Editora Ática S.A., p.99-101, 1990.

<sup>655</sup> CALIXTO, 2011.

<sup>656</sup> AMADO, Jorge apud DA VIDA, 1958 e MINHA atitude sempre foi de tolerância, de solidariedade, diante do sofrimento. *Jornal do Comércio*. Recife. 10 set.1958.

<sup>657</sup> AMADO, Jorge apud JORGE Amado considera-se cordial ao ver coisas e gentes do Brasil. *O Poty*. Rio Grande do Norte, p. 06, 04 set.1958.

Desde então o autor buscou cada vez mais retratar o povo, entendido como composto pelos tipos mais comuns, pelos mais miseráveis. Interessava a ele, suas histórias cotidianas, seus costumes suas atividades e sua cultura. Logo tomou para si a missão de divulgar e até mesmo de encarnar o ideário nacional a partir desta maneira de interpretar o típico brasileiro.

Além do otimismo, da alegria e cordialidade, o sincretismo racial e a mestiçagem, calcados especialmente na sobrevalorização do componente negro de nossa formação sociocultural, eram os elementos principais da identidade nacional defendida pelo escritor sob grande influência das ideias de Gilberto Freyre.

Foi de acordo com esta visão da realidade nacional e com este comprometimento em relação à cultura e à identidade nacional na segunda metade dos anos 1950 que o autor passou a orientar a sua ação no campo cultural, como veremos a seguir.

#### **4.2 O autor e a cultura (os anos 1950 -1960): continuidades e rupturas**

Ao longo de sua vida, Jorge Amado exerceu, apenas circunstancialmente, outra atividade que não a de escritor. Em todos os casos esteve envolvido com o campo das letras e da cultura. Mesmo quando foi deputado federal pelo Partido Comunista entre 1946-1948<sup>658</sup>, se engajou, especialmente, em causas que atingiam o âmbito cultural. Além de ser o autor da lei que garantiu a liberdade religiosa, também propôs outras como a que estabeleceu o Salão de Arte Moderna, por exemplo.<sup>659</sup>

---

<sup>658</sup> Cf. RUBIM; CARNEIRO, 1992, p. 42, 43 e 44.

<sup>659</sup> Cf. AMADO, Jorge apud GOMES, 1981, p. 23.

Ao longo de sua vida, trabalhou na José Olympio Editora<sup>660</sup> e em inúmeros jornais e revistas como *O Diário da Bahia*<sup>661</sup>, *A manhã*<sup>662</sup>, *O Imparcial*<sup>663</sup>, *O Jornal*<sup>664</sup>, *Meridiano*<sup>665</sup>, *Diretrizes*<sup>666</sup>, *Dom Casmurro*<sup>667</sup>, *Para Todos*<sup>668</sup> exercendo, muitas vezes, cargos importantes como o de redator-chefe e diretor. Participou da Associação Brasileira de Escritores (ABE) e de muitas outras instituições, organizações e eventos que reuniam intelectuais de correntes políticas, ideológicas e filosóficas diversas.

Em diversos casos, no entanto, a sua atuação no campo cultural, esteve intimamente relacionada ao seu posicionamento político-ideológico e a sua militância pelo PCB. Além do discurso comunista aparecer de maneira direta em seus primeiros livros, o envolvimento político do escritor também foi observado em outros aspectos de sua atividade intelectual. Isto, especialmente, considerando a política cultural do PCB e o modo como o Partido aproveitava seus artistas e intelectuais.

Neste aspecto, ponderamos, tal como o fez o secretário nacional de Formação política do PCB, Ricardo Costa, que:

[...]o aparato político-cultural do PCB funcionou ao longo de sua história, como importante polo gravitacional do mundo da cultura, com um grau de adesão mais ou menos permanente, a depender sempre das circunstâncias políticas e dos debates internos. Para um partido que viveu a maior parte de sua história na clandestinidade, o fato de o seu aparato político-cultural ter se constituído de maneira expressiva de tempos em tempos, como em 1935, nos anos 1945/47, 1948/52 e 1963/64, comprova o peso da sua inserção no campo cultural e a capacidade de fazer circular na sociedade os bens simbólicos produzidos internamente, os quais eram difundidos, principalmente pela imprensa partidária.<sup>669</sup>

<sup>660</sup> Cf. RAILLARD, 1992, p. 112 e 113.

<sup>661</sup> Cf. AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p.9 e RAILLARD, op. cit., p.32.

<sup>662</sup> Cf. RAILLARD, op. cit., p.114.

<sup>663</sup> Cf. AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p.9, 22 e RAILLARD, op. cit., p.32 e 33.

<sup>664</sup> Cf. RAILLARD, op. cit., p.34.

<sup>665</sup> Cf. AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p.10.

<sup>666</sup> Cf. RAILLARD, op. cit., p.118 e 171 e AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p.18.

<sup>667</sup> Cf. RAILLARD, op. cit., p.171 e AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p.18.

<sup>668</sup> Cf. AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p.29.

<sup>669</sup> COSTA, Ricardo. *A produção político-cultural do PCB dos anos 30 aos 60*. Arquivo Marxista na Internet. 8 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/ano/mes/cultural.htm>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

Os artistas e intelectuais ligados ao PCB, como atores destacados do campo cultural, como era o caso de Jorge Amado, contribuía, portanto, para a disseminação destes bens simbólicos na sociedade. Mas isto nem sempre ocorria através de seus ofícios. De acordo com Marcelo Ridenti, em seu livro *Em busca do povo brasileiro*,<sup>670</sup> os artistas e intelectuais vinculados ao PCB, até meados dos anos 1950, não eram aproveitados naquilo em que eram especialistas, isto é, no trabalho intelectual desenvolvido com autonomia. Eles eram relegados a uma condição “ornamental” ou mesmo “instrumental”. Serviam para angariar prestígio para o Partido ou para divulgar sua linha política.<sup>671</sup>

O campo cultural, neste sentido, era entendido como ferramenta de divulgação político-partidária que se refletia nas diretrizes de forma e conteúdo propostas para a literatura e as artes. O *zdanovismo*<sup>672</sup> sintetizava essas orientações e resumia em si a política cultural perpetrada pelo Partido que devia ser seguida pelos artistas e intelectuais sob pena de perseguições, prisões e ostracismo<sup>673</sup>.

De acordo com esta corrente, a cultura devia estar a serviço de interesses político-partidários. Assim, podemos dizer que a participação de Jorge Amado em atividades culturais, até meados dos anos 1950, esteve envolvida nesta lógica, tendo em vista, inclusive, que muitas de suas atividades no campo cultural foram desenvolvidas dentro da esfera do PCB e do movimento comunista. Quanto a isto, o próprio autor afirmou em *Conversando com Jorge Amado*:

---

<sup>670</sup> RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo Brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV*. São Paulo: Editora UNESP, p.48-53, 2004.

<sup>671</sup> RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais comunistas no auge da Guerra Fria. In: RIDENTI, Marcelo. *Brasilidade revolucionária um século de cultura e política*. São Paulo: UNESP, p.61, 2010.

<sup>672</sup> Na prática foi a sistematização do realismo socialista como política de Estado para o setor cultural, idealizada por Andrei Zdanov e adotada por Stálin, que continuou a ser seguida ainda durante anos pelos comunistas após a crise enfrentada pelo stalinismo em meados dos anos 1950.

<sup>673</sup> Alguns dos intelectuais que foram perseguidos e ostracizados pelo PCB por não seguirem suas diretrizes para o campo cultural foram os escritores Georg Lukács, Artur London e Boris Pasternak, tal como relatou Jorge Amado em *Literatura Comentada*. Cf. AMADO, Jorge apud GOMES, op. cit., p.9, 22. e RAILLARD, 1992.

[...] eu tinha um papel importante na comissão cultural do PC e também tinha atividades relativamente...importantes no movimento internacional dos intelectuais comunistas, no que ocorria na Europa etc. Muito frequentemente eu ia à Europa, devido à minha participação no Movimento pela Paz, no Conselho Mundial Pela Paz, organismo controlado pelo Partido Comunista.<sup>674</sup>

Ele exercia constantemente um papel de mediador dentro do movimento comunista internacional, especialmente no campo intelectual. Certamente que esta participação contribuiu para que recebesse o Prêmio Internacional Stálin da Paz em 1951, uma espécie de Prêmio Nobel da Paz do universo comunista.<sup>675</sup> Além disto, Jorge Amado desenvolveu atividade na imprensa jornalística ligada ao Partido. Foi colaborador das revistas *Boletim de Ariel*, *Espírito Novo*, *Esfera* e do jornal *Diretrizes*, por exemplo, publicações criadas sob influência comunista, mantidas pelo Partido ou abertas à colaboração de seus militantes.<sup>676</sup> No campo editorial, articulou a coleção *Romances do Povo*, da Editorial Vitória, a editora do Partido, entre 1953 e 1956.<sup>677</sup> Sobre esta participação, fez o seguinte relato em *Navegação de Cabotagem*:

Em 1953 eu criara a coleção *Romances do Povo* na editora do, dirigida à época por Alberto Passos Guimarães, escolhia os livros, os tradutores quando era o caso. Inaugurei-a com a tradução de *Les Seigneurs de la Rosée (Os Donos do Orvalho)*, de Jacques Roumain, publiquei Dalcídio Jurandir, Alina Paim, Anna Seghers, Halldor Laxness, Ting Ling, Boris Palevoi, Ferreira de Castro, entre outros bons autores.<sup>678</sup>

Sem colocar em questão a qualidade dos escritores apontados por Jorge, destacamos que todos eles eram comunistas. Esta fala demonstrou menos um cerceamento do Partido em relação ao posicionamento do autor no campo literário e mais uma posição de aceitação, de sua parte em relação à política cultural do PCB. É válido lembrar, bem como fez Marcelo Ridenti, que a ação cultural do Partido nos anos 1950 não pode ser caricaturada, vista como de mão única.

<sup>674</sup> RAILLARD, op. cit., p.111.

<sup>675</sup> RUBIM; CARNEIRO, 1992, p.49.

<sup>676</sup>Cf. COSTA, 2013. e Cf. RAILLARD, op. cit., p.118.

<sup>677</sup> RUBIM; CARNEIRO, op. cit., p.49.

<sup>678</sup> AMADO, 1992, p.321.

Muitos intelectuais, assim como o próprio Jorge Amado, se beneficiaram da relação que estabeleciam com a organização. Neste sentido, o sociólogo destacou que parte do prestígio do romancista foi conquistado por esta ligação:

[...] um escritor como Jorge Amado teve sua capacidade e seu talento potencializados pela adesão ao PCB, cuja rede de contatos internacionais facilitou a publicação de seus romances em países dos quatro cantos do mundo e lhe deu acesso a uma ampla gama de relações com artistas de todos os países, também simpatizantes ou militantes comunistas, de Neruda a Aragon, de Siqueiros a Picasso, sem contar os artistas soviéticos do Leste Europeu. As portas também se abriam para uma série de premiações internacionais, notadamente nos países comunistas, como o então prestigioso Prêmio Stálin Internacional da Paz, que Amado ganhou em 1951.<sup>679</sup>

Ressaltando, mais uma vez, que o autor não limitou a sua atuação ao campo intelectual e literário dos comunistas, podemos dizer, no entanto, que ela esteve em grande medida marcada por esta inserção, até meados dos anos 1950.

O seu distanciamento em relação ao Partido posteriormente a este período proporcionou transformações não só no modo como o autor passou a atuar no campo político como também no campo cultural. Isto pode ser explicado, em parte, pelo distanciamento e crítica do escritor em relação ao realismo socialista, ao *zdanovismo*. Este “novo” posicionamento explicitado em grande medida quando do lançamento de *Gabriela cravo e canela* (1958) marcou importantes mudanças na produção literária de Amado, como também em seu discurso extraliterário perante a criação artística.

Mesmo antes de *Gabriela*, no entanto, alguns aspectos dessa nova maneira de se posicionar em relação ao campo político-cultural foram observados pela sua participação no jornal *Para Todos* (1956-1959). Apesar do curto período de existência do jornal, é possível dizer, que, através daquela publicação, Jorge Amado desenvolveu um intenso engajamento político-cultural.

---

<sup>679</sup> RIDENTI, 2010, p.63.

### 4.3 Engajamento político-cultural no Para Todos

Ao analisarmos a participação de Jorge na revista *Para Todos* (1956-1958) observamos certo posicionamento e sociabilidade do autor dentro do campo intelectual em um contexto específico. Compartilhamos da ideia expressa por Jean François Sirinelli em seu artigo “Os intelectuais”<sup>680</sup>, segundo a qual as revistas são “ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das ideias”.<sup>681</sup> Elas conferem uma estrutura ao campo intelectual pelas posições tomadas e pelos debates e rupturas suscitados. Para um melhor entendimento deste quadro, consideramos o contexto de aparecimento do quinzenário, em 1956.

Na segunda metade dos anos 1950, os questionamentos em torno da figura de Stálin e à subordinação do Partido à sua liderança, levaram ao surgimento de publicações como as revistas *Estudos Sociais* e o semanário *Novos Rumos* como porta-vozes do PCB.<sup>682</sup> A *Estudos Sociais* foi criada pela direção nacional do Partido em maio-junho de 1958 com o objetivo de redimensionar o papel da imprensa partidária frente às mudanças consolidadas com a Declaração de Março daquele ano. Se tornou a principal publicação do Comitê Central voltada a estimular o debate teórico em torno dos problemas brasileiros e a incrementar a educação política da militância comunista.

No ano seguinte, surgiu o semanário *Novos Rumos*, mais informativo e propagandístico do que a *Estudos Sociais*, com o intuito de integrar a frente nacionalista e democrática, defendendo os interesses do proletariado e baseando-se no marxismo-leninismo. Também em 1959, passava a circular a revista *Problemas da Paz e do Socialismo*, praticamente a edição

---

<sup>680</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma História Política*. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

<sup>681</sup> Ibid., p.249.

<sup>682</sup> Cf. COSTA, 2013.

nacional de uma publicação internacional dos partidos comunistas subordinados às orientações do PCUS.

Naquele contexto, surgiram também duas importantes publicações coordenadas por comunistas sem que a direção nacional do Partido tomasse muita participação na definição de suas linhas editoriais.

A revista *Brasiliense*, encabeçada por Caio Prado Júnior e Elias Chaves Neto, apareceu como uma publicação político-cultural de inspiração marxista e nacionalista, porém autônoma em relação às teses do Partido. De maneira semelhante, a *Para Todos* ressurgiu no cenário intelectual pela iniciativa de Oscar Niemeyer, Jorge Amado, Alberto Passos Guimarães, Moacir Werneck de Castro e James Amado. Dedicada aos temas culturais e com autonomia frente ao aparato partidário, angariou a participação de cerca de setecentos nomes em seu primeiro ano de existência.

Rassaltamos, já pelo nome do periódico, que a ideia de *Para Todos* era agregar intelectuais de posicionamentos bastante diversos. A versão do quinzenário, dirigida por Jorge, foi uma retomada da revista que já havia existido em outro momento<sup>683</sup>. De acordo com as palavras de seu então diretor, Jorge Amado:

O “Para Todos” não será um jornal simplesmente. Estamos empenhados em lançar uma publicação que funcione como a crista de um movimento nacional visando o desenvolvimento da cultura e a defesa do escritor e do artista em geral. Para isso não imprimiremos nenhuma linha político-partidária de qualquer espécie. O “Para Todos” será um jornal contra a igreja, contra a chantagem literária, contra a improvisação, contra a exploração do trabalhador da pena.<sup>684</sup>

Bem como percebemos nas edições da revista que circularam entre 1956 e 1959, esta orientação de fato esteve presente na publicação que não se limitou ao campo literário.

<sup>683</sup> A revista já havia sido publicada, entre os anos de 1919 e 1932, bem como é possível em pesquisa simples no acervo digital da Biblioteca Nacional. De acordo com o escritor Álvaro Moreyra, o quinzenário teve suas atividades interrompidas por quatro vezes ao longo deste período. Cf. MOREYRA, Álvaro. Bom dia, ‘Para Todos’. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 10 a 23 de maio de 1956.

<sup>684</sup> AMADO, Jorge apud PARA TODOS: Jornal contra a ‘igreja’. *Correio do Povo*. Recife, 13 mai. 1956.

Pretendeu-se, de fato torná-la um mecanismo para um movimento nacional de desenvolvimento cultural. Em sua primeira edição, o editorial do jornal apontou três pontos principais de seu programa: o desenvolvimento da cultura nacional brasileira; intercâmbio cultural, livre e em bases de reciprocidade com todos os países; defesa dos interesses éticos e profissionais dos intelectuais brasileiros.<sup>685</sup>

*Para Todos* abrangia críticas literárias, reportagens, debates, artigos, divulgação de eventos relacionados aos diversos campos da cultura como o teatro, a música, a televisão e o rádio, o cinema, mantendo uma constante correspondência estrangeira sobre tais assuntos.

De acordo com os interesses desta pesquisa, um aspecto que chamou atenção no periódico foram as pesquisas e reportagens que buscaram levantar e apontar soluções para os diversos problemas que afligiam o setor cultural no Brasil. Eram diversas as matérias que tratavam, por exemplo, do custo do livro no Brasil, dos setores da cultura onde o povo mais gastava dinheiro, do analfabetismo, das leis que favoreciam ou que dificultavam o desenvolvimento da cultura nacional. Muitas destas demandas dos intelectuais, das diversas categorias profissionais, desde literatos a cientistas, podem ser acompanhadas pelo editorial da revista.

Ele servia, em muitos casos, como espaço de apelo, fiscalização e cobrança de políticas favoráveis ao desenvolvimento da cultura nacional e à estruturação do campo intelectual. Em muitos casos, funcionava como uma espécie de manifesto, de convocação e apelo aos intelectuais pelo engajamento nestas lutas, como se vê no seguinte trecho:

[...] É necessário afirmar também que os atos concretos, que venham proteger nossa cultura e possibilitar o seu desenvolvimento, só se tornarão realidade se os criadores de cultura se mantiverem unidos, cada vez mais unidos, pleiteando ativamente do Governo solução justa para os problemas que os afligem.<sup>686</sup>

---

<sup>685</sup> APRESENTAÇÃO. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p. 02, 10 a 23 de maio de 1956.

<sup>686</sup> UNIDADE. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p. 02, 2ª Quinzena de Junho de 1956.

Partimos do princípio que o editorial de um periódico expressa, o posicionamento de seus idealizadores, daqueles que ocupam a cúpula do empreendimento. No caso de *Para Todos*, é possível dizer, portanto, que Jorge Amado, como diretor do quinzenário, compartilhava do posicionamento expresso no editorial, de responsabilidade do redator-chefe, jornalista e escritor comunista, Moacir Werneck de Castro.

Muitas das demandas apontadas no editorial de *Para Todos* foram assim dirigidas aos políticos e governantes do breve período de circulação do jornal (1956-1959). O lançamento do periódico ocorreu no primeiro ano do governo de Juscelino Kubitschek. Verificamos tanto nos artigos do jornal como nos editoriais, que se compartilhava, entre os intelectuais, um clima de esperança frente ao novo governo, ao menos no que diz respeito à área cultural. Isto ficou claro, particularmente, no editorial da primeira quinzena de julho de 1956, quando uma entrevista de JK para a revista *Módulo* ganhou destaque no texto intitulado “Entrevista”<sup>687</sup>.

Neste artigo, o editorialista ressaltou pontos positivos no modo como o presidente se posicionou em relação ao setor cultural:

[...] o presidente Kubitschek afirma, parece-nos, com razão, “consistir a proteção que um governo pode dispensar à arte sobretudo na oferta de oportunidades”. E esclareceu seu pensamento: “Dar oportunidade ao artista, assegurar-lhe condições de trabalho que o elevem na sociedade, cercado-o, não só de condições materiais adequadas, mas também e sobretudo do respeito público, são obrigações do governo e a elas procurarei não faltar através das iniciativas do Ministério da Educação e Cultura e de outros departamentos da administração”. Folgamos em ler tais declarações. Elas revelam compreensão e respeito pela cultura. São belas palavras que devem transformar-se em atos concretos.<sup>688</sup>

A postura do jornal naquele momento foi então a de depositar um voto de confiança no governo de JK. Na 1ª edição do novo *Para Todos*<sup>689</sup>, foi lembrado que o presidente teve o apoio dos intelectuais, quando sua posse foi ameaçada por opositores, até mesmo daqueles que

<sup>687</sup> ENTREVISTA. *Para Todos*. Rio-São Paulo, 1ª Quinzena de Junho de 1956.

<sup>688</sup> Ibid., p.2.

<sup>689</sup> Ibid., loc. cit.

não haviam votado nele. Além de expressar confiança, o editorial do periódico também apontou ao chefe da nação e a seus auxiliares as principais medidas a serem tomadas para o campo cultural.

Elencamos e analisamos em seguida alguns dos principais temas abordados no editorial do quinzenário reveladores do posicionamento do jornal em relação a questões políticas e culturais do período.

#### *4.3.1 Censura e liberdade de expressão*

A questão da censura foi destacada em *Para Todos* como uma prática habitual de políticos e governantes contra intelectuais, tal como observamos no artigo “Entrevista”<sup>690</sup>. Foi citado o caso do jornalista e escritor Astrogildo Pereira, co-fundador do PCB, colaborador do quinzenário, que teria sido obrigado a viver na clandestinidade “pelo crime único de defender suas ideias”<sup>691</sup>.

Defendendo a liberdade de expressão e de pensamento, o editorial do jornal fez um apelo pela anistia de Astrogildo, como “obrigação honrosa para um governo que preze realmente nossa cultura nacional e liberdade”<sup>692</sup>. Outro apelo foi feito em favor de um projeto de lei que tramitava na Câmara dos Deputados, e que aguardava apoio do Executivo para ser aprovado. O projeto retirava da polícia e entregava ao Ministério da Educação a censura teatral e cinematográfica. Com isto, esperava-se evitar uma série de casos considerados absurdos como os que haviam ocorrido com a proibição da peça “Maria de Stuart”, de Schiller, para menores de 18 anos, ou como a interdição dos filmes “Martinho Lutero”, de Irving Pichel, e “Rio, 40 graus”<sup>693</sup>, de Nelson Pereira dos Santos.

---

<sup>690</sup> Ibid. loc. cit.

<sup>691</sup> Ibid. loc. cit.

<sup>692</sup> Ibid. loc. cit.

<sup>693</sup> Ibid. loc. cit.

O assunto foi debatido de maneira ainda mais fervorosa quando o então chefe da censura de cinema e teatro, o escritor Hildon Rocha, foi demitido do cargo. No editorial intitulado “Censura”<sup>694</sup>, o *Para Todos* apontou que a razão para esta demissão foi o fato de Hildon tomar posição a favor da transferência da censura da polícia para o Ministério de Educação e Cultura. O artigo lembrou ainda que, em 1947, um projeto de lei com este propósito, de autoria de Jorge Amado apoiado pelo então Ministro da Educação, Clemente Mariani, foi liquidado no Senado, após ter sido aprovado na Câmara.

O periódico lamentou então a ação do que chamou de “forças obscurantistas”<sup>695</sup> que estariam tentando impedir mais uma vez a aprovação da lei, incluindo-se aí algumas associações e organizações de intelectuais, sendo este “o detalhe melancólico e absurdo dos acontecimentos”<sup>696</sup>.

A questão da censura também foi lembrada no contexto de aprovação de uma lei, contra o parecer de comissões técnicas e sob pressão do executivo, que estabelecia a isenção de impostos aduaneiros para as traduções de livros estrangeiros realizadas e editadas em Portugal.<sup>697</sup> De acordo com o quinzenário, o problema era que, ao invés de salvaguardar os interesses da indústria editorial brasileira, tal medida protegeria a indústria editorial portuguesa. O benefício seria unilateral pois tornava, na prática, quase impossível a concorrência com as traduções feitas no Brasil.

Somava-se a isso o fato de que Portugal vivia sob a ditadura salazarista, momento em que a produção literária passava pelo crivo da censura. Por isso, questionava-se também que os livros que chegariam ao Brasil seriam somente aqueles em acordo com os princípios políticos do regime português. Deste modo, o decreto foi visto como apoio a um governo repudiado pela própria intelectualidade portuguesa.

---

<sup>694</sup> CENSURA. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p. 02, 2ª Quinzena de novembro de 1957.

<sup>695</sup> Ibid. loc. cit.

<sup>696</sup> Ibid. loc. cit.

<sup>697</sup> PROBLEMAS. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p. 02, 1ª Quinzena de Julho de 1956.

Esta postura se coadunava com a política externa adotada por JK de estreitamento dos laços com Portugal ao longo do salazarismo, em especial a partir de maio de 1958 quando o governo brasileiro passou a apoiar a política colonialista portuguesa, tal como estudo apontado por Waldir José Rampinelli.<sup>698</sup>

Essa relação do governo brasileiro com o português também foi vista com maus olhos, no que diz respeito à falta de liberdades em Portugal, quando, em visita ao Brasil, o general português Craveiro Lopes recebeu o título de “doutor honoris causa” da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo<sup>699</sup>.

O fato causou protesto não somente em solidariedade aos intelectuais portugueses, que viviam sob censura, mas também porque numerosos autores, como Jorge Amado e Graciliano Ramos, além de diversas publicações, como *Anhaembi* e *Para Todos*, eram proibidos em Portugal tornando o intercâmbio cultural entre os dois países desigual.

A questão da censura apareceu, no entanto, de maneira mais enfática em uma série de editoriais entre agosto e setembro de 1956, quando se destacaram sérias ameaças à liberdade de imprensa. De acordo com o artigo “Liberdade de Imprensa”<sup>700</sup>, a situação parece ter se agravado quando uma revista de cultura política, cujo nome não apareceu explicitado, foi fechada por ser classificada como subversiva pelo então Ministro da Justiça.

Poucos dias depois, um vespertino do Rio teve sua redação invadida pela polícia e sua edição apreendida, ao mesmo tempo em que uma filial de um matutino paulista foi igualmente tomada e teve sua circulação impedida na capital do país<sup>701</sup>. O *Para Todos* clamou, na ocasião, pela unidade e resistência dos intelectuais contra estas arbitrariedades, lembrando que o

---

<sup>698</sup> RAMPINELLI, Waldir José. A política internacional de JK e suas relações perigosas com o colonialismo português. *Lutas Sociais*. São Paulo: PUC-SP, v.17/18, p.83-98, 2007.

<sup>699</sup> Cf. PORTUGAL. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de Junho de 1957.

<sup>700</sup> LIBERDADE de Imprensa. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de Agosto de 1956.

<sup>701</sup> Cf. RESISTÊNCIA às ameaças. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Setembro de 1956.

argumento da subversão já havia atingido a intelectualidade e a cultura brasileira na época do Estado Novo, e aqueles eram alguns sinais de que tal situação pudesse retornar.

Em “Êxitos e ameaças”<sup>702</sup>, o jornal fez uma análise da situação contraditória sob a qual se encontrava o campo cultural no Brasil em 1956. Destacou-se um desenvolvimento impetuoso e em ritmo acelerado da cultura com a ampliação do intercâmbio cultural, os êxitos de artistas brasileiros no exterior e a difusão da literatura nacional em diversos países. Por outro lado, as tarifas postais dificultavam a ampla difusão do livro; a indústria cinematográfica sofria com a falta de leis que a protegessem. Somado a isso, existiam as ameaças à liberdade de expressão identificadas, naquele momento, nos atentados à liberdade de imprensa, entendidos como possíveis fagulhas para a instauração de uma censura mais ampla ao setor cultural.

A unidade dos intelectuais em torno da liberdade de imprensa foi vista, naquela conjuntura, como fator determinante para que o governo se visse pressionado a afirmar publicamente que não mais se repetiriam as medidas violentas e ilegais contra jornais e revistas. Por este motivo, manter a unidade e a vigilância seria importante para a garantia da liberdade de expressão.

Na edição seguinte, o aniversário da Constituição de 1946 foi comemorado pelo editorial de *Para Todos*, destacando-se o avanço que a Carta Magna significou para as liberdades individuais, especialmente para a liberdade de expressão. Deste modo, a celebração se somou às manifestações de repúdio que o jornal vinha desenvolvendo contra os recentes atentados à liberdade de imprensa.<sup>703</sup>

Ao longo de sua existência, o jornal continuou se posicionando contra o que identificava como ameaça à liberdade de expressão no Brasil. Destacamos o caso da represália administrativa feita a professores universitários de São Paulo, por parte do então governador do

---

<sup>702</sup> ÊXITOS e ameaças. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2. 2ª Quinzena de Setembro de 1956.

<sup>703</sup> Cf. CONSTITUIÇÃO e cultura. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Outubro de 1956.

estado, Jânio Quadros, em 1958.<sup>704</sup> O acontecimento que instaurou uma crise no meio universitário, com a manifestação de professores e estudantes, e pedidos de demissões em protesto contra a atitude do governo, teria sido gerada pelas declarações dos professores Mario Schemberg e João Cruz Costa contra medidas adotadas pelo Instituto de Energia Atômica, criado em 1955.

Sem buscar tomar posição no debate sobre a questão da política de energia atômica em pauta no Brasil, o editorial de *Para Todos* qualificou como injusta a punição dos professores em virtude do cerceamento que representava à liberdade de expressão. Neste sentido, se solidarizou com os professores Mario Schemberg e João Cruz Costa e com o movimento criado por professores e estudantes em torno do caso.

#### 4.3.2 *Questão nacional e contexto político imediato*

A defesa da cultura nacional expressa em *Para Todos* guardava em si certo discurso sobre a identidade nacional calcado na miscigenação, sincretismo cultural, *cordialidade* e certo caráter inovador de uma nação jovem, em comparação às europeias, como demonstrado na seguinte passagem:

A cultura brasileira cresce e se desenvolve: não há como esconder essa verdade quase palpável. No entanto, impossível é também tentar esconder os perigos que a ameaçam, os obstáculos que limitam e cerceiam o ritmo de seu crescimento. Esses obstáculos se apresentam sob um duplo aspecto. São por um lado, influências que pretendem descaracterizar a nossa cultura, que tentam mesmo, por vezes, transformar a face nobre dessa cultura pacífica, de sangues misturados e poderosa juventude, numa caricatura idiota e sombria do viver de outros povos. E é, por outro lado, a permanência de determinadas condições materiais, internas, que são incompatíveis com o progresso cultural e responsáveis pela trágica realidade do analfabetismo.<sup>705</sup>

---

<sup>704</sup> Cf. CRISE. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 1ª e 2ª Quinzena de janeiro de 1958.

<sup>705</sup> APRESENTAÇÃO, 1956.

Além disto, a Bahia era apresentada como o *locus* gerador da cultura nacional, onde esta começou a se formar<sup>706</sup>. Tal narrativa marcou o projeto de identidade nacional ao qual Jorge Amado passou a ser cada vez mais identificado, como símbolo e intérprete de brasilidade.

A questão do intercâmbio cultural, em particular, valorizada como uma característica presente na própria dinâmica de nossa cultura e promotora de seu enriquecimento foi também lembrada pelo seu viés político no contexto da Guerra Fria. Isto porque o intercâmbio cultural entre as nações foi pensado como um “poderoso fator para o alívio da tensão internacional e para a criação do atual clima favorável à paz entre as nações”.<sup>707</sup>

Destacamos, neste sentido, que boa parcela dos intelectuais projetava o campo cultural acima das disputas políticas e ideológicas. Por outro lado, também era visto como espaço favorável para a chamada “coexistência pacífica”<sup>708</sup>, numa referência à política internacional inaugurada pelo líder soviético Nikita Khrushchev.<sup>709</sup> Isto é, como espaço onde pessoas de posicionamentos tanto em favor do comunismo como do capitalismo, no contexto da Guerra Fria, conviviam e se relacionavam pacificamente.

Daí a ideia de encontros internacionais de intelectuais, como o Encontro Internacional de Escritores, proposto pelo romancista russo Mikhail Aleksandrovitch Cholokhov e aceita por escritores como Ungaretti, Moravia, Carlo Levi e outros. Sobre esta iniciativa, prontamente apoiada pelo editorial de *Para Todos*<sup>710</sup>, Afonso Arinos de Mello Franco, jurista, escritor e político, afirmou o seguinte:

[...] – Nós, os escritores, somos os mais capazes de encontrar um processo de coexistência de doutrinas. Temos uma técnica de tratamento que não colocará os

<sup>706</sup> CONGRESSOS. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de Julho de 1956.

<sup>707</sup> INTERCÂMBIO. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Agosto de 1956.

<sup>708</sup> Cf. INTERESSES permanentes. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Dezembro de 1956 e SATÉLITES. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Outubro de 1957.

<sup>709</sup> O termo cunhado por Nikita Khrushchev, em meados dos anos 1950, foi utilizado para designar a política internacional soviética que partia da premissa de que os Estados socialistas ou de influência soviética poderiam coexistir pacificamente com os Estados capitalistas.

<sup>710</sup> INTERCÂMBIO, 1956.

homens separados uns dos outros. É insensato nos ignorarmos uns aos outros. Somos uma vanguarda capaz de usar uma técnica de entendimento e de intercâmbio<sup>711</sup>

Lembramos também que o ideal da coexistência pacífica foi adotado pelo PCB, em acordo com a Internacional Comunista, porém rejeitado por setores das esquerdas. Neste sentido, foi um dos principais fatores que levaram à cisão que deu origem ao PCdoB, cuja linha política persistiu sendo a do enfrentamento.

O posicionamento do quinzenário em favor da paz mundial e da coexistência pacífica, em meio à Guerra Fria, foi expresso de maneira clara no editorial intitulado “Cultura e Paz”<sup>712</sup>. O texto foi escrito no contexto da Revolução Húngara e do início da Guerra de Suez. Ocorrida entre 10 de outubro e 23 de novembro de 1956, a Revolução Húngara foi uma revolta popular espontânea contra as políticas impostas pelo governo da República Popular da Hungria e pela União Soviética. A Guerra de Suez, por sua vez, ocorreu com invasão do território egípcio, em direção ao Canal de Suez, pelos israelenses.

Diante de ambos os casos, envolvendo a disputa entre os países do bloco capitalista e do bloco soviético, sob a liderança dos EUA e da URSS, a postura do quinzenário foi a de estimular o diálogo que evitasse a guerra, mantendo-se a paz e o enriquecedor intercâmbio cultural entre as nações.

Mas se o *Para Todos*, assim como boa parte da intelectualidade brasileira, era a favor da coexistência pacífica, tal como a linha adotada pelo PCB, divergiram no caso da invasão da Hungria e da Tchecoslováquia por parte dos países do Pacto de Varsóvia. Este posicionamento contrário às intervenções da URSS nas soberanias nacionais, que apareceu em entrevistas de Jorge Amado realizadas na época, também se apresentou, portanto, na postura adotada pelo jornal. Isto evidencia assim, como já observamos anteriormente, mudanças na relação entre o

---

<sup>711</sup> MELLO FRANCO, Afonso Arinos *apud* OS ESCRITORES e a coexistência. *Para Todos*. Rio-São Paulo, 12ª Quinzena de Julho de 1956.

<sup>712</sup> CULTURA e paz. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p. 2, 2ª Quinzena de Novembro de 1956.

escritor e o Partido e também a sua autonomia mediante os interesses de Moscou naquele contexto.

Dentre os acontecimentos políticos no âmbito nacional, assinalamos que o quinzenário se colocou desde o início a favor da mudança da capital do país do Rio de Janeiro para Brasília. O argumento utilizado para tal girava, mais uma vez, em torno de aspectos da cultura:

A construção da nova capital do Brasil tem um significado especial para os nossos arquitetos e artistas plásticos e é sobretudo desse ponto de vista que PARA TODOS a encara. Significada a possibilidade para os arquitetos e [artistas] plásticos em geral de criar uma cidade que seja a melhor expressão da moderna arquitetura brasileira, hoje universalmente celebrada com a intensa colaboração dos pintores e escultores. Uma das melhores características, aliás, de nossa arquitetura é essa íntima colaboração dos arquitetos com os demais [artistas] plásticos, hoje já visível nas suas mais importantes realizações. Poderão os nossos arquitetos e plásticos construir uma cidade que seja realmente humana e atenda às necessidades do homem do nosso tempo. Igualmente vale a pena lembrar o que Brasília significará para eles como possibilidade de trabalho.<sup>713</sup>

De modo semelhante, o jornal também se posicionou sobre outro assunto político polêmico na sociedade naquele momento: a ampliação do direito de voto aos analfabetos.<sup>714</sup> O editorial de *Para Todos* se colocava a favor do projeto que levaria a cabo a institucionalização do voto dos analfabetos e contrário àqueles que rogavam pela exclusividade do voto aos alfabetizados. Estes alegavam que era necessário eliminar o analfabetismo e não o estimular com a concessão do direito ao voto dos iletrados. De acordo com o quinzenário, a exclusão da “massa ignora” disfarçava o aristocratismo e conduzia à ideia de voto de valor, de privilégio de “cidadãos ilustres”. Compartilhava então da seguinte opinião:

[...] Outra é a posição dos que verdadeiramente prezam a cultura. Eles não a concebem como um monopólio, querem sua democratização, sua extensão a camadas cada vez mais amplas. E um dos meios necessários para atingir a democratização da cultura é permitir que estas amplas camadas, sedentas de saber e de instrução, possam diretamente fazer sentir suas aspirações possam diretamente fazer sentir suas aspirações influenciando pelo voto na composição do poder público<sup>715</sup>.

<sup>713</sup> TRÊS TEMAS. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 2<sup>a</sup> Quinzena de Março e 1<sup>a</sup> de abril de 1957.

<sup>714</sup> JORNALISTAS. *Para Todos*. Rio-São Paulo; p.2, 1<sup>a</sup> Quinzena de Setembro de 1957.

<sup>715</sup> Ibid.

Para além das questões envolvendo diretamente o campo político, *Para Todos* se posicionou frequentemente sobre os embates em torno da indústria editorial brasileira que atingiam diversos setores da intelectualidade, abarcando tanto escritores, como editores, tradutores e livreiros.

#### 4.3.3 Indústria cultural: criadores e divulgadores

Em julho de 1956, louvou-se no editorial de *Para Todos* a instituição de um decreto que instituía a Semana Nacional do Livro.<sup>716</sup> Ao mesmo tempo, criticou-se o silêncio governamental em torno da reivindicação dos editores reclamando a modificação das taxas postais, então recém-decretadas, limitadoras da difusão do livro no país. Assim, ressaltou-se que a instituição da Semana Nacional do Livro nada significaria se não fosse acompanhada por atos concretos de incentivo ao livro brasileiro.<sup>717</sup>

Esta dificuldade estrutural na difusão do livro no país foi também objeto de uma pesquisa desenvolvida pelo jornal e apontada no artigo “Por que lemos tão pouco? Principais limitações à ampla difusão do livro”<sup>718</sup>. Nesta pesquisa, os problemas para a aquisição dos livros nacionais se associavam também ao analfabetismo que assolava grande parcela da população.

Uma importante vitória, neste sentido, foi apontada no editorial intitulado “Caminho da unidade”<sup>719</sup>, onde se celebrou a atitude do então Ministro de Viação e Obras Públicas ao atender, em sua quase totalidade, as reivindicações contidas em um memorial que lhe foi dirigido pelos livreiros, editores e associações culturais com o apoio dos intelectuais. A medida

---

<sup>716</sup> PROBLEMAS, 1956.

<sup>717</sup> Ibid.

<sup>718</sup> LIBERDADE, 1956.

<sup>719</sup> CAMINHO da Unidade. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de Outubro de 1956.

do Ministro revogou alguns dispositivos da tabela recentemente posta em vigor, reduzindo, assim, as tarifas postais.

Em junho de 1957, no entanto, o jornal apontou mais uma ameaça à difusão não somente do livro, como também das revistas e jornais. Tramitava, então, na Câmara dos Deputados um projeto cuja aprovação elevaria as tarifas de importação do papel de imprensa. O aumento de mais de 100% motivou o protesto no editorial da publicação e a convocação dos intelectuais, artistas e escritores a aderirem à manifestação de repúdio ao projeto<sup>720</sup>.

A unidade dos intelectuais, sempre evocada no editorial de *Para Todos*, foi objeto de celebração em 1957, quando a Sociedade Paulista de Escritores e a Associação Brasileira de Escritores, seção de São Paulo, resolveram fundir-se, tornando-se uma única unidade.<sup>721</sup> O motivo da cisão em 1948 foi atribuído ao contexto do início da Guerra Fria, no qual “o mundo parecia encaminhar-se para soluções catastróficas”<sup>722</sup>. Imbuídos por aquele clima, a separação teria sido resultado do “sectarismo dos que transpunham mecanicamente para o plano tão específico da cultura e da literatura, o trágico dissídio operado na política geral”<sup>723</sup>.

Alguns meses depois, o editorial celebrou o surto que tal medida havia causado, estimulando a criação da União Brasileira de Escritores (UBE).<sup>724</sup> A lista dos escritores que assinaram o documento de solicitação da assembleia de fundação da entidade foi divulgada pelo jornal, tendo sido registrado o nome de Jorge Amado, entre outros.<sup>725</sup>

Fora do universo literário, verificamos congratulações em torno do decreto que tornava obrigatória a representação de uma peça de autor brasileiro para cada três peças de autores estrangeiros em todos os teatros nacionais.<sup>726</sup>

<sup>720</sup> SÉRIA ameaça. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Junho de 1957.

<sup>721</sup> Cf. UNIDADE dos escritores. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de novembro de 1957.

<sup>722</sup> Ibid.

<sup>723</sup> Ibid.

<sup>724</sup> Cf. SURTO. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 1ª e 2ª quinzena de março 1958.

<sup>725</sup> Cf. UNIÃO de Escritores. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 1ª e 2ª quinzena de abril 1958.

<sup>726</sup> PROBLEMAS, 1956.

Quanto à indústria cinematográfica, foi apontada uma crise do cinema nacional provocada pelo grande espaço ocupado pela produção hollywoodiana dominadora do vasto mercado cinematográfico. As poucas obras nacionais que despontavam eram objeto de louvação a seus criadores e divulgadores e também, por vezes, aos governantes que ofereceram algum tipo de apoio. Em junho de 1956, o sucesso do filme “Sobrado”, dirigido por Walter George Durst e Cassiano Gabus Mendes, roteiro de Durst e produzido nos Estúdios da Vera Cruz em São Bernardo do Campo, foi atribuído, em parte, às iniciativas da Prefeitura Municipal de São Paulo, de ajuda à indústria do cinema, e ao Governo do Estado, que instituiu, por intermédio do Banco do Estado de São Paulo, financiamento para “bons filmes em vias de acabamento”.<sup>727</sup>

O Governo do Estado de São Paulo, com Jânio Quadros à frente, também foi lembrado de maneira positiva quando Jânio enviou um ofício à Presidência da República salientando, como uma das causas fundamentais da crise do cinema brasileiro, pelo menos desde 1952, o tratamento cambial, dispensado pelo governo brasileiro, à importação de filmes. A fundamentação das medidas preconizadas pelo governador foi classificada no editorial de *Para Todos* como “justa”, “salutar” e “patriótica” e desejava-se que elas fossem logo atendidas pela presidência<sup>728</sup>.

Nestes e em outros casos, notamos que, simultaneamente ao registro do incentivo de prefeituras e estados à indústria cultural, evidenciava-se a falta de um plano nacional de apoio à cultura. O jornal denunciava, por exemplo, que o projeto do Instituto Nacional do Cinema, órgão que estaria destinado a coordenar tais medidas, vinha se arrastando havia anos<sup>729</sup>. Assim,

---

<sup>727</sup> UNIDADE, 1956.

<sup>728</sup> IMPORTAÇÃO de filmes. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de fevereiro e 1ª de março de 1957.

<sup>729</sup> CINEMA Brasileiro. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2. 2ª Quinzena de janeiro de 1957.

o governo federal aparecia como a instância governamental mais cobrada pelo jornal, lembrando a necessidade de se transpor do discurso à prática.<sup>730</sup>

Os êxitos e as dificuldades do teatro nacional brasileiro também apareceram nas páginas e editoriais do *Para Todos*. Ao lado do sucesso da peça teatral “Orfeu da Conceição” e da “Ópera de Pequim”, esta celebrada como importante aspecto do intercâmbio cultural brasileiro, o jornal apontava constantemente os problemas enfrentados pelos produtores e divulgadores teatrais: “a falta alarmante de casas de espetáculo, o mau critério de distribuição das subvenções às companhias teatrais, o alto custo forçado dos ingressos, a taxação elevada de impostos e selos, [...] a inexistência de escolas dramáticas [...]”.<sup>731</sup>

Ao longo dos editoriais, podemos então traçar um retrato dos principais problemas identificados pelos intelectuais para o setor cultural, observar suas demandas e também que empreendimentos e políticas públicas louvaram naqueles anos.

Além da censura, ainda em um período democrático no Brasil, vale notar que a falta de investimentos culturais era a principal preocupação, a começar com a miséria a que estaria relegado o Ministério da Educação, responsável pelo setor. As dificuldades do repasse de verbas a instituições culturais como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), para eventos como a Semana Nacional do Livro e o V Salão de Arte Moderna, também estiveram no centro das inquietações.

Apesar de o jornal apontar significativos avanços no campo cultural, ao longo dos anos de sua existência, muitas dificuldades permaneceram. O editorial intitulado “3º ano”<sup>732</sup> deixou claro como estes obstáculos estavam afetando o próprio jornal. O texto revelou, assim, as

---

<sup>730</sup> Isto também pode ser observado no editorial intitulado “Responsabilidades”, que trata da inauguração da nova sede do Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro. O texto destaca parte do discurso do presidente, congratulando-se com o mesmo pelo seu posicionamento e seu intento porém indica que a necessidade de maiores esforços por parte do governo da República no estímulo à cultura e, naquele caso específico, às artes plásticas no Brasil. Cf. RESPONSABILIDADES. *Para Todos*. Rio-São Paulo: p.2, 1ª e 2ª Quinzena de fevereiro de 1958.

<sup>731</sup> O GOVERNO e o teatro. *Para Todos*. Rio-São Paulo. 1ª Quinzena de fevereiro de 1957.

<sup>732</sup> 3º ANO. *Para Todos*. Rio-São Paulo. 1ª e 2ª Quinzena de maio de 1958.

limitações enfrentadas para a circulação daquela publicação (distribuição e publicidade) e o crescente custo dos materiais de impressão.<sup>733</sup>

Estas limitações estariam levando a atrasos nas publicações e à falta de tiragens de vulto. Assim, o lucro obtido com a venda avulsa do periódico e com as assinaturas cobriam apenas o déficit da empresa. Provavelmente, estes problemas motivaram o fim do periódico. O número do *Para Todos* que publicou o editorial intitulado “3º ano” foi o último disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, possivelmente e o último número do jornal a circular.

#### **4.4 Engajamento individual e participação como embaixador ou diplomata**

Uma vez encerradas as atividades de *Para Todos*, Jorge Amado participou como uma espécie de embaixador ou diplomata, representando os interesses do Estado no exterior e internamente. Se, no Partido, o escritor já desenvolvia um papel de articulador e mediador, fora da organização, esta função se ampliou. Distante da militância partidária e ocupando lugar de destaque no cenário intelectual, o escritor participou de diversos eventos envolvendo objetivos político-culturais.

Jorge Amado se manteve, por exemplo, como dirigente do departamento de organização do Conselho Mundial da Paz (CMP), participando de reunião desta organização, em Moscou, em 1959<sup>734</sup>.

Sobre o CMP, a hoje professora aposentada do Instituto de Física da USP, Dina Lida Kinoshita, outrora membro da Executiva Internacional do Conselho Mundial da Paz, lembrou que a organização foi criada logo após a Segunda Guerra Mundial e a comoção causada pelos

---

<sup>733</sup> Cf. *Ibid.*

<sup>734</sup> Cf. *PARTIDÁRIOS*, 1959.

horrores do conflito, inclusive, pela tragédia de Hiroshima e Nagasaki, mobilizando amplos setores da intelectualidade a favor do desarmamento e da paz.<sup>735</sup> Dina Kinoshita destacou que estiveram presentes no primeiro congresso do conselho, notórios artistas, escritores e cientistas comunistas como Jorge Amado, Pablo Picasso, Ilya Eremburg, além de figuras expoentes da política e sacerdotes, mas também *peessoas simples* que vinham dar o seu depoimento sobre os horrores da guerra.

Mesmo com uma estrutura de tradição hierarquizada leninista, a professora considerou que o CMP superou em certo grau esta referência, tornando-se mais aberto e amplo do que outras organizações sintonizadas com as diretrizes da Internacional Comunista, como o Cominform<sup>736</sup> e a Federação Sindical Mundial (FSM)<sup>737</sup>. De acordo com esta lógica, o CMP buscou abranger delegações numerosas representando políticos, militares, cientistas, escritores, artistas, médicos, educadores, jornalistas, religiosos, mulheres e jovens.

Por outro lado, Dina Lida Kinoshita ressaltou que, apesar das boas intenções, o CMP também foi excessivamente unilateral e se voltou, prioritariamente, ao longo de sua existência, até o início dos anos 1990, apenas àqueles eventos que interessavam à política externa da URSS. Assim, jamais reivindicou a liberdade e a democracia nos países do socialismo real.

Assim, depois de meados dos anos 1950, mesmo participando como membro do Conselho, Jorge Amado defendeu a liberdade dos países sob influência soviética, destoando da postura adotada pelo CMP. A permanência dele como dirigente desta organização, mesmo após o seu afastamento do PCB e o acirramento das suas divergências em relação ao Partido, deve

---

<sup>735</sup> KINOSHITA, Dina Lida. Organização Comunista na América Latina no pós II Guerra Mundial: Rastros do Comintern. S.l.: *Revista Izquierdas*, ano 3, n.7, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.izquierdas.cl/images/pdf/2011/07/Kinoshita.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

<sup>736</sup> Organismo criado no contexto da Guerra Fria cujo propósito era coordenar ações entre os partidos comunistas sob orientação soviética. Cf. KINOSHITA, 2010.

<sup>737</sup> Criada logo após o fim da II Guerra Mundial, a Federação Sindical Mundial foi concebida à imagem da Organização das Nações Unidas para congregar todas as organizações sindicais numa única organização internacional. Cf. KINOSHITA, 2010.

ser observada, portanto, sob o viés do engajamento em favor da paz, dos projetos e práticas políticas e diplomáticas em benefício da coexistência pacífica.

Tal como recorda Dina Lida Kinoshita, o CMP, durante os 50 anos aproximadamente de sua existência, organizou campanhas globais sobre temas levantados de acordo com demandas do contexto imediato. Lutou contra a escalada armamentista, pelo banimento dos testes nucleares, pelo fim da Guerra da Coreia, pela descolonização da África e da Ásia e pela erradicação da discriminação racial. Eram lutas nas quais Jorge Amado estava envolvido seja dentro seja fora da organização.

Em fins dos anos 1950, o sucesso literário de Jorge o levou a uma fama nacional e internacional jamais alcançada anteriormente por ele, especialmente em virtude do sucesso de *Gabriela cravo e canela*. Sua participação em eventos político-culturais ganhava assim uma significação maior em relação à do intelectual-cidadão engajado. Ele se tornou símbolo do Brasil e da cultura brasileira, sendo progressivamente elevado ao posto de intérprete e ícone de brasilidade.<sup>738</sup>

Esta “missão” foi então prontamente abraçada pelo escritor. Ele passou a ser chamado para inúmeros eventos político-culturais, muitas vezes de caráter diplomático. Esse tipo de participação ia ao encontro da ideia já anteriormente defendida em *Para Todos*, de intercâmbio cultural, livre e em bases de reciprocidade com todos os países, especialmente, quando pensado na relação com países com os quais o Brasil tinha pouco ou nenhum contato.

O jornal incentivou e festejou, por exemplo, a participação do Brasil em eventos científicos e culturais envolvendo países comunistas não por questões ideológicas, mas porque, durante anos, o contato com estes países foi evitado. Em “Intercâmbio”, o editorial do jornal celebrou o Congresso Internacional de Geografia, realizado no Brasil, onde se fizeram

---

<sup>738</sup> CALIXTO, 2011.

representar cientistas “dos países de oeste a leste, sem discriminações políticas e ideológicas”<sup>739</sup>. Ainda sobre o assunto, o editorial afirmou:

Sabendo-se que, no que se refere à manutenção da paz e à compreensão entre os povos, o intercâmbio entre os países de oeste e os de leste é o fundamental, é-nos grato assinalar fatos tais como a próxima estreia no Brasil do conjunto de danças e canções tcheco-eslovacas “Lucnisa” e da Ópera de Peking, cujo valor artístico empolgou, o ano passado, a crítica e o público parisienses. Vai-se rompendo, assim, um isolamento que redundava em prejuízo nosso e que correspondera a uma situação internacional superada.<sup>740</sup>

A aproximação com os países do leste europeu foi tanto celebrada quanto estimulada pela direção do jornal, com destaque para a “Ópera de Pequim”, intensamente anunciada e tratada nas páginas daquele periódico. Depois deste evento, *Para Todos* ainda organizou o “Salão de Gravura e Desenho”, exposição de desenhos e gravuras de artistas brasileiros, com prêmios de viagem à China. O acordo foi firmado quando da passagem da “Ópera de Pequim” ao Brasil. Naquela ocasião, a direção do jornal entrou em contato com seu diretor, Chu Tu-Nan que era também diretor do Instituto de Relações Culturais com o Estrangeiro da República Popular da China. Daquele entendimento, surgiu o “Salão PARA TODOS de Desenho e Gravura”, colocando-se em prática um dos objetivos do jornal de estreitar os laços culturais com os diversos países do mundo.<sup>741</sup>

O papel desenvolvido por Jorge Amado teve sequência, portanto, fora do universo do jornal, assumindo por vezes um caráter individual, mas em acordo com o campo intelectual que compartilhava os mesmos interesses.

Ele esteve presente, em 1959, em evento comemorativo à fundação da República Popular da Polônia, no Rio de Janeiro, promovido pela representação diplomática da Polônia no Brasil. A República Popular da Polônia havia sido criada ao final da Segunda Guerra

---

<sup>739</sup> INTERCÂMBIO, 1956.

<sup>740</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>741</sup> UMA INICIATIVA de Para Todos: Salão de Gravura e Desenho com prêmios de viagem. *Para Todos*. Rio-São Paulo. 2ª Quinzena de janeiro de 1957.

Mundial. O exército alemão havia sido expulso do território polonês graças ao avanço do exército vermelho da União Soviética. O novo governo formado após a conferência de Yalta era pró-comunista e ganhou força nos anos seguintes. O país se tornou, assim, parte da esfera de influência do novo poder soviético na Europa Oriental após a guerra.

Visto como oportunidade para o estreitamento dos laços de amizade entre Brasil e Polônia, o evento contou com a participação de diplomatas, parlamentares, personalidades e jornalistas. Participaram da recepção na embaixada polonesa o pianista soviético Dorenski, o Ministro Negrão de Lima, os deputados Domingos Velasco, Nelson Carneiro, Lício Hauer e Fernando Santana, os escritores Peregrino Júnior, Jorge Amado, entre outros.<sup>742</sup>

De modo semelhante, Jorge participou em 1961, já no contexto do governo Jânio Quadros, da inauguração da Exposição de Artistas de Israel no Museu de Arte Moderna (MAM), em Salvador. O evento contou com a presença do governador da Bahia, Juraci Magalhães, além de figuras de destaque dos meios sociais e artísticos, cumprindo plano de intercâmbio cultural entre Brasil e Israel elaborado pelo Itamarati.<sup>743</sup>

Além da participação em eventos de cunho diplomáticos, o engajamento do autor no campo cultural também se fez notório através do seu posicionamento individual nas entrevistas em jornais. Se o tom utilizado em *Para Todos* era de forte cobrança em relação ao governo de JK, observamos que, ao menos em torno da construção de Brasília, o posicionamento de Jorge foi de bastante otimismo, assim como a de significativa parcela da intelectualidade brasileira, não somente pelo grandioso projeto arquitetônico de Oscar Niemeyer. Destacamos o fato de o autor ter aproveitado a oportunidade para saudar o governo de JK como um todo, elencando o projeto de Brasília como uma espécie de resumo ou saldo positivo do que foi o seu mandato como presidente da República. Em uma carta ao autor de um livro sobre a nova capital, cujo

---

<sup>742</sup> Cf. A DATA nacional da Polônia. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 31 jul. 1959.

<sup>743</sup> Cf. EXPOSIÇÃO de Artistas de Israel: MAMB. *Jornal da Bahia*. Salvador, 24 fev. 1961.

texto foi reproduzido e comentado no *Diário Carioca*, Jorge Amado assim se manifestou a esse respeito:

Agradecendo a oferta de um exemplar de “Brasil, Capital Brasília”, o romancista Jorge Amado, em carta ao seu autor, acadêmico Osvaldo Orico, declarou que já escrevera a propósito de Brasília, “que se ela houvesse sido a única realização do presidente Kubitschek, bastaria para situar seu nome entre os dos maiores governantes do país”.

E acrescentou que “Brasília não foi sua única obra, marco único do seu governo admirável. Muito fez ele, este presidente do qual todo o Brasil terá saudades a partir do momento que ele deixar o governo. Brasília, porém, é cúpula e símbolo de uma grande obra. Eis o que você soube compreender, com sua inteligência e sua sensibilidade, realizando um livro que é a necessária e bela apresentação de Brasília ao mundo”.<sup>744</sup>

O entusiasmo nacionalista de Jorge associado a Brasília e ao governo do presidente Juscelino foi evidente em muitas declarações que encontradas tanto no contexto de inauguração de Brasília, como também, anos depois. Às vésperas da inauguração, por exemplo, o autor se manifestou a favor da construção de Brasília dizendo ser aquela “a grande realização do governo Kubitschek”, argumentando que constituiu obra de “suma importância para o nosso progresso”.<sup>745</sup> Dias depois, em artigo publicado pela ocasião da vinda de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir ao Brasil, ele fez uma reflexão sobre o contexto nacional, sintetizando o seu olhar sobre questões como desenvolvimento e nacionalismo.<sup>746</sup>

Segundo aquela declaração, a modernização empreendida pelo governo JK alavancou o desenvolvimento socioeconômico do país, ao mesmo tempo que fortaleceu a identidade nacional. Mais do que isso, estaria servindo para a conscientização do brasileiro em relação ao seu potencial e aos problemas “reais” no Brasil que, para o autor, estavam concentrados no “drama da terra”, na zona rural.

<sup>744</sup> JORGE Amado: Brasília consagrou obra de JK. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 18 mai. 1960.

<sup>745</sup> AMADO, Jorge apud RIO continuará a ser a cidade mais alegre do mundo. *Última Hora*. Rio de Janeiro. 05 abr.1960.

<sup>746</sup> AMADO, Jorge. Sartre e Simone Beauvoir no Brasil. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro. 28 ago.1960.

Neste sentido, foi significativo Jorge dizer que “principalmente para o Norte e o Nordeste a Nova Capital é algo que chega às raias das coisas extraterrenas”. Ele acreditava que o “recentramento” levaria estas regiões a serem efetivamente congregadas ao Brasil em termos político-administrativos. Além disto, havia também o entusiasmo frente à criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) um ano antes da inauguração de Brasília, o que acendia a esperança de desenvolvimento socioeconômico da região.

Ao mesmo tempo que saudou a construção de Brasília, com argumentos que iam além do campo cultural, Jorge Amado exaltou de maneira entusiasmada o governo de JK. Não deixou também de se engajar nas lutas que envolviam políticas públicas para o campo cultural. A questão da indústria do livro, já citada anteriormente como um campo constante de batalhas evidenciado em *Para Todos*, continuou a ser pauta da luta de artistas e intelectuais junto ao governo federal.

Em uma longa entrevista veiculada no *Jornal do Brasil*, Jorge Amado foi chamado a falar sobre a crise instaurada entre escritores e editores. De acordo com o autor, a crise era, antes de tudo, do livro brasileiro, da indústria editorial brasileira: “Os editores não podendo atender às solicitações do mercado, dos leitores, passaram a aplicar uma política editorial perigosa e danosa para os escritores: a política de produzir pouco e ganhar muito”<sup>747</sup>. Na prática aquilo significava uma tendência para edições quase exclusivas de coleções, venda pelo crediário, limitação da distribuição de livros, alta de preços etc.

Naquela conjuntura, muitos escritores endossaram uma campanha em favor de um novo comportamento perante os editores definido por Fernando Sabino como: “amigos, amigos, negócios à parte”. O próprio Sabino havia articulado, segundo o *Jornal do Brasil*, um plano que poderia estabelecer um entendimento, evitando-se um memorial, como veremos a seguir, que seria destinado ao presidente da República e que muitos acreditavam ser pouco proveitoso.

---

<sup>747</sup> AMADO, Jorge apud MEIRA, Mauritânio. Jorge Amado define a crise: não é de classes mas do livro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1959, Coluna: Vida Literária.

Diferentes posições foram tomadas naquela ocasião. A de Jorge Amado foi pela intervenção do governo federal:

A política justa, a meu ver, seria obter do governo as condições necessárias para retirar a indústria editorial brasileira da situação de atraso em que se encontra e possibilitar a sua transformação numa grande indústria capaz de atender ao desenvolvimento cultural do país, ao crescimento do mercado de livros e da literatura brasileira.<sup>748</sup>

O romancista viu, portanto, com bons olhos o memorial entregue pelos escritores da União Brasileira de Escritores (UBE) no Rio de Janeiro ao presidente JK. No documento, solicitavam medidas de interesse geral do livro e da indústria editorial brasileira, como câmbio melhor para importação do papel para edições dos livros; crédito bancário, a longo prazo e juros baixos para os editores e facilidade de importação das máquinas, por exemplo.

Mesmo sem ter ocupado oficialmente cargo de embaixador do Brasil, na prática, o escritor assumiu de certa forma este papel, especialmente, após a sua elevação ao status de “imortal” da Academia Brasileira de Letras.

#### **4.5 Academia Brasileira de Letras: o autor e a instituição**

Em 1961, Jorge Amado foi eleito para a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, no lugar do também baiano Otávio Mangabeira. A sua relação com a instituição encerrou em si uma gama de ambiguidades que valem a pena serem pensadas pelas aproximações e distanciamentos entre intelectuais e Estado, entre política e cultura, especialmente no contexto da ditadura militar.

Estudos recentes apontaram que, apesar de ser uma instituição oficialmente “apolítica”, a ABL jamais conseguiu alcançar tal neutralidade, tendo seus membros constantemente

---

<sup>748</sup> AMADO, Jorge apud Ibid.

inseridos no debate público próprio de cada contexto. Assim como a Academia recebia a influência da sociedade de sua época, também exercia certa influência sobre ela. De acordo com Diogo Cunha:

[...] Se a política, no sentido ideológico ou partidário, foi excluída dos discursos e conversações do cenáculo, ela fez-se presente desde da sua fundação de outras formas. Acreditamos que a ABL, pela composição de seus membros, majoritariamente conservadores, e pela missão que ela se atribuía de “guardiã” das tradições, literárias ou não, fizeram que ela difundisse um conservadorismo e um conformismo que tiveram um papel simbólico, mas eficaz, na esfera política. Ela permaneceu próxima dos regimes autoritários do século XX e erigiu-se, na medida das suas possibilidades, contra novas ideias políticas ou intelectuais. Nesse sentido, conformismo literário e conformismo político caminharam lado a lado. [...] <sup>749</sup>

O historiador demonstrou em seu estudo sobre a instituição que este conservadorismo, este conformismo político da casa, pode ser percebido através das cerimônias de posse e das visitas recebidas pelos acadêmicos. Em outro trabalho, Cunha apontou tais indícios em conferências proferidas por imortais na Escola Superior de Guerra (ESG) durante a ditadura militar<sup>750</sup>. Austregésilo de Athayde, o presidente da Academia por 35 anos, foi apontado como guardião ou símbolo do conservadorismo que representava a Casa de Machado de Assis, também chamada pelo historiador, de “Palácio Austregésilo de Athayde”<sup>751</sup>.

O trecho acima faz parte de uma análise do papel da Academia Brasileira de Letras (ABL) e do comportamento dos “imortais” durante o regime militar<sup>752</sup>. Ao longo do trabalho, o autor buscou avaliar em que medida a ABL, instituição oficialmente “apolítica”, pôde servir como uma instância de legitimação para a ditadura militar.

Assim como apontado por Jorge Amado em *Navegação de Cabotagem*, ao falar sobre o caso de combinações de voto envolvendo a candidatura de Juscelino Kutisheck, Cunha

<sup>749</sup> CUNHA, Diogo. *Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade: a Academia Brasileira de Letras durante a ditadura militar (1964 – 1979)*. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. *Anais...* Santa Catarina: ANPUH, p.2, jul. 2015.

<sup>750</sup> CUNHA, 2011.

<sup>751</sup> CUNHA, 2015, p. 3.

<sup>752</sup> CUNHA, 2015.

demonstrou a existência de práticas de manipulação em certas eleições. Tanto o caso da derrota de JK, em 1975, como o da eleição do general Aurélio de Lyra Tavares foram utilizados para pensar um importante elemento da relação dos intelectuais com regimes políticos: o da possibilidade de vantagens financeiras.<sup>753</sup>

Como um membro daquela Casa durante o período, Jorge esteve inserido, portanto, neste quadro pela rede de sociabilidade, pela dinâmica da instituição (posicionamento político e formas de atuação de seus membros e eleições internas) e pelo discurso sobre a identidade nacional brasileira que seus membros ajudaram a difundir. Os intelectuais, em especial os “imortais”, tiveram um papel crucial na circulação de certa leitura acerca do Brasil, fonte de legitimidade para os ideólogos da última ditadura brasileira.<sup>754</sup>

Também Marisa Schincariol citou em seu trabalho intitulado “Consagração ou desqualificação: Jorge Amado, Rachel de Queiroz e a Academia Brasileira de Letras”<sup>755</sup> situações envolvendo o escritor que ajudam a esclarecer como a Casa de Machado de Assis, através de seus membros, esteve absorvida no debate político público em certos contextos.

Em 1961, Jorge Amado era um dos mais célebres escritores do Brasil, de modo que a sua entrada na Academia pareceu, por um lado, algo natural, especialmente porque o romancista foi candidato único naquela eleição. Assim como outros periódicos, o *Diário Carioca* abordou aquela situação em artigo intitulado “Jorge: a vitória sem grandeza”, ressaltando a singularidade daquela votação:

Nenhum escritor ou assim chamado cidadão resistiu à poderosa, à esmagadora concorrência do autor de “Gabriela cravo e canela”. Ninguém teve coragem de enfrentar o baiano “globe trotter”, o ex “enfant gaté” brasileiro da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, um dos três ou quatro autores mais traduzidos do mundo. Foi Jorge se candidatar à vaga do conterrâneo Otávio Mangabeira e os candidatos já anunciados tomarem-se de pânico. O pior dos pânicos, que vem da certeza da derrota. Durante quatro meses então, Jorge Amado não tem adversários,

---

<sup>753</sup> Cf. CUNHA, 2015, p. 7.

<sup>754</sup> CUNHA, 2011, p. 3.

<sup>755</sup> MELLO, Marisa Schincariol. *Consagração ou desqualificação: Jorge Amado, Rachel de Queiroz e a Academia Brasileira de Letras*. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. *Anais...* São Paulo: ANPUH, julho 2011.

não tem problemas. Não precisa repetir a visita aos trinta e oito acadêmicos, não lhe cabem as noites de insônia de todo candidato às voltas com a ameaça de traição dos votantes e “golpes” de concorrentes. Dorme tranquilo, como um simples comunista reabilitado com a burguesia.<sup>756</sup>

A facilidade com que Jorge Amado ganhou o escrutínio, afastando a concorrência, demonstrou como a fama, adquirida especialmente após o sucesso de *Gabriela cravo e canela*, foi importante para tamanha conquista. Isto ficou claro no trecho acima e também em diversos recortes de jornais selecionados pelos Acervos sobre Jorge Amado, da Fundação Casa de Jorge Amado e da Academia Brasileira de Letras.

Uma vez que o discurso comunista explícito, inflamado, deixou de estar presente na Literatura do escritor, ele foi então “reabilitado pela burguesia”<sup>757</sup>, nas palavras do periódico, e teve seu lugar no panteão dos imortais. O autor havia sido um ferrenho crítico da ABL na sua juventude no que a instituição simbolizava de conservadorismo e elitismo. A sua entrada no círculo dos intelectuais foi, portanto, motivo de muitas conjecturas nos meios midiáticos. A inserção de um intelectual naquele círculo servia tanto para angariar prestígio à instituição, quanto ao “imortal”. Segundo alguns noticiários, na eleição de Jorge como membro da ABL, ganhou muito mais a instituição do que o já consagrado escritor. Assim, vaidade e rompimento com seu passado e suas posições políticas de outrora foram vistos como os principais motivos que teriam levado o romancista a pleitear vaga na Casa.<sup>758</sup>

No discurso de posse, no entanto, o romancista argumentou que suas investidas contra aquela instituição, na adolescência, fizeram parte de um natural processo de maturidade:

Senhor Presidente, senhores Acadêmicos!  
Chego à vossa ilustre companhia com a tranquila satisfação de ter sido intransigente adversário desta instituição naquela fase da vida, em que devemos ser, necessária e obrigatoriamente, contra o assentado e o definitivo, quando a nossa ânsia de construir

<sup>756</sup> JORGE: a vitória sem grandeza. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro. 30 mar. 1961.

<sup>757</sup> Ibid.

<sup>758</sup> Cf. MELLO, 2011, p.9-10.

encontra sua melhor aplicação na tentativa de liquidar, sem dó nem piedade, o que as gerações anteriores conceberam e construíram.

Ai daquele jovem, ai daquele moço aprendiz de escritor, que no início de seu caminho, não venha quixotesco e sincero, arremeter contra as paredes e a glória desta casa.

Não seria ele digno de sua maravilhosa condição se, em lugar de bandeiras de guerra e violentas armas de combate, aparecesse ante a Academia dobrando em curvaturas e sorrisos, em aplausos e elogios, a alma vestida com o fardão acadêmico.[...] <sup>759</sup>

Marisa Schincariol ressaltou que, em algumas entrevistas, o escritor chegou a afirmar que, ao ingressar na ABL, tinha pretensões de reformar a Casa. <sup>760</sup> Além disso, e minimizando a consagração que envolve os membros ingressos, Jorge costumava afirmar em suas entrevistas que, para ele, a Academia não passava de um círculo de amigos.

Segundo a narrativa que sustentou, e especialmente após a sua saída do PCB, o escritor afirmou no discurso de posse que não havia problemas em fazer parte de um círculo de intelectuais de posições políticas diversas. Reiterou assim, mais uma vez, a ideia de que ser adversário político não significava ser inimigo de alguém. Este pensamento foi reforçado em 1965, quando ele fez, na Academia, o discurso de recepção de Adonias Filho, notório intelectual da direita, conspirador e entusiasta do golpe de 1964.

Este posicionamento, também presente no discurso de Adonias Filho, pareceu então reforçar e provar certa apolitização da Casa. Compartilhamos, no entanto, da reflexão desenvolvida por Diogo Cunha que “a adesão de homens de esquerda às práticas da imortalidade, ao reforçar a ideia do ‘apolitismo’, contribuíram para difundir um discurso conservador pretensamente ‘apolítico’” <sup>761</sup>. O modo como a cerimônia de posse de Adonias Filho, bem como sua recepção por Jorge Amado, foram noticiadas em alguns meios midiáticos, como no jornal *A Notícia*, sob o título “Esquerda e governo comungam liberdade” <sup>762</sup>, passando a ideia de um suposto acordo entre “esquerda” e “governo” em torno da liberdade.

---

<sup>759</sup> AMADO, Jorge. Discurso de posse de Jorge Amado na Academia. *Diário de Notícias*. Salvador. 06 e 07 ago. 1961. Caderno 3, p.1.

<sup>760</sup> Cf. MELLO, 2011, p.8.

<sup>761</sup> CUNHA, 2015, p. 7.

<sup>762</sup> Esquerda e governo comungam liberdade. São Paulo, 29 abr. 1965, s.p. In: CUNHA, 2015, p.5 e 6.

No discurso de posse, o mais politizado ocorrido ao longo do regime militar, segundo Diogo Cunha, Adonias Filho, que havia convidado pessoalmente o presidente Castelo Branco para a sua cerimônia, falou sobre o papel que deveria ter o intelectual e a ABL. Afirmou a liberdade como a grande preocupação dos intelectuais. A defesa deste direito faria do trabalho intelectual um “ato público”, de acordo com Adonias.

Alguns jornais já haviam adiantado, antes da cerimônia, que este tema seria abordado por Adonias Filho, o qual revelou para o jornal *A Notícia*, que tal liberdade teria sido “garantida no Brasil pela revolução que não proibia livros e não prendia escritores como na Rússia”<sup>763</sup>. Afirmou ainda que o “Manifesto dos intelectuais”<sup>764</sup>, divulgado no mês anterior era uma “impostura” e que “a revolução [...] enquanto fenômeno de renovação do processo social, deverá influenciar e tornar possível o surgimento de um ciclo literário”<sup>765</sup>. Como revolução, Adonias Filho referia-se ao golpe de 1964, denominação usada, sobretudo, mas não somente, pelos idealizadores militares e civis do movimento que derrubou João Goulart.

O artigo jornalístico também destacou a inusitada situação, de um homem da esquerda receber um dos mais célebres homens da direita brasileira. No discurso de recepção, Jorge Amado argumentou:

Perdoai-me, Sr. Adonias Filho, se me perco em adjetivos e não faço a crítica, a análise, o erudito balanço de vossos livros, se quase me esqueço de chamar a atenção para a vossa atividade de ensaísta, seja de ensaísta político, tão distante da minha maneira de ver os problemas e as soluções, seja a do excelente ensaísta literário que sóis [...] Se fosse vosso desejo escutar aqui, hoje, nesta noite de festa, de vossa festa, a análise de vossa obra admirável e seu justo conceito, a medida exata de vossa importância em nossas Letras, terias escolhidos par vos receber e saudar um dos vários mestres da crítica literária com assento nesta casa [...]

Escolhestes com o coração, ao conterrâneo, ao amigo de infância, ao colega de colégio interno, ao companheiro de Letras, à fraternal amizade jamais estremeçada seja pelas divergências literárias, seja pelas divergências políticas, pois sabemos um e outro, Sr.

<sup>763</sup> FILHO, Adonias apud ESQUERDA e governo comungam liberdade. *A Notícia*. São Paulo, 29 abr. 1965, s.p. In: CUNHA, 2015, p.5.

<sup>764</sup> Trata-se do manifesto assinado por vários intelectuais de esquerda, dentre os quais Jorge Amado, e publicado no dia 14 de março de 1965, pedindo o retorno da democracia.

<sup>765</sup> FILHO, 1965 In: CUNHA, 2015, p.5.

Adonias Filho, o bem pouco que valem os fuxicos da Literatura e as futricas da Política ao lado da inteireza do homem, de sua dignidade.<sup>766</sup>

O posicionamento expresso na fala do escritor obedecia a um princípio já colocado por ele em outras ocasiões ao defender a luta contra o sectarismo. Afirmou diversas vezes, tal como já analisamos neste trabalho, que ser adversário político não significava ser inimigo de alguém. O autor, reafirmando a sua condição de homem de esquerda, disse ainda que “os dois imortais estavam de acordo sobre a apologia à liberdade e à convivência, característica do povo brasileiro”<sup>767</sup>.

Certamente esta postura pode ser observada em larga escala no campo intelectual, embora não explicitada. Intelectuais de sensibilidades políticas diversas possuíam relações de amizade e sociabilidade. Talvez de maneira exemplar, o caso de Jorge, e especificamente a relação entre ele, Adonias Filho e a Academia mostra que a clivagem direita/esquerda nem sempre é aplicável no mundo intelectual, no qual as amizades e as desavenças têm um papel mais importante do que posicionamentos políticos, tal como defendeu Diogo Cunha<sup>768</sup>.

Além do romancista baiano, Fernando de Azevedo, Hermes Lima, João Cabral de Melo Neto, José Honório Rodrigues e Antônio Houaiss, todos intelectuais de esquerda, foram eleitos entre 1967 e 1971. Apesar do conservadorismo da ABL, e considerando o fato de muitos de seus membros terem apoiado o golpe, não é possível fazer uma relação direta entre a instituição e o regime militar. Tampouco é plausível estabelecer esse nexos com outras instituições culturais, mesmo aquelas singradas no próprio Estado, como é o caso do Conselho Federal de Cultura. Diferentemente do CFC, órgão diretamente ligado ao Estado, a ABL era independente

---

<sup>766</sup> AMADO, Jorge. *Discurso de recepção ao acadêmico Adonias Filho*. 28 abr. 1965. Disponível em: <<http://www.machadodeassis.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=12436&sid=244>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

<sup>767</sup> Ibid.

<sup>768</sup> CUNHA, 2015, p.4.

em relação ao Estado e a qualquer governo ou regime. Em ambos os casos, todavia, podemos dizer que os intelectuais envolvidos tinham suas redes e interesses próprios.

Partimos, assim, de uma compreensão desmistificada do papel do intelectual de esquerda, como Jorge Amado, sob a ditadura, como também do papel de personagens das direitas como Adonias Filho e Austregésilo de Athayde. Tal complexidade ficou clara, particularmente, no que se refere à questão da liberdade. O presidente da ABL apoiou a intervenção militar de 1964, mas criticou as prisões arbitrárias. Convidou os representantes do regime para as cerimônias da ABL, ao mesmo tempo que ajudou os jornalistas aprisionados. Ele teceu grandes elogios aos presidentes militares enquanto criticou a censura.<sup>769</sup> Era também, em nome da liberdade, que Adonias Filho apoiou o golpe, convencido de afastar, assim, o fantasma da ditadura comunista<sup>770</sup>.

Esta complexidade das relações entre os intelectuais e a política também pode ser observada na formação de uma organização intelectual, no contexto pré-Golpe, tal como veremos a seguir.

#### **4.6 Comando dos Trabalhadores Intelectuais**

Certamente uma das mais destacadas atuações de Jorge, ainda no período democrático que antecedeu o Golpe de 1964, foi no Comando dos Trabalhadores Intelectuais (CTI). Idealizado por Ênio Silveira, Jorge Amado e Álvaro Lins, o CTI surgiu como forma de

---

<sup>769</sup> Cf. CUNHA, Diogo. Austregésilo de Athayde e a ‘torre de marfim’: os engajamentos de um intelectual ‘liberal’ durante o regime civil-militar brasileiro (1964-1979). In: QUADRAT; ROLLEMBERG, 2015.

<sup>770</sup> Sobre as aproximações entre imortais de diferentes posições políticas, especialmente em torno do conceito de liberdade, ver também o caso de Adonias Filho e Dias Gomes tratado em ROLLEMBERG, Denise. O Imortal Bem Amado. A chegada de Dias Gomes à Academia Brasileira de Letras. In: FICO, Carlos; ARAUJO, Maria Paula. (Orgs.). *1968, 40 anos depois: história e memória*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

organização dos intelectuais perante o contexto político vivido, bem como explicitou seu documento de formação:

Considerando que a situação política do país impõe a necessidade cada vez maior da coordenação e da unidade entre as várias correntes progressistas;  
 Considerando que os intelectuais não podem deixar de constituir um ativo setor de luta dessas correntes progressistas;  
 Considerando a inexistência de um órgão mediante o qual possam os intelectuais emitir os seus pronunciamentos e afirmar a sua presença conjuntamente com os demais órgãos representativos das forças populares;  
 Considerando que os acontecimentos recentes demonstraram a urgência da criação desse órgão capaz de representar de forma ampla o pensamento dos que exercem atividades intelectuais no país, os abaixo-assinados, por este documento, declaram fundado o CTI e solicitam a adesão dos intelectuais.<sup>771</sup>

O Comando era uma reação às articulações de conspiradores que buscavam se aproveitar do clima de instabilidade político-econômico para concretizar um golpe no país. Foi uma resposta, particularmente, à famosa entrevista de Carlos Lacerda a um jornal norte-americano em que ficou clara a existência de uma conspiração golpista. O CTI surgiu também pouco tempo depois do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), uma organização intersindical brasileira, criada em São Paulo, no ano de 1962, durante o IV Congresso Sindical Nacional dos Trabalhadores, cujo objetivo era orientar, dirigir e coordenar o movimento sindical no Brasil.

Diante da crise política gerada por Lacerda, o CGT manifestou apoio à nota dos ministros militares e se mostrou atento “ao processo conspiratório desses grupos em boa hora denunciados pelos Ministros Militares”<sup>772</sup>. Além disso, conclamou todas as organizações e entidades sindicais a convocarem assembleias e manterem mobilizadas suas categorias a fim de se prepararem diante de qualquer tentativa de interrupção das liberdades democráticas.<sup>773</sup>

---

<sup>771</sup> Trecho extraído do manifesto do Comando dos Trabalhadores Intelectuais, publicado em EMANCIPAÇÃO é meta do Comando dos Trabalhadores Intelectuais. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 out. 1963.

<sup>772</sup> ENTREVISTA, 1963.

<sup>773</sup> Ibid.

O CTI parecia uma resposta a esse chamado, tendo como objetivo, assim como o próprio CGT, a emancipação do país. No caso particular da organização dos intelectuais a prioridade era a emancipação cultural do país, “essencialmente ligadas às lutas políticas que marcam o processo brasileiro de emancipação econômica”.<sup>774</sup> Quase quatrocentas pessoas, dentre atores, escritores, diretores teatrais, pintores, cineastas, artistas do rádio e da TV, arquitetos, cantores, compositores, assinaram a lista de adesão ao CTI, que passou a ser visto como um sindicato dos intelectuais pela proposta de organização do meio cultural e à atuação política por intermédio de manifestos em prol das reformas e mudanças sociais.<sup>775</sup>

No livro *A Revolução dos Caranguejos*, o escritor Carlos Heitor Cony afirmou que o documento que deu origem ao Comando dos Trabalhadores Intelectuais foi elaborado pelo Comitê Cultural do PC, em virtude das primeiras assinaturas que apresenta: Jorge Amado, Dias Gomes, Nelson Werneck, Oscar Niemeyer.<sup>776</sup>

Além de alguns de seus idealizadores, muitos signatários do CTI eram militantes, simpatizantes do PCB, ou notórios comunistas. Alex Vianny, Álvaro Vieira Pinto, Barbosa Lima sobrinho, Dias Gomes, Ênio Silveira, Jorge Amado, Moacyr Félix, Néelson Werneck Sodré, Oscar Niemeyer, Osny Duarte Pereira, dentre outros, faziam parte da comissão diretora do CTI. Destacavam-se as figuras de Moacyr Félix, seu secretário-geral e Ênio da Silveira, cuja editora Civilização Brasileira foi transformada no quartel-general da entidade e no principal ponto de encontro da intelectualidade de esquerda.<sup>777</sup>

Relativizemos, no entanto, a afirmação de Cony sobre a relação entre o CTI e o PCB, através de seu Comitê Cultural considerando a avaliação feita por Marcelo Ridenti sobre a inserção do PCB no campo cultural no pré-64. Se é certo dizer que os movimentos culturais

---

<sup>774</sup> Trecho extraído do manifesto do Comando dos Trabalhadores Intelectuais, publicado em EMANCIPAÇÃO, 1963.

<sup>775</sup> Cf. COSTA, 2013.

<sup>776</sup> Cf. CONY, Carlos Heitor. *A Revolução dos Caranguejos*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 29, 2004.

<sup>777</sup> Cf. COSTA, op. cit.

daquele contexto sofriam influência do PCB, de diversas correntes marxistas e do ideário nacionalista e trabalhista da época, vale lembrar que nem todos seus integrantes eram militantes.<sup>778</sup>

O CTI sofreu esta influência, tendo vários membros do Partido dentre seus idealizadores, mas não era subordinado ao PCB nem ao seu Comitê Cultural de modo algum. Também não o eram os Centros Populares de Cultura (CPCs) em todo o Brasil, o Teatro Paulista do Estudante, o Teatro de Arena, o Cinema Novo e as publicações da editora Civilização Brasileira do comunista Ênio Silveira. Segundo Ridenti, nenhum destes movimentos culturais teve uma diretiva preestabelecida por qualquer organização de esquerda.<sup>779</sup>

Ridenti afirmou que “com o fim do zdanovismo, não havia diretrizes claras na direção do PCB para uma política cultural partidária. Esta passou a ser formulada na prática por artistas e intelectuais do Partido ou próximos dele, que estavam em sintonia com os movimentos sociais, políticos e culturais do período”<sup>780</sup>.

Sem uma diretriz clara, o Comitê cultural do PCB não impunha regras às atividades artísticas dos comunistas, isto é, havia respeito à autonomia dos movimentos artísticos marcados diferenciadamente pelo ideário comunista. Tais movimentos, não expressavam, portanto, posições de partido, ainda que houvesse uma interação, uma sintonia entre eles e o PCB pelas demandas comuns existentes.

Sobre os idealizadores do CTI, alguns jornais afirmaram que os idealizadores foram, além de Jorge Amado, Ênio da Silveira, e Álvaro Lins.<sup>781</sup> Sobre estes personagens e sua ligação partidária, não encontramos indícios de que tenham participado do Comitê Cultural do PCB. Se Ênio da Silveira e Álvaro Lins eram militantes do Partido naquele contexto, o mesmo não se pode dizer de Jorge Amado, já afastado daquela organização desde 1956.

---

<sup>778</sup> RIDENTI, 2004, p.58 e 59.

<sup>779</sup> RIDENTI, op. cit., p.62.

<sup>780</sup> RIDENTI, op. cit., p.53.

<sup>781</sup> Cf. TRIBUNA DA IMPRENSA. Rio de Janeiro, 16 out.1963. Coluna do Hélio Fernandes.

O fato é que, mesmo abrangendo um grupo muito plural de intelectuais, de posições político-partidárias diversas, o CTI foi condenado pelos golpistas. De acordo com Cony, uma matéria, que saiu em jornais do Rio, e paga por um grupo que se auto intitulava democratas, pedia a prisão dos signatários do Manifesto do Comando dos Trabalhadores Intelectuais. Eles eram acusados de participar de esquema comunista de assalto ao poder.

Apesar da especulação acerca da ligação entre o Comando e o movimento comunista, não havia um propósito político-ideológico por trás do primeiro, o que se revelou pela própria diversidade de artistas e intelectuais que assinaram o documento. Este foi o caso de Carlos Heitor Cony. No artigo intitulado “O sangue e a palhaçada”<sup>782</sup>, em resposta à matéria que pedia a prisão dos membros do CTI, o escritor reafirmou seu posicionamento contrário a Jango e sua repugnância em relação às esquerdas que apoiavam o governo.

Cony contou em *A Revolução dos Caranguejos*<sup>783</sup> que foi Jorge Amado quem convenceu a ele e a Campos de Carvalho a assinar o manifesto. Disse que o assinou por amor a Jorge e respeito a Eneida de Moraes, que estava com ele (“fosse uma promissória assinaria”<sup>784</sup>). Apesar disto, mostrou consciência do ato ao defender a sua atitude em “O sangue e a palhaçada”. Assinou porque desejava um Brasil melhor, apesar de contrário a certo nacionalismo exacerbado presente no documento.

A atitude de Cony, ao longo do regime militar, era autônoma, individual. Ênio da Silveira o definiu como um “lobo solitário, de feroz individualismo”<sup>785</sup>. Não estava ligado a partidos ou posições político-ideológicas, sendo mesmo considerado um alienado por não escrever sobre política. Mas a partir do momento em que se mostrou contrário ao golpe, foi considerado pelo regime como um comunista, um golpista. Para o secretário de segurança do

---

<sup>782</sup> CONY, op. cit., p.39 a 43.

<sup>783</sup> Ibid.

<sup>784</sup> Ibid., p.39.

<sup>785</sup> Ibid., p.73.

Estado da Guanabara, “um comunista a serviço de Moscou”<sup>786</sup>. Este caso reforça o fato de os militares identificarem os comunistas como inimigos. Quem não era a favor do governo era comunista. Fomentar o terror anticomunista era também uma forma de legitimar o golpe e o regime instaurado.

É possível que a lista daqueles que assinaram o CTI tenha sido um ponto de partida para a investigação que os militares, então no poder, começavam a fazer sobre os artistas e intelectuais. Isto foi evidenciado em episódio ocorrido logo após o golpe, com a prisão da pintora, desenhista e ilustradora Djanira da Motta e Silva. O jornal *Correio da Manhã* publicou no dia 21 de maio de 1964 uma carta da artista relatando as circunstâncias em que foi detida.<sup>787</sup>

Na carta, a artista afirmou que foi surpreendida em São João de Meriti por policiais armados que interceptaram seu carro para vasculhá-lo e cumprir ordem de prisão. Na delegacia, informaram-na que a ordem de prisão havia sido expedida por um general sob o argumento de ela ser suspeita de exercer atividade subversiva e de portar livros suspeitos contra a ordem política vigente. Ela foi informada que seria transferida para Niterói com urgência, devido a sua “periculosidade”.

Djanira disse que os policiais mostraram a ela que a vida de seu marido, sua biblioteca e sua pesquisa sobre temas nacionais, estavam também sendo vigiados. Interrogaram-na sobre sua viagem à URSS e seu interesse em viajar a Cuba. Além disso, mostraram grande interesse no seu caderno de telefones, tendo sido mencionados com atenção nomes de intelectuais como os de Darcy Ribeiro, Iberê Camargo e Jorge Amado.

O interesse na caderneta e a própria prisão da artista parecem se explicar ao final da carta:

---

<sup>786</sup> Ibid., p.59.

<sup>787</sup> Cf. MOTTA E SILVA, Djanira. Carta de Djanira ao correio da manhã. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 21 mai. 1964. 2º Caderno.

O vergonhoso é a ideia fixa da Polícia, em geral, de inquirir a respeito de uma simples relação de intelectuais que assinaram uma lista para organizar uma entidade de defesa de seus trabalhos e da liberdade do artista. Confirmei e confirmo minha assinatura nesse documento. Inquisição ociosa porque se a Polícia tem várias sociedades de classe, os oficiais do Exército e o Clube Militar, por que nós, intelectuais, devemos ser os marginais da sindicalização e viver alheios às necessárias liberdades políticas, sem as quais a dignidade da função intelectual é amesquinhada? Quando perguntada qual a minha ideia política, respondi com convicção que era somente o meu trabalho de artista e pintora. A produção de um trabalho, seja qual for, é uma ação política por si só. Política do engrandecimento pátrio.<sup>788</sup>

Ficou claro em seu depoimento que a ideia de perseguição aos artistas e intelectuais vinculados ao CTI não se restringiu ao pedido de alguns “democratas” em artigo de jornal. O governo identificou os membros do Comando como suspeitos de ações subversivas e de partilharem da ideologia comunista, e agiu investigando, perseguindo e até mesmo prendendo participantes da organização.

Além do caso de Djanira, outra prisão, envolvendo o romancista Ibiapava Martins, revelou o interesse do regime em investigar e deter Jorge Amado. Jornais como *Última Hora*, *Diário da Noite* e *Correio da Manhã* noticiaram a prisão de Ibiapava. De acordo com o *Correio da Manhã*<sup>789</sup>, o romancista foi preso em São Paulo, durante uma tarde de autógrafos, mas até a data em que foi veiculada a matéria, ele não sabia ao certo por que havia sido preso. O artigo, no entanto, deu como certo o fato de que na lista em que se anunciava a sua prisão, havia também determinação para serem localizados e detidos Jorge Amado e o poeta popular Pompílio Diniz.<sup>790</sup> Estes relatos vão ao encontro do depoimento de Jorge em que este afirma que noventa por cento do interrogatório da polícia ao seu amigo, Giovanni Guimarães, foi sobre ele.<sup>791</sup>

---

<sup>788</sup> Ibid.

<sup>789</sup> Cf. CONDÉ, José. Tarde de autógrafos dá cadeia. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: 25 set. 1964. 2º Caderno, Coluna: escritores e livros, p.2.

<sup>790</sup> Ibid.

<sup>791</sup> Cf. AMADO, Jorge apud GOMES, 1981, p.32 e 33.

#### 4.7 O debate em torno da democracia racial no pós-golpe

O advento da ditadura por meio do golpe de 1964 e, sobretudo, a instauração do AI-5 levaram as esquerdas a assumirem um discurso radicalizado de oposição ao regime ou de resistência a ele que criou certa identidade entre seus adeptos.

O discurso literário e extraliterário sustentado por Jorge Amado em torno da identidade nacional brasileira divergia das principais orientações das esquerdas, especialmente no âmbito dos movimentos sociais. Avaliamos aqui os desdobramentos políticos que emanaram da sua interpretação de Brasil em pleno regime militar.

Muito antes do Golpe de 1964, o ideário nacional no discurso literário e extraliterário em Jorge Amado foi sendo desenvolvido tendo como referência a matriz *freyreana* especialmente, após o lançamento de *Casa Grande e Senzala*<sup>792</sup> (1933). Naquela obra, Gilberto Freyre oferecia uma espécie de nova racionalidade para a sociedade multirracial brasileira. Em um contexto de crítica a modelos de análise que tendiam a explicar a questão racial segundo parâmetros do determinismo biológico e somático, o sociólogo celebrava então a singularidade da mestiçagem, invertendo os termos da equação e positivando a miscigenação racial e cultural brasileira.<sup>793</sup>

Freyre foi uma inspiração para a geração regionalista dos anos 1930, especialmente porque contribuiu para se pensar a unidade nacional em função da diversidade. Tratou de enxergar as regiões como os verdadeiros elementos constitutivos da nação, e não uma coleção arbitrária de estados. Assim, para ser nacional era preciso, antes de tudo, ser regional. Refletir

---

<sup>792</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. São Paulo: Global Editora, 1933.

<sup>793</sup> Cf. SCHWARCZ, Lília Katri Moritz. *Complexo de Zé Carioca*: Notas sobre uma identidade mestiça e malandra. Texto apresentado no Encontro anual da ANPOC. 1994. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_29/rbcs29\\_03.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_29/rbcs29_03.htm)> Acesso em: 26 dez. 2010.

sobre o país era respeitar a grande heterogeneidade de um Estado-nação de dimensões continentais tal como o Brasil.<sup>794</sup>

De todos os regionalistas do Nordeste - José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos etc. - Jorge Amado foi o que tornou a temática racial, com bases *freyreanas*, um dos cerne de sua obra. Assim como o sociólogo, Jorge destacava a contribuição positiva da mestiçagem, especialmente, no que diz respeito à herança africana.

No entanto, para o romancista baiano, a miscigenação não tinha o caráter harmônico tal qual o ponto de vista defendido por Gilberto Freyre, especialmente no início de sua carreira. Como intelectual comunista, o sentido socioeconômico parecia se sobrepor ao racial. Assim, para resolver as desigualdades sociais geradas por anos de escravidão, o caminho seria a transformação das estruturas arcaicas da sociedade e não a miscigenação. Ou seja, a mestiçagem não era vista pelo escritor como solução dos conflitos sociais no país nem tampouco como razão para a ausência dessas tensões.

Em Jorge Amado, a identidade de classe se sobrepôs, durante anos, à identidade negra e mestiça. A questão de classe e não de raça estava no centro do entendimento de democracia por ele sustentado. De acordo com esta visão, inseriu-se no debate acerca da democracia racial nos anos 1940<sup>795</sup>.

Entre 1948 e 1957, período em que ele assumiu intensamente seu papel como representante do Partido Comunista na Europa, a discussão sobre a questão racial esteve ausente

---

<sup>794</sup> OLIVEN, Ruben George. Gilberto Freyre e a questão regional. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (Org.). *Intérpretes do Brasil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, p.194-196, 2004.

<sup>795</sup> Isto fica claro pelo interesse por Amado despertado no estudo do sociólogo Roger Bastide acerca da democracia no ano de 1944. Em seu "Itinerários da democracia", Bastide partiu de conversas com intelectuais como Georges Bernanos, Jorge Amado e Gilberto Freyre, no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, respectivamente, para desenvolver seu estudo acerca da democracia. No texto dedicado ao encontro com Jorge Amado em Salvador, ele trata sobre a constituição do povo e da cultura popular, os sujeitos e a forma estética da democracia brasileira. Para o sociólogo, Amado teria dado uma importante contribuição para este debate com *Jubiabá*, onde o autor mostraria que o negro, ao invés de procurar uma compensação para o seu labor cotidiano na mística, que o separa do branco, fixando-o numa tradição africana, teria se voltado para o sindicalismo. A partir de então se estabeleceria uma comunhão que ultrapassaria a raça, sustentando-se em outra mentalidade, que seria a de classe. Cf. BASTIDE, Roger. Itinerário da democracia II – Encontro com Jorge Amado. *Diário de São Paulo*. São Paulo, 24 ago. 1944.

de suas obras. As suas duas únicas publicações deste período tiveram um enfoque político-ideológico. A publicação de *Gabriela cravo e canela*, em 1958, representou assim, um retorno do escritor à questão da mestiçagem.

Durante os quase dez anos que separam *Gabriela* de sua obra anterior, *Os Subterrâneos da Liberdade*, houve, entretanto, um grande avanço da discussão sobre a modernização, a questão do negro e do “mito da democracia racial”, sobretudo, a partir dos estudos realizados pela Unesco no Brasil no início dos anos 1950.<sup>796</sup>

Ainda impactados pelo drama do holocausto, cientistas brasileiros e estrangeiros identificaram no Brasil uma espécie de anti-Alemanha nazista. Localizado na periferia do mundo capitalista, supostamente, apresentando reduzidas taxas de tensões étnico-raciais, o Brasil seria o centro de um experimento que objetivava tornar o exemplo brasileiro em modelo internacional. Por influência destas reflexões, o termo “democracia racial” apareceu na literatura acadêmica ao ser utilizado por Charles Wagley, autor da “Introdução” ao primeiro volume da série de estudos do Projeto Unesco, que “O Brasil é renomado mundialmente por sua democracia racial”.<sup>797</sup>

Esta tese, tal como se estava sendo celebrada pela comunidade internacional, gerou uma grande polêmica no país. Florestan Fernandes e Roger Bastide foram alguns dos que se posicionaram contrariamente a ela. Para eles, a expressão significava um alargamento da terminologia “democracia social e étnica” desenvolvida por Freyre, isto é, constituía um ideal de igualdades de direitos e não apenas de expressão cultural, artística e popular.<sup>798</sup>

---

<sup>796</sup> Cf. SIQUEIRA, José Jorge. *A redemocratização de 1945 e a crise do mito democracia Racial*. Universidade Severino Sombra. Disponível em: <[www.uss.br/web/arquivos/arquivos\\_professores/artigo\\_jose1.pdf](http://www.uss.br/web/arquivos/arquivos_professores/artigo_jose1.pdf)> Acesso em: 26 dez. 2010 e GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. *Democracia racial*. Niterói, 2002. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Democracia%20racial.pdf>> Acesso em: 26.07.2010.

<sup>797</sup> WAGLEY, Charles (Org.). *Race and Class in Rural Brazil*. New York: Columbia University Press, 1952, p. 7 apud GUIMARÃES, op. cit., p. 2.

<sup>798</sup> GUIMARÃES, op. cit., p.11.

Já em Jorge Amado, percebemos um claro enfoque do uso do termo no sentido cultural, artístico e popular, relacionado a ritos, danças, cânticos e preservação da memória. Ele parecia não perceber, tal como sugere estudo de Roberto da Matta, que no Brasil a fábula das três raças funciona porque, ao mesmo tempo que remete à igualdade pela complementaridade, repousa sobre a lógica hierarquizante, já que a raça branca, do colonizador, não perde sua condição superior na prática. Por isso, o direito formal acabava não se tornando efetivo.<sup>799</sup>

Mesmo que o ideal de Jorge Amado de democracia racial estivesse próximo daquele veiculado pela fábula das três raças, ele apresentava pontos divergentes. Para além do branco, do negro e do índio, o autor aludia a múltiplas origens a formação étnica da nossa nação, quando dizia que “de todos os sangues somos mistura”.<sup>800</sup> Ainda assim, podemos afirmar que os elementos negro e branco, e em especial, o negro, se sobrepunham aos demais na maneira como o autor entendia a formação étnico cultural brasileira.

A expressão democracia racial – como um ideal de igualdade de direitos e de expressão artística, cultural e popular<sup>801</sup> –, bem aceita e disseminada na sociedade brasileira por algum tempo, passou a ser criminalizada sobretudo com o advento do golpe de 1964 e o rompimento democrático.<sup>802</sup>

No movimento negro, a luta contra o racismo, associada cada vez mais à luta contra o capitalismo e abraçada por diferentes setores das esquerdas, era vista como uma alavanca para a luta de classes. A disseminação do mito da democracia racial seria um obstáculo a tais

---

<sup>799</sup> Cf. DA MATTA, Roberto. Digressão: A fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira. In: \_\_\_\_\_. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Petrópolis: Vozes, p. 58-85, 1981.

<sup>800</sup> AMADO, Jorge. Discurso no Aché do Opô Afonjá. *Diário de Notícias*. Salvador, 30 ago. 1959.

<sup>801</sup> Este entendimento de democracia racial, muito próximo às formulações de Florestan Fernandes e Roger Bastide, podia ser encontrado, segundo Guimarães, na prática de intelectuais negros, como Abdias do Nascimento e Guerreiro Ramos, que justificavam seus objetivos de desmascaramento da discriminação racial e de desrecolhe da “massa negra” em termos daquele ideal. A expressão teria sido inclusive de uso corrente no movimento negro nos anos 1940. O autor então demonstra que o jornal *Quilombo*, dirigido por Abdias do Nascimento, entre 1948 e 1950, tinha uma coluna intitulada “Democracia Racial”, em que assinavam artigos intelectuais brasileiros e estrangeiros, aliados à luta antirracista de então, como Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Roger Bastide, Murilo Mendes, Estanislau Fischlowitz e Ralph Bunche. Cf. GUIMARÃES, op. cit., p. 11 e 12.

<sup>802</sup> *Ibid.*, p. 11, 12 e 13.

interesses por mascarar a existência do racismo no Brasil e minimizar a luta pela igualdade social entre brancos e negros.

Por outro lado, a democracia racial chegou a ser utilizada como discurso oficial do regime militar, bem como havia ocorrido no governo Vargas, ao servir de cimento simbólico da integração nacional promovida pela ideologia da Segurança Nacional. Neste sentido, a ideia do Brasil “cadinho de raças”, divulgada pelo Conselho Federal de Cultura criado no governo de Castelo Branco, em 1966, ajudava a valorizar a harmonia racial e social como aspecto de originalidade da cultura brasileira<sup>803</sup>.

Tatyana de Amaral Maya, em seu estudo dedicado ao CFC, ao mesmo tempo que mostrou a importância da participação de Gilberto Freyre neste órgão, enfatizou que um discurso “otimista” e “regionalista” da identidade nacional associado à mestiçagem...

[...] foi habilmente incorporado como política de Estado e pode ser observado nas propagandas políticas, nas políticas culturais e nas obras destinadas à educação, buscando reforçar no imaginário social uma idéia do Brasil como um país unido, pacífico, em desenvolvimento.<sup>804</sup>

Além dos intelectuais ligados ao Conselho Federal de Cultura, os imortais da ABL também compartilhavam do ideal da democracia racial. De acordo com Diogo Cunha:

[...] Nossa hipótese é que os intelectuais da ABL, ao proferir regularmente conferências na ESG, tiveram um papel importante nos mecanismos de legitimação do Estado pós-1964. Enfatizando a ausência de conflitos na história do Brasil e abordando temas como a formação harmônica do povo brasileiro e a sua índole cordial e pacífica, enfim, defendendo a existência de uma “verdadeira Cultura Brasileira”, acreditamos que houve uma conexão muito clara entre as teses defendidas pelos imortais e o discurso oficial do regime civil-militar. Os intelectuais tiveram portanto um papel crucial na circulação de uma certa leitura acerca do Brasil e que foi uma fonte de legitimidade para os ideólogos da última ditadura brasileira<sup>805</sup>.

---

<sup>803</sup> GOLDSTEIN, 2003, 274.

<sup>804</sup> MAIA, Tatyana de Amaral. “Otimismo” e “Regionalismo”: as faces da ação estatal no setor cultural (1966-1975). *Diálogos*. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, v.2, n.2, p.140 e 141, jun. 2008.

<sup>805</sup> CUNHA, 2011, p. 3.

A crítica do conceito pelas esquerdas e a valorização do termo pelo regime fez com que o discurso de Jorge Amado fosse de certo modo celebrado pelo governo e condenado pelas esquerdas. Isto pode ser percebido no contexto de publicação de *Tenda dos Milagres*, em 1969, obra na qual o autor buscou deixar claro a forma como entendia a questão racial no Brasil. Ao que parece, o regime compreendeu que as ideias contidas na obra se enquadravam no ideal democrático divulgado pelo governo. Na adaptação para o cinema feita por Nelson Pereira dos Santos, a *Tenda* teria sido elogiada pelos censores, que a classificaram como “de boa qualidade” e “livre para a exportação”.

Segundo os censores, o filme honraria a indústria cinematográfica nacional pelo seu enredo e pela atuação técnica dos atores. A crítica se restringiu às cenas eróticas e à cena de assassinato de um policial, “sem motivo”. Levando em conta o que chamaram de “mensagens positivas”, os censores liberaram a película para jovens maiores de dezesseis anos.<sup>806</sup>

Esta percepção positiva do conteúdo da obra está relacionada a certa identificação do regime com o discurso racial nela veiculado.<sup>807</sup> Esta tendência em perceber a concepção de democracia racial defendida por Jorge essencialmente pelo viés da harmonia também se fez evidente na fala de um dos membros do movimento negro, Abdias do Nascimento, que chegou a taxá-lo de racista, pela forma como tratava o negro em suas obras.<sup>808</sup> Neste sentido, o discurso do escritor foi visto como próximo ao do ideal propalado pelo regime militar. De acordo com esta lógica, tratava-se de obra acrítica, alienante e desencorajadora da luta contra o preconceito racial.

Apesar disto, houve quem identificasse o romance, de maneira oposta, como um verdadeiro “libelo contra o racismo”<sup>809</sup> contra aqueles empenhados em manter a *pureza* da raça.

---

<sup>806</sup> ASSIS, Denise. *Filmes que o Brasil não viu*. Cinema & Censura. 2 fev. 2002. Disponível em: <[www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp0602200293.htm](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp0602200293.htm)>. Acesso em 13 jun. 2008.

<sup>807</sup> Em entrevista, o escritor disse só ter tido problemas com os censores em jornais e revistas, onde partes de suas obras chegaram a ser censuradas. Cf. GOMES, 1981, p.33.

<sup>808</sup> Cf. DEPUTADO, 1983.

<sup>809</sup> MASCARENHAS, Telo de. Libelo contra o racismo. *Goa*. Índia, 15.08.1975. Coluna: Crítica de Livros, p. 5.

De acordo com esta interpretação, predominante em *Tenda* não era a questão da harmonia, mas a denúncia do preconceito racial. Em texto publicado pelo *New York Times*, isto ficou ainda mais evidente: “O ritmo selvagem, brincalhão que agora nós esperamos de Amado é usado aqui, entretanto, para desinflar um dos mais alardeados mitos do Brasil, aquele da harmonia racial”.

810

Nem racista nem grande denunciador do preconceito racial, o que Jorge Amado pareceu afirmar foi que a questão socioeconômica tendeu a prevalecer sobre a questão racial nos “tempos modernos”, tal como sugeria a seguinte passagem de *Tenda*:

Cada um com sua sina, meu bom. Os moleques dessa rua, camarado, vão se dividir, cada um o seu destino. Alguns calçarão sapatos, usarão gravata, doutores de Faculdade. Outros prosseguirão aqui, com a bigorna e o malho. A divisão de branco e negro, meu bom, se acaba na mistura, em nossa mão já acabou, compadre. A divisão agora é outra e quem vier atrás feche as cancelas.<sup>811</sup>

Apesar de afirmar a ausência de racismo no Brasil, o autor não negou a existência de práticas racistas, o que, aliás, demonstrou com clareza em diversas de suas obras. Defendeu a ideia de que a mestiçagem do povo brasileiro tendeu progressivamente a suplantar este tipo de prática, uma vez que já existiria no Brasil uma filosofia antirracista, tal como considerou em entrevista:

– V. disse um dia que a maioria dos bens de cultura brasileiros foram trazidos pelos negros. Como se explica então que haja racismo no Brasil, que eles ainda estejam em condição inferior?

– V. ainda não entende bem o Brasil, se já entendesse saberia que no Brasil há racistas – até na Bahia há racistas – mas não há racismo. A filosofia do povo brasileiro é anti-racista. Quanto a posição dos negros ser ainda inferior é um problema de classe e não de raça, recorde-se que a menos de um século os negros eram escravos.<sup>812</sup>

---

<sup>810</sup> RABASSA, Gregory. *Tent of Miracles*. *New York Times*. New York: out. 1971. (Tradução nossa).

<sup>811</sup> AMADO, 1987, p.310.

<sup>812</sup> DIÁRIO POPULAR. 03 jun. 1971. (Pasta JA: política (1970-1979). Acervo Jorge Amado. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, Bahia).

Em seu livro sobre Wilson Simonal, o historiador Gustavo Alonso fez uma interessante análise sobre este assunto através da figura do “preto-que-ri”.<sup>813</sup> O autor revelou que personalidades negras como Fio-Maravilha, Pelé e Wilson Simonal sofreram duras críticas por se negarem a levantar a bandeira da luta racial, colocando a questão sobretudo no problema de classes, tal como o fez Jorge Amado.

O personagem “preto-que-ri”, criado por Henfil em alusão à figura de Fio Maravilha, sintetizava certa compreensão negativada deste tipo de postura recriminada pelas esquerdas. Além destas personalidades não assumirem um discurso politizado, possuíam uma visão positiva e alegre da sociedade e por isto foram vistos como “alienados”, ou melhor, “bobos da corte”, já que se aproximavam do discurso da democracia racial instrumentalizada pelo regime. Sendo figuras famosas, eram cobradas por, supostamente, utilizarem da fama para disseminar um ideal adotado pelo regime ao invés de denunciá-lo.

Mas não se pode dizer que estes personagens, por partilharem tal perspectiva, abraçaram a orientação do governo. A democracia racial já existia como ideologia disseminada na sociedade bem antes da instauração do regime, tendo sido capitalizada também pelo governo Vargas, como já indicado anteriormente. A questão é que o discurso em favor da luta racial também foi instrumentalizado, mas por outro lado, por setores das esquerdas, vislumbrando o confronto inter-racial como engrenagem propulsora para a luta de classes e para o desencadeamento da revolução, especialmente em um contexto de radicalização do movimento negro internacional em fins dos anos 1960.

Neste sentido, uma caracterização identitária brasileira positiva era incômoda em um momento de grandes tensões sociais, quando se esperava que o acirramento dos conflitos estimulasse a luta de classes. De acordo com esta lógica, a harmonia, a alegria se contrapunham

---

<sup>813</sup> Cf. ALONSO, Gustavo. O preto que ri ou um negro entre zumbis e tornados. In: \_\_\_\_\_. *Simonal: Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

à melancolia, ao descontentamento e à revolta como características sociais que se buscava ressaltar.

Se não era “um preto-que-ri”, a condenação a Jorge Amado, por outro lado, pode ser compreendida pela sua preferência por fazer rir através da veiculação de valores considerados por alguns como alienantes. O autor costumava se defender desta acusação dizendo que o abandono do “panfleto”, característico da sua literatura durante muito tempo, e a adoção do humor se associavam a uma melhor compreensão do ser humano, a um conhecimento mais profundo e complexo da realidade e a uma forma menos sectária e mais cordial de ver o mundo. Esta compreensão não implicava, todavia, em conservadorismo no que se refere ao pensamento político-social do escritor. Para ele, o humor poderia ser “mais destrutivo, mais terrível do que qualquer panfleto político”, por meio do qual se podia abalar mais facilmente as estruturas.<sup>814</sup>

Mas a insistência de Jorge na utilização de uma representação otimista da realidade, mesmo após o Golpe e a instauração do regime autoritário, não parece ser algo descontextualizado nem discrepante da realidade dos anos 1964-1985. Devemos lembrar que o chamado milagre econômico proporcionou um clima de euforia por trazer certos avanços socioeconômicos ao Brasil durante a ditadura, especialmente durante os anos 1969-1973, no governo Médici. A sensação de bem-estar atingiu principalmente a classe média, favorecida ao longo do período.

A fórmula utilizada por Jorge Amado em sua escrita literária, aliando uma visão positiva da realidade, com a adoção de temas cotidianos e o uso do humor era então uma estratégia consciente de aproximar a sua literatura do grande público, o que foi conseguido também através de adaptações de suas obras para meios de comunicação de massas, vistas de maneira positiva por Jorge: “São pessoas que receberam certas ideias colocadas no romance; essas ideias

---

<sup>814</sup> Cf. GOMES, 1981, p.31.

atingiram uma massa muito maior, inclusive muitas pessoas analfabetas, outras semiletradas, e também aquelas que não tinham dinheiro pra comprar o livro”.<sup>815</sup>

Compreensão semelhante pode ser atribuída a Dias Gomes, tal como se percebe pelo estudo de Denise Rollemberg intitulado “Ditadura, intelectuais e sociedade: O Bem-Amado de Dias Gomes”.<sup>816</sup> De maneira muito parecida com Jorge Amado, este intelectual recorreu a adaptações de suas obras a telenovelas como forma de popularizá-las e disseminar a sua crítica social, tal como era o caso de *O Bem Amado*, que trazia em seu bojo uma denúncia ao autoritarismo e a hipocrisia da “moral e dos bons costumes”, pilares do regime.

Após o Golpe, o sucesso entre os populares, no entanto, parecia cada vez mais simbolizar um não comprometimento com os ideais político-partidários das esquerdas, já que se presumia uma subordinação à lógica da comercialização e da midiaticização em detrimento da *conscientização* política das massas. Quanto a isto, ressaltamos que muitos dos artistas que adotaram o discurso de protesto fizeram sucesso particularmente entre a classe média e não entre os populares, como foi o caso por exemplo de Chico Buarque e Geraldo Vandré. Naquele momento o abandono do discurso político nas artes parecia não condizer com o objetivo de se divulgar a insatisfação em relação ao autoritarismo do regime. Era preferível até mesmo que a tônica do protesto e da denúncia tenha sido “maquiada” em produções artísticas, como forma de contornar as limitações dos censores, do que ela inexistir.

Apesar disto, não se pode dizer que estas divergências de Jorge em relação a certas orientações das esquerdas colocavam o escritor em um campo oposto de batalha. Essa possibilidade deve ser descartada não apenas pela sua trajetória político-partidária de esquerda, como também pelo seu inequívoco posicionamento de crítica e rejeição à ditadura, veiculado tanto pela imprensa da época como em seus livros.

---

<sup>815</sup> AMADO, Jorge apud GOMES, 1981, p.32

<sup>816</sup> Cf. ROLLEMBERG, Denise. Ditadura, intelectuais e sociedade: O Bem-amado de Dias Gomes. In: AZEVEDO, 2009.

#### 4.8 A luta contra a censura sob o regime militar

Internamente, talvez o maior embate travado entre o escritor e o regime militar, assim como ocorreu com muitos intelectuais da época, tenha se dado em torno da questão da censura. Alexandre Stephanou definiu dois momentos distintos da ação repressiva do Estado no setor cultural: o período que vai do golpe de 1964 ao decreto do AI-5 em 1968 e a segunda fase, mais abrangente e organizada, entre 1968 e 1978.<sup>817</sup> Com base nesta periodização, Carlos Fico sustentou que a censura deveria ser investigada como parte integrante da sistematização do aparelho repressor que só foi possível com a vitória do grupo radical identificado como “linha dura” no poder<sup>818</sup>.

De acordo com Maria Mercedes Dias, em seu estudo sobre a censura no regime militar, intitulado “Censura prévia de livros: a moralidade como recurso político”<sup>819</sup>, desde o AI-2, a censura começou a ser estabelecida juridicamente, tendo se aprofundado em 1968 com o AI-5, uma vez que passou a ser exercida também através da violência simbólica. Para livros e revistas, o divisor de águas foi o Decreto-Lei 1077 de janeiro de 1970 que estabeleceu a censura prévia, isto é, antes da publicação ou difusão de ideias. A partir de então a censura passaria a ter um substrato legal no Brasil.

A autora destacou em seu artigo que a causa para a imposição do decreto seria a preservação da família contra o comunismo internacional. Isto é, uma associação entre a “ameaça comunista” e uma ameaça à família e aos valores cristãos. Apesar de Maria Mercedes

---

<sup>817</sup> STEPHANOU, Alexandre Ayub. *Censura no regime militar e militarização das artes*. Porto Alegre: EDIPU-CRS, p.14, 2001.

<sup>818</sup> FICO, 2002.

<sup>819</sup> Cf. OTERO, Maria Mercedes Dias Ferreira. Censura prévia de livros: a moralidade como recurso político. In: V ENCONTRO NORDESTINO DE HISTÓRIA E V ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. Recife, UFPE, 10 a 15 out. 2004. Anais... Recife: ANPUH, 2004. Disponível em: <<http://pe.anpuh.org/resources/pe/anais/encontro5/02-intolerancia/Artigo%20de%20Maria%20Mercedes%20Dias%20Ferreira%20Otero.pdf>> Acesso em: 7 jul. 2016.

ter atribuído à ditadura esta conexão, Carlos Fico<sup>820</sup>, Beatriz Kushnir<sup>821</sup> e Maria Aparecida Aquino<sup>822</sup>, por exemplo, demonstraram que isto já ocorria antes mesmo do golpe e não foi uma iniciativa restrita ao governo.

Diante da tal “ameaça comunista”, da imoralidade, do caos e da desordem que ela significaria, setores da sociedade organizaram as chamadas Marchas da Família com Deus pela liberdade no início de 1964<sup>823</sup>. Antes mesmo do DL 1077 ser instituído, é possível observar a existência de inúmeros casos em que parcela da sociedade clamou do governo uma postura mais efetiva na repressão a discursos, livros, peças teatrais que fossem “imorais”. Assim como já foi dito anteriormente, obras de Jorge Amado foram denunciadas por civis que o identificavam a um só tempo como pornógrafo e comunista.

Em seu trabalho intitulado “*Prezada Censura*”: cartas ao regime militar, Carlos Fico destacou que a censura prévia das diversões públicas sempre existiu, sendo admitida pelo regime militar que continuou a usar o formato instituído em 1946. O governo somente teria feito adaptações como aquelas estabelecidas no DL 1077. A partir de então, ela teria assumido feições próprias discriminando o controle da TV (que não existia em 1946), das revistas e livros. Apesar de falar em “publicações”, o DL não incluía a censura de temas estritamente políticos nos órgãos de imprensa.

Por este motivo, Fico diverge de Beatriz Kushnir, segundo a qual o decreto legalizou a censura prévia de imprensa. De um modo geral, a historiadora acredita que toda censura é um ato político e este aspecto recaía particularmente sobre a imprensa. Para Gláucio Soares<sup>824</sup>, a Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) não exercia atividades de censura política

---

<sup>820</sup> Cf. FICO, 2002.

<sup>821</sup> Cf. KUSHNIR, Beatriz. *Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988*. Campinas: Unicamp, 2001. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Unicamp, Campinas, 2001.

<sup>822</sup> AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, imprensa, estado autoritário (1968-1978)*. Bauru: Edusc, 1999.

<sup>823</sup> Um trabalho pioneiro sobre o assunto foi feito por Aline Alves Presot. Cf. PRESOT, Aline Alves.

*As Marchas da família com Deus pela liberdade e o golpe de 1964*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

<sup>824</sup> SOARES, Gláucio Ary Dillon. A censura durante o regime autoritário. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.4, n.10, p.21-43, jun. 1989.

diretamente. Restringia-se a assuntos do ponto de vista moral. Carlos Fico, no entanto, observou a existência de uma dimensão moral e uma dimensão estritamente política tanto na censura da imprensa, quanto na censura de diversões públicas.

Fico destacou que, além da censura moral também ser um ato político, a DCDP coibia explicitamente menções políticas críticas nas diversões públicas, divergindo, assim, da afirmativa de Soares. O uso especificamente político da censura de diversões públicas, porém, era tratado, segundo ele, de maneira sigilosa e causava desconforto aos censores da DCDP, enquanto que a censura moral era assumida orgulhosamente pela Divisão. A preocupação com os temas políticos, no entanto, sempre estaria presente nos censores.

Para além do viés coercitivo, repressor, havia também um propósito disciplinador ou educativo na aplicação da lei. Isto foi observado por nós, por exemplo, no relato do chefe da Censura Federal, Wilson Aguiar, em março de 1970, publicado pelo *Correio da Manhã*.<sup>825</sup> Em seu depoimento o censor afirmou que sempre foi contra a censura nos meios de divulgação e por isso desejava ser o último chefe de uma censura executiva no Brasil. Para ele a censura deveria ser realizada pelo próprio produtor ou autor de peça. Ele comparou a censura ao Código de Trânsito: assim como os motoristas devem obedecer às leis de trânsito, os produtores deveriam obedecer, em seus trabalhos, os princípios básicos da moral.<sup>826</sup>

Um episódio ocorrido em novembro de 1969 teria servido como pretexto final para a imposição do decreto. A atriz Leila Diniz concedeu uma entrevista ao jornal *O Pasquim* que foi considerada altamente subversiva.<sup>827</sup> Era a primeira vez que uma mulher falava tão abertamente sobre sexo à imprensa, o que chocou os vigilantes da moral e dos bons costumes. A severa lei de censura prévia que veio em seguida, ficou, por este motivo, conhecida como “Decreto Leila Diniz”.

---

<sup>825</sup> Cf. CENSOR quer ser último. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 07 mar. 1970.

<sup>826</sup> Ibid.

<sup>827</sup> Cf. OTERO, 2004.

De acordo com Maria Mercedes, o DL 1077 recebeu manifestações de apoio do Exército, de representantes do clero e de todas as parcelas conservadoras da sociedade. O número de vozes concordantes teria sido, inclusive, maior do que o de discordantes. Após o Ministério da Justiça baixar a portaria 11-B de 6 de fevereiro de 1970, transferindo aos delegados regionais do Departamento de Polícia Federal a competência para a efetivação da lei, a contestação teria sido maior.

Naquela circunstância, o escritor Érico Veríssimo enviou uma carta a Jorge Amado com o seguinte conteúdo:

Leio a notícia de que a portaria que autoriza a censura prévia de livros e outras publicações em todo o território nacional acaba de entrar em vigor. Seu Jorge, é o fim do mundo! Imagine você, ou eu, tirarmos três cópias de nossos originais para submetê-los à aprovação ou não de um delegado da Polícia Federal! Mesmo que se tratasse de um júri composto de grandes críticos literários nomeados pelo Governo, a coisa toda seria absurda. Que é que podemos fazer? O PEN Club, a Academia Brasileira de Letras, as nossas associações de escritores vão ficar calados engolindo essa sinistra portaria?<sup>828</sup>

O posicionamento de Jorge se tornou público em entrevista concedida ao *Correio da Manhã*, veiculada juntamente com a carta de Érico Veríssimo:

O decreto que estabelece a censura prévia é profundamente lesivo à cultura nacional, é monstruoso. Coloca a criação literária ao arbítrio da polícia. De tão hostil à vida intelectual, chega a parecer incrível. Não creio que exista no País um só escritor que não proteste contra tal decreto – e o que ficar calado não merece a sua condição de escritor.<sup>829</sup>

Além de repudiar o decreto, o autor afirmou que, assim como Veríssimo, não submeteria seus originais à censura, mesmo que não os pudesse publicar no Brasil. O romancista baiano possivelmente seria um alvo potencial da censura. Ele sofria de um duplo estigma ao ser comunista e visto como pornógrafo. Apesar de as suas obras, produzidas naquele contexto, não

<sup>828</sup> VERÍSSIMO, Érico apud AMADO e Érico contra a censura. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 03 mar. 1970.

<sup>829</sup> AMADO, Jorge apud Ibid.

trazerem um conteúdo político-ideológico explícito, os seus livros eram frequentemente considerados subversivos ao serem associados à pornografia e à imoralidade.

Foram diversos os casos em que se polemizou, especialmente ao longo da ditadura, a utilização das obras do autor nas escolas. Mesmo antes de a censura se tornar oficial, isto já ocorria de maneira oficiosa. As obras de Amado já haviam sido banidas, por exemplo, do Colégio Pedro II, pelo autor ser “comunista e imoral”<sup>830</sup>. Uma nota do *Correio da Manhã* de 1965<sup>831</sup> chegou a afirmar que Eça de Queiroz, Érico Veríssimo e Jorge Amado poderiam ter seus livros excluídos do estudo da literatura nos estabelecimentos de ensino médio em virtude de reclamações de pais de alunos encaminhadas, através do Juizado de Menores ao Conselho Federal de Educação.

O texto trouxe ainda a declaração do juiz Alberto Augusto Cavalcanti de Gusmão em que dizia que os pais “não se insurgem contra a análise da literatura realista, mas contra a adoção de determinados livros de certos autores que contêm cenas violentas de exacerbada sexualidade ou descrições chocantes de atentados e vícios”.<sup>832</sup> Em outra reportagem observamos uma campanha, originada por volta de julho e agosto de 1965, que visava censurar todos os livros e em especial as obras destinadas à adolescência.

Apesar de autores como Eça de Queirós, Graciliano Ramos e Érico Veríssimo terem sido arrolados na lista dos autores a serem censurados, a matéria afirmou que a campanha visava particularmente a Jorge Amado. O movimento teria deslizado do campo das ideias e dos debates educacionais para o Serviço Nacional de Informações (SNI) e o Conselho de Segurança Nacional (CSN), tornando-se caso de polícia.<sup>833</sup>

Além disto, constatamos que textos de peças teatrais baseadas nos romances de Jorge Amado foram censurados, como foi o caso da adaptação de *Capitães da Areia* pelo grupo Teatro

---

<sup>830</sup> INDEX, 1965.

<sup>831</sup> Cf. PAIS contra estudo de Eça e Érico. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 30 jun. 1965.

<sup>832</sup> GUSMÃO, Alberto Augusto Cavalcanti de apud PAIS, 1965.

<sup>833</sup> CARTAS à redação. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 14 dez. 1965. 1º Caderno, p.14.

Universitário Nacional (TUN). Após a peça ter sido censurada por duas vezes, os integrantes do TUN tiveram de realizar apresentação especial para um grupo de agentes do SNI que liberou a apresentação. Logo em seguida, porém, o Juizado de Menores entrevistou “mutilando o espetáculo”, de acordo com uma das atrizes.<sup>834</sup>

O DL 1077 significou a impossibilidade, nos termos da lei, de autores como Jorge Amado continuarem a publicar obras que colocavam em xeque a moral com o uso, inclusive de palavrões e forte apelo à sexualidade. Aspecto este que era justamente um dos focos principais da produção literária de Jorge Amado desde fins dos anos 1950.

Jorge, Érico e Cassandra Rios eram, no início dos anos 1970, os únicos autores brasileiros que viviam de seus escritos e edições.<sup>835</sup> Esta era uma motivação a mais para o fato de terem sido Jorge e Érico os primeiros a protestarem contra a censura prévia. O relato e a atitude radical foram amplamente divulgados pelos jornais e debatidos entre os intelectuais.

Muitos escritores tomaram a atitude da dupla como exemplo e o posicionamento destes intelectuais deu início a um amplo movimento de protesto marcado pela postura de não publicar enquanto a lei vigorasse. Na prática, significava uma espécie de greve intelectual. Dentre os que apoiaram e seguiram o gesto dos romancistas estavam os escritores Austregésilo de Athaide, Ledo Ivo, Permínio Ásfora, Lago Burnett, José Condé, Marques Rebelo, Clarice Lispector, Fernando Sabino e Franklin de Oliveira. Até mesmo o general Olímpio Mourão Filho, um dos protagonistas do golpe de 1964, e também escritor, se solidarizou com Jorge e Érico e afirmou que se tivesse originais a entregar também tomaria a mesma atitude dos dois romancistas, pois disse ser contra qualquer cerceamento à cultura artística ou literária.<sup>836</sup>

Alguns autores se mostraram contra este tipo de postura. O poeta e jornalista Walmir Ayala, por exemplo, afirmou que continuaria a escrever seus livros da mesma maneira, com a

---

<sup>834</sup> Cf. TEATRO contra Juizado. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 16 out. 1966.

<sup>835</sup> CANAL 13. *Jornal de Serviço*. Rio de Janeiro: p.19, 12 e 13 jul. 1970.

<sup>836</sup> Cf. CONSELHO reunido condena portaria. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 03 mar. 1970 e CENSURA censurada. *Luta Democrática*. Rio de Janeiro, 08 e 09 mar. 1970. 2º Caderno, p.5.

mesma forma e abordando os mesmos temas e enviando aos censores. Acreditava que provocar a censura, cansá-la, seria a melhor maneira de vencê-la. Para ele a prisão era preferível à omissão e o dever do artista, do intelectual era provocar, denunciar, acusar.<sup>837</sup>

Macedo Miranda foi outro que também não concordou com a greve, pois ao tomar esta postura, “os escritores estariam aceitando uma provocação e talvez atendendo ao interesse dos provocadores”.<sup>838</sup> Assim como Waldir, pensava que o melhor a fazer era continuar trabalhando do mesmo modo, cumprindo o dever intelectual de testemunhar o tempo em que viviam.<sup>839</sup>

Muitos escritores trabalhavam no governo, especialmente no Conselho Federal de Cultura (CFC), órgão criado em pleno regime militar (1967) e ocupado por intelectuais, cujo objetivo era, particularmente, a preservação, a defesa e a divulgação do patrimônio cultural. Uma matéria do *Correio da Manhã* revelou a posição do Conselho naquela situação.<sup>840</sup> De acordo com a reportagem, os conselheiros evitaram comentários em torno da portaria, pois haviam feito um acordo moral e mútuo de não adiantar declarações isoladamente ou em conjunto, mas o texto afirmou que eles estiveram reunidos em uma sessão secreta para debater o assunto.

Dentre os temas discutidos, o que causou mais manifestações foi um decreto presidencial que solicitava ao Conselho a indicação de um nome para integrar o Conselho Federal de Censura de Espetáculos, tendo se pronunciado os secretários Gilberto Freyre e Raquel de Queirós. Os membros da Câmara de Artes, consultados como os mais adequados para aquela nomeação, Ariano Suassuna e Otávio de Faria, no entanto, se recusaram alegando ser aquela uma função que exigia dedicação exclusiva e tempo integral.

A sugestão dos demais foi a de que fosse escolhido um nome de fora do quadro de conselheiros, alegando que poderia ser um especialista com melhor adequação ao trabalho.

---

<sup>837</sup> Cf. CONSELHO, 1970.

<sup>838</sup> Ibid.

<sup>839</sup> Ibid.

<sup>840</sup> Ibid.

Naquela reunião, o Conselho Federal de Cultura decidiu solicitar a revisão da portaria do Ministério da Justiça que estabelecia a censura prévia de livros e publicações. Um documento foi entregue ao ministro Jarbas Passarinho analisando a matéria sob o ponto de vista dos escritores-conselheiros que compunham aquele colegiado. Pelas ponderações que foram realizadas no que se refere à indicação de um censor do quadro de conselheiros do CFC, acreditamos que “revisão” neste caso não tenha significado “revogação”, mas sim “adequação”.

Tatyana de Amaral Maia<sup>841</sup> demonstrou em seu trabalho sobre o Conselho Federal de Cultura como a convivência dos intelectuais desta instituição com as diretrizes políticas da ditadura civil-militar foi, em geral, bastante harmônica<sup>842</sup>. Muitos conselheiros apoiavam o controle da produção sobre a produção artística desde que subordinado aos especialistas do setor cultural.

A historiadora demonstrou, no entanto, que, apesar de os conselheiros fazerem parte de uma “elite cultural”<sup>843</sup>, com o mesmo padrão de características profissionais e de sociabilidade, isto não pressupunha a homogeneidade como fator determinante no convívio do grupo. Este aspecto favorecia articulações que minimizavam o confronto e possibilitavam a formação negociada do consenso que, por vezes, foi posto em xeque como no caso da censura, evidenciando os pontos de fissura nos debates sobre as ações do Estado e sua relação com a sociedade civil.

Observou Tatyana de Amaral Maia, assim, dois tipos de posicionamentos do grupo em relação à ação dos militares. Uma, de apoio, tendo em vista a interpretação que alguns conselheiros faziam de que o golpe foi um ato revolucionário em defesa da democracia. Outra,

---

<sup>841</sup> Cf. MAIA, Tatyana de Amaral. *Os Cardeais da Cultura Nacional: o Conselho Federal de Cultura na ditadura civil-militar (1967-1975)*. São Paulo: Itaú Cultural; Iluminuras, 2012.

<sup>842</sup> Ibid, p.84.

<sup>843</sup> Ibid, p.41.

baseada na defesa da liberdade para a criação artística, contra a promoção da censura, que causava algumas dissensões<sup>844</sup>.

Manifestos e moções de repúdio foram feitos por conselheiros, de maneira formal, pelo menos desde 1967, com o caso da censura ao filme *Terra em Transe* de Glauber Rocha.<sup>845</sup> Os próprios conselheiros também estavam sujeitos à censura, como Ariano Suassuna. *O santo e a Porca* e *A Compadecida* são exemplos de peças suas que sofreram cortes por parte da censura.<sup>846</sup>

De acordo com Tatyana Amaral, a Câmara de Artes, da qual participava Ariano Suassuna, era veementemente contrária à ação censória no setor cultural. Seus integrantes exigiam um posicionamento oficial do CFC, o que proporcionava os principais debates sobre o tema. Isto seria compreensível, segundo a historiadora, porque os conselheiros desta Câmara e as áreas nas quais trabalhavam eram alvos constantes da censura.<sup>847</sup>

Os debates gerados, especialmente, por estes conselheiros não angariaram, no entanto, o posicionamento formal da instituição contra a censura. Esbarrava-se na impossibilidade de o CFC opor-se radicalmente à censura por ser um órgão estatal. Os conselheiros concordaram, no entanto, que a responsabilidade sobre o controle sobre as artes deveria ser realizado somente por especialistas do campo da cultura.

Apesar de não terem conseguido a transferência da Divisão de Censura de Diversões Públicas do Departamento de Polícia Federal para o Ministério da Educação e Cultura, as constantes investidas do CFC, através de ofícios e debates publicados na revista *Cultura* obtiveram algum sucesso. Em novembro de 1968, um integrante do conselho foi indicado para o recém-criado Conselho Superior de Censura (CSS).<sup>848</sup>

---

<sup>844</sup> Ibid., p.74.

<sup>845</sup> Ibid., p.79.

<sup>846</sup> Ibid, p.80 e 83.

<sup>847</sup> Ibid, p.80.

<sup>848</sup> Ibid., p.82.

Tatyana do Amaral ressaltou, todavia, que, após o AI-5, de dezembro de 1968, os debates promovidos pelos conselheiros em torno da censura, que já eram poucos, tornaram-se raros. Segundo ela, “Os cortes e as proibições dos censores provocavam manifestos e indignações pontuais, especialmente entre os membros da Câmara de Artes, mas logo desapareciam diante da incapacidade política do Conselho de manter aceso o debate no interior do aparelho estatal”<sup>849</sup>.

Se a ação coletiva dentro do CFC contra a ação do regime, no que compete ao setor cultural, era dificultada pelas divergências internas, maior ainda era no que diz respeito à ação estudantil e à defesa das liberdades individuais básicas. Embora o assunto tenha aparecido pontualmente em algumas plenárias, especialmente, motivado pelas ações violentas da polícia, os conselheiros mantiveram seu trabalho circunscrito ao setor cultural. Deste modo, Tatyana do Amaral conclui que a convivência dos intelectuais do Conselho Federal de Cultura com as diretrizes políticas da ditadura civil-militar foi, em geral, bastante harmônica.

Assim como parcela significativa da sociedade, podemos observar que muitos intelectuais estabeleceram uma relação ambígua com o governo ao longo da ditadura, especialmente se observarmos o campo cultural.

Além do CFC, editores e outras associações ligadas aos intelectuais se pronunciaram diante dos protestos dos intelectuais. O Pen Club aprovou o movimento iniciado por Jorge e Érico e confirmou que adotaria o mesmo posicionamento.<sup>850</sup> O presidente da organização, o escritor Marcos Almir Madeira, considerou que apesar de a greve dos escritores ser um verdadeiro “haraquiri”, isto é, um suicídio de honra, era melhor a renúncia por parte dos autores do que a censura.<sup>851</sup> Outra iniciativa do Pen Club foi realizar um memorial dirigido ao presidente da República afirmando o repúdio da entidade ao decreto do governo.

---

<sup>849</sup> Cf. *Ibid.*, p.85.

<sup>850</sup> Cf. PEN Clube quer escritor calado. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 06 mar. 1970.

<sup>851</sup> *Ibid.*

A polêmica chegou ao senado provocando acalorados debates entre políticos da oposição e do governo. No Congresso Nacional, o senador Eurico Resende, falando pela delegação da liderança da ARENA, afirmou que o governo iria até as últimas consequências legais em defesa do decreto-lei, único recurso que o governo teria disponível para “combater o mal”.<sup>852</sup> Em meio a diversas acusações ao representante da oposição, sr. Josafá Marinho, que advogava contra o decreto, Eurico Resende destacou ainda que apesar deste ter sido Secretário de Segurança da Bahia, não conseguiu impedir a pornografia. Para reforçar seu argumento, citou a disseminação das obras de Jorge Amado.<sup>853</sup> Segundo a crítica do senador, o escritor exibiria, de vez em quando, com clareza, “certos problemas que fazem concorrência a momentos de alcovas depravadas”.<sup>854</sup>

Indo ao encontro dos ensejos do governo, o diretor da Biblioteca do Estado do Rio, Osvaldo Assunção, proibiu em dezembro de 1970 as obras de Nelson Rodrigues, Adelaide Carraro, Cassandra Rios, Henry Miller, Vladimir Nabokow, D. H. Lawrence e Jorge Amado. A medida provocou um imediato protesto do romancista baiano que afirmou ter Osvaldo Assunção se mostrado “um imbecil”, sendo aquela proibição mais um atentado à cultura nacional.<sup>855</sup>

O autor também denunciou a censura que vinha se instituindo no Brasil em suas viagens ao exterior. Em visita à França, por exemplo, além de criticar a nova lei, lembrou a situação das universidades e da imprensa do Brasil, acrescentando que ambas atravessavam uma situação crítica em consequência das enormes dificuldades existentes para o exercício livre da cátedra e da informação.<sup>856</sup>

---

<sup>852</sup> CENSURA tumultua o Senado. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12 jun. 1970.

<sup>853</sup> Ibid.

<sup>854</sup> RESENDE, Eurico apud INÁCIO, José. Arca de Noé. *Luta Democrática*. Rio de Janeiro: 14 e 15 jun. 1970.

<sup>855</sup> Cf. AMADO faz protesto: proibição. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 09 dez. 1970.

<sup>856</sup> Cf. JORGE Amado diz na França que rejeita a censura prévia. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro. 25 abr. 1971.

Os inúmeros protestos e a grande mobilização contra a censura fez com que o ministro da Justiça reformulasse a questão instituindo nova instrução para a Portaria 11-B. A nova orientação isentava de verificação prévia “publicações e exteriorizações de caráter estritamente filosófico, científico, técnico e didático e as que não versassem sobre sexo, moralidade pública e bons costumes”.<sup>857</sup> As demais só poderiam ser distribuídas embaladas em material opaco e hermeticamente fechado com a frase “Proibida para menores de 18 anos”.

Maria Mercedes afirmou que nos primeiros anos da ditadura a censura ocorreu em um quadro generalizado de violência física.<sup>858</sup> Com o DL 1077/70, que pretensamente legitimava a censura, o controle dos livros se tornou sistematizado através de mecanismos de controle e vigilância. Mesmo com o início do governo Geisel, em 1974, marcado pela distensão “lenta, gradual e segura” em direção à democracia, a censura não foi aplacada, pelo contrário.

Neste governo ocorreu a saída do ministro da Justiça Alfredo Buzaid, mentor da censura prévia aos livros e revistas, sendo substituído por Armando Falcão. Segundo Maria Mercedes, Falcão foi o ministro que mais censurou livros durante o regime militar e talvez de toda a história da República no Brasil.<sup>859</sup>

Mesmo sob este cenário, e mesmo chegando a afirmar que não publicaria seus romances no Brasil, caso a censura prévia fosse instituída, Jorge Amado jamais deixou de produzir e ter seus trabalhos publicados. Ele seguiu produzindo no Brasil de acordo com a sua convicção de não racionar “nem palavras nem ideias”.<sup>860</sup> Apesar de todo o estigma que recaía sobre si e sua obra, não teve seus livros censurados, mas disse ter tido problemas em jornais e revistas, como foi falado em entrevista analisada anteriormente. Lembramos que naquele depoimento o autor

---

<sup>857</sup> OTERO, 2004.

<sup>858</sup> OTERO, 2004.

<sup>859</sup> OTERO, 2004.

<sup>860</sup> AMADO, Jorge apud TOMÁS, 1971.

afirmou que na revista *Status* um capítulo de um livro seu foi publicado cortado, com espaços em branco.<sup>861</sup> Além disso, peças teatrais baseadas em suas obras também o foram.

Jorge Amado continuou a protestar contra a censura ao longo de todos os anos que seguiram ao decreto, além de buscar denunciar diversos outros arbítrios do governo o qual não deixava de denominar ditatorial. As suas críticas tornaram-se cada vez mais constantes e mais radicais, incorporando cada vez mais denúncias. Mesmo assim, em nenhum momento o autor defendeu o emprego da violência. Em certa entrevista, concordou com o entrevistador que aqueles eram tempos de maior resistência, e que era favorável à luta dos jovens “que conduz à libertação dos povos e do homem, que conduz a um futuro melhor”.<sup>862</sup> Afirmou, todavia, que a violência é anti-humanismo e mesmo que, por vezes, fosse impossível evitá-la, ela não era indispensável. Preferiu, portanto, manter a luta através de protestos ora individuais ora coletivos, seguindo uma linha de oposição moderada.

As críticas do autor eram levantadas sempre que se realizava a censura, especialmente, a literatos. Em 1976, por exemplo, a censura dos livros *Araceli, meu amor*, de José Louzeiro, *Feliz Ano Novo*, de José Rubem Fonseca, e, por último, *Zero*, de Ignacio de Loyola Brandão, trouxeram mais uma vez revolta e perplexidade àqueles que se dedicavam à atividade intelectual no Brasil.<sup>863</sup> O livro de Rubem Fonseca, em particular, à venda havia mais de um ano e com edição esgotada, fazia uma análise do mal que a censura estava causando ao desenvolvimento de uma cultura nacional forte.

O episódio gerou um abaixo-assinado redigido por Jorge Amado, Ildásio Tavares, entre outros escritores, artistas, professores e jornalistas, destinado ao ministro Armando Falcão. De acordo com artigo do jornal *Luta Democrática*, inicialmente, os intelectuais referiam-se com

---

<sup>861</sup> Cf. AMADO, Jorge apud GOMES, 1981, p.33.

<sup>862</sup> AMADO, Jorge apud TOMÁS, 1971.

<sup>863</sup> Cf. EXIGIDO de Falcão um fim da censura. *O Estado de São Paulo*. São Paulo: p.10, 17 dez. 1976 e INTELECTUAIS vão pedir a extinção da censura. *Luta democrática*. Rio de Janeiro, 06 jan. 1977.

mais ênfase a *Zero*, porém a sequência de arbitrariedades fez com que o memorial fosse ampliado para uma análise global da realidade cultural brasileira.<sup>864</sup>

O documento denunciou a escalada da censura, que vinha retirando de circulação um conjunto de obras literárias, teatrais, musicais, cinematográficas sob a alegação de resguardar a moralidade e as instituições. Trouxe ainda um forte apelo à liberdade de pensamento e de expressão necessários para a preservação, resgate e desenvolvimento da história, cultura e língua portuguesa no Brasil. Além disto, evidenciou os efeitos prejudiciais que a censura já vinha produzindo ao reduzir a quantidade de manifestações contrárias a ela. Isto é, não somente pelos malefícios que trazia aos intelectuais em seus ramos profissionais, mas, sobretudo por aplacar a luta em defesa da liberdade:

Aqui estamos a solicitar a revogação desses atos, com seus efeitos de caráter punitivo, não apenas porque estejam sendo afetados nossos destinos individuais, e deixemos, pois, de exercer atividades das quais dependemos para sobreviver. Solicitamos sim a reconsideração de tais atos coercitivos, porque nos acode à consciência agora de que talvez estejamos sendo os últimos a protestar.<sup>865</sup>

O memorial com quase mil assinaturas foi entregue por uma comissão ao ministro da Justiça.<sup>866</sup> Como foi dito, apesar de o período ter sido marcado por um processo de distensão, a censura se intensificou durante o governo Geisel. Por outro lado, as eleições de 1974 criaram algum espaço de atuação para amplos setores das oposições moderadas, sobretudo, nos principais centros urbanos do país, bem como afirmou Daniel Aarão Reis.<sup>867</sup>

Se a participação de Jorge Amado no cenário cultural brasileiro esteve sob forte influência da sua militância junto ao Partido Comunista Brasileiro, observamos que desde meado dos anos 1950, e especialmente ao longo da ditadura militar, ela se tornou ainda mais complexa.

---

<sup>864</sup> Ibid.

<sup>865</sup> EXIGIDO, 1976.

<sup>866</sup> INTELLECTUAIS vão pedir a extinção da censura. *Luta democrática*. Rio de Janeiro, 06 jan. 1977.

<sup>867</sup> Cf. AARÃO REIS FILHO, 2000, s.p.

As aproximações de Jorge com políticas culturais e discursos do governo jamais significaram diretamente um posicionamento político em favor do Estado, mesmo durante o período democrático. Compreender a relativa autonomia do campo cultural do período nos ajudou a evitar reduzir certos tipos de comportamento pela conjuntura política. De outro modo, pudemos avaliar como intelectuais como Jorge Amado puderam contribuir na legitimação de discursos de governo.

Neste sentido a análise contribuiu no esforço de se pensar como a ditadura implantada com o golpe de 1964 não se manteve exclusivamente pelo autoritarismo militar. Ao observarmos a atuação do escritor dentro do campo intelectual, pudemos entender aspectos importantes da chamada “zona cinzenta” de Pierre Laborie.

## CONCLUSÃO

A análise das narrativas de memória revelou a tendência a se resgatar a imagem de Jorge Amado como romancista, representante de uma brasilidade calcada na baianidade, na mestiçagem e em uma visão positiva da realidade nacional. O próprio escritor contribuiu, nessa construção, como já havíamos observado na dissertação de mestrado, onde refletimos sobre a relação entre Jorge Amado e a identidade nacional brasileira. Na presente tese, porém, buscamos atentar para as narrativas que se referiam ao engajamento e à participação política de Jorge, nos limites entre a política e a cultura

Muitas dessas narrativas se remetiam ao tempo em que Jorge Amado militou do PCB e produzia certo tipo de literatura partidária. Os testemunhos, contudo, remetiam também à participação do autor no período posterior à militância partidária. Em ambos os casos, nos deparamos com relatos divergentes sobre o percurso do escritor.

Buscamos, então, refletir sobre os aspectos dessas narrativas que sacralizaram a memória de Jorge Amado, mas também aqueles que enfrentaram comportamentos polêmicos, nos quais surgem contradições e ambivalência na sua trajetória, na contracorrente da memória sacralizada. Procuramos, assim, compreender as diferentes narrativas, considerando os pontos de vista dos depoentes – sacralizadores ou não –, assim como do próprio escritor, que, como dissemos, participou ativamente da construção da sua memória.

A maneira como a trajetória política e intelectual de Jorge foi resgatada esteve, evidentemente, relacionada às identidades políticas dos indivíduos que a rememoraram. Este resgate memorialístico não se restringiu à identidade política dos depoentes, atravessando gerações e diversos tipos de espaços de sociabilidade como escolas, grupos e associações, evidenciando a teia complexa de fatores que constituíram a identidade política de Jorge Amado.

Para além das narrativas, a investigação sobre a memória de Jorge Amado nos mostrou

que o seu engajamento político como intelectual de esquerda não foi unívoco ao longo de sua trajetória. Tendo vivenciado duas ditaduras no Brasil (Estado Novo e ditadura militar), desenvolveu formas de atuação diferenciadas nesses dois momentos.

Ao longo do Estado Novo, o escritor exerceu militância partidária no PCB, se articulando com suas principais lideranças políticas críticas do regime. Lutou pela defesa dos direitos individuais ameaçados pela limitação das liberdades, contra a censura e a intolerância religiosa. Também criticou a política externa empreendida pelo regime, favorável à aproximação do Brasil com os Estados Unidos. Da mesma forma, rejeitou as aproximações ideológicas e diplomáticas com a Alemanha nacional socialista.

Em 1942, ele voltou ilegalmente para o Brasil, após um exílio voluntário na Argentina, que culminou com uma de suas prisões no Estado Novo. De um modo geral, elas ocorreram devido à sua ligação com a Juventude Comunista e o PCB, bem como em virtude da sua produção literária, considerada subversiva. Na onda repressiva do regime, exemplares de *Capitães da Areia* foram queimados em praça pública e tiveram a venda proibida, assim como outros livros seus como *ABC de Castro Alves*.<sup>868</sup>

O escritor também teve participação importante na campanha pela anistia do líder do Partido, através da obra *A vida de Luís Carlos Prestes*, que circulava clandestinamente no Brasil e sua posse era motivo de prisão.

A atuação de Jorge esteve, portanto, ligada à ação coletiva, organizada, voluntária, ilegal e consciente do “risco justo da luta”<sup>869</sup>, critérios elencados pela historiografia para conceituar comportamentos resistentes<sup>870</sup>.

---

<sup>868</sup> Cf. RUBIM; CARNEIRO, 1992.

<sup>869</sup> LABORIE, Pierre. L'idée de Résistance, entre définition et sens: retour sur un questionnement. In: LABORIE, 2003.

<sup>870</sup> Denise Rollemberg procurou fazer uma síntese desse debate para as realidades da França, da Itália e da Alemanha, em: ROLLEMBERG, Denise. *Resistência*. Memória da ocupação nazista na França e na Itália. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2016. v. 1. 374p.

Se é possível, assim, afirmá-lo como resistente ao Estado Novo, a posição político-ideológica de Jorge Amado não o impediu de estabelecer relações com as instituições político-culturais do regime. A proximidade com outros intelectuais ligados ao Estado se fez, em parte, através do projeto cultural do governo, identificado com a “missão” de “construir um sentido de nacionalidade e uma unidade cultural”<sup>871</sup>. Assim, podemos dizer que a sua atuação também se desenvolveu dentro de margens de negociação e de aproximação com o regime.

Na fase final do Estado Novo, o escritor, bem como outros contemporâneos, vislumbrou a possibilidade não só de diálogo (para além do campo cultural estrito senso), mas também de aliança com Vargas. Neste momento, o combate ao regime foi amenizado pelos comunistas ligados ao PCB e, por fim, convertido em apoio, a partir da tomada de posição de Vargas contra o Eixo e da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados<sup>872</sup>.

Para uma compreensão mais adequada dos comportamentos de Jorge Amado durante o Estado Novo, portanto, mais apropriado seria compreender concretamente sua atuação, ao invés de vê-lo, simplesmente, como resistente.

Já na ditadura instaurada em 1964, em momento algum ele apoiou ações de confronto clandestinas e ilegais. Esta foi também a posição do PCB no período, embora, como já vimos, o escritor já estivesse desligado do Partido. Sua atuação centrou-se em movimentos sociais contrários ao regime militar. Quanto à literatura produzida no período, jamais foi perseguido, proibido ou censurado da maneira sistematizada, tal como ocorreu no Estado Novo, assim como em momento algum foi preso.

Nesse contexto, Jorge Amado pode ser visto no campo de atuação política de uma oposição que procurou atuar nos espaços tolerados pela ditadura militar brasileira. Por outro

---

<sup>871</sup> Cf. JOHNSON, Randal. A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945). *Revista USP*. São Paulo: n. 26. p. 164-181, junho/agosto, 1995, p. 177.

<sup>872</sup> Este posicionamento fica explícito no discurso de Amado proferido ao povo da Bahia, no chamado “Comício de 28”, desdobramento da Conferência da Mantiqueira. In: AMADO, Jorge. Discurso no Comício de 28. *O Imparcial*. Salvador, Bahia, 29 jan.1943, Coluna A Hora da Guerra.

lado, esteve igualmente próximo a personagens ligados ao regime, com os quais trabalhou em projetos políticos e culturais.

A trajetória de Jorge desenvolveu-se, nesse período, em uma *zona cinzenta*, para usarmos um conceito desenvolvido por Pierre Laborie<sup>873</sup> a partir das considerações de Primo Levi. Ela se refere às muitas possibilidades de comportamento social e político diante de ditaduras entre pólos extremos da resistência e da adesão.

Nas duas experiências ditatoriais, o engajamento de Jorge Amado na sociedade, como intelectual de esquerda, pautou-se por sua formação dentro dos quadros do Partido Comunista. O vínculo partidário não se perpetuou por toda sua trajetória. Além de se distanciar da militância partidária em certo momento de sua vida, o autor divergiu, em muitos aspectos, das orientações doutrinárias que vinham de Moscou, adotadas por comunistas de todo o mundo. Esta postura foi percebida, muitas vezes, de maneira contraditória. Ainda assim, o escritor manteve uma identidade comunista até o fim da vida, não se restringindo a um vínculo partidário, à identidade ideológica ou a interesses de classe.

Além do conceito de *zona cinzenta*, o conceito de cultura política contribuiu na compreensão das ambiguidades da trajetória de Jorge Amado face às ditaduras do Estado Novo e militar. O conceito oferece uma resposta para as motivações para comportamentos políticos, superando a explicação determinista pela sociologia e a tese idealista pela adesão a uma doutrina política, por exemplo, como defende Serge Berstein.<sup>874</sup>

A abrangência do conceito de cultura política vai muito além da noção de partidos políticos, sendo definido por Rodrigo Pato como um “conjunto de valores, tradições, práticas e representações políticas partilhado por determinado grupo humano, que expressa uma identidade coletiva e fornecendo leituras comuns do passado, assim como inspiração para

---

<sup>873</sup> Cf. LABORIE, 2003.

<sup>874</sup> Cf. BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, p.349, 1998.

projetos políticos direcionados ao futuro”<sup>875</sup>. Tal como sugere Serge Berstein, trata-se também de “um fenômeno de múltiplos parâmetros, que não leva a uma explicação unívoca, mas permite adaptar-se à complexidade dos comportamentos humanos”<sup>876</sup>.

A flexibilidade que esta categoria analítica permite levou Rodrigo Patto Sá Motta a afirmar a existência de uma cultura política comunista, e deste modo explicar melhor as razões da longevidade do comunismo e de sua influência na sociedade transcendendo organizações partidárias<sup>877</sup>. O comunismo em Jorge se explica, como um todo, pela sua identificação ao repertório de símbolos, práticas e valores que formam esta cultura.

Não se trata de uma identificação do autor com todos os elementos desta cultura. Primeiramente porque, para o uso mais adequado da categoria cultura política, convém não estabelecer explicações restritivas. A adesão dos indivíduos a culturas políticas não se deve exclusivamente a uma identificação global com seus elementos. Ocorre, muitas vezes, pela influência combinada dos mesmos. Além disto, “as culturas políticas não são infensas à ação do tempo. Embora mantendo as características básicas que lhes garantem a identidade, elas podem adaptar-se às mudanças experimentadas pelas sociedades ao longo do tempo”<sup>878</sup>.

Se, na expressão metafórica das motivações para a adesão ao movimento comunista, estão “o cérebro, o estômago e o coração”<sup>879</sup>, podemos dizer que, assim como muitos comunistas, a adesão de Jorge Amado ocorreu, sobretudo, pelo “coração”. Isto é, não foi conquistado pela argumentação teórica e filosófica marxista (“cérebro”). Ele chegou a dizer em entrevista nunca ter lido Marx, pois nunca teve “saco para isso”<sup>880</sup>. De maneira semelhante,

---

<sup>875</sup> Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá (org). *Culturas Políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, p.21, 2008.

<sup>876</sup> BERSTEIN, op. cit., p.350.

<sup>877</sup> Cf. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo (orgs.). *Comunistas: cultura política e produção cultural*. Belo Horizonte: UFMG, v.1, 2013.

<sup>878</sup> MOTTA, 2008, p. 22.

<sup>879</sup> Esta metáfora foi lembrada e explicada por Rodrigo Patto em “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. Cf. MOTTA, 2008, p.18 e 19.

<sup>880</sup> Cf. RIDENTI, 2004, p. 48 e 49

Nelson Pereira dos Santos afirmou que apesar de se auto intitulem marxistas, poucos foram os que realmente leram Marx. Liam uma revista do Partido chamado *Problemas* e o *Manifesto Comunista*.<sup>881</sup>

Jorge Amado fazia parte de uma elite econômica e socialmente privilegiada da Bahia. Sendo assim, não foi sensibilizado ao comunismo por uma questão de pobreza, de necessidades materiais (“estômago”), de maneira direta. Se solidarizou sim, com a condição de pobreza e necessidade dos trabalhadores da fazenda de seu pai, e mais tarde, da cidade de Salvador, onde foi morar aos 15 anos de idade. A afinidade com o movimento ocorreu, no entanto, e especialmente, pela influência dos sentimentos, da identidade, do imaginário e dos valores culturais.

Tal como já foi dito, o primeiro contato do escritor com o comunismo ocorreu inicialmente pela sua rede de amizades, principalmente por intermédio de Raquel de Queiroz, e pelo fascínio por romances marxistas, tal como ele revelou em diversas entrevistas<sup>882</sup>.

Na época, início dos anos 1930, muitos dos autores dos primeiros anos da Revolução Russa começaram a ser traduzidos em larga escala para o português e logo depois, autores comunistas americanos e alemães, influenciando os literatos brasileiros. Dentre estes, Jorge afirmou ter lido, como vimos, *Torrente de Ferro*, *Cavalaria Vermelha*, e *Júlio Jurenito*, dos soviéticos Ostrovski, Isaac Babel e Ilya Ehrenburg, *Judeus sem dinheiro*, do norte-americano Michael Gold e também *Passageiro de Terceira*, do alemão Kurt Klüber.<sup>883</sup> De acordo com o próprio romancista, o contato com os romances soviéticos da primeira fase da Revolução influenciou a escrita de *Cacau* (1933) e *Suor* (1934) e representou o seu “encontro com a esquerda”, o momento em que se tornou “um militante de esquerda”<sup>884</sup>.

---

<sup>881</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>882</sup> Cf. GOMES, 1981, p.13 e TÁTI, 1961, p.40.

<sup>883</sup> Cf. GOMES, op. cit..

<sup>884</sup> Ibid., p.13.

A tradução destes romances para o português contribuiu para o surgimento de uma tradição de literatura proletária no Brasil que teve Jorge como um dos fundadores. Assim como o escritor foi seduzido por romances dessa natureza também seduziu outros adeptos do movimento comunista através de seus romances proletários<sup>885</sup>, ajudando, inclusive, a alimentar certo “romantismo revolucionário”<sup>886</sup>. O escritor colaborou desta forma na popularização do comunismo e, assim, na formação de uma cultura política comunista no Brasil.

A cultura, em questão, teve como cerne a identidade comunista relacionada à Revolução Bolchevique na Rússia, de outubro de 1917, e às representações originadas deste episódio: os ideais, líderes, heróis, inimigos, conquistas, mitos. Além disto, valores como o cientificismo, o racionalismo, o igualitarismo, o laicismo, símbolos e rituais como a cor vermelha, a comemoração do Primeiro de Maio, o culto à URSS, o culto e a obediência ao Partido, a utilização de um vocabulário próprio são alguns outros elementos desta cultura<sup>887</sup>.

Jorge permaneceu identificado com diversos elementos destas referências mesmo após se afastar do PCB. Continuou partilhando, por exemplo, concepções filosóficas dos comunistas como a crença na razão, na ciência e no progresso como fundamentos para a construção de uma sociedade socialista. Permaneceu também combatente do anti-imperialismo, aspecto-chave do discurso comunista.

Em sua fala, notamos ainda a utilização de um vocabulário próprio à cultura política comunista e a permanência de uma identificação do *burguês*, do *capitalista*, do *fascista* como inimigos, apesar de tentar relativizar isto na prática.

---

<sup>885</sup> Isto fica expresso no depoimento do deputado Emiliano José na sessão solene no Congresso Nacional para celebrar o centenário de nascimento de Amado e também no relato de uma entrevistada por Rodrigo Patto em seu estudo sobre a cultura política comunista. Cf. Trecho do discurso pronunciado pelo deputado Emiliano José na Sessão Solene do Congresso Nacional para celebrar o Centenário de Nascimento de Jorge Amado, no plenário do Senado Federal, em 6 de agosto de 2012 e MOTTA, 2013, p.19.

<sup>886</sup> A expressão foi utilizada por Marcelo Ridenti para compreender as lutas político-culturais dos anos 1960-1970. Segundo ele, “a utopia revolucionária romântica do período valorizava acima de tudo a vontade de transformação, a ação dos seres humanos para mudar a História, num processo de construção do homem novo, nos termos do jovem Marx, recuperados por Che Guevara”. In: RIDENTI, 2004, p.8 e 9.

<sup>887</sup> Cf. MOTTA, 2008.

A identidade comunista compartilhada pelo autor também esteve relacionada a aspectos da tradição política brasileira. Isto se tornou perceptível ao observamos, assim como sugeriu Patto Sá Motta, que a cultura política comunista, da forma como se desenvolveu no Brasil, guardou traços de uma cultura política nacional<sup>888</sup>. O vínculo entre uma e outra pode ser melhor compreendido seguindo a análise do historiador em estudo sobre a apropriação do conceito pela historiografia.

Diferentemente de Serge Berstein e Jean-François Sirinelli, que buscaram destacar a pluralidade das culturas políticas que integram e disputam um mesmo espaço nacional em oposição à tipologia de Gabriel Almond e Sidney Verba<sup>889</sup>, Patto Sá Motta defendeu não haver razão para opor os dois modos de aplicar o conceito. Considerou válido tanto a versão no singular (cultura política nacional) como no plural (culturas políticas disputando e tentando ocupar o mesmo espaço). Em alguns casos elas seriam, inclusive, complementares.<sup>890</sup>

De acordo com Patto Sá Motta, a cultura política comunista possui alguns aspectos da cultura brasileira como o personalismo, a flexibilidade e a conciliação. O personalismo ou privatismo, apontado por Oliveira Vianna, em *Instituições políticas brasileiras*<sup>891</sup>, como elemento central de nossa cultura política, seria a primazia dos laços pessoais em detrimento das relações impessoais. Isto é, a fidelidade a laços de parentesco, amizade, compadrio ou patronagem levando a baixa afinidade a projetos políticos impessoais. Trata-se de uma linha de reflexão próxima a que fez Sérgio Buarque de Hollanda em *Raízes do Brasil* ao destacar a cordialidade como principal contribuição brasileira para a civilização.

O “homem cordial”, parâmetro do brasileiro comum, de Sérgio Buarque, não está associada a “boas maneiras”, civilidade, polidez, e sim a uma tendência a se expressar, de se

---

<sup>888</sup> Cf. MOTTA, 2013.

<sup>889</sup> Cf. ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. *The civic culture: political attitude and democracy in five nations*. Boston: Little-Brown, 1965.

<sup>890</sup> Cf. MOTTA, 2008, p.20 e 21.

<sup>891</sup> VIANNA, Francisco José de Oliveira. *Instituições políticas brasileiras*. São Paulo: José Olympio, 1949.

comportar movido antes pela emoção do que pela racionalidade<sup>892</sup>. É também um traço similar àquele indicado por Roberto da Matta em sua análise sobre a “Casa e a Rua”<sup>893</sup>, ao referir-se a certa preponderância dos laços sociais privados (Casa) em relação àqueles instituídos com espaços e instituições públicas (Rua).

O personalismo em Jorge Amado está relacionado, primeiramente, a uma herança do convívio doméstico e social. Consideramos, especialmente a inserção familiar e social do escritor vinculada ao domínio rural ao qual se associam as raízes históricas do patriarcalismo, do paternalismo e do coronelismo, instâncias de nosso personalismo e autoritarismo.

Jorge cresceu ouvindo e vivenciando histórias de mandos e desmandos de coronéis, de lutas sangrentas pela posse da terra, de disputas políticas manipuladas por relações de poder interpessoais e pautadas pela autoridade ameaçadora e ao mesmo tempo paternal da figura do coronel. Esta lembrança, registrada em seu livro de memórias *Menino Grapiúna*<sup>894</sup>, foi substrato para o universo literário criado em seus romances. Muitos de seus personagens foram inspirados em pessoas reais com as quais teve algum contato direto ou indireto pela tradição oral. O coronelismo, por exemplo, é ao mesmo tempo uma prática vista sob um prisma crítico, mas também afetivo em Jorge Amado e está presente não só na sua literatura, mas também em sua vida privada.

Mesmo tendo se afastado do vínculo doméstico ainda muito jovem, ao estudar em internato, depois, vivendo sozinho em Salvador e mais tarde vindo para o Rio de Janeiro estudar Direito, constatamos em seu comportamento, a permanência ativa da influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados pelo meio rural e patriarcal. Isto explica em parte a admiração do escritor pelo coronel Franklin Lins, anticomunista assumido, e por personagens

---

<sup>892</sup> HOLLANDA, Sérgio Buarque. O homem cordial. In: \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, p.146 a 148, 1995.

<sup>893</sup> DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>894</sup> AMADO, 1982.

como Antônio Carlos Magalhães, considerado, popularmente, como um grande coronel da Bahia.

A essa formação social somou-se a formação comunista. Não qualquer comunismo, mas o comunismo da III Internacional, dos anos de stalinismo, no qual estavam presentes princípios como o culto à personalidade, a disciplina ou obediência aos preceitos ideológicos do regime, à hierarquia.

Em certo sentido, o stalinismo incorporava valores da mentalidade patriarcal dentro da qual o romancista foi criado. Além de certo monopólio do poder associada à figura masculina, o próprio centro do poder era personificado pela figura de Stálin, considerado, ao mesmo tempo, “pai”. Jorge assim o definia em *O mundo da Paz*: “Mestre, guia e pai, o maior cientista do mundo de hoje, o maior estadista, o maior general, aquilo que de melhor a humanidade produziu”<sup>895</sup>.

Apesar de contestado desde a Declaração de Março de 1958, a prática do personalismo persistiu no Partido Comunista como se percebe, por exemplo no culto a Prestes. Ainda que tenha rompido com o legado de Stálin, se tornado um crítico do culto personalista e a lideranças, o escritor foi formado nesse espírito, nessa cultura. Seguiu admirando “heróis” comunistas, como o próprio Prestes e perpetuando a tendência de personificar a política, atribuindo mais valor a pessoas do que a partidos e instituições, e a exaltar a cordialidade como traço positivo de nossa cultura. Isto ficou sugerido em entrevista realizada pouco tempo após o golpe:

Se há uma coisa que eu tenho medo que se perca no Brasil: a cordialidade [...] que não impede a violência circunstancial e a luta, mas nos permite conviver entre ideologias opostas, manter amizades indestrutíveis sobre as divergências e as posições mais adversas, conservar as simpatias pessoais acima das aspirações que nos dividem. Até agora temos conservado essa qualidade maravilhosa de ignorar os rancores acumulados. A violência ocasional e súbita, até a crueldade, pode ter lugar no Brasil como em toda parte. O Brasil continuará a ser o que é enquanto mantivermos este

---

<sup>895</sup> AMADO, Jorge. *O Mundo da Paz*: União Soviética e democracias populares. 4.ed. Rio de Janeiro: Vitória, p.199, 1953.

caminho de vida tão brasileiro. Orgulho-me de ter amigos dedicadíssimos em todos os setores, sem diminuir em nada e força o calor de minhas convicções.<sup>896</sup>

Mesmo no período em que exerceu militância e cargo político no PCB, o autor sobrepôs as relações interpessoais a laços institucionais impessoais. Isto especialmente em se tratando de sua rede de sociabilidade envolvendo personagens originários do Nordeste e da Bahia, ou identificados com a região. É o caso de Glauber Rocha, Guilherme Figueiredo, Wilson Lins, Franklin Lins, Antônio Carlos Magalhães, Juracy Magalhães, José Sarney, Zilteman Oliva, Carlos Marighella e Luiz Vianna Filho, por exemplo. Independentemente da posição político-ideológica destas pessoas, Jorge Amado usava frequentemente seus contatos para exercer influência e conseguir favores na esfera pública, transpondo deste modo as barreiras do público e do privado.

A tendência à conciliação e à flexibilidade também podem ser identificadas no comportamento do escritor por influência de nossa tradição política da qual a cultura comunista brasileira foi tributária. Tema clássico, a conciliação já foi abordada por estudiosos como Roberto da Matta, Gilberto Freyre e José Honório Rodrigues, e, recentemente, apareceu em trabalhos de Rodrigo Patto Sá Motta. Trata-se de certa preferência à negociação como saída política visando à aceitação dos grupos envolvidos e à superação de conflitos graves.

Ao longo de sua história, os comunistas brasileiros, incluindo Jorge Amado, tiveram tantos momentos de sectarismo e ortodoxia como de flexibilidade e negociação em busca de alianças que os tornassem atores relevantes do quadro nacional. Como resultado, realizaram diversas alianças contraditórias tendo em vista os princípios comunistas (alianças com líderes burgueses, capitalistas, oportunistas, demagogos e conservadores) e assim, certa adaptação ao “ambiente”.<sup>897</sup>

---

<sup>896</sup> AMADO, Jorge apud CONDE, José. Jorge Amado: política e prêmio Nobel. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro: 27 fev. 1966. 4º Caderno, p.2.

<sup>897</sup>Cf. MOTTA, 2013, p.31.

Desde o golpe de 1964 e, especialmente ao final da ditadura, a conciliação e a flexibilidade se tornaram características ainda mais marcantes do PCB, assim como da personalidade de Jorge. De um modo geral, este traço marcou as relações sociais e políticas do período, pois tendências conciliatórias foram incorporadas pelo regime apesar do seu autoritarismo e disposição para a violência.<sup>898</sup> Em seu estudo sobre as universidades, Rodrigo Patto Sá Motta afirmou que, “sob o influxo da cultura política brasileira, os governos militares estabeleceram políticas ambíguas, conciliatórias, em que os paradoxos beiram a contradição”<sup>899</sup>. Nesta lógica, “as relações da ditadura com os meios acadêmicos foram permeadas também por jogos de acomodação que transbordam a tipologia binária ‘resistência x colaboração’”<sup>900</sup>.

Em Jorge Amado, a conciliação ou a acomodação pode ser compreendida através de seu anti-sectarismo. Significava a possibilidade de identificar pessoas e discursos, que apesar de serem associados à direita e ao governo, revelavam alguma postura progressista, em favor da liberdade e da democracia. Neste sentido, relativizava o que poderia ser considerado como posição de esquerda e posição de direita, de acordo com as situações vivenciadas.

Mesmo quando se colocava como adversário político de alguém, o autor não descartava a possibilidade de se estabelecer uma amizade, de trocar saberes e experiências. Buscava, deste modo, separar as suas relações pessoais da sua atuação no campo político, o que ajudava a manter contatos nas diferentes esferas políticas, desde um guerrilheiro como Carlos Marighella até um governador que apoiou o golpe, como é o caso de Antônio Carlos Magalhães.

Apesar de esta característica ser frequente na memória coletiva construída sobre o romancista, e que também foi elaborada pelo próprio Jorge Amado, ela não corresponde à sua trajetória como um todo. Neste sentido, é interessante observar que nem sempre Jorge esbanjou

---

<sup>898</sup> Cf. MOTTA, 2014, p.69-89.

<sup>899</sup> Ibid., p.84.

<sup>900</sup> Ibid., p.83

compreensão e tolerância em se tratando de pessoas que pensavam diferente dele. Ao longo de seu percurso, pudemos identificar tanto posturas sectárias, quanto de tolerância no campo político-ideológico. A partir de meados dos anos 1950, no entanto, verificamos que o anti-sectarismo foi incorporado por ele como uma *filosofia de vida*, tornando-se frequente em seu discurso e ação.

Este aspecto nos ajudou a compreender certa predisposição do escritor em aceitar arranjos políticos na base da conciliação ou acomodação. Não anula, porém, sua identidade como intelectual de esquerda, comunista, já que a flexibilidade e a conciliação também estiveram presente cultura política comunista.

Podemos concluir que em muitas ambiguidade e contradições no engajamento de Jorge Amado, especialmente ao longo da ditadura militar, há uma lógica que se torna inteligível na relação entre a tradição política brasileira e a cultura comunista.

Além de exercer uma oposição moderada ao regime, Jorge Amado atuou, por vezes, em uma *zona cinzenta*, especialmente ao buscar desenvolver um posicionamento anti-sectário e defender soluções conciliatórias. Neste campo em que imperam as ambivalências, sensibilidades e lógica própria dos sujeitos, o autor esteve entre posições políticas extremas, nem sempre de fácil compreensão, fugindo de padrões estanques entre o apoio e a rejeição ao regime.

## BIBLIOGRAFIA

AARÃO REIS FILHO, Daniel. Ditadura Militar, esquerdas e sociedade. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. v. 1. 84p.

\_\_\_\_\_; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo (Orgs). O golpe e a ditadura militar, 40 anos depois (1964-2004). Bauru: EDUSC, 2004.

ABREU, Alzira Alves et al. Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Jorge Amado: Política e Literatura, um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Campus, v.1, 1979.

ALMOND, Gabriel; VERBA, Sidney. The civic culture: political attitude and democracy in five nations. Boston: Little-Brown, 1965.

ALONSO, Gustavo. O preto que ri ou um negro entre zumbis e tornados. In: \_\_\_\_\_. Simonal: Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga. Rio de Janeiro: Record, 2011.

AMADO, Jorge. Discurso de recepção ao acadêmico Adonias Filho. 28 abr. 1965. Disponível em:

<<http://www.machadodeassis.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=12436&sid=244>>

. Acesso em: 04 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. O homem que ria e que chorava. In: NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge. Carlos Marighella: o homem por trás do mito. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

AMADO, Paloma. O making-off da Navegação. Digestivo Cultural. 27 nov. 2006. Disponível em: <[http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=183&titulo=O\\_making-off\\_da\\_Navegacao](http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=183&titulo=O_making-off_da_Navegacao)>. Acesso em: 20 out. 2014.

AMARAL, Erenilda Custodio dos Santos; FERREIRA, Suzana Ramos. A preservação da memória de Jorge Amado: a experiência da Fundação Casa de Jorge Amado. In: XI CIFORM, 2013. Salvador. Anais... Salvador: CIFORM – UFBA, 2013.

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. Bahia, cidade - síntese da nação brasileira: uma leitura em Jorge Amado... São Paulo, 1999. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

AQUINO, Maria Aparecida de. Censura, imprensa, estado autoritário (1968-1978). Bauru: Edusc, 1999.

ASSIS, Denise. Filmes que o Brasil não viu. Cinema & Censura. 2 fev. 2002. Disponível em: <[www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp0602200293.htm](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp0602200293.htm)>. Acesso em 13 jun. 2008.

AXT, Gunter e SCHÜLLER, Fernando (Org.). Intérpretes do Brasil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

AZEVEDO, Cecília et al. Cultura política, memória e historiografia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

AZEVEDO, Reinaldo. PCdoB mente na TV: Jorge Amado, Pagu, Portinari, Olga Benário e Niemeyer nunca pertenceram ao partido! É mais uma fraude! Blog Reinaldo Azevedo. 26 out. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/pcdob-mente-na-tv-jorge-amado-drummond-pagu-portinari-olga-benario-e-niemeyer-nunca-pertenceram-ao-partido-e-mais-uma-fraude/>>. Acesso em: 5 de jul. 2016.

BABEL, Isaac. Cavalaria vermelha. Tradução de Jorge Amado. São Paulo: Brasiliense, vol.16, 1945. (Coleção Ontem e Hoje)

BARBOSA, Júlia Monnerat. Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB. Niterói, 2010. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BARBOSA, Marialva Carlos. A morte imaginada. In: XIII COMPÓS, 2004, São Bernardo do Campo. Anais...São Bernardo do Campo: COMPOS - UMESP, 2004.

\_\_\_\_\_. Meios de Comunicação e História: elos visíveis e invisíveis. In: V CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. Anais... São Paulo: Facasper e Ciee, p.3, 2007.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (orgs.). Para uma História Cultural. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

BLOGUE OS ATLÂNTICOS. Pedido de várias famílias. S.l.: 18 jan. 2008. Disponível em: <<http://atlantico.blogs.sapo.pt/949534.html>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: Dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. 2.ed. São Paulo: Unesp, 1997.

BOTTMANN, Denise. Bibliografia Russa Traduzida no Brasil (1900-1950). Disponível em: <[http://www.usp.br/rus/images/edicoes/Rus\\_n04/05%20bibliografia%20rusa%20traduzida%201900-1950.pdf](http://www.usp.br/rus/images/edicoes/Rus_n04/05%20bibliografia%20rusa%20traduzida%201900-1950.pdf)>. Acesso em: 3 jul. 2016.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta De Moraes; FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista De. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. Tradução de Rosa Maria Ribeiro da Silva. In: POUILLON, Jean (Org.). Problemas do estruturalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

\_\_\_\_\_. O poder simbólico. São Paulo: Bertrand, 1999.

\_\_\_\_\_; PASSERON, Jean-Claude. A reprodução. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BREVE HISTÓRICO DO PCB: Partido Comunista Brasileiro. Disponível em: <<http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

BUENO, Luís. Uma história do romance de 30. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

CALIXTO, Carolina Fernandes. Jorge Amado e a esquerda: Entre a memória e a história (1964-1985). In: DOSSIÊ: Verdade e memória na história da esquerda. Perseu: história, memória e política. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, n. 8, 2012. (Centro Sérgio Buarque de Holanda.)

\_\_\_\_\_. Jorge Amado e a identidade nacional: diálogos político-culturais. Niterói, 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

CANCLINI, Néstor Garcia. As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARONE, Edgar. O PCB (1964-1982). São Paulo: Difel, vol.2, 1982.

CARVALHO, Luciano Ribeiro de. Reflexos da Revolução Russa no romance brasileiro dos anos 30: Jorge Amado e Graciliano Ramos. São Paulo, 2000. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

COMPANHIA DAS LETRAS. Histórico. Página online sobre Jorge Amado pertencente a Editora. Disponível em: <<http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12627>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

CONY, Carlos Heitor. A Revolução dos Caranguejos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CORDEIRO, Janaína Martins. Lembrar o passado, festejar o presente: as comemorações do Sesquicentenário da Independência entre consenso e consentimento (1972). Niterói, 2012. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

COSTA, Ricardo. A produção político-cultural do PCB dos anos 30 aos 60. Arquivo Marxista na Internet. 8 mar. 2013. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/ano/mes/cultural.htm>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

CUNHA, Diogo. Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade: a Academia Brasileira de Letras durante a ditadura militar (1964 – 1979). In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. Anais... Santa Catarina: ANPUH, jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Intelectuais, cultura e política: Os imortais e a ditadura civil-militar no Brasil. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. Anais... São Paulo: ANPUH, jul. 2011.

D'ALMEIDA, Fabrice. Images et Propagande, Paris: Casterman, 1995.

DA MATTA, Roberto. A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. Digressão: A fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira. In: \_\_\_\_\_.  
Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo,  
Niterói: vol.12, n.23, p.100-122, 2007.

EHRENBURG, Ilya. As aventuras de Julio Jurenito. Trad. Mauro Rosalvo. Rio de Janeiro:  
Civilização Brasileira, 1932.

\_\_\_\_\_. O degelo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959.

ESQUERDA e governo comungam liberdade. A Notícia. São Paulo, 29 abr. 1965, s.p. In:  
CUNHA, Diogo. Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade: a  
Academia Brasileira de Letras durante a ditadura militar (1964 – 1979). In: XXVIII SIMPÓSIO  
NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. Anais... Santa Catarina: ANPUH, p.5, jul. 2015.

FACINA, Adriana. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FADEIEV, Aleksandr. A derrota. Trad. Helio de Andrade (pseud. de Leôncio Basbaum). São  
Paulo: Urania, 1931.

FALCÃO, Frederico José. O 'relatório secreto' de kruschev e o partido comunista do brasil  
(pcb): desestalinização e crise. In: XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH) –  
USOS DO PASSADO. Rio de Janeiro, 2006.

FERREIRA, Jorge. Novos Rumos: jornal do Partido Comunista Brasileiro. Locus, revista de  
História. S.l.: v.19, n.2, 2013.

\_\_\_\_\_. Prisioneiros do mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-  
1956). Niterói: Eduff-Editora Mauad, 2002.

FERREIRA, Muniz. As interações entre Jorge Amado e o PCB pós 1956. 26 abr. 2014.

Disponível em: <[http://pcb.org.br/fdr/index.php?view=article&catid=1%3Ahistoria-do-pcb&id=283%3Aas-interacoes-entre-jorge-amado-e-o-pcb-pos-](http://pcb.org.br/fdr/index.php?view=article&catid=1%3Ahistoria-do-pcb&id=283%3Aas-interacoes-entre-jorge-amado-e-o-pcb-pos-1956&tmpl=component%E2%80%A6)

1956&tmpl=component%E2%80%A6>. Acesso em: 14 dez. 2014.

- FICO, Carlos. 'Prezada Censura': Cartas ao regime militar. Topoi-Revista de História. Rio de Janeiro: Programa de pós graduação em História Social da UFRJ. Vol. 3, n.5, p. 251–86, 2002.
- FREIRE, Alipio; VENCESLAU, Paulo de Tarso. Jacob Gorender. Teoria e Debate. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, edição 11, 1 jul. 1990. Disponível em <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/jacob-gorender?page=0,3>>. Acesso em 29.04.2016.
- FREYRE, Gilberto. Casa-grande e senzala. São Paulo: Global Editora, 1933.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Editora 34, p.57, 2006.
- GAMBONI, Dario. The destruction of Art: Iconoclasm and Vandalism since the French Revolution. New Haven: Yale U.P., 1997.
- GATTAI, Zélia. Vacina de sapo e outras lembranças. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- GOLDSTEIN, Ilana Seltzer, O Brasil best seller de Jorge Amado: literatura e identidade nacional. São Paulo: SENAC, 2003.
- \_\_\_\_\_; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). O universo de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado, v.2, p.22-33, 2009.
- GOLDSTEIN, Norma Seltzer (Org.). A literatura de Jorge Amado: orientações para o trabalho em sala de aula. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Caderno de Leituras, Coleção Jorge Amado).
- GOMES, Álvaro Cardoso. Jorge Amado. São Paulo: Abril Educação, 1981. (Literatura Comentada).
- GOMES, Angela de Castro. Cultura política e cultura histórica no Estado Novo. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel; GONTIJO, Rebeca (Org.). Cultura política e leituras do passado: historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p.47, 2007.
- GUEIROS, José Alberto. O último tenente. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Democracia racial. Niterói, 2002. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/sociologia/asag/Democracia%20racial.pdf>> Acesso em: 26.07.2010.

HALBWACHS, Maurice. La mémoire collective. Paris: PUF, 1968.

HISTÓRIA do PCB-PPS. Disponível em: <<http://portal.pps.org.br/helper/show/164906#>> Acesso em: 5 jul. 2016.

HISTÓRICO E OBJETIVO DA FUNDAÇÃO MAURICIO GRABOIS. Disponível em: <[http://grabois.org.br/portal/institucional/institucional.php?id\\_sessao=20&id\\_texto=23](http://grabois.org.br/portal/institucional/institucional.php?id_sessao=20&id_texto=23)>. Acesso em: 28 abr. 2012.

HOLLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JESUS, Valdeck Almeida de. (org.). Prêmio Literário Valdeck Almeida de Jesus: homenagem ao centenário de nascimento de Jorge Amado (1912-2012). São Paulo: Perse, 2012.

JOHNSON, Randal. A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945). Revista USP. São Paulo: n. 26. p. 164-181, junho/agosto, 1995.

KINOSHITA, Dina Lida. Organização Comunista na América Latina no pós II Guerra Mundial: Rastros do Comintern. S.l.: Revista Izquierdas, ano 3, n.7, ago. 2010. Disponível em: <<http://www.izquierdas.cl/images/pdf/2011/07/Kinoshita.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

KUSHNIR, Beatriz. Cães de guarda: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. Campinas: Unicamp, 2001. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Unicamp, Campinas, 2001.

LABORIE, Pierre. Les Français des années troubles. De la guerre d'Espagne à la Liberation. Paris: Seuil, 2003.

LAMARÃO, Luisa Quarti. A crista é a parte mais superficial da onda: mediações culturais na MPB(1968-1982). Teses (Doutorado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História – Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

LAMARÃO, Sérgio. Biografia. Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa de História Contemporânea do Brasil. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/sebastiao-augusto-de-sousa-neri>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

LIGA BOLCHEVIQUE INTERNACIONALISTA. 100 anos do nascimento de Jorge Amado: Os “Subterrâneos” de um renegado. S.l.: 10 ago. 2012. Disponível em: <<http://lbi-qi.blogspot.com.br/2012/08/100-anos-do-nascimento-de-jorge-amado.html>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. Quem somos. Disponível em: <http://lbi-qi.blogspot.com.br>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

LIMA, Aruã Silva de. Uma democracia contra o povo: Juraci Magalhães, Otávio Mangabeira e a UDN na Bahia (1927 – 1946). Feira de Santana, 2009. Dissertação (Mestrado em história) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2009.

LINHA DO TEMPO POR DÉCADA Disponível em: <<http://www.pcdob.org.br/interna.php?pagina=1950.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

MAIA, Tatyana de Amaral. “Otimismo” e “Regionalismo”: as faces da ação estatal no setor cultural (1966-1975). Diálogos. Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, v.2, n.2, p.140 e 141, jun. 2008.

\_\_\_\_\_. Os Cardeais da Cultura Nacional: o Conselho Federal de Cultura na ditadura civil-militar (1967-1975). São Paulo: Itaú Cultural; Iluminuras, 2012.

MARCOT, François; MUSIEDLAK, Didier (orgs.). Les Résistances, miroir des régimes d’oppression. Allemagne, France, Italie: Actes du Colloque International de Besaçon, Univesrité de Franche-Comté e Université de Paris X. Besaçon, Presses Universitaires de Franche-Comté, 2006.

MARXIST INTERNET ARCHIVE. Kolkhoz. Verbetes retirado de ONÍKOV, I. A. Y SHISHLIN N. B.: Breve Diccionario Político. Editorial Progreso, Moscú, (URSS) Unión

Soviética, 1983. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/k/kolkhoz.htm>>. Acesso em 29.06.2014.

MELLO, Marisa Schincariol. Consagração ou desqualificação: Jorge Amado, Rachel de Queiroz e a Academia Brasileira de Letras. In: XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. Anais... São Paulo: ANPUH, julho 2011.

MOTA, Joanne. Jorge Amado: cidadão do Brasil e do mundo. Notícias. Dez. 2012. Disponível em: <[http://grabois.org.br/portal/noticia.php?id\\_sessao=7&id\\_noticia=10212](http://grabois.org.br/portal/noticia.php?id_sessao=7&id_noticia=10212)>. Acesso em: 28 abr. 2014.

MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo (Org.). História Social do Campesinato. Formas de Resistência Camponesa: visibilidade e diversidade de conflitos ao longo da história. São Paulo: editora UNESP, tomo II, v.2, 2009.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A cultura política comunista. In: NAPOLITANO, Marcos; CZAJKA, Rodrigo (orgs.). Comunistas: cultura política e produção cultural. Belo Horizonte: UFMG, v.1, 2013.

\_\_\_\_\_. Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia. In: \_\_\_\_\_ (org). Culturas Políticas na história: novos estudos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

\_\_\_\_\_. Universidades, ditadura e cultura política. Interseções. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ v.16, n.1, p.69-89, jun. 2014.

MOUTINHO, Laura. Entre o realismo e o ficcional: representações sobre 'raça', sexualidade e classe em dois romances paradigmáticos de Jorge Amado. PHYSIS, Rio de Janeiro: [s.n.], n. 2, vol. 14, p.307-327, 2004. (Revista de Saúde Coletiva).

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Pitadas de Jorge Amado. Disponível em: <[https://issuu.com/museulp/docs/caderno\\_educativo\\_pitadas\\_de\\_jorge\\_](https://issuu.com/museulp/docs/caderno_educativo_pitadas_de_jorge_)> Acesso em 6 jul 2016.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. Tradução de Yara Aun Khoury. São Paulo: n° 10, p.6-28, 10 dez. 1993. Tradução de: Les lieux de mémoire.

NOVA, Cristiane; NÓVOA, Jorge. Carlos Marighella: o homem por trás do mito. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

OLIVEIRA, Lorrán Santos de. Debates e cisões no jornal Voz Operária: o PCB e o relatório Krushev. Brasília, dez. 2013. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília. Brasília, dez. 2013.

OLIVEN, Ruben George. Gilberto Freyre e a questão regional. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (Org.). Intérpretes do Brasil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, p.194-196, 2004.

OTERO, Maria Mercedes Dias Ferreira. Censura prévia de livros: a moralidade como recurso político. In: V ENCONTRO NORDESTINO DE HISTÓRIA E V ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA. Recife, UFPE, 10 a 15 out. 2004. Anais... Recife: ANPUH, 2004. Disponível em:

<<http://pe.anpuh.org/resources/pe/anais/encontro5/02-intolerancia/Artigo%20de%20Maria%20Mercedes%20Dias%20Ferreira%20Otero.pdf>>

Acesso em: 7 jul. 2016.

PÁGINA OFICIAL DO GRÃO MESTRE DAS ORDENS HONORÍFICAS PORTUGUESAS.

Ordens honoríficas portuguesas. Disponível em:

<<http://www.ordens.presidencia.pt/?idc=175>>. Acesso em: 15 out. 2014.

PAIXÃO, Fernando (Ed.); MIRA, Maria Celeste (Coord.). Momentos do livro no Brasil. São Paulo: Ática, 1998.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. Os novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil (1928-1948). São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2003.

PCdoB. Cf. HISTÓRIA do PCdoB. Disponível em: <<http://www.pcdob.org.br/interna.php?pagina=1960.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

PÉCAULT, Daniel. Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação. Tradução: Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Editora Ática S.A., 1990.

PEREIRA, Mateus H.F. A trajetória da Abril Cultural (1968-1982). Em *Questão*. Porto Alegre, v. 11, n. 2, jul./dez. 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos históricos, Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, v.5, n.10, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro: v.2, n.3, 1989.

PRESOT, Aline Alves. As Marchas da família com Deus pela liberdade e o golpe de 1964. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

PRESTES, Anita Leocadia. Sobre os 50 anos da ‘Declaração de Março de 1958’ do PCB. *Novos Temas – Revista do Instituto Caio Prado Jr.*, s.n.t., v1, n1.

QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_ (orgs.). História e memória de ditaduras. Brasil, América Latina e Europa. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

QUINTILIANO, Aylton. A Grande Muralha. 2ª ed., Editora: Bruno Buccitini, 1960.

- RAILLARD, Alice. Conversando com Jorge Amado. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- RAMOS, Alcides Freire. A luta contra a ditadura militar e o papel dos intelectuais de esquerda. Fênix. [S.l.: s.n.] Vol. 3, Ano 3, nº 1, Jan., fev. e mar de 2006. (Revista de História e Estudos Culturais).
- RAMOS, Viviane Vergasta. Planejamento do Projeto Cultural: Antologia Poética Baiana. Bahia: Universidade Federal da Bahia. Departamento de Comunicação e Cultura, 2011. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/4849085.pdf>> Acesso em: 5 jul. 2016.
- RAMPINELLI, Waldir José. A política internacional de JK e suas relações perigosas com o colonialismo português. Lutas Sociais. São Paulo: PUC-SP, v.17/18, p.83-98, 2007.
- RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. Nelson Werneck Sodré. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando (Org.). Intérpretes do Brasil. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.
- REMOND, René (Org.). Por uma História Política. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- RIDENTI, Marcelo Siqueira. Jorge Amado e seus camaradas no círculo comunista internacional. Sociologia e Antropologia, Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Rio de Janeiro: v.1, n.2, ISSN 22367527, p.165-194, 2011.
- \_\_\_\_\_. Artistas e intelectuais comunistas no auge da Guerra Fria. In: RIDENTI, Marcelo. Brasilidade revolucionária um século de cultura e política. São Paulo: UNESP, 2010.
- \_\_\_\_\_. Em busca do povo Brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV. São Paulo: Editora UNESP, 2004
- \_\_\_\_\_. Canetas e fuzis: intelectuais e artistas brasileiros nos anos 1960/70. In: AARÃO REIS FILHO, Daniel; ROLLAND, Denis. Modernidades alternativas. Rio de Janeiro: FGV, 2008. 336p.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: os Dirigentes e a Organização. FAUSTO, Boris (org.). História Geral da Civilização Brasileira. 9.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, t.3, v.1, 2007.

ROLLEMBERG, Denise. O Imortal Bem Amado. A chegada de Dias Gomes à Academia Brasileira de Letras. In: FICO, Carlos; ARAUJO, Maria Paula. (Orgs.). 1968, 40 anos depois: história e memória. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. Resistência. Memória da ocupação nazista na França e na Itália. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2016. v. 1. 374p.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico - o sensacionalismo da morte em cena. Tempo Social. São Paulo: p.201-218, mai de 2000. (Rev. Sociol. Universidade de São Paulo).

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. As cores da revolução: a literatura de Jorge Amado nos anos 30. São Paulo: Annablume, Fapesp, Unicamp, 2009.

RUBIM, Roseane; CARNEIRO, Maried (Org.). Jorge Amado, 80 anos de vida e obra: Subsídios para pesquisa. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1992.

SACCHETTA, Paula. Jorge Amado e o retrato falso de um comunista. Vermelho. S.l.: 8 nov. 2012. Disponível em: <[http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id\\_secao=11&id\\_noticia=168211](http://www.vermelho.org.br/noticia.php?id_secao=11&id_noticia=168211)>. Acesso em: 2 mai. 2014.

SAHLINS, Marshall. Islands of History. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.

SANTOS, Cecília MacDowell; TELES, Edson Luís de Almeida; TELES, Janaína de Almeida (Orgs.). Desarquivando a Ditadura: Memória e Justiça no Brasil. São Paulo: Hucitec, vol.2, 2009.

SANTOS, Raimundo. A primeira renovação pecebista: Reflexos do XX Congresso do PCUS no PCB (1956-1957). Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Complexo de Zé Carioca: Notas sobre uma identidade mestiça e malandra. Texto apresentado no Encontro anual da ANPOC. 1994. Disponível em: <[http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_29/rbcs29\\_03.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_29/rbcs29_03.htm)>. Acesso em: 26 dez. 2010.

SERAFIMOVITCH, Alexandr. A Torrente De Ferro. Editora: Vitória, 1956. (Coleção Romances do Povo, sob direção de Jorge Amado).

SESSÃO SOLENE DO CONGRESSO NACIONAL PARA CELEBRAR O CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JORGE AMADO. Brasília: Senado Federal. 6 ago. 2012.

SIQUEIRA, José Jorge. A redemocratização de 1945 e a crise do mito democracia Racial. Universidade Severino Sombra. Disponível em: <[www.uss.br/web/arquivos/arquivos\\_professores/artigo\\_jose1.pdf](http://www.uss.br/web/arquivos/arquivos_professores/artigo_jose1.pdf)> Acesso em: 26 dez. 2010.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). Por uma História Política. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

SOARES, Gláucio Ary Dillon. A censura durante o regime autoritário. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol.4, n.10, p.21-43, jun. 1989.

SOUSA, Jorge Pedro. Elementos de jornalismo impresso. Porto: Letras Contemporâneas, 2005.

STEPHANOU, Alexandre Ayub. Censura no regime militar e militarização das artes. Porto Alegre: EDIPU-CRS, 2001.

TÁTI, Miécio. Jorge Amado: vida e obra. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

TODOROV, Tzvetan. Los abusos de la memoria. Tradução de Miguel Salazar. Barcelona: Editorial Paidós, 2000.

TOLLENDAL, Jaqueline Peixoto Vieira da Silva Eduardo. A literatura e o comunismo na América Latina: Alejo Carpentier e Jorge Amado. Horizonte Científico. São Paulo: [s.n.] vol. 2, nº 1, 2008.

TOLLENDAL, José Eduardo. Arte Revolucionária, Forma Revolucionária: a literatura de Jorge Amado e Alejo Carpentier. Campinas, 1997. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

TORRES, Raquel Mundim. Relatos de viagem de comunistas à URSS: a confirmação de uma utopia. In: XX ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E LIBERDADE. Anais... São Paulo: ANPUH/SP – UNESP-Franca, 2010.

VIANNA, Francisco José de Oliveira. Instituições políticas brasileiras. São Paulo: José Olympio, 1949.

YAO, Komoe Gaston. Brasil e África em textos de Jorge Amado: convergências reais ou simbólicas de valores negro-africanos e afro-brasileiros. São Paulo, 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

### **Matérias de jornais e revistas**

II CONFERÊNCIA Pró-Anistia aos Presos Políticos Ibéricos. Novos Rumos. Rio de Janeiro, 13 jan. 1961.

3º ANO. Para Todos. Rio-São Paulo. 1ª e 2ª Quinzena de maio de 1958.

A DATA nacional da Polônia. Novos Rumos. Rio de Janeiro, 31 jul. 1959.

A NOTA dos ministros. Última Hora. Niterói, p.1, 01 out. 1963.

A SÁBIA experiência política de Jorge Amado. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 22 jul. 1982.

AINDA está preso o redator-chefe de NR. Novos Rumos. Rio de Janeiro: n.13, p.1, 31 set. 1961.

AKECELHUD, Isaac. Pela discussão, contra o ‘prato feito’. Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 10 out. 1956.

ALMIRANTE P. Botto: nunca o Brasil esteve tão mal. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1963.

AMADO e Érico contra a censura. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 03 mar. 1970.

AMADO faz protesto: proibição. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 09 dez. 1970.

AMADO, Jorge, Carta a J.B. de Lima e Silva. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro: 11 out. 1956.

AMADO, Jorge. Discurso de posse de Jorge Amado na Academia. *Diário de Notícias*. Salvador. 06 e 07 ago. 1961. Caderno 3, p.1.

AMADO, Jorge. Discurso no Aché do Opô Afonjá. *Diário de Notícias*. Salvador, 30 ago. 1959.

AMADO, Jorge. Discurso no Comício de 28. *O Imparcial*. Salvador, Bahia, 29 jan.1943, Coluna A Hora da Guerra.

AMADO, Jorge. Sartre e Simone Beauvoir no Brasil. *Diário Carioca*. Rio de Janeiro. 28 ago.1960.

APRESENTAÇÃO. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 10 a 23 de maio de 1956.

ARAÚJO, Carlos. Debater sim, mas dentro dos princípios. *Imprensa Popular*. Rio de Janeiro, 12 out. 1956.

AUTORES brasileiros na URSS: editados 1.672.000 exemplares. *Novos Rumos*. Rio de Janeiro, 20 set. 1962.

AVENA, Armando. Wagner e a cultura na Bahia. *A Tarde*. Salvador, p.3, 16 fev. 2012.

BASTIDE, Roger. Itinerário da democracia II – Encontro com Jorge Amado. *Diário de São Paulo*. São Paulo, 24 ago. 1944.

BASTIDORES. Última Hora. Rio de Janeiro, p.9, 23 fev. 1965.

BASTOS, Jorge Henrique. *Percurso contraditório*. Portugal: [s.n.], 11 ago. 2001. (Recorte encontrado na pasta JA: MEMÓRIAS referente à produção passiva do Acervo Jorge Amado da Fundação Casa de Jorge Amado).

BELLUCO, Antônio. Governo de Jânio foi o mais importante da história do Brasil. Binômio da Semana. Belo Horizonte, 9 out. 1961.

BEM-VINDO. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 18 ago. 1984

BORTOLOTTI, Marcelo. Segredos de Jorge Amado. Época. São Paulo: 6 dez. 2013. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/12/segredos-de-bjorge-amadob.html>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

BRASIL inteiro contra o conchavo e a capitulação: posse de Jango já e de acordo com a Constituição. Novos Rumos. Rio de Janeiro: ed.133, p.101, set. 1961.

BREVE diálogo com o escritor brasileiro Jorge Amado! A União. Lisboa: p.2 e 3; 01 abr. 1969.

BULHÕES, Antônio. Discussão ampla, completa e livre. Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 14 out. 1956

CADENA, Nelson Varón. Jorge Amado e a propaganda. Correio da Bahia, Salvador, 10 ago. 2001. Coluna Correio e Negócios

CADENA, Nelson Varón. Jorge Amado e a propaganda. Correio da Bahia, Salvador, 10 ago. 2001. (Coluna Correio e Negócios).

CAMINHO da Unidade. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de Outubro de 1956.

CANAL 13. Jornal de Serviço. Rio de Janeiro: p.19, 12 e 13 jul. 1970.

CARTA aberta ao presidente da república: intelectuais e aristas pela liberdade. Última Hora. Rio de Janeiro, 10 ago. 1965.

CARTA, Gianni. Jorge, o amado do Brasil. Isto é. São Paulo: p.71, 29 jul. 1992.

CARTAS à redação. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 14 dez. 1965. 1º Caderno, p.14.

CASTRO, Moacir Werneck de. Jango ao vivo. Jornal do País. Rio de Janeiro, p.8, 22-29 abr. 1984.

CASTRO, Moacir Werneck de. Sem distinguir o dogmatismo não conseguiremos avançar. Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 12 out. 1956.

CENSOR quer ser último. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 07 mar. 1970.

CENSURA censurada. Luta Democrática. Rio de Janeiro, 08 e 09 mar. 1970. 2º Caderno, p.5.

CENSURA tulmutua o Senado. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 12 jun. 1970.

CENSURA. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de novembro de 1957.

CHOCANTE atitude de Jorge Amado. Novos Rumos. Rio de Janeiro: ed.136, p.1, 15 set. 1961.

CINEMA Brasileiro. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2. 2ª Quinzena de janeiro de 1957.

CLÉRISTON diz-se honrado com apoio de Amado. A Tarde, Salvador, 01 out. 1982.

COBERT, Leopoldo J. Cuidado com eles. A Noite. Rio de Janeiro, 16 fev. 1963. Coluna: Política e Economia.

COMUNISTAS 'queimam' Jorge Amado. Tribuna do Ceará. Fortaleza. 05 set. 1961.

CONDE, José. Jorge Amado: política e prêmio Nobel. Correio da Manhã. Rio de Janeiro: 27 fev. 1966. 4º Caderno, p.2.

CONDÉ, José. Tarde de autógrafos dá cadeia. Correio da Manhã. Rio de Janeiro: 25 set. 1964. 2º Caderno, Coluna: escritores e livros, p.2.

CONGRATULAÇÕES. Diário de Notícias. Salvador, 13 abr. 1961.

CONGRESSOS. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de Julho de 1956.

CONSELHO reunido condena portaria. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 03 mar. 1970.

CONSTITUIÇÃO e cultura. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Outubro de 1956.

CRISE não acabou: o que existe no Brasil é a luta contra o subdesenvolvimento. Diário de Minas. Belo Horizonte, 30 set. 1961.

CRISE. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 1ª e 2ª Quinzena de janeiro de 1958

CULTURA e paz. Para Todos. Rio-São Paulo: p. 2, 2ª Quinzena de Novembro de 1956.

CURTI, Ana Helena apud ABOS, Márcia. Uma multidão de 'Jorges' num único cenário: Amado e Celebrado. O GLOBO. Rio de Janeiro, 14 abr. 2012. Caderno Prosa e Verso, p.2.

DA VIDA vivida nascem meus livros. Jorna do comércio. São Paulo, 26 jun. 1958.

DE 'GABRIELA' saem as preocupações de minha obra. O Estado da Bahia. Salvador, 11 mai. 1961.

DE JORGE Amado ao Congresso da Paz. Novos Rumos. Rio de Janeiro, 10 – 16 ago. 1962.

DEBATE na 'Voz Operária' e 'Imprensa Popular'. Voz operária. Rio de Janeiro, p.5, 3 nov. 1956.

DEBATE político em torno do envio de tropas a São Domingo. Luta Democrática. Rio de Janeiro: p.1 e 3, 06 mai. 1965.

DEPOIMENTO de Jorge Amado. Jornal da Heila. Sá do Bandeira-Portugal, 28 dez. 1962.

DEPUTADO refuta críticas do escritor Jorge Amado contra política do governo. Diário de Notícias, Salvador, p.3, 13 mar. 1964.

DEPUTADO volta a criticar Jorge Amado. Estado de São Paulo, Salvador, 23 nov. 1983.

DESCONTENTAMENTO no Itamaraty (de um observador diplomático). Correio Braziliense. Brasília, 06 mai. 1961.

DIÁRIO CARIOCA. Rio de Janeiro. 23.12.1958. (Pasta JA: política. Acervo Jorge Amado. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, Bahia).

DIÁRIO DE COIMBRA. Coimbra, 21 abr. 1961. (Pasta JA: política (1960-1968). Acervo Jorge Amado. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, Bahia).

DIÁRIO POPULAR. 03 jun. 1971. (Pasta JA: política (1970-1979). Acervo Jorge Amado. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, Bahia).

DIAS, Marcos. Amado embaixador. A Tarde. Salvador, p.1, 21 abr. 2012.

DIAS, Marcos. Quase centenário. A Tarde. Salvador, Bahia, 25 mai. 2011, Caderno 2 mais, p.1.

EMANCIPAÇÃO é meta do Comando dos Trabalhadores Intelectuais. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 26 out. 1963.

- ENEIDA Jorge Amado em Salvador. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 17 mai. 1961. Coluna: Encontro Matinal.
- ÊNIO em liberdade processa militares. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 05 jun. 1965. 1º Caderno, p.8.
- ENTREVISTA de Lacerda causa revolta. Última Hora. Rio de Janeiro. 02 out. 1963.
- ENTREVISTA. Para Todos. Rio-São Paulo, 1ª Quinzena de Junho de 1956.
- ESCREVEREI romances até morrer. O Povo, Fortaleza, 17 out. 1958.
- ESCRITOR Jorge Amado apoia Jarbas Maranhão. Jornal do Comércio. Recife, 30 set. 1962.
- ESTOPINAN acusa. Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 02 mai. 1961.
- ESTUDANTES ampliam protesto. Correio da Manhã. Rio de Janeiro: p.1, 23 set. 1966.
- ESTUDANTES vão à greve até 5ª. Correio da Manhã. Rio de Janeiro: p.1,2,3,5; 20 set. 1966.
- EXIGIDO de Falcão um fim da censura. O Estado de São Paulo. São Paulo: p.10, 17 dez. 1976.
- ÊXITOS e ameaças. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2. 2ª Quinzena de Setembro de 1956.
- ÊXODO. O Globo. Rio de Janeiro, 28 ago. 1984.
- EXPOSIÇÃO comemora centenário de Jorge Amado no Brasil e no exterior. A Tarde. Salvador, p.6, 16 abr. 2012.
- EXPOSIÇÃO de Artistas de Israel: MAMB. Jornal da Bahia. Salvador, 24 fev. 1961.
- FERNANDES, Hélio. Em primeira mão. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 24 abr. 1962. Coluna: Fatos e Rumores, p.5.
- FERRAZ, Geraldo. Brasília e o Conselho Nacional de Cultura. A Tribuna. Santos, 24 mai. 1961.
- FIGUEIREDO, Guilherme. Um dia depois do outro...Jorge Amado no estrangeiro. O Jornal. Rio de Janeiro, 01 ago. 1961.
- FRANÇA, Elisabete. Recepção da Obra em Portugal e no mundo. Diário de Notícias. Portugal, 9 de ago. 2001. (Coluna Literatura: Morte de Jorge Amado).

FRENTE Única Contra Preço. Última Hora. Rio de Janeiro: p.2, 14 abr. 1965. Coluna UH informa.

FRENTE Única. Última Hora. Rio de Janeiro, 11 mar. 1965.

FRÓES, Neusa Galli. Jorge Amado: 'O herói sempre é o povo'. Zero Hora. Porto Alegre: p.4,5; 24 dez. 1979.

FUCHS, Franco Caldas. Amado na rota da África. Correio da Bahia. Salvador, Bahia, 05 ago. 2011, Coluna Vida, p.31.

GABRIELA conquista russos. O Jornal. Rio de Janeiro, 10 ago. 1961.

GABRIELA, sozinha, é muito mais político que toda minha obra anterior. Folhetim. São Paulo: p.06, 13 nov. 1983.

GANDRA, José Ruy. O navegador que escreve. Revista Exame Brasil. Editora: Abril. 21 ago. 1991.

GERMINIANI, Clotilde de Lourdes Branco. Jorge Amado e a Academia de Lyon. Gazeta do Povo, Curitiba, Paraná, p.12, 10 ago. 2001.

GIRON, Luís Antônio. Jorge Amado, o vermelho. Gazeta Mercantil, São Paulo, 10 ago. 2001, Coluna Fim de Semana, p.3.

GORENDER, Jacob. As novas tendências na obra de Jorge Amado. Novos Rumos, Rio de Janeiro, 28 jul. – 3 ago. 1961.

GOVERNADORES da Legalidade. Novos Rumos. Rio de Janeiro: ed.133, p.1, 01 set. 1961.

GOVERNO examina se deixa ou não Magalhães ir à convenção. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: p.3, 08 jan. 1978.

IMPORTAÇÃO de filmes. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de fevereiro e 1ª de março de 1957.

IMPORTANTE Carta de Luiz Carlos Prestes ao C.C. do P.C.B. sobre o debate político. Voz Operária. Rio de Janeiro: [s.n.], edição 393, p.3, 26 nov. 1956.

- IMPrensa dos EUA vê indicação. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 07 jan. 1978.
- IMPrensa POPULAR. Uma discussão que está em todas as cabeças: Carta de Jorge Amado a J.B. de Lima e Silva. Rio de Janeiro: p.3, 11 out. 1956. (edição 1936).
- INÁCIO, José. Arca de Noé. Luta Democrática. Rio de Janeiro: 14 e 15 jun. 1970.
- INDEX. Última Hora. Rio de Janeiro, 25 mar. 1965.
- INFORME JB. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: p.6, 08 jan. 1978
- INSTITUTO Afro-Asiático. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 17 jun. 1961.
- INSULTO à inteligência. Diário Trabalhista. Rio de Janeiro, 10 out. 1958, Coluna: Nossa opinião.
- INTELECTUAIS Brasileiros Repudiam a Agressão à Cuba. Novos Rumos. Rio de Janeiro. 28 abr. 1961.
- INTELECTUAIS brasileiros. Diário Carioca. Rio de Janeiro, 11 jun. 1963.
- INTELECTUAIS e artistas solidários. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 30 mar. 1968.
- INTELECTUAIS em Argel por união contra colônias. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 30 jul. 1969
- INTELECTUAIS são contra intervenção dos EUA no Caribe. Correio da Manhã. Rio de Janeiro. 06 mai. 1965. 1º Caderno.
- INTELECTUAIS vão pedir a extinção da censura. Luta democrática. Rio de Janeiro, 06 jan. 1977.
- INTELECTUAIS vão pedir a extinção da censura. Luta democrática. Rio de Janeiro, 06 jan. 1977.
- INTERCÂMBIO. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Agosto de 1956.
- INTERESSES permanentes. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Dezembro de 1956.
- JK e JM a JA. Última Hora. Rio de Janeiro, 10 abr. 1961.

JM oferece almoço a Jorge Amado: homenagem. Diário de Notícias. Salvador. 14 mai. 1961.

JM oferece almoço a Jorge hoje: homenagem. Diário de Notícias. Salvador, 14 mai. 1961.

JORGE Amado apoia candidatos populares: Bahia. Novos Rumos. Rio de Janeiro, 27 set. 1962

JORGE Amado apoia estudantes e anistia a presos políticos. O Estado do Pará. Belém: p.2, 07 jun. 1977.

JORGE Amado apoia Raymundo Sá Barreto na sucessão em Ilhéus. Tribuna da Bahia. Salvador: p.3, 2 out. 1982

JORGE Amado atacado pelos comunistas. Folha do Norte. Belém, 15 out. 1961a.

JORGE Amado caiu no 'Index' do Partido Comunista: "abandonou a inspiração revolucionária". O Jornal. Rio de Janeiro, 28 jul. 1961b. Coluna Nomes e Fatos.

JORGE Amado chega falando em democracia e constituinte. Zero Hora. Porto Alegre: p.7, 22 nov. 1977

JORGE Amado considera-se cordial (aos 45 anos) ao ver coisas e gentes do Brasil. O Imparcial, São Luiz, 16 set. 1958.

JORGE Amado considera-se cordial ao ver coisas e gentes do Brasil. O Poty. Rio Grande do Norte, p. 06, 04 set.1958.

JORGE Amado defende luta dos estudantes e anistia geral. O Estado do Pará. Belém, p. 02, 07 jun. 1977.

JORGE Amado define seu apoio a Tancredo. A Tarde. Salvador: p.7, 28 set. 1984a.

JORGE Amado diz na França que rejeita a censura prévia. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro. 25 abr. 1971.

JORGE Amado e a verdade na política. A Tarde. Lisboa, 13 set. 1982.

JORGE Amado em Paris, fala de cinema e política. O Estado de São Paulo. São Paulo, 26 jul. 1979

JORGE Amado espera o retorno da democracia com Figueiredo. Jornal do Comércio. Recife, 23 abr. 1978. 2º Caderno, p.4.

JORGE Amado espera ser embaixador. Folha de São Paulo. São Paulo. 10 mai. 1961c.

JORGE Amado exorta o povo a participar mais da sucessão. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 24 out. 1984b. 1º caderno, p.3.

JORGE Amado expulso do PC. Correio da Paraíba, João Pessoa, 14 out. 1961d.

JORGE Amado homenageado na Bahia. A Gazeta. São Paulo, 5 jun. 1961e.

JORGE Amado homenageado no Rio. O Globo. Rio de Janeiro, 16 dez. 1974.

JORGE Amado pede abertura política e cultural no país. Correio Braziliense. Brasília: p.2, 10 jan. 1978

JORGE Amado pede uma nova Constituição. Jornal de Brasília. Brasília, 21 nov. 1984c. Caderno: política, p.5.

JORGE Amado reclama solidariedade com Angola. Jornal de Angola. Angola, 09 nov. 1980

JORGE Amado solidário com baianos. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 20 set. 1966. 1º Caderno, p.2.

JORGE Amado, os 'burros' de NR e os cães de Juraci. Novos Rumos. Rio de Janeiro, 13 out. 1961f.

JORGE Amado. Diário do Povo, Campinas, 02 ago. 1980. Suplemento Dominical, p. 8.

JORGE Amado. Tribuna da Bahia. Salvador. 07 nov. 1978.

JORGE Amado. Última Hora. Rio de Janeiro, 13 jul. 1961g.

JORGE Amado: Brasília consagrou obra de JK. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 18 mai. 1960.

JORGE Amado: Só o PT é novidade. Correio Brasiliense. Brasília: p.1, 20 jul. 1982

JORGE e Sartre condenam a URSS: É um crime de guerra. Última Hora. São Paulo: p.7, 26 ago. 1968.

JORNALISTAS. Para Todos. Rio-São Paulo; p.2, 1<sup>a</sup> Quinzena de Setembro de 1957.

JOVENS SOVIÉTICOS trazem Mensagem: Precisamos conhecer-nos. Novos Rumos. Rio de Janeiro, 26 mai. a 1 jun. 1961.

JQ a Jorge Amado. Última Hora. Rio de Janeiro, 17 abr. 1961a.

JQ convidado para a posse de Jorge Amado. Folha de São Paulo. São Paulo, 13 jul. 1961b.

JUNIOR, Enézio. Jorge Amado e a comunidade sul baiana. Caderno Cultural. Ilhéus, Bahia, ago. 2001, Coluna Ensaio Pauta, p.6.

JURACI lançou cães policiais sobre o povo em praça pública. Novos Rumos. Rio de Janeiro: ed.136, p.6, 15 set. 1961.

JURANDIR, Dalcídio. Três livros. Novos Rumos. Rio de Janeiro, 23 jun. 1961 a 29 jun. 1961.

JURANDIR. Dalcídio. Carta a João Batista de Lima e Silva. Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 9 out. 1956.

LEITE Chaves quer impedir eleição. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: p.3, 04 jan. 1978.

LIBERDADE de Imprensa. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 2<sup>a</sup> Quinzena de Agosto de 1956.

LIMA E SILVA. João Batista. Não se poderia adiar uma discussão que já se iniciou em todas as cabeças. Voz Operária. Rio de Janeiro: n.386, p.3, 06 out. 1956.

LIMA, Pedro Motta. Para começo de conversa num debate apaixonante. Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 11 out. 1956.

MAIORIA decide na Câmara recusar nomes que Quadros indicou para as novas embaixadas. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 13 mai. 1961.

MAIORIA opositorista não quer concorrer. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 02 ago. 1978. 1<sup>o</sup> Caderno, p.3.

MANIFESTO concita à união na CB. Última Hora. Rio de Janeiro, p.2, 23 set. 1965.

MAR DE LAMA do PC. 2.ed. O Jornal. Rio de Janeiro, 31 mai. 1960.

MARCHI, Carlos; NOBLAT, Ricardo. Jorge Amado: 'Sou adversário do regime mas adversários apertam-se as mãos'. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 21 jul. 1982. Caderno B.

MARGATO, Cristina; AMARAL, Luísa. Histórias portuguesas de Jorge Amado. Portugal: [s.n.], 11 ago. 2001. (Recorte encontrado na pasta JA: MEMÓRIAS referente à produção passiva do Acervo Jorge Amado da Fundação Casa de Jorge Amado).

MARIGHELLA, Carlos. Carta de Prestes e o Internacionalismo Proletário. Voz Operária, Rio de Janeiro: edição n.399, p.3, 05 jan. 1957.

MASCARENHAS, Telo de. Libelo contra o racismo. Goa. Índia, 15 ago. 1975. Coluna: Crítica de Livros, p. 5.

MDB concorre à Presidência com Euler e Brossard. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: p.1, 24 ago. 1978.

MEIRA, Mauritânio. Jorge Amado define a crise: não é de classes mas do livro. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 17 mar. 1959, Coluna: Vida Literária.

MEU GRANDE herói é o povo. Correio do Povo. Lisboa, p.18, 13 jan. 1980.

MINHA atitude sempre foi de tolerância, de solidariedade, diante do sofrimento. Jornal do Comércio. Recife. 10 set.1958.

MORAES, Eneida. Jorge em Salvador. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 17 mai. 1961. Coluna: Encontro Matinal.

MORAIS, Santos. Não pode e não deve ser atingida a unidade de nosso movimento. Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 13 out. 1956.

MOREIRA, Anita. Encontrar o caminho brasileiro. Imprensa Popular. Rio de Janeiro: edição n.01956, p.4, 4 nov. 1956.

MOREYRA, Álvaro. Bom dia, 'Para Todos'. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 10 a 23 de maio de 1956.

MOTTA E SILVA, Djanira. Carta de Djanira ao correio da manhã. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 21 mai. 1964. 2º Caderno.

NERY, Sebastião. Histórias da vida de Jorge Amado. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 09 ago. 2001

NO REINO das contradições. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 13 jan. 1978. Coluna do Castelo, p.2

NOVA Política externa é objetivo de Negrão. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 23 ago. 1965.

NUMEROSOS. Última Hora. São Paulo, 30 mai. 1963.

O ESTADO DA BAHIA. Salvador, 15 mai. 1961 (Pasta JA: política. Acervo Jorge Amado. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, Bahia).

O GOVERNO e o teatro. Para Todos. Rio-São Paulo. 1ª Quinzena de fevereiro de 1957.

OPOSICIONISTA considera que sucessão está consumada e espera por redemocratização. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 04 jan. 1978. 1º Caderno, p.3.

OS ARTISTAS e as diretas. Jornal de Brasília, Brasília. 19 nov. 1983.

OS ESCRITORES e a coexistência. Para Todos. Rio-São Paulo, 12ª Quinzena de Julho de 1956.

OS MEUS anos de adolescência livre nas ruas da Bahia marcaram-me para sempre. Sete Dias. Bahia, 11 ago. 1958.

PAIS contra estudo de Eça e Érico. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 30 jun. 1965.

PARA TODOS: Jornal contra a 'igrejinha'. Correio do Povo. Recife, 13 mai. 1956.

PARTIDÁRIOS da Paz em Moscou. Novos Rumos. Rio de Janeiro, 13 mar. 1959.

PC perde o Amado. Fatos e Fotos. Brasília, 28 abr. 1962.

PEN Clube quer escritor calado. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 06 mar. 1970.

PENA Magalhães ser um candidato sem apoio. Correio do Ceará. Fortaleza, 14 jan. 1978.

PEREIRA, Astrojildo. Notas sobre livros. Voz Operária. Rio de Janeiro, 10 jan. 1959.

- PEREZ, Renard. 'Gabriela' em russo. Última Hora. Rio de Janeiro, 8 ago. 1961, Coluna Literatura
- PICCHIO, Luciana Stegagno. La eternidade em Bahía. Revista Cultura y nacion. Buenos Aires: p.6, 12 ago. 2001.
- PINTOR Jenner Augusto impedido de passar pelos Estados Unidos. Novos Rumos. Rio de Janeiro, 24 jul. 1959.
- PODEROSO é o povo. Folha de São Paulo. São Paulo. 04 fev. 1979.
- POLÍCIA apreende quadros. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 24 jun. 1966.
- POLÍCIA carioca cerca em BH casa do advogado preso. Última Hora. Belo Horizonte, 21 dez. 1962.
- PORTUGAL. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de Junho de 1957.
- POSSE de Jango é vitória do povo! Novos Rumos. Rio de Janeiro: ed.134, p.1, 4 set. 1961.
- POSSE de Jorge Amado. Diário de Notícias. Rio de Janeiro, 13 jul. 1961.
- PRESIDÊNCIA da República. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 16 jul. 1961.
- PROBLEMAS. Para Todos. Rio-São Paulo: p. 02, 1ª Quinzena de Julho de 1956.
- PROEZAS do cel. Danilo. Voz Operária. Rio de Janeiro: n.491, 01 nov. 1958.
- PROTESTO em Lisboa: Jorge Amado pró-Eanes. [S.l.: s.n.] 15 out. 1980. (Recorte encontrado na pasta JA: POLÍTICA referente à produção passiva do Acervo Jorge Amado da Fundação Casa de Jorge Amado).
- RABASSA, Gregory. Tent of Miracles. New York Times. New York: out. 1971. (Tradução nossa).
- RALHA, Leonardo. Movimentos de um sem-Nobel. Independente. Portugal, 10 ago. 2001, Coluna Obituário.
- REPULSA dos intelectuais à calúnia de Segadas (o do <<bicho>>). Novos Rumos. Rio de Janeiro, 25 set. 1962.

RESISTÊNCIA às ameaças. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Setembro de 1956.

RESPONSABILIDADES. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 1ª e 2ª Quinzena de fevereiro de 1958.

RIO continuará a ser a cidade mais alegre do mundo. Última Hora. Rio de Janeiro. 05 abr.1960.

RUSSOS não ligam para comunistinha brasileiros. Correio do Cerá. Fortaleza, 31 jul. 1962.

SANTOS, N.A. Considerações sobre o debate. Imprensa Popular, Rio de Janeiro: edição nº 1955, p. 3, 2 nov.1956.

SARTRE contra o fascismo: Anistia na Península Ibérica. Novos Rumos. Rio de Janeiro. 16 set. 1960.

SATÉLITES. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Outubro de 1957.

SATURNINO acredita que Figueiredo prejudica. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 21 dez.1977.

SE NÃO FOR DIRETA, fica esquisito. Jornal de Brasília. Brasília, 18 nov. 1983

SEIS partidos unidos no apoio a Lott. Última Hora. Rio de Janeiro, 18 ago. 1965.

SEIXAS, Cid. Jorge Amado e o jeito de ser mestiço. Seara, Salvador: [s.n.], ISSN: 1806-7638, v.1, n.2, 2004.

SÉRIA ameaça. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de Junho de 1957.

SEVERINO, Pedro. Redobrar a vigilância e a Luta contra o Golpe e a Conciliação. Novos Rumos. Rio de Janeiro: ed.135, 6 set. 1961.

SEVERO vê em Magalhães a trincheira democrática. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: p.1, 13 jan. 1978.

SILVA, Manoela Soares da. Injustiça também dói. Imprensa Popular. Rio de Janeiro: edição n.01962, p.5, 11 nov. 1956.

SOARES, Elias. Um debate que não estava em nenhuma cabeça. Imprensa Popular. Rio de Janeiro, 14 out. 1956.

SOLIDARIEDADE dos Intelectuais. Novos Rumos. Rio de Janeiro, 18 nov. 1960.

SURTO. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 1ª e 2ª quinzena de março 1958.

TARDÁGUILA, Cristina. Salve Jorge. O GLOBO. Rio de Janeiro, 06 ago. 2011, Segundo Caderno.

TEATRO contra Juizado. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 16 out. 1966.

TELEGRAMA de Jorge Amado a JM. Jornal da Bahia. Salvador, 06 set. 1961.

TELEGRAMA. O Globo. Rio de Janeiro, 02 ago. 1984.

TOMÁS, Vitor. Jorge Amado entrevistado na Baía para o Diário Popular. Diário Popular, 03 jun. 1971. (Pasta JA: entrevista (1970/1974). Acervo Jorge Amado. Fundação Casa de Jorge Amado, Salvador, Bahia).

TRÊS TEMAS. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de Março e 1ª de abril de 1957.

TRIBUNA DA IMPRENSA. Rio de Janeiro, 16 out.1963. Coluna do Hélio Fernandes.

TRINTA mil exemplares foram vendidos até agora. Jornal da Bahia, Salvador, 11 mai. 1961.

UM DEBATE que reflita as necessidades atuais. Voz Operária. Rio de Janeiro: n.387, p.3, 13 out. 1956.

UMA INICIATIVA de Para Todos: Salão de Gravura e Desenho com prêmios de viagem. Para Todos. Rio-São Paulo. 2ª Quinzena de janeiro de 1957.

UNIÃO de Escritores. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 1ª e 2ª quinzena de abril 1958.

UNIDADE dos escritores. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 1ª Quinzena de novembro de 1957.

UNIDADE. Para Todos. Rio-São Paulo: p.2, 2ª Quinzena de Junho de 1956.

VENTURA, Mário. Muitas vezes numa organização como o PC pensa-se pela cabeça dos outros. Diário de Notícias. Lisboa, 23 mar. 1980. Entrevista/ Reportagem, p.7

VOLTARIA à Câmara. A Tarde. Salvador, 10 mai. 1961.

## **Romances de Jorge Amado**

AMADO, Jorge. Farda Fardão camisola de dormir. Rio de Janeiro: Record, 1979. 239 p.

\_\_\_\_\_. Navegação de cabotagem: anotações para um livro de memória que jamais escreverei. Rio de Janeiro: Record, 1992.

\_\_\_\_\_. O menino grapiúna. Rio de Janeiro: Record, 1981.

\_\_\_\_\_. O Mundo da Paz: União Soviética e democracias populares. 4.ed. Rio de Janeiro: Vitória, 1953.

\_\_\_\_\_. País do carnaval. Rio de Janeiro: Schmidt, 1931

\_\_\_\_\_. Tenda dos Milagres. São Paulo: Martins, 1969. 374 p.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 36.ed., Rio de Janeiro: Record, 1987.

\_\_\_\_\_. Tieta do Agreste. Rio de Janeiro: Record, 1977. 590 p.

## **Legislação**

BRASIL, Decreto do Presidente da República n.º 20/2011, 2 mar. 2011 publicado no Diário da República, 1.ª série, nº 43, 2 mar. 2011

BRASIL, Regimento Comum do Senado Federal, art.153.

BRASIL, Regimento Interno do Senado Federal - art.154 § 5.º e RS 37/95.

BRASIL, Regimento Interno do Senado Federal, art.199.

BRASIL, Regimento Interno do Senado Federal. Resolução nº 16, de 2011.

**Acervos e arquivos**

Acervo digital dos jornais Correio da Manhã, Luta Democrática, Última Hora e Jornal do Brasil  
(Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional)

Acervo Jorge Amado (Fundação Casa de Jorge Amado) – Salvador, Bahia

Arquivo Jorge Amado, Arquivo dos Acadêmicos (Academia Brasileira de Letras) – Rio de  
janeiro, RJ